

M. CAVARZAN

**QUANDO A
ESCURIDAO
CHAMA**





QUANDO A ESCURIDÃO CHAMA

MATEUS CAVARZAN

ÍNDICE

INÍCIO

PRÓLOGO

LOBO EM PELE DE CORDEIRO

MORDIDAS. CARALHO DE MORDIDAS.

O SEGREDO SOMBRIO DO VELHO CASARÃO

A FUGA

COM ÁGUA ATÉ O PESCOÇO

DEIXE-ME ENTRAR

O QUE O RIO TROUXE

ESQUELETOS NO ARMÁRIO

A RAINHA TREME

DE VOLTA DOS MORTOS

CUTUCANDO A FERIDA

O JOGO MUDA

MAIS ENTERROS

O DIA DO CIRCO

DESENTERRANDO O MORTO

IMPREVISTOS ESCADA ABAIXO

CALMARIA ANTES DA TEMPESTADE

PONTO DE NÃO RETORNO

A PEQUENA ESCRITORA

DESPERTAR DO MAL

ESCURIDÃO TOTAL

[EPÍLOGO](#)

[Sobre o Autor](#)

Copyright © Mateus Cavarzan
Todos os direitos reservados

Capa: Andy Rios
Revisão: Paulo Setti

“Para Plínio, um eterno contador de histórias, quem o tempo levou antes que tivesse a chance de ler essa.”

PRÓLOGO

Sexta-Feira 15 Março, 3h20min

Um chamado *desses* numa hora *dessas*, só podia significar uma coisa.

“Obrigado por ter vindo, doutor Trentino,” disse Heitor quase sem mexer os lábios, seu tom parecendo exausto.

“Me chame de Enzo, por favor.”

Os dois apertaram as mãos. Um cumprimento firme, mas nada exagerado, afinal a situação não eras das melhores e pedia certa discrição, por assim dizer.

Enzo sentiu na hora que aquele homem tinha um ar solitário e gelado e não parecia ser daqueles que gostavam de jogar conversa fora. Enzo seguiu-o pelo corredor mal iluminado e reparou no andar duro do homem. Perguntou-se então, devaneando um pouco nessa hora da noite, sobre o que teria acontecido com ele para se tornar um investigador policial desse jeito.

Cada um com seus demônios, suspirou Enzo, aceitando silenciosamente. Isso era algo que Enzo conseguia relacionar-se. Também tinha sua cota de esqueletos no armário.

Desceram pela escada de incêndio até o subsolo que se comunicava com a garagem. Enzo não se espantou por ser um lugar tão escondido, tão longe de tudo. Imaginou quantos funcionários evitariam passar por aqui. Não os culpou. Não era um trabalho para qualquer um.

“Estamos sem médico legista, como o senhor deve saber,” afirmou Heitor.

Enzo confirmou com a cabeça. *Imaginei*, pensou ele.

“Por ser uma cidade pequena, as notícias aqui se espalham rápido e é quase impossível peidar sem que mais alguém não fique sabendo.”

Enzo esboçou um sorriso, talvez o investigador não fosse tão sério assim quanto pensava. Havia algo naquele homem que tranquilizou Enzo, soube que poderia confiar nele.

“Como o senhor mudou-se para cá recentemente, algo muito incomum de acontecer, cá entre nós: as pessoas mais vão mais *de* Novo Triunfo e nunca *para* Novo Triunfo, a notícia de um novo chefe da UTI vindo de fora acabou se espalhando digamos que rápido.” Ele fez uma pausa. “Bem, pelo menos entre as figuras mais influentes daqui quero dizer. Além do mais, um médico com uma carreira tão brilhante assim como a do senhor, vir parar aqui nesse fim de mundo é, para nós, um feito quase histórico.”

Enzo endireitou-se, sentindo-se um pouco desconfortável. Já tinha uma noção para onde essa conversa estava indo.

“Mas a coisa que mais chamou atenção do seu currículo foi, sem sombra de dúvida, a sua experiência prévia em uma outra especialidade médica. Não tão conhecida assim. Notícia essa, que por ter circulado no hospital, acabou chegando aos meus ouvidos.”

O investigador levantou as sobrancelhas, esperando para que Enzo pegasse sua linha de raciocínio.

Enzo coçou a cabeça, um tanto sem jeito e falou:

“Entendo o que o senhor está dizendo, mas já faz tempo que não estou nesse campo. Para falar a verdade, depois da minha residência em medicina legal, acabei por decidir não atuar na área e terminei fazendo uma outra especialização em clínica médica e depois em medicina intensiva.”

Heitor esperou para que Enzo continuasse.

“Além do que, estou afastado desse campo há tanto tempo que não acho que serei de muita ajuda para o senhor.”

O investigador fez um gesto com a mão.

“Estou disposto a correr o risco,” disse ele, pela primeira vez sorrindo.

Entraram por uma porta de metal e um conhecido e nostálgico cheiro trouxe de volta muitas memórias para Enzo. Fazia muito tempo que não entrava em um necrotério. Achava que seus dias de IML tivessem terminado.

A vida sempre tem uma forma estranha de nos fazer entrar em contato com o passado, ruminou ele.

Não era muito grande, poucas gavetas pelo que Enzo conseguia ver e a mesa da necropsia estava posicionada no centro. As pias, no canto como de costume. Pelo estado que estava a conservação, pareceu que a sala não era muito usada e que a última reforma havia sido há muito tempo. Tinha um ar do século passado, como se estivesse num filme dos anos oitenta.

“Não temos muito movimento por aqui,” disse Heitor quando reparou que Enzo observava a sala. “E se fosse qualquer outra circunstância, isso poderia esperar por amanhã.”

O investigador umedeceu os lábios, franziu a testa, transpondo um pouco de irritação com o que estava se preparando para dizer.

“Digamos que umas certas pessoas influentes estão pressionando pela liberação do corpo o mais rápido possível, além do mais, estamos lidando com uma situação um tanto *delicada*.”

Enzo assentiu com a cabeça.

“Infelizmente, as coisas aqui no interior tendem a acontecer de uma forma um pouco diferente do que na cidade grande, se é que o senhor me entende, e tem gente aqui que não quer que isso ganhe, hum, proporções maiores do que realmente é.”

Heitor encostou as costas nas gavetas.

“Estão dispostos a pagar pelo seu serviço, é claro, mas estão fazendo questão que o senhor seja, digamos, discreto. Existem outras pessoas envolvidas no caso que querem que a questão seja resolvida o mais rápido possível.”

Enzo engoliu em seco.

“Sim, antes que me pergunte, o jogo político daqui no interior é tão intenso, talvez até mais do que nas cidades grandes. E, muitas vezes, os objetivos pessoais entram na disputa dos interesses públicos. Não que eu seja a favor disso, entenda bem Enzo, não quero que fique com uma imagem errada de mim, mas simplesmente é como as coisas funcionam aqui. Se tentar fazer algo diferente, te botam pra fora num piscar de olhos,” explicou Heitor em seu tom de frustração.

“Em qualquer outra situação, eu seria mais resistente e o delegado certamente daria o braço a torcer a meu favor. Mas como disse, a situação é *delicada*,” completou ele. “Querem colocar panos quentes.”

Enzo suspirou, já tinha mais ou menos uma ideia de como as coisas funcionavam aqui em Novo Triunfo. Não ficou tão surpreso ao ouvir isso no final das contas. Pensou em recusar e sabia que Heitor não o pressionaria mais, simplesmente não parecia esse tipo de sujeito.

Mas, *eles*, em compensação, poderiam complicar seu trabalho no hospital ou, até mesmo, sua vida pessoal. Era tudo o que ele não precisava. Nem fazia dois meses que aqui estava e já teria que dormir com um olho aberto. O problema é que não sabia quem eram *eles* exatamente, mas imaginou que deveriam ter algum pé na política ou coisa assim. Ou mesmo poderiam ser das famílias donas da indústria da cana. Poderiam criar um inferno que o obrigaria a mudar da cidade, sabia como o povo do interior nunca se esquece nem da menor das picuinhas.

Ou você entra no jogo, ou perde sem nem mesmo jogar.

“Quer me contar então o que temos aqui em mãos?” perguntou Enzo, tentando esconder sua frustração.

Heitor acenou com a cabeça, como se quisesse que o outro soubesse que não era sua intenção tê-lo trazido para o meio do fogo cruzado.

“Melhor, você é quem vai me dizer o que tenho em mãos,” respondeu o investigador.

Aproximaram-se da mesa de necropsia. Um lençol branco cobria uma forma claramente humana em cima da mesa. Heitor acendeu a luz central, passando o foco para Enzo.

Enzo curvou-se e procurou onde estaria a ficha com os dados do falecido. Encontrou amarrada no pé da mesa, mas antes que pudesse alcançá-la, Heitor guardou-a para si.

Enzo franziu as sobrancelhas, não compreendendo.

“Você terá isso daqui a pouco, junto com a história completa do que aconteceu, mas antes, quero ver como será uma análise sua crua, sem qualquer tipo de influências externas.”

Enzo reparou no tom de teste do investigador.

Heitor tirou o lençol com um movimento súbito e expôs o corpo todo do finado.

O coração de Enzo acelerou, seus pelos se arrepiaram. Percebeu que sua boca abria e fechou-a rapidamente. Não acreditava no que estava vendo. Respirou fundo. Concentrou-se então, escaneando o corpo da cabeça aos pés. Primeiro quis ter uma visão geral de quem era o falecido, andou em volta da mesa, reparando nos menores dos detalhes.

Sentiu a textura e o turgor da pele, o estado dos músculos, pilificação, sinais de desidratação ou qualquer outra doença de base. Ignorou as lesões que saltavam aos seus olhos por enquanto. Reparou nas típicas manchas hipostáticas visíveis, indicando que o cadáver falecera e permanecera no decúbito horizontal.

Enzo coçou a garganta.

“Temos aqui um sujeito masculino. Pelo estágio puberal dele,” disse Enzo indicando para o pênis, “G3, indo para G4, podemos ver que ainda não tem a glândula proeminente, e o comprimento é característico de G3, o que nos coloca numa faixa etária de dez anos e meio até quinze anos, supondo ser um indivíduo com desenvolvimento puberal na média.”

Heitor esboçou um leve sorriso.

“Teria que pedir um raio-X do punho e da mão para melhor caracterizar a idade. Não que isso seja necessário, já que não estamos lidando com um indigente, certo?”

“Correto.”

“Pela aparência geral e pelas feições, chutaria uns 12, 14 anos, com uma certa margem aí de erro.”

Enzo fez uma pausa.

“Olhando assim, sem realizar uma necropsia propriamente dita, meu parecer é que era um menino saudável, sem comorbidades como sobrepeso, sem algo que chamasse muita minha atenção.”

Heitor esperou enquanto o médico raciocinava.

“Pelos hematomas em membros inferiores, segundo o raciocínio pelo espectro equimótico, vemos que eles aqui variam de um verde,” disse Enzo apontando, “a um amarelo o que indicam que este garoto provavelmente era ativo fisicamente e deveria jogar algum esporte, já que são hematomas velhos de evolução de uma a duas semanas. Vemos também uns hematomas mais recentes também,” indicou com os dedos em outros locais, “com pouco tempo de evolução, mas que no meu parecer são dissociados das lesões que causaram a sua morte. Se fosse chutar pela estatística, a chance de ser futebol o esporte desse menino seria grande.”

Heitor confirmou com a cabeça.

“Quase. Ele estava no time de futsal da escola. Mas muito bem notado,” disse ele em tom de aprovação.

“Outro detalhe. Está vendo essa mancha aqui na fossa ilíaca?”

Enzo indicou uma região ao lado da cicatriz umbilical, descendo em direção à virilha. Estava levemente esverdeada mas de uma forma difusa, sutil, quase imperceptível.

“É uma mancha verde abdominal típica da fase de coloração da decomposição. As bactérias daqui logo mais se espalharão para o restante do corpo.”

O investigador torceu o nariz.

“Isso indica que ele foi a óbito provavelmente no começo ou meio da tarde de ontem. A rigidez dos membros também colaboram com isso. Veja.”

Enzo ergueu a perna do defunto.

“Membro inferior já rígido. O rigor mortis começa sempre crânio caudal e já está avançado. Dou umas 12 a 18 horas do falecimento. Muito bem então, vou prosseguir para as lesões mais importantes agora, das menores até a *maior*.”

Enzo coçou a garganta quando deu ênfase na palavra maior.

“Como o senhor investigador deve ter notado, o menino contém múltiplas lesões em tórax e abdome. Pelo formato e aspecto das lesões, vemos que foram provocadas na mesma circunstância e têm uma certa simetria, consegue ver?” Enzo esperou para que Heitor acompanhasse sua linha de raciocínio. “As lesões do hemicorpo direito são muito semelhantes ao do hemicorpo esquerdo, quase como se fossem espelho umas das outras.”

Heitor afirmou com a cabeça.

“Só que não é só isso que elas nos falam. Veja esse formato aqui, por exemplo.” Enzo indicou um hematoma vermelho-bronzeado com um formato mais ou menos oval de bordas irregulares. “Agora, compare com esses daqui.” Enzo abaixou-se um pouco e indicou umas lesões no dorso do paciente, quase em contato com a mesa de metal, com formato digitiformes.

Heitor pareceu surpreso.

“Tem poucas coisas e poucas circunstâncias que deixam essas impressões, ainda mais assim, tão simétricas e com esse aspecto. Olhando para esse conjunto, meu melhor palpite é que alguém, muito mais forte do que ele – só ver pelos hematomas – segurou-o prensado contra, provavelmente, o chão. O agressor deveria estar em cima dele e a marca maior que vemos é a impressão da região tenar da mão do agressor. E estas daqui,” indicando para o dorso, “são, ao meu parecer, as marcas dos dedos dele.”

E ainda dizem que os mortos não falam, pensou Heitor.

“Arriscaria ainda mais, se o senhor me permitir.”

Heitor fez um gesto.

“O menino debatia-se enquanto o agressor o segurava, vemos que embora simétricas, as lesões não são tão regulares assim, indicando que ele tentava se soltar do agressor. Está claro, na minha opinião, talvez seja melhor checar com

peessoas mais experientes depois, que isso não foi feito com a vítima inconsciente. Pelo contrário, estava mais do que acordada.”

Heitor estava sem palavras.

“Agora, indo para a lesão mais importante e que chama mais atenção.” Enzo trocou de lugar com Heitor e aproximou-se da cabeça do falecido. Arqueou as sobrancelhas quando examinou de mais perto a lesão.

“Vemos aqui uma lesão traumática pegando em grande extensão o trígono carotídeo esquerdo, com importante dilaceração toda irregular do músculo esternocleidomastoideo, está vendo isso daqui?”

Enzo indicou para um rombo no pescoço do garoto. Heitor concordou.

“Posso?” perguntou Enzo.

“Por favor.”

Enzo colocou uma luva na sua mão direita.

“Inspecionando com um pouco mais de cuidado, vemos aqui uma importante rotura do seio carotídeo. Pelo aspecto do trauma, tudo indica ser uma lesão corporal provocada por alguma energia mecânica e julgando pelos outros elementos, consigo excluir quase completamente o uso de algum material perfurocortante. Me parece ser de um agente lacero-contuso.”

Heitor olhou com certo terror para o buraco no pescoço do menino. *Migalhas*. Havia ficado em migalhas o pescoço.

“Então?” disse ele engolindo em seco.

“O que significa que basicamente o garoto sangrou até a morte. E rápido.”

“Com todo o respeito doutor Enzo, isso qualquer um poderia ver.” Disse Heitor em um tom leve, sem ofensa. “Quero saber o que mais o senhor tem para me dizer.”

Enzo inclinou-se de novo, tão perto do cadáver agora, que Heitor cerrou os punhos em agonia. Parecia que o médico estava colocando a cabeça dentro de um buraco de carne.

“Por acaso o pedaço retirado foi de alguma forma recuperado?” perguntou Enzo.

“Infelizmente não.”

“Olha, vou ser bem honesto com o senhor. Isso daqui não faz sentido nenhum.”

Heitor permaneceu com sua expressão neutra, não queria transpor nada, nenhuma informação.

“Se olhássemos só para a lesão na região cervical e sem conhecer nenhuma informação, meu primeiro palpite seria que esse menino foi atacado por alguma espécie de...” Enzo procurou a palavra, “*animal selvagem* ou coisa assim,” disse ele encolhendo os ombros. “Mas isso, já foge do meu conhecimento e não consigo pensar em qual animal seria esse. Agora, analisando as lesões de tronco quase que se nos fecha o raciocínio para uma figura humanoide como o agressor.”

Silêncio.

“O que nos deixa em uma situação, um tanto... bizarra por assim dizer, com uma possível conclusão, digamos, sem sentido.”

Heitor esperou uns segundos para ver se Enzo tinha mais alguma coisa para falar.

“Quero que você me passe o que está vendo, por mais estapafúrdico que possa parecer, a primeira coisa que vier na sua cabeça.”

Enzo olhou horrorizado para o investigador.

“Bem, eu diria que estamos tratando aqui de um agressor forte, e quando digo forte, quero dizer forte mesmo, muito mais pesado que o garoto e com uma força muscular impressionante.”

“Prossiga.”

“Bem, sem mais rodeios, parece que...” Enzo ficou procurando a palavra adequada. “Parece que o agressor o prensou contra o solo, ou uma parede e... e... mordeu seu pescoço com tanto vigor, mais com tanta intensidade, que arrancou um bife de carne, lesando sua artéria carótida e causando sua morte quase instantânea.”

Enzo terminou sua explicação e sua expressão era de descrença do que acabara de dizer.

Heitor permaneceu imóvel com um olhar sério, de braços cruzados, observando atentamente o movimento do médico.

Enzo deu um passo para trás horrorizado.

“Você está me dizendo q-q-que...”

“*Sim*,” concluiu o investigador em tom solene.

Enzo colocou a mão na boca.

“Meu Deus, parece coisa de filme isso,” disse ele encostando na parede, “tão surreal que nem parece verdade... vocês chegaram a pegar quem... quem faria uma coisa dessas?”

Heitor afirmou com a cabeça.

Ainda em choque, Enzo relaxou os braços e sua expressão mudou do espanto para ceticismo em questão de segundos.

“Então por que precisavam de alguém aqui se já sabem o que aconteceu?” perguntou Enzo, tentando manter sua calma. “Além do mais, já tem o sujeito detido.”

“Nunca disse que o tínhamos detido,” corrigiu Heitor.

“Mas... pera aí então... vai me dizer que o brutamonte que fez isso foi solto e está andando por aí, sem mais nem menos?” disse Enzo, sentindo seu sangue ferver.

Heitor fez um gesto para que ele se calasse.

“Chamei o senhor aqui, Dr. Enzo, para confirmar o que tínhamos escutado das testemunhas. Veja bem, nós também fomos céticos no começo e questionamos a veracidade do relato. Mas agora, com o que o senhor me descreveu, tudo aponta para isso mesmo.”

Fez-se silêncio no necrotério e os dois ficaram sem palavras.

“E o brutamonte que fez isso?” perguntou Enzo, seu tom um pouco inquieto.

“Aí está o grande incógnita da questão, doutor.”

“Como assim?”

Heitor umedeceu os lábios.

“A questão, meu caro, é que o brutamonte a quem estamos nos referindo não passa de um menino magricela de doze anos de idade.”

LOBO EM PELE DE CORDEIRO

Um dia antes: Quinta-Feira 14 de Março de 2016

1

*N*ão vomita. Aconteça o que acontecer. Eu repito. Não. Vomita. Escutou? Clara Romanush caminhava entre as fileiras de carteiras naquela sufocante tarde interiorana em meados de março. Tão quente que o calor não saía do corpo, ele entrava. O chão de repente pareceu mais fundo e a cada passo, Clara sentia como se suas pernas fossem concreto enrijecendo. Seu pé pareceu pesar uma tonelada: a gravidade se intensificara.

Seu uniforme grudou na sua pele morena. Suas mãos, frias, tremiam a cada passo e já não conseguiam desgrudar seu cabelo. Sentia-se tão sozinha naquela sala.

O que diria para o professor?

Aquela onda barulhenta de vozes, todas falando ao mesmo tempo, não a deixava pensar. O resultado era um estranho silêncio: impossível de entender qualquer ruído daquelas falas entusiasmadas.

Clara sabia que precisava de um grupo. Mas o problema não era esse. Longe de ser. O medo era de ter que entrar *naquele* grupo, seus olhos viraram sorrateiros para encarar um círculo de alunos. Seu interior suado temia que seria justamente esse seu destino. Mesmo assim, restava-lhe um tênue fio de esperança. Era melhor perguntar.

Caminhou com o olhar fixo, as linhas entre os tacos de madeira do piso passando rápido por suas retinas. Seu almoço roçou-lhe a garganta.

Aparentemente, ninguém havia notado que seu estranho e desconfigurado ser caminhava em direção à frente da classe. Mas melhor não arriscar, pensou. Bastaria uma leve inclinação e a luz iluminaria bem em cheio seu rosto e eles notariam a verdadeira extensão da deformidade.

Seus companheiros, na falta de uma melhor palavra, nem se quer fizeram questão de aprender seu nome. Mas, o apelido, esse sim, todos conheciam suas múltiplas variações de cor.

Com a voz bem baixa e trêmula tentou chamar a atenção do professor Tiago Bauer. Mais uma vez. Na terceira conseguiu.

“Como assim você ainda não tem grupo?” As sobrancelhas do professor de Literatura se arquearam. *“Estava dormindo lá no fundo até agora é?”*

Clara engoliu em seco. O que queria sair de seu estômago ficaria lá pelo menos por mais alguns minutos. Esforçou um pequeno gesto com a mão e encolheu os ombros.

“Vamos ver, vamos ver... aham. O grupo sete tem um a menos,” disse Tiago virando o papel para que ela pudesse ver. Com a caneta, indicou os nomes na lista. *“Pronto, resolvido.”*

Seus olhos varreram a sala, buscando por um dos rostos de alguém do grupo sete. Não foi nada difícil. Afinal, se tratava do grupinho do barulho. Do *bafáfá*. Focou em um dos rostos, semicerrando os olhos. Aquele era grande e redondo, impossível de confundir com outro aluno.

“Ei, Felipe! Já falei que não era pra sentar em cima da mesa. Qual é, rapaz? Nem parece que tá já no colegial.”

Tiago se aproximou, Clara timidamente seguindo atrás.

“Foi mal aê.”

Felipe levantou desengonçado e com seus olhos miúdos fitou o professor. Clara acariciou sua calça, seu coração disparando.

“Tamo acabando, fessor. Já dividimos as tarefas e cada um sabe o que vai fazer.”
Na defensiva.

Tiago tinha certeza de que não era verdade, mas estava tão cansado e mole nesse bafo quente da sala que achou melhor nem checar. Pensou em como daria tudo para estar em casa, o ar ligado, tomando aquela cerveja e desejando nunca ter colocado os olhos nesse cara gorda e feia que estava bem na sua frente.

“Teria um problema se,” e virou-se, meio zozzo, para Clara, “qual o seu nome mesmo querida?” Pigarreou. “Sim. Se a Clara se juntasse ao grupo de vocês?”

Felipe sorriu apenas com um lado da boca, desviando o olhar.

Mélanie e Lucas abaixaram também seus olhos, fingindo buscar algo entre as folhas de papel.

Foi Lina quem quebrou a agonia do grupo.

“Claro que não, professor.” Sua voz adoçando a situação. “Vamos ter que mudar algumas coisas, mas tudo bem. Até melhor assim, menos trabalho para todo mundo. Não é mesmo?” Esboçou um sorriso para o grupo e eles concordaram com a cabeça.

“Perfeito Lina. Agora, vamos...”

Ele foi interrompido. O conhecido som metálico indicou o término da aula.

“Nossa, como o tempo voa,” disse Tiago, olhando o relógio de pulso: era sua vez de mentir. “Quero isso pronto pra semana que vem, hein?”

Colocou de forma suave a mão no ombro de Clara. Não queria encostar em seu ombro empapado. Afinal, você nunca sabe onde os alunos andam nesses dias. Especialmente *essa*.

“Acredito que você vai estar em boas mãos.” Piscou para ela.

Clara engoliu mais uma vez em seco. Sendo a primeira a sair da sala, correu em disparada ao banheiro, sem trocar uma palavra com seu grupo.

Soube a partir daquele instante que não estava em boas mãos. Estava em *excelentes* mãos. Era justamente disso que tinha medo.

Lina Unschild gostava de ter as pessoas comendo na palma da mão. Adorava isso. Saiu do forno que era sala do 2ºA, naquela quinta de tarde e sentiu o ar fresco que vinha do corredor. Em poucos minutos estaria lotado de alunos e por isso, soltou seu cabelo, ajeitando para que cobrisse seu busto.

Não estava mais aguentando aquele mormaço da sala.

De esguelha, viu Clara entrando no banheiro. Não era a primeira vez que a Olho-Roxo saía da sala correndo e provavelmente não seria a última. Tinha algo daquela garota estranha que simplesmente lhe incomodava. Não conseguiu achar a palavra exata, mas era como sentar em uma cadeira desconfortável e tentar achar uma posição adequada. Ou a menos pior. Sabia que aí tinha algo.

Sorriu e continuou ali perdida nos pensamentos, contemplando de longe a porta do banheiro. Foi pega de surpresa quando Lucas se aproximou, sorrateiro, e lhe lascou um beijo no pescoço.

“Pronta para ir, linda?”

Lina não era propriamente bonita.

Mas algo em sua aparência se destacava e ela sabia usar as cartas que a natureza lhe dera: pele tom de argila e olhos difíceis de definir, uma mescla de um cinza com ciano escuro, dando um ar diferente, um tanto masculino por assim dizer, mas com um toque doce, sabe, daqueles de chocolate. Não era magra, não. Tinha a quantidade exata de gordura, dando um corpo com *sustança*. Lina Unschild era um produto único: uma herança fria alemã, por parte de pai, misturada com sangue latino fervente da mãe.

Sabia como ler as pessoas, isso sim. Seu talento, desabrochado por certas circunstâncias do passado, fazia, sem dúvida nenhuma, Lina muito mais atraente que qualquer outra garota.

Coçou o pescoço, meio que incomodada de ter sido interrompida em seu devaneio. Fez uma cara forçada de lamentação, esboçando um biquinho.

Com movimento rápido e brusco, empurrou Lucas para frente do armário, prensando seu corpo contra o dele.

Os alunos saíram no corredor e observaram, independente do gênero, o casal. Alguns disfarçando, outros nem tanto. A saia xadrez de Lina levantou um pouco ao se inclinar para sussurrar no pescoço dele.

“Hoje não posso, gatinho.”

Mordiscou de leve sua orelha. Lucas semicerrou os olhos sentindo um formigar pelo corpo. Ela o deixava louco quando fazia isso.

“Meu pai ficou de me pegar depois que saísse da prefeitura. A gente ficou de jantar em algum lugar bacana.” Só de pensar em ter que aturar um jantar inteiro só ela e o pai, sentia sua raiva crescendo. “E fora que ainda tenho zilhões de coisas para arrumar para minha festa de aniversário, parece que está longe, mas não está.”

Soprou de leve o ar no ouvido dele.

“Mas amanhã, querido, tenho um plano para o que a gente vai fazer.”

Sorriu maliciosa, mandando mais um arrepio pelo do corpo dele. Lina sentiu os pelos do braço dele se eriçarem.

“Inclusive, vamos ter muito mais tempo para nós dois se esse trabalho de Literatura terminar mais rápido...”

Deixou a frase no ar, fitando-o com aqueles seus olhos intensos.

“Inclusive, teremos a casa só pra nós dois. Papis querido vai viajar e só volta no sábado.”

“Talvez tenha uma forma de acelerar isso, gata.”

Lucas pensou sobre o que lhe esperava amanhã e sabia que para ela dizer algo assim, só podia mesmo significar... Ficou excitado só de pensar. Adorava quando Lina tinha um plano desses.

“Falo com Felipe hoje de noite e vejo se já conseguimos tipo adiantar alguma coisa, meio que já deixar tipo pronto pra amanhã termos mais tempo...”

Lina lhe deu um beijo, mostrando que concordava.

Bingo, pensou ela.

“Vou ver se já falo com a Olho-Roxo hoje pra pedir se ela consegue também adiantar a parte dela.”

Lina tinha todas as intenções de falar com Clara ainda hoje, mas seu propósito seria um tanto diferente.

“Fechou então, gata?”

Lina concordou e se despediram.

O corredor estava quase vazio agora e nenhum sinal de Clara.

Que demônios ela estaria fazendo até agora?, indagou-se.

Não importa.

Lina decidiu que ficaria esperando ela sair. Demorasse o quanto quisesse, estaria sentada, escondida entre as fileiras dos armários, esperando... sorriu e pegou o celular para passar o tempo.

Decidiu checar seu horóscopo para o dia do seu aniversário – faltava ainda mais de um mês – e viu que teria uma lua nova. Bem no dia. Decidiu publicar no seu perfil junto com a página do evento. Não que acreditasse nessa baboseira toda de signo, mas achou que atrairia ainda mais gente. Ela riu internamente e se colocou ansiosa enquanto aguardava Clara sair do banheiro.

A luz da tarde lá fora começava a se enfraquecer. Uma fresta de noite espiava no horizonte.

Lina não sabia, mas acabara de tomar a pior decisão da sua vida. Semanas depois, quando estivesse trancafiada e em desespero, a vida lhe escapando justo na lua nova de seu aniversário, Lina tentaria se lembrar do momento exato que cometera o erro responsável por começar toda aquela cadeia desastrosa de eventos. Cadeia essa que mudaria para sempre a pacata cidade de Novo Triunfo.

Abriu a cabine e enxaguou o rosto na pia. O dia estava tão quente que sentiu a água sair morna.

Começou a observar seu rosto. Não que precisasse, é claro. Sabia de cor cada traço seu. Tinha passado tantas horas e horas se admirando na sinceridade do espelho que o desenharia de olhos fechados.

Clara Romanush havia nascido com uma peculiar marca de nascença: uma mancha roxo-escura na bochecha direita. E por mais que tentasse, não tinha como esconder. Por causa da pele morena, cigana, a mancha saltava chamando toda a atenção.

Encarou pela milésima vez seu reflexo.

Olá, meu nome é Clara. Mas podem me chamar de Olho-Roxo se quiserem. Para os mais íntimos, Maria-da-Penha. Mas só depois de mais tempo, viu, quando todos os outros nomes já tiverem cansado.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto e caíram na pia.

E não se esqueçam do meu favorito: Maria-Borrão.

Não importava quantos nomes diferentes ela tivesse, ou quão diferente tentasse se vestir, ela sempre seria esse mesmo ser frustrado, manchado desde o nascimento, fadada a servir de bobo da corte para o resto do universo.

Apagou a luz ao sair cabisbaixa pela porta.

Clara estava sozinha sentada no ponto de ônibus na frente do Colégio São Tomé, olhando para a praça principal. Seus olhos buscavam algo que nem ela mesmo

sabia. Sua mente voou longe, além do horizonte laranja desse fim de tarde.

Foi quando sentiu uma mão no seu ombro.

Seus pensamentos se estilhaçaram, uma janela de vidro atingida por uma pedra. Saltou para frente espantada e ficou pálida ao ver que aquela mão pertencia a nada mais, nada menos, que a própria Lina Unschuld. Sim, isso mesmo, Lina Unschuld.

Clara tentou disfarçar desviando o olhar o máximo que pôde, mas estava cara a cara com Lina. Nunca estivera assim tão próximo. Tão perto que viu seu reflexo naqueles olhos cinzas. Clara abriu a boca mas estava muda, e apenas um grunhido escapou-lhe da garganta.

Lina esboçou um sorriso compadecido. Aproximou-se ainda mais de Clara, e colocando sua mão no ombro dela, aplicou uma leve pressão.

“Clara, está tudo bem querida? Você parece tão -”, Lina interrompeu a frase no ar, pensando na melhor palavra, “- tão *aflita*.” Tom esse que mais parecia afirmação que pergunta.

“Aham... só um pouco cansada, sabe?” Clara respondeu, corando um pouco.

“Hey,” Lina disse sorrindo, “você saiu tão depressa da aula que nem deu tempo pra gente conversar. A gente precisava ter discutido mais o trabalho, sabe. Mas tudo bem, não fica preocupada.”

Clara não soube o que dizer.

“Clara, olha só, nós redividimos o trabalho e pensamos em deixar a parte do Romantismo com você. Não é difícil e não vai dar muito trabalho. O que você acha disso, *querida*?” Esse *querida* com a entonação errada.

Clara assentiu com a cabeça.

“Hm... claro, quero dizer, pode ser.”

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, Lina conduziu Clara e se sentaram no banco de concreto.

“Inclusive, achei melhor assim. Você ficar com o Romantismo, sabe. Daí não precisa... hum... se preocupar em, sabe, apresentar. Apresentar lá na frente.” Lina

disse.

Clara relaxou com profundo alívio.

Lina sorriu inocente.

“Achei que seria mais fácil assim sabe, desse jeito.” Brincando, deu um soco de leve no ombro dela. “Viu só, não precisava ficar toda agoniada. Olha, eu sei que você prefere ficar mais sozinha, lá no fundo, e você parece bem tímida também, mas deveria, sabe, tentar se integrar um pouco. A gente não morde não, viu?”

Lina fitou Clara nos olhos e por uns segundos travaram o olhar.

Clara franziu as sobrancelhas. Tentou achar uma melhor posição no banco. Estava tão desacostumada a ter esse tipo de conversa, olho no olho, que achou muito estranho, sentindo-se invadida, como se Lina estivesse penetrando em sua alma para resgatar a garota que se afogava lá no fundo do seu ser.

Foi então que ela sentiu frio. Instinto falando mais forte que ela própria, Clara recuou um pouco.

Isso para Lina era melhor do que qualquer jogo já inventado, sua boca já salivando. Melhor que qualquer comida. Melhor até mesmo que sexo. Sentiu arder um entusiasmo dentro de si. Frenesi pura. Percebera que Clara faria o que pedisse, sem contestar.

Uma buzina distante quebrou o transe.

Clara olhou para o fim da rua Padre Anchieta e viu, no encontro com a avenida Carlos Abraão Bresser, seu ônibus se aproximando.

Ainda bem, respirou.

“Aquele é meu ônibus,” Clara disse, levantando-se um tanto rígida, em descompasso.

“Bem, Clara, agora que você já sabe da sua parte, combinamos de trazer tudo pronto para amanhã. Adiantar sabe?”

“Aham, melhor assim,” murmurou ela em resposta.

“E será que você consegue arrumar alguma estrutura, talvez de madeira, para pendurar a linha do tempo quando ela estiver pronta? Tipo uma tábua. Não precisa ser para amanhã, é claro, pode ser para segunda.”

“Acho que sei onde encontrar esse suporte de madeira,” respondeu ela tímida, sem abrir muito a boca.

Lina se deu conta de que as coisas estavam muito, mas muito mais interessantes do que antes pensara, já não se importando se Clara fizesse ou não a parte do Romantismo. Parte essa que era, na verdade, o trabalho de Lina. E muito menos da porra da tábua de madeira.

Agora, a brincadeira é outra, meu bem, Lina pensou, tendo uma nova ideia.

“Por que não nos encontramos depois da aula, pra terminar o trabalho? Hm? Que tal lá em casa?” Apontou para o outro lado da praça. “É aqui pertinho. Assim a gente também não precisa fazer correndo, né?”

Clara sentia sua garganta seca.

“Decidido então. Amanhã depois da aula da tarde, vamos todos *chez moi* e terminamos tudo tintim por tintim.” Deu uma piscadela rápida para Clara. “Bem, até amanhã então.”

Clara não estava acostumada com beijos no rosto, ainda mais do lado de sua mancha. Aquilo a pegou de surpresa.

O ônibus desceu em direção à Ponte Bertha Lutz e Lina ficou ali, parada no ponto, deixando que seus pensamentos fluíssem naquele fim de tarde.

Esboçou o mais delicioso dos sorrisos.

Teve que caminhar por mais de trinta minutos, seguindo a trilha em mata fechada, até avistar a humilde cabana próxima das margens do rio Inhaúma. Conseguiu

enxergar perfeitamente o caminho, mesmo no crepúsculo e não se perdeu uma única vez.

Sua mente voava, ainda pensando na conversa que tivera com Lina.

Será que tirariam sarro dela amanhã? Não tinha ideia de como faria para interagir com os demais para fazer o projeto de literatura. Ainda mais sendo com o grupinho mais popular de todo o ensino médio. Clara sentiu seus olhos úmidos ao lembrar de todas as vezes que lhe chamaram pelos seus variados apelidos.

Ela parou de andar, acordando de seu devaneio.

O vento soprou de forma diferente. As folhas nas copas da árvore se mexeram nervosamente. Os galhos estalaram. Os pássaros pararam de cantar.

Ela afastou os pensamentos e olhou ao redor. *Ninguém*. Estava sozinha na trilha. Esfregou os braços. O mormaço do dia pareceu ter se dissipado de uma hora para outra.

E sem menos avisar, seu coração disparou.

Clara Romanush foi ao chão, seus pulmões sem ar, um zumbido ensurdecedor ecoando em seus ouvidos. Sentiu algo. Parecia vir das profundezas da terra. Do subsolo de Novo Triunfo. Sentou-se e colocou a cabeça entre os joelhos. Foi então que lhe veio uma imagem vívida, tão vívida como se ela mesmo estivesse presenciando.

Algo rastejava, furioso entre o que lhe pareceu pedras. O som de correntes. Uma máquina de concreto trabalhando ao fundo, rodando e rodando. A vontade morder. Rasgar a carne. Sangue. Muito sangue. Jorrando, espirrando para todos os lados. O gosto metálico de ferro na sua boca.

Clara Romanush gritou desesperada.

Joaquim levantou do sofá, desconfiado, quando escutou o grito por detrás da porta enferrujada da cabana. Suas mãos vermelhas e rachadas pela doença hesitaram antes de abrir. Não estava acostumado a receber muitas visitas desde que sua esposa falecera. E certamente, não anunciavam sua chegada com um grito desses.

“Quem está aí?” perguntou ele com sua voz rouca e grossa.

Foi só mais um ataque de pânico, disse ela para si mesma. Vinha tendo ataques súbitos desde que entrara nesse novo colégio. Ataques esses em que seu coração disparava e uma sensação certa de que morreria lhe tomava conta. Mas geralmente esses episódios duravam mais, quase uma hora, e nunca tinham acontecido de serem acompanhados por sensações visuais e auditivas.

Esse durara pouco e já passara.

Talvez eu esteja melhorando, mentiu para si mesma.

“Ô Seu Joaquim, sou eu, a Clara,” respondeu ela, levantando-se de pressa, batendo a sujeira de sua roupa e se recompondo, tomando cuidado para manter seu tom de voz calmo, “um inseto qualquer me assustou.”

Ele abriu a porta angustiado, seu primeiro pensamento sendo de que alguém tivesse morrido.

“Sinhá Clara, faz o favor d’entrá,” cumprimentou ele com um abraço apertado.

“Passô argo com sua mãe foi?” perguntou ele aflito.

“Não Seu Joaquim, tá tudo bem com ela. Sabe o que que é?” começou ela, afastando as imagens ainda presentes em sua mente, “preciso de uma tábua de madeira para um projeto da escola e tinha a certeza de que seria o senhor a pessoa certa para procurar,” disse ela, sorrindo, “além do que faz tempo que não faço uma visita para o senhor. Mesmo agora eu estudando no mesmo lugar que o senhor trabalha, nunca dá tempo pra gente jogar conversa fora, não é mesmo?”

Joaquim relaxou.

Tinha um especial afeto por Clara e sua visita era muito bem-vinda, independente do horário. Essa solidão toda estava deixando-o louco.

“Mais suzinha? Tá escurecendo sô!” disse ele rindo.

Eles entraram na cabana e Clara puxou uma cadeira, sentando-se enquanto Joaquim acomodava-se do outro lado da pequena mesa. Ela olhou rápido os cotovelos dele, notando que sua doença parecia de alguma forma mais atacada hoje. Escamas cinza-prateadas cobriam caprichosamente ambos os seus cotovelos e deixavam vestígios parecendo uma farinha sobre a mesa.

Passaram os primeiros minutos conversando sobre o tempo.

Clara agradeceu a oportunidade de se distrair, as imagens ainda vívidas em sua mente e não conseguiu entender o porquê permanecia com aquele gosto metálico na boca.

“E como anda a doença do senhor, hein?” perguntou Clara, arrumando o cabelo para esconder sua mancha, um vício que mantinha mesmo com quem conhecia.

“Vixe. Essa semana deu uma piorada que só.”

Mostrou os cotovelos e passou a mão num deles, esfarelando uma espécie de escama pela mesa.

“Olha, eu acho que foi por todo o nervoso que ando passando ultimamente. Ocê não imagina como as criança tudo me trata mal naquela escola.”

Clara segurou as lágrimas, seus olhos negros ficaram úmidos. Isso conseguia entender. Clara tentou falar alguma coisa. Qualquer coisa. Mas sua garganta estava fechada. Ele continuou:

“Tá bom, fazê o que né? Saí de lá todo ranheta querendo saí no braço com aqueles sem-vergonha de lá um dia desses,” disse ele rindo, com seu bom humor que lhe era característico, “mas faz parte do ’fício, num é?”

Joaquim podia ter toda essa compostura de bravo e voz grave, mas para quem chegava perto e o conhecia de verdade, via que tudo isso era fachada. No fundo, não era capaz de qualquer ato de agressividade. Tinha um coração bom, sofrido pelas amarguras da vida, mas sempre honesto.

Clara resistiu a vontade de chorar de novo.

“E o novo tratamento, seu Joaquim, como tem ido?” perguntou Clara, secando o canto do olho.

Joaquim sorriu e apontou para a prateleira na pequena sala. Um andar do móvel estava repleto de dúzias de caixas de remédio. Clara coçou o pescoço sentindo-se um tanto desconfortável com tantos comprimidos.

“Nossa Seu Joaquim, quanta coisa!” exclamou ela.

“Aproveitei que chegô de monte assim na farmácia,” disse ele fazendo um gesto com as mãos, “e peguei bastante. Vai que acaba sô. Eles deixaram, mesmo que eu não tinha receita pra isso tudo.”

Clara assentiu, acompanhando a conversa com a cabeça.

“Ocê num imagina a dificuldade que foi pra conseguir vaga lá na clínica pra fazer o... o..., ué como que é mesmo?, *fototerapia*, que num quero perdê a chance. E preciso tomar o remédio antes de cada vez que vou pra lá,” explicou ele animado. “Ocê nem vai acreditá nas coisa que num posso fazê depois de cada fototerapia...” e continuou falando.

Clara balançava a cabeça, mas sua mente estava longe.

“E ocê, m’nina, como tem andado?” perguntou Joaquim, transportando ela de volta para a conversa.

“Bem... tudo bem.”

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Joaquim aproximou-se e tomou suas mãos.

“Pode falar, querida.”

Clara desatou a chorar.

“Eles têm me tratado tão... tão mal no colégio. O senhor não imagina. Não importa o que eu faça, eles nunca me aceitam e...”

A dor era tanto que não conseguia mais falar. E Clara não fez mais nada além de soluçar na frente dele. Uma enxurrada de sentimentos preencheu o peito de Clara.

“É como se as pessoas não me enxergassem... eu passo e olham para o lado, ignorando. E quando me notam, seu Joaquim, é... é... para me chamar de Olho-Roxo,” continuou ela num choro carregado, cortando as palavras, cheio de desespero. “Tem vezes que meu coração dispara sem avisar e tenho medo de que vou morrer... por mais que eu tente ficar bem comigo mesma, parece que sempre tem uma nuvem na minha cabeça me falando que eu não presto, que eu sou lixo...”

“Num fala isso, Clarinha,” disse ele com peso no coração.

“Mas é verdade... Todos me olham com nojo, como se eu fosse a coisa mais asquerosa que já viram na vida e ninguém tenta sentar comigo e conversar. Num tenho um único amigo Seu Joaquim. Nenhum! Tudo o que eu mais queria é ter nascido diferente, uma outra pessoa.”

“Olha aqui moça.”

Puxou-a para mais perto.

“Um dia desses, esse povo aí vai ganhá o que merece, ocê vai vê só. O mundo num é justo não. Mas um dia vai sê. Só ocê esperar. A justiça virá Clarinha. E, ocê, sua mãe e eu vai rir desse povo todinho,” disse ele abrindo um sorriso banguela. “Eles vai se arrepê. Marca só o que digo, sinhá Clara. E fora, logo mais ocê vai fazer amizade, esse começo é difíce mesmo.”

E o tempo foi passando enquanto conversavam, Clara foi se acalmando e, por fim, despediu-se de Joaquim com a tábua de madeira debaixo do braço.

Correu pela trilha de volta para a civilização. Correu como se estivesse fugindo daquelas imagens tão vívidas ainda guardadas em suas retinas. Mas mesmo assim, mesmo com medo, ao longo do trote que aos poucos foi se tornando um andar rápido, conseguiu esboçar um sorriso.

Talvez Lina fosse a amiga que estivesse esperando.

6

A primeira coisa que Clara fez ao chegar em casa foi abraçar Pepito.

Pepito não gostava de lamber como qualquer outro vira-lata adorava; era mais refinado, uma espécie de *gentleman* entre seus iguais caninos. Quando sentiu que Clara lhe apertava, desaguando as mágoas do longo dia, ele simplesmente relaxou o corpo e deixou que sua senhora o utilizasse como uma espécie de travesseiro. Gostava de ser útil.

Clara fitou-lhe aqueles olhinhos pequenos com alguns pontos já de brancura. Ainda via bem, é verdade, mas de vez em quando, já não conseguia achar o biscoito quando caía na sua frente. O seu focinho, no entanto, estava tão aguçado como de quando era filhote.

Clara subiu as escadas e foi para seu quarto.

Esperou Pepito subir os degraus, já não caminhava como antes, e quando ele entrou, ela fechou a porta.

Largou a tábua de madeira no canto e se esparramou na cama. Sentiu suas pernas sendo cobertas por algo felpudo: Pepito. Era a forma como ele encontrou de dizer que não importava o que ou como ela estivesse se sentindo, ele estaria ali, para o que der e vier, seja pelo menos para aquecer seu pé.

Levantou da cama, abriu a porta do armário, no qual tinha um espelho.

Entre os fungos que cresciam na superfície, Clara viu seu reflexo de novo, tal como fizera no banheiro feminino horas atrás.

“Você vai na casa de Lina Unschild amanhã. E vai levar sua melhor roupa para se trocar depois.”

Começou a abrir as gavetas e a vasculhar o conteúdo.

Sua voz aumentou um pouco em intensidade.

“Você vai e vai se divertir. Oportunidade como essa não aparece todos os dias.”

Achou um vestido branco, de renda, que sua mãe lhe comprara ano passado, após economizar uma quantia razoável de *verdinhas*, como ela gostava de chamar.

Clara forçou um sorriso.

“Viu só? Há gente que gosta de você, nesse mundo.”

“E tenho você, né Pepito?”

Queria que sua mãe chegasse logo em casa para lhe contar do convite.

Olhou para a janela aberta e suspirou.

Amanhã promete, pensou, deitando de novo na cama.

MORDIDAS. CARALHO DE MORDIDAS.

Sexta-Feira 15 de Março

1

Estava atrasada. Clara sabia que não deveria ter enrolado tanto. Se não tivesse ficado tanto tempo na frente do espelho, arrumando seu cabelo, não teria perdido o ônibus. Sentiu os pés doídos; não estava acostumada a correr com essa sapatilha de festa.

Sentiu-se tola por ter feito tudo isso. Agora, na pressa, estava suada e, com certeza, seu cabelo já não estava arrumado como antes. Estava correndo para desembarcar de um 405-A, dessa vez amontoado e mais quente que o normal.

O sol de Novo Triunfo não estava dando trégua. Pareceu até mesmo afastar as nuvens. O céu estava um azul bem claro até onde a vista pudesse alcançar.

Correu pelo pátio do Colégio São Tomé, sua longa sombra tentando alcançá-la.

Não estava atrasada; estava *superatrasada*.

Enfim, relaxou um pouco quando foi cumprimentada na porta pela estátua de mármore de São Tomé. Teve a leve impressão de que São Tomé lhe acenou com a

cabeça, como se aprovasse a mudança no visual e nos sapatos.

Talvez nos sapatos não; poderiam ser mais confortáveis.

Teve um bom pressentimento. Como se seu pedido de ajuda fora finalmente escutado pelo grande D lá de cima.

Nada poderia dar errado.

2

Ele parou o carro e ficou observando de longe a Clínica Psiquiátrica Cipião Seidel pela janela do motorista. O sol resplandecia no céu dessa manhã ainda entre nuvens. Havia promessa de altas temperaturas. Ele respirou fundo e tirou a chave do contato. O cheiro de grama cortada infiltrava o ar. Tinha viajado quase uma hora de carro e seu corpo estava todo dolorido por estar sem dormir há muito tempo. Por um momento pensou em tirar um cochilo no carro, mas soube que não adiantaria nada. Um sono curto, ansioso, talvez piorasse seu cansaço, além de ter que pegar no tranco de novo depois que acordasse.

Ele bebeu um ganancioso gole do café amargo, sem açúcar, que ele havia trazido. A verdade é que não era a falta de sono em si, afinal, havia ido para a cama às quatro da madrugada de hoje, logo após ter se despedido do doutor Enzo. Cedo para ele. A questão era a qualidade e Heitor Frassat sabia disso. Vasculhou a memória, mas não conseguiu se lembrar da última vez que dormira. Que dormira bem, isto é.

Trancou o carro e começou a andar em direção à entrada, subindo pelas escadas que conectavam a clínica com a garagem.

A clínica estava situada sozinha em uma colina, em terreno mais alto, de onde não se podia ver sinal algum de urbanização por quilômetros de distância. O verde pairava em todas as direções, até onde o olho conseguisse chegar.

Nada como cagar dinheiro, pensou.

Apressou o passo como quem estivesse atrasado. Só queria ficar livre disso logo.

Heitor reparou só agora nas enormes janelas da clínica, uma espécie de casa colonial que mantinha o ar de sítio do interior na paisagem. Mas ao mesmo tempo, não. Havia grades. Sim, grades em todas as janelas. Ele coçou o pescoço, incomodado. Parecia uma chácara, sem dúvida, mas também se aproximava de uma prisão, isso ele não podia negar.

Ele ficou pensando quão frustrante seria morar ali. Acordar todos os dias e ver essa paisagem natural em todas as direções, mas sem poder colocar sua cabeça para fora e sentir a brisa no rosto.

Chegou na frente da casa e apertou a campainha. O ambiente estava em completo silêncio e, se não fosse por alguns carros no estacionamento, esse lugar poderia passar como deserto e abandonado.

“Pois não?” Uma voz ecoou em seus ouvidos, meio que despertando Heitor da sua linha de pensamento.

“Bom dia, meu nome é Heitor, acho que deixa...”

“Aperte e segure o botão para falar, por favor.”

As sobrancelhas de Heitor arquearam com o tom um tanto rude daquela voz.

Ele apertou e segurou o pequeno botão vermelho no interfone.

“Bom dia, meu nome é Heitor, acho que já deixaram avisado sobre a minha visita. Estou aqui para falar...”

Um zumbido elétrico o interrompeu e a porta abriu.

O hall de entrada era amplo, com pé direito duplo, e o piso era de mármore branco tão limpo que espelhava o teto. Heitor surpreendeu-se. Não esperava que dentro do sítio-prisão fosse encontrar uma mansão de filmes. Uma longa escada em caracol chamou sua atenção à direita.

“Senhor Heitor?”

Heitor virou-se um tanto assustado. Aquela figura aparecera do nada.

Estava diante de um velho que aparentava ter seus oitenta, oitenta e fumaça anos. Seu rosto era liso, sem barba, e seu cabelo grisalho branco estava penteado caprichosamente. Heitor se surpreendeu com a altura do senhor na sua frente. Pelo menos um palmo maior que ele.

“Bom dia, o senhor é...?” Heitor estendeu a mão, esperando para que ele completasse.

“Walther.” O velho tinha um aperto de mão mais forte do que Heitor pensava. “Estávamos esperando pelo senhor. Mas, me desculpe se isso pode parecer inapropriado, gostaria que o senhor me mostrasse sua identificação. Certamente entende como são os dias de hoje...”

Heitor corou um pouco, tendo esquecido de colocar no pescoço seu distintivo. Se apressou, procurando pelos bolsos de sua jaqueta e sentindo o olhar fulminante do senhor Walther.

Walther assentiu com a mão e conduziu Heitor pela escada em caracol. Ele não conseguiu deixar de reparar que Walther tinha um ar... – *mórbido* ?, - talvez fosse por causa das suas feições emagrecidas, com os ossos proeminentes. Talvez ele tivesse alguma doença.

“Foi difícil chegar aqui senhor Heitor?,” disse Walther, seu tom agora neutro e distante, sem se virar para trás.

“Um tanto.” Confessou Heitor. “De fato, a estrada poderia estar melhor sinalizada.”

“Sim, de fato.” Walther respondeu desinteressado.

Haviam chegado ao segundo andar. Seguiram por um corredor escuro que parecia não ter fim, luzes se acendendo com o movimento deles.

“A mãe dele está aqui, não? Esperava poder conversar com ela também. Gostaria de escutar a versão dela, antes de qualquer outra coisa.”

“O senhor poderá fazer isso.” Disse como se estivesse dando permissão para Heitor. “A senhora não saiu de perto do menino, nem por um momento. Mesmo quando as coisas...” Walther deixou no ar por alguns segundos. “Mesmo quando as coisas, bem, ficaram um tanto difíceis.”

Como investigador da polícia civil, Heitor estava acostumado com situações difíceis. Sangue, assassinato, estupro. Você escolhe. Mas teve que admitir que era a primeira vez que lidava com um caso psiquiátrico. Sem dúvida, um psiquiatra poderia diagnosticar vários transtornos em mais da metade dos que Heitor colocou em cana, mas era virgem quando se tratava de clínicas de internação, ou melhor dizer prisão?, pensou ele. Ainda mais uma prisão de altíssimo padrão, localizada no meio do nada.

Ficou quente de repente. Heitor suando decidiu tirar a jaqueta. Não entendeu o que exatamente desse lugar o incomodava.

Uma porta trancada lhes esperava no final do corredor. Walther tirou a chave do bolso, e virou-a na fechadura.

A luz incidiu com tanta força, que Heitor precisou fechar e abrir os olhos várias vezes até se acostumar com a claridade. Logo em frente deles estava uma grande janela interiorana com grades de ferro que deixava o cheiro de grama molhada entrar no pequeno recinto. Walther fechou a porta depois que Heitor entrou, trancando com chave. O pequeno cômodo talvez não tivesse mais que uns poucos metros quadrados. Com os dois lá dentro, quase não dava para caminhar. Walther se apressou e abriu a outra porta, com outra chave que tinha tirado magicamente do bolso.

Entraram em um aposento amplo com duas camas e dois armários como se uma metade do quarto fosse espelho da outra. Um menino virado de costas desenhava na escrivaninha no fundo do quarto enquanto uma senhora de meia-idade estava sentada em uma das camas. Ela não fez sinal de que notara qualquer presença e continuou olhando pela janela, como se nada tivesse acontecido.

“Senhora, este daqui é o senhor Heitor que veio ...”

“*Deixe-nos.*” Interrompeu ela ríspida.

Walther fez uma espécie de reverência com a cabeça, seu rosto totalmente calmo, sem dar vestígios de qualquer emoção aflorada. Saiu pela porta com seu andar gelado.

Quando estavam sozinhos, a mulher finalmente parou de olhar o horizonte e seus olhos saltados fixaram-se no rosto do investigador.

“Não entendo por que isso seja necessário. Mas muito bem, se a perfeita burocracia do nosso país exige isso, quem sou eu para contrariar.”

Heitor se endireitou na cadeira.

“Bem, senhora, prometo que não tomarei muito do seu tempo. Serei breve. Mas para tanto, gostaria de pedir a colaboração da senhora. E do seu filho.” Heitor olhou para o menino sentado de costas na escrivaninha. “Dentro do possível, é claro,” acrescentou.

Silêncio dominou o quarto.

“Gostaria de começar perguntando sobre a cena que a senhora presenciou ontem ao redor do almoço. Quero saber exatamente o que viu e o que estava fazendo antes. Não deixe os detalhes de fora, eles podem ser importantes.”

Ruth pigarreou antes de começar.

“Como já disse anteriormente, quando o outro moço veio me perguntar, qual era nome dele mesmo?, Alguma coisa com G se não me engano. Guilherme, Gustavo, não sei.”

“*Gabriel*,” Heitor corrigiu.

“Sim, verdade. Gabriel. Bem, quando Gabriel veio falar comigo eu disse exatamente o que vou dizer agora. Estava na cozinha, lendo um livro de receitas, pensando no que faria no final de semana. A empregada estava terminando de limpar as últimas travessas do almoço atrasada, como sempre, porque já deviam ser umas seis da tarde, e eu estava na cozinha - ela pode confirmar isso, se o senhor quiser.”

Heitor esboçou um gesto com a mão, indicando que não seria necessário.

“Estava concentrada no livro. A empregada faz muito barulho lavando a louça, canso de pedir que ela faça com mais calma, mas as empregadas, elas são todas iguais. Tentava me concentrar no livro e foi aí que escutei um grito, vindo do andar de cima. Não dei muita atenção, não era fora do normal Nicolas trazer seus amigos da escola e fazer barulho, gritaria e sabe Deus o que lá em casa. Achei que era brincadeira, algo do gênero, não sei ao certo e também agora já não importa.” Ruth fez uma pausa, molhando os lábios. “Escutei mais um grito. E depois outro logo depois. Fechei o livro e decidi ir para o andar de cima - pensando na bronca que

daria em Nicolas por essa gritaria toda - foi então que ao abrir a porta do quarto, presenciei... *a cena*.”

Ruth engoliu em seco.

“Nicolas estava, estava... *em cima de João Manuel!* Achei que era alguma espécie de brincadeira. Espiei Bruna e Marina, espremidas em um canto, mortas de medo. Estavam brancas como se tivessem visto um fantasma! *Você tem ideia do que é isso?!* Não entendi muito bem o que estava acontecendo. Foi aí que Nicolas virou e eu... eu vi seu rosto...”

Colocou a mão na boca, como se quisesse cobrir seu espanto. Desviou o olhar para o lado e sacudiu a cabeça.

“Era sangue. *Sangue*. Nicolas estava com um pedaço de... de carne na boca, mastigando como se fosse um animal!” Ruth enrugou o nariz e torceu a boca. “Havia sangue pra todo lado e seu olhar... seu olhar estava diferente. Não era ele! Não consigo explicar, mas conheço meu filho e aquele não era ele. Ponto. Tinha alguma coisa dentro que fazia ele falar com uma voz ardida, de doer os ouvidos! Horrível, me arrepia agora só de pensar...”

Ruth começou a chorar com as mãos no rosto e Heitor ficou sem saber o que fazer. Considerou a possibilidade de chegar mais próximo e tocar em seu ombro, mas ficou com medo de que isso a assustaria ou que entendesse de outra maneira. Por fim, Heitor ficou imóvel, em sua boca, um meio sorriso.

“*Aquele não era meu filho! Não era!*” Ruth disse quase engasgando no seu choro e queimando Heitor com o olhar. “Foi tudo culpa daquela maldita brincadeira. Eu sei que você acha que fiquei louca junto com meu filho, mas se tivesse lá na hora, você veria com seus próprios olhos! Ah se veria!”

Ruth estava histérica agora, sua voz tão alta que certamente seria escutada de longe.

“E ninguém me escuta! *NINGUÉM!* Querem culpar Nicolas por algo que ele não fez, mas foi o *demônio!* Isso sim! O tihoso é ameaça para todos nós! Escuta o que eu estou falando, nossos dias estão contados...”

Ruth começou a se debater, seu corpo todo tremendo.

Walther surgiu no arco da porta com dois enfermeiros de branco. Cada um pegou um braço, mas isso só piorou a situação.

Ela começou a berrar.

“Me soltem! Me soltem. *Eu não sou louca!* São vocês que são! Do demônio, ESCUTA O QUE ESTOU FALANDO!”

Os dois enfermeiros conduziram Ruth, esperneando como uma criança para o corredor. Segundos se passaram e Heitor não mexeu um músculo. Consequia escutar os gritos histéricos dela ainda do quarto.

Walther olhou visivelmente irritado para Heitor, e lhe fez uma expressão de *olha-só-o-que-você-fez* misturado com desprezo, balançando a cabeça.

“Quando quiser sair, toque o interfone.” Walther disse ríspido, seu tom em desgosto enquanto saía e trancava a porta do quarto.

E tudo ficou quieto. O único barulho era o lápis do menino riscando o papel na escrivaninha.

3

O quarto pareceu-lhe mais abafado. Heitor desabotoou a camisa, deixando seu pescoço respirar. Sentia suas mãos frias e suadas. *E o que eu faço agora?*, pensou. Ficou algum tempo ruminando sobre a melhor maneira de chamar a atenção do garoto. Certamente o senhor Walther não o deixaria aqui caso corresse algum perigo.

Engoliu em seco.

“*Nicolas?*” Heitor sussurrou.

O menino parou de desenhar, sua mão esquerda caiu, pendendo da quina da cadeira.

“Nicolas?” Tentou de novo, com um aperto no coração. “Preciso muito falar com você. Será que poderia parar um instante? Só para nós conversarmos?”

Heitor escutou um ruído que parecia um animal resmungando.

“Prometo que depois deixo você desenhar...”

Heitor sentiu-se estúpido, falando-lhe como se fosse criança pequena. Pensou que talvez não soubesse mais conversar com um menino de doze anos.

“Por que não começamos com o que você fez hoje? Chegou a sair lá fora e pegar um pouco de sol?” Disse ele tentando soar com mais entusiasmo do que de fato tinha.

Um gemido, agora mais forte.

O menino respondera com suas palavras. Era Heitor que não conseguira decifrá-las. Voltou a desenhar, como se nada estivesse acontecendo.

Heitor se aproximou, pensando que se estivesse mais próximo seria difícil o garoto lhe ignorar. Aos poucos foi chegando perto, até que se sentou no pé da cama, a menos de um palmo de distância do menino.

Tocou-lhe o ombro.

Nicolas deu um pulo na cadeira, assustando Heitor.

“*O que você quer?*” Nicolas retrucou com sua voz esganiçada.

“Quero que me conte o que aconteceu ontem, especialmente de quando você... hum.. de quando você *ma-ma-chucou* seu colega de classe,” gaguejou Heitor.

Uma pergunta mais direta e clara poderia ser a única maneira de tirar-lhe informações.

“Gostaria de saber também sobre a brincadeira que estava ...”

“*Não era brincadeira!*” exclamou o garoto mal-humorado, interrompendo Heitor.

Silêncio.

“Você não poderia me explicar?”

Nicolas começou a segurar o lápis com força.

Vendo esse movimento, Heitor levantou-se e deu um passo para trás em direção à porta.

“Já disse tudo o que precisava falar!” cuspiu o garoto, entre os dentes. “O demônio ficou bravo porque não queríamos mais jogar...”

Heitor tinha conseguido andar mais alguns passos, distanciando-se do menino.

“E ele... ele...” Nicolas disse com a voz abafada.

“NÃO!!!! NÃO!!!!” berrou o menino o mais alto que pôde, tapando os ouvidos. “NÃO!!! ME SOLTA!!”

Estava imóvel, paralisado como se grandes braços o apertassem.

Heitor correu para a porta, batendo na madeira.

“Walther! Walther!” exclamou, sem tirar os olhos de Nicolas. Suas mãos foram para onde deveria estar sua arma... mas não estava! Tinha deixado no porta-luvas do carro.

Nicolas pulou em cima da cama e fitou Heitor com um olhar endoidecido.

“João Manuel foi apenas o começo. Estou chegando! Estou vindo investigador! Vou me libertar, vou ter minha vingança!” exclamou com as mãos ainda tapando os ouvidos. “Só preciso de alguém para completar o ritual! Você vai ver, *sangue por sangue!*”

Nicolas investiu contra Heitor como se fosse um touro, sendo que por pouco não o agarrou. Heitor desviou do menino, saltando de uma cama para outra, até ficar em pé na escrivaninha.

“HAHAHAHAHA!” As costas de Nicolas arquearam-se para trás e uma gargalhada profunda irrompeu-se no ar.

“Mas que diabos, está acontecendo?!” A voz de Walther ressoou da antecâmara.

Heitor escutou um barulho de metal, Walther vasculhava seu bolso pela chave.

“Preciso de ajuda aqui!” Heitor berrou.

Nicolas se acalmou, sorrindo malicioso para Heitor.

“Esse menino me resiste... só preciso achar um receptáculo melhor e quando achá-lo, vou trazer as trevas de volta ao mundo... a escuridão total reinará, meus poderes nunca, eu repito, *nunca* mais serão trancafiados...”

O menino parou de repente, seus olhos em chama.

Silêncio. O único som era o destrancar da porta.

Nicolas abriu a boca bem grande, sua garganta vermelha à vista. Heitor gritou em desespero, sentindo seu estômago revirar com o que estava presenciando.

Eles não foram rápidos o suficiente para parar o menino. Quando a porta foi aberta, ele já tinha abocanhado o próprio braço e quando os enfermeiros o agarraram, o braço de Nicolas estava todo ensanguentado, um pedaço de virar o estômago pendia solto de sua pele.

Nicolas continuou gritando enquanto conduziam-no pelo corredor vazio.

“Um receptáculo melhor! Receptáculo melhor!”

Walther observou Heitor, não conseguiram trocar uma palavra. E ficaram quietos, um olhando para o outro, incrédulos com o que acontecera.

Foi só então que algo na escrivania chamou a atenção de Heitor.

Ainda ofegante, aproximou-se e levantou o desenho, sua boca aberta em espanto. Não podia ser.

O diretor José Ricardo caminhou para a frente do púlpito de madeira com os olhos baixos, focados em seus sapatos de couro. Não queria estar ali.

Esse não tinha sido o combinado, mas alguém tem que pagar o pato, pensou.

Aborreceu-se por ser ele a fazê-lo.

Coçou a garganta, como que buscando inspiração e tentou começar, mas a voz não veio. Estavam todos quietos no auditório olhando para ele, sua careca pingando de suor. Sentiu que as mãos estavam geladas. Um fio de suor escorreu pela sua barriga redonda, mesmo estando bem na frente do ar-condicionado.

Nem quis saber o que essas quase duzentas cabeças que o tinham na mira agora, com tanto – espanto, curiosidade, aflição? – não importa, tinham mirabolado enquanto o esperavam.

Não tinha sido sua intenção atrasar-se, muito pelo contrário, queria que isso terminasse logo. Mas, se aquela retardada da coordenadora não tivesse feito aquele escândalo todo, ele teria chegado mais cedo. Ou talvez menos atrasado.

Sua transpirada cabeça girava. O diretor José Ricardo não conseguia entender como uma simples brincadeira, uma futilidade qualquer, poderia ter chegado a esse nível.

Todos esperavam pelo momento em que ele começaria a falar.

“Obrigado pela compreensão de todos, em especial dos professores que cederam suas aulas para esse encontro urgente.”

Endireitou a postura, arrumou os óculos quadrados e continuou.

“É com muita tristeza que estou aqui hoje para... para dar uma notícia... *desagradável*,” terminou com uma pausa, como se buscasse forças para continuar.

“Infelizmente, perdemos um aluno nosso e é com muito pesar que comunico o falecimento de João Manuel Corridini Neto, do sétimo ano C.”

Um burburinho tomou conta do auditório mais rápido que fogo em palha. Em segundos, várias vozes ecoaram ao mesmo tempo. Uma mistura de histeria e entusiasmo. Queriam saber o que tinha acontecido, queriam saber como é que um

menino de doze anos de uma escola particular católica havia falecido. Assim sem mais nem menos.

Histeria, por parte dos que conheciam diretamente o falecido. Esses estavam em choque como se fosse uma pegadinha, esperando a qualquer momento João Manuel entrar pela porta do auditório e gritar primeiro de abril!

Mas não.

Uma garota de cabelo cacheado começou a soluçar alto nas primeiras fileiras enquanto outras se abraçavam, seus rostos muito pálidos para chorarem. Os meninos do sétimo ano C sentiram suas gargantas fecharem, como se não conseguissem respirar, e tentaram conter as lágrimas.

No entanto, o restante do auditório sentiu algo diferente.

Entusiasmo. Sim, entusiasmo. Por mais discrepante que possa parecer. Essa quebra da monotonia, dessa lengalenga da rotina escolar, onde nada acontece, virou uma emoção para os alunos. Sentiam como se um choque estivesse eletrizando suas vidas de uma hora para outra, tornando-os adultos. Teriam o que contar.

José Ricardo fez um gesto com as mãos pedindo silêncio.

“Sei que muitos devem estar se perguntando o que foi que aconteceu. Têm todo o direito de quererem saber e acho que nessas... hum circunstâncias... é importante que saibam os fatos antes de que boatos corram à solta.”

O auditório mergulhou em silêncio e o único ruído era o soluçar baixo de algumas meninas.

José Ricardo cerrou os punhos e mordeu o lábio. Não havia uma forma simples de contar. No final das contas, era melhor que a verdade fosse arrancada como um esparadrapo de um machucado. A agilidade talvez diminuísse a dor, pensou.

“João Manuel morreu ontem à tarde no hospital Padre Albino, não... não tendo resistido aos ferimentos que sofreu. *Um crime.* Um crime que não consigo nem falar direito, que me espanta de tanta violência. Ele foi morto. Morto por... por um de nossos alunos.”

Uma grande onda de pavor alastrou o auditório. Os professores arregalaram os olhos e muitos cobriram a boca com as mãos. O pânico se espalhou como gripe

pela plateia.

José Ricardo respirou fundo para não perder o controle. Suas mãos começaram a tremer.

Um assassinato, caralho, uma porra de assassinato, pensou ele nervoso. Um crime envolvendo a escola.

“Quem foi?!” Um garoto de ombros largos sentado na primeira fileira berrou, levantando-se.

Outros o seguiram.

“Absurdo!,” eles gritaram.

Os professores levantaram-se e tentaram conter os alunos. Seria impossível.

“Silêncio, rapazes!” exclamou brava a professora de português. “Isso daqui não é brincadeira!”

José Ricardo permaneceu sem se mexer, atrás do púlpito, seu queixo caído olhando o mar revolto de alunos. Muitos estavam de pé, conversando entre si, e cochichos se espalharam para todos os lados, tomando conta do auditório.

Alguém precisava fazer alguma coisa antes que isso saísse do controle.

O diretor caminhou até a caixa de som e aproximou o microfone. Uma estática tomou conta do ar.

Silêncio.

“Peço calma, muita calma nessa hora difícil. Mas quero que saibam o que aconteceu e evitem boatos de qualquer forma.”

E ele contou. Contou o que aconteceu. Contou sobre como João Manuel Corridini Neto, aluno matriculado do sétimo ano C, havia falecido. Não deixou nenhum detalhe de fora. Nenhum. Falou sobre como Nicolas Voltolini Callegari havia perdido o controle durante uma brincadeira. Uma brincadeira sombria, cujo objetivo era supostamente fazer contato com os mortos. Brincadeira do copo. Do compasso. Do lápis. Suas múltiplas variações. O ponto não era esse. Mas sim sobre

como um grupo de adolescentes tinha presenciado a transformação, um surto psicótico, que assustaria os moradores de Novo Triunfo para sempre.

5

Felipe fechou a porta da sala de aula. Sentiu sua garganta seca e cerrou os punhos ao ver Lucas fechar as cortinas e dar um sinal para que Roger apagasse a luz. Em poucos segundos, um bafo quente tomou conta da sala vazia e pareciam estar dentro de um forno. Felipe limpou o suor da testa, desejando estar longe daqui.

Tarde demais, remoeu por dentro.

Felipe aproximou-se da janela e afastou a cortina para espiar lá fora. Não tinha ideia de como era o inferno, mas Novo Triunfo estava quase lá. Ficou observando a praça deserta por uns minutos até que a solidão que sentiu decantasse. Não havia uma única alma penada na rua e o coreto jazia solitário no meio daquele deserto. Ninguém em plena consciência se atreveria a sair no pico do sol escaldante da tarde. O sol não perdoava ninguém e era como se tivesse espantado cada um dos habitantes de Novo Triunfo. A cidade pareceu então ter sido abandonada e como se numa catástrofe, as pessoas em desespero deixaram todas as coisas aonde estavam, não tiraram nada do lugar. Felipe sentiu um arrepio e fechou de novo a cortina.

“O que de mal pode acontecer?,” perguntou Lucas, sorrindo, sem tirar os olhos de Felipe. Muitas coisas passaram na cabeça dele, todas elas uma pior que a outra. Começando pela fato de que mais da metade da escola iria em um enterro amanhã. E estavam justamente fazendo o que não deviam.

Com essas coisas não se brinca...

Roger empurrou algumas carteiras para que tivessem espaço suficiente para sentarem no chão. E foi assim que os três meninos sentaram-se ao redor da folha de sulfite. Lucas pegou o compasso. Compasso, porque não havia achado um copo de vidro. Desenhou quatro quadrantes. Em dois, diagonalmente opostos um ao outro, escreveu *Sim* e *Não*.

“E agora, a gente espera? Ou já faz alguma pergunta?” Felipe resmungou, tentando esconder o medo em sua voz.

“Calma aí, ow. Segura essa periquita meu. Deixa o ambiente ficar no ponto.” Lucas disse, forçando a elegância.

Roger engasgou de tanto rir. Felipe deu um sorriso torto, meio que de reflexo, sorriso daqueles quando contam uma piada e você não está prestando atenção. Já estava tão cansado de Lucas bancando o palhaço, que sua brincadeira já tinha ficado irritante, ainda mais, porque era a *sua* periquita a quem ele se referia.

A sala mergulhou em um silêncio instável, como se estivessem esperando alguém colocar a última carta de um alto castelo de baralho.

Vera Lúcia, a auxiliar do ensino médio, poderia aparecer do nada e terminar com a reunião antes mesmo que começasse. Mas Mélanie havia prometido que ficaria de olho na megera e avisaria quando a visse sair de sua sala. A garota estava lá na frente como um abutre.

Está tudo bem, tudo tranquilo, choramingou Felipe por dentro, tentando se convencer.

Lucas abriu o compasso e colocou a ponta afiada no papel e segurando no fulcro, deixou a outra ponta, com o grafite, no ar, balançando bem de leve.

Felipe sentiu seus intestinos darem nó, apertados, e segurou com todas as forças seu ventre. Uma náusea passageira incomodou-lhe enquanto tentava segurar, até que não aguentou mais e seu corpo relaxou.

Um cheiro podre, azedo tomou conta da sala.

Felipe sentiu um alívio.

Roger, do primeiro ano, foi quem quebrou o silêncio.

“Mano, você peidou?,” disse ele, rindo e batendo na barriga gorda de Felipe.

Felipe estava encharcado de suor e sentiu sua blusa empapada.

“Cala a boca, o infeliz,” retrucou ele, tentando dar um soco em Roger, que se desviou ligeiro.

“Hei, Hei! Vocês viram isso?” Lucas interrompeu entusiasmado.

A ponta com o grafite mexeu-se discretamente e, como se tivesse vida própria, indicou o *Sim*.

“Cê mexeu, não foi?! Nem perguntamos nada,” retrucou Roger, sua atenção voltando para a folha de sulfite.

“Affe. Vai, todo mundo quieto. Se você peidar de novo, parto a tua cara feia em duas. Vamos de novo, silêncio.”

Lucas esperou para que Roger controlasse seus engasgos de emoção, enquanto isso, Felipe o fitava com um olhar seco.

Os três ficaram quietos.

Não havia um único barulho na sala.

“Vocês... vocês estão sentindo isso?” Lucas sussurrou, sua voz baixa como se estivessem na biblioteca.

Os outros dois olharam com uma cara de dúvida, franzindo as sobrancelhas.

“Essa... essa estática no ar, não percebem?”

Se era a intenção de Lucas assustar até o fio de cabelo de Felipe, conseguira. Felipe não conseguiu conter seu medo, seu coração disparando, reverberando em seus ouvidos. Parecia que estava a ponto de explodir por dentro.

Um temor tomou conta de Felipe.

Mordidas.

Caralho de mordidas.

Felipe imaginou como teria sido a cena. Nicolas como um animal selvagem atacando o pobre do outro garoto. Jatos e jatos de sangue esguichando do corpo que tremia no chão. Felipe acariciou seu pescoço, nervoso. Imaginou Nicolas de cócoras sobre o corpo, sua voz grossa, possuído pelo demônio, ecoando pelas paredes.

Felipe mordeu os lábios para não gritar.

“Tem alguém aqui querendo se manifestar?” sussurrou Lucas, tão baixo que parecia haver dito para si mesmo.

Felipe começou a ofegar, seu corpo em alerta.

Lucas olhou para Roger e, depois, para Felipe, sua boca semicerrada em um sorriso.

“Acho que nã...” Lucas parou no meio da frase.

O compasso se mexeu sem deixar qualquer dúvida.

Felipe sentiu seu coração saltar pela boca, o pânico esmagando sua garganta. Estava todo vermelho e fraco, como se sua pressão estivesse caindo, apoiou-se para não cair.

“*Caralho*ooo.... *'cês viram isso?*” comentou Lucas, seu rosto aberto com entusiasmo.

“O que... o que perguntamos agora?” gaguejou Roger.

Lucas olhou para Felipe e viu seu estado. Quer fosse verdade essa merda toda ou não, Felipe estava se borrando todo e Lucas decidiu ir além, empurrar seu amigo abismo abaixo. Vasculhou sua mente, tentando adivinhar o que aquela cabeça gorda na sua frente estava mirabolando.

Felipe fez menção de levantar, Roger o conteve.

Lucas repuxou sua boca para a direita, saboreando o pavor de Felipe.

“Queremos saber se... se foi você, quero dizer se foi o *senhor* mesmo quem possuiu o Nicholas Voltolini Callegari...”

Ficaram todos quietos, esperando pela resposta do além.

Roger estava prestes a interromper para dizer que deveriam ter voltado o compasso para o ponto neutro, quando seu queixo despencou em assombro.

O compasso tremeu, voltando devagar para a linha horizontal e depois com um movimento rápido, quase que magnético, apontou para o *Sim*.

Não conseguiam tirar os olhos.

Felipe quis fechá-los, mas algo lhe impediu. Era mais forte do que ele. Sentiu um grito do mais puro terror escapar-lhe da garganta. Felipe levantou, ainda berrando, e fez uma série de pequenos e rápidos movimentos, como se quisesse dissipar a onda de medo que lhe afogava, e foi correndo em direção à porta. Seu pé enroscou em uma carteira e foi ao chão com um grande estrondo.

Lucas, sem se mexer do lugar, abriu um sorriso que expressava a mais pura admiração e disfarçou seu incômodo diante do grito de Felipe. Entreolhou Roger perplexo.

“Caralho... mano! Que zuado do cacete!,” exclamou Lucas.

Roger e Lucas levantaram-se e estavam os dois quase pulando ao redor da folha, admirados com o que acontecera. Simplesmente ignoraram Felipe caído no chão.

“*Coisa do demoooo...*” disse Lucas e se pôs a gargalhar bem alto. Roger tentou fazer o mesmo e soltou um relincho, longe de se parecer com uma gargalhada, enquanto seus olhos arregalados diziam outra coisa.

E, de repente, a porta de madeira abriu e todos ali sentiram o ar se deslocando naquela direção.

Lucas congelou seu sorriso no ar e Roger puxou o ar rápido com a garganta, sibilando com o susto.

Estava ali um funcionário da manutenção parado na soleira da porta de madeira.

Todos ficaram boquiabertos sem reação.

O funcionário franziu as sobrancelhas, olhando diretamente para a folha de papel no chão e depois para cada um dos garotos.

Roger olhou para o lado e gesticulou: *Fodeu*.

Não era hora de limparem as salas, estava cedo ainda. Muito cedo. Os meninos não calcularam errado, não era para serem interrompidos. Por mais que tivessem feito

barulho, não tinha como chamarem atenção, não nesse horário. E se Mélanie não ligara para um deles, isso queria dizer que ainda estava de tocaia na frente da sala de Vera Lúcia. Lucas, sendo do São Tomé desde pequeno, sabia os horários de tudo e todos de cor, aquilo ali lhe cheirava a dedo-duro de alguém.

“Cês num tem jeito viu, moleques!” Exclamou Joaquim bravo, de braços cruzados, ainda contemplando a artimanha no piso.

Roger levou a mão à boca, escondendo seu espanto. Felipe continuou imóvel, meio que de instinto, como se houvesse a possibilidade do funcionário não tê-lo visto.

“Cum essas coisa aí, num se brinca! Ai docês. Cês vão é pra diretoria. Mas é agora. Ainda mais depois do que aconteceu com aquele m’nino.”

Fez um sinal com a mão para que saíssem da sala.

Felipe levantou resmungando e teve certeza de que seria expulso. As instruções haviam sido claras pelo diretor José Ricardo. Quem fora pego, fazendo qualquer coisa remotamente parecida com a brincadeira do compasso, copo e variantes seria expulso por desrespeito ao que acontecera e por conduta inadequada de um são-tomesiano. Sentiu uma náusea revirar o estômago. A única coisa que conseguiu pensar era em como não havia sido culpa dele, como havia sido Lucas, o retardado do Lucas que planejava tudo isso. Ele não iria para o brejo junto com ele. Felipe conteve o ímpeto de ir para cima dele. Começou a tremer de raiva e seus olhos lacrimejaram.

Roger e Felipe entreolharam-se perplexos quando escutaram a voz calma e tranquila de Lucas, como se nada tivesse acontecido.

“Desculpa, mas o senhor não tem o direito e muito menos o poder de nos levar para a diretoria.”

Estava improvisando, os outros garotos tinham certeza.

“Como o senhor deve muito bem saber, está escrito nas suas costas justamente o seu cargo. Quer que eu o leia para o senhor?,” disse Lucas, inflando o rosto com arrogância. “Acho que sim rapazes, ele precisa que alguém lhe ponha no seu devido lugar.”

Lucas começou a andar confiante em direção ao funcionário.

“O que faz a manutenção?” Olhou para os outros dois garotos, como se estivesse procurando por resposta. “Mantém. Concerta e faz o caralho a quatro. Mas se intromete na vida dos alunos?”

Lucas fez uma pausa.

“Eu acho que não.”

Joaquim cerrou os punhos, fincando a unha em sua carne. Não era a primeira vez que recebia desaforo de algum aluno e certamente não seria a última. Depois de ter perdido o trabalho no canavial ano passado, Joaquim aprendera a duras penas que aqui, desse lado da cidade, algumas pessoas poderiam ser extremamente rudes e a melhor coisa que se podia fazer era abaixar a cabeça e seguir em frente. Engolir o orgulho e deixar para lá. Mas mesmo assim, sentiu uma cólera regurgitada subindo-lhe a garganta.

“Cê me trate com respeito, m’nino!”

“Mas, meu bom senhor,” disse Lucas agora em pleno deboche, “tenho tratado Vossa Senhoria com o mais prezado dos respeitos. Tenho mantido minha voz calma, enquanto que é o senhor que está se descontrolando.”

Joaquim começou a tremer, estando quase a perder o controle. Avançou alguns passos na direção de Lucas e fez menção de que bateria nele. Mas o bom senso o deteve no último instante.

“E todo mundo sabe que não pode agredir os alunos,” disse Lucas, esboçou uma cara triste. “Sabe, ando tão... tão *sensível* ultimamente, que quando gritam comigo fico... tão...mas tão *triste*.”

A sala mergulhou em silêncio e ficaram os quatro quietos. O único som era o soluçar fingido de Lucas. Roger e Felipe chegaram a pensar que Lucas estivesse chorando de verdade, estando ele cabisbaixo, olhando para o chão.

Foi então que Lucas começou a levantar o rosto, sem pressa. Até que seu olhar cruzou com o de Joaquim. Ficaram travados por uns instantes até que Joaquim não aguentou e desviou o olhar, envergonhado.

“Se quer tipo manter seu emprego, você não vai dizer nada. Nadinha do que viu aqui, entendeu?”

Silêncio. Roger e Felipe se entreolharam.

“Hein, monstrengo! Estou falando com você!”

Joaquim desviou o rosto, sua expressão já sem nenhum traço de raiva.

“Agora aquele zé-ninguém me tira do sério. Oi! Te fiz uma pergunta!”

Joaquim saiu da sala, sem olhar para trás. Dava para escutar seus curtos, mas pesados passos pelo corredor vazio.

“Mano, Lucas! 'Cê tá maluco?,” gritou Roger. “Se a gente não tava encrencado, agora você fodeu de vez a gente!”

“Cala boca pirralho!” disse Lucas, dando um empurrão em Roger.

Lucas respirou fundo, recompondo-se.

“Ele não vai contar, fiquem tranquilos. Se ele perder o emprego, vai passar fome. 'Cês acham mesmo que aquele zé mané vai tipo abrir o bico? *Tsc, tsc, tsc...* Claro que não.”

Tem horas que a burrice deles me cansa, sério, pensou Lucas.

“Vamos, abram as cortinas e Felipe vai lá e acende a porra da luz logo, vamos organizar essa merda aqui antes que alguém chegue.”

Lucas não precisou falar de novo, Felipe estava mais do que grato por acender a luz. Estava tremendo ainda e não conseguia acreditar que se livrara por um triz de uma possível expulsão. Beijaria os pés dele se precisasse, qualquer coisa. Toda a raiva que sentia por Lucas desaparecera.

Roger reergueu a carteira e a colocou no lugar. Lucas resolveu espiar pelo corredor. Queria ter certeza de que havia se livrado de Joaquim.

Abriu a porta e esticou a cabeça para fora. O corredor estava deserto, como se nada tivesse acontecido. Suspirou aliviado e estava prestes a fechar de novo a porta, quando algo lhe chamou a atenção.

Lá no fundo do corredor, mesmo estando longe, Lucas viu a porta do banheiro feminino entreabrir, como se alguém estivesse a espiar pela porta.

E foi então que viu aquele rostinho manchado impossível de confundir com qualquer outro. Clara Romanush.

Lucas umedeceu os lábios.

6

Caralho Lina, você me deixa com muito tesão, pensou ele.

Lina não era nada como as outras garotas de sua idade. Seu corpo tinha um formato ondulado, com carne no lugar certo, dando o que pegar. E o tamanho dela também lhe impressionava, tinha vigor e não era uma boneca frágil. Lucas estava enfeitiçado até o pescoço por ela. Não conseguia colocar o dedo exatamente no que de Lina o fascinava.

“Não quer me contar mesmo?,” perguntou ela.

“Contar o quê?,” respondeu Lucas, fingindo não saber.

“Você sabe o quê.” Lina levantou as sobrancelhas. “Como vamos aproveitar a noite se não me contar o que está se passando nessa cabecinha oca, hein?”

Estavam os dois repousando inclinados sobre um tronco de ipê-roxo, seus ramos carregados de flores servindo de proteção ao sol da tarde. Não estava tão quente como antes. O sol, agora entre nuvens, provocava uma onda de ar quente que ficava pairando sobre o solo. O suntuoso ipê cobria grande parte da quadra do pátio interno do Colégio São Tomé. O chão coberto de pétalas mostrava a ausência de vento que tornava ainda mais asfixiante essa onda de calor.

Ele contou.

Lina levantou as sobrancelhas, surpresa mais uma vez.

Ficaram em silêncio, ambos mastigando o incidente.

“Tem certeza de que foi ela quem você viu?,” perguntou Lina, um tanto desconfiada.

“Sim.”

“Não havia mais ninguém pelo corredor?”

“Já disse que não,” respondeu seco.

Lina afastou-se um pouco dele, seus pensamentos trabalhando, olhar fixo na nuvem negra no horizonte. Sentiu uma nova brisa tocar-lhe suave o rosto, trazendo o odor conhecido de umidade.

“Lina,” chamou Lucas, percebendo a expressão que se abria no rosto de sua namorada. “O que é que você está tramando?”

O SEGREDO SOMBRIO DO VELHO CASARÃO

1

Lina abriu a gaveta de facas na cozinha.

Passou a mão suave pelas lâminas geladas enquanto observava da janela o céu, agora já negro, a cobrir o centro de Novo Triunfo. Nuvens pesadas encobriam esse fim de tarde e a umidade era quase palpável no ar. Escolheu apenas pelo toque a faca que queria, sem tirar os olhos da janela.

Lina ouviu o sino da Igreja Nossa Senhora do Novo Triunfo ressoar ao fundo. A praça principal estava deserta como se as badaladas do antigo sino marcassem um imponente toque de recolher, tal como fizera o sol no alto da tarde, espantando as pessoas.

O coreto se impunha sozinho na dimensão daquela praça vazia e as esparsas árvores balançavam ao som do vento que agora uivava pelas janelas de madeira. Um carro solitário passou na rua em frente do casarão.

Lina gostava de sentir o corte afiado da lâmina com a ponta dos seus finos dedos. Isso acalmava seus os nervos, como se tudo estivesse voltando ao foco e, por uns instantes, ficou ali a contemplar o coreto isolado, sua mente longe, longe. Queria que chegasse logo o dia da festa de seu aniversário.

Enquanto isso, Clara se despia e colocava o vestido branco de renda.

Lavou o rosto na pia do lavabo e penteou seu longo cabelo, sentindo a essência do shampoo de lavanda ainda forte. Seus olhos apreensivos admiraram seu reflexo no espelho. Sentiu o coração batendo mais rápido, como se estivesse em território inimigo, podendo ser capturada a qualquer momento. E tal como Lina, os pensamentos de Clara estavam longe. Estava com um pressentimento.

Clara passou a mão no cabelo, perdida em seu devaneio.

Clara imaginou o garoto Nicolas, fora de si e todo selvagem, comendo uma pessoa, uma pessoa *viva*. De novo, um calafrio surpreendeu Clara e ela cruzou os braços como se quisesse se acalentar. Tinha escutado rumores de que Nicolas havia sido transferido para uma clínica psiquiátrica ontem mesmo e que os pais tinham medo que a polícia detivesse o menino. Pelo que diziam, era de uma família importante de Novo Triunfo que havia feito o impossível e gastado uma grana maior ainda para controlar a mídia para que isso não se espalhasse para além da pequena cidade.

Poderia ter sido notícia do Jornal Nacional, pensou Clara.

Clara prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo e ficou pensando se passaria ou não batom. Desistiu no último minuto, com medo de que caçoassem dela. Queria conversar sobre o assunto quente com os demais, ver o que estavam pensando e perguntou-se se estariam abalados tal como ela mesmo estava. O que o diretor José Ricardo descreveu no auditório fora o suficiente para revirar seu estômago na hora do almoço. E se o que estavam falando fosse verdade? E se Nicolas houvesse sido possuído por um espírito do mal?

Pensar que pudesse existir algo lá fora, algo espreitando no escuro, esperando atenciosamente o momento certo para colocar os finos e esqueléticos dedos e fazer de qualquer um deles de fantoche era aterrorizante demais para Clara. Ainda mais pelo fato do assunto tocar em algo muito delicado e íntimo para ela.

Lembrou-se daquele dia de quando era pequena.

Tinha uns nove anos se a memória não lhe falhava e tinha acabado de chegar em casa de uma das aulas da catequese. Isso era na época que sua mãe só trabalhava de manhã. Bons tempos. A lembrança estava ainda tão viva na memória que recordou até mesmo que estavam tomando café preto, forte, com bolachas de água e sal, vendo *Vale a Pena Ver de Novo* na televisãozinha com antena que tinham na cozinha.

Clara estava com medo de algo que um garoto lhe dissera depois da catequese. Lembrava de ter ficado com medo todo o caminho de volta e não via a hora de perguntar para sua mãe sobre isso. O problema é que não sabia muito bem como encaixar isso numa conversa e, agora, anos depois, consegue admitir que tinha uma parcela de vergonha também.

Foi com muito esforço que criou coragem para falar.

“Mãe...” Tentou ela começar, sua voz ainda sem pegar no tranco.

“Que foi filha?,” perguntou Cármen desatenta, ainda concentrada na novela e bebericando um gole de café.

“Queria te perguntar uma coisa.”

Cármen balançou a cabeça.

“Eu... eu tô com medo do que disseram hoje na catequese.”

Sua mãe virou o pescoço e notou a expressão tímida no rosto de sua filha. Abaixou o volume da televisão e virou de lado na cadeira, para melhor ver o rosto de sua filha.

“Mãe.... existe mesmo.... o... o... *Diabo?*”

Cármen tomou mais um gole de café e levantou-se sem pressa alguma para desligar a televisão. Sentou-se de novo na mesa e, debruçando-se sobre a mesa, olhou carinhosamente para Clara.

“Como assim, querida? O que você quis dizer com isso?”

Clara enrugou os lábios, não sabendo o que dizer. Achou melhor então lhe mostrar. Abriu sua mochila e de lá tirou sua Bíblia. A página foi fácil de encontrar pois estava marcada. Virou o livro e indicou a passagem para sua mãe.

Cármen pegou os óculos pendurados no pescoço e começou a ler a passagem marcada em voz alta, Marcos 5: 1-13.

“E chegaram ao outro lado do mar, à província dos gadarenos. E, saindo ele do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com espírito imundo.”

“O qual tinha a sua morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender; Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por ele feitas em pedaços, e os grilhões em migalhas, e ninguém o podia amansar. E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes, e pelos sepulcros, e ferindo-se com pedras.”

“E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o. E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes.”

“Porque lhe dizia: Sai deste homem, espírito imundo. E perguntou-lhe: Qual é o teu nome?”

“E lhe respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos. E rogava-lhe muito que os não enviasse para fora daquela província.”

“E andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos. E todos aqueles demônios lhe rogaram, dizendo: Manda-nos para aqueles porcos, para que entremos neles.”

“E Jesus logo lho permitiu.”

“E, saindo aqueles espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar, eram quase dois mil, e afogaram-se no mar.”

Cármén terminou de ler e abaixou os óculos, seus olhos focados em Clara.

Clara estava com os punhos cerrados, aflita.

“O que dessa passagem lhe preocupa, querida?,” perguntou sua mãe.

“Mãe... aquele homem estava... estava *possuído*... por vários demônios. Eles faziam ele andar pela cidade todo louco, imundo... tentaram prender ele com correntes, mas os demônios eram fortes demais e elas não aguentaram, ninguém podia acalmar o homem.”

“Mas Jesus ajudou o homem, Clarinha.”

“Mas mesmo assim mãe. Ele perdeu o corpo... perdeu o corpo para aqueles demônios. Eu sei que você vai falar que é mentira, que essas coisas não existem,

mas eu *sei* que existem.”

“Aé? E como sabe disso querida?” perguntou Cármen com um aperto no coração.

“Porque tá na Bíblia e a professora disse que tudo o que está na Bíblia é verdade. Mas quando eu fui perguntar para ela sobre os demônios, ela disse que não existem! Ela estava me enganando, mentindo pra eu não ter medo! Eu... eu sei a verdade e ela ela...”

Os olhos de Clara encheram-se de lágrimas.

“Mãe. Estou com medo.”

“Vã rog, preste muita atenção no que vou dizer.”

Cármen pegou as mãos da pequena Clara.

“O bem e o mal são lados da mesma valutã, moeda, entenda isso. Se acredita em um, tem que acreditar no outro. A maioria das pessoas não entende isso. Ou preferem ignorar. Mas, você, Clarinha, é uma menina muito especial e descobriu isso sozinha.”

Inclinou-se para que seus olhos se nivelasse com os da pequena.

“Mas não precisa ter medo, o bem sempre ganha no final, pode ter certeza querida.”

Clara levou um susto com uma batida na porta.

“Clara, tudo bem aí dentro?” perguntou Lina. Ela perdera completamente a noção do tempo. Guardou as coisas na mochila e saiu com pressa do lavabo, quase esquecendo de apagar a luz.

Caminhou alguns passos, ainda perdida na imensidão do casarão.

“Lina?” Clara chamou um tanto tímida.

“Aqui na cozinha Clara! Estou preparando algo pra gente comer.”

Ela caminhou em direção à voz, mas seus passos foram diminuindo conforme Clara foi observando os detalhes da sala de estar. Nunca vira uma casa tão

arrumada e aconchegante. Um sofá enorme, creme, estava encostado no fundo, uma mesa de jantar de mármore com lugar para doze pessoas enfeitava o centro da sala. Parecia que estava em um dos programas de televisão vendo o lar de um artista famoso. Mas Frederico Unschuld era famoso, pensou. Pelo menos aqui na região de Novo Triunfo, isto é. Todos o conhecem, seja pelo bem ou pelo mal. Clara então reparou nos quadros que estavam pendurados no corredor conectando os dois espaços. Perdeu-se nos detalhes impressionantes das pinturas.

“Clara?” chamou uma voz da cozinha.

Clara abriu a porta de correr e seus olhos se arregalaram. A cozinha era enorme, talvez a maior que já tivesse visto, com uma ilha central de granito verde Ubatuba, com uma ampla janela com vista para a praça principal da cidade.

Lina estava de costas para ela, fatiando concentrada na bancada.

“Precisa de ajuda?” perguntou Clara, aproximando-se da ilha central.

Parou de repente, congelada, seu coração disparando.

O brilho da lâmina afiada reluziu na mão de Lina.

Clara engoliu em seco. Não era qualquer faca de cozinha. Assemelhava-se mais a uma guilhotina e pareceu ser exagerada para a tarefa que estava sendo utilizada.

Clara escutou o barulho da lâmina contra a tábua de madeira.

Aproximou-se, seu estômago revirando um pouco.

Tum.

“Pensei que tivesse acontecido algo com você lá dentro, ma chérie.”

Tum.

“Eles já devem estar chegando a qualquer momento.”

Tum.

“Ainda bem que você decidiu ficar para terminar o trabalho, vai ser rapidinho, você vai ver.”

Tum.

Lina virou lentamente para Clara e contemplou seu vestido branco de renda. Suas sobancelhas arquearam-se.

“Nossa, Clara! Como você está diferente. Menina! Olha só para você!”

Lina segurou a risada, fingindo lamber os dedos. Achou que Clara estava patética naquele vestido de segunda mão. Parecia mais um croquete de carne enrolado em renda branca.

“Você aceita um pedaço de morango?” perguntou Lina com a faca ainda em mãos.

2

Todos correram para fechar as janelas do antigo casarão N°42 na Rua Coronel Marcelo Schmidt. As janelas venezianas batiam com estrondo nos batentes de madeira enquanto o vento rugia, anunciando a chegada brusca da tempestade. A porta da cozinha escancarou-se de repente e a cadeira de balanço, na varanda, oscilava como se houvesse alguém sentado. Era como se o velho casarão alemão tivesse adquirido vida própria.

Da sacada do segundo andar, Clara observou os grossos pingos de chuva reverberarem no concreto escaldante da rua, criando uma pequena névoa que se levantava no ar. As árvores curvaram-se diante das fortes rajadas como se reconhecessem a soberania da ventania enquanto a praça, deserta, encobria-se com uma fina camada de vapor e assim, Novo Triunfo pareceu ter sido engolido por um nevoeiro.

Sentiu um arrepio.

Clara desejou que a chuva não continuasse por muito mais tempo, e não sabia como voltaria para casa caso persistisse. As torrentes de verão podiam ser imprevisíveis e se a chuva aumentasse, ela estaria ilhada em pouco tempo.

Clara desceu as escadas, sentindo com as mãos na parede a vibração do temporal lá fora. Na sala de estar, encontrou o resto do grupo reunido. Mélanie conversava com Felipe sentados no sofá bege e Lucas estava na mesa, terminando de escrever sua parte do projeto. Por mais que tivesse adiantado ontem, ele ruminou sobre o que ainda faltava fazer. Olhou para o relógio e se deu conta de que não se livraria dos outros tão cedo quanto esperava. Bufou, sua cólera pela linha do tempo de literatura crescendo em seu interior. Simplesmente não entendia para o que essa merda iria servir.

Lucas sentiu então a presença de Clara chegando mais perto. Endireitou-se na cadeira e segurou o lápis com ainda mais força. Fingiu escrever, mas estava na verdade se concentrando de esguelha naquela figura toda branca que caminhava em sua direção.

De repente, a sua ira diante do trabalho pareceu insignificante.

Ela podia ter fodido legal com a gente, remoeu ele por dentro. Era verdade que o babaca do diretor José Ricardo tinha falado até mesmo em expulsão para aqueles que fossem pegos fazendo qualquer brincadeira remotamente parecida com qualquer variação de *O Jogo Dos Espíritos*. O fato era que Lucas nunca havia feito nada para Clara, nem sequer levantado um dedo para prejudicá-la. Nada. Mas, não, agora a coisa era pessoal.

Você foi mexer com o cara errado Olho-Roxo e vai pagar caro por isso.

Lucas olhou feio para Mélanie e Felipe que conversavam no sofá. Sentiu seu pulso acelerar.

“Ô cambada de vagabundo! ’cês querem fazer o favor de parar de jogar conversa fora e se mexer e terminar a porra da linha do tempo?,” explodiu ele. Sentiu que estava prestes a perder o controle e respirou fundo tentando se acalmar. Tudo havia dado errado hoje e não via a hora de estar sozinho com Lina.

“Não aguento mais essa merda de trabalho,” bufou, confessando.

“Ei, a *minha* parte já está pronta. Foi *você* aí que ficou enrolando, lá no quarto, com a Lina por mais de hora,” Mélanie retrucou, esboçando um sorriso amarelo, “sei lá o que vocês dois estavam fazendo...”

Conversando, sua puta, o que você acha?, respondeu Lucas em seu pensamento.

Mélanie voltou a conversar com Felipe como se nada tivesse acontecido. Lucas, fervendo por dentro, folheou o livro de Literatura quase rasgando as páginas. Não conseguia encontrar o que queria. Estava tão afundado em sua tempestade interior e concentrado nos seus pensamentos que Lucas não escutou o arrastar da cadeira ao seu lado e deu um pulo, quando ouviu uma voz.

“Deixa que eu te ajudo.”

Clara estava sentada toda tímida na cadeira próxima dele.

“O que você está procurando?” perguntou ela.

“Sobre Castro Alves, mas não consigo achar esse filho da puta em nenhum lugar.”

“Castro Alves é da terceira geração romântica, não vai encontrar ele no Classicismo...” respondeu ela sem graça. “Era conhecido como poeta dos escravos, escreveu *Espumas Flutuantes*. Lembra? Tivemos uma aula só sobre ele.”

Lucas resmungou um *obrigado* entre os dentes e abriu o livro na seção que ela havia indicado.

Clara ficou sem saber o que fazer.

“Essa é sua parte escrita?” indicou ela com o dedo.

Ele assentiu com a cabeça.

“Posso dar uma olhada. Se você quiser, é claro. E te ajudar a terminar de escrever.”

“Todo seu,” respondeu, não conseguindo disfarçar seu tom irônico.

Clara passou a mão pelos longos cabelos enquanto lia a folha de fichário, tentando ignorar o fato de que ele a encarava. Lucas engoliu sua raiva que estava crescendo e teve vontade de enforcar aquele pescoço moreno dessa *ciganinha de merda* e de sentir ela sufocando sob suas mãos.

Quem ela pensa que é? Alguém tem que dar uma lição e botar ela no lugar que ela pertence, fulminou em pensamento. Sentiu então um nojo, uma repugnância que ardeu na boca de seu estômago e fez ele franzir o nariz. Lucas começou a bater o pé silenciosamente no chão, esperando impaciente que ela terminasse de ler.

“Ah... melhor escrever isso assim, olha.”

Clara começou então a reescrever um dos parágrafos, riscando os termos desnecessários e tornando a linguagem mais simples e direta.

Lucas mordeu os lábios.

Por mim, eu arrancava a verdade dela é agora mesmo, vomitou ele por dentro. Bastaria colocar a cigana contra a parede. Ela abriria o bico e admitiria que foi ela o dedo-duro.

Mas, não.

Lina.

Lina tinha seu jeito de fazer as coisas. Tinha que ser sempre do jeito que ela queria e do jeito que ela planejava. Lucas enfureceu-se. E até agora, nenhum movimento da parte de Lina para tentar descobrir se de fato fora Clara, ou não, a dar com a língua nos dentes.

“Me fala o que você acha,” Clara disse, empurrando de volta a folha para ele.

Lucas leu contrariado. Ficou possesso quando teve que admitir para si mesmo que estava muito melhor assim e que Clara, apenas em alguns segundos, concertara o que ele havia demorado mais de quinze minutos para escrever.

“Saqueei....valeu.”

Lucas levantou-se, deixando Clara sozinha na mesa e foi fumar seu já atrasado cigarro da tarde na varanda. O ventou uivou quando ele abriu a porta de correr de vidro.

Os cabelos de Mélanie esvoaçaram no rosto de Felipe.

“Feche isso daí Lucas!” vociferou ela.

Lucas segurou sua língua. Fechou lentamente a porta e ficou lá fora, do outro lado do vidro, com o cigarro na boca, mirando Clara com ódio.

Enquanto Mélanie arrumava seu cabelo ainda irritada com o que Lucas tinha feito, a sala mergulhou em silêncio e o único som era a chuva caindo lá fora na rua. Clara

voltou para seu lugar, no outro lado da mesa, e começou a escrever concentrada, querendo terminar o trabalho o mais depressa possível antes de que as ruas comesçassem a alagar.

Mélanie olhou para os lados e não viu Lina em nenhum lugar. Sorriu e cutucou Felipe.

Sussurrou algo no ouvido dele, ambos riram como se tivessem escutado uma piada.

Clara levantou os olhos para ver o que tinha acontecido. Sua orelha não precisava ficar vermelha para saber quando estavam falando dela.

Mélanie olhou diretamente para Clara e continuou a falar algo na orelha de Felipe, só que agora, estava com a mão na frente, como se quisesse esconder o que fazia.

Clara continuou com os olhos fixos na folha de fichário, tentando ignorar o que lhe saltava na visão periférica, chamando sua atenção. Sentiu-se desconfortável e exposta. Queria ir embora. Percebeu quando os músculos de seu rosto começaram a repuxar. Engoliu o choro, suas pálpebras ficando mais pesadas.

Estava bom demais para ser verdade, pensou ela.

Mélanie percebeu que isso não seria suficiente para atrair a atenção de Clara e sentiu-se frustrada por não ter provocado alguma reação nela. Lambeu os lábios, tentando pensar em algo diferente. Passados alguns breves segundos, ela abriu um sorriso malicioso e chegou ainda mais perto de Felipe para contar sua nova ideia.

Felipe escutou atento, sua boca retorcendo com entusiasmo.

Ele levantou do sofá e aproximou-se de Clara, sentando na cadeira ao seu lado. Clara fingiu não perceber o movimento e continuou escrevendo. Mélanie observou Felipe com a mais inocente curiosidade, não sabendo o que ele iria improvisar. Felipe debruçou-se sobre a mesa e ficou contemplando Clara com um olhar forçosamente apaixonado. Queria ver quanto tempo ela aguentaria, fingindo que os estava ignorando, ou quanto tempo ela demoraria para cair no choro.

Ela é boa nisso, pensou ele.

Clara terminou de rabiscar palavras aleatórias e não conseguiu escrever mais. Escrever frases soltas e desconexas era mais difícil do que imaginava, ainda mais sobre pressão. Sua vontade era de largar tudo e sair correndo ir para casa. Clara

sabia que uma vez que Felipe começasse, não havia santo que o fizesse parar com suas piadinhas de mau gosto.

Felipe chegou ainda perto com aqueles olhos vidrados, segurando-se para não rir. Clara sentiu então o calor dele fungando em seu pescoço e um cheiro inconfundível de álcool em seu hálito tomou conta do ar.

“Clara... meu docinho roxo, olha pra mim, vai. Olha pra mim,” disse Felipe, forçando em um tom de mel.

Mélanie deitou no sofá de tanto gargalhar e com a almofada, tentou abafar o som que produzia.

Clara ignorou Felipe e nem sequer levantou a cabeça quando ele chegou perto. Continuou fingindo não prestar atenção.

“*Ownnnnnnn* minha amorinha, não vai dar nenhum beijinho no seu amor?” disse ele, fazendo biquinho e dando pequenos beijos no ar.

Realmente ela é boa, pensou ele frustrado.

“Não faz assim comigo, minha berinjelinha...”

Com suas mãos gordas, Felipe começou a sentir o cabelo de Clara, entremeando os longos fios em seus dedos.

“Ô Maria da Penha, não me despreza não amorzinho, não sou que nem seu último marido...” disse ele com sua voz melosa.

Mélanie jogou a almofada para o ar. Sua risada histérica ecoou pela sala.

Felipe puxou de leve o cabelo dela, forçando seu rosto a olhar para ele. Com seu dedo melado, ele acariciou a mancha de nascença de Clara, perdido na fina textura que descobrira ao toque. Uma lágrima escorreu no rosto da garota, deixando um rastro triste em sua pele.

“Vai amorzinho, fala do que você curte... do que te excita... do que te dá tesão... é só dizer que eu t...”

E de repente, Felipe recebeu um tapa fortíssimo no rosto, pegando-o desprevenido. Deu um pulo para trás, quase se desequilibrando da cadeira, como se lhe tivessem

jogado um balde de água fria. Chacoalhou a cabeça, não compreendendo o que tinha acabado de acontecer.

Sua bochecha esquerda ficou da cor do mais vermelho pimentão e sentiu o gostinho metálico de sangue.

“*Mas que porra...*” começou ele, surpreso.

Mélanie estava boquiaberta, em choque, simplesmente não conseguia acreditar no que acontecera.

Clara não se moveu um único milímetro. Continuou de olho na folha de fichário como se nada tivesse acontecido. Enxugou as lágrimas sem desviar o olhar.

Lina estava atrás de Felipe, sua mão ainda ardendo com o tapa que acabara de lhe dar. Ela respirou fundo e concentrou-se nessa queimação que estranhamente a tranquilizava.

“Felipe, quero conversar com você. Lá em cima. *Agora.*”

Seu rosto permaneceu neutro.

Felipe acariciou sua bochecha quente sentindo ainda o latejar da dor. Seus olhos estavam em chamas. Mas sabia que era melhor não retrucar.

Lina fez um gesto, indicando as escadas e com os olhos disse para que fosse na frente. Ele começou então a subir os degraus, seu passo batendo forte na madeira, tanto por causa de seu peso como pela raiva que sentia.

Lina deu um aperto de leve no ombro de Clara enquanto passava e contemplou Mélanie com o mais profundo desprezo.

Lina pegou Felipe pelo cangote e o empurrou contra o armário como se fosse uma boneca de pano. Ele relinchou de dor quando um puxador bateu contra suas costas.

A tempestade abafou o som. Os olhos de Lina estavam em chamas naquele quarto escuro.

“O que você acha que está fazendo, hein!? HEIN!” gritou ela.

Felipe retorceu o rosto tanto quanto pôde, mas Lina estava tão perto que sentiu seus ouvidos zumbindo com o grito. Estavam tão próximos que o nariz dela roçou-lhe o rosto.

“Você me dá nojo!” disse Lina com desprezo e soltou Felipe que caiu estrebuchado no chão com todo seu peso.

Lina deu-lhe um pontapé forte na barriga.

Felipe relinchou de novo. Sua boca abriu e fechou várias vezes. Não conseguia respirar. Sentiu como se estivesse prestes a sufocar.

“Deixa eu te falar uma coisinha,” disse ela, ajoelhando-se ao lado dele.

Lina puxou aquele cabelo seboso para que o rosto dele ficasse inclinado. Bateu forte sua nuca contra o armário e o manteve sua cabeça lá, prensada contra a madeira. Ela esfregou-se contra a orelha suada dele e aproximou sua boca como quem quisesse lhe contar um segredo.

Um clarão tomou conta do quarto e os dois ficaram cegos por alguns segundos quando um raio iluminou a paisagem. Mesmo fechada, a forte tempestade batia contra o vidro da janela, implorando para entrar.

Lina sentiu algo por dentro que não conseguia explicar. Uma energia, uma vitalidade que a consumia, ardendo em seu ser. Parecia ter esperado sua vida inteira para esse momento.

“Quem é *você* para falar da Clara...” cuspiu ela.

Felipe tentou socar Lina, mas, sorrateira, ela desviou e lhe deu um outro tapa na cara. Lina sorria de orelha a orelha. Felipe não entendia o que estava acontecendo, nunca vira Lina assim. Sempre fora tão amigável com ele, tão cordial que tudo parecia ter vindo de um sonho. Tinha que ser.

O quarto vibrou com o estrondo do trovão.

Felipe percebeu que suas chances de resistir Lina eram ínfimas e resolveu então fugir pela porta como um animal acuado pelo predador. Péssima escolha. Lina colocou o pé na frente e o desequilibrou, fazendo ele voltar ao chão.

De bruços e sem ar, Felipe sentiu sua língua mordida esguichar sangue em sua boca. Contorceu-se, fazendo o máximo que podia para levantar, mas terminou apenas arranhando o piso.

Lina montou Felipe como um grande porco. Sentiu o deslizar dos oleosos fios negros em sua mão, enquanto puxava o cabelo dele para trás.

Ele tentou gritar por socorro.

“*Não, não, não.* Sem gritar, porquinho.”

A voz de Lina manteve-se inalterada.

“Você lembra desse seu apelido na quinta série? Lembra, hein, *oinc-oinc*?”

Felipe resmungou algo com a boca cheia de sangue.

“Não escutei, balofo,” disse ela.

Ele resmungou de novo, engasgando dessa vez, e produziu um som algo parecido com um *sim*. Felipe começou a soluçar, seu rosto desesperado.

“Fui eu – *EU!* – que te salvei lembra?! LEMBRA?! Todo mundo tirava sarro de você e se não fosse por mim – *por mim!* – você estaria junto com a Clara hoje na cambada dos excluídos!”

Lina bateu forte o rosto dele no chão.

“Acha que tá grandinho, é, bebezão!” Lina disse, esfregando-o ainda mais forte contra o piso.

“Agora você foi longe demais!” gritou ele desesperado, no meio de seus soluços.
“Não vai se safar dessa!”

“Acha que é um homem é?” retrucou ela.

“Você é doida, *doida!* Tenho que chamar a polícia! *Socorro, alguém me ajuda!*”

Lina sorriu e levantou de cima dele. Quando Felipe ficou de quatro, tentando fugir, ela puxou e, em uma só levada, tirou a bermuda e a cueca dele.

Ela deu um pontapé e Felipe caiu de lado com um som abafado, banha contra a madeira. Lina pegou sua câmera de celular e começou a filmar.

“E isso aí que você chama de homem?” berrou ela e apontou rindo para o pênis cumprido e fino de Felipe.

Primeiro Lina escaneou o corpo suado seminu dele com o celular. Felipe olhou incrédulo para a câmera. Depois, ela virou o celular para si mesma. Fez-se silêncio no quarto, o único barulho de fundo era a chuva batendo contra a janela. Lina fechou os olhos, precisava de concentração para o que viria a seguir.

E foi assim que ela transformou-se na frente dele, como se uma nova pessoa tivesse tomado o lugar dela na cena.

Lina cobriu em agonia a boca com a mão e enrugou o rosto.

“*Socorro, socorro!*” A voz de Lina foi abafada pela forte tempestade. “Felipe enlouqueceu, ele está bêbado! Me ajudem! Me ajudem! Ele tentou...”

Lina estava soluçando aos prantos.

Felipe fora pego tão de surpresa e talvez por isso e por causa do álcool em seu sangue, ele não conseguiu sair do lugar.

Que caralhos ela está fazendo?, pensou ele.

“Tentou me estuprar!”

A boca de Lina abriu-se em desespero, saliva grudando-lhe os lábios semiabertos: “*Me ajudem, por favor...*”

Lina jogou o celular em cima da cama.

Levantou-se, calma, como se nada tivesse acontecido e desligou a função da câmera.

Aproximou-se de Felipe. Sentou em cima de suas pernas. Agarrou firme seu pênis flácido e torceu-o, mais de trezentos e sessenta graus. Abafou o grito enlouquecido

de Felipe com a outra mão.

Nivelou seu olhar com o dele.

“Se já não fosse o suficiente mostrar para o mundo todo esse seu *bilauzinho*, tenho aqui gravado - depois de editado, é claro - a sua falha tentativa de estupro.”

Lina aguardou um pouco em silêncio. Felipe engoliu em seco.

“Estava tão bêbado e tão bravinho comigo pelo tapa que eu te dei na frente de todo mundo que você resolveu tentar tirar vantagem da pobre Lina.”

Ela pegou a bochecha dele e apertou.

“Mélanie e Clara estão de prova de quão irritado você estava quando subiu as escadas e *eu* tenho provas,” disse ela balançando o celular, “da sacanagem que você tentou fazer comigo.”

Lina arqueou seu pescoço para trás e soltou uma gargalhada gutural.

“Mas estava tão, mas tão bêbado que acabou brochando... *ownnn* coitadinho... e apanhou de uma menina.”

Lina levantou-se e andou até a janela do quarto. Ficou admirando o tempo lá fora. A rua já estava inundada. Não era novidade para ela que o sistema de drenagem de Novo Triunfo era uma verdadeira porcaria.

“Bem,” começou ela, “não importa como essa sua história saia. Ou o que você tente dizer. A verdade é que, mon cher, você está fodido de todos os jeitos.”

Felipe observou Lina com seus olhos arregalados em espanto, ainda não conseguindo acreditar no que estava acontecendo.

Lina virou de costas e desenhou um coração no vidro embaçado.

Mais um raio iluminou o quarto escuro.

E por alguns minutos, ficaram os dois quietos, sem trocar uma só palavra.

“O que... ” Felipe começou a dizer, mas se engasgou, sua voz estava trêmula. “O que você quer... em... em troca do vídeo?”

Lina apagou com o punho o coração que desenhara na janela embaçada e com um sorriso doce no rosto, virou para falar com Felipe.

4

A tempestade continuava violentamente lá fora. Pequenas correntezas nas ruas do centro da cidade já indicavam que uma enchente, daquelas como nunca se viu, estava prestes a se formar. Não se escutava nenhum outro barulho além do sonoro ruflar da chuva. Nada. Nem o sino da Igreja de Nossa Senhora do Novo Triunfo que acabara de indicar as sete horas da noite.

Várias ruas da pequena cidade estavam em estado crítico, em especial na zona norte, onde a precária infraestrutura obrigava agora muitos residentes a retirarem seus pertences de casa. A barrenta enxurrada invadia sem dó suas portas.

“Queria pedir desculpas por aquele idiota do Felipe.”

A voz de Lina soou abafada na varanda.

A cadeira de balanço oscilava ao vento indiferente à conversa das duas garotas.

Clara assentiu com a cabeça. Nunca, em nenhum momento de sua vida, alguém lhe defendera daquele jeito, com aquele vigor todo.

“Melhor assim, ele não vai mais te azucrinar, disso pode ter certeza.”

A não ser que eu peça, corrigiu-se em seus pensamentos.

Lina colocou a mão no ombro de Clara e sorriu. Ela sorriu de volta.

“Nunca vou poder te agradecer pelo que você fez,” Clara disse olhando para o piso. “Ninguém jamais me defendeu assim. Não mesmo. Você foi a primeira pessoa que ...”

“Qualquer um teria feito isso,” interrompeu Lina. “Sério. Aquilo não era qualquer brincadeira. Felipe passou dos limites, perdeu a noção. E a Mélanie então?”

Mélanie. Como é que ela ficou ali só observando e não fez nada? Ninguém merece passar por isso. Ninguém.”

Clara corou. Desviou o olhar e sentiu que seus olhos estavam ficando molhados.

“Clara? Está tudo bem?”

Lina aproximou-se de Clara, colocando a mão em seu ombro.

“É... é tão difícil, tão difícil lidar com tudo isso, todos os dias. Não importa o lugar, não importa se é aqui na zona sul ou lá na zona norte, sempre vão fazer algum comentário, alguma brincadeirinha besta! E eu... me sinto...”

Clara parou no meio da frase, sua garganta fechada. Tentou conter o choro.

“Me sinto um... um verdadeiro lixo.”

Lina abraçou Clara que começou a soluçar em seu pescoço. Lina acariciou sua cabeça, sentindo o cheiro do xampu dela de lavanda.

“Pronto, pronto. Não precisa chorar. Felipe é um idiota, sério, esquece isso.”

Lina molhou os lábios. Viu o pescoço de Clara pulsando e mórbida, imaginou o sangue circulando. *Não.* Jorrando pelo corpo. Lina trocou de posição, meio que desorientada. Teve que segurar seu impulso de esganar aquele pescocinho moreno.

Clara limpou as lágrimas e ficou observando a chuva. Suspirou. A praça principal estava tomada pela água e uma forte correnteza na frente do casarão corria em direção ao bueiro. Não quis pensar em como voltaria para casa. Não com o que tinha acontecido.

“Clara, quer saber, vou te contar um segredo.”

Lina sorriu.

“Não aguento mais os meninos da nossa sala...”

Bufou.

“São tão imaturos, sabe? Até mesmo o Lucas.”

Lina observou a expressão dela quando disse esse nome.

“*Especialmente* o Lucas.”

Clara arregalou os olhos surpresa. Não conseguia acreditar que Lina Unschuld, *Lina Ó-Meu-Deus Unschuld* estava desabafando, sim, com ela. Clara sentiu seu coração encher de emoção.

“Acho ele... hum... tão escroto às vezes. Como daquela vez que ele brigou com Manoel na aula de Educação Física. Sabe, é muita escrotice para uma pessoa só. Nem sei por que estou com ele pra falar a verdade.”

Os olhos de Clara brilharam.

“Tá. É verdade que ele é bonitinho e tudo mais e, às vezes, é romântico, tenho que admitir, mas estou é de saco cheio dele. Só não sei como falar isso pra ele, sabe.”

“Pensava... eu pensava que você gostava mesmo dele,” disse Clara.

Lina colocou o braço por cima de Clara.

“Ma chérie, como você estava enganada. Olha só como as aparências enganam. Se não sempre, pelo menos na maioria das vezes.”

Lina sorriu para Clara, saboreando a ironia do que dissera. Clara relaxou, aproveitando esse momento único e esquecendo das outras coisas.

“Mas tem tempo que você está assim desse jeito com ele?” perguntou Clara, um tanto tímida.

“Faz,” Lina balançou a cabeça, “já faz tempo que me sinto assim. Mas toda vez eu falo pra mim mesma: só mais uma chance. Só mais uma! E lá vem Lucas fazendo as escrotices de sempre. Quer saber? Como eu fui tola! Tola por ter me envolvido e ficado tanto tempo com ele. Com ele e seus amigos babacas.”

Clara coçou o queixo, tentando pensar em algo para dizer.

“Estou tão, mas tão *puta* com ele. Você não tem ideia!,” disse Lina, jogando as mãos para o ar em um gesto. “Por isso, que antes, fiquei trancada no quarto com ele. A gente tava discutindo.”

Lina entristeceu suas feições.

“Mas a gente não consegue controlar o coração, sabe. Ainda estou apaixonada por ele, não tenho como explicar. E a verdade era que estávamos discutindo por causa de algo tão besta...”

Um raio iluminou o céu de Novo Triunfo. Clara deu um passo para trás, assustada.

“Tão besta que tenho até vergonha de contar. Mas se o Lucas estiver mentindo para mim, daí chega, não aguento mais.”

Lina suspirou e sacudiu os ombros.

“Você parece cansada, Lina.”

“E como!” completou ela, apoiando os cotovelos no corrimão da varanda.

Ficaram em silêncio, as duas observando a água que escorria em pequenas quatro cachoeiras do teto do coreto na praça principal.

Clara não soube se deveria arriscar e perguntar mais. Olhou de esguelha para Lina, não querendo que ela reparasse.

Com uma coragem desconhecida, Clara tomou a mão de Lina e perguntou:

“Quer me contar o que está acontecendo?”

Lina não virou o rosto e continuou contemplando a vista. Clara, inquieta, não soube o que fazer.

“Desculpa, não foi minha intenção me intrometer...”

Lina virou e abraçou Clara.

“Em todos esses anos, nenhuma das minhas amigas, nem mesmo a Mélanie, me perguntou isso. Sempre querem falar só delas – *só delas!* – como se eu tivesse resposta para tudo!”

Clara relaxou nos braços de Lina. Fazia muito tempo que não sorria do jeito que estava sorrindo agora. Seus longos cabelos pretos esvoaçaram ao vento.

Lina tomou Clara pela mão e sentou com ela no banco estofado na varanda. Clara estava realizada.

“Na verdade eu nem sei se é verdade,” começou Lina. “Foi uma coisa que ouvi hoje de tarde. Achei que era mentira logo de cara mas, aqui dentro, eu não conseguia afastar esse pensamento. Tinha uma pulga atrás da orelha, sabe.”

Lina apertou a mão de Clara.

“O que aconteceu foi o seguinte. Eu sempre soube que o Lucas tratava mal os funcionários da escola, sabe. Que ridículo, né?” disse Lina franzindo o nariz, “eu sei que, às vezes, ele se acha o rei do mundo, rei da cocada preta. Já falei para ele que odeio esse tipo de atitude. Mas se o que eu ouvi for verdade, ele foi longe demais dessa vez.”

Clara arqueou a sobrancelha.

“Já quase dei um pé na bunda dele várias vezes, sabe, mas toda hora eu volto atrás e acabo perdendo. Não deveria estar com ele.”

Clara concordou. Lucas Gianotti era um babaca. Uma garota como Lina merecia algo melhor, muito melhor.

E por esses instantes, Clara Romanush estava feliz. Sentia-se como qualquer outra garota e gostou disso, gostou dessa normalidade.

“Fiquei sabendo que hoje à tarde, antes da aula, ele tratou supermal um funcionário. Foi o Felipe que me disse isso. Disse que Lucas chegou a humilhar o coitado, que saiu correndo até, imagina!”

Clara encurvou-se para frente, para escutar melhor, a chuva se intensificara.

“Mas, não. Lucas negou tudo isso quando confrontei ele. Por isso, sabe, a gente estava discutindo. Foi horrível, você não tem ideia. Ele me acusou de nunca acreditar nele e que eu não tinha confiança nas suas palavras. Mas você pode me culpar?”

Clara acompanhava o monólogo atenta.

“Eu sei que Felipe não é flor que se cheire, mas para ter dito algo assim, ainda mais para mim, que sou a namorada dele, isso quer dizer que a coisa foi realmente feia. E o pior de tudo foi o por que a discussão com o funcionário começou.”

Clara nem piscava.

“Você não vai acreditar nisso. Eles estavam... estava brincando de invocar os espíritos com aquele jogo besta. Ainda mais depois do que aconteceu com aquele menino! Como Lucas pôde fazer isso? Eu sei que é só uma brincadeira, e que não tem um pinga de verdade, mas será que ele não pensou que fazer isso na escola podia meter ele em encrenca? Pelo menos que esperasse para chegar em casa, sabe, quando estivesse longe de tudo isso.”

Lina bufou irritada.

“Daí ele recebeu uma bronca merecida. Só que em vez de pedir desculpas, ele foi pra cima do funcionário que só estava fazendo o trabalho dele! Gente, será que esse menino não tem desconfiômetro?”

Clara fez um gesto, mostrando que não sabia.

“Quis terminar com ele hoje mesmo. Mas na hora, não tive coragem... acho que... que tenho medo, sabe, de ficar sozinha.”

Lina fez uma expressão de desamparada que durou pouco. Seu rosto logo após adquiriu uma outra expressão.

“Queria ser uma mosquinha – *uma mosquinha!* – naquela sala só pra ver quem estava mentindo,” disse Lina com seu dedo indicador estendido.

“Lucas ou Felipe? Sabe, fiquei pensando que Felipe não mentiria algo assim, tão grande. Chame de instinto de mulher, ou de qualquer outra coisa, a gente sabe quando o namorado está mentindo. Quem dera se eu pudesse escutar uma terceira pessoa, uma terceira opinião e ver quem estava mentindo.”

Clara largou as mãos de Lina e sua postura retraiu. Tentou esconder-se dos olhos de Lina, virando o rosto.

“Que cara foi essa Clara?”

“Hum, nada não,” respondeu ela.

Lina colocou as mãos nos dois ombros dela.

“Clara, você sabe de alguma coisa?”

Aqueles olhos cinzas foram ficando maiores e maiores e Clara sentiu como se eles quisessem engoli-la.

“Pode me falar Clara, pode confiar em mim. Depois do que eu fiz com Felipe, quero que você tenha certeza de que estamos do mesmo lado. De que somos amigas agora.”

Clara sorriu amarelo, com medo de contar o que sabia.

“Olha, eu sei que você não quer se intrometer e acha que estará fazendo mal me contando algo ruim dele. Mas posso te garantir que não. Só estará me ajudando, sério, de verdade.”

“Me promete que não conta para ele?,” perguntou Clara indecisa ainda.

Lina fez um gesto.

“Vou levar comigo para o túmulo, ma chérie,” disse ela.

“Eu... eu estava passando por ali naquela hora e ouvi a discussão sim. Realmente Lucas foi grosso com o senhor Joaquim da manutenção. Conheço ele de fora da escola. É uma pessoa boa, do bem. Nunca fez mal para ninguém. Estava só fazendo o trabalho dele, coitado. E ele saiu de lá todo alterado. Olha, eu não sei exatamente o que foi que o Lucas disse, mas Felipe não mentiu quando falou sobre a discussão.”

Lina abraçou Clara, surpreendendo-a.

“Obrigado pela sua honestidade viu, ma chérie?”

Ainda com Clara nos braços, Lina sorriu de orelha a orelha.

“A honestidade vale muito para mim.”

Clara estava quase chorando. Sabia, sabia que o dia de hoje ia ser bom no final das contas. E por um momento, o que tinha acontecido com ela e Felipe pareceu insignificante.

“E você Clara? Vai. Me fala um pouco da sua história. Ai, quer saber? Vamos pular logo para o assunto quente: quem são os meninos mais bonitos do São Tomé!” perguntou Lina bem-humorada, desviando a conversa.

“Acho que tem um do terceiro ano, só não sei o nome...” respondeu ela, desviando o olhar.

“Ah! Já sei de quem você está falando,” Lina exclamou sorrindo.

O som da porta da varanda sendo arrastada interrompeu a conversa das duas meninas. Olharam para o lado e viram Mélanie.

Mélanie foi pega de surpresa pela cena que lhe aguardava. As duas estavam conversando como se fosse melhores amigas. Ela ficou verde por dentro, tão verde como se ácido estivesse escorrendo pelos seus ouvidos.

“Lina!,” exclamou ela em seu melhor tom, “andei procurando você pela casa inteira. Vamos, você não quer entrar? Falta só colar as imagens e fazer o resumo final.”

Era como se Mélanie estivesse ignorando completamente a presença de uma terceira pessoa ali.

Lina voltou-se para Clara e abriu um sorriso.

“*Allons-y?*” perguntou em um tom doce, como se estivesse pedindo sua permissão para se levantar.

Mélanie olhou para aquilo com certo desgosto, parecendo ter areia na boca.

E assim, as três meninas entraram na sala de estar, a porta de vidro rangendo de novo ao ser fechada.

A cadeira de balanço continuou oscilando vazia na varanda. A tempestade continuava castigando Novo Triunfo.

Naquele exato momento, o vulto que tinha lhes observado o tempo todo decidiu que era hora. Entrou no casarão pela porta da garagem e como esperado, a porta estava aberta.

O pânico tomou conta de Clara. Escutava cada batida do seu coração aflito e seu pulso, forte, ecoava em seus ouvidos parecendo um tambor. Tapou a boca para não gritar, mas um som abafado desesperado saiu de sua garganta seca. E de uma hora para outra, não enxergava mais nada. Escuridão completa a engoliu. Aguçou seus outros sentidos, tentando se reorientar. O barulho da chuva caindo distante e o vento batendo nas janelas eram os únicos sons.

Colocou a mão na garganta asfixiada. Sentia falta de ar, parecia que seu peito tinha sido preenchido por concreto. Apavorou-se. Tudo escuro, como se tivessem pintado sua retina de preto. Estava ofegante. Um calor subiu-lhe pelo corpo e sentiu-se tonta, sua pressão estava caindo, caindo.

“*O que foi isso?*” relinchou Mélanie.

Com as mãos ávidas, a garota procurava algo naquele vazio para se orientar. Momentos antes, estava escrevendo e agora, tudo tinha se apagado.

E de repente, uma luz. Estava vindo de um único pequeno foco. Era fraca, mas, aos poucos, os móveis da sala de estar foram aparecendo na visão noturna de Clara.

“Acabou a energia, gente, só isso,” disse Lina com o rosto iluminado pela pequena luz de seu *smartphone*.

Clara gritou. Assustou-se com aquele rosto cujas feições distorcidas pelas profundas sombras retiravam-lhe o aspecto humano.

“Calma Clara,” disse Lina, colocando a mão em seu ombro.

Clara arrepiou-se toda.

“Fica aqui com isso que eu já volto,” disse ela dando seu celular para Clara. “Lucas, me ajuda na cozinha. Se eu não me engano, tem velas numa das gavetas da cozinha. Só não sei onde estão os fósforos.”

Lucas acendeu seu isqueiro, a pequena chama jogando um halo de luz ao redor deles.

“Ótimo, vamos lá comigo então.”

Clara ficou sozinha com Mélanie na mesa. Aos poucos a luz do *smartphone* em sua mão foi lhe tranquilizando e sua respiração estava voltando ao normal.

“Que susto hein?!” disse Mélanie, sua voz soando descontraída agora.

“Pois é,” suspirou Clara.

Mélanie gargalhou, sua risada um tanto histérica ressoando no casarão.

“Não precisa ter medo, não. É só uma chuvinha,” disse Mélanie com ar um tanto esnobe, “afinal, do que você teria medo, não é mesmo?”

Clara confirmou com a cabeça.

“Podemos estar no escuro, mas não há nada aqui que ofereça um perigo, um perigo real pra gente, sabe,” Mélanie disse, tentando soar como Lina, “é só que o escuro prega cada peça na gente, né.”

Clara engoliu em seco.

“E como.”

“Putz, acho que não vai dar para acabar o trabalho agora.” Não havia nenhuma decepção no tom de Mélanie. “Mas também, não faltava muito. Acho que a Lina dá conta de terminar sozinha depois.”

Clara concentrou-se na luz do smartphone. Queria ir para casa. Agora.

Um raio iluminou a sala de estar, dando um choque de realidade em Clara.

“Sabe no que eu estava pensando?” perguntou Mélanie com um sorriso no canto do lábio.

“Que queria ter terminado o trabalho antes?”

“Não. Estava pensando em outra coisa.”

Mélanie fez um silêncio proposital.

“Os bebezões do sétimo ano devem estar cagando de medo agora. A chuva deve ter cortado a energia de toda a cidade. Lembra da cara deles de pânico no auditório? Imagina os que presenciaram a cena ao vivo então. Tenho certeza de que eles estão com o cu na mão agora, sabe, pensando que um demônio está vindo atrás deles.”

Clara apertou o celular com força na mão.

“Imagina só, um garoto maluco virando canibal... estão falando que ele tinha sido... sabe... possuído por um espírito aí,” Mélanie lambeu os lábios, “baboseira, na minha opinião. Todo mundo sabe que o garoto tinha problemas com drogas, coloco minha mão no fogo se ele não aproveitou a situação para se livrar de alguém que não gostava.”

Clara olhou para a cozinha. Sem sinal algum de Lina ou de Lucas.

“*Não fui eu quem matou João Manuel,*” disse Mélanie fazendo voz de falsete. “*Foi o demônio.* Mano, fala sério, qual é a dele? Pensa que vai escapar da polícia com essa desculpa esfarrapada?”

“Você acha mesmo que foi isso que aconteceu?”

Mélanie franziu as sobrancelhas.

“Como assim? Claro que foi. É a única explicação... isto é, a única explicação lógica para tudo isso. Na outra alternativa, só os supersticiosos vão acreditar naquela baboseira toda. É só uma brincadeira estúpida, Clara.”

Clara mudou de posição na cadeira.

“Sim, eu sei. Mas mesmo assim, horrível o que aconteceu.”

Mélanie deu de ombros.

“Ah, sei lá. Se você quer saber a verdade, mais dia menos dia isso iria acontecer. Alguém ia matar uma pessoa ou qualquer coisa do tipo. Afinal, alguma coisa precisa acontecer nesse fim de mundo, nada acontece por aqui mesmo. Pelo menos agora, vamos ter o que contar. A diferença é que ninguém admite isso. Você devia ver a cara das pessoas de fora do colégio, estão espalhando a notícia pra todo mundo. A verdade é que Novo Triunfo inteiro está gostando desse banho de sangue. Só que ninguém tem a coragem de dizer isso.”

Clara considerou o que ela disse.

“E quem sabe vamos ter nossa primeira lenda urbana, hein?” perguntou Mélanie um tanto entusiasmada. “*O canibal de Novo Triunfo.* Já pensou?”

Lina voltou com Lucas da cozinha, forçando Clara a deixar de lado seus pensamentos.

Traziam cada um duas velas brancas. Estavam presas, com um pouco da própria cera derretida, em pires de porcelana. Clara agradeceu quando Lina lhe deu uma e ficou admirando o detalhe da porcelana com relevo no formato de flores.

Lina desligou a luz do celular e encarou os outros três adolescentes sentados na mesa. Agora, cada um com uma vela, estavam admirando a estranheza da situação.

“Mas que coisa hein!?” gargalhou Lina, sua risada ecoando no breu do casarão. Parecia estar tranquila com a situação.

Lucas observou Clara de relance, evitando fazer contato visual muito prolongado. Sua raiva queria explodir do seu peito, mas segurou-se, aguardando como Lina o havia instruído.

“Lina?” disse Clara, tentando chamar sua atenção, “hum, eu acho que já vou indo, melhor, com essa chuva toda, não sei como vou chegar em casa...”

Lina fez uma cara de desapontada.

“Mas, já? Tem certeza Clara? Agora que ia rolar uma festinha, você vai embora?”

Lina pegou Clara de surpresa. Tentou responder alguma coisa, mas terminou por ficar gaguejando.

Lina fez um gesto com a mão.

“Tudo bem, querida, vamos, eu te levo para a frente da casa, não tem problema. Já pegou suas coisas?”

Clara levantou da mesa e murmurou um tímido *até mais* para Lucas e Mélanie enquanto procurava as suas coisas sob a luz de velas. Lina acompanhou-a pelo corredor escuro até o hall de entrada da casa.

O detalhe antigo da porta dupla de carvalho reluziu conforme as duas garotas iam se aproximando. A porta assemelhava-se a uma espécie de guardião do casarão como se guardasse aquela entrada há mais de um século.

Lina colocou a mão na maçaneta, mas não girou. Voltou-se para Clara e disse:

“Espero que tenha aproveitado hoje. E esquece o que aconteceu com o retardado do Felipe, sério mesmo. É uma pena que não queira ficar mais.”

Lina colocou a vela na pequena mesa lateral e tomou as mãos de Clara.

“Clara, está chovendo muito ma chérie, nem sei como você vai esperar no ponto de ônibus com essa água toda. Melhor você pensar bem antes de ir, hein. As ruas devem estar perigosas com o alagamento, lembra de como é que foi ano passado, quando ocorreu aquela enchente brava?”

Clara lembrava-se muito bem. Aquela enchente tinha passado até mesmo em canais nacionais de notícias.

“Aham,” assentiu Clara com a cabeça. Talvez era aquilo que seu pressentimento cigano estivesse lhe avisando. Seria perigoso demais tentar voltar para casa nesse tempo, ainda mais sem energia elétrica. Sentiu um arrepio só de pensar que teria que esperar no ponto de ônibus sozinha no escuro. Um outro pensamento invadiu-lhe a mente. Tinha que esperar no ponto justo em frente do colégio... *talvez um espírito lhe fizesse uma visita...*

“Está perigoso lá fora Clara, vai que aconteça algo com você, já pensou nisso? Olha, estamos sem telefone, mas porque você não liga para a sua mãe com o meu celular e avisa que vai dormir aqui, que tal?”

Lina reparou então na expressão que Clara fez.

“Não tem nenhum problema, nenhum mesmo. Meu pai só chega amanhã, temos a casa só para nós hoje à noite e,” disse Lina como se fosse um cochicho, “e um montão de álcool na geladeira...”

Lina arrancou um sorriso de Clara.

“Então, o que acha?” disse ela, balançando as mãos de Clara como se estivessem na pré-escola.

Clara titubeou por uns instantes, mas terminou cedendo.

“Tá bom, vai, você me convenceu.”

Lina abraçou Clara, a terceira vez do dia, e deu pulinhos para demonstrar sua alegria.

“Eba! Vem, vamos voltar para a sala, essa noite *pro-me-te*.”

Lina conduziu Clara, quase como se estivesse hipnotizada para a sala de estar. A chuva continuava a cair lá fora, sem demonstrar qualquer sinal de que enfraqueceria.

Nesse momento, uma pessoa que dirigia pela Rua Coronel Marcelo Schmidt achou muito estranho o número 42 ser a única casa do quarteirão a estar inteiramente apagada, no escuro total. Talvez o prefeito e a filha estivessem viajando, pensou ele.

6

“Quem disse que não dá para se divertir sem luz, hein?” afirmou Mélanie enquanto enchia o seu copo.

Os quatro fizeram um brinde.

Clara esforçou-se para não engasgar com a vodca que desceu, ardendo, pela sua garganta. Pareceu que seu estômago estava em chamas.

Estavam os quatro adolescentes sentados no chão ao redor de uma mesa de centro. O vidro da mesa refletia a chama das velas na escuridão da sala de estar. O som da chuva mesclava-se com a música de fundo, que saía de um de seus celulares.

“Eu acho que você deveria tomar mais, não é todo dia que temos uma vodca de tão excelente qualidade como essa,” disse Lucas empurrando a garrafa na direção de Clara.

Clara sentia-se leve como nunca havia sentido e derramou um pouco de vodca na mesa quando encheu seu copo até a boca.

Os outros três começaram a bater palmas.

“Vi-ra, vi-ra, vi-ra!”

Clara sorriu e esquentou o peito com uma só virada. Dessa vez, não ardeu tanto. Ela começou a virar a cabeça de um lado para o outro, sentindo quão estranho era

essa sensação. Parecia que seus olhos não acompanhavam o movimento e era como se as coisas que via tivessem ficado para trás. Estava muito desorientada e não conseguia levantar-se sem tudo girar. Mas não deu a mínima importância.

Lina contemplou Lucas e seus olhares cruzaram-se.

Estava na hora, sabia disso.

“Já sei o que a gente podia fazer!” disse Lucas, forçando sua melhor voz de entusiasta nato.

Lina teve que admitir que Lucas era bom disfarçando suas emoções, não tão bom quanto ela, é claro, mas acima da média. Mordeu os lábios. Sentiu uma vontade de dar uns amassos nele, mas isso teria que esperar. Precisava focar em coisas mais importantes agora.

“Mas não sei se vocês topam...” continuou ele.

“Fala logo! Desembucha Lucas, antes que sua namorada morra de tanto rir aqui do lado,” disse Mélanie, apontando com o dedo para Lina.

“A gente podia brincar da brincadeira do compasso!” exclamou ele.

Lina ao escutar isso, levantou na hora e arregalou os olhos. Parecendo uma verdadeira pinguça, ela estendeu os braços e fez um *Sim!*.

“E vocês, topam?” perguntou ele.

Mélanie concordou, mas Clara ficou séria de repente. Lucas ignorou o silêncio dela.

“Então fechou, galera. Vou pegar lápis, compasso e um papel e daí a gente joga,” disse ele erguendo um copo para mais um brinde.

Clara esforçou-se para engolir essa tragada. Era sua impressão ou o quarto tinha ficado mais quente?

“*Para tudo!*” exclamou Lina sem aviso.

Clara assustou-se e deixou cair um pouco de bebida em sua roupa. Demorou para sua visão ajustar-se ao virar a cabeça.

“Lina? No que é que você está pensando?” disse Mélanie com a voz rouca.

“Tive. A melhor. Ideia. *Ever*.”

Mélanie relaxou quando viu que estava tudo bem com sua amiga.

“Sei de um lugar perfeito – *perfeito!* – pra gente jogar esse jogo. Mas só se vocês não se cagarem de medo...” Lina deixou a frase no ar.

Ela e Clara aproximaram-se devagar, como se o que Lina estava prestes a contar fosse um segredo.

“É o lugar que tipo eu estou pensando que você está pensando?” perguntou Lucas, agarrando Lina pela cintura.

Ela balançou a cabeça e murmurou baixinho:

“É sim, gatinho.”

Lucas puxou o cabelo de Lina para trás e lascou-lhe um beijo intenso. Mélanie jogou o resto de sua bebida no casal, atíçando-os.

“Fala, fala, fala!”

Clara sentiu seu estômago revirar, a bebida começando a causar desconforto. Deveria ter comido algo antes de beber.

“Tá bom vai, eu vou contar,” começou Lina, sua voz soava quase como um sussurro e os demais apuraram os ouvidos. “Vocês sabem que essa casa em que estamos é bem velha, correto? Está na minha família há mais de três gerações. Foi construída e reconstruída várias vezes desde que a pequena colônia alemã se estabeleceu aqui.”

Clara agitou sua bebida no copo, com medo do que viria a seguir. Lina esperou em silêncio para que suas informações decantassem no ambiente.

“A última vez que foi reformada, durante a ditadura, uns quarenta-cinquenta anos atrás, meu avó decidiu agregar um novo cômodo na casa. Minha avó vivia dizendo que meu avô tinha ficado louco nisso tudo. Que tinha pirado de vez, sabe. Nessa época, Novo Triunfo passava por diversas transformações. Todo mundo sabe que eram tempos difíceis aqueles e que ninguém sabia em quem confiar.”

Lina fez uma pausa, bebendo mais um gole de vodca.

“Fala logo mulher, não estou mais aguentando,” exclamou Mélanie.

“Tudo ao seu tempo, ma chérie.” Lina abriu um sorriso. “Vocês conseguem imaginar que cômodo foi?”

Lucas abriu a boca para falar.

“Você não conta Luquinhas, já sabe.”

Mélanie coçou a cabeça. Clara segurou forte o copo em sua mão. De alguma forma, seu ser interior já sabia qual cômodo seria, mas era apavorante demais para dizer em voz alta.

“Um porão.”

Mélanie franziu as sobrancelhas.

“Uma casa com porão, qualé? Vai falar que tinha o quê, monstros lá embaixo ou coisa do tipo?”

“Antes fosse,” respondeu Lina séria. O sorriso de Mélanie murchou de imediato. “Antes fosse.”

Clara largou o copo com medo de quebrá-lo.

“Muita gente foi militar naquela época. Meu avô era um deles e acabou ocupando um cargo político aqui na cidade. O que pouca gente sabe é que o trabalho dele era outro... existe um boato por aí que meu avô era um dos torturadores, sabe, e usava esse mesmo cômodo que a gente está falando para...” ela falou bem baixo agora, “arrancar a verdade custe o que custasse.”

Mélanie bufou.

“Conta outra vai Lina.”

“Se não acreditam, tudo bem, nunca ninguém conseguiu provar nada do mesmo jeito. Mas estejam todos avisados.”

“Você está falando o quê? Que o demônio que possuiu aquele garoto vai ser atraído pelas maluquices que seu avô fazia no *dark room* dele?”

Lina riu.

“Quem sabe?” disse ela dando uma piscadela para Mélanie. Todos descontraíram, menos Clara que estava paralisada de medo.

“Vão encarar? Fechou então?” perguntou Lucas.

“Fechadíssimo,” respondeu Mélanie e foi em direção à cozinha com ele.

Lina pegou Clara pelo braço e a conduziu pelo corredor. Chegou bem perto de seu ouvido e disse:

“Essa noite promete.”

Clara ficou sem reação e suas pernas bambas simplesmente seguiram o comando. Chegando na cozinha, Mélanie e Lucas esperavam cada um com sua vela na mão. Lina apontou para a dispensa.

Lucas abriu a estreita porta de madeira no fundo da cozinha. Sua testa enrugou em confusão. Era uma dispensa como qualquer outra, com quatro andares de prateleiras cheias de condimentos e enlatados. No chão estava uma caixa de papelão, com algo rabiscado na frente. Antes que pudesse dizer alguma coisa, Lina fez um gesto e Lucas se calou.

Abriram espaço.

Lina puxou a caixa e arrastou-a para longe da dispensa.

Estavam diante de um alçapão.

Eram quase dez horas da noite.

De onde estavam agora quase não se ouvia mais a chuva. O único som era do silencioso crepitar das quatro velas acesas. A escada de madeira era estreita e pareceu ir até os confins do mundo enquanto desciam devagar. Para não pisar em falso, tiveram que se apoiar nas paredes de tijolo. Clara sentiu uma fina areia que descamava ao toque, sujando sua mão, e não conseguia explicar, mas algo lhe dizia que aquela estrutura parecia ser bem mais velha que da época da ditadura.

O cheiro de mofo a cada degrau foi ficando mais forte, invadindo as narinas e era como se tivesse tomado conta da alma. O porão estava fechado fazia tempo e Frederico Unschuld o mantinha sempre trancado, impedindo até mesmo que as duas empregadas limpassem lá embaixo.

Lina soube no momento em que abriu o alçapão que não haveria mais volta e que estaria morta se seu pai descobrisse o que estava prestes a fazer. Lina havia feito uma cópia da antiga chave original, a qual achara por acaso escondida no escritório de seu pai, mas que até agora não tinha tido coragem de usá-la. Afinal, só havia estado naquele cômodo uma única vez e por mais que tentasse, simplesmente havia coisas que Lina jamais poderia esquecer.

Clara parou no meio da escada, ainda desorientada pelo álcool, e limpou o rastro de suor do seu rosto. Estava quente, tão quente que parecia estar se aproximando das portas do inferno. Arrepiou-se e perguntou a si mesma se seria tarde demais para voltar.

Lina guiava o caminho, seu passo firme, determinado, desbravando a escuridão e Mélanie seguia logo atrás.

“O que foi isso?” chiou Mélanie, apoiando-se na parede.

Um som fez vibrar a estrutura de pedra.

Squeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeck.

Clara prendeu a respiração.

“Calma Mélanie, foi só a porta,” ecoou a voz de Lina alguns metros abaixo. “Quando você tiver descido da escada, vai entender.”

Clara olhou para trás e viu a expressão de Mélanie. A garota que há poucos minutos estava fazendo piadas sobre o sobrenatural desaparecera. Havia agora uma garota assustada como se sentisse no próprio corpo a atmosfera sinistra do lugar.

Isso fez Clara sentir-se melhor. Pelo menos não era a única que estava com o pé atrás.

“Meu Deus Lina, estamos vinte, trinta metros ou coisa assim debaixo da superfície?” perguntou Mélanie.

“Deve ser isso, mais ou menos...” disse Lina, sua voz num tom de tranquilidade.

Mélanie coçou a garganta. Quis ter certeza de que ainda estava respirando.

Haviam chegado a uma arcada com uma porta de ferro. Clara achou, num primeiro instante, que estava diante de uma grade e não de uma porta. O tempo corroera tanto a estrutura que parecia que traças gigantes haviam roído o metal.

Quando ainda estava no último degrau de madeira, Clara teve uma visão de relance do cômodo pela porta. Arrepiou-se.

Tentou empurrar a porta para aumentar sua abertura, mas a estrutura não se mexeu um centímetro. As dobradiças deveriam estar muito enferrujadas. Clara espremeu-se pela fresta, fechando os olhos quando sentiu pó cair sobre sua cabeça.

O queixo de Clara caiu e ela arregalou os olhos.

O cômodo era muito mais amplo do que esperava. Parecia mais um túnel, como se estivessem dentro da garganta de um animal gigantesco. O teto em arcada era alto o suficiente para passar um caminhão, Clara se deu conta. Só que era retangular, formando uma espécie de antecâmara metros abaixo do solo. Aquilo não era um porão. Não podia ser.

O cômodo estava entulhado de objetos e móveis empilhados. Eles jaziam ali velhos e empoeirados, dando a entender que não haviam sido usados em um bom tempo. Uma velha escrivaninha de madeira, talhada com a mais perfeita precisão, que deveria ter sido única em seus tempos de ouro, estava no centro do cômodo. Duas estantes, com várias caixas de madeira, destacavam-se entre os móveis e estavam encostadas nas paredes laterais. Duas cadeiras estavam caídas no chão como se alguém houvesse tentado sair com pressa.

Clara ergueu sua vela, tentando enxergar o fundo do cômodo. Parecia se estender até o infinito como uma boca escura aberta, tentando engolir o resto da sala.

“Lina, que lugar é esse?” perguntou Mélanie.

“Eu não falei que ele seria perfeito para esse momento?” disse Lina com certo desdém, “simplesmente perfeito.”

O cômodo estava exatamente como se lembrava. Até mesmo as cadeiras jogadas no chão não haviam se movido um único centímetro em mais de dez anos. Apenas a máquina de concreto fora removida. Um ar de inquietação tomou conta de Lina. O som da betoneira funcionando ainda forte em sua memória. Talvez ainda não estivesse pronta. Havia revisitado esse lugar várias vezes em seus mais sombrios pesadelos quando criança e estar aqui agora era como reviver tudo isso.

Baboseira, disse a si mesma. Já fazia tanto tempo. Já não era aquela garotinha indefesa e inocente de antes.

Lina ficou quieta de repente.

Imagens escondidas em sua memória começaram a reemergir em flashes. Tentou desviar sua atenção, olhar para os lados, tal como fizera naquela noite anos atrás. Mas algo foi mais forte do que ela.

Passou a mão sobre a superfície da mesa, sentindo as falhas na madeira com seus dedos. Fora justamente ali que acontecera.

Lucas observou a expressão que surgiu no rosto de sua namorada.

“Lina... Lina? Tudo bem com você?” sussurrou ele. Não queria que os demais ouvissem.

Lina demorou uns segundos a mais do que o normal para responder.

“Claro.” Abriu um sorriso. “Só estava aqui pensando em qual seria a melhor maneira para a gente jogar.”

Chegou perto e deu-lhe um beijo. Não queria que ele pensasse que talvez ela estivesse querendo dar para trás.

Lina pediu a ajuda de Lucas. Juntos moveram a escrivaninha para terem mais espaço no chão.

“Você está com a folha aí?” perguntou ele.

Lina assentiu e tirou do bolso uma folha de sulfite já com os dois eixos traçados, dividindo-a em quatro quadrantes. Sentaram-se ao redor dela.

Mélanie abanou o rosto. Estava quente demais. Teve a sensação de estar em um forno escuro, esperando pelo momento em que ligariam o verdadeiro fogo. Pairava uma ansiedade no ar e havia algo ali que simplesmente não estava certo, era como se algo estivesse fora do lugar.

“Quem quer começar?” perguntou ela, forçando interesse.

Clara juntou as mãos e as levou à boca, soprando de leve seus dedos, um velho hábito que fazia quando estava angustiada.

“Como funciona mesmo, Lucas?” indagou Lina.

“Supersimples galera. A gente só precisa ficar em silêncio, todos quietos, enquanto alguém faz uma pergunta. Se tiver alguém aqui, o espírito vai responder *sim* ou *não* com o movimento do compasso.”

“Que babaquice!” murmurou Mélanie, tentando mais convencer a si própria do que qualquer outra coisa. “Mas tá bom vai, pode ser divertido,” acrescentou ela quando viu a expressão de reprovação de Lina.

Mélanie corou um pouco. Sentiu uma ansiedade ruminar em seu peito. Lina nunca lhe fazia essas caras, nunca. Sempre eram como carne e unha. Não podia ter sido trocada pela Olho-Roxo, ainda mais da noite para o dia.

Mélanie sentou-se e pensou duas vezes antes de reclamar que o piso estava sujo, não queria correr o risco de dar mais um furo com Lina. Especialmente depois do que acontecera com o Felipe. E ele tinha ido embora sem dizer nada. Não tinha ideia do que eles conversaram no quarto mas, com certeza, deve ter sido o suficiente para fazê-lo sair correndo com o rabo entre as pernas.

Clara foi a última a se sentar. Estava pálida e suas mãos estavam escorregadiças. Sentiu a sujeira que grudara em suas palmas, mas não deu tanta importância. Havia coisas mais importantes em jogo.

Colocaram então os pires ao redor da folha. As velas crepitavam em silêncio e por simples obra do acaso, cada chama ficou posicionada com os eixos, formando uma espécie de losango.

Aquela cena revirou Clara por dentro de uma forma tão intensa, estrangulando suas vísceras, que por um momento pensou que teria que levantar para vomitar. A temperatura do cômodo estava alta mas, mesmo assim, Clara encolheu-se de frio. Se houvesse mesmo algum espírito maligno, ele certamente seria atraído por essa disposição macabra.

“Nossa, gente, isso tá mais parecendo um filme de terror,” exclamou Mélanie, sua voz um tanto quebradiça. “Só falta o que agora, desenhar um pentagrama?” riu ela nervosa.

Lucas inclinou a cabeça e por um momento considerou a possibilidade.

“E por que não? Quem sabe assim o demônio venha mesmo... Uuuuuuuu...”

“Besta,” retrucou ela.

Clara estava agoniada. Sentia como se suas estranhas fossem se rasgar. Não gostava daquilo ali, nenhum pouco. Lhe assustava pensar que pudesse haver... *espíritos* ou qualquer outra coisa do tipo que ela não podia ver, que pudesse existir algo ali lhe espreitando...

Sentiu-se observada. Clara entrou em um estado de alerta que o mero relar da poeira pairando no ar disparava uma sensação pelo seu corpo, como se várias mãos a estivessem acariciando. Ou pior, engoliu em seco, desejando-a.

“Quem vai começar?” perguntou Lucas olhando devagar para cada uma das garotas.

“Posso começar, vai,” respondeu Lina, armando o compasso.

Clara segurou com força a barra de seu vestido.

“Estão todos prontos?” perguntou ela e tal como Lucas, olhou cada um como se estivesse se assegurando de que estavam todos de cintos.

As velas estalavam sozinhas no silêncio do porão.

“Tem... tem alguém conosco essa noite?”

Clara largou o vestido e cerrou os punhos, sentindo as unhas fincarem-lhe a pele.

Nada. Nem um único ruído.

Lina umedeceu os lábios e preparou-se para tentar de novo.

“Tem alguém aqui querendo se manifestar?”

Clara sentiu o suor escorrendo por sua nuca, segundos viraram horas. Suas mãos ficaram frias, tão frias que pareciam arder no calor da sala. Toda sua concentração estava naquela ponta de grafite, queria não olhar, mas não conseguiu, era mais forte que ela. Seus olhos estavam paralisados.

A ponta permaneceu imóvel. Clara relaxou um pouco.

“Acho que ele n...” começou Lina.

Creeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeek...

Ouviu-se um estrangular da madeira.

BANG!

Um estrondo violento fez o chão vibrar.

Clara começou a tremer, recolheu suas pernas e colocou o rosto no joelho, escondendo-se.

“Calma lá gente,” Lina murmurou, “foi só a porta lá de cima. A gente deve ter deixado aberta, foi só...”

Mélanie lhe cutucou, interrompendo. Estava apontando boquiaberta para o compasso. Ele se movera.

“Alguém...” começou Lucas meio rouco, “alguém está aqui...”

“E agora? O que a gente pergunta?” disse Mélanie. Ela olhou aflita para Lucas, já não se importando de esconder seu medo.

“Primeiro, precisamos pedir permissão para jogar... e... o mais importante, lembrem-se! Ninguém. Eu repito ninguém pode sair daqui e quebrar esse círculo sem pedir a permissão. Sem pedir a permissão do espírito que está sendo canalizado,” disse Lucas. “Entenderam?”

“E... hum... o que-que.... que... acccccccontece se você queeeebbbbrar o círculo?” gaguejou Clara.

Lucas olhou sério para ela.

“Dizem que eles odeiam, odeiam quem faz isso... chamarem à toa, sem respeitar suas regras é o pior que se pode fazer. Talvez tenha sido isso que aconteceu com o Nicolas, pelo menos eram o que estavam falando hoje de manhã. Ele quebrou o círculo porque se assustou muito e teve que pagar caro por isso.”

Clara começou a roer suas unhas.

“Lembre-se que podem sempre te perseguir depois...” continuou ele. “Teve, até mesmo, casos em que as pessoas acordavam cheias de...”

Fez-se silêncio.

“... de machucados, sim, de machucados pelo corpo todo, como se um demônio estivesse te atacando... afinal, você desrespeitou ele...”

Ninguém falou nada por um bom tempo. Parecia que o estalar das chamas estavam conversando entre si. Uma língua estranha que nenhum deles podia compreender.

Mélanie chegou mais perto de Lina. Fez um gesto como se fosse pegar em sua mão, mas desistiu no último momento e acabou por fazer um movimento curto como se tivesse levado um choque.

“Temos permissão para jogar?” perguntou Lucas, sua voz séria ecoando pelas paredes.

Clara estava tremendo. Abraçou as pernas com as mãos e começou a balançar sentada.

“Ele está vindo, está vindo, está vindo.... o que vocês fizeram, meu Deus...” sussurrou ela bem baixo, quase que inaudível.

Clara estava a ponto de perder o controle e surtar.

Ela arregalou os olhos.

O compasso moveu-se na direção do *Sim*. Seu deslocamento brusco não deixou nenhuma dúvida.

Mélanie conteve, com as mãos, sua exclamação.

“Pronto, agora sim, ele está aqui e nos deu permissão para jogar...” disse Lucas.

Clara pensou em levantar-se, mas não sabia o que lhe daria mais medo. Ficar e jogar ou sair correndo. Sentiu um toque suave em seu cabelo, como se alguém estivesse lhe acariciando.

Clara gritou desesperada e levantou-se em um pulo.

“*Não!*” Lucas gritou, puxando-lhe pela mão. “Lembra do que eu falei, se você queria desistir, agora já é tarde demais. Você fez a sua escolha e agora tem que ficar. Quem quer que estiver aqui, está de olho em você...”

Clara resistiu, tentando se soltar, mas sentiu seu braço sendo esmagado pelos dedos dele.

“O senhor dá permissão para Clara sair?” perguntou Lucas.

Clara não quis olhar e desviou seus olhos para o teto.

“Clara!” exclamou Lucas puxando-lhe ainda mais. “Olha...”

E ela olhou. Seu coração quase saiu pela sua boca. A ponta com o grafite indicava indiferente sua sentença: *Não*. Continuava a balançar de leve como se estivesse enfatizando sua resposta.

Clara desabou no chão. Cobriu os olhos. Não queria mais ver nenhuma das outras respostas. Tentou distrair sua mente.

“Quem quer que você seja... será que tem uma mensagem para nós?” perguntou ele e pela primeira vez notou-se um leve espanto em sua voz.

“Não olha, não olha, pensa em outra coisa...” murmurou Clara em voz alta.

Fez-se silêncio no aguardo pela resposta. Para Clara, os segundos pareceram demorar séculos. Conseguia escutar seus batimentos reverberando nos seus ouvidos como se fossem fortes tambores.

“*Cês viram isso?!*” chiou Mélanie com a voz esganiçada. “Meu Deus, não pode ser...”

Clara sentiu uma mão pressionando-lhe a coxa. Gritou como se estivesse sendo esfaqueada.

Percebeu pelo toque que era Lina e conteve-se. Tinha os olhos ainda cerrados tão forte que rugas encobriam-lhe as órbitas.

“Clara! Você não vai acreditar no que aconteceu!” exclamou Lina perplexa.

“O q-q-q-quê?”

Clara coçou a garganta.

“*Vocês-juram-que-não-fizeram-isso?*” perguntou Mélanie espantada. Falou tão rápido que tudo pareceu ser uma única palavra.

“Mélanie você viu, estava aqui o tempo todo e viu por você mesma. Ninguém se mexeu e você sabe,” concluiu Lina.

“O que ac-c-conteceu gente?” gaguejou Clara de novo.

Os outros três olharam-se indecisos, não sabiam como explicar o que tinha acontecido.

“O compasso. Ele se mexeu, mas não como das outras vezes...” contou Mélanie.

“Ele fez um movimento rápido e indicou o sim e depois... depois voltou com a mesma agilidade para o não. Nunca vi uma coisa dessas...” completou Lina.

Clara cerrou os olhos mais uma vez. Nada lhe faria abrir novamente. Nada.

“O que será que ele quis dizer com isso?” indagou Mélanie, sua voz irregular, e desafinada. Estava realmente apavorada.

Silêncio.

“*Pai Nosso que estais no céus...*” Clara começou a rezar. As palavras escapavam-lhe na fúria e pareceu que cuspiu a oração de sua boca.

Os outros ignoraram o que Clara estava fazendo e entreolharam-se.

“Talvez... o que o espírito quis dizer foi que ele não tem uma mensagem para nós, só que ao mesmo tempo tem. Uma espécie de *sim* e *não* ao mesmo tempo” disse Lucas.

“... *assim na Terra como nos céus...*”

“Mas o que caralhos isso quer dizer?” vociferou Lina.

“Que talvez ele tenha uma mensagem, uma mensagem para alguém específico aqui do grupo, não para todo mundo...” comentou Lucas.

“... *o pão nosso de cada dia...*”

Mélanie perdeu o controle e seu corpo começou a tremer.

“*O que foi isso?!*” perguntou ela, sua voz histérica agora.

O compasso mexeu-se.

Balançava como um pêndulo no *Sim*.

“Caralho!!! Você nem chegou a perguntar!” exclamou Lina.

Clara parou de rezar.

“Chega! Isso daqui está sinistro demais pro meu gosto. Chega, eu tô fora. Se era essa sua intenção Lucas, me fazer cagar de medo, parabéns, conseguiu!” Disse Mélanie levantando-se.

Lina puxou-a de volta para baixo.

“Nem pense!” exclamou Lina.

Mélanie caiu sentada, erguendo uma nuvem de poeira ao redor.

“Me solta, você não pode me obrigar a ficar aqui nessa babaquice!” berrou ela, livrando-se da mão que prendia seu pulso.

“Babaquice, é? Então por que não fica, hein, se é tudo de brincadeira?” perguntou Lucas.

“Vai se foder Lucas, sério, me deixa,” disse Mélanie enquanto apoiava-se para levantar.

“Olha aqui, estou te avisando...” ameaçou ele.

“Nada vai acontecer, será que vocês não entendem!” berrou ela com lágrimas nos olhos.

“*Shiu!* Calem a boca vocês dois, como é que vocês não estão escutando?” perguntou Lina.

“O que você...” começou Lucas, mas logo Lina o interrompeu.

“SHIU! Escutem...”

Mélanie continuava parada no meio do caminho sem quebrar o círculo. Não conseguia dar mais nenhum passo. Estava paralisada.

Clara começou a ficar ofegante, chorava em desespero com os olhos ainda fechados. Não queria, não queria escutar. Mas não tinha como tapar completamente seus ouvidos. A sala estava em silêncio demais e sabia que tinha alguma coisa ali, sabia!

O coração de Clara batia forte e se confundia com o barulho.

Tum.

Tum.

Seriam passos?, perguntou-se Mélanie

Tum.

TUM.

Algo descia as escadas.

TUM.

Estava mais próximo.

TUM.

“Chega Lucas, essa brincadeira foi longe demais! Não sei como você está fazendo isso, mas não tem graça. Para com isso agora!”

TUM.

Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeek

Era o som de metal enferrujado sendo torcido, como se alguém estivesse esganando o ferro.

Mélanie correu para o fundo da sala, quebrando o círculo.

Um grito forte ecoou pelas paredes de tijolo.

“AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH!!!!”

“Lina! Lina! Ai meu Deus, LINAAAA!” berrou Lucas.

Lina começou a debater-se fortemente contra o piso, como se tivesse levado um grande choque. Seu pé chutou uma das cadeiras para longe.

Não tinha como não olhar e Clara não resistiu, abrindo os olhos. Seu queixo caiu em espanto.

Viu com todos os detalhes sob a luz de velas as costas de Lina arqueando-se para trás como se fossem quebrar ao meio. Entre os grunhidos, escutou o estalar dos ossos de Lina, enquanto a posição tornava-se cada vez mais e mais rígida. Suas pernas chutavam violentamente o ar enquanto os braços estavam apertados contra o peito. O rosto de Lina estava moldado como uma máscara de terror, seus olhos esbugalhados quase saltando da órbita.

E de repente, Lina ficou imóvel e flácida, seu corpo colapsando no chão.

“Lina! LINAAA! Vocês duas aí me ajudem!” Lucas gritou desesperado.

Nem Mélanie, nem Clara conseguiam se moveram. Lucas aproximou-se de Lina, mas na última hora deu um passo para trás e se recolheu, com medo do que viria a seguir.

A boca da garota escancarou-se, sua mandíbula quase encostando no peito. Um longo grito, o mais terrível que Clara já ouvira em sua vida, saiu de Lina.

Em um grande movimento, Lina saltou para cima de Clara, prendendo pelos braços e levando-a ao chão.

Clara cerrou os olhos quando bateu com tudo sua cabeça. Estava tão acelerada que não sentiu dor alguma. De olhos fechados, sentiu o bafo quente de Lina, o cheiro lembrando-lhe algo parecido com enxofre. Tudo aconteceu tão rápido que Clara continuava a urinar sem perceber. Então algo úmido e áspero percorreu-lhe a bochecha direita. Depois a esquerda. Entrou em pânico. A criatura lambia em êxtase seu rosto e deliciava-se no gosto salgado de suas lágrimas.

Clara tentou escapar, debatendo-se, mas não conseguiu, por mais que tentasse vencer a força sobre-humana da criatura.

Arregalou os olhos e deu de cara com Lina sorrindo maliciosamente para ela como se estivesse prestes a devorá-la.

Fechou os olhos mais uma vez e ficou esperando pelo momento em que sua vida chegaria ao fim.

Mas nada aconteceu.

Clara sentiu a pressão sobre seu corpo aliviar. Estava livre, suspirou, e foi aos poucos levantando-se sem jeito. Esfregou os olhos, desembaçando sua visão e olhou atônita para Lina que estava em pé, esperando.

Uma gargalhada quebrou o silêncio, seu tom lembrando algo infantil e doce, como uma criança brincando de roda.

Mélanie olhou confusa para Lina.

“Vocês tinham que ver a cara dela! Meu Deus, ela estava quase morrendo, tive que parar Lucas, não teve jeito! Vai que ela tivesse, sei lá, um troço aí,” exclamou Lina, limpando as lágrimas de tanto rir.

Clara olhou triste para Lina e se deu conta do que estava acontecendo. Não conseguiu segurar o pranto em seu peito, que começou a doer com o que sentia. Seu rosto enrugou em agonia e começou a soluçar.

“Melhor. Brincadeira. Ever.”

Clara estava toda suja, uma mistura de poeira e urina, e rastejou até um canto escuro e espremeu-se contra si mesma.

Lucas abriu um sorriso e ignorando o olhar incrédulo de Mélanie, adiantou-se em direção à Clara. Sentiu seu sangue começando a ferver.

“Isso é para você aprender sua ciganinha de merda a não dar uma de dedo-duro!” berrou ele, sua voz tremendo de raiva.

Ajoelhou-se para ficar no nível de Clara. Por uns segundos, ficou admirando o rosto de animal indefeso, perdido entre tantas lágrimas. Lucas coçou a garganta despreocupado, como se tivesse todo o tempo do mundo, e juntando o máximo de catarro que conseguiu, cuspiu bem em cheio no rosto de Clara.

“Você me dá nojo, Olho-Roxo, sabia? Faz um favor pra gente. Nunca mais, nunca mais quero ver seu rosto manchado de novo, entendeu?”

Lucas levantou e voltou para perto de Lina.

Puxou-a com um movimento brusco para próximo de si e segurando forte seu cabelo, deu um beijo de língua tão intenso que pareceu envolvê-la em uma onda de luxúria.

Tudo ficou quieto até que Mélanie quebrou o silêncio.

“Não acredito que vocês não me contaram!” berrou Mélanie, afogando-se em sua própria cólera. “Podiam ter, pelo menos, me avisado!”

Sua vontade era de empurrar o casal aos beijos e de descontar toda sua raiva neles. Mas sabia que isso não acabaria bem. As coisas sempre saíam como Lina desejava e não havia como lutar contra isso. Se Lina quisesse, poderia esmagá-la em um piscar de olhos, tão fácil quanto fora trucidar a indefesa da Clara. Mélanie engoliu sua cólera, sentindo o ruminar da ira em seu estômago. Mesmo não sendo sua vontade, ela bufou e virou-se de costas, indo em direção à escada com a vela na mão. Passou tão depressa, perdida em seus pensamentos que não reparou que Felipe estava parado perto da porta enferrujada, segurando uma lanterna.

Lina meteu a mão dentro das calças de Lucas e sentiu o pênis dele quente na palma de sua mão. Lucas sentou-a em cima da mesa de madeira e começou a sentir seus peitos.

Felipe olhou com ódio a cena. Fizera exatamente o que tinha sido combinado com Lina, agora sabia que poderia ir embora. Mas algo o segurou por uns instantes. Pareceu fulminar o casal com seus olhos e ficou imaginando, mesmo contra sua

vontade, como seria bom estar no lugar de Lucas agora. Sentiu o começo de uma ereção e isso aumentou ainda mais a sua ira. Esfregou com a mão sua calça jeans, sentindo a turgência enquanto ainda observava fixo a cena, seus olhos grudados.

O único barulho no porão era agora de Clara soluçando baixo e do casal se beijando.

Felipe usou suas forças para sair desse transe hipnótico e deu meia-volta. Começou a subir a escada, seus pesados passos abafados pela madeira velha.

Lucas colocou a mão debaixo da blusa de Lina e sentiu seus mamilos, duros, com a ponta de seus dedos.

“Você me deixa tão excitada assim, sabia?” sussurrou Lina no ouvido de seu namorado. Sentiu sua calcinha ficar molhada, quando Lucas a prensou contra seu corpo.

“Quero você. *Agora.*”

Ela desabotoou a calça dele com seus rápidos dedos.

Lucas puxou a minissaia, jogando-a no chão e em poucos segundos, estava dentro de Lina.

Ela gemeu de prazer e abraçou-o fortemente.

Clara continuava paralisada no canto, com medo de se mexer e olhava a cena entre os dedos. Tentou parar de soluçar, mas seu peito doía tanto, que por mais que tentasse, as lágrimas jorravam do fundo do poço de sua alma. Doía tanto que achou que a dor certamente a mataria. Nunca sentira algo igual e seu corpo foi se tornando cada vez menor e menor contra a parede.

Lina apoiou com os dois braços na madeira enquanto reclinava-se para trás, prensando Lucas contra suas coxas. Lucas estava ofegante.

Clara tentou levantar, mas não conseguiu. Seu corpo estava pesado demais.

Lucas olhou para o teto, estava quase.

Lina mordeu os lábios.

A respiração de Lucas, entrecortada pelas suas puxadas de ar, fez uma pausa de repente e ambos os corpos ficaram imóveis. Segundos depois uma onda os mergulhou em êxtase, Lina deitando-se totalmente com as costas na madeira e Lucas tremendo enquanto prendia a respiração.

Terminaram.

Lucas limpou o suor da testa e Lina começou a vestir-se. Puxou-o para perto e sussurrou em seu ouvido.

“Pronto, para continuar lá em cima?”

Ele mordiscou sua orelha em resposta.

Lina ficou de pé enquanto arrumava sua saia. Tinha esquecido completamente da presença de Clara.

Sorriu para ela e acenou.

Lucas indicou com a cabeça em direção ao canto do porão e perguntou:

“O que vamos fazer em relação a esse saco de merda na nossa frente?”

Lina coçou o queixo.

“Deixa comigo, mon cher.”

Clara cobriu o rosto com as mãos tentando proteger-se, quando viu que Lina vinha determinada em sua direção. Sentiu uma mão forte pegando em seu vestido de renda.

Lina arrastou Clara sem qualquer dificuldade até o centro do porão. Uma das alças do vestido rasgou-se e o som das fibras do tecido cedendo soaram como música aos ouvidos de Lina.

Clara esperneava como uma criança.

Lina largou-a de vez e Clara se esparramou pelo chão. Lina encurvou-se sobre o corpo caído e não cuspiu, mas deixou a saliva escorrer de seus lábios até que, em um grande fio, caísse no rosto de Clara.

Clara olhou bem para aqueles olhos que pareciam querer penetrar em sua alma. Um terror a afogou quando se deu conta de que olhava para o vazio, não havia nada ali. Clara ficou imóvel.

Clique.

A sala iluminou-se rapidamente quando uma lâmpada que pendia do teto por um único fio acendeu-se.

Clara cobriu com as mãos os olhos da claridade.

“Felipe deve ter ligado de volta a energia,” disse Lina virando o rosto para Lucas. “Pelo menos aquele incompetente conseguiu fazer isso direito.”

Lina ajoelhou-se e franziu o nariz ao sentir o odor de urina concentrada.

Pegou firme o rosto de Clara para que seus olhares se cruzassem.

“Olha aqui.”

Mostrou a foto do celular para Clara.

Clara estava descalça com as pernas abertas, calcinha à mostra. Seu vestido branco era uma mistura de sujeira e urina. Mas o pior, de longe, era sua expressão. A foto fora tirada justo em uma das soluçadas de Clara. Seu rosto estava distorcido e o cabelo grudado na testa suada.

“Se você abrir a boca e falar de qualquer coisa, eu repito, de qualquer coisa que a gente fez aqui, isso daqui na minha mão vaza. Entendeu? E vai se espalhar rápido. Tão rápido que não vai dar tempo de você sair da cidade antes que todos tenham visto sua foto.” Fez uma pausa. “Se você abrir o bico, já era. Nunca mais vai conseguir sair na rua.”

Lina levantou-se.

“E agora gata, o que a gente faz?” perguntou Lucas.

“Nada.”

Silêncio por uns segundos.

“Nada,” repetiu ela, mostrando os dentes.

Com o pedaço do vestido rasgado, Lina desrosqueou a lâmpada do soquete. O quarto mergulhou de uma só vez na escuridão, fazendo parecer que a luz tivesse fugido pelas escadas.

Clara ouviu o som de vidro estilhaçando e olhou aterrorizada enquanto Lina esmagava a lâmpada com o pé.

As velas eram as únicas fontes de luz de novo.

“Vamos deixar ela aqui... com o *demônio* até amanhã de manhã,” disse Lina baixinho, seu rosto encoberto pelas sombras. Caminhou com Lucas em direção à porta enferrujada cada um com uma vela na mão. A luz dissipando quanto mais se afastavam.

Clara escutou o som abafado de passos subindo os degraus da escada velha de madeira.

Como se tivesse levado um choque, Clara sentou-se, deixando de lado tudo o que sentia dentro do peito. Soluçava desesperada. Precisava correr. Um pânico estrangulou Clara pela garganta.

Eles não me deixariam aqui..., pensou ela aterrorizada.

Apressou-se e, rastejando até um dos cantos, pegou a última vela.

Os passos agora estavam distantes e pareciam estar acelerados como se o casal estivesse correndo.

Com o pires na mão, Clara olhou para o porão escuro, tentando usar a luz o máximo que podia para encontrar o caminho até a porta. Correu em direção e espremeu-se para passar pela fresta da porta enferrujada.

Já estavam longe.

Clara sentiu que seu coração estava prestes a sair-lhe pela boca. Tinha que correr se quisesse alcançá-los. Clara saiu em disparada à escada, a chama flamejando com seu impulso.

Tudo pareceu ocorrer em câmera lenta. Estava quase chegando ao primeiro degrau, quando Clara viu com espanto a vela titubear no pires, a cera já não conseguindo sustentá-la em pé depois da corrida. Tentou equilibrar, mas não conseguiu.

A vela foi ao chão, extinguindo sua chama num piscar de olhos.

Clara começou a tremer, quando o medo dominou-a.

Os passos estavam ainda mais distantes. Deveriam estar quase chegando ao topo.

Clara suspirou e tateando-se pelas paredes começou a subir de novo a escada. Sentia-se totalmente cega. Estava indo o mais rápido que podia, seus passos desesperados tropeçando nos degraus. O tempo parecia não passar e sentiu como se não estivesse saindo do lugar, tal como subir uma escada rolante no sentido contrário.

Lutou contra o pânico. Não podia desistir. Tinha que seguir em frente.

Pareceu ser só depois de uma eternidade que finalmente avistou um feixe de claridade. Como se estivesse se afogando, foi emergindo lutando contra as sombras em direção àquele tênue rastro de luz que quase lhe escapava a visão.

Trombava contra os tijolos empoeirados e machucava-se e sangrava sem nem perceber. Tinha um único objetivo.

O alçapão.

Finalmente viu o alçapão.

Estava fechando.

Um feixe de luz se projetou escada abaixo, clareando seu rosto.

E de repente mais nada.

As trevas a engoliram.

Ouviu o trancar da fechadura.

A FUGA

Sábado 16 de Março

1

Sua mente havia entrado em um estado desabitado como que de proteção. Pensar doía, rasgando sua alma. Era melhor assim, estava anestesiada. Seu rosto estava sujo. As lágrimas e o sangue já haviam secado, formando essa camada grossa que lhe dava um aspecto moribundo. Com o corpo atirado no chão, Clara estava inerte. Não conseguia sentir nenhum de seus músculos. Nada.

Eram três horas da manhã.

No começo de tudo, algumas horas atrás, o negrume havia lhe pregado peças. Um ranger vindo escada abaixo, sons de passos, vozes, gargalhadas pareceram preencher o porão de tempos em tempos. Clara não conseguia livrar-se da impressão de que algo a espreitava na escuridão. Qualquer mero estalar das paredes era suficiente para que se virasse rápido para trás, seu coração dando pulos, apertando os olhos, esforçando-se para ver algo além daquela névoa escura.

Clara continuou assustando-se, de novo e de novo, até o momento em que se rendeu à escuridão. Após ficar batendo no alçapão, implorando para que a deixassem sair, depois de ter arranhado em desespero a madeira, depois de ter puxado seus cabelos em loucura, depois de ter gritado e gritado no escuro, Clara Romanush enfim desistiu. Entregou-se. Deixou seu corpo amolecer e em um minuto de desatenção, perdera o equilíbrio e havia rolado escada abaixo.

Encontrava-se agora há mais de hora espatifada no chão sem se mover. Sua mente vazia, sem pensar em nada.

Nada.

Até que...

Luz.

De onde vinha aquela luz?

Fraca.

Doeram-lhe os olhos, há muito acostumados com o negro. Incomodava, não conseguia ficar de olhos abertos.

O que seria aquilo?, perguntou.

Era como despertar de um grande sonho, como se aquela luz a estivesse conduzindo de volta à realidade. E como se estivesse caindo de uma grande cachoeira, Clara emergiu de si mesma sentando-se no chão e tomando um grande fôlego de ar.

Seu corpo gritou. Tudo doía e o mundo girava à sua volta. O pânico a fez recuperar a memória e com muito esforço, ergueu-se do chão, cambaleando um passo para trás.

Seus olhos arregalaram-se.

A vela estava acesa aos seus pés.

Clara foi andando de costas, devagar, contemplando aquela pequena labareda que se intensificava cada vez mais. Encostou de súbito na parede e sentindo-se encurralada, sua garganta fechou de pavor.

A chama crepitava diante de seus próprios olhos.

E de repente, ouviu um barulho.

Um ruído fraco como se algo estivesse se aproximando. Sentiu seu coração disparar. Aquela melodia que ecoava pelas paredes de tijolo foi ficando mais e

Clara soube num instante o que precisava fazer. Olhou para trás e lá estavam o compasso e a folha de sulfite, tal como os outros haviam deixado. Não queria ficar nem mais um minuto nesse porão escuro e se não usasse essa oportunidade para escapar, talvez ficasse aqui até o amanhecer. Clara estremeceu.

Lina voltaria ao amanhecer, certo?

O espaço era estreito. Clara teve que se arrastar e manter sua cabeça baixa para passar, como um soldado se rastejando sob arame farpado. Seu corpo estava em agonia pura, doendo-lhe cada centímetro e seus cotovelos ardiam cada vez que puxava o solo. Parecia ter algumas costelas quebradas, pois a cada impulso, sentia uma disparada de dor que interrompia sua respiração.

Abaixou a cabeça e descansou um pouco. Sentiu o calor da vela em seu rosto, escorria de suor. Endireitou-se em uma posição melhor e olhou para frente o tanto quanto o halo da vela lhe permitiu.

O lápis estava ali, esperando-a em silêncio e tal como se Clara lhe houvesse dado um sinal, ele entrou em movimento mais uma vez, saindo do seu campo de visão para o escuro do túnel em diante.

Clara recompôs suas forças e seguiu seu instrutor de madeira.

Não tinha ideia para onde esse túnel a estava levando e o tempo pareceu desacelerar enquanto rastejava. Clara perdeu a noção de quantos minutos se passaram desde que iniciara o trajeto. Dez? Trinta? Talvez mais de hora?

Conforme prosseguia em frente, estava ficando mais difícil para respirar e de tempos em tempos, Clara parava e tossia. Sua garganta estava seca, tentava engolir a poeira que havia entrado em seu sistema, mas isso apenas deflagrava mais um acesso violento de tosse.

Seu rosto, uma mistura de suor, sangue e poeira reluzia diante do flamejar da vela. Sua expressão estava concentrada em apenas uma coisa: sobreviver. Seus olhos estavam fixos no lápis em movimento e pareceram dois rubis na escuridão.

O lápis parou e girou noventa graus. Clara havia visualizado uma curva no túnel que até então havia sido uma linha mais ou menos reta. Um cano corroído bloqueava a passagem na sua frente.

Clara gemeu ao começar a fazer a volta, relinchando de dor. Suas costelas definitivamente estavam quebradas. Ficou sem ar e pensou que não conseguiria respirar de novo. Impulsionou com o pé a parede, mas não ajudou muito. Fechou os olhos de tanto pó que se levantou e sentiu-os latejando com a sujeira.

Empurrou o cano, tentando desobstruir o caminho.

Pensou em desistir, ali mesmo e se entregar, mas algo lhe impediu.

Empurrou-o com ainda mais força.

Finalmente conseguiu um espaço para passar debaixo dele. Primeiro a cabeça e depois começou a passar seu tronco. Estava fazendo muita força, não aguentaria. Enfim, seus braços cederam e o cano prensou-a contra o túnel, espremendo seu peito ao ponto de não conseguir respirar.

E tirando a força que restava em seu ser, Clara empurrou o cano o máximo que pôde.

De repente, sentiu um liberar de pressão e o cano estourou, esguichando água em seu rosto e a vela apagou-se em um instante. Tossiu, sentindo estar se afogando. Não conseguia tirar o seu rosto do jato. Espremeu-se por debaixo do gélido jorro d'água o mais rápido que conseguia e uma vez passadas as pernas, empurrou o cano quebrado e deu um forte impulso.

Crack.

Respirou aliviada e terminou de tossir o resto da água na escuridão. O som que fazia foi abafado pelo esguichar da corrente. Sentiu subir-lhe o pânico pela garganta, mas antes de que tivesse tempo para lamentar, a vela acendeu-se num estalar.

Virou de costas e utilizando a vela observou o teto do túnel, enquanto sentia a água empapando suas costas.

Uma rachadura trincou o teto.

Crack.

Fechou os olhos quando pedaços de cimento velho caíram em seu rosto.

Na posição em que estava, a cera escorria em sua mão, queimando-lhe a pele, mas não deu muita importância.

Engoliu em seco. O túnel desabaria. Desabaria a qualquer momento.

Pedaços maiores do tamanho de um tijolo caíram em seu corpo.

Em desespero, esquecendo de toda dor que sentia no momento, concentrando-se com todas as suas forças, Clara usou o resto da vida que tinha para sobreviver. O pensamento de ficar presa ali e morrer sufocada ou pior, de não morrer e ficar definhando até o último dia lhe impulsionou.

O chão vibrou enquanto rastejava com pressa.

E de súbito, sentiu uma forte corrente de ar se deslocando na sua direção.

O túnel começara a desabar.

Protegeu a cabeça com as mãos, soltando a vela e esperou. Esperou pela dor de ser esmagada. Pelo impacto que lhe roubaria o último suspiro de vida. Mas ele não veio. Tinha driblado a morte, pelo menos dessa vez.

Abriu os olhos e suspirou.

Clara pegou a vela, ainda acesa e viu o lápis esperando um metro à frente. Enxugou a testa com a outra mão e continuou o caminho.

Parecia que o pequeno e estreito túnel não tinha fim.

O som de uma cachoeira com litros e litros de água jorrando rugia pelas paredes do túnel.

COM ÁGUA ATÉ O PESCOÇO

Sábado 16 de Março

1

Lina Unschild olhou o relógio.

6:30.

Estava com uma ressaca horrível. Sentiu um gosto amargo na boca e sua cabeça latejava a cada poucos segundos, parecendo que lhe martelavam sem dó sua testa. Olhou para o lado e viu o corpo nu de Lucas na cama, ainda dormindo profundo. Invejou em silêncio sua habilidade de dormir até mais tarde. Podia estar caindo o mundo lá fora que mesmo assim esse folgado dormiria, ruminou.

Sentiu uma nova martelada e achou que sua cabeça ressoava como o sino da Igreja Nossa Senhora do Novo Triunfo.

Lina suspirou enquanto massageava com os dedos suas têmporas. Não deveria ter bebido tanto. Esfregou os olhos tentando ajustar-se ao mundo acordada. Parecia que seu cérebro estava demorando para pegar no tranco, só conseguia pensar em uma única palavra.

Aspirina.

Levantou-se devagar, com o corpo um pouco dolorido de ontem à noite e rastejou até a beirada da cama. Pegou a camiseta de Lucas no chão e vestiu-a sonolenta. Foi até o armário e ainda meio sonâmbula, achou um par de chinelos.

Desceu as escadas, sentindo a parede com a mão para não cair. Sua visão girou um tanto e teve que parar por uns instantes no meio da escada para recuperar o equilíbrio. Sua boca estava seca e aquele gosto amargo enjoou-a um pouco. Suspirou e bateu na parede. Definitivamente não deveria ter bebido tanto. Continuou pela escada, seus olhos estavam quase que fechados, porque a luminosidade das pequenas janelas ovais do corredor lhe incomodava. Parecia que sua cabeça explodiria.

Aspirina.

Xingou mentalmente seu pai por fazer questão de deixar a caixa de remédios no maldito armário da cozinha. Se ficasse no andar de cima, não teria que descer a maldita escada até a maldita cozinha. Tentou lembrar-se da hora em que ele voltaria para casa. Ficou em dúvida se era às onze ou ao meio-dia. Chacoalhou a cabeça, afastando o raciocínio. Não importa, pensou ela, dá tempo mais do que o suficiente para dopar-se e voltar a dormir um pouco.

Acendeu a luz da cozinha e retraiu-se da luminosidade como um morcego em sua toca. Caralho. Apagou a luz e foi caminhando em direção à bancada.

Caixa azul de plástico.

Ergueu-se um pouco e, bocejando, abriu a porta do armário de cima.

Vasculhou preguiçosamente as prateleiras, empurrando as coisas e derrubando vasilhas vazias na bancada. Não se importou com a bagunça que estava fazendo. Tinha uma prioridade e ela era uma caixa azul de plástico.

Bufou quando terminou de vasculhar as primeiras prateleiras sem encontrar o que queria. Fechou os olhos, esperando para que uma das marteladas cessasse. Começou a empurrar as coisas da outra prateleira.

Enfim encontrou a caixa. Puxou-a rápido do armário e, sem pensar duas vezes, abriu a tampa.

Aspirina.

Tragou três comprimidos a seco, nem se preocupando em checar a dosagem ou mesmo a validade. Três lhe pareceu um número bom, condizente com a dor que sentia.

Um outro pensamento lhe ocorreu. Precisava ir ao banheiro. Mas ficou ali, parada na frente do armário ainda aberto, cabeça inclinada para trás, recarregando as energias que havia gastado da cama até a cozinha.

Estalou o pescoço, sentindo-o travado.

E de súbito veio-lhe a noção instintiva de que algo não estava certo. Havia alguma coisa fora do lugar. Esforçou-se e girou sua cabeça devagar, escaneando a cozinha com seus dois olhos cinzas.

Tem alguma coisa errada, pensou.

Lina congelou.

Olhou para o piso de granito da cozinha.

Água.

Cambaleou um pouco com seu chinelo e percebeu que ele estava grudando no piso. Deveria ainda estar bêbada, tinha que ser isso.

Apoiou-se na bancada e tocou o chão.

Estava molhado.

Franziu a testa. *Água?*, pensou.

Lina ajoelhou-se e com as mãos espalmadas sentiu o piso.

Era água mesmo.

Seu olhos arregalaram. Olhou ao redor. Entrou em pânico. Quase escorregou ao correr até a porta da dispensa. Escancarou-a e estava com tanta pressa que deixou a chave cair no chão molhado. Destravou o alçapão e sentiu uma onda gelada molhando seus pés.

A escada para o porão estava alagada.

Berrou o mais alto que pôde.

Lucas mergulhou de uma só vez, seu corpo gritando com o contato com a água gelada. Era como se milhões de facas lhe apunhalassem o corpo em todas as direções. Lutou contra a vontade instintiva de voltar à superfície, tentando ir mais fundo. Não enxergava nada, absolutamente nada. Estava escuro como a madrugada sem estrelas, tão escuro que não enxergava nem mesmo suas mãos. E teve medo. Medo, não. *Pânico*. Sentiu-se claustrofóbico e apavorou-se com ideia, que não saía da sua cabeça por nada nesse mundo, de que algo estava ali lhe espreitando. Sentiu como se estivesse sendo observado, avaliado por uma criatura sombria naquelas águas.

Emergiu, ofegante.

“Vou precisar de uma lanterna, não dá pra ver bosta nenhuma.”

Tentou manter sua voz calma, longe do desespero.

Lina começou a vasculhar as gavetas da cozinha, sem se preocupar em fechá-las após a busca.

Lucas em pé em um dos primeiros degraus, ficou com metade do corpo para fora. Virou-se de repente para a parede inclinada, água batendo nos tijolos. Tinha escutado algo. Sentiu como se a temperatura tivesse caído pelo menos dois graus. Começou a tremer.

“Anda logo! Eu tô passando frio aqui!”

Lina murmurou algo que se assemelhou a um *cala boca* enquanto fuçava no armário debaixo da pia. Sua mente estava longe, pensando no que faria se a Olho-Roxo tivesse morrido ali. Ficou imaginando Clara, se afogando contra a porta, batendo, suplicando para sair de lá e por mais que gostasse dessa cena, Lina estava aflita. Não queria que isso tivesse acontecido em sua casa. Sabia que estava encrencada com seu pai, por causa do alagamento, mas esse era o menor dos seus problemas.

Lina empurrou uns baldes de plástico e achou a lanterna.

“Não sei se é à prova d’água,” disse ela, virando-se para encarar Lucas.

“Foda-se. Me dá logo essa bosta.”

Lucas pegou a lanterna no ar. Submergiu ela um palmo abaixo d’água, esperando que a luz se apagasse. Mas não se apagou. Virou-se para Lina.

“Não tem jeito nenhum dela ter sobrevivido.”

“Para de perder tempo e mergulha logo, que coisa!” retrucou Lina.

Lucas puxou o ar o máximo que pode e mergulhou.

Se encontrasse o corpo, era só escondê-lo antes de seu pai chegar.

Tal pai, tal filha, pensou ela.

Diria que tinha sido a chuva que deve ter estourado um cano lá embaixo. Ligaria para Mélanie e Felipe, avisando os dois que não era para falar nada para ninguém sobre a vinda de Clara para fazer o trabalho. Ninguém falaria nada. Levariam o segredo para o túmulo.

Ou o túmulo viria a eles, imaginou com um sorriso roçando nos dentes.

Pensou na versão que contaria para as autoridades. Clara havia saído ontem de noite mesmo com toda essa chuva. Diria que tentou convencê-la em ficar, pois era muito perigoso sair num temporal desses. Poderia ser arrastada por uma enchente e ir parar lá no rio...

Sorriu.

Ninguém desconfiaria. Não depois da chuva de ontem. Afinal, não era coisa de outro mundo, as enchentes levam vítimas todo ano. Só precisava que Lucas achasse o corpo logo.

Vamos Lucas, vamos, pensou ela.

Rafael estava tendo um péssimo dia. Acordara com o telefonema de seu chefe berrando no seu ouvido. Não tinha ideia de como ou o porquê essa merda toda tinha acontecido. Se tinha uma coisa que ele odiava mais do que acordar aos berros por algo que ele não era responsável, se tinha uma coisa que era capaz de tirar ele do sério e estragar seu dia, essa coisa se chamava Lina.

Lina Unschuld.

Remoeu por dentro enquanto tomava um grande gole de café. Achou engraçado o pensamento que lhe tinha ocorrido ontem, antes de tudo isso começar. De que acordaria tarde, tão tarde que provavelmente o café da manhã viraria almoço, e passaria o sábado inteiro em casa descansando. Mas não. Lina Unschuld tinha que ter fodido com tudo.

Rafael caminhou pelo piso molhado, seus olhos ainda afundados de sono. Bocejou.

Mas que merda.

Era muito pior do que ele pensava. Quando escutara a palavra água, junto com vazamento, nunca que na sua imaginação pensaria que encontraria isso.

Pigarreou nervoso, tentando chamar atenção.

“Então?” perguntou ele.

O engenheiro de capacete amarelo fitou-o sem pressa. Era um homem corpulento, careca e de olhos miúdos, do tipo que parecem sempre estar de birra. Ele também não estava nem um pouco contente de trabalhar em pleno sábado de manhã. O engenheiro pegou seu rádio comunicador, apertando o botão.

“Deve ser do encanamento subterrâneo mesmo. Quero que você e os rapazes entrem pelo,” fez uma pausa observando um mapa que mais parecia linhas ferroviárias se interceptando que condutos de esgoto, “bueiro A62, câmbio.”

O homem levantou-se e cruzou os braços.

“É, pelo jeito, é bem pior do que eu pensava,” disse ele balançando a cabeça, “meu melhor palpite é que deve ter sido um dos canais subterrâneos, sabe, um dos velhos, se fosse para chutar, por onde passa muita água.”

Rafael ficou pensando no tamanho desse encanamento para ter gerado esse volume todo.

“É de se espantar que ainda não esteja faltando água em algum lugar da zona norte.” Dizendo mais para si mesmo do que para Rafael. “Por ser sábado, talvez a demanda ainda não tenha sido muito grande.”

O engenheiro olhou o relógio.

“Talvez eu perca a fórmula 1,” disse bufando aborrecido.

“Pois é,” Rafael murmurou, rindo contrafeito.

Rafael sabia que tinha sido chamado pelo seu chefe, o prefeito Frederico Unschuld, não por causa do vazamento em si e muito menos pelo fato de ser ele seu secretário pessoal. Mas pelo simples fato de que... bem, por causa do que estava enterrado lá embaixo. Frederico Unschuld estava cagando e andando para o vazamento dentro da sua própria casa. O dinheiro resolveria isso sem problemas. No entanto, nenhuma grana no mundo inteiro poderia abafar o que estava lá embaixo, se alguém descobrisse... se a merda atingisse o ventilador...

Rafael estremeceu, lembrando-se daquela noite. Da noite que ficaria para sempre marcada nas suas retinas de quase trinta anos agora. De quando Rafael fez coisas que nunca supusera em toda sua vida que seria capaz de fazer.

Uma voz estática interrompeu o silêncio na cozinha.

“Chefia, na escuta?”

“Pode falar, câmbio.”

“Estamos debaixo do A62 e a coisa aqui tá uma merda chefia. Pior do que a gente achava, câmbio.”

O engenheiro bufou enraivecido. Certamente poderia esquecer da fórmula 1. Ele colocou o mapa em cima da mesa da cozinha e começou a desenhar um trajeto, utilizando uma régua.

“Tem que cortar a água para entrarmos. Vou cuidar disso daí. Assim que estiver feito isso, dou um alô para você e os rapazes aí, câmbio.”

Rafael viu o engenheiro procurar o celular no bolso, surpreso de como um homem daquele porte estava usando uma calça jeans tão apertada. Perguntou-se como uns dedos gordos daqueles conseguiam apertar as teclas tão pequenas do celular.

O engenheiro saiu da cozinha para falar, seus passos molhados fazendo barulho.

Rafael começou a bater o pé, impaciente.

Lina Unschuld.

Não iria para cadeia por causa daquela filha da puta. Ainda não tinha descoberto como é que ela conseguira a chave para o porão trancado. Ele bem sabia que havia apenas uma cópia, que não era usada há anos, e estava escondida nas coisas do escritório no andar de cima. Caralho, nem mesmo ele sabia onde estava a porra da chave.

Como é que ela conseguiu abrir a porta?, indagou-se.

Rafael passou a mão pela fechadura do grosso alçapão de madeira. Não tinha nenhum arranhão indicando que alguém forçara para entrar. Olhou o cadeado, girando-o na mão. Também não apresentava sinais de arrombamento. E isso nem era o pior de tudo. Não tinha ideia de como Lina provocara um vazamento desse porte, um vazamento vindo da tubulação subterrânea de Novo Triunfo.

Seu coração disparou, pensando na possibilidade da drenagem revelar o que estava debaixo do concreto.

“Não”, disse em voz alta espantando o pensamento. E mesmo que o concreto cedesse – o que seria mais do que improvável – havia alguns palmos de terra de segurança. Apenas quem realmente estivesse procurando, conseguiria achar. Rafael foi então acalmando-se com os argumentos. Ninguém encontraria os corpos.

O engenheiro voltou, segurando o celular. Coçou a cabeça, como se o que estivesse prestes a falar fosse uma ofensa ou algo do tipo.

“Preciso que você comunique o prefeito que o defeito é bem pior do que a gente imaginava. Não conseguimos achar ainda onde está o problema exatamente, mas deve ser uma parte do encanamento subterrâneo que passa debaixo da casa. Agora como cortamos o suprimento, vamos conseguir ver melhor, assim que água baixar.” O engenheiro coçou a garganta. “Então, é que vamos... hum... ter que quebrar tudo lá embaixo.”

Rafael abriu a boca, mudou de ideia e engoliu em seco.

“O problema é que não sei como vamos levar toda a parafernália lá embaixo.” O engenheiro olhou para a pequena porta de madeira. “E uma vez lá, como a planta é bem antiga, não vamos saber onde exatamente quebrar.”

A tubulação subterrânea de Novo Triunfo havia sido feita aos poucos e em cada obra, desde a década de 60, o emaranhado de dutos ficava mais complicado, os chefes de obra sempre empurrando com a barriga os locais críticos para seu sucessor. Era de se espantar que o problema só tivesse aparecido agora, depois de tantos anos. Quem estudasse as obras, saberia que seria questão de tempo até que acontecesse alguma coisa.

Rafael xingou em voz alta.

Pegou seu celular, não sabendo ao certo o quealaria para seu chefe, mas de uma coisa tinha certeza: Frederico acabaria com Lina. Sorriu.

4

Cármen Romanush estava na mesa fatiando um pedaço de carne, Pepito aos seus pés implorando por um pedaço, quando escutou o velho portão da frente rangendo no silêncio dessa manhã de sábado.

Não pensava que Clara chegaria tão cedo. Não gostara nenhum pouco da ligação que recebera ontem dela, dizendo que ficaria para dormir na casa de uma menina chamada Lina. *Lina Unschuld*. Cármen sabia que junto com esse sobrenome vinha problemas também, e dos bravos.

Na vizinhança onde a pequena família Romanush vivia de aluguel, Frederico Unschuld era mais do que conhecido; sendo proprietário de quase mais da metade daquelas casinhas simples de dois andares, seus cobradores eram temidos por toda a comunidade. É verdade que o aluguel que cobrava era muito menor do que o das outras casas da região, mas com o aumento do custo de vida nos últimos anos, havia muita gente, ela inclusive, que suava para pagar o aluguel.

Cármen não tinha medo dos juros do aluguel atrasado, disso não, sempre dava um jeito no final do mês. Entretanto, tinha pesadelos com o que aconteceria se não pagasse, das negociações que os capangas de Unschuld fariam, das coisas que teria que se submeter para não ser despejada...

Pepito começou a rosnar quando escutou a porta abrindo.

“Clara... é você, querida?”

Silêncio.

Escutou passos apressados subindo a escada.

Seu coração de mãe soube que algo estava errado. Seus dedos, como de costume, acariciaram seu pingente no pescoço. Sua pedra negra rolando entre o polegar e o indicador.

Cármen foi correndo atrás dela, pulando os degraus de dois em dois, mas Clara já havia se trancado no quarto. Resolveu não insistir. Pepito chegara apenas agora no andar de cima, língua para fora ofegante.

Uma profunda tristeza abateu Cármen e ela ficou parada na frente da porta como se estivesse esperando algo. Havia, é claro, ficado muito contente com a notícia da bolsa do prestigiado Colégio São Tomé, meses atrás, mas, no fundo de seu coração de mãe, sabia que sua filha teria dificuldades para se ajustar. Maiores dificuldades do que os problemas que já enfrentava aqui no bairro.

Seu coração chorou e foi preenchido por culpa.

Por que não disse não? Por que deixou Clara se matricular?

Pepito veio devagar e cheirou-lhe os calcanhares. Depois farejou por debaixo da porta e sentiu um odor estranho, sombrio. Recuou uns passos, assustado, e perguntou-se como é que a senhora do seu lado não conseguia sentir essa podridão.

Cármen encostou na parede e suspirou profundo.

Vinovat! Culpada, culpada, culpada!, sua consciência vociferou em seus ouvidos.

Sentia como se tudo tivesse sido fruto de seu erro, que falhara como mãe por não ter protegido sua filha, seu ente mais precioso. Era necessário que Clara crescesse,

mas talvez ainda não estivesse pronta. Mas como diria não para essa menina? Ela só queria estudar para um futuro melhor, um futuro diferente. Não podia lhe privar dessa oportunidade.

Ela desceu as escadas cabisbaixa, Pepito seguindo alguns passos atrás, e voltou à cozinha.

Havia feito a promessa de proteger Clara custe o que custasse há muito tempo, quando abrisse mão de tudo que conhecia e amava só para ficar com sua filha.

Cármen pegou de novo a faca e viu que estava sem corte. Começou a amolar a faca, um som esganiçado tomou conta da sala. Pepito escondeu-se atrás do sofá, simplesmente não podia com esse ruído. Parecia que algo estilhaçava em seus ouvidos.

Cármen perdeu-se nos pensamentos.

Não havia um único dia em sua vida que não se lembrasse da noite em que Clara nascera. Da noite em que fizera tal promessa para si mesma. E, principalmente, das coisas que fizera para salvar a vida de Clara naquela noite.

5

O tapa com o dorso da mão dele fora tão forte que ela foi ao chão, fazendo a sua visão sair de foco por uns instantes.

De bruços contemplou as ilustrações do tapete enquanto saboreava o próprio sangue na boca. Não sentiu dor alguma. A ira que preenchia suas vísceras era um poderoso anestésico. Pensou em revidar, mas sabia que não seria páreo para ele.

Lina Unschuld levantou-se do chão e fitou seu pai nos olhos.

A tensão entre os dois era palpável no ar.

Rafael, o assessor de Frederico Unschuld, tentou não demonstrar nenhuma expressão no rosto, desviando seu olhar. Desejou que a cena terminasse logo. Não

que se importasse com Lina, pelo contrário, queria ver aquela pirralha sofrer até seu último suspiro. O problema era que ele estava se segurando para não abrir um sorriso de orelha a orelha e olhar a cena como se tivesse pipoca nas mãos. Frederico desconfiaria de que alguma coisa estava errada ou de que ele era maluco ou coisa do tipo. O que Rafael menos queria agora é chamar a atenção dele. Deslizou com as costas nas paredes, tentando sair do campo de visão de seu chefe. Seu único erro foi estar no escritório quando a discussão começara e não seria agora que Rafael pediria permissão para sair.

Afinal, agora estava ficando tão bom, pensou.

Quando Frederico aproximou-se lentamente de Lina, sem que a tensão entre os dois se quebrasse, Rafael salivava. Queria ser ele a dar a surra na garota. Por mais que seu chefe não soubesse, Rafael tinha seus próprios motivos e sonhava no dia em que acertaria as contas de vez com ela. Mas parecia que Lina estava sempre um passo à frente dele e, por mais que tentasse, Lina sempre saía ganhando.

Isto é, até agora, pensou Rafael, saboreando a cena.

Frederico Unschuld estava tão vermelho que pareceu ser o diabo em pessoa. Seu cabelo desganhado dava-lhe um aspecto ainda mais feroz.

“Como é que você tem a coragem de vir aqui, olhar nos meus olhos e alegar que não sabe de nada do que aconteceu. COMO!” disse ele.

Estava a menos de trinta centímetros do rosto dela. Lina controlou cada músculo de seu corpo para não recuar ou demonstrar qualquer sinal de fraqueza ou submissão.

“Mas foi um acidente,” zombou Frederico da filha, fazendo voz de falsete.

Puxou-a pelo cabelo e a fez ajoelhar no chão.

Lina não emitiu um único ruído e sua expressão manteve-se neutra.

“Você não tem ideia, *IDEIA*, do que você, sua sujeitinha mal-agradecida, colocou em risco!” berrou ele.

Frederico puxou o cabelo de sua filha para trás, para que ela, de joelhos, pudesse ver seu rosto.

“Você continua agindo como uma criança! Uma criança! Não vou mais suportar isso!” disse ele, abaixando o volume da voz em poderoso tom de ameaça.

Esbofeteou Lina com toda a força que tinha.

Frederico arregaçou as mangas da camisa social e ficou andando em círculos ao redor de Lina que jazia esparramada sobre o tapete persa do escritório.

Rafael nunca vira seu patrão tão enfurecido.

“Tá vendo tudo isso aqui?” vociferou ele enquanto andava, fazendo gestos bruscos no ar. “Esse escritório, essa casa, **ESSA FORTUNA!** Tudo o que EU construí, tudo o que EU trabalhei poderia ter ido água abaixo com sua estupidez Lina! **TUDO!**”

Frederico limpou a boca com a mão, como se estivesse espumando.

Abriu um armário de vidro, pegou um vaso oriental azul e branco com as duas mãos.

“Olha pra mim quando estou falando com você, Lina!” gritou ele.

Lina ergueu o rosto vermelho e o encarou.

Frederico fez uma expressão de desgosto e tacou o vaso o mais forte que pôde no chão bem em frente de Lina. Os pedaços de porcelana voaram por todo o escritório.

Rafael deu um pulo, por essa não estava esperando.

“Se você pensa que tocaria num centavo sequer do dinheiro da família enquanto eu estivesse lá apodrecendo em cana, você está muito, mas **MUITO ENGANADA!**”

Frederico abaixou-se e vasculhou os pedaços de porcelana no chão. Seus dedos rápidos encontraram a chave de cobre que buscava.

“Você vem falar pra mim que não tem culpa?!” berrou ele.

Lina apoiou-se no tapete, seu sangue fervendo, e sua ira a fez ficar em pé novamente. Ainda não abria a boca.

“Isso é insultar minha inteligência! Me chamar de idiota,” disse ele, agarrando os cabelos dela de novo. “É isso? É ISSO? Hein!? Me responde sua vadia!”

Frederico jogou-a com sua força bruta contra sua mesa. Lina foi arremessada como uma boneca contra a madeira.

“A única, eu repito, a *única* chave que abre aquela maldita porta estava aqui dentro desse maldito vaso,” trovejou ele.

Apertou o pescoço de Lina, prensando-a contra a mesa.

“Você é igualzinha a vadia da sua mãe! SABIA? Igualzinha.”

Lina começou mordeu os lábios, engolindo sua cólera ao ser comparada com sua mãe.

“Deve ser esse sangue cigano aí que você tem nas veias, sua PUTA! *PUTA!* Você tem sorte, oh sim, muita sorte que a drenagem do porão revelou apenas o que você e o merda do teu namorado andaram fazendo lá embaixo e mais nada.”

Mesmo estando prensada contra a madeira, Lina sorriu quando escutou isso. Já sabia, é claro. Obrigara Lucas a procurar o maldito corpo de Clara, mas não encontrara.

A filha da puta tinha escapado, ruminou ela. Não sabia como, mas aquela desgraçada tinha escapado e deixado um presente para ela no porão.

“Quer fazer dessa casa um bordel nas horas que não estou aqui, tudo bem! Mas você sabia, SABIA sua puta que não era pra entrar lá. Sabe o que vai acontecer com você? *Hum?* Vou te falar o que vai acontecer!” berrou ele, aproximando-se por trás de Lina. Colocou sua boca bem perto da orelha dela. “Um dia desses você vai ter o mesmo fim QUE A DESGRAÇADA DA SUA MÃE TEVE!”

Tal como a filha, lembrar de sua falecida esposa era para Frederico tocar na ferida em carne viva ainda. Por mais que já fizesse bastante tempo, aquele continuava sendo um assunto delicado, volátil, capaz de explodir a qualquer momento.

Frederico tirou o cinto de couro de sua calça.

Rafael não conseguiu acreditar no que estava acontecendo. Sempre achara que Frederico fora gentil demais com Lina, mas isso só lhe mostrava que ainda não

conhecia a relação deles tão profundamente quanto achava. Rafael endireitou-se para ver melhor.

Lina sentiu o toque brusco de seu pai enquanto foi desnudada da cintura para baixo. E assim, pela primeira vez há muito tempo Lina sentiu medo. Medo por sua vida. Não sabia até onde seu pai chegaria com sua fúria. E por um momento, recordou-se daquela noite quando ainda era criança. Da noite em que encontrara a porta do porão aberta. Da noite que sentira tanto medo quanto agora.

Lina recebeu a primeira chibatada, o estalar do couro vibrou no ar.

Lágrimas escorreram de seu rosto e ela soltou um doloroso uivo. Não haveria raiva nenhuma no mundo que a impediria de gritar, a dor era forte demais, lancinante, parecendo rasgar sua alma. Lina sentiu sua pele arder como se tivessem jogado querosene e tchado fogo.

E na sua frente, no meio do turbilhão de sua agonia, Lina achou um refúgio. Imaginou que no grande quadro atrás da mesa estivesse desenhado o rosto de Clara Romanush.

Segunda chicotada.

Lina descontrolou-se e começou a chorar alto, lágrimas de dor e raiva escorrendo pela mesa. Mas algo servia-lhe de consolo enquanto apanhava. Sua mente tinha um único foco e Lina direcionou toda sua ira para aquela imagem projetada na sua frente.

Terceira chibatada, o estalo parecendo mais forte que os outros. O couro retornou agora com laivos de sangue à mão de Frederico.

Ele concentrou-se então, reunindo todas as suas forças e chicoteou mais uma vez, o quarto golpe.

Depois de relinchar de dor, enquanto seu pai preparava o couro, Lina sussurrou algo inaudível e fez uma promessa.

Quando saísse daqui, Clara Romanush seria uma garota morta.

DEIXE-ME ENTRAR

Domingo 17 de Março

1

Ela segurou firme o estilete na mão, a lâmina refletindo a luz que vinha da janela aberta, e perguntou a si mesma se iria doer muito.

O relógio analógico vibrou com a chegada do novo dia, indicando meia-noite. O quarto estava escuro, mas não tão escuro ao ponto de não enxergar nada. A claridade que vinha da rua era o suficiente para se localizar dentro do cômodo. Música soava ao fundo distante, provavelmente alguém da vizinhança caindo na gandaia e que não dava sinal algum de que acabaria cedo. Não que isso importasse muito para Clara, pelo contrário, já estava acostumada com todo o tipo de barulho por aqui. Melhor isso do que o som de tiros ao fundo, sua mãe sempre dizia.

Algum carro qualquer passava agora na rua e um cachorro vigiava o movimento na casa do outro lado, lutando contra o sono que aos poucos o ia embalando.

A risada de Lina ecoava em suas entranhas, contorcendo-as.

Sua ciganinha de merda.

Ciganinha de merda.

Clara olhou o movimento pela janela e teve a sensação de ver um filme. Teve a impressão de que estava perdendo seus sentidos, como se não conseguisse mais distinguir a realidade de um sonho. Nada mais naquela realidade lhe pertencia. Poderia estar ainda dentro do porão e isso daqui que via agora podia muito bem ser

um outro sonho. Um sonho dentro de um sonho. Acordaria a qualquer instante naquele escuro do porão e descobriria que ainda estava presa.

Um outro carro passou pela rua, seu som alto fazendo vibrar a estrutura da casa. O cachorro do vizinho já não levantou a cabeça quando o automóvel passou, estava dormindo gostoso.

Estava agora sozinha no quarto. Pepito, depois de tanto insistir arranhando a porta para entrar, havia se retirado para a sala.

Posicionou o estilete enferrujado perto de seu pulso. Não seria suicídio. *Não*. Seria como acordar de um pesadelo. Um beliscão que a traria de volta à superfície da realidade.

Os tortuosos caminhos azuis de suas veias pulsavam com seu coração apressado. Clara lembrou-se de que deveria fazer um corte rápido e profundo. Não poderia vacilar. Encostou com força a ponta da lâmina na pele para ver se funcionaria. Uma gota grossa de sangue escorreu.

Clara respirou fundo, preparando-se para o corte.

Algo a interrompeu.

Ela perdeu o foco quando sua escrivaninha começou a vibrar como se tivesse vida própria.

Clara mantinha seu material de escrever em um copo de acrílico em cima de sua mesa. Como se estivesse enfeitiçado, ele foi movendo-se no topo da mesa. Clara abriu e fechou os olhos para ter certeza de que estava vendo certo. Então levantou-se rápido, estilete ainda em mãos, e acendeu a luz do quarto bem no momento certo. Viu boquiaberta o copo cair no chão, esparramando lápis e canetas por todo o lado.

Clara congelou, sentindo a infusão de adrenalina em seu corpo.

Tudo voltou ao normal, a mesa parou de tremer e os últimos lápis pararam de rolar pelo chão. Silêncio dominou o cômodo.

Será que?... pensou ela.

Clara deu um passo para frente ansiosa.

Colocou a mão na boca para conter seu espanto.

Um único lápis, de cor vermelha, girou em torno de seu próprio eixo, como se quisesse chamar atenção da gigante que o observava do espaço. Depois de ter atraído sua atenção, veio rolando lentamente em sua direção, abrindo espaço entre os outros, até parar e fazer contato com seu pé descalço.

O lápis começou a balançar.

Clara sorriu.

2

Clara colocou dois dedos ainda manchados de tinta no fundo do copo virado para baixo e concentrou-se, fechando os olhos. Teve certeza de que ele já estava ali, esperando por ela. As chamas das velas ao redor de Clara dançavam como se o vento fosse seu parceiro, por mais que as janelas estivessem todas fechadas. Uma presença quase tangível pairava sobre a atmosfera pesada no quarto. Eram cinco da manhã e o corpo de Clara não precisara de sono ainda, nenhum pouco. Clara queimava agora com uma nova chama interna que a mantinha acordada.

Diante dela estava a tábua de madeira que Joaquim lhe dera. Clara tinha passado as horas anteriores construindo um delicado alfabeto de letras com suas canetas hidrográficas coloridas. Tinha buscado inspiração na internet, usando seu computador velho na escrivaninha e encontrado uma versão que lhe serviu de modelo. Mas o que Clara construía era muito mais elaborado. As letras garrafais foram caprichosamente traçadas com a cor preta e depois coloridas de vermelho por dentro. A escolha de cores fez com que as letras ressaltassem no fundo de madeira branca. O traçado era característico da escrita feminina de Clara.

Além do alfabeto, Clara havia colocado na borda superior do retângulo as palavras *Sim* e *Não* tal como no modelo da internet. Depois acrescentou os números de 0 a 9 na borda inferior. Mas, pegou o gosto pela coisa e quando percebeu, já estava desenhando uma elaborada serpente ao redor do alfabeto. Clara havia pensado até no detalhe das escamas que pareciam reluzir quando vistas de longe. A serpente era

negra e na altura das palavras *Sim* e *Não*, sua grande boca engolia a própria cauda. Para terminar, desenhara um coração bem pequeno, aquele de formato infantil mesmo, no canto inferior como detalhe final e uma espécie de assinatura.

O momento enfim havia chegado.

Clara coçou a garganta, pensando no quealaria.

“Por favor, se manifeste...”

Sentiu com os dedos manchados uma leve vibração no copo. O copo estava virado para baixo e encontrava-se no centro do alfabeto, entre as letras G e T.

“Primeiro, quero agradecer por ter salvado minha vida,” disse ela, seus olhos enchendo das mais verdadeiras lágrimas. “Não só naquele lugar escuro, mas aqui também... quando eu... eu...” terminou ela, não conseguindo completar a frase.

Os lábios de Clara começaram a tremer.

E de repente, aconteceu.

O copo deu um tranco e começou a mexer-se na tábua de madeira branca. No primeiro instante, lutou contra a resistência da madeira, mas uma vez em movimento, parecia deslizar sobre a tábua, como se não houvesse nenhuma resistência.

Seu queixo caiu e Clara arregalou os olhos, no mais profundo espanto.

D-E

N-A-D-A

Q-U-E-R-I-D-A

O copo retornou ao centro e ficou de novo imóvel, como se nada tivesse acontecido.

Clara sentiu o coração disparar e suas mãos ficaram geladas.

“Qual o s-s-s-seu n-n-nome?” gaguejou.

T-I-V-E

V-A-R-I-OS

N-O-M-E-S

A-O

L-O-N-G-O

D-O-S

A-N-O-S

Clara olhava atenta o deslizar do copo.

M-A-S

P-O-D-E

M-E

C-H-A-M-A-R

D-E

N-E-R-I-O

“Preciso de sua ajuda Nério... por favor... me ajuda... quero... *quero me vingar.*”

Clara puxou o ar com força, fazendo uma espécie de exclamação e cobriu a boca com a mão livre. Sentiu um peso no peito, culpando-se por essas emoções novas que brotavam em seu íntimo.

Se acredita em um lado da moeda querida, tem que acreditar no outro também, sua mãe ecoou suave em sua cabeça.

“Quero me vingar!” exclamou ela em voz alta numa espécie de catarse, como se estivesse libertando-se de todas as correntes que a prendiam à culpa.

Sabia que não podia falar muito alto, não queria fazer barulho, sua mãe ainda estava dormindo. Sua voz era agora um sussurro rápido e histérico.

“Quero sangue, sangue!, me ajuda, por favor...” sussurrou ela.

O copo mexeu-se, deslizando na madeira mais uma vez.

S-I-M

Clara contemplou a curta resposta.

“Me mostre como. Mostre como posso fazer Lina Unschuld sofrer junto com todo o resto deles,” salivou Clara.

Ela liberava-se pouco a pouco, mas algo dentro dela ainda lutava. O corpo de Clara começou a revirar e contorcer-se enquanto falava. Parecia tremer.

“Não é justo, NÃO É JUSTO! Eles tem que pagar!” sussurrou ela em algo que mais se aproximava a um sibilo de uma serpente.

Clara sentiu cada parte do corpo arrepiar-se.

Devagar o copo foi deslizando, moldando a resposta. Os olhos de Clara saltaram e ela congelou.

N-A-O

O copo mexeu-se mais uma vez, parecendo levitar sobre o tabuleiro.

Uma espécie de choque percorreu Clara, fazendo-a sentir que cada fio de seu corpo ficara em pé. Concentrou-se atenta na madeira para as palavras que o copo ditava.

A-N-T-E-S

D-I-S-S-O

Clara cerrou sua outra mão em aflição, com medo do que viria a seguir.

E-X-I-S-T-E

A-L-GO

Q-U-E

E-U

Q-U-E-R-O

Q-U-E-R-I-D-A

Ela mordeu o lábio.

D-E-P-O-I-S

T-E-R-A

T-U-D-O

O

Q-U-E

S-O-N-H-A-R

Sua respiração estava ofegante agora.

C-O-N-Q-U-I-S-T-A-R-E-M-O-S

O

M-U-N-D-O

S-E

A-S-S-I-M

O

D-E-S-E-J-A-R

Seu pulso acelerado ruflava em seus ouvidos.

O

Q-U-E

M-E

P-E-D-E

S-E-R-A

P-O-U-C-O

C-O-M-P-A-R-A-D-O

A-O

Q-U-E

P-O-D-E-M-OS

A-L-C-A-N-C-A-R

J-U-N-T-O-S

O vidro do copo começou a ficar nublado, algo começava a materializar-se ali. Clara espremeu os olhos, tentando ver melhor.

M-A-S

A-N-T-E-S

D-E-I-X-E-M-E

E-N-T-R-A-R

Clara tirou bruscamente os dedos do copo. Colocou a mão na boca, abafando seu grito de terror. O vidro estilhaçou-se, pedaços voando para todos os lados do quarto.

Agora isso tinha ido longe demais, pensou ela escutando sua consciência.

Ela acendeu o fósforo e jogou-o, sem hesitar, na lata de lixo.

O brilho da chama reluziu no escuro de seus olhos. Seus músculos finalmente relaxaram quando viu a madeira chamuscar. As letras escarlates foram se

apagando, ficando, primeiro, borradas e, depois, se esparramando pela madeira, antes de sumirem de vez. A serpente pareceu contorcer-se nas chamas como se implorasse pela sua curta vida. Em questão de segundos, a tábua estava negra e Clara Romanush sentiu um alívio profundo ao ver tudo aquilo queimando. Era uma sensação estranha.

O fim da tarde de domingo, com o sol ainda forte no horizonte, mantinha um mormaço sufocante no ar. E o céu, sem promessa de chuva, pareceu impotente diante da imensidão laranja que vinha em todas as direções.

Clara afastou-se da labareda conforme o halo de calor foi crescendo. Estava no terceiro andar de um prédio abandonado do bairro Vila Jandira.

O alívio de Clara durou pouco, pois a atmosfera asfixiante do prédio passou a lhe incomodar mais uma vez.

Afastou-se depressa da lata de lixo.

Sem olhar para trás, Clara desceu rapidamente os degraus da escada de concreto. Uma grande placa de metal toda enferrujada que jazia no prédio era o único elo com o seu passado e parecia tão sem vida e apagada quanto suas vitrines quebradas. A placa, por ter sido colocada antes mesmo do término da obra, representou um dia o raio de esperança para todos, mas servia agora de fóssil pré-histórico. Uma espécie de animal que não resistiu ao processo natural de evolução. Talvez se tivesse parado e observado com mais atenção, Clara teria lido: *Shopping Novo Triunfo, Você Conquistando Novos Horizontes*.

Clara descia a escada perdida em seus pensamentos.

Ainda lhe dava um arrepio na espinha toda vez que revivia a cena do copo arrastando-se sem atrito pela madeira, assombrada com o pensamento de que existia algo invisível, do lado de lá, quase tão vivo quanto ela. Mas não era isso o que mais lhe horrorizava. Antes fosse.

O que ela realmente queria queimar e esquecer estava escondido, na verdade, dentro dela mesma. O espinho que desejou que estivesse ardendo no andar de cima era a emoção que Nério despertara nela. Fizera isso sem aviso prévio, sem preliminares, pegando-a desprevenida.

Clara estava assombrada com essa nova emoção que parecia chorar como um recém-nascido dentro dela. Não conseguiu achar palavras para descrever a sensação. A sensação deveria ser a mesma, Clara achava, de estar à beira de um traiçoeiro penhasco, de um grande abismo. Antes pensava que o natural frio na barriga nessas situações fosse um instinto de sobrevivência, já que olhar para baixo é ter certeza da morte com mais um único passo. Esse era o frio na espinha quando lembrava do copo. Mas o verdadeiro terror, o genuíno pânico que a atormentava estava camuflado e era difícil de se admitir.

Era perceber o profundo e irresistível desejo de jogar-se penhasco abaixo. De dar aquele passo a mais que faltava em direção ao abismo. De ceder àquela sedução. Debaixo de sua carne, Clara secretamente cobiçava por isso e o medo era não do impacto, que ela sabia que viria, mas da sua ânsia pela sensação da queda.

Clara saiu do prédio, tropeçando nos últimos degraus. Escalou a cerca com tanta fúria que parecia ser perseguida por um monstro. Talvez não estivesse tão errada assim. Parou na esquina e apoiou-se nos joelhos, ofegante. Demorou uns bons segundos para que recuperasse o ar. Quando estava melhor, limpou o suor da testa e atravessou a rua deserta.

Seria um longo caminho até a delegacia do outro lado do rio. Mas era o certo a se fazer.

Virou a esquina e não reparou quando um HB20 preto começou a segui-la de longe.

O celular começou a vibrar e de tanto tremer acabou caindo no chão. O ruído, abafado, foi o suficiente para fazer Lina resmungar no seu sono. Ainda estava com o corpo dolorido após o que acontecera. Tinha dormido quase todo o resto do dia, mas, mesmo assim, se sentia cansada, abatida, literalmente como se tivesse tomado uma surra.

O celular parou e o quarto voltou ao silêncio.

Abriu um pouco os olhos e pela ausência de luz no quarto, se deu conta de que o infeliz que ligara para ela tinha desistido. Virou de lado, meio bêbada e suspirou, embalando no sono.

Ouviu aquele barulho, típico da vibração de celular. Resmungou, socando o travesseiro. Viu o teto do quarto iluminado pela tela do celular que tremia no chão. Não era já qualquer infeliz, era um infeliz insistente.

“Vou desligar essa porra,” disse em voz alta.

Seu desejo era na verdade de pegar uma marreta bem grande e estraçalhar aquele aparelho em mil e um pedaços. Ou melhor estraçalhar o infeliz insistente que ligava para ela nessa tarde de domingo.

Esticou metade do corpo para fora da cama e tentou pegar o celular. Mas estava longe demais. Bufando levantou, seus passos fazendo um barulho abafado no tapete.

Pegou o celular, ainda vibrando, e aproximou as sobrancelhas quando viu o rosto cintilante de Lucas na tela. Seu dia não podia ficar pior. Pelo menos era isso que Lina achava.

“*Quê?!*” gritou ela.

Lina afastou o celular do ouvido, surpresa com a intensidade da voz do outro lado.

“Mas que caralhos, você tá m...”

Silêncio no quarto.

“*Tem-certeza-disso?*” vociferou Lina, as palavras se unindo com a rapidez de sua fala. “Não, não, você fica é aí do jeito que tá. Eu.. eu...” Não soube o que dizer.

Mas era essa que me faltava, pensou ela.

“Você vai fazer o que *EU* disser, escutou!? Não quero que você perca ela de vista, mas nem por um minuto.”

Lina acendeu a luz, correndo até o armário. O celular, preso no pescoço com seu ombro, quase caiu.

“Não sei! Já disse que não sei!”

Lina abriu as gavetas e começou a jogar roupas em cima da cama desarrumada. Estava com pressa. Não podia perder tempo.

“Faça o que for necessário! Cê tem ideia que se ela abrir o bico, fodeu pra todo mundo?”

Colocou uma camiseta qualquer, trocando o celular de ombro.

“Não, já disse que não. Pensa você então! Por que é que *eu* tenho que resolver a sua cagada agora?” Suas sobrancelhas franziram de novo. “Se ela for para a escola é o menor dos problemas, seu imbecil! Ela está indo para a delegacia! E não vem jogar a culpa em cima de mim, não. Foi VOCÊ que me ajudou. Agora vai ter que ser você a me ajudar a limpar essa merda toda.”

Inspirou, recuperando o fôlego. Estava falando muito rápido.

“Dinheiro? Ah tá que você acha que ela vai querer dinheiro e vai aceitar ficar calada. E já disse que não tenho ideia do que a gente vai fazer, então PARA DE ME PERGUNTAR, PORRA!”

Lina espiou pela janela. O carro de seu pai não estava parado lá fora como de costume.

“Talvez... hummmmm... talvez eu tenha um plano...” disse ela quase sussurrando, sua mente longe.

A voz do outro lado suspirou em alívio.

Lina voltou para a janela, seu coração pulando. Viu o carro vermelho sedan parado na rua. Isso significava que Rafael tinha ficado de babá, o que não necessariamente era uma coisa ruim, raciocinou ela.

“Lucas, só tem um jeito dela cruzar o rio para vir para cá.”

Estática da voz, falando do outro lado.

“Não seu estúpido, ela não vai dar a volta. Ela vai usar a ponte. Não. A outra ponte.”

Lina esboçou um sorriso curto, sua expressão negra.

“Não importa se dá ou não. Você vai entrar de carro lá, foda-se o resto.”

Lina estava perdendo a paciência agora. Virou o celular para ela, encostando na sua boca.

“Tem noção do que está em jogo?! HEIN?!” trovejou ela, parecendo um animal silvestre.

E a linha ficou muda por uns instantes, Lina ofegando de um lado, Lucas mordendo o lábio do outro. Foi ele quem quebrou o silêncio.

Lina umedeceu os lábios, mostrando os dentes.

“O que for necessário! SIM! Tô pouco me fodendo para o que você faça, nem que tenha que atropelar ela, sei lá, mas NÃO DEIXA ELA CRUZAR A PONTE!”

Lina jogou o celular contra a parede.

5

Lucas Gianotti desligou o telefone e socou o volante. Sua cabeça girou com o que ele tinha acabado de ouvir. Estava tão nervoso que seu rosto inteiro estava vermelho. Sentiu suas orelhas queimarem.

O carro estava parado em uma estrada de terra sem vergonha, daquelas que se vê em fotografias do século passado, junto do cruzamento com a linha do trem. Não havia mais ninguém naquele lugar. Afinal se Novo Triunfo já era onde Judas tinha perdido as botas, Lucas estava agora no fim do fim do mundo. Em uma estrada que corria na periferia da zona norte, já muito próxima das fazendas de cana, talvez até fora do limite do município, vai saber.

Lucas pensou no que faria em seguida, as palavras de Lina ecoando na sua cabeça.

Tinha sido culpa dela. Tudo culpa dela. Ela e sua arrogância de querer se meter em tudo, de sentir que tem o controle. Xingou Lina. Agora era ele que tinha que limpar a merda toda.

Lina joga bosta no ventilador e o otário do Lucas tem que ir lá limpar, as palavras fumegaram no seu pensamento.

Agora Lina tinha ido longe demais.

Já não era qualquer brincadeira e ele sabia disso. Era sua pele que estava em jogo também no final das contas. Lucas segurou a cabeça, apoiando os cotovelos na direção. Lágrimas da mais pura raiva escaparam-lhe os olhos.

Ainda não entendia como é que de uma brincadeira, eles tinham chegado nessa situação. Felipe e Mélanie se safaram disso tudo. A culpa cairia em cima dele e de Lina apenas.

Sentiu medo. *Medo?* Talvez não fosse a palavra mais adequada, mas a verdade era que ali, parado dentro do carro no cruzamento deserto, nessa tarde de domingo, Lucas estava era *com o cu nas mãos*.

E faria qualquer coisa para salvar sua pele.

Qualquer coisa.

6

Depois de ver seu ônibus passar e não conseguir alcançá-lo a tempo, ela decidiu andar. Demoraria mais de hora para passar outro. Domingo à tarde não era horário de pegar transporte público e ela já estava cansada de ouvir isso.

Não seria uma caminhada muito longa... se fosse pelo atalho. Nunca o havia percorrido, verdade, mas desde pequena sabia que as crianças do bairro utilizam aquele desvio. Sim, utilizavam o caminho mais curto para ir aprontar na zona sul

da cidade. Era a forma secreta que os assim chamados marginais da zona norte atrapalhavam a perfeita ordem da zona sul.

Além da ponte principal Bertha Lutz que conectava a Zona Norte com a Sul, havia uma outra conexão: a antiga e estreita ponte ferroviária. Tão estreita que quase não sobrava espaço para além do trem passar. Tinha grandes arcos de ferro e concreto dos dois lados mas com vãos tão largos entre si que um caminhão poderia mergulhar no rio. Era por ali que Clara Romanush estava querendo passar. Por debaixo da ponte, a quase uns setenta metros, corria imponente o Rio Inhaúma com suas águas lamacentas.

O sol ainda permanecia intenso o suficiente para Clara não ter medo de fazer o trajeto sozinha. Ninguém a assaltaria no estado que estava, disso ela poderia ficar tranquila. Decidiu pegar o ônibus só para voltar, quando fosse noite demais para percorrer o mesmo trajeto. Era melhor assim, pensou ela, teria mais tempo para pensar no que iria dizer do mesmo jeito.

Colocou-se a caminhar, vendo de esguelha as casas do bairro Vila Jandira ficarem cada vez mais espaçadas e o mato verde crescer ao redor. A natureza ia dominando lentamente a cena. Estava praticamente indo na mesma direção da casa de Seu Joaquim e por um momento, pensou em pedir sua companhia. Bobeira. Não queria que ninguém ficasse sabendo. Nem mesmo sua mãe.

Sentiu um aperto no peito.

Conforme ia caminhando, mais e mais se dava conta de que não podia fugir de si mesma.

Uma Clara nova queria despertar, mas ela lutava tentando manter o seu novo ser a qualquer preço debaixo da superfície.

Afastou os pensamentos e retomou sua caminhada. Tinha um objetivo em mente. Esforçou para se tranquilizar.

Estou fazendo a coisa correta, a coisa racional, repetiu ela.

Convenceu-se de que contaria a verdade, toda a verdade, por mais ridícula que a achessem, Clara contaria tudo para a polícia. Era o que qualquer pessoa decente faria.

Avistou, enfim, a placa do cruzamento com a linha do trem. Estava andando rápido, perdida em seu devaneio e chegara mais rápido do que pensara. Havia caminhado quinze minutos em um passo acelerado e nem vira passar o tempo.

Será que eles iriam longe o suficiente para colocar Lina atrás das grades? pensou, retomando o turbilhão interno. Achou estúpida a ideia de que Frederico Unschuld, com todos seus contatos na política, iria ver sua filhinha em cana.

Clara sentiu o sangue ferver, como a água de uma chaleira no fogo. Não gostou desse sentimento e andou ainda mais depressa agora, como se quisesse fugir da própria sombra.

A verdade era que poderia ter morrido lá no porão e estaria agora no necrotério da cidade. Sentiu seus olhos ficarem molhados, inflados por um senso de justiça.

Clara começou a trotar entre os trilhos do trem. A estreita ponte ferroviária sobre o rio Inhaúma apareceu no horizonte.

Uma risada gelada ecoou em sua mente, congelando seus passos. Olhou para os lados, mesmo sabendo que aquela voz tinha vindo do seu interior. A voz era tão diferente da sua voz interna que parecia como um alto-falante na sua orelha. Toda a falsa esperança de ter se livrado da presença *dele*, queimando a madeira, esfarelouse como areia em suas mãos.

Você acha mesmo que existe o inferno, querida?, disse ele, seu tom calmo, sedutor. *Acha mesmo que tem algo ali te esperando? Não existe nada, absolutamente nada, minha rainha. O vazio. O eterno vazio. Nós dois podemos fazer tantas coisas juntos, serei o amigo que você nunca teve Clarinha.*

Clara estremeceu ao escutar seu apelido.

Você sabe que agora estarei sempre aqui com você, quando precisar, te vigiando...

Clara chacoalhou a cabeça, como se quisesse livrar-se de um chapéu com pulgas.

Basta deixar-me entrar...

“Me deixa em paz!” gritou ela em desespero.

Clara correu pelos trilhos como se o chão estivesse em chamas, tão atordoada que começou a dar tapas na cabeça, tal como se fazia antigamente quando o sinal da

televisão deixava de pegar, tentando a todo custo sintonizar-se na frequência da Clara antiga, mas por alguma razão não encontrava o canal.

Chegou à ponte ferroviária e parou entre as colunas de metal para recuperar o fôlego. Observou as águas escuras que corriam metros e metros abaixo de onde estava. Fechou os olhos, sentindo-se tonta por causa do movimento das águas e seu mundo pareceu girar. Achou que vomitaria.

As águas barrentas e tortuosas do rio ondulavam como um mar de serpentes, suas águas refletindo muito pouco do céu alaranjado. O vento bateu em seu rosto, esvoaçando seu cabelo escuro, trazendo aquela refrescante brisa no mormaço da tarde.

Clara sentiu seu estômago assentar. Puxou o ar e respirou fundo. Tudo ficaria melhor quando chegasse na delegacia e acabasse com isso de uma vez. Seu pulso foi aos poucos desacelerando e um tipo de esperança foi preenchendo seu ser. A mesma que o navegante em um mar tortuoso sente ao avistar terra firme. Bastava cruzar a ponte e seguir por uma trilha. Em dez minutos de caminhada chegaria ao seu destino.

Clara retomou então o passo, cruzando a ponte.

Estava na metade quando percebeu que algo estava errado e parou.

Escutou um barulho de motor, longe, ainda distante, mas que parecia acelerar.

Sabia que não era o trem, ele nunca passava numa hora dessas.

Por causa do vento, demorou para entender que o barulho vinha de trás dela. E o ruído foi ficando mais próximo, mais próximo e pareceu ser...

Clara virou-se e viu, acelerando a toda velocidade, um HB20 preto vindo em sua direção.

Como eu tô fodido, pensou Rafael enquanto conduzia o sedan em direção à velha estação de trem. Sabia que não deveria fazer isso.

Olhou para o lado do passageiro. Lina estava olhando pela janela aberta, seu cabelo longo soprando. Rafael sentiu o cheiro de xampu.

“Você tem certeza?”

“Já disse que sim,” resmungou Lina, “só preciso que você me deixe lá e pronto, seu segredo estará guardado. Mais uma vez.”

“Você já falou isso antes,” retrucou ele, ranzinza.

“Você está na minha mão Rafinha... lembre-se disso, mon cher: eu posso foder com a sua vida a qualquer momento...” Lina deixou a frase no ar. Não era necessário completar. Ambos sabiam disso. “Vai ter que fazer vários favores ainda para mim, estou longe de terminar com você.”

Rafael socou o volante.

“Você sabe o que colocaria em jogo?! Não sou só eu que sairia prejudicado...”

“E você acha que eu tô ligando pro meu papaizinho? Já te disse que mataria aquele filho da puta se tivesse chance. Estou pouco me fodendo pros negócios entre vocês dois.” Lina fez um gesto com a mão. “Quanto pensamento nele, *ohhh* que bonitinho. Enquanto você deveria estar ocupado de chegar mais rápido na merda da estação.”

Rafael segurou o volante com mais força.

“Você não entende! Ele precisa ganhar a reeleição e não podemos desperdiçar mais nenhum voto. Se isso vazar...”

“Deixa eu adivinhar. Sem a reeleição, não tem esquema né. Pode ir dizendo *hasta la vista baby* para os negócios que você e ele estão bolando.”

Rafael pareceu espumar.

“Quero deixar claro que não quero fazer parte seja lá do que for que você e seu namoradinho de lixo aprontaram. Eu tô colocando em risco aqui minha situação, já disse. Só tô fazendo isso por causa d...”

“Do maldito vídeo que acabaria com você pra sempre?”

Lina fez um biquinho de pena. Aquilo irritou ainda mais Rafael.

“Será que falar isso pela milésima vez vai fazer a gente chegar mais rápido na estação, hein?!” berrou Lina.

Rafael pisou no freio com toda a força, o carro cantando pneu. Se não fosse pelo cinto, Lina teria batido de cabeça no vidro.

“Mas que caralhos você pensa que tá f...” disse Lina, sua expressão paralisada.

Rafael colocou em primeira e acelerou fazendo uma curva.

“Não disse que eu não estava indo o rápido o suficiente?” falou ele com desdém.

Eles tomaram uma estrada de terra, escondida entre a mata. Não tardaria muito para que eles chegassem na estação por esse caminho. Quando Lina percebeu por onde ele estava indo, abriu um sorriso.

Rafael poderia ser o mais obtuso de todos os capangas de seu pai. Mas, ela não podia negar que o moço sabia dirigir.

Adentraram um clarão na mata, Rafael deixando um rastro de poeira para trás.

Em poucos minutos, avistaram o que tinha sobrado da velha estação de trem Novo Triunfo. Não era utilizada há anos, tendo sido desativada na década de 80. Estava caindo aos pedaços, suas janelas quebradas e os muros pichados com os mais vulgares dos eufemismos. O trem não parava mais ali como fazia antigamente. Há mais de vinte anos que nenhum passageiro desembarcava nessa estação fantasma. Hoje, o trem carrega apenas carga e seus trilhos passam direto a uns cem metros de distância da plataforma. Nas telhas da construção, pombos haviam feito ninhos e não era raro se bicarem para achar mais espaço na podridão. O aspecto do lugar era sombrio, esquecido e cheirava a fracasso da época dourada de Novo Triunfo.

Rafael parou o carro.

Ambos se olharam como se cada um estivesse esperando o outro fazer algum sinal. O silêncio foi quebrado quando o celular de Lina tocou.

“Mas, o quê!?? E você não fez nada?!”

Lina saiu correndo, deixando a porta aberta.

“Ei! E agora o que é que eu faço?” gritou Rafael pela janela, já não esperando resposta.

O acordo era que ele lhe levasse à estação. Pois muito bem, trabalho cumprido.

“Foda-se,” bufou ele.

Soltou o cinto e esticou-se, fechando a porta do passageiro. Acelerou o máximo que pôde, cantando pneu e deu meia volta. Estava cansado de Lina e de suas armadilhas. Estava cansado de ser usado como boneco por aquela maldita.

Ela está colocando tudo em risco, se aquele vídeo vaziar... pensou com ódio.

Se dependesse dele, teria dado um fim naquela menina há muito tempo. Poderia fazer tudo parecer um acidente, ninguém suspeitaria de nada. Mas não era capaz de fazer aquilo com Frederico. Afinal aquela era sua filha. Por mais conturbada que fosse a relação deles, ela ainda era do sangue dele. E sangue é sangue.

Foda-se.

Estava já entrando na estrada de terra, quando algo lhe incomodou o pensamento. Pisou no freio, poeira levantando até a parte da frente do sedan.

Rafael imaginou que aquela poderia ser sua chance.

Sim, sua chance de virar o jogo. Se de alguma forma ele conseguisse algo que incriminasse Lina e pudesse usar isso contra ela... talvez a carta que ela sempre tirava da manga quando precisava de um favor dele já não teria mais tanto efeito.

Se ela quiser me foder, tudo bem. Mas se é pra cair, vou levar ela junto.

Isso ele sabia que Lina jamais aceitaria. E tudo estaria resolvido. Tudo, não. Mas só aquele desliz lá trás, no passado. Nada poderia atrapalhar a campanha do prefeito. *Nada.*

Engatou ré.

“Pode ter certeza que vou descobrir em que merda você se meteu,” disse ele em voz alta. “Tá na hora de eu pagar na mesma moeda.”

O carro parou antes da ponte ferroviária e pareceu que ficaria lá por alguns momentos. Clara Romanush não acreditou no que seu olhos viram. Não podia ser verdade.

A tarde estava quase naquela transição tênue para a noite, com o sol se pondo em uma mistura de amarelo e cinza. O céu, nublado, não revelaria estrelas. Essa seria uma noite escura, mal iluminada na qual até mesmo a lua teria dificuldade para brilhar.

Clara ficou paralisada, sem reação. Seu cérebro ainda não tinha bem processado o que estava acontecendo. E ficaram um fitando o outro como se estivessem naqueles filmes velhos de faroeste, a longa ponte separando-os. A ponte tinha uns estreitos três metros e meio de largura, o que raspava quase no limite do trem, cuja largura era exatamente três metros e quinze centímetros. Espaço esse mais do que suficiente para o carro passar, desviando de Clara.

Mas o problema seria se ele não quisesse desviar.

Clara engoliu em seco.

Tentou ver quem estava dirigindo, mas o carro estava longe e seu vidro era escuro. Ela olhou para baixo, as águas revoltas correndo até o horizonte. Arrepiou-se.

Foi aí que ouviu o som bruto do motor acelerando, o motorista ainda com o pé no acelerador. Seu queixo caiu e seus olhos se arregalaram. O HB20 estava vindo em sua direção e pelo jeito, não tinha intenção alguma de parar.

Clara entrou em pânico.

Começou a correr em direção ao outro lado o mais rápido que conseguia. Era como se suas pernas não fossem grandes o suficiente, o comprimento da ponte ficando maior e maior quanto mais ela corria.

O carro rugiu feroz, indicando que se aproximava.

De repente, Clara viu que havia uma pessoa, sim, alguém na outra margem e começou a acenar. Balançava freneticamente os braços. Gritou desesperada, pedindo por ajuda.

Sentiu alívio ao ver que a pessoa acenou de volta.

O carro desacelerou e parou quase na metade da ponte.

Estou salva, pensou ela.

Por um momento achara que seria atropelada e atirada ao rio. Um mal-entendido apenas. Certamente o motorista não tinha visto, afinal já estava ficando escuro.

Clara repousou as mãos nas pernas, tentando recuperar o fôlego. Esforçou um sorriso, seu coração aos poucos voltando ao normal. A pessoa da outra margem aproximava-se e Clara a seguiu com os olhos enquanto se recuperava do susto.

O carro continuou parado, parecendo esperar ela terminar de cruzar a ponte.

Começou a caminhar, um pouco ainda abalada, mas caminhando do mesmo jeito. Precisava se apressar, faltava no mínimo uns vinte minutos de caminhada e Clara queria chegar antes que ficasse de noite. Franziu as sobrancelhas, tentando ver com detalhes o rosto distante. Era um pouco familiar, sem dúvida, todos os rostos parecem iguais de longe.

Mas foi aí que Clara sentiu nas profundezas de seu ser que algo não estava bem. Havia algo errado e seu instinto, mais perspicaz, sabia disso. Parou, petrificada no meio do caminho.

O rosto na outra margem foi aos poucos entrando em foco e como um castelo de cartas de baralho, a expressão de Clara foi mudando e caindo, músculo por músculo, do alívio para o mais puro terror. Com a mão segurou o peito que se apertou de repente.

Não podia ser.

Lina Unschuld estava parada na outra margem acenando delicadamente, como as crianças de um carrossel acenam para seus pais.

Clara estava encurralada, sem ter para onde fugir. Faltava tão pouco para que ela chegasse do outro lado...

Mas, não.

Lina Unschuld bloqueou a passagem. A garota esticou bem os braços, como se brincasse de pega-pega.

Clara deu um passo para trás. Não tirou os olhos de Lina que ia vindo, dando passo por passo, com o sorriso firme, mostrando os dentes.

A expressão que Lina trazia na cara era verdadeiramente demoníaca: as sobrancelhas formando dois arcos inclinados na testa e o nariz aberto como se estivesse farejando uma presa.

Do outro lado, Lucas estava em pé encostado na porta do motorista. Impaciente, segurou com uma força desproporcional as chaves do carro. Estava vendo Clara de costas e por um momento, pensou em quão fácil seria derrubá-la da ponte.

Lina avançou ainda mais em direção à Clara.

“*Clara... Clara...*” disse ela sem mexer a boca, falou com os dentes travados numa mordida forte, seus olhos brilhavam.

“O demônio de Novo Triunfo está aqui, ma chérie, e ele veio...” disse Lina, tendo o cuidado de ir abaixando a voz. O final não foi possível compreender.

Sem notar, Clara deu um passo para frente esforçando-se para ouvir o que Lina dizia.

“... ele veio... sim... *pra te PEGAR!*”

Lina arqueou os braços para trás e correu em direção à Clara, com a cabeça baixa, quase como numa investida. O único som produzido foi o abafado barulho de corpos se chocando.

Tudo ficou escuro por uns instantes.

Clara veio ao chão, cabeça batendo no trilho.

Lucas arregalou os olhos. Não reconheceu sua namorada. Lina havia se transformado em um animal grotesco, montando em cima de Clara, num emaranhado de pés e mãos.

Lina enforcou Clara, forçando sua cabeça contra o chão. Clara sentiu o medo de não conseguir respirar. Uma das, talvez a pior, das sensações que um humano pode experimentar. Era como se tivessem tacado fogo em seus pulmões enquanto sua mente esperneava dizendo para que respirasse.

Clara sentiu seu peito colapsar, visão saindo de foco.

“Sua ciganinha de merda! Ia pra delegacia, não ia?!” Lina apertou sua boca como se fosse de borracha. “Fala! Ia dar uma de dedo-duro, não ia? A verdade é que estou cansada de você e dessa sua mancha. Por que é que não volta pro lugar de onde você veio? Hum! Não consegue falar, é?”

Clara batia, implorando por ar. Sentiu que faltava muito pouco para perder a consciência e soube que se desmaiasse, tudo estaria perdido.

Lucas continuou paralisado, observando Lina com o mais puro espanto. Não era para ter sido assim. Lina tinha fodido com tudo, como sempre, e se tivessem alguma minúscula chance de se safarem... agora tinha ido por água abaixo.

Clara livrou-se das pesadas garras e empurrou o rosto de Lina. Aproveitando esse pequeno momento de deslize, deu com o joelho na barriga dela. Lina relinchou e foi ao chão.

Clara engasgou enquanto o ar entrava nos seus pulmões sedentos.

Era a sua chance.

Ainda sentindo sua garganta fechada, Clara deu um coice nas costelas de Lina, fazendo-a gritar de dor. Virou e tentou sair correndo, mas tão logo tinha dado o primeiro passo, sentiu uma mão nas suas costas. Lina apertou sua camiseta, rasgando o tecido, tendo sua garra firme.

Clara não escaparia tão fácil.

“Imbecil! Faça alguma coisa! Não deixa ela fugir!” berrou Lina, sua voz era grossa.

Lucas acordou do transe e correu para ajudar. Olhou para Lina com desespero, como se esperasse por novas instruções. Viu Clara prestes a escapar. Ele segurou seus braços e a pegou por detrás, imobilizando-a.

“Me solta, me solta!” berrou Clara, seu corpo lutando com a força dele. Tentou chutar, mas ele a tinha muito firme.

“Cê tem ideia do que ela podia ter feito?” Lina baforou.

“Putaqu’o-pariu! A culpa é toda sua! Se não fosse por *você* não estaríamos aqui!” rebateu ele.

“Se não fosse por mim?” Lina retrucou, indicador no peito. “Eu que tô tentando fazer a coisa certa e se não fosse por mim essa ciganinha de merda teria ido pra delegacia! Eu que dei a ideia de ficar vigiando. EU! Eu que pensei em tudo. Como é que você tem a cara de pau de falar que a culpa é minha?”

“Eu que tive que fazer todo o trabalho pesado enquanto você ficava lá dormindo, sua puta!” disse Lucas em tom crescente. “Sempre sou eu que tem que fazer as coisas, você nunca faz porra nenhuma!”

Ficaram todos em silêncio.

O vento assoprou, indiferente, os cabelos longos de Clara, como se fosse a coisa mais natural no mundo. Estava cansada demais, não tinha mais forças então parou de resistir.

Ao perceber que ela se aquietara, Lucas relaxou um pouco seu aperto.

“E agora, o que a gente faz então?” perguntou ele, tentando esconder seu desespero.

Clara começou a chorar, quieta. Parecia ser um pesadelo, isso não estava acontecendo. Acordaria a qualquer momento.

“A gente simplesmente não pode deixar ela sair por aí”.

“Ahhh jura?!” cuspiu Lina, andando em círculos. Sentiu gosto de sangue e isso lhe deixou ainda mais nervosa.

“Alguém te viu vindo pra cá?” perguntou sem olhar para ele.

“Não”, respondeu Lucas. Sentia os braços cansados.

“Peguei o carro do meu avô, ninguém sabe. Ninguém.” Lucas sentiu um breve alívio ao falar essas palavras.

Verdade, ninguém tinha visto ele, como também ninguém sabia da sua carta de motorista falsa, só seu primo, mas que não abriria o bico por nada nesse mundo. Seu avô estava dormindo quando saiu de casa e, provavelmente, quando chegasse, estaria cochilando na frente da televisão como se nada tivesse acontecido.

“Vocês...” começou Clara com a voz quebradiça, entremeada por soluços. “Eu juro que não conto pra ninguém, juro...”.

Silêncio.

“Saio do colégio, qualquer coisa. Vocês nunca mais precisam me ver. Só por favor me deixem ir, por-f...”

“Cala boca!” berrou Lina, interrompendo.

“Meu, o que a gente vai fazer...” perguntou Lucas. Sentiu sua garganta apertar, como se tivesse areia. Tentou não chorar, mas o desespero era mais forte. “A gente tá fodido... fodido... meu Lina, já era... o que a gente fez...”

Cenas se passaram na mente dele. Seria mandado para a cadeia. Cagando e andando para o fato de ser menor de idade. Imaginou um prédio cheio de gente, cheirando a urina e a suor. Os outros rindo. Chamando ele de filhinho-de-papai. Seria abusado. Humilhado. Violentado. A comida. A gororoba que teria que comer todos os dias para sobreviver. As noites que dormiria em um colchão duro, sem-vergonha, daqueles que se compra para cachorro. Das noites em que alguém lhe faria uma visita noturna...

E foi aí que sentiu saudades de casa.

Saudades de um tempo que nem mesmo ele soube definir bem.

Saudades da sua mãe.

Lucas soltou Clara e encolheu-se no chão, chorando, mãos na cabeça.

Lina não acreditou no que estava acontecendo. Viu ele encolhido naquele estado e seu coração transbordou de cólera.

“Vai embora, Clara!” Lucas berrou entre seus soluços, fazendo um gesto. *“Vai! Sai daqui!”*

Levantou o rosto e olhou para Clara, seu nariz escorrendo e se misturando com as lágrimas.

“Não fala pra ninguém isso, por favor... a gente faz qualquer coisa, qualquer coisa.”

Lina virou de costas e se recusou a olhar para ele.

Clara tentou falar algumas palavras, mas sua voz pareceu rachar-se quando saiu da sua boca.

Lina acenou com a mão, espantando Clara embora.

Clara se recompôs o máximo que pôde. Sentia-se nua e vulnerável com a camiseta rasgada. Olhou para os dois lados, sem saber para qual ir. Talvez fosse direto para a delegacia. Esses dois tinham enlouquecido de vez.

O vento soprou, indicando uma leve umidade no ar. Com seu cabelo negro esvoaçando, Clara estava parada, como se estivesse a admirar o pôr do sol.

O Sol foi assim dando seu último suspiro no horizonte nessa tarde, anunciando a chegada da noite.

E tudo aconteceu tão rápido.

Tão rápido que Lucas nem teve tempo de erguer o rosto.

Clara não teve tempo nem de gritar.

Tão rápido que quando Clara se deu conta, estava no ar, caindo e caindo e a última coisa que viu, antes de fechar os olhos, foi a expressão de ódio no rosto de Lina.

O tempo pareceu desacelerar durante a queda.

Nério...

Clara chamou, mas sem resposta.

Nério...

O vento esvoaçava seus cabelos negros como num turbilhão.

Nério!

Deixe-me entrar, querida.

E ela deixou.

O QUE O RIO TROUXE

José estava fora de casa, sentado na cadeira de balanço, vendo o crepúsculo, estrelas cintilando fracamente na abóboda escura em cima de sua cabeça. O vento balançava o chorão perto da margem, tocando como um rebanho suas folhas caídas.

O rio Inhaúma formava uma margem suave, uma baía despreocupada, perto de onde José tinha seu terreno. Depois da queda entre as pedras, na altura da ponte ferroviária, onde as águas eram turbulentas, aqui o rio se alargava e formava recantos ao longo da margem, nem parecendo que era o mesmo.

Nessa época do ano, a água estava turva, ainda mais depois da chuva de sexta-feira, e formava nos recantos uma piscina de lama pura. A lama tinha um aspecto de barro mesmo, bem marrom, daqueles que se escorrega facilmente. Como o terreno era um tanto irregular, subindo e descendo, as poças de lama podiam facilmente enganar os olhos desprevenidos.

José arrepiou-se lembrando do que acontecera no ano anterior. Perguntou-se se chegaria um dia que poderia levar uma vida normal, sem as recordações do passado.

Só se eu picar a mula desse cafundó de Judas.

Seus olhos lacrimejaram.

Nem assim, continuou ele.

Não conseguia acreditar que já fazia um ano. Sim, um ano desde que enterrara aquele caixãozinho branco. Pensara que não conseguiria viver nem mais um dia depois do enterro, seu peito doía apertado. Mas a vida continua, arrastando você pelas margens, quer queira, quer não.

Morrer é fácil, difícil é viver.

Como é que ele poderia perdoar-se depois do que acontecera?

Não foi culpa de ninguém, a voz de sua esposa.

Mas José no fundo sabia que isso era mentira. Mentira esfarrapada. Tinha sido ele a deixar o portão aberto. Ele deveria cuidar do filho. Ele.

Apertou o apoio da cadeira com força.

Ele.

E fora ele quem o encontrou.

Quando saiu na varanda, em um dia muito semelhante a este, procurando Zézinho por toda parte, lembrou-se do pânico que aquele pensamento lhe causou. Do pânico de ter perdido seu filho para sempre.

“Zézinho! Zézinho, cadê você pangará?!” lembra-se de ter gritado.

José tinha terminado de capinar parte do terreno e pretendia fazer uma espécie de horta. Nada muito grande. Era para ocupar o tempo e sentir-se útil, mais do que qualquer outra coisa. E fora durante esse tempo que o menino escapou de sua supervisão. Sua filha estava na escola e sua mulher estava trabalhando.

José saiu em disparada para o lamaçal, gritando do fundo da garganta pelo nome de seu filhinho. Lembra-se de ter escorregado e engatinhado na lama em desespero, seus olhos já cheio de lágrimas.

E quando o encontrou, *meu Deus!, meu Deus! Que horror!*

O seu rostinho todo sujo de barro, imerso na lama. O corpinho estava quente ainda, como se a lama o tivesse agasalhado. Os olhinhos estavam abertos como os de uma boneca.

Abraçou-o forte contra o peito e ficou ali até a hora que sua esposa chegara. Não conseguia se mover. Passando a mão em seu cabelinho ralo que ainda não engrossara. Aqueles bracinhos envolvendo-o como numa despedida.

Talvez se ficasse ali, no pesadelo, nunca acordaria e seria justamente isso, um sonho ruim. Mexer-se era ter que lidar com a realidade, com a dura realidade.

Perder um filho é uma situação inimaginável, não desejaria isso nem para o seu pior inimigo. Era o mesmo que sentir que parte de sua alma tinha sido arrancada, descolada de sua carne pelos eventos da vida.

Desde então, José vivera numa espécie de transe, meio morto, meio vivo e mesmo agora, depois de todo esse tempo, às vezes, ainda chamava como de costume *Zézinho, pangaré!* quando terminava de trabalhar na horta. Ficava esperando para ver aquele bonezinho vermelho vindo na sua direção. Não fazia de propósito, simplesmente não se lembrava que seu filho havia morrido e, por esses breves segundos ,era feliz, até que a realidade o arrastava para as profundezas de sua depressão.

Levantou-se da cadeira de balanço, sem vontade nenhuma de viver.

Calçou as botas de plástico e caminhou para a margem do rio. Deu alguns passos na enorme baía de lama, sentindo seus pés se afundarem com seu peso, como se o fardo que carregasse nas costas fosse pesado demais. Com um cabo de vassoura que tinha na mão apoiou-se para não escorregar e adentrou um pouco mais, sentindo o contato gelado com a lama.

Apoiou-se no cabo, com as duas mãos agora, e encostando a cabeça no ombro, suspirou. Uma saudade descontrolada tomou conta de seu peito.

Será que um dia não vai doer mais?, perguntou-se.

José perdeu a noção do tempo e ficou ali parado até seus braços ficarem adormecidos.

Se pudesse, deixaria seu corpo todo afundar na lama, sugando-o para o vácuo. Para o nada. Para a imensidão desconhecida onde vagava agora seu pangarezinho de boné vermelho.

Estava prestes a ir embora e voltar para casa, quando algo chamou sua atenção, quebrando a paisagem calma diante dos seus olhos.

Um barulho, um gemido.

Seu coração disparou.

“Zézinho... Zézinho, é você meu filho?” sussurrou ele antes que a razão lhe dominasse os pensamentos.

Sabia que não tinha chance nenhuma de ser o que pensava. Mas a mente humana, *ahhh a mente humana!*, tem uma forma um tanto peculiar de funcionar. Da mesma forma como as crianças brincam de faz de conta – Zézinho adorava fingir que era um caçador – José naquele momento cedeu à imaginação. Esse faz de conta estava tão gostoso. Tinha trazido José pelo tempo e espaço até momentos antes de encontrar o filho no ano passado. Só que dessa vez, não o encontraria imóvel, ainda quente.

“Zézinho, deixa o papai brincar com você, cadê você pangaré?” perguntou José caminhando pela lama que estava quase na sua cintura agora.

Tinha certeza de que havia visto alguma coisa.

Era seu filho que voltava para ele.

O que a lama tira, ela traz de volta.

Sim, estava ali se mexendo, arrastando-se pela borda lamacenta, como um animal. Deveria estar imitando um leãozinho, pensou José com um sorriso na cara, Zézinho adorava imitar os animais.

José levantou-se na ponta dos pés e esticou o pescoço para ver melhor. Segurou forte o cabo, seus olhos se espremendo para ver algo nesse lusco-fusco.

“Zézinho, papai tá chegando,” disse ele, correndo em nenhuma direção específica.

E de repente, tudo ficou em um estranho silêncio.

As cigarras pararam de cantar e a natureza pareceu ficar estática, como se estivesse esperando alguma coisa acontecer.

“Zézinho?...”

E como um castelo de areia, o faz de conta de José foi ruindo, o vento levando suas doces reminiscências. Enfim, a razão falou mais alto e ele acordou de seu sonho.

Deu um grande salto para trás, assustado.

“Eita sô!”

Algo mexera-se bem na sua frente.

Um pavor tomou conta de José.

Não tinha ideia de como havia parado ali, tudo parecia tão real, tão gostoso...

Seus olhos esbugalharam-se quando se deu conta de que estava metros adentro no lamaçal, sozinho e estava ficando escuro.

Tirou o cabo fincado na lama e o empunhou como arma, sem pensar na estranheza da situação.

Não era grande coisa, mas achou que daria conta se fosse um animal pequeno. Estava pronto para dar um golpe se o que estivesse na lama se mexesse de novo.

Escutou algo que o fez virar de costas.

Não estava ficando louco. Não era coisa da sua cabeça.

Tinha alguma coisa na lama, disso teve certeza.

Pensou no que poderia ser aquilo, mas achou estranho, os animais sabiam por instinto ficar longe da lama, e com razão, antes Zézinho tivesse feito o mesmo...

José sentiu medo, contrariando seu bom senso.

Sabia que não precisava se preocupar. O que quer que estivesse na lama não poderia ser muito maior que um cachorro de pequeno porte e certamente não ofereceria muito perigo.

Mas quer queira, quer não, a verdade é que estava se borrando de medo.

E se fosse uma daquelas cobras gigantescas que era capaz de engolir um homem inteiro?

Parte da sua imaginação, não a mesma do faz de conta, correu solta, fazendo com que cada barulho, cada estalar fosse motivo para seu coração disparar. A atmosfera do ambiente contribuiu muito, para falar algo em sua defesa. A paisagem que se formava naquele lusco-fusco era de tirar qualquer um do sério.

Não havia ninguém por quilômetros e quilômetros de distância. A paisagem plana esticava-se numa vastidão até onde o olho desse conta e o chorão solitário parecia tão fora de sintonia, com seus galhos retorcidos e suas folhas finas, como uma criança que se esconde com medo.

José deu uma risada, uma mistura de terror e desespero, como se brincasse com sua própria situação.

Não adiantava gritar, ninguém o escutaria.

A sensação de ser vigiado foi aos poucos tomando conta de José.

Um grunhido, mais parecido com um relinchar, ecoou pelos ares.

Eeeeeeeeeeeeeerrrrrrrrrgggggggg.

José deu um berro – não de medo, mas de terror como quando alguém se assusta até o último fio de cabelo - e perdeu o equilíbrio.

Viu algo rastejando em sua direção.

Parecia uma espécie de serpente a se mover na lama, exatamente como a anaconda que pensara.

Levantou tão desesperado que esqueceu do cabo de vassoura, sua única arma, e começou a lutar contra a resistência da lama, tentando voltar para terra firme.

Como em câmera lenta, começou a correr, mas algo abocanhou sua perna.

Era seu fim.

Fechou os olhos.

“Zézinho, me perdoa filho, me perdoa!” gritou ele em agonia.

Virou-se pronto para encarar seus últimos momentos quando viu, de olhos abertos agora, uma mão negra de lama agarrando-lhe pelo calcanhar.

José continuou berrando.

ESQUELETOS NO ARMÁRIO

Domingo 17 de Março

1

Lucas entrou com o carro, sendo o mais silencioso possível. Percorrera todo o caminho de volta, olhando para trás a cada dois minutos, como se esperasse ver uma viatura da polícia na sua cauda. Quanto mais olhava os retrovisores, mas queria checar para ter certeza de que estava sozinho na rodovia.

Acelerou na rampa de uma ampla casa, com a fachada imitando estilo colonial, e parou o carro na garagem. Sua casa era uma das maiores daquele condomínio fechado bem próximo da rodovia. O terreno ficava quase na divisa com o município vizinho. Não era de se surpreender que a construção havia sido capa de uma revista quando ficou pronta e serviu de modelo para tantas outras. A casa, inclusive, tinha saído recentemente no jornal, na coluna social, exibindo a festa de aniversário de seu pai. Festa essa na qual compareceram as figuras mais importantes e ricas de Novo Triunfo, com direito a duas páginas inteiras só para ela.

Ele e Lina ficaram fodendo o tempo todo no quarto.

Lucas sentiu seu estômago revirar.

Abriu a porta do motorista e correu para a porta da área de serviço da casa, esquecendo-se de todo o resto. Chegou bem a tempo de vomitar no tanque. Suas mãos agarraram-se na pedra e ele quase perdeu o equilíbrio quando suas costas curvaram-se em um arco.

Não se lembrava da última vez que passara tão mal assim. Engasgou-se com a crescente ânsia e sentiu um jato quente jorrar de sua boca quando essa onda de

náusea chegou no ápice. Seu nariz ficou entupido com conteúdo gástrico e ele assoou no tanque sem qualquer sutileza. Só o pensamento de estar engasgando-se no próprio golfo, o fez vomitar ainda mais.

Depois de terminar e ter certeza de que mais nada sairia de sua boca, ele abriu a torneira, um jorro de água lavando os restos fétidos de comida.

Não existe coisa mais desumana que vomitar, Lucas pensou enquanto limpava a boca. A não ser talvez... matar alguém?

Lucas desejou que não tivesse acordado hoje. Deveria ter ficado na cama o dia inteiro. Mas, não. Ele precisava sair, bancando o gostosão e ficar de tocaia na cola da Olho-roxo.

E por quê?

Porque Lina pedira.

O caralho que ela pediu, aquela vadia só sabe mandar, remoeu por dentro.

Enquanto Lucas subia a escada, desejou nunca ter conhecido Lina e aquela boceta dela. Desejou que nunca nem tivesse escutado falar naquela filha da puta.

Parou e olhou para o seu avô pela escada vasada e reparou que ele estava dormindo na frente da televisão como de costume.

Pelo menos isso, suspirou.

Trancou seu quarto sem fazer o menor barulho e ligou o chuveiro no banheiro.

Lucas arrepiou-se todo quando encarou-se no espelho. Um pânico começou a escapar-lhe pelas entranhas, tentou controlar-se, mas sua respiração já estava ofegante. Estava perdendo o controle.

Caralho.

Estava perdendo a cabeça, isso sim.

Não esperou a água terminar de esquentar e entrou de roupa e tudo no chuveiro, seu corpo vacilando um pouco com a água fria.

Sentou-se no chão e deixou a água escorrer pela alma.

Suas lágrimas misturaram-se com a água e ele nem percebeu que estava chorando. Encolheu-se, tal como havia feito lá na ponte ferroviária, e quis sumir, desaparecer para sempre, descer pelo ralo e evaporar da face da Terra.

A voz de Lina ecoou em sua mente.

Bateu com a punho no piso, frustrado.

Mano, eu matei alguém! Caralho!

Era culpa *dela*. Culpa dela que ele estava nessa situação.

Algo foi tomando conta de Lucas, algo que nem ele mesmo conseguiu entender depois.

Como se houvesse escorpiões subindo-lhe pelo corpo molhado, Lucas começou a despir-se num ritmo frenético, jogando todas as peças de roupa no chão. Pegou o sabonete e esfregou o mais forte que pôde. Começou pelos braços. Depois as pernas. Esfregava sem parar. Esfregava sabe lá o quê, mas esfregava do mesmo jeito.

Queria tirar a todo o custo a sujeira que sentia estar na pele. Ainda sentia-se encardido, manchado por mais que esfregasse.

Lucas tentava escovar o que não poderia ser limpo. Higienizar a imundice que sentia por dentro. Uma repugnância emanava de seu ser. A morte de Clara o deixara manchado exatamente como o rosto dela.

Esse pensamento quase lhe tirou o que sobrava de sanidade. Quase.

Lina Unschuld entrou no quarto, trancou a porta e esparramou-se na cama. Sentia-se tão, mas tão bem, que quase não parava quieta. Era como se estivesse conectada na tomada e sentisse a eletricidade passar por todo seu corpo.

Começou a cantarolar baixinho, sem saber que música ou que letra seguir, mas simplesmente deixando a mente seguir seu fluxo.

Mesmo sabendo da possibilidade de ter agido um tanto, por assim dizer, *impulsivamente*, Lina não se importou. Desapegou-se de qualquer preocupação. Afinal, tinha dado tudo certo no final. Na verdade, até melhor do que esperava e a cereja do bolo, que completava seu combo de felicidade, era que ninguém tinha visto absolutamente nada.

Lina você é fodástica.

Além do mais, ninguém daria muita bola para o corpo mole de Clara quando ele aparecesse onde Judas perdeu as botas nos próximos dias. Quem sabe até mesmo nunca seria encontrado?

Lina gargalhou, imaginando os mais variados tipos de inseto infestando a boca podre de Clara.

Lina cheirou suas mãos, ainda sentindo o cheiro dos cabelos de Clara.

Seus mamilos ficaram duros.

Esfregou a mão no rosto, sentindo em cheio aquele odor humano. Sentiu algo que jamais experimentara antes: uma luxúria de poder, penetrando-lhe a alma, indo até suas raízes, tirando do sério seus nervos. Estava tão excitada que rolou de um lado para o outro na cama, embriagada na sua fantasia, e sentiu sua pele explodir em prazer ao relar no lençol.

Estava elétrica, não conseguia definir.

Parecia aquele momento justo antes do orgasmo, quando o corpo fica preso num transe e parece que o mundo passa diante dos olhos.

Imagens rechearam sua mente, mostrando os acontecimentos do dia de hoje, como uma reprise dos melhores momentos de um jogo de futebol.

Estava em cima de Clara, sua fera interior liberada, *e a expressão!, meu Deus!*, a expressão do rosto de Clara era o mais tenebroso dos medos, estava se borrando toda!

Acariciou a ponta de seus mamilos endurecidos.

Lina mergulhou nas imagens, revivendo momento após momento, sentindo a vibração de cada flash.

Conseguia cheirar o medo vermelho que exalava de Clara, grandes correntes de ar trazendo êxtase às suas narinas.

Lina começou a tocar-se pelo corpo e sentiu suas bochechas ficando quentes.

A visão de Clara, caindo, caindo, cabelo esvoaçando cobrindo seu rosto.

O barulho da colisão com a água.

A sensação de alívio depois de tê-la empurrado, como se o mundo tivesse ficado instantaneamente mais leve!

Lina foi descendo com as mãos.

Poder acompanhá-la com os olhos até a queda entre as pedras, vendo seu corpo ser trucidado pela correnteza.

Lina subia e descia suas mãos dentro de sua calça.

Lina gemeu alto, anestesiada de todos seus machucados. Seu corpo contorcia-se. Perdeu-se em si mesma e ficou muito tempo parada, imóvel na cama, ainda ofegante de prazer.

Quando conseguiu se mover, levantou da cama e foi tomar banho. Depois, esquecendo do cansaço - quem precisava de descanso? - passou a noite inteira em claro, muito elétrica para pregar o olho.

Heitor estava de plantão na delegacia naquela madrugada. Estava cansado, sem sombra de dúvida, mas para ele era melhor ficar acordado a noite inteira trabalhando, do que ficar rolando de um lado para o outro na cama sem dormir. Afinal, tinha conseguido cochilar por uma hora durante a tarde de ontem e estava até que bem na sua opinião.

Olhou para o relógio de parede. Eram quase duas da manhã e levantou-se. Foi para a estante pegar a continuação do arquivo que estava lendo. Era um relatório maçante, burocracia, nada de especial. Conseguiria fazê-lo de olhos fechados se quisesse e ninguém notaria a diferença.

Acenou distraidamente para Dias no caminho. De todos os que trabalhavam na delegacia Luciano Dias era o menos pior.

O que realmente queria fazer era sentar e trabalhar no caso do menino Nicolas, mas ainda tinha muita linguíça para encher no monótono relatório. Sentou-se, mais desabando na cadeira do qualquer outra coisa.

Tem algo nisso tudo que não faz sentido, digeriu ele enquanto folheava distraído as páginas do relatório. *Tem algo que não bate*.

Passara noites horríveis sonhando com o que acontecera no quarto da clínica psiquiátrica. Ainda conseguia sentir aquele cheiro de sangue vivo, esse odor fêrrico inconfundível, que o lembrava muito do cheiro do necrotério. Sentiu seu estômago revirar, pensando nisso.

Não conseguiu tirar o pensamento da cabeça. Era como se alguém o tivesse fincado a marteladas em seu cérebro. E se fosse verdade? E se tudo o que andavam falando

por aí fosse verdade, se o menino realmente estivesse possuído por algum espírito? Não podia ser.

Fechou o arquivo, desistindo de fazer o relatório.

Pegou então uma pasta de plástico e suspirou, pensando duas vezes antes de abrir. Já vira o desenho tantas vezes, mas quis olhar de novo, tinha uma vaga esperança de que algo lhe escapara das outras vezes.

Era uma folha de sulfite comum e o desenho fora caprichosamente feito a lápis. Mostrava um rosto como se você estivesse segurando um espelho de mão e vendo seu próprio reflexo nele. Um homem com traços fortes, barba rala de poucos dias, cabelo e olhos escuros. Apresentava riquíssimos detalhes, como a cicatriz no queixo e as sardas. O sombreamento era perfeito, dando um aspecto de fotografia.

Heitor olhou para o desenho como se analisasse um espécime de outro planeta. Mordeu os lábios, nervoso.

Era uma réplica perfeita de seu próprio rosto.

Tão perfeita que parecia na verdade que o homem fora feito com base no desenho e não o contrário. Heitor passou a mão, sentindo o leve relevo da escrita no canto do papel. Seu nome estava cravado na folha. *Seu* nome.

Olhou o verso sob a luz da mesa e viu a impressão dos traços firmes que cravaram seu nome. Como era possível? Voltou a encarar o desenho de frente. Mas a pior parte era o fundo. Sim, o fundo atrás do homem. Havia uma sombra, uma silhueta que dava contorno a um vulto negro espectral que se aproximava do homem.

Heitor olhou para os lados, sentindo um frio pela espinha.

Guardou o desenho de volta na pasta, suspirando profundo. Levantou e ficou olhando a madrugada pela janela, tentando relaxar, em vão, a mente. A rua estava deserta e tranquila, tão diferente de seus pensamentos.

Deveria ter uma explicação razoável para tudo isso, o problema era que ele não estava encontrando.

A voz esganiçada de Nicolas ecoou em sua mente: *ele está vindo, está vindo, está vindo!*

E do nada, começou a dar passos para trás, encolhendo-se, já não se sentindo seguro vislumbrando o negrume da madrugada.

Uma voz aguda cortou o silêncio da delegacia.

“Por favor?!”

Heitor deu um salto para trás, sua mão já indo em direção a arma.

“Preciso de ajuda!” disse a mulher. Parecia aflita, estando prestes a desabar a chorar. “Minha... minha filha...”

Seu rosto enrugou e ela desabou sobre a cadeira, mãos no rosto, chorando desesperada. Trazia um colar com uma pedra escura no pescoço.

“Não sei onde ela está. Desde a tarde que ela saiu e não voltou. Deve ter acontecido alguma coisa, senhor policial. Deveria ter vindo mais cedo, agora a cada minuto vai ficar mais difícil... eu deveria ter vindo mais cedo!”

Heitor aproximou-se da mulher e colocou a mão sobre o ombro dela, tentando acalmá-la.

“Calma, vamos desde o começo, tudo bem? Me conta o que aconteceu. Com calma.”

Heitor pisou no freio e o automóvel foi, aos poucos, perdendo a velocidade até parar totalmente no sinal vermelho. Cármen Romanush estava no assento do passageiro, seu corpo virado de lado, com a cabeça para fora da janela, seu pingente negro balançando no pescoço. Estava sem cinto de segurança e Heitor pensou duas vezes antes de abrir a boca. Achou que não tivesse importância, afinal, não estavam indo a alta velocidade e decidiu não reclamar. Aquela mulher já tinha coisas demais na cabeça.

A noite estava serena e calma, parecendo que aproveitara para sorratar-se pelo horizonte enquanto o sol dormia. A temperatura estava amena, gostosa como só as noites do interior podiam ser. Tão diferente de como era o dia.

O sinal abriu e ele acelerou em direção à ponte Bertha Lutz. Seria a terceira vez que faziam este caminho e Heitor não deixou de reparar que Cármen continuava tão atenta como horas atrás. Não perdera nem por um segundo a fé de encontrar sua filha, vagueando de volta para casa pelas ruas escuras da cidade.

Seu coração de mãe estava tão apertado que pareceu que nem mesmo o sangue conseguia passar. Heitor admirou-se com a determinação da mulher. E também não deixou de reparar que mesmo numa situação dessas, de desespero, a mulher ao seu lado não perdera o encanto em nenhum momento.

Cármen estava com o cabelo preso em um lenço escarlate e sua longa saia negra descia quase até seus pés. Sua blusa branca bem simples pendia de seus ombros. Nunca vira um pingente como esse, a pedra negra como o carvão saltando aos seus olhos. Heitor sabia que aquela mulher provavelmente não comia há horas e devia ter largado as coisas em casa de qualquer jeito e colocado qualquer roupa para sair desesperada à central da polícia. Mesmo assim, nessa noite escura, Cármen Romanush estava linda.

Heitor desviou o olhar e focou na direção. Já escutara sobre a beleza das mulheres ciganas mas, nunca em sua vida, Heitor chegou a pensar que teria seu fôlego tomado por uma. Não era apenas a aparência. Não. Era o jeito com que ela se portava, sua maneira de falar, sua forma de caminhar tão diferente. Tão solta e livre.

Afastou os pensamentos.

Estava trabalhando tão intensamente nos últimos meses e dormido tão pouco que deveria estar fora de si. Deveria ser isso. Uma hora ou outra, o instinto animal falava mais alto. Mas por que deveria ser justo em um momento desses? Deveria ser seu inconsciente tentando se livrar do que acontecera nos últimos dias.

Quando foi a última vez que você teve uma bocetinha, hein?

Heitor lembrou-se das brincadeiras que o panaca do Juliano fazia com ele.

Bem apertadinha, daquelas que pede pra você ir com calma...

Seu apelido na delegacia era Padreco e em todo seu tempo trabalhando lá, nunca saíra com alguém. Recusava todo convite de ir aos bares de *striptease* na rodovia sempre com alguma desculpa esfarrapada na última hora.

Padreco, diz aí, tu gosta é mesmo de rola então? de novo voz de Julianos seu colega, para não dizer outra coisa, ruminou na sua mente.

Aprendera a ignorar os comentários depois de um tempo. Era um tipão meio solitário, recluso, não gostava de falar muito. Muito menos de ficar jogando conversa fora com esses caipiras que não sabiam dar valor às mulheres. Seus companheiros de trabalho davam-lhe nojo e secretamente, não ficara nem um pouco surpreso em descobrir que seus casamentos iam de mal a pior.

“*Ali!*” exclamou Cármen subitamente.

Ele pisou no freio, acordando de seus pensamentos. O carro cantou um pouco pneu e Heitor agradeceu pela ponte estar deserta numa hora dessas.

Cármen começou a bater na porta aflita e assim que o automóvel parou por completo, ela destravou a porta e saiu em disparada, correndo no breu da madrugada, sua longa saia esvoaçando.

Heitor ligou o pisca alerta e desligou o motor. Apertou os olhos para ver para qual direção Cármen tinha ido. Desceu do carro e correu atrás dela. O vento estava mais forte na ponte e Heitor sentiu seus olhos secarem enquanto trotava.

Avistou então uma figura longe, no sentido contrário ao qual estavam indo de carro, sua silhueta era definitivamente feminina. Viu Cármen pular a pequena mureta que separava as duas vias expressas e correr em direção ao vulto cujo contorno se fazia rarefeito devido à distância entre os postes de luz.

Heitor arregalou os olhos.

Um caminhão vinha na direção de Cármen.

Cármen corria de costas para o caminhão e tinha apenas um objetivo em mente: alcançar sua filha. O vento abafou o som do motor que vinha em sua direção. Na escuridão da ponte mal iluminada, o motorista teria que estar prestando muita atenção para reparar que uma mulher doida corria na pista.

Heitor xingou em voz alta.

Acenou com os braços para o motorista, tentando chamar sua atenção. Talvez por causa da ausência de fiscalização eletrônica na ponte, o motorista tenha aproveitado a oportunidade para acelerar acima do limite da velocidade. Ou simplesmente estava cagando e andando para as regras de trânsito.

Pela velocidade em que ultrapassou onde estava, Heitor estimou que o caminhão deveria estar indo a uns 110, talvez 120 km/h.

“Cármén!”, gritou ele com toda a força de seus pulmões.

Mas ela não se virou.

Heitor fechou os olhos, prevendo o impacto.

Screeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeech

O som de pneu arrastando preencheu o ar.

“Sua louca! Quer morrer!?” gritou o motorista com a cabeça para fora da janela, caminhão já em movimento.

Heitor suspirou.

Cármén escapara por pouco.

Com todo esse movimento, a silhueta que caminhava na passagem de pedestres da ponte parou para ver o que tinha acontecido. Cármén ignorou o motorista e continuou correndo, segurando sua saia para não tropeçar. Seu coração pulava no seu peito agitado.

“Clara!” gritou Cármén quando aproximou-se da figura nas sombras.

A figura recuou um passo, sem entender o que estava acontecendo.

Cármén esticou o braço, puxando a silhueta para a luz.

“Me solta, sua doida!” exclamou uma voz esganiçada feminina.

Cármén colocou a mão na boca e caiu de joelhos no concreto.

Uma menina que parecia ter seus quinze, dezesseis anos de idade, estava parada bem no foco da luz. Estava intensamente maquiada, o que lhe dava um certo

aspecto circense, quase teatral. Parecia de perto muito mais velha do que aparentava ser e suas roupas pareciam largas demais. Seu rosto abatido olhava sem entender para a mulher aos prantos. Endireitou-se em seu salto alto e arrumou sua bolsa.

“Doida, doida varrida,” bufou e continuou andando.

Heitor esperou uma moto passar para depois cruzar a via expressa com segurança em direção à Cármen.

Heitor ajoelhou-se do lado de Cármen, sem saber o que fazer, e a abraçou, lágrimas em seus olhos.

5

Ele não conseguia tirá-la da cabeça.

Depois de ter deixado a senhora Cármen em casa, o investigador Heitor estava agora dirigindo para casa em seu carro. Era um jipe preto antigo e sujo de terra. O sol forte secara à força os detritos, deixando uma crosta grossa de sujeira sobre a pintura esfarelada do automóvel.

Tinha algo naquela mulher que o seduzia de uma maneira tão intensa, como um pote de mel atrai um enxame de abelhas. Era mais forte que ele, não conseguia controlar. De tudo o que ele poderia pensar, e olha que tinha bastante coisa para sua cabeça se ocupar, foi justamente ficar pensando naquela mãe cuja filha desaparecera.

Enquanto virava na rodovia, queria evitar a ponte por ter passado lá tantas vezes nessa madrugada, veio-lhe um estranho pensamento: parecia que conhecia Cármen de algum lugar.

Desligou os faróis. O dia já estava amanhecendo e a estrada iluminava-se com os primeiros raios da manhã.

Fazia muito tempo que ele não se sentia assim. Assim tão... tão *fascinado*. A força, a vitalidade com que aquela mulher buscou a filha essa noite impressionou o investigador. Ela tinha quase como uma chama interna que brilhava, ofuscando todo o arredor.

E como uma mariposa, Heitor estava sendo atraído por essa luz, essa chama resplandecente na noite escura de seu ser.

Sabia que se aproximasse demais, isso significaria o seu fim, tal como a chama consome a mariposa eventualmente. Mas como evitar? Há coisas que simplesmente estavam além da sua compreensão.

6

Cármen esparramou-se no sofá, exausta. Tudo girava ao seu redor. Na sua cabeça, os pensamentos latejavam, inflando-a de preocupação. Colocou a mão no peito e encontrou seu pingente e afagou-o como faria com um recém-nascido. Essa era sua única peça de joia por assim dizer. Nunca se importou muito com anéis, brincos ou outras coisas do tipo.

No entanto, aquele não era um pingente qualquer.

Parecia ser algo antigo e já demais surrado, como se tivesse sido passado de geração a geração. Para falar a verdade, o pingente não era muito estético e certamente não seria vendido se estivesse numa loja de bijuteria.

Quando Cármen ia à feira, uma das únicas razões pelas quais saía de casa, as pessoas que reparavam no pingente em seu pescoço, davam quase um passo para trás de espanto e franziam as sobrancelhas em dúvida. Não era possível que aquela mulher estivesse usando um pedaço de carvão como joia. Isso mesmo, a pedra do pingente parecia um simples carvão, todo preto e desgastado, com bordas irregulares como se tivesse acabado de sair das profundezas da terra.

Ele criava um interessante contraste com a blusa quase sempre branca de Cármen, parecendo saltar aos olhos do observador. Era quase tão escuro quanto à noite sem

lua e seu estado cru dava-lhe um ar de indomabilidade.

Cármen sentiu as saliências da pedra com os dedos, sua cabeça longe.

As palavras do investigador ainda pairavam em sua mente.

A senhora fez tudo o que podia.

Calma, agora.

Vá pra casa e descanse, qualquer notícia aviso.

Tentou fechar os olhos e esperar pelo sono vir, mas parecia que estava cansada demais para dormir, como se adormecer requeresse um tanto de energia que não possuía.

Cármen girou a pedra em suas mãos.

Qualquer coisa poderia ter acontecido com Clara. Qualquer coisa. E era justamente isso que a preocupava. O receio sobre sequestradores, estupradores e todos os outros tipos de criminosos que qualquer outra mãe pensaria numa situação dessas, não eram os primeiros de sua lista. Cármen não estava preocupada com nenhuma dessas ameaças.

Pensou por um momento que talvez devesse ter contado para o investigador sobre sua apreensão específica. O receio número 1 de sua lista.

Bobagem.

Heitor simplesmente acharia que ela tinha uma telha a mais. Ninguém acreditaria na sua história sem pé nem cabeça. E como precisava da ajuda dele para encontrar sua filha, Cármen não poderia correr o risco de ser taxada como louca.

Cármen levantou-se do sofá em um pulo, desistindo de pegar no sono. Olhou pela janela com esperança de ver algum movimento, qualquer que fosse, mas suspirou decepcionada. Continuou acariciando a pedra, seu único vínculo com sua vida passada. Sua vida antes de Clara.

Cármen sabia que se eles a tivessem capturado, Clara já estaria morta agora e não adiantaria mais nada. Mas, a chance era muito pequena, sabia disso, tentando

tranquilizar-se. Desde que fugira, Cármén havia tomado todos os cuidados para que ninguém a encontrasse.

Eles teriam que saber exatamente o que e onde procurar.

Ela arrepiou-se toda ao lembrar da noite em que tudo acontecera, da noite que mudara sua vida para todo o sempre.

Deveria ter dado o pingente para Clara, pensou ela, precisa muito mais dele do que eu.

Chacoalhou a cabeça.

Bobagem, repetiu.

Ninguém *vivo* sabia da existência de sua filha e o pingente era muito mais útil para esconder Cármén do que Clara. Afinal, por que esconderia algo que ninguém nem sabia que existia?

Mas, havia uma chance. E era isso que atormentava Cármén.

Uma chance pequena, sim, quase inexistente, mas uma brecha do mesmo jeito, uma chance de alguém ter sobrevivido, alguém que soubesse do segredo da existência da criança.

Cármén socou a parede, xingando em romeno.

Estava disposta a fazer de tudo para salvar sua filha de novo, custe o que custasse.

Rafael estava sentado na mesa da cozinha, com uma xícara de café na mão. A empregada acabara de passar o café e ele ainda estava fervendo dentro da garrafa térmica. Uma espécie de gemido, bem fino e suave, quase imperceptível saía da

tampa mal fechada da garrafa. A mesa estava posta com uma grande cesta de frutas variadas e muitos tipos de pães.

Rafael fingia que lia algo em seu celular, mas, na verdade, estava atento para os barulhos da casa. Além do suave apito da garrafa, conseguia escutar a empregada colocando roupa na máquina de lavar na área de serviço. Deve ter chegado atrasada hoje, pensou ele, por causa do barulho que estava fazendo.

A cozinha tinha sido limpa e a água já tinha abaixado. A dispensa estava isolada num canto e material de obras haviam sido colocados ao redor. A verdadeira drenagem estava programada para hoje. Com exceção dessa bagunça, o resto da cozinha estava completamente normal. Talvez até o término da obra esse espaço teria de ser interditado, pois a poeira e sujeira que isso levantaria, Rafael não conseguia imaginar.

O secretário de Frederico Unschuld estava impecável como sempre, sua camisa de linho branco, passada com o máximo de cuidado, estava dobrada até seu cotovelo. Sua gravata vermelha pendia na borda da mesa como uma requintada letra J. Seu cabelo, também calculadamente penteado, refletia o gel na luz da manhã. Toda essa elegância em seu traje contrastava com as turbulências que estava sentindo no interior.

Foi tentar levar o café à boca, mas percebeu que estava tremendo e não estava disposto a voltar para casa e trocar a camisa caso ela manchasse, por isso voltou a xícara à mesa. Por mais que o ar-condicionado estivesse ligado, Rafael sentia que estava suando e, ao olhar no relógio da parede da cozinha, teve a impressão de que estava parado, pois o tempo simplesmente estava demorando demais para passar.

Lina estava atrasada, como sempre.

O que Rafael queria mesmo ouvir eram os passos dela descendo a escada. Queria se livrar logo disso e parecia que estava a um passo da liberdade. Mas conteve seu entusiasmo. Sabia que nada com Lina seria tão fácil assim. Se tinha uma coisa que ela herdara do pai, era sua habilidade de amarrar as pessoas.

Dessa vez não, tranquilizou-se Rafael.

Dessa vez é ele quem faria a chantagem. Não ela. Era ele que a tinha na palma da mão agora. *Ele.*

Ele repuxou um dos cantos da boca, deliciando-se no momento.

Rafael olhou de novo o relógio e começou a bater o pé no chão, uma válvula de escape para sua impaciência. Ficou quase dez minutos lendo o mesmo parágrafo, várias e várias vezes no celular, porque sempre se perdia quando escutava um barulho e tinha que recomeçar.

Depois de muita inquietação, finalmente ele ouviu os passos firmes de Lina descendo a escada. Tentou parecer o mais natural possível na mesa do café, como se fosse algo habitual para ele estar sentado na mesa dos Unschuld. Lina entrou na cozinha e, por alguns segundos, titubeou quando viu a figura arrumada de Rafael ali. Mascarou qualquer expressão e ignorando-o, foi até a geladeira e pegou o leite, sem trocar nenhuma palavra.

Lina fez questão de sentar-se bem ao seu lado na mesa. Ele, esforçando-se ao máximo para não tirar os olhos do celular, ignorou também sua presença. Lina misturou o leite desnatado frio com o café quente, numa caneca colorida da *Hello Kitty*. Sentiu o aroma do café subindo pelos ares, um cheiro que foi enchendo-a de vitalidade. Estava muito bem-disposta, nem parecia que tinha passado a noite em claro.

“Bom dia para você também, mister Rafael,” disse ela com a caneca ainda perto da boca.

Umedeceu seus lábios e em um gole só, tomou todo o conteúdo da caneca. Deglutia fazendo um som alto, engolindo com tanta avidez que parecia ter voltado de horas de caminhada no deserto quente. Aquele barulho gutural incomodou Rafael e ele coçou a garganta apreensivo, seus olhos vidrados viam todos os músculos do pescoço dela trabalhando. Aquilo intimidou Rafael, sentiu como se estivesse diante de um ritual bárbaro que não compreendia.

“Bom dia,” murmurou ele, sua voz um tanto falhada.

“Posso ajudá-lo em alguma coisa, mon cher?”

Ele a fulminou com o olhar, tentando encontrar as palavras certas.

“Na verdade... *sim*. Tem uma coisa que estou *doido* para te mostrar.”

Lina franziu a testa, sentindo alguma coisa por trás daquele tom.

Rafael passou seu celular para ela e apertou o play.

O queixo dela caiu e quase derrubou a caneca no chão. Lina não podia acreditar no que seus olhos estavam vendo.

Ele chegou mais próximo dela e falou bem ao seu ouvido:

“Aprendi com a mestre essa arte de chantagem por vídeo... e cá entre nós quem diria que você seria tão fotogênica. Se você vai jogar sujo querida, eu também vou.”

Ela, no entanto, não se mexeu um único centímetro e ficou parada com a cara séria, ainda fulminando-o com seu olhar.

“Você não ousaria...”

Rafael arrastou a cadeira e chegou ainda mais perto dela. Como se tivesse todo o tempo do mundo, colocou seu braço ao redor do pescoço dela e mordiscou sua orelha.

“Me provoque para ver, ma chérie,” disse ele num tom de zombaria.

Rafael fechou os olhos, firme em sua decisão e empurrou Lina para o lado. A expressão no rosto dela escureceu tal como num dia ensolarado, o sol é coberto por nuvens negras.

Ele levantou-se da cadeira e jogou um pequeno chaveiro com um *pendrive* no colo dela.

“Uma simples recordação. Cada vez que você pensar em usar o seu truque velho contra mim,” disse ele, tentando manter a compostura, “quero que se lembre disso.”

A cozinha ficou em silêncio. Os dois estavam lacrados no olhar.

“Se você foder a minha vida, eu fodo com a sua. E deixa eu te lembrar uma coisinha...”

Ele inclinou-se sobre a mesa e sussurrou em seu ouvido:

“Posso perder tudo, mas pelo menos... não vou sozinho... sua *assassina*.”

“Então é isso?” o delegado perguntou, enquanto folheava as páginas do relatório.

Heitor respondeu com um leve aceno da cabeça, seus olhos profundos olhando sem foco para a estante no escritório. Não ficara contente com o que escrevera, mas era o melhor que tinha até agora e, talvez, o melhor que qualquer um teria tratando-se desse assunto.

“*Putaquepariu,*” exclamou o delegado, jogando a pasta em cima da mesa. Bufou cansado de braços cruzados. “Dá pra acreditar que há menos de uma semana, eu estava comendo na casa dos Callegari?”

Heitor encolheu os ombros.

“Estudei com o pai dele no São Tomé, parece que foi ontem que estávamos nos formando, ainda lembro dele e da Ruth namorando, costumávamos sair todos juntos...”

O delegado fez uma pausa.

“Pareciam uma família normal, entendeu? Nada dessa bizarrice toda da modernidade que vemos por aí,” encostou as costas na cadeira, “minha mulher e Ruth também são amigas, ainda não consigo acreditar.”

Geraldo deu um murro na mesa. Heitor foi pego desprevenido com o ataque súbito do delegado.

“*Caralho!* E pensar que deixei meu filho, meu filho brincar com o garoto sozinho no quarto! Ficaram os dois lá jogando videogame na boa, sei lá se aquele psicopata maldito já estava perto de surtar!”

Heitor aguardou em silêncio.

“Estou fazendo isso por causa de toda a história que tenho com os Callegari, entendeu? Desde lá atrás... se não fosse por isso eu teria o prazer de ver o garoto apodrecer num manicômio público e teria deixado a merda correr solta com a imprensa!”

Geraldo voltou a cadeira para a posição normal e inclinou-se sobre a mesa, seu indicador à mostra enquanto falava.

“Sempre soube que aquela Ruth não batia bem! Não era flor que se cheirasse não, avisei minha esposa, mas santo de casa não faz milagre. O resultado? Taí pra todo mundo ver.”

O delegado parecia falar mais para si mesmo do que para Heitor.

“Não me espanta nem um pouco a desmiolada também ter sido internada junto com o demente do seu filho. Se quer saber minha opinião, eu acho que foi a mãe que estragou o menino, escuta o que estou dizendo...”

Heitor segurou sua língua.

“E essa coisa aí que aconteceu na clínica mostra quão demente o garoto é, demente! Onde já se viu esse comportamento? Deve ter sido falta de chinelo, só pode ter sido. Sempre o Nicolas, meio tirano, entendeu? Os pais sempre lhe deram tudo... ah! se fosse meu filho...”

E graças a Deus não é, seu ignorante de merda, ruminou Heitor enquanto acompanhava o monólogo do delegado.

“Essas pessoas com caraminholas na cabeça são um perigo para a sociedade. Dar remédio? Aqui ó!” Geraldo fez um gesto com os braços. “Lugar de louco é no manicômio.”

O delegado fez uma pequena pausa para recompor sua linha de raciocínio.

“Aquele viadinho do diretor metido a besta do José Ricardo me aguarde. Não quero filho meu estudando com gente assim, entendeu? Fiquei sabendo, uns anos atrás, que tinha um menino com algum problema psiquiátrico no colégio, se fosse da série do meu filho, teria feito de tudo, alertado os pais, qualquer coisa. Não podemos ter essas pessoas andando soltas por aí.”

Heitor cerrou os punhos e tentou controlar-se. Pensasse o que pensasse, o delegado Geraldo ainda era seu superior.

O telefone da mesa tocou e Heitor agradeceu. Seria uma desculpa perfeita para se retirar.

Geraldo atendeu e pediu para a pessoa na linha esperar.

“Heitor?” chamou de volta o investigador, “depois me fala como foram as entrevistas lá no São Tomé em relação ao caso da menina desaparecida, hein? Quero passar um pente fino naquele lugar daqui em diante. Você vai lá amanhã, não? Isso se a pirralha não aparecer antes, né?”

Heitor confirmou com a cabeça. Saiu e fechou a porta.

Que filho da puta, pensou ele.

9

Lina chegaria atrasada. E daí? Tinha coisas mais importantes para fazer agora. Subiu de volta para o quarto, trancou a porta e colocou o *pendrive* no computador. Enquanto os dados eram carregados, ela teclava a mesa de vidro com os dedos.

Não é o fim do mundo, não mesmo, pensou ela.

Foi um deslize ontem, sem dúvida, mas situações desesperadas demandam ações desesperadas. O que realmente importava agora era que Clara sumira da face da terra. Foda-se que dera de bandeja, para Rafael, sua própria cabeça. Poderia ter sido mais cuidadosa, mas *so what?*

Eu sou fodástica, lembrou-se.

Aquele retardado nunca ousaria vazar aquele vídeo para a polícia. Disso, ela tinha certeza. Estavam quites. Cada um tinha um segredo do outro e era isso. Ponto final. Nenhum dos dois se atreveria a dar o primeiro passo. A corda estava no pescoço deles dois, se um caísse, o outro também cairia.

Lina teria que pensar em outra forma de chantagear Rafael daqui para frente. Ou mesmo largar mão disso. É verdade que se divertira à beça nos últimos meses, vendo ele sofrer com o medo de que seu segredinho vazasse, mas...

Tudo que é bom dura pouco, pensou ela. *C'est la vie*.

Apertou play no vídeo.

Ele havia filmado tudo. E a qualidade estava impressionante também, por mais que tenha sido feita com o celular. É claro que a conversa não tinha sido gravada, afinal ele estava longe e único som que aparecia era do vento uivando.

E verdade, tinha ficado fotogênica. Não pôde deixar de sorrir quando viu a cena em que ela batia em Clara. Sentiu uma pontinha de orgulho, estava tão... tão *selvagem*.

Lina riu, talvez Rafael tenha feito até um favor gravando esse vídeo. Ela poderia reviver o momento incrível várias e várias vezes. Lembrou-se do cheiro de sangue e suor e sentiu que estava ficando excitada de novo.

Lina adiantou o vídeo para o gran finale. Rafael registrara com precisão o momento em que ela empurrou Clara da ponte e mesmo a queda tinha sido filmada. Parecia tudo tão surreal, mas era verdade.

Ela colocou a mão no queixo, admirando a cena como uma atriz famosa faria na estreia de seu filme.

Fodástica, simplesmente fodástica.

Conseguia quase escutar os aplausos atrás dela.

Senhoras e senhores... e a multidão vai à loucura!

Lina! Lina! LiiiiiiiiiiiiNA!

Estavam todos gritando o nome dela. Ela era inspiração. Arte. O que fazia era Arte.

Lina percebeu que não conseguiria apagar aquela cópia. Era bonita demais para seu grande ato ser deletado da face da terra assim sem mais nem menos.

Fechou o vídeo e desconectou o *pendrive*.

Aquilo era sua história. Não podia jogar fora. De jeito nenhum.

Terça-Feira 19 de Março

10

Cármen pensou que nunca mais se envolveria com essas coisas sombrias. Achava que essa parte de seu passado ficara para trás quando fugira com Clara, mas ela estava errada. Simplesmente, existiam coisas que não eram possíveis de se escapar.

Suspirou e afagou a cabeça de Pepito que estava ao seu lado. O cachorro estava atento, suas orelhinhas para cima, e tentou farejar o que a dona preparava no chão. Sabia que se quisesse ficar ali do lado dela, não poderia atrapalhar o que estava fazendo. Foi então deitar-se na sua almofada, um pouco distante. Colocou o cabeça sobre as patas, seus olhinhos brilhando de curiosidade para o que estava acontecendo. Parecia nem piscar, seu olhar fixo em Cármen.

Fazia tanto tempo que não mexia com isso, desde que Clara nasceria, que Cármen teve medo de não saber realizar mais. Os passos estavam um pouco apagados em sua memória, fazendo com que a ordem das coisas parecesse um navio em um nevoeiro. Conseguia ver a forma e os detalhes mais importantes necessários, mas as nuances do encantamento estavam perdidas em suas lembranças.

Para um manipulador de verdade, isso seria quase como uma brincadeira para criança, mas por ter nascido simplesmente humana, sem mágica em suas veias, Cármen teria que fazer o encantamento manualmente. Sabia que talvez o encantamento não tivesse a mesma potência que teria se um manipulador realizasse, mas Cármen achou que seria suficiente. Torceu para que fosse suficiente. Afinal, não precisaria mais de uma hora ou duas para conseguir o que queria.

E se não achasse nada?, indagou-se com medo.

Era sua única opção, estava desesperada. Ou fazia isso ou ficava no sofá esperando pela ligação do investigador. A chance de que Cármen encontrasse algo era

pequena, e ela sabia disso, mas, pelo menos, estaria sendo mais útil do que ficar sentada sem fazer nada.

Cármen arrastou a pequena mesa de centro, abrindo espaço na sala. Com o saco de sal grosso desenhou uma fina circunferência de mais ou menos um metro de raio, espaço mais do que suficiente para uma pessoa sentar-se confortavelmente. Serviria como isolante e concentraria a energia dentro do círculo.

Foi à cozinha e trouxe uma xícara com água fervendo. Colocou na água duas folhas de fedegoso, também conhecida como crista-de-galo. Esqueceu-se de quantas pétalas da mesma planta seriam necessárias, colocou quatro, pois o número nem pareceu muito exagerado, nem pareceu que era muito pouco. Foi mais pela sua intuição. Cármen torceu para que estivesse certa. Se tivesse errado, afetaria o número de horas que o encantamento duraria.

Lembrou-se de uma história que escutara quando criança. Contavam que um *lipsit*, um dos nomes para os que nasciam sem magia, tentou realizar um encantamento muito além das finalidades indicadas. Errou na quantia dos ingredientes, achando que seriam adequadas para o que queria, e terminou ficando inconsciente por mais de um ano preso no sono do encantamento. Durante esse tempo, o rapaz foi definhando aos poucos e por mais que a família cuidasse dele, terminou morrendo. Chamavam essa história de *Băiat Schelet*, o garoto esqueleto.

Bobagem, pensou Cármen, só com quantidades enormes de ingredientes aconteceria algo assim e além do que, a energia necessária seria muito maior do que qualquer humano conseguisse concentrar. Era uma história para ensinar as crianças seguirem as instruções e para lhe alertar quanto aos perigos de se alterar uma fórmula.

Fosse verdade ou não, Cármen lembrou da história e aumentou sua cautela.

Agora faltavam os elementos com o passado no encantamento. Elementos que estavam presentes no dia que ela queria reviver. Mas antes de prosseguir, fechou os olhos e usando toda sua concentração, repassou os versos na sua mente para ter certeza de que estava tudo correto.

...Se quiser reviver o passado longínquo, elementos variados necessitará.

Primeiro, folhas daquela de vários nomes a água fervente tocará,

aquela cujo ramo de flores imita a coroa de quem anuncia o amanhecer,

para dominar o tempo, não mais do que algumas pétalas deverá fornecer.

Depois de ter conferido o que já fizera, Cármén pegou um pedaço de pano surrado com um aspecto bem desgastado e colocou-o dentro do círculo. Ainda carregava um leve aroma de bebê e Cármén ficou com lágrimas nos olhos ao lembrar-se de Clara quando criança.

Desembrulhou depois um papel e segurou nas mãos uma estranha estrutura preta toda contorcida. Parecia o resultado de colocar uma minhoca gorda na churrasqueira. Aquele pedaço de carne, por assim dizer, que Cármén segurava era o que restava do coto umbilical de Clara. Estava frágil e Cármén arrancou um pedaço, que se soltou como se fosse carne seca, e dissolveu na água quente do chá, seu estômago embrulhando um pouco conforme a água foi adquirindo um aspecto cinza amarronzado.

Pegou então uma caixa de madeira e destrancou-a com uma chave minúscula. Lá dentro, estava uma faca com o cabo de madeira ornamentado com pequenas escritas. Estava tão velha, que as inscrições eram ilegíveis. Cármén segurou a faca na mão e soprou a poeira da lâmina curvada. Não havia nada de especial no objeto e Cármén o guardara caso precisasse de um elo com o passado.

Apenas a lembrança para este encantamento não o levará ao adormecer,

Primeiro um objeto do passado quem me canta deve fornecer ...

Ela se deu conta de que se a manteve guardada todos esses anos, era porque lá no fundo sempre temeu a necessidade de um dia ter que reviver aqueles momentos. Não se orgulhava do que fizera com aquela faca. Cármén engoliu em seco, lembrando-se também de um outro motivo para ter mantido o objeto.

Além de ser um elo com o passado, a faca também serviria como um outro ingrediente vital para o ritual. Para ser completo, o encantamento precisaria de um objeto que a morte tenha tocado diretamente. E se havia uma coisa que aquela lâmina havia visto era a morte.

Ecoaram as palavras na mente de Cármén:

Segundo, do artefato tocado pela escuridão eterna,

deve ser sacada uma gota da vida moderna ...

Terceiro e último, me beba de uma só vez,

e encontre o que procura com rapidez.

Cármen espetou-se na lâmina já um tanto enferrujada e com a ajuda da outra mão, fez uma espécie de torniquete no dedo furado, até que uma gota espessa do líquido vermelho da vida pingasse na xícara.

A água cintilou na sua frente e um cheiro forte emanou pela sala.

Pepito levantou a cabeça, incomodado pelo súbito odor, era algo que nunca farejara antes.

Está pronto.

Cármen levantou-se e fechou as cortinas da sala. Checou se a porta da frente estava trancada e aproveitou para escurecer também a cozinha.

Voltou para a sala e contemplou seu trabalho com um peso no coração.

Antes de entrar no círculo salino, Cármen retirou seu pingente e delicadamente colocou-a sobre a mesa de madeira. Sentiu-se desprotegida e vulnerável sem ele. E com razão.

Sentou-se dentro da circunferência e segurou a xícara com suas duas mãos

É agora ou nunca, disse ela.

E com apenas um gole, tomou o conteúdo inteiro até a última gota. Tinha um gosto amargo e sentiu pequenos pedaços com sua língua. Lutou contra a vontade de colocar tudo aquilo para fora, mas antes que pudesse pensar muito a respeito, a sua visão escureceu e um zumbido no seu ouvido foi aumentando de intensidade.

Cármen caiu no chão, seu corpo mole fazendo um estrondo abafado com o impacto.

Pepito latiu assustado.

Era uma noite silenciosa sem lua, daquelas em que a escuridão domina até onde a vista pode alcançar. O cavalo trotava rápido pelo caminho iluminado com as tochas flamejantes e as chamas dançavam ao toque suave do vento. Por um momento, a mulher de cabelos ondulados pensou que o cavalo poderia vir a tropeçar e quebrar uma pata, ou pior, derrubá-la da sela e quebrar a sua perna, arruinando a viagem. Mas o corcel pisava firme. Conhecia bem o caminho e estava mais do que acostumado em levar pessoas estranhas na calada da noite até aquele lugar para onde estavam indo. Um lugar de onde muitos entravam e poucos regressavam. O cavalo tinha aprendido a duras penas, isto é, duros chicotes, a não questionar seu dono, fosse ele quem fora.

Mas essa noite era diferente das outras.

Havia algo naquela mulher que o deixava ansioso.

Não chegou a causar algum problema, é claro – a ameaça com o chicote fora mais do que o suficiente – mas, mesmo assim, enquanto galopava, um pouco mais rígido que o normal para dizer a verdade, o corcel sentia a atmosfera das intenções sombrias daquela mulher, seu instinto animal lhe alertando do perigo.

A mulher puxou as rédeas e o corcel fez uma parada brusca, suas patas quase deslizando. Tinham chegado a uma velha cabana de madeira no meio da mata fechada. Se não fossem as tochas acesas no caminho, seria impossível de encontrá-la.

“Você está atrasada.”

Uma figura encapuzada saiu das sombras e se aproximou da mulher. A mulher desceu do cavalo, ignorando a dor que sentia em seu ventre, e virou-se para encará-la. Estava diante dela uma anciã que aparentava ser muito mais velha do que realmente era, suas várias rugas cobrindo-lhe o rosto até o pescoço.

“Você está atrasada,” repetiu a anciã com a voz rouca, antes de abrir a porta.

A mulher permaneceu calada e começou a caminhar atrás da velha, parecendo não se importar com seu ritmo lento, mesmo tendo que aguentar fortes dores. Dentro da pequena cabana, tudo estava escuro, com exceção de um velho candelabro de bronze sobre a mesa, bem no centro, com suas sete velas. Por um momento a mulher achou que era o lugar errado, linhas de irritação dominaram-lhe as feições, afinal era apenas uma pequena cabana cheirando a mofo. Antes mesmo que

pudesse reclamar, a velha notou sua insatisfação e fez um gesto rápido para que ela se calasse. A mulher de cabelos ondulados não estava acostumada a receber ordens e a ser tratada assim, mas permaneceu calada do mesmo jeito, engolindo seu descontentamento.

A velha colocou-se atrás da mesa, tirando seu capuz. Seus olhos castigados pela catarata reluziram brancos diante do chamuscar das velas.

“E a criança?”

A voz da mulher dos cabelos ondulados pareceu fazer a mesa tremer.

“Está viva. *Ainda*. Todos que sabem da marca, estão..?” a velha deixou no ar.

“*Mortos?* Sim.” A mulher completou, seu rosto permanecendo neutro.

A velha sorriu, tendo esperado por essa resposta há muito tempo, simplesmente não podia correr essa chance.

“Você superou nossas expectativas querida, o regente ficará muito contente com seu compromisso com nosso povo, você será citada em canções das próximas gerações. Todos conhecerão seu nome e o que você fez pela nossa segurança,” disse a velha com sua voz rouca.

“Agora me mostre o caminho. Não tem como esse ser o lugar certo,” disse a mulher impaciente, olhando ao redor. Esse não era o momento para elogios.

A cabana tinha apenas um cômodo e o único móvel era a mesa de madeira no centro. Não havia espaço. Teve certeza de que o lugar não era esse. Não podia ser. Pigarreou nervosa.

“Quero respostas, *agora*,” murmurou ela, tentando controlar seu tom de voz.

“Você está no lugar certo,” retrucou a velha, uma pontinha de prazer no seu tom. Ergueu o candelabro, fazendo um sinal para a mulher de cabelos ondulados.

As finas sobrancelhas da mulher arquearam-se. Ficou sem entender o gesto por uns instantes, mas a postura inflexível da velha deu a entender que ela estava a perder tempo. E sem pensar duas vezes, a mulher de cabelos ondulados empurrou a mesa para um dos cantos da cabana, sentindo seu ventre arder com o esforço. O som de madeira sendo arrastada ecoou na estrutura da cabana.

A mulher abriu um grande sorriso, ignorando sua dor por uns instantes.

Mas é claro, pensou ela.

Abriu o grande alçapão no chão e por uns instantes a mulher ficou fitando os olhos da velha, procurando por respostas. A velha inclinou a cabeça para baixo, mostrando-lhe o caminho. A mulher de cabelos ondulados pegou o candelabro e começou a descer pelos degraus estreitos de pedra. Soube, sem uma palavra ser trocada, que daqui em diante ela teria que ir sozinha. Não havia chance alguma da velha acompanhá-la. Não houve despedida nem algum comentário.

Não tem problema, ruminou, *cuido da velha depois que tudo isso terminar*, pensou ela com desgosto.

O caminho era um só e não precisava de mais explicações. Conforme a mulher descia pela espiral que parecia descer até os confins da terra, suas mãos foram percebendo que as paredes se tornavam cada vez mais úmidas. Segurou o candelabro mais firme, porque escorregava em sua mão suada.

A mulher engoliu em seco. Agora já não havia mais volta. Ou ela terminava o que começara ou podia dizer adeus para sua vida aqui mesmo. Uma parte dela desejou que não precisasse ser assim. Não tinha gostado nem um pouco de cortar aquelas gargantas na calada da noite. Ela não era assim, não queria isso. Mas as circunstâncias a transformaram em uma assassina. Depois do que pareceram longos minutos, finalmente ela chegou ao fim da escada.

Franziu a testa.

Estava diante de um estreito corredor. O pé-direito muito baixo obrigou a mulher a abaixar-se. Não perdeu tempo e começou a caminhar, percebendo que o som de água vibrava pelas paredes. Sentiu no rosto a umidade da qual se aproximava. O corredor terminou numa sala redonda, uma espécie de bolsão debaixo de palmos e palmos de terra. Deveria estar a uns dez, talvez quinze metros abaixo da superfície. Levantou o candelabro, examinando cuidadosamente as paredes desenhadas. Passou a mão sentindo a textura dos desenhos, reconhecendo a história por detrás desses murais.

“Muito bem, muito bem.”

A mulher deu um salto para trás, assustada.

Uma figura toda de branco aproximou-se dela.

“Você está pronta para o que tem que ser feito?” perguntou o vulto branco. Pelo tom de voz, a mulher de cabelos ondulados ficou em dúvida se a figura era masculina ou feminina.

“Poderíamos ter feito já,” continuou o homem encapuzado, “mas nós e o regente achamos melhor ser você a fazê-lo. Depois de tudo o que fez, considere isso um presente. Você deverá se sentir honrada por isso.”

“Me dê logo a criança,” respondeu ela, sem um vestígio de orgulho em sua voz.

A figura de branco tomou-lhe o candelabro e acenou para alguém na escuridão. Dois outros vultos, também de branco, aproximaram-se e entregaram um pequeno embrulho para a mulher.

A mulher descobriu parte do cobertor e encontrou ali um rosto. Um pequeno e delicado rosto de uma criança reluziu diante da chama do candelabro. Ela não tinha nem sequer uma semana de vida completa, mas dormia agora tranquila, naqueles braços, sem se dar conta do perigo que corria.

O coração da mulher disparou em seu peito. Segurou as lágrimas ao ver aquela delicada mancha de nascença naquele rostinho sereno. A mesma mancha que iniciara todas as atuais circunstâncias.

A mulher tirou a faca de sua cintura, com sangue ainda molhado de horas atrás. Não conseguiu esconder a agonia em seu rosto, tanto pela dor que sentia no ventre, quanto pelo que estava prestes a fazer.

“Você está fazendo a coisa certa,” disse a primeira e, aparentemente a mais importante das figuras de branco. Os outros dois vultos recuaram para as sombras. Ouviu-se o ranger de portas e tudo ficou em silêncio. Estavam apenas os dois mais a criança agora na sala oval.

A mulher fechou os olhos, agradecendo em seu interior por não haver mais testemunhas. Tudo ficaria mais difícil se houvesse mais gente.

Ergueu a faca alguns centímetros acima da altura da sua cabeça. A figura de branco sorriu, ansiosa pelo momento que viria.

E com um movimento rápido a mulher desceu a faca.

Esguichou sangue na roupa branca do vulto. Seu sorriso desapareceu. O homem gritou, seu berro de dor ecoando pelas paredes úmidas.

“Traidora...” sibilou ele, sua roupa encharcando-se de sangue em poucos minutos.

O candelabro caiu fazendo um estrondo que ressoou pelas paredes de pedra, apagando algumas de suas velas.

“*A profecia... a profecia!*” esganiçou ele quase desmaiando, estava perdendo muito sangue. “Você não tem ideia do que acabou de fazer... ela vai trazer trevas ao mundo... *escuridão... morte...*”

A mulher apertou a criança contra seu peito.

O homem ajoelhou, fazendo pressão com a mão em seu pescoço, tentando conter inutilmente o sangue que jorrava.

“Estamos todos perdidos. *A profecia!* Você tem que impedir! Ele se levantará, mais forte do que antes... ele ainda paira nas sombras... se escondendo das linhagens... Nério vai ressurgir...”

A mulher de cabelos ondulados afagou a criança com sua mão manchada de sangue. Tinha que fugir, antes que fosse tarde demais.

“*A profecia! A profecia!*” o homem continuou, sua voz quase inaudível agora. “A criança trará o fim dos tempos...”

Os olhos do homem arregalaram-se. Tudo acabou tão rápido que ele nem teve tempo de terminar suas últimas palavras. A mulher retirou a faca do peito dele.

“Pode levar sua profecia para o túmulo,” sussurrou ela.

Pegou o candelabro caído no chão e com cuidado caminhou o mais rápido que pôde em direção à escada. A mulher escutou passos distantes, era questão de tempo para que descobrissem o que fizera. Ainda bem que a sala do trono só tinha uma entrada.

Subia degrau por degrau, apertando a criança contra o peito. Ninguém a tiraria dela. Ninguém. Teriam que matá-la antes.

A velha, tal como esperado, não ofereceu muita resistência e a mulher de cabelos ondulados lamentou ter que fazer isso. Mas certas coisas eram necessárias. Ainda com a faca escorrendo sangue, saiu da cabana e suspirou aliviada de ver o corcel ainda lá fora. Tinha medo de que alguém o tivesse levado de volta à comunidade. Escutou passos vindo da escada de pedra.

Rápido, não tenho muito tempo, pensou ela.

Deixou cair o sangue, ainda pingando de sua faca, no alçapão aberto e recitou o encantamento. Improvisou com as roupas da velha uma espécie de manjedoura para a criança no solo. Correu até o corcel e agradeceu pelo fato da velha ser tão cega que não reparou no que mais o corcel levava.

Trancou a cabana de madeira em tempo. Eles estavam furiosos. Furiosos, mas com medo. Medo que a criança ficasse viva. Ela escutou vozes na cabana e começaram a arrombar a porta. A mulher de cabelos ondulados começou a espirrar o óleo que havia trazido consigo naquela estrutura de madeira. Mais gritos furiosos. O encantamento selara o alçapão, não poderiam voltar mais para o túnel sem antes desfazer a magia e isso levaria algum tempo. Não soube se isso seria o suficiente.

Mais rápido, mais rápido!, apressava seu pensamento.

E se não fosse?, indagou-se ela. Foi com a mão à cintura e sentiu a faca. Não. Não poderia chegar a isso. Não teria chance em uma luta aberta com os outros. Seria uma presa fácil para eles.

Pegou as velas que restaram do candelabro e tacou fogo na cabana sem pensar duas vezes. O corcel relinchou assustado, quando labaredas de chamas iluminaram o céu sem estrelas dessa noite.

A mulher ficou numa espécie de transe observando a cabana chamuscar em sua frente e os gritos desesperados de lá de dentro. O regente também estava morto. Não sobrara ninguém.

Por entre as vigas de madeira, ela observou cada uma das figuras encapuzadas morrer. Ela sabia o número de sacerdotes do regente. Contou-os para ter certeza, e esperando que o teto desabasse, vasculhou por entre os escombros enquanto a brisa noturna soprava seus longos cabelos ondulados. O pingente ainda estava quente no pescoço de um dos falecidos e, sem hesitar, roubou-o para si mesma.

Cármén suspirou aliviada.

11

Ele mostrou o seu distintivo no pescoço e o porteiro, sem exhibir um sorriso, deixou ele passar. Provavelmente o diretor José Ricardo já deixara avisado sobre sua presença. Heitor cruzou o pátio e foi sentar-se num banco na sombra sem qualquer indício de que estava com pressa. Acendeu um cigarro com seu isqueiro *zippo* e ficou brincando com a tampa, enquanto perdia-se nos seus pensamentos.

Não achava que suas entrevistas seriam muito produtivas, mas estava curioso para saber o que os adolescentes tinham para contar, em especial os que estavam na casa onde Clara passou a noite de sexta-feira.

Exalou a fumaça, observando a névoa se dissipar.

Guardou o isqueiro e segurou o cigarro aceso na boca, enquanto procurava o celular no bolso. Por mais que não tivesse nenhuma novidade sobre o caso, Heitor achou que a melhor coisa que poderia fazer nesse momento era ligar para Cármén, pelo menos para dizer que estava prestes a iniciar a série de entrevistas com os garotos. Talvez soubessem de algo, diria para ela, na expectativa que isso lhe desse alguma esperança e acalmasse um pouco seus nervos.

Digitou o número que estava escrito em um papel e aguardou.

Nenhuma resposta. Esperou até cair na caixa postal e tentou de novo.

Terminou o cigarro e antes de levantar-se, tentou uma terceira vez, mas de novo sem resposta.

Que estranho, pensou.

Estavam sentados em uma sala apertada e quente, sem janelas ,do lado da secretaria. Esse espaço era usado para reuniões entre um professor e um pai ou, como na maioria das vezes, uma mãe. Era tão enclausurada que por si mesma já era suficiente para causar a sensação de que as paredes fechavam-se, espremendo quem estivesse dentro. Hoje, no calor das dez horas da manhã, a sala estava insuportável.

Lina sentou-se e cruzou as pernas, sentindo sua pele grudar com o suor. Heitor olhava-a curioso com seus olhos profundos. Curioso talvez não, só com um pouco mais de interesse que o habitual, tentando achar alguma semelhança entre a garota em sua frente e o prefeito.

Heitor desabotou o botão de cima de sua camisa e abanou o rosto.

“Diga seu nome, querida.”

“Se você me chamou, deve saber já meu nome,” disse ela, sorrindo toda meiga, passando a mão no cabelo com certo ar de timidez.

Heitor endireitou-se na cadeira, arrumando os óculos. Algo naquela garota o incomodou.

“Preciso ter certeza de que estou conversando com a pessoa correta, saber quem falou o que... dar nome aos bois,” disse ele neutro, como se a tentativa de sedução de Lina não tivesse feito um arranhão no vidro impenetrável de sua pessoa.

Aquela calma dele começou a irritá-la.

“Lina. Lina Unschuld.”

Tendo dito seu sobrenome, ela esperava algum comentário da parte de Heitor em relação a seu pai, mas ele permaneceu inalterado. Falar do prefeito sempre era uma boa maneira de começar uma conversa mais descontraída. Mas hoje não.

O coração de Lina acelerou, percebendo que o homem em sua frente não seria tão fácil de conduzir como pensara.

“Bem, Lina, quero fazer algumas perguntas, se você me permitir.”

Lina assentiu.

“Sei que não está no jardim de infância, e não existe essa coisa do melhor amigo. Mas uma vez também fui do colegial e sei como são os adolescentes. Eu, por exemplo, tinha um grupo de amigos muito próximo.” Heitor já estava tão acostumado com essa mentira que, de tantas vezes ter dito, agora quase lhe parecia verdade. Quase.

“Será que você poderia me dizer quem pertence ao seu grupo de amigos mais íntimos?”

Lina levantou a sobrancelha com a pergunta. Percebeu o cuidado do investigador de passar uma informação pessoal sua. Visava criar um vínculo, é claro. Ela sorriu.

“Sim, não vejo nenhum problema nisso,” começou ela descontraída, como se conversasse com um velho amigo. “Deixa eu ver... *uhm...* a pessoa mais próxima seria meu namorado Lucas, com certeza. Estamos juntos há mais de um ano, sabe. A outra pessoa mais próxima seria, provavelmente, Mélanie ou o Felipe. Afinal, a gente é amigo desde criança.”

Heitor seguiu de perto os lábios dela, atento. Não parou em nenhum momento para anotar as informações e não pareceu de nenhuma forma surpreso com as respostas. Se não fosse pelos seus olhos profundos, que se fechavam um pouco quando ele concentrava em uma palavra ou outra, você poderia dizer que ele não estava prestando atenção.

Heitor balançou a cabeça.

“Como é sua relação com Clara? Poderiam ser consideradas amigas?”

A pergunta pegou Lina desprevenida, estava esperando por um tipo de introdução mais gradual ao assunto. Ela pisou com força no chão, não estava conseguindo entender qual era a dele.

“Amigas, infelizmente não. Por mais que a gente tenta, a Clara não deixa, sabe, não dá brecha nenhuma.” Desviou o olhar, como as pessoas fazem quando tentam lembrar de algo.

“É realmente muito triste a situação dela, e parece que cada vez mais ela está se isolando, se fechando, não tem jeito. Uma vez, por exemplo, chamamos ela para jogar no nosso time de vôlei na educação física, sabe, mas ela foi logo correndo pro banheiro, como se tivesse visto um fantasma. A gente só tava tentando ser legal.”

Lina coçou a cabeça com a maior naturalidade, parecendo confortável com a conversa que estavam tendo.

“Ela não fala com ninguém, sabe. É vista como a esquisitona do colégio. Sei que tem muita gente aqui que tira sarro dela, mas também a garota não se ajuda. Acho que ela deve ter algum problema de relacionamento ou coisa do tipo. Ela é esperta? Sem dúvida. Mas cá entre nós, seu QI social é zero.”

Lina ficou esperando por algum tipo de resposta, comentário da parte do investigador. Mas, quando ele seguiu para a próxima pergunta, cortando as brechas que Lina tinha aberto, ela teve que se segurar para não demonstrar frustração.

“Pelo que entendi então, vocês quatro, Lucas, Mélanie e Felipe, eram um grupo para um trabalho de literatura, não eram?”

Lina afirmou com a cabeça, não entendendo muito bem a direção que a conversa estava indo.

“Agora, fico curioso para saber como é que vocês quatro, alunos tão diferentes de uma garota tímida que não fala com ninguém, resolveram colocá-la no mesmo grupo? Por que fizeram isso? Pelo pouco que conheci, vocês quatro são vistos como o grupinho popular do colegial...”

Seu tom, como com uma salpicada de desprezo, incomodou Lina.

Ela deu uma mordiscada rápida no lábio e tencionou suas pálpebras. Não esperava pela franqueza da pergunta.

“A ideia não foi nossa... foi o professor Tiago que a colocou. Devia estar sem grupo ou algo do tipo... não foi nossa escolha sabe. Além do que, parece que ela não contou para ninguém que estava sem grupo. Foi só no final da aula, tipo faltando uns cinco minutos para o sinal, que ela decidiu procurar ajuda. Mas nós não nos importamos muito, sabe. Já estávamos com todo o trabalho terminado, não mudaria muito as coisas.”

Heitor repuxou rápido um dos cantos da boca.

“Entendo, entendo. Então se já tinham terminado o trabalho, por que então você combinou com seu grupo de literatura de se encontrarem, pelo que seus outros colegas me disseram, na sua casa para *fazer* e não *terminar* o trabalho? Uma outra coisa ainda, me disseram que ficaram quase a tarde inteira porque tinham bastante coisa para fazer...”

Quem foi o retardo que abriu o bico?, Lina interrogou-se, vasculhando a mente. Só podia ser aquela tonta da Mélanie com sua boca grande. Desejou com todas as forças que os outros tivessem seguido a versão alterada dos fatos como planejado. Versão essa que Lina discutira por mensagem com cada um deles algumas horas antes.

“Disse *terminado*?” indagou ela. “Quis dizer *planejado*, sim, quando tocou o sinal já tínhamos tudo planejado.”

Lina esperou atenta. Não podia errar mais nenhum passo.

“Agora me fala uma coisa,” começou Heitor mudando de assunto, “como é que uma menina bonita como você, educada e de uma excelente família aqui da cidade, conseguiu convencer a esquisitona do colégio – para usar suas próprias palavras – tímida do jeito que ela era, a mesma que correu pro banheiro quando convidaram para o time de vôlei, de ir não só para sua casa fazer o trabalho, como também de dormir lá?”

Heitor permaneceu imóvel, sem transpor nenhuma emoção.

Lina sorriu e fez um gesto com a mão.

“Acho que o senhor não entendeu direito.”

Ficaram em silêncio por uns longos segundos, ambos se olhando.

“Eu convidei a Clara por educação, fiquei até mesmo surpresa, sabe, dela ter ido. Eu acho que talvez ela estivesse se esforçando pela primeira vez a se enturmar... bem, vai ter que perguntar para ela sobre o porquê dela decidir ir.”

Boa sorte com isso, ruminou Lina por dentro.

“Agora sobre o porquê dela dormir, isso é fácil. Quase que obriguei ela a ficar, sabe. Estava chovendo. Muito. A praça já estava alagada e a zona norte deveria estar um caos e, provavelmente, perigosa - lembra do ano passado, daquela enchente? - foi isso que disse para ela. Simplesmente não podia deixar ela sair e se arriscar. Não. E a gente estava sem energia, estava tudo escuro. Acho que fiz a coisa certa pedindo para que ela ficasse, não é?”

Lina levantou uma sobrancelha e ficou esperando por uma resposta.

Heitor apenas observou-a como se tivesse todo o tempo do mundo.

“Agora,” disse ele, mais uma vez não respondendo as indiretas dela, “como é que nem a sua melhor amiga, a Mélanie, pelo que estou entendendo, não ficou para dormir, enquanto Clara, quem você mal conhecia antes, ficou para passar a noite na sua casa?”

“Não estou entendendo o que o senhor quis dizer.”

“Por que Mélanie não ficou para dormir?” disse Heitor, reformulando a pergunta.

“Ela morava perto, quis voltar para casa. Seu pai veio pegá-la.”

“De carro?”

Não, de ônibus espacial seu otário.

Lina meio que pigarreou, afirmando sua resposta.

“Poderiam ter dado carona para Clara...”

Pela primeira vez Heitor desviou o olhar e resolveu escrever em sua caderneta.

A sala afundou em silêncio. O único barulho era do antigo ventilador de teto, girando e fazendo mais ruído do que vento.

“Pelo que fiquei sabendo você e seu pai acordaram com uma baita de uma surpresa dentro de casa. No sábado, pelo que entendi direito.”

Lina titubeou um pouco com a nova brusca mudança no assunto. Estava se enfurecendo por não tê-la deixado responder.

“A inundação?” disse Heitor, completando.

“Ah, sim. Quero dizer não. Na verdade só eu estava em casa, meu pai não. E sim, tomei uma surpresa gigantesca quando vi a cozinha toda alagada... bem, acho que a prefeitura vai ter um baita de um trabalho para explicar como isso aconteceu, não é mesmo?”

Heitor fitou-a, seus óculos resplandecendo a luminária do ventilador.

Lina sorriu amarelo.

“E a Clara?”

“O que tem ela?”

“Só você, não. Clara também estava lá pelo que entendi... ela também deve ter tomado um susto com o que aconteceu, não é?”

Lina engoliu em seco. Abriu a boca e fez menção de falar. Retrocedeu no último instante.

Cuidado com a sua boca agora Lina, pensou ela.

“Ela levantou mais cedo, sabe, saiu sem dizer nada. Deve ter saído bem de manhãzinha. Deus sabe o que passava na cabeça daquela menina.”

Lina esforçou-se para manter a calma.

Passava?, mastigou Heitor, estranhando a conjugação no pretérito.

“Na verdade, ela me deu um baita de um susto. Nem falou que ia sair ou coisa do tipo... mas o bom é que ela chegou intacta em casa depois, não é mesmo investigador Heitor? Afinal o senhor mesmo disse, antes de começar as entrevistas, lá na sala de aula, na frente de todos, quando estava explicando o procedimento, que a própria mãe dela a viu de manhã... fico tranquila de saber que ela chegou bem em casa. Que nada aconteceu no caminho, sabe.”

Lina tentou acalmar-se.

“A senhora Cármem, mãe de Clara, disse que ela chegou em casa um tanto... alterada por assim dizer. Aconteceu alguma coisa com Clara durante o período que

ela ficou na sua casa? Alguma briga ou algo assim?”

Lina sorriu nervosa, endireitando-se na cadeira.

Quanto é que eles falaram sobre o que aconteceu?, perguntou-se.

“Olha, investigador Heitor eu vou ser bem honesta com você. Afinal o senhor também foi adolescente e deve saber. Nós estávamos sozinhos em casa e bem... sabe, a casa tava vazia... a gente decidiu tomar alguma coisa e nos divertimos depois.”

Lina sentiu como se estivesse pisando em ovos.

“Em nenhum momento tratamos ela mal. Inclusive, ela pareceu estar se divertindo à beça no final das contas. Não sei o que os outros disseram, mas acho que é melhor contar tudo sabe. Ser honesta como o senhor pediu. Vai que ela esteja de fato em apuros?”

Heitor ia dizer algo, mas Lina interrompeu-o.

Ele lambeu os lábios. Odiava quando as pessoas o interrompiam. Sentiu a certeza naquele momento de que não gostava dela, algo nela lhe parecia estranho, fora do lugar.

“Sim, a gente estava bebendo e não deveríamos ter bebido, eu sei disso. Mas ela também bebeu, e vou te contar, não parecia que era a primeira vez que bebia não, olha só.”

Lina esperou para que sua frase tivesse efeito.

“Parecia inclusive que tinha alguma coisa com a bebida, do tipo que não conseguia parar de beber. Fico me perguntando, será que ela tinha algum problema com o álcool?” disse ela, coçando o pescoço como se estivesse preocupada.

Tinha?, saboreou Heitor a escolha verbal da garota.

“Mas posso garantir que nada aconteceu com Clara enquanto ela esteve em casa, eu juro.”

“Seus amigos me disseram isso já. Pode ficar calma, não vou prender ninguém. Menores bebendo álcool... se fosse deter alguém, teria que prender provavelmente

a classe toda e o resto da cidade.”

O investigador esboçou um pequeno sorriso. Lina relaxou um pouco, vendo-o sorrir pela primeira vez.

“Também comentaram mais uma coisinha...”

Lina esperou atenta, torcendo com toda sua alma que ele não fosse perguntar. Perguntar daquilo.

“E o que fizeram, durante o período que estavam embriagados?”

“Nada demais.”

Lina esforçou-se para não coçar a cabeça. Desviou o olhar, sua técnica para fingir que estava tentando lembrar do que acontecera.

“Ficamos só conversando e jogando uns jogos de festa, nada muito emocionante.”

“*Ah é?*” Heitor sentiu o cheiro da mentira de longe. “Olha só que engraçado.”

Lina franziu as sobrancelhas.

“Pelo que sua amiga Mélanie contou, você pregou um baita de um susto em Clara...”

Lina prometeu a si mesma esganar Mélanie. Estava quase soltando fogo pelas ventas.

“Nada demais, brincadeira mesmo investigador, eu juro. Tudo ficou bem depois.”

“Sua amiga citou mais uma coisa que achei um tanto estranho... disse que vocês decidiram jogar aquele... qual é o nome, mesmo?... sim, me lembrei. O jogo do compasso ou será que era do copo?”

Lina prendeu a respiração.

“Ah... aquilo. Sim, é verdade... mas é só um jogo, para cria...”

“Talvez não fosse apenas um jogo para Clara. Talvez, para ela, era muito mais que tudo isso. Talvez vocês tenham assustado completamente essa pobre garota e...”

“Ma...”

“...e ela decidiu fugir, fazer alguma coisa, sei lá, não importa. A questão é que ela não foi encontrada até agora e um dia antes ela tomou provavelmente o maior susto da sua vida... Você concorda que mesmo que esses eventos sejam fatos completamente independentes, eles são estranhos e podem...”

“O senhor não pode nos culpar pela infantilidade dela.”

Lina estava perdendo a sutileza, sua voz trêmula no ar.

“Verdade, não posso. *Ainda*. Até agora a única coisa que se destaca desse cenário todo é o *showzinho* que você e seus amigos aprontaram. Muito cedo para dizer.”

Ficaram em silêncio, os dois de cabeça quente.

“Vai contar para a diretoria sobre isso?” Lina perguntou áspera, toda sua delicadeza esgotada.

“Não.”

Heitor deixou-a esperando por alguns segundos.

“Ainda não. Se disser algo desse tipo para a diretoria, com tudo o que já anda acontecendo, não vai demorar muito para que José Ricardo bote você e seus amigos para correr daqui,” Lina quis interromper, mas Heitor aumentou seu tom de voz, “não que de fato essa brincadeira tenha tido relação direta com o que aconteceu com Clara. Mas acho sim, que talvez isso tenha aumentado em algum grau o que quer que seja que Clara estivesse incubando dentro de sua cabeça. Me entende?”

“Mas... mas a gente não sabia, a gente não sabia!” berrou Lina, lágrimas saindo de seus olhos de atriz.

Era hora do plano B.

“Não foi nossa intenção... se de fato tivermos alguma culpa, *ai meu Deus!*, com o que aconteceu com Clara... eu nunca... nunca mais me perdoaria.”

Lina colocou as mãos, escondendo o rosto.

Heitor permaneceu imóvel enquanto Lina soluçava baixo na sua frente. Ficou sem saber o que fazer. O desconforto o fez chegar mais próximo da mesa. Talvez tenha se deixado levar pelo momento, não deveria ter sido tão áspero e tão inquisidor.

“Calma, não sabemos o que lhe aconteceu ... vamos esperar pelo melhor...”

A RAINHA TREME

Quinta-Feira 21 de Março

Era uma quinta-feira como qualquer outra. A euforia dos acontecimentos parecia estar finalmente abaixando para níveis mais aceitáveis. Lina estava sentada no seu lugar de costume, conversando distraída antes da aula. Tinha acordado cedo e hoje sentia-se bem-disposta como nunca.

Tinha certeza de que a ceninha que fizera na frente do investigador fora mais do que o suficiente para convencê-lo de sua inocência. É verdade que de agora em diante tentaria andar longe dos holofotes por um tempo, mas continuava saboreando o gosto da artimanha que aprontara. Por mais que o investigador cutucasse, ele não encontraria nenhuma prova contra Lina. No máximo, os garotos poderiam ser culpados de bullying, mas nada muito grave.

Lina sentia-se leve como um balão quente de ar e estava tão elétrica, com jatos de corrente de entusiasmo percorrendo seu corpo, que sua carga de sono fora reduzida e ela nem estava cansada.

“Será que ela se matou?” perguntou Mélanie.

Sem dar tempo para Lina responder, ela acrescentou:

“Nahhh, ela não teria essa bola toda pra se matar. Acho que ela não é dessas. Deve estar escondida em algum lugar, com medo até agora do susto que ela levou.”

“*Você tá louca?!*” vociferou Lina levantando-se da cadeira, seu humor alegre desaparecendo num piscar de olhos. “Já te falei que não é pra conversarmos desse assunto quando estivermos em público.”

Abaixou seu tom de voz.

“Será que você tem a mínima noção do que vão pensar se mais alguém descobrir que Clara estava na minha casa? Se por acaso alguém da escola descobrir que demos um susto nela? *Hein?!*”

Mélanie afastou-se uns passos.

“Já não basta aquele detetive fuçando na minha vida, você quer o que agora? Que o diretor tome chazinho com meu pai e discuta uma forma de expulsar a gente?”

“Tá. Desculpa. Foi mal, mas não precisava ser assim tão grossa. Não tava falando nada demais...”

“Me poupe,” respondeu Lina ríspida e deixou Mélanie sozinha.

O sinal tocou e os alunos tomaram seus lugares.

O professor chegou e colocou suas coisas sobre a mesa na frente da sala. Bocejou parecendo estar com mais sono que seus alunos.

“Muito bem, muito bem. Espero que todos estejam prontos para apresentar, pois pretendo acabar com isso hoje.” Tiago disse, tapando a boca com a mão.

Pegou seu caderno e abriu na página com os grupos do projeto. Havia dado uma semana inteira para que os alunos fizessem uma linha do tempo com os movimentos da literatura brasileira. A ideia era que isso servisse de ajuda para memorizar as diferenças entre os períodos literários e seus principais autores.

“Alguns grupos quer se voluntariar para apresentar?”

A classe respondeu com um silêncio.

“Lembrando que *eu* sempre posso voluntariar vocês...” disse ele, sorrindo malicioso.

A classe permaneceu calada. A maioria dos alunos olhou para as carteiras, evitando o contato visual com ele, como se seus olhos cuspissem fogo.

“Ora, ora... vamos ver aqui quem vai ser nosso primeiro voluntário de hoje...”

Tiago olhou para aquelas várias cabeças baixas, tomando seu tempo para escolher o sortudo.

“Aham! Você aí, Fernandinho. Receio informar-lhe rapaz, que você acaba de se voluntariar, junto com seu grupo.”

O menino desmontou-se sobre a mesa. Seu grupo lhe impôs um olhar como se fosse sua culpa. Aos poucos, os outros quatro alunos do grupo foram se levantando e começaram a montar na lousa, sua linha do tempo feita em cartolina. Tiago olhou um a um e sentou-se no lugar de um deles - Larissa, uma menina com rosto cheio de sardas -, misturando-se aos espectadores. O grupo pareceu não ter pressa e tomaram seu tempo até que as duas cartolinas estivessem bem fixas na lousa.

Lina pegou o celular, desejando que essa aula já tivesse acabado.

Se havia uma coisa boa (e só essa) das apresentações era que ela tinha livre acesso ao celular durante a aula, já que o professor estava ocupado avaliando os alunos na frente. Ela espremeu os olhos, enquanto seu celular carregava as mensagens, observando o grupo na sua frente. Achou ridículo o novo corte do cabelo de Larissa e fez uma anotação mental para comentar e rir com Mélanie depois.

Isso se Mélanie já tivesse voltado a falar com ela.

Odiava quando Mélanie dava uma de sensível e fingia não vê-la até que pedisse desculpa. Como se ela conseguisse sobreviver sem Lina.

Má chérie, você não seria nada, nada se não fosse por mim. Talvez estivesse na lanterna desse campeonato, junto com a Olho-Roxo.

Além do que, fazer as pazes era quase um golpe de misericórdia para a pobre da coitada. Não que Lina se importasse um peido com os sentimentos dela, pelo contrário, via essas oportunidades para fincar ainda mais suas garras em Mélanie, que sempre achava que Lina pedia desculpas de verdade, como se tivesse reconhecido o erro, a voz rude, ou o quer que fosse que Mélanie tivesse emburrado com ela. Ou era boba mesmo ou, simplesmente, fingia-se de cega.

Mas a questão era que Mélanie tinha sua função. Todos têm uma função a cumprir na longa cadeia alimentar social e, se para Mélanie executar a sua, Lina tivesse que iludi-la um pouco com o gostinho de estar em cima, tudo bem, era um preço pequeno a pagar.

O grupo começou a apresentação.

Lina fungou com ar de tédio.

Olhou para Lucas e seus olhares se encontraram. Estava na cara que Lucas estava evitando-a desde o final de semana. Agora que tinha um pouco de tempo, talvez fosse a hora de renovar seus laços sobre o garoto. Para dizer a verdade, Lina assustou-se um tanto por não saber o que se passava naquela cabecinha oca dele e ficou preocupada se ele estava pensando em alguma coisa. Lucas pensando nunca era um bom sinal. Reparou também nas olheiras que afundavam os olhos dele, dando-lhe um aspecto de enfermo, como se estivesse internado há muito tempo.

Agora que a poeira finalmente estava abaixando, Lina não podia correr o risco de que ele desse com a língua nos dentes, especialmente já que ele era o único que sabia da versão completa.

Lina mudou seu olhar, comunicando-se sem palavras. Lucas entendeu e balançou a cabeça. Tirou seu celular do bolso.

Lina franziu as sobrancelhas com a resposta dele.

Levantou a cabeça para ver o rosto de seu namorado, tentando ler algo, mas ele estava ocupado, digitando concentrado e nervoso.

Lucas roçou o lábio nos dentes, apreensivo e se ajeitou na cadeira. Se não fosse pela sua namorada nunca teria entrado numa situação desses. *Caralho*. Nunca teria sido cúmplice de um assassinato.

Lina roçou a garganta. Estavam discutindo.

Lucas começou a digitar, mas terminou apagando o que escrevera, não tinha muito mais para falar. Ele estava tão cansado que não estava a fim de discutir. As últimas noites haviam sido péssimas. Não conseguiu pregar o olho por mais cansado que estivesse e quando conseguia, enfim, adormecer, não demorava muito para que ele acordasse todo suado e gritando, como se algo lhe sufocasse.

Ele não queria vê-la. Nunca mais.

Por um momento, Lina considerou a possibilidade de ter sido rude demais com Lucas. Tentou acalmar-se para não perder o controle. A estupidez dele tinha chegado a um nível que Lina nunca imaginara.

Lucas ficou frustrado por não conseguir transmitir toda sua acidez pela mensagem. Fechou o celular e colocou no estojo.

Lina reparou em cada movimento seu e sentiu uma raiva subir pela garganta.

Quem ele pensa que é pra me tratar desse jeito? Temos que agir normalmente. As pessoas podem desconfiar...

A aula pareceu durar uma eternidade. Apenas três grupos conseguiram apresentar. Tiago olhou decepcionado para seu calendário e infelizmente, teria que gastar sua outra aula de hoje também com esse projeto. Não era o planejado, teria que reorganizar suas próximas aulas. Talvez precisasse enxugar um pouco o conteúdo.

Lina adormecera durante a aula e acordou um tanto desorientada com as palavras do professor no final. Esse pequeno cochilo pareceu revitalizá-la e quando viu que as apresentações tinham acabado, agradeceu pelo tempo ter passado rápido, pelo menos para ela.

O sinal tocou mais uma vez e, enquanto o som metálico ainda pairava no ar, a porta do 2ºA se abriu.

Lina arregalou os olhos e todo o sangue desapareceu de seu rosto.

Esfregou os olhos para ver se estava enxergando direito.

Sim, estava.

Clara Romanush estava parada na porta, sorrindo.

DE VOLTA DOS MORTOS

Um dia antes

Quarta-Feira 20 de Março

1

Ele parou a caminhonete surrada e desligou o motor. “É essa a casa?” perguntou ele com sua voz rachada, seus olhos focados no volante. Recusou-se a olhar para a garota que estava sentada ao seu lado. Parecia que estava acompanhado da própria Medusa, como quem tivesse medo de que se seus olhares se cruzassem, ele enrijeceria e viraria uma estátua de pedra.

A garota sorria alegremente, indiferente ao estado emocional do motorista e contemplava a casa pela janela como se tivessem chegado a um parque de diversão.

Ele a viu pelo espelho, confirmando com a cabeça o local. Sentiu um arrepio e virou o rosto. Não via a hora de terminar com isso tudo.

Sem trocar uma única palavra, ele desceu do carro e bateu a porta.

Atrás dos bancos dianteiros da caminhonete, havia um pequeno espaço, no qual uma garotinha miúda estava escondida em um canto. Tinha uma pequena caderneta e uma caneta na mão. Seus olhos de gato, que pareciam sérios demais para sua idade, observavam com desconfiança cada movimento da garota mais velha no banco da frente.

O homem bateu no vidro e a garotinha entendeu que deveria ficar no carro. Era isso que tinham combinado antes de sair e se tudo corresse como o planejado, eles estariam na rodovia indo para casa daqui a pouco. Notou que seu pai tinha uma expressão séria no rosto, quase bruta, mas seus olhos não mentiam e mostravam o caos que estava aquele homem por dentro. Parecia um doido varrido de pedra, pensou ela e teve pena de seu pai.

Os últimos dias haviam sido... bem, isso era assunto para depois. Ela abriu a caderneta e começou a escrever assim que a garota mais velha desceu do carro. O sol estava quase no ápice e a garotinha reparou mais uma, e pela última vez, a mancha no rosto da outra menina.

Vá embora e nunca mais volte.

Clara Romanush guiou o motorista até a porta da frente. Seu rosto uma expressão genuína de contentamento. Ele a seguia alguns passos atrás, como quem quisesse manter uma boa distância. O motorista teve então a impressão de que aquela garota estava numa espécie de transe, hipnose e que em nenhum momento se assemelhava à mesma garota das noites anteriores...

Um grito quebrou o silêncio do meio-dia.

O motorista virou a cabeça e viu uma mulher abraçando a garota de rosto manchado, as duas quase no chão.

Ele torceu o nariz e fez uma expressão do mais puro nojo.

2

Sim, realmente era Clara, não havia dúvida.

Não soube bem como deveria se sentir. Alegre pela menina ter voltado, mas, ao mesmo tempo, por mais difícil que fosse para ele admitir, sentiu um pontinha de tristeza por causa do medo de que agora não teria mais desculpa para ver Cármem.

Censurou rápido esse sentimento, como se estivesse lidando com algum material inflamável.

Heitor ficou congelado em pé como se aquela visão da menina intacta e respirando na sua frente tivesse esfriado todos os seus músculos. Só depois de alguns longos segundos, depois desse choque inicial, Heitor notou que havia mais uma pessoa na sala: um senhor com ar de interior (ou seja com um ar de mais interior ainda que Novo Triunfo), roupas claras, e cuja pele estava castigada pelo Sol, que o envelhecera mais uns dez anos além do esperado. Heitor não conseguiu deduzir sua idade.

“Esse daqui é o senhor José, foi ele quem trouxe Clara para cá. Nem tivemos tempo para conversar direito ainda. Ele estava acabando de me contar a história sobre o que aconteceu. Acho que você vai querer escutar também.”

Deram um aperto de mão.

Dizem que um drogado sempre reconhece o outro. Foi ao cumprimentá-lo, que Heitor viu, ou melhor, sentiu a atmosfera pesada do homem, quase tão pesada quanto a sua própria. Detrás daquele rosto cheio de manchas, Heitor teve certeza de que algo mudara a vida daquele sujeito para todo o sempre e o arrastara para as profundezas da solidão. Tal como ele, podia andar, falar e conduzir as tarefas do dia razoavelmente bem. Até sorrir de vez em quando, mas, por dentro, vivia não por prazer, mas por necessidade. Dado a chance, abraçaria a solidão amiga num piscar de olhos.

Pepito veio ao encontro de Heitor, farejando-o e abanando o rabo, estava contente como nunca. Não costumava gostar muito de estranhos, mas tinha algo no investigador que dava segurança para Pepito, talvez fosse seu passo calmo ou sua voz um tanto rouca. Soube pelo seu instinto canino que o veria novamente.

José umedeceu os lábios e mais uma vez contou da história de como havia encontrado Clara no lamaçal do rio Inhaúma, toda suja, nem parecendo gente. Suas palavras saíam de sua boca quase como numa apresentação de ventríloquo. Os músculos de seu rosto pareciam estar paralisados e ele não demonstrava sequer uma expressão, como se todo o conteúdo que estava dizendo fosse desprovido de qualquer carga emocional.

Depois, contou sobre como Clara havia ficado sem falar por mais de um dia: estava em choque. Contou sobre como a família dele tomou conta da menina muda até

que ela recuperasse a fala no dia seguinte.

Poderia ser coisa da sua cabeça, mas Heitor ficou com o sentimento de que aquele homem estava desconfortável com a presença da menina ali, como se ela soubesse seus segredos mais íntimos, como se ela o amedrontasse.

Clara manteve-se calada também e não abriu a boca ainda.

Foi depois de um longo silêncio na sala que Heitor decidiu falar.

“Então o senhor encontrou ela nas margens do rio, a abrigou até que conseguisse falar e depois disso, quando ela contou onde morava, o senhor a trouxe de volta?” disse o investigador, tentando entender o que havia sido contado.

“Sim, foi isso,” respondeu o homem sem desviar o olhar. “Cheguei faz pouco tempo, estava terminando de contar exatamente isso para a senhora aqui.”

“É um milagre ela estar viva,” disse Cármén com lágrimas no canto do olho. “Um milagre!”

Ainda não conseguia acreditar que sua filha estivesse aqui sã e salva.

“E durante esse tempo todo, Clara esteve na casa do senhor?”

“Sim, como eu já havia dito. Ficamos com ela até que ela melhorasse.”

Heitor sentiu um toque de angústia naquela voz.

José cruzou as pernas, o primeiro movimento que fizera até então.

“Se o senhor quiser, posso chamar minha filha que está no carro e ela pode confirmar a história toda.”

“Não. Creio que não será necessário,” disse Heitor em tom de desculpa, “afinal, o que importa é que Clara está bem e que ninguém saiu ferido nisso tudo.”

Cármén abraçou sua filha, tudo ainda lhe parecia um sonho.

“E... e você Clara?”

Clara contou com uma naturalidade surpreendente a mesma versão de José com outras palavras. Heitor escutou atento, reparando em seus gestos e na sua maneira

de falar. Não pareceu ser uma menina tão tímida assim como todos diziam. Além de seu rosto manchado, não encontrou nada que fizesse de Clara uma menina especial, tão diferente dos outros adolescentes. Reparou numa certa tristeza em sua voz, mas fora isso nada de diferente. Pareceu ser mais velha do que dezesesseis anos pela maneira de se expressar.

Mas tinha algo fora do lugar.

Heitor não conseguia colocar o dedo exatamente onde as peças não se encaixavam, mas ficou com o sentimento de que algo estava lhe escapando aos sentidos...

“Agora, como é que você foi parar no rio Clara?” perguntou o investigador, com um tom de curiosidade.

“Eu... eu pra falar a verdade não...”

Sua voz pareceu não sair, como se engasgasse.

“Tem uma coisa que tenho vergonha de dizer.”

Um silêncio instável dominou a atmosfera.

“É complicado,” disse ela, “sei que minha mãe vai ficar muito decepcionada comigo...”

“Do que você está falando, minha filha?” interrompeu Cármen aflita.

“A verdade é que voltei para casa no sábado de manhã muito triste. Os meninos do colégio me trataram muito mal, mais do que já faziam. Sentia como um lixo, sem valor no mundo.”

“Que besteira é essa Clarinha? Como assim?”

“Mãe. Me escuta. A senhora sabe que não foi fácil para mim essa transição para o São Tomé.”

Cármen começou a lacrimejar, sentindo seu peito ficar apertado.

“A verdade é que estava me sentindo sozinha e sei que para vocês essas coisas de escola podem parecer besteira, mas...” Clara fungou, contendo o choro. “*A verdade era que não queria mais viver.*”

Heitor endireitou-se no sofá.

“Não queria mais sofrer, queria que isso terminasse logo!”

Clara cobriu o rosto com as mãos.

Cármen aproximou-se e pegou a filha nos braços, também chorando. Pepito ao ver isso, ficou sem saber a quem acudir. Chegou mais perto, mas ficou a uma certa distância, como se quisesse dar um pouco de privacidade para as duas. Seus olhinhos buscavam algo que ele poderia fazer para ajudar.

“E então,” disse Clara entre os soluços, “fui até a ponte ferroviária e... e...”

Heitor sentiu seu coração ficar pesado. Limpou uma pequena lágrima que escorreu do canto de seu olho. Era isso que Clara estava escondendo. Sentiu-se culpado por ter julgado a menina antes, por achar que ela não queria contar tudo.

Heitor desviou o olhar, tentando afastar a dor que sentia.

“Eu não fazia ideia, Clarinha...” disse Cármen com sua voz rouca.

“Mãe, olha aqui,” Clara levantou o rosto da mãe, “eu precisava passar por isso e sim, é um milagre eu estar viva, não sei como sobrevivi a tudo isso, mas *agora*,” ela fez uma pausa para recuperar o fôlego, “quero viver mamãe! Nunca me senti tão *viva*.”

Os três foram para fora da casa.

Clara agradeceu José mais vezes do que era necessário e o pegou de surpresa quando o abraçou, ainda agradecendo pelo que fizera.

Todo o sangue no rosto de José sumiu, parecendo que estava prestes a gritar em desespero, como se seu pior inimigo o estivesse abraçando. Heitor não reparou nesse detalhe. Ele olhava com certa curiosidade a menina pequena, esperando dentro da caminhonete.

A semelhança física com o pai era marcante. Tinha herdado seus traços embrutecidos e ombros largos. Era pequena de estatura e não parecia ter mais que onze, doze anos. Mas, o seu olhar era diferente de todos os outros que conhecia, parecia tudo ver, como olhos de gato na escuridão.

A menina na caminhonete chamou sua atenção também por outro motivo. Estava com uma caderneta na mão, escrevendo tão rápido que parecia uma máquina de escrever, a ponta da caneta cintilando de um lado para o outro. Escrevia e levantava o rosto para observar o que estava acontecendo.

Heitor coçou a cabeça, intrigado, sem quebrar o contato visual.

José afastou-se sem trocar mais nenhuma palavra. Entrou na caminhonete, ligou o motor e foi embora.

O investigador ficou contemplando a menina dos olhos de gato, até que sua figura desaparecesse no horizonte. A caminhonete deixou um rastro de poeira e fumaça na rua.

Heitor despediu-se de Clara, contente com o resultado da situação e entrou no seu carro e foi também embora.

Clara ficou sozinha ali, contemplando a rua tranquila nessa hora da manhã e foi aí que sentiu a presença *dele*. *Nério*.

Escutou algo que só ela poderia ouvir.

Clara sorriu.

Quinta-Feira 21 de Março

Cármen tomou um bom gole de café, sentindo a cafeína esquentar seu corpo.

“Tem certeza disso, querida?” perguntou com sua voz ainda um tanto rouca, parecendo que tinha algo atravessado na garganta.

“Mãe,” Clara respondeu séria, sentando-se ao seu lado, “não sou mais aquela Clara de antes.”

“Mas está cedo ainda, você não acha? Não faz nem um dia que você voltou, querida.”

“Por isso mesmo mãe,” disse Clara. “Não quero perder nem mais um minuto. O tempo de descansar passou.”

Clara levantou-se firme da cadeira.

“Além do mais, olha só como estou.”

Ela girou para sua mãe ver. Aquela era sua filha, mas ao mesmo tempo não era. Nunca vira Clara assim tão... confiante. Estava com um saia bonita, que nunca usava para sair, só em casa, porque tinha vergonha de mostrar suas belas pernas. O cabelo estava penteado e arrumado, já tendo abandonado a tentativa de esconder a marca de nascença.

Cármen não conseguiu não sorrir. Por mais que estivesse ainda abalada com tudo o que acontecera (e ainda não recuperada totalmente do encantamento), Cármen gostou de ver sua filha assim diferente. Tão diferente que...

Cármen sentiu um calor no coração.

Tão diferente que lembrava outra pessoa, uma pessoa que deixara de existir muitos anos atrás. Aquela garota que saiu pela porta, confiante e determinada, se não fosse pela mancha, poderia ser uma réplica exata de Cármen quando adolescente.

Clara entrou na sala e todos ficaram boquiabertos.

Depois de ter entregado a filipeta com seu atraso para o professor, Clara dirigiu-se até seu lugar. Tinha algo diferente. Um ar diferente. Já não andava curvada, toda recolhida sobre si mesma como antes, mas com a cabeça erguida e olhava as pessoas estupefatas no olho.

Sentiu a presença de Nério em cada passo.

Não estava sozinha e por isso, não tinha o motivo para temer ou ter vergonha. Sentiu um toque na sua mão, como se Nério a estivesse conduzindo. Não sabia como, mas o coração de Clara não havia disparado; pelo contrário, ela se manteve numa tranquilidade que nunca antes provaria.

Mélanie gesticulou algo para Lina que, por sua vez, ainda estava em choque, com milhões de perguntas rodando sua mente. Lina agarrou o celular com força e mordeu o lábio.

Não era possível.

Tinha havido algum engano.

Eu te matei. *Eu.*

Lina respirou fundo, tentando manter-se calma.

Um cochicho espalhou-se pelos alunos.

Você caiu da ponte. Se afogou. Você não está aqui, não, não, não. Eu vi você se afogando.

Isso daqui não está acontecendo!

Clara sentou-se na cadeira vazia no fundo da classe. Pegou um elástico de cabelo e fez um rabo-de-cavalo. Todos a olharam incrédulos. Sempre tivera vergonha de usar o cabelo assim, ainda mais em público.

Foi difícil retomar o foco da apresentação. Tiago percebeu o descompasso da turma e pediu silêncio.

Todos, menos Lina, aplaudiram o grupo quando terminou a primeira apresentação da segunda aula.

“Muito bem, muito bem, vamos para a próxima vítima.” Tiago disse, forçando um falso entusiasmo sobre a turma. “*Aham...* Senhorita Clara Romanush, você! Quem chega atrasado na minha aula se voluntaria...”

Clara sorriu e levantou-se sem olhar para ninguém. Em oposição, Lina forçou-se a levantar, sentindo as pernas mais como concreto que qualquer outra coisa. Lucas olhava incrédulo para Clara, não conseguindo esconder seu assombro.

Os alunos aproveitaram o momento de troca dos grupos para futricar. E de repente, o assunto que todas estavam cochichando era nada mais, nada menos que Clara Maria-Borrão.

Felipe e Mélanie levantaram-se também, um pouco mais ágeis que Lina e Lucas, mas também espantados. Começaram a prender a cartolina na lousa já que ninguém trouxera o suporte de madeira.

Clara fitou cada um do grupo por um bom tempo, esbanjando um sorriso. Nenhum deles sorriu de volta.

“Muito bem, podem começar.”

Tiago deu o comando e o grupo ficou ali parado sem saber o que fazer, um olhando para outro. Silêncio. O professor mudou de posição, desconcentrado.

“Bem, não vejo por que não posso começar,” sorriu Clara, segurando a cintura.

“Como todo mundo sabe, o Romantismo foi um período...”

A boca de Clara mexia, mas não era ela. Sentia como se fosse um trem de impulso, uma pedra em cima de uma colina. Um leve empurrão e todo o resto era feito sozinho. Clara não sabia como, mas estava falando. E confiante! Simplesmente encontrava as palavras certas nas horas apropriadas e todo o resto se encaminhava. O discurso não foi extremamente formal, mas manteve uma postura refinada mesmo assim, sendo agradável ao ouvido.

Tiago franziu a boca, balançando a cabeça. Não estava esperando isso da mesma menina que dias atrás estava sem grupo.

Clara falou toda a sua parte em menos de cinco minutos, destacando mais de uma vez os pontos importantes para os alunos. Quando terminou, olhou para Lina e fez um gesto delicado com a mão, incentivando-a para tomar a palavra.

Lina abriu a boca, mudou de ideia e engoliu em seco.

“Vamos fa-fa-lar-” Lina gaguejou. Olhou para a turma e a turma olhou para ela e ficaram nisso por alguns segundos. Lina estava muda. As palavras tinham-lhe escapado. Era como se, de uma hora para a outra, sua cabeça tivesse virado um lago parado, apagando todas as ondas cerebrais.

Clara aproximou-se, pegou a mão de Lina e falou bem alto:

“*Ma chérie*, você parece tão aflita, está tudo bem?”

Lina empalideceu-se, o sangue fugindo de seus lábios.

“Bem gente, me desculpem, a Lina não está se sentindo muito bem, coitadinha. Posso falar a parte dela.”

Lina ficou pregada no chão.

Clara então discorreu sobre os autores do Romantismo tão bem quanto a sua parte, na mesma naturalidade e fluidez.

Lucas olhou incrédulo para Lina, seus olhos falando mais que mil palavras. Fechou os punhos. Lina tinha ficado de apresentar o trabalho inteiro. Os outros nem se preocuparam em decorar o texto. Tendo um pai como prefeito, era de se esperar que Lina fosse boa de lábia, mas...

“Alguma pergunta até aqui?” Clara indagou com um tom doce para turma que permaneceu em silêncio. “Bem, se ninguém tem uma pergunta, agora deixo a palavra para Lucas que vai explicar agora como foi a transição para o Realismo, terminando nossa linha do tempo.”

O queixo de Lucas caiu.

Estava completamente sem resposta. Fez menção que ia começar a falar, mas permaneceu mudo. Sentiu o suor frio escorrendo pelas costas.

Clara colocou as mãos no colo, sentando-se sobre a mesa do professor, seu olhar fixo em Lucas. Não tinha ideia do que ou de como estava fazendo, mas as palavras simplesmente saíam de sua boca, mais fortes do que ela.

Sentiu como se uma mão suave lhe acariciasse a nuca.

“Bem gente, parece que o Lucas aqui viu um fantasma...”

Clara descontraíu o silêncio, levando a turma inteira a risos.

Lucas sentiu o pânico apertar sua garganta seca.

Clara retomou a fala, impedindo que qualquer outro comentário fosse feito, elucidando a sala sobre o período de transição para o Realismo. Seu tom sério fez a sala entrar em foco mais uma vez.

Lina e Lucas se entreolharam.

De tão inesperada que era a situação, não sabiam que expressão usar no rosto. Medo. Surpresa. Ódio. Perguntaram-se com o olhar como tudo aquilo poderia acontecer. Em comparação, Felipe estava com o peito inchado, com um sorriso tolo nos lábios, seus olhos em Lucas. Até mesmo Mélanie estava gostando da situação, afinal *pimenta no cu dos outros é refresco*, mas não queria demonstrar e por isso, fez o máximo que pôde para se conter.

“Muito bem, muito bem meninos, excelente apresentação.”

Quem escutasse, pensaria que Tiago estava falando para todo o grupo, mas na verdade, dirigia-se apenas à Clara.

“Mesmo. Excelente trabalho. Tenho que confessar que não conhecia seu poder de síntese, senhorita Clara Romanush. Muito bom,” repetiu Tiago estendendo-lhe a mão.

Clara andou radiante de volta para seu lugar. Sentiu vários olhares em suas costas. Tudo correria melhor do que esperava. Conseguiu manter a compostura durante toda a apresentação e como gostava de literatura, o conteúdo saltara naturalmente de sua boca.

Sabia que todos deviam estar comentando sobre seu retorno, mas Clara não deu a mínima para isso. O investigador Heitor já comunicara para o diretor José Ricardo sobre os fatos e ele prometeu não divulgar nada para os docentes nem para os outros alunos. Clara passara mais de hora com o diretor, por isso chegara atrasada, contando-lhe mais em detalhe o que acontecera, de como havia tentado terminar com sua vida. Não chegou a comentar sobre o que Lina e seus amigos fizeram com ela no porão. Poderiam sacaneá-la o quanto quisessem, agora as coisas estavam diferentes. Ela estava diferente. E tudo por causa de Nério.

Foi ele quem lhe lembrou do que precisava fazer.

“Lina?” chamou Clara. “Será que você poderia vir aqui por favor? Chame o Lucas também.”

Clara sorriu enquanto esperava os dois se aproximarem.

“Olha, eu sei que vocês não meus maiores fãs,” disse ela um tanto tímida, “mas queria dizer que não guardo mágoas pelo susto que vocês me deram com aquela brincadeira!”

Clara deu um tapa na cintura, como de gozação.

Lina ficou de boca aberta, sem saber o que dizer. Lucas parecia estar em um outro mundo. Aquela não era Clara Romanush. Não era.

“Mas tudo bem, entendo como vocês ainda são... *imatuross*,” Nério lhe conduziu o pensamento, “tive bastante tempo para pensar depois... sabe, passei por alguns momentos difíceis, mas encontrei uma pessoa maravilhosa que me fez perceber o meu real valor.”

Lina olhou para Lucas confusa.

A menina volta do mundo dos mortos e agora é a Miss Simpatia?

“Não tenho como agradecer pelo que vocês fizeram comigo,” Clara colocou sua mão no ombro de Lina, “se não fosse por vocês, nunca teria encontrado essa pessoa

especial.”

“C-c-c-omo você,” Lucas gaguejou e diminui sua voz, “como você sobreviveu?”

Clara levantou uma sobrancelha para Lucas e abriu um sorriso malicioso.

“Não sei do que você está falando...”

“D-d-a ponte?”

Clara franziu a testa.

“Que ponte?”

7

Viu a mensagem ser entrega e lida por ele.

Lavou as mãos correndo na pia, antes que alguém chegasse e espiou pela porta. Estava no banheiro em frente ao auditório, pouco usado durante o recreio. Só os esquisitões e excluídos usavam esse banheiro.

Não havia ninguém à vista.

Ótimo, pensou.

Saiu sorrateira e entrou no auditório, tomando cuidado para não deixar a porta bater. Não podia ser pega. Não ali, era proibido. Olhou para trás e checkou a sala de som, lá em cima, não parecia ter gente.

Subiu os degraus para o palco e se meteu na sombra da coxia. O auditório era um silêncio completo, suas paredes de espumas, abafando o som de fora. Lina começou a bater o pé, impaciente. Sentiu uma pontinha de medo, estando sozinha e escutando seu próprio coração bater.

Sentiu uma mão nas costas e pulou assustada. Não viu Lucas entrar.

“De onde você veio?, ” trovejou Lina.

“Pela porta da manutenção,” respondeu ele com um sorriso leve no rosto. Ver o sorriso dele, irritou-a profundamente.

“Você acha o que está acontecendo engraçado é!?” rosnou Lina. “Se eu fosse você eu parava de agir feito uma criança e começaria a pensar na nossa situação.”

“Eu agindo como criança, *eu?! Quem é que empurrou a amiguinha da ponte mesmo?*” disse ele com tom sarcástico, “eu tô é feliz porque aquela estúpida ainda está viva. Você tem ideia do que eu passei esses dias achando que eu tinha ajudado você a matar alguém?! Pelo amor de Deus Lina! A gente poderia, ou melhor, podemos ainda ir pra cadeia. Expulsão... *báh!*, fichinha comparado com a polícia.”

Lucas aproximou-se de Lina, prensando-a contra a parede, seu dedo fino apontando para seu rosto.

“*Você acha o que está acontecendo engraçado?*,” Lucas disse, fazendo voz de imitação, “eu tô é achando esse caralho todo hilário Lina! Hilário! E sabe por quê? Porque a gente não tá mais fodido! A idiota perdeu a memória!”

Lucas parecia um cachorro salivando pela boca.

Lina foi diminuindo de tamanho.

“Você não consegue ficar um caralho de um minuto sem ser o centro das atenções. Você podia ter destruído minha vida, escutou? Se a Clara tivesse morrido eu estaria fodido, sabia, *SABIA!?*”

Por ele ter usado *Clara* em vez do apelido, Lina sentiu como se fosse um golpe no coração.

“Eu tô farto de ser usado para limpar as merdas que você faz! Você é louca sabia disso?! *LOUCA!*”

Lucas empurrou Lina de volta para a parede.

“Não quero mais saber de você, estou pouco me fodendo pro que você acha. Hoje depois da aula, eu vou falar com ela e vou tentar sondar o terreno, pedir desculpas, o caralho a quatro! E ver se ela não se lembra de nada mesmo. Agora você... não quero te ver mais na minha frente, sua filha da puta!”

Lucas deu-lhe um tapa forte no rosto, com toda sua força.

Virou de costas e saiu do auditório, sussurrando bravo:

“Louca! Louca!”

Lina ficou sozinha no palco, sua mão acariciando o rosto.

8

Ela chegou em casa e bateu a porta do quarto, fazendo vibrar as paredes. Trancou com pressa a fechadura e jogou a mochila na cama. Olhou para os lados, não sabendo o que atacar primeiro e gritou a plenos pulmões, uma trovejada da mais pura raiva. Chutou o cesto de lixo de sua escrivaninha. Ele quicou na parede com um som metálico e caiu com um estrondo. Jogou tudo o que estava em cima da mesa no chão. Livros, papéis, uma caneca com canetas e um globo de neve que seu pai lhe trouxera de algum lugar na Europa.

Olhou com raiva para o globo que jazia intacto no piso, indiferente ao seu acesso de raiva. Levantou o pé descalço e com a maior força que conseguiu concentrar, esmagou o objeto. O globo explodiu num piscar de olhos. Lina soltou um relincho que mais parecia um grito de guerra. Não sentiu quando os cacos de vidro fíncaram-lhe profundamente a pele do pé, anestesiada pela ira.

“Você me paga Clara! VOCÊ ME PAGA!”

Lina desmoronou no chão e cerrando os punhos, começou a esmurrar o colchão, relinchando de raiva. Segurou a cabeça com as mãos. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo, não era possível!

Calma Lina, pense.

Precisava de um plano. E precisava agora.

Ela levantou-se e ligou seu computador. Enquanto esperava, o sangue escorria de seu pé machucado, manchando o tapete.

Lina tremia de raiva, estava descontrolada. Aquele sorrisinho inocente de Clara estava borbulhando em sua cabeça.

Ela não tem o direito de fazer isso comigo, quem ela pensa que é!?

Conectou o celular e transferiu o arquivo.

Ampliou a tela e olhou com desgosto para a foto de Clara seminua e toda suja. A poça de urina era bem visível e reluzia devido ao flash da câmera. Seu rosto inchado de tanto chorar era uma expressão mesclada de terror e vergonha. Lina deu zoom e focou na calcinha manchada de Clara. A qualidade da foto a surpreendeu.

Lina repuxou um canto da boca enquanto admirava sua obra de arte.

Agora, só precisava achar uma forma de mandar isso para todo mundo sem se comprometer.

Reclinou a cadeira e cruzou as pernas.

Seria arriscado sem dúvida, Clara poderia ir com a foto para a polícia e contar a história toda. Seu feto de vida social seria abortado rapidamente, mas Lina não podia arriscar o próprio pescoço.

Estava disposta a receber algum tipo de punição pelo susto que deu em Clara, porque sabia que isso não levaria a muita coisa, uma suspensão ou algo parecido, no máximo. Agora, o vazamento da foto, seria diferente...

A não ser que...

Lina colocou as mãos atrás da cabeça e começou a tecer sua teia, uma expressão maquiavélica congelada como uma máscara em seu rosto.

CUTUCANDO A FERIDA

Quinta-Feira 21 de Março

1

Já tinham passado das duas da tarde quando Heitor trancou o carro no estacionamento e sentiu a brisa quente no rosto. Seu cabelo castanho ondulava brilhando como uma noz sob o sol quente. O céu estava limpo e era uma imensidão azul até onde a vista dele podia alcançar. Sentiu aquela estranha sensação de déjà-vu subindo pelas escadas até a entrada da clínica Cipião Seidel. Não pensava que voltaria tão cedo para esse lugar.

“Nunca diga nunca,” disse em voz alta entre os dentes.

Havia avisado o senhor Walther sobre a nova visita sob o pretexto de acompanhar a evolução do menino para o relatório policial; não que precisasse é claro, mas achou a desculpa razoável e torceu pela ignorância judiciária do outro homem.

Afinal o que ele estava fazendo aqui? Sabia de antemão que encontraria um menino doido de pedra internado e provavelmente não trocariam mais que uma ou duas – *mordidas?*, pensou sádico. A parte racional de Heitor temia que a viagem seria perdida e que não agregaria mais nada. Além do mais nem ele mesmo sabia o que estava querendo encontrar. Mas a outra parte, seu instinto, dizia que precisava voltar, destrinchar um pouco mais as informações... *receptáculo?*... que raios ele quis dizer com isso? E sobre quem exatamente falava?

“Boa tarde senhor Heitor, entre, por favor.” O tom de Walther, era formal e neutro, mas seus olhos diziam outra coisa: estavam fundos, tão fundos quanto os dele, e flamejaram quando abriu a porta, parecendo incendiar Heitor. Ele não era bem-vindo, estava claro. De alguma forma o olhar desconfiado de Walther sabia de sua

intenção curiosa e Heitor sentiu como se estivesse passando por um detector de mentiras ao caminhar pelo hall de entrada.

“Vai falar com o garoto, suponho?”

“Sim, mas antes gostaria de conversar com o psiquiatra dele, se possível.”

“Infelizmente o doutor Dante não está, se quiser posso passar seu telefone.”

“Não será necessário.” Fez uma pausa. “Se o menino colaborar, vou conseguir todas as informações que estou buscando.”

Heitor reparou, de esguelha, num leve sorriso, uma entortada de boca para a direita de Walther.

“O senhor ficará contente de saber que o menino está melhor. Medicado, é claro, mas parece melhor. Pediria o favor de não estimulá-lo como o fez da outra vez.”

Heitor assentiu.

“E a mãe dele, como está?”

Walther congelou como se tivesse esquecido de programar sua resposta em seu tom robótico.

“Ela... já esteve melhor para dizer a verdade. Voltou para casa uns dias vendo se acalmava um pouco junto ao marido, mas como o senhor deve imaginar, está sempre ligando preocupada em saber de Nicolas.”

Heitor fez menção à escada com o olhar.

“Hoje não vamos de escada.”

Walther conduziu Heitor por um corredor estreito.

Os pisos de mármore reluziram nesse começo de tarde e o vento soprava as cortinas brancas das janelas. Esse lugar deve custar uma fortuna, pensou Heitor, uma grana e tanto. Chegaram ao final do corredor, onde jazia isolada, quase como fora de cena, uma porta pesada de madeira. Ricos detalhes estavam entalhados em sua estrutura.

“Depois do senhor, investigador.”

Os olhos de Heitor arregalaram-se com o grande pátio interno da clínica. Tão grande, que talvez coubesse uma outra clínica dentro dele. Era rico em árvores antigas, cujos galhos subiam a uma altura maior que a própria estrutura da casa e criavam sombras refrescantes no pátio, onde existiam bancos e poltronas de madeira. Estranhou a imensidão do lugar e sua tranquilidade. Nunca teria imaginado uma coisa assim do lado de fora.

Nicolas estava sentado em uma cadeira de rodas na sombra de um jacarandá que parecia ter séculos de vida. Quantas histórias aquele gigante adormecido deve ter presenciado.

“Talvez o senhor encontre um pouco de dificuldade em conversar com o garoto.” Walther disse com aquela repuxada da boca tal como fizera antes. “Vou deixá-lo aqui com ele, qualquer coisa estarei lá dentro.”

Heitor sentou-se no banco de frente para Nicolas, agradecendo pela sombra que o refrescava nesse grande calor. Olhou suas feições e reparou em como estava magro e pálido. E tinha uma cor gélida, cinza também. Parecia mais velho, como se alguns dias tivessem-no envelhecido anos. O braço enfaixado estava pendurado em uma tipoia de tecido em volta do pescoço.

A cena derrubou o humor de Heitor que, de uma postura de medo, sentiu pena dele. Afinal, nisso tudo ele era nada mais que uma criança. E certamente, se estivesse normal, estaria correndo ou jogando bola nesse pátio imenso...

“Você lembra de mim, Nicolas?” disse com a voz calma e baixa.

Quando escutou a pergunta o garoto foi, em câmera lenta, erguendo os olhos até encontrar os de Heitor. Sorriu. Depois de uns segundo que mais pareceram horas, Nicolas abriu a boca e foi aos poucos engatando as palavras, uma atrás da outra.

“Investigador Heitor... não estou lembrando direito, mas acho que conheço o senhor de algum lugar.”

Heitor espantou-se um pouco com as palavras lentas e moles, não estava esperando por alguma resposta.

Nunca imaginaria que um menino calmo assim, era capaz... capaz de, bem, já não importa, pensou.

“Tudo bem,” respondeu Heitor meio sem graça, “você já parece bem melhor. Como tem passado os dias aqui?”

“Bem.” Sorriu de novo. “Fiz uma nova amiga, uma senhora que está hospedada aqui também... diz que aqui é melhor do que lá fora, sabe, onde os outros podem machucar você.”

Heitor espantou-se com a ideia de que havia outras pessoas internadas ali e de repente, o pátio vazio pareceu menos acolhedor.

“Aé?,” perguntou sem jeito. “Quer me contar um pouco dela?”

O rosto do menino pareceu acender-se como quem estivesse sozinho há um bom tempo.

“Ela está aqui faz tempo. Tanto tempo que já nem se lembra mais de como veio parar aqui. De vez em quando, ela me conta umas histórias sem pé nem cabeça e fico imaginando...”

Os olhos de Nicolas abriram quando ele sorriu.

Heitor se deu conta da babaquice que fizera em vir até esse fim de mundo, em busca... em busca do que mesmo? Estava claro que Nicolas estava dopado da cabeça aos pés, não conseguiria descobrir mais nada.

“Ela contou uma história muito engraçada, sabe,” disse o menino sorrindo. “Ela alega de pé junto que o filho dela é o marido que se matou faz tempo. E olha que essa é uma das histórias mais normais, tem outras que envolvem magia, rituais...”

O menino continuou contando contente.

E por um momento esqueceu-se da investigação, apagando tudo e pensou que talvez, já que estava aqui, poderia aproveitar a tarde tendo uma conversa com alguém que precisava. Heitor imaginou então como os dias deveriam passar devagar aqui, sem ter muito o que fazer.

“Mas ela é uma boa companhia, dá umas roubadinhas quando a gente joga damas, mas fora isso gostei bastante dela.”

Heitor sorriu ao escutar isso.

“Só que ninguém veio me visitar da escola ainda...”

O rosto do menino entristeceu-se.

“Calma, você vai ver que quando melhorar vai poder visitá-los.”

Heitor mentiu, não sabendo se um dia as outras crianças aceitariam o menino novamente. A vida tal como Nicolas tinha em Novo Triunfo estava para sempre acabada. Ele sempre seria o menino doido que surtara. Nunca o perdoariam.

“Tenho saudades de casa também,” seus olhos encheram-se de lágrimas. “Mas podia ser pior. *Bem pior.*”

Ele fez uma longa pausa.

“As coisas estão melhor desde que... desde quando *ele* me deixou.” O rosto do menino escureceu-se de repente. “Ainda me lembro de como era ter ele aqui dentro...”

Heitor franziu as sobrancelhas. Fora o menino que tocara no assunto, não ele. Talvez fosse essa uma brecha.

“Ele... ele quem?”

“Vai achar que estou louco, se contar.” Nicolas olhou em volta. “Não que faria alguma diferença. Não para mim. Ninguém acredita do mesmo jeito.”

Heitor resolveu esperar o próprio menino voltar para o tema.

“Ela é a única que me entende. É, a mulher daqui que te falei. Ela me falou que conseguiu vê-lo também, isto é, quando ele ainda estava aqui.” O menino disse, com um leve ar de tristeza. “Às vezes tenho medo de que ele volte, mas ela acha que não. Disse que estou seguro, disse que eu não era o escolhido, não para ele de qualquer maneira.”

“E como a sua amiga sabe de tudo isso?” Heitor indagou calmo, tentando não perguntar tudo de uma só vez.

O menino demorou um pouco para responder.

“Ela consegue vê-los de vez em quando. Ela não está doida, não. Talvez eu seja o único que saiba disso. Ela tem medo do que fariam se ela contasse mais sobre as coisas que vê... por isso ela fica em silêncio, sabe.”

“E quem é ele?”

Nicolas desviou o olhar, como se o investigador tivesse perguntado algo muito íntimo. Parecia receoso em responder.

“A única coisa que ela me disse era que ele é um homem mal com uma dívida ainda a ser paga...” disse Nicolas quase sussurrando. “Parece que ele foi morto, sabe, só que essa não é a história inteira. Fizeram alguma coisa com ele, não entendi direito, aprisionaram ele ou coisa assim.”

“Nicolas, me desculpe, mas não estou entendendo o que você está me dizendo.”

“Tudo bem, ninguém entende mesmo.” O menino disse com um ar triste.

Heitor estranhou a lucidez do garoto e imaginou como deveria ser difícil acordar de um transe, ou seja lá do que for, e te contarem das coisas que você fez.

“A última coisa que me lembro era da gente brincando com aquele... *aquele jogo!*” Lágrimas começaram a cair de seu rosto. “Se eu soubesse, nunca teria feito, *nunca*. E me contaram as coisas horríveis que fiz... você está aqui para me prender, não está?”

Heitor sentiu um aperto na garganta.

“Não, você estava... estava doente.”

“Eu sei. Fico tentando me lembrar, mas não consigo! A última coisa que me vem na cabeça é da gente começando a jogar aquela... aquela brincadeira maldita,” o garoto disse, irritado consigo mesmo.

Ficaram em silêncio por uns segundos.

“Ela me contou que ele aproveitou a situação para se manifestar, se aproveitou da minha fraqueza e tomou conta... a brincadeira simplesmente abriu um canal para ele se manifestar no nosso mundo. Só que nenhum dos meus amigos era sensível como eu, por isso que pra eles foi só uma brincadeira...”

Nicolas pareceu assustado com as próprias palavras.

“Sei lá o que eu tenho, mas esse monstro conseguiu me usar para fazer o que *ele* queria. Mas eu não era quem ele mais desejava... não. Ele queria alguém especial, uma pessoa que estava esperando há muito tempo. Ele queria me usar para conseguir essa pessoa, mas como vim pra cá, não era de muita utilidade mais. Mas, mesmo assim, ele não me deixava, estava parado por tanto tempo que ele... ele... *começou a fazer coisas comigo pra passar o tempo!* Ele me mostrou cada coisa horrível, horrível do que ele tinha feito!”

Nicolas levantou o tronco e aproximou-se, dentro do possível, de Heitor.

“Estava bravo, porque eu tinha sido pego. Inútil, inútil, ele me chamava! Falou que ele não podia sair de onde fora enterrado e que eu precisava trazer aquela pessoa para sua cova, porque só lá ele conseguiria estabelecer o...”

Nicolas engoliu em seco.

“*O vínculo.*”

“E esse... sujeito deixou de falar com você então? Deixou de te mostrar as coisas e de obrigar você a fazer o que não queria?” Heitor interrogou, seus olhos, involuntariamente, desviando-se para o braço enfaixado.

“Também achei estranho, mas segundo o que minha amiga falou, não preciso mais ter medo, porque ele não vai mais me incomodar.”

A expressão do garoto relaxou em alívio.

“Não agora que encontrou um receptáculo melhor.”

A cabeça de Heitor estava trabalhando cada informação, cada peça do quebra-cabeça.

Nicolas olhou para o horizonte. Parecia que terminara o que tinha para contar.

“E você sabe mais coisas sobre ele?” perguntou Heitor, ainda um tanto zozinho com tantas informações.

“Sobre ele a única coisa que sei é que tem um passado muito sombrio, cheio de sangue. Ele ficava me mostrando umas cenas horríveis na minha cabeça. Eu era

ele! Parecia um pesadelo. Mas estava diferente, vivia em um outro tempo e falava estranho, com um sotaque, não sei direito, mas só sei que ele estava em Novo Triunfo, sim, porque reconheci a catedral... foi lá que armaram uma armadilha para ele.”

Nicolas se arrepiou.

“Figuras encapuzadas o prenderam com correntes e o levaram para um lugar subterrâneo... ele foi enterrado... *vivo*.”

Heitor ficou sem saber o que fazer com tudo isso que o garoto estava contando. Parou um momento para retomar seus pensamentos.

E se fosse verdade? E se Nicolas não estivesse louco?

Heitor sentiu um arrepio.

De repente não queria mais falar sobre isso.

Recordou-se então daquelas histórias de possessão que escutara falar quando era pequeno. Lembrou-se do medo que ainda o visitava até hoje, uma vez ou outra, quando está sozinho, quando sente aquela sensação de alguém... de que alguém o estava observando... de que alguém o espreitava do mundo dos mortos.

2

Heitor chegou em casa e sentou-se na cadeira do escritório. Antes que pudesse perceber já estava com um cigarro aceso na boca, a nicotina acalmando seus nervos, num movimento tão automático e inconsciente como mudar de marcha num carro. Deu uma longa exalada que mais parecia um suspiro no leito de morte.

“Caralho,” sussurrou em voz alta.

Sua cabeça estava um verdadeiro reboição com pensamentos opostos entrando em combate. A visita à clínica não tivera o efeito desejado. Parte de Heitor acreditara

que sairia de lá melhor do que entrara e, finalmente, poderia levar esse assunto para o túmulo.

“Caralho,” repetiu.

Percebeu que o cigarro não seria suficiente para acalmar seus nervos. Inclinou-se sem levantar da cadeira e abriu uma gaveta no armário. Com as pontas dos dedos vasculhou o conteúdo. Anos de solteiro lhe ensinaram que bebida boa é aquela tomada no bico e em poucos segundos, o whisky estava descendo como água.

Se fosse acreditar pelo menos numa pontinha do que Nicolas dissera, era o mesmo que mudar toda sua linha de pensamento até agora estruturada. Era para questionar tudo no que, até agora, em sua existência de trinta e nove anos, acreditava.

Tomou mais um gole generoso.

Podia mentir e falar que o garoto era doido de pedra e que gostava de histórias mirabolantes. Podia continuar sua vida e dizer que tudo estava muito bem obrigado. Mas a verdade, por mais azeda e difícil de engolir que seja, era que Heitor sentia, sabia que o menino estava certo. Admitir a existência de todo um mundo desconhecido abalava tudo o que ele acreditava até então.

Virou o whisky tão rápido que Heitor engasgou, molhando sua camisa.

Mas se tinha uma coisa em que era muito bom, com anos de prática, era fingir que tudo estava muito bem, obrigado. Colocava um sorriso, por mais que não fosse aquela *Brastemp*, mas colocava um sorriso do mesmo jeito na cara e ia trabalhar. Podia fingir que era um homem normal e saudável, que conseguia sair todos os dias da cama com facilidade e que não precisava do cigarro e da bebida para engolir a rotina.

Minta, mas minta tão grande que nem você mesmo duvidará, esse era o lema de Heitor.

Arremessou a garrafa vazia no lixo e ouviu o trincar do vidro.

Não queria ter que parar de mentir para si mesmo. Heitor estava em um período bom, funcional, por assim dizer, em que as coisas estavam dando certo. Talvez fosse algo tão automático como o reflexo do cigarro, minutos atrás, mas a verdade era que a mentira era mais fácil do que assumir a realidade. A verdade é

destruidora. Para Heitor, admitir que não está bem e que está recaindo de novo é o mesmo que proclamar sua sentença.

Estou bem, não estou?

Pensou em Cármen e na forma como ela o envolveu. Fazia anos que não sentia algo assim, algo assim tão irracional e selvagem que era incontrollável como o fogo. Não podia deixar essa oportunidade passar. Quando seria que esse cometa passaria de novo perto de sua órbita?

Além do mais, Nicolas não era da sua conta. *Caralho*. Nada daquilo tudo era da sua conta. Como diria o ensinamento popular: não mexa em time que está ganhando.

Certo?

Acreditar em Nicolas seria colocar em risco tudo o que fizera até então. E tudo mudaria, não saberia lidar com esse mundo novo, cujas regras ele não conhecia. Afinal, todas as pessoas que acreditam nessas coisas são loucas.

Não são?

Por que lidar com tudo isso, quando ele simplesmente pode ignorar esses problemas?

Acendeu um outro cigarro.

A cabeça dele estava trabalhando a todo vapor.

Heitor levantou-se da cadeira em um salto, seu equilíbrio em perfeito estado, o álcool ainda não fizera o efeito.

Isso não é da minha conta, repetiu ele ligando o chuveiro. Sentiu a água esquentar.

Deu um murro no azulejo e xingou seu trabalho por fazer, tudo ser a porra de sua conta.

Talvez o problema fosse esse.

“Me conta mais sobre você?”

Clara estava deitada na cama, Pepito aos seus pés como de costume. Seus olhinhos observavam sua dona jogar uma bola para cima, quase batendo no teto, e caindo de volta para suas mãos. Esse movimento era hipnotizante para ele e estava quase adormecendo.

O que gostaria de saber?, perguntou a voz em um tom elegante.

“Não sei,” Clara corou um pouco. “Talvez sobre aonde nasceu e como foi sua infância, ou qualquer coisa assim. Você decide. Pra falar a verdade não me acostumei ainda a ter um amigo com quem posso conversar.”

Hummmm é uma história um tanto longa.

Clara sentiu um arrepio em todo seu braço. Nério a acariciava.

Mas como temos todo o tempo do mundo, não vejo razão para não lhe contar, disse ele. *Acho que podemos começar com o lugar em que nasci.*

Clara virou de lado para ficar mais confortável.

Tive uma infância difícil... nasci de numa família muito pobre, não tínhamos nada e, se não fosse pela ajuda dos vizinhos, não sei o que teria sido da gente. Eu era o caçula e minha mãe vivia tão atarefada que praticamente cresci sozinho como dizem. Não cheguei a conhecer meu pai e, provavelmente, cada um dos meus outros seis irmãos tinha um pai diferente...

Minha mãe não tinha nada. Nem dinheiro, nem educação, nem família. Foram tempos difíceis... nós vivíamos do que ela ganhava. Ela se vendia para os homens mais ricos... era isso ou passaríamos fome.

Mas a cidade em que vivíamos estava crescendo e, em pouco tempo, o terreno em que a nossa comunidade ocupava, na periferia da cidade, começou a ser disputado. Os empresários e empreendedores queriam usar o lugar para expandir a crescente metrópole, e nós estávamos no caminho, atrapalhando...

Clara escutava com atenção, vidrada na história.

Fogo. A solução veio a partir do fogo e de seu poder de destruição. Era uma noite de Natal, a desculpa perfeita para um incêndio... podíamos ser pobres e quase passar fome mas, mesmo assim, as pessoas sempre davam um jeito de enfeitar as casas com decorações, enfeites, árvores de Natal, luzes...

O jornal do dia seguinte colocou a culpa na fiação clandestina, disseram que foi aquilo que iniciou o grande incêndio... e, para piorar, naquele ano estávamos numa seca tremenda. A notícia daquela favela destruída pelas chamas correu o país, como você pode imaginar, mas logo depois caiu no esquecimento e ninguém reclamou quando anos depois, a área tinha sido reconstruída com apartamentos de luxo.

Parece que foi ontem... me lembro exatamente o que estávamos fazendo quando o fogo nos atingiu. Estávamos ao redor de nossa mesa, minha mãe preparara algo especial para a ceia de Natal. Teve que juntar dinheiro por bastante tempo. Sabe, ela poderia ter todos os defeitos do mundo, mas sempre quis o melhor para nós.

Escutamos gritos, mas não prestamos muita atenção. Deveria ser alguém comemorando, alguma festa, o que não era incomum ainda mais naquele dia, e já estávamos tão próximos da meia-noite que não prestamos muita atenção.

E foi quando o fogo nos atingiu. Tudo acendeu tão depressa que parecia um pesadelo... lembro do teto desabando, dos gritos dos meus irmãos, do olhar desesperado da minha mãe nos protegendo.

“Nério,” disse Clara com a voz um pouco engasgada, “eu... eu sinto muito.”

Eles ficaram em silêncio por um tempo.

“Como você escapou?” perguntou ela.

Eu não escapei, disse ele num tom que Clara jamais tinha escutado.

“Mas... eu pensava que você tinha morrido aqui em Novo Triunfo e não numa cidade grande. Por isso que conseguiu me ajudar, não foi?”

Ela sentou-se na cama e abraçou o travesseiro.

Há muitas coisas que você não sabe, querida. Mas tudo ao seu tempo, tudo no seu devido tempo, disse ele.

Clara esperou atenta para que Nério continuasse.

A manchete do dia seguinte disse que não houve sobreviventes... mas ela estava certa. Não houve. Todos morreram, inclusive eu. No entanto, eu acordei entre os escombros. E estava intacto. Só depois fui entender que a minha vida humana tinha sido extinta e que a vida que começou a correr nas minhas veias era bem, mas bem diferente. Quando me levantei e olhei ao redor, tudo o que eu conhecia estava destruído, tudo! Era uma sensação estranha, como acordar de um sonho e perceber que nada daquilo que você imaginava existia.

Só que eu estava mudado, era como se algo em mim tivesse crescido, despertado. Eu já não era o mesmo e não demorou muito para que eu descobrisse que estava, como havia dito, diferente.

“Diferente? Diferente como?”

Talvez seja difícil para você entender, querida, ainda mais agora, mas existem mais coisas lá fora, no mundo, do que você possa imaginar. Coisas escondidas, secretas.

Eu percebi então que eu era especial. Conseguia fazer coisas que nenhuma outra criança conseguia fazer. Sozinho, aprendi a controlar esse... esse poder, Clara.

Ela franziu as sobrancelhas intrigada.

E você querida, também é muito especial, uma menina única, marcada desde o nascimento para fazer coisas, sim, coisas grandiosas...

Clara passou a mão em sua mancha de nascença.

Não existe nada no universo que não tenha utilidade... Existem várias pessoas como nós Clarinha, cada um é especial à sua maneira.

“Você está dizendo que por causa dessa mancha, eu tenho... tenho uma espécie de poder?”

Nunca sentiu que era diferente?

“Sim... mas...”

Clara, você me encontrou... você me chamou e eu vim... esse é seu dom. Foi assim que consegui te ajudar a escapar do porão. Mas aquilo, aquilo não foi nada. Não conseguia me comunicar diretamente com você, lembra? Para isso você precisou se abrir...

Clara foi aos poucos absorvendo o que ele lhe contava.

“... e deixar você entrar,” completou ela quase como num sussurro.

Agora, querida, serei seu amigo inseparável. Estarei sempre, sempre com você.

Clara sorriu mesmerizada.

“Ainda temos muito trabalho pela frente, não temos Nério?”

Ele concordou.

“Quero que cada um deles pague pelo que fizeram comigo. Quero que *sofram* até o último suspiro. Quero usar seu poder contra eles.”

E vamos querida, mas ainda não é o momento.

A porta do quarto abriu-se de repente e Cármen colocou a cabeça para dentro. Pepito levou um susto, despertando um tanto atordoado.

“Falando sozinha, Clara?” perguntou sua mãe, um tanto confusa.

Clara gargalhou.

“Temos uma apresentação semana que vem, só estava treinando.”

Cármen entrou no quarto e beijou Clara na testa.

“Não vai dormir tarde, hein?”

Cármen apagou a luz do quarto e deitou-se na cama de casal. Parecia que finalmente estava se dando conta de que tudo estava bem. Demorou alguns dias para que seu corpo saísse daquele estado de alerta, no qual o menor dos ruídos lhe sobressaltava.

Olhou para o teto e ficou observando a dança das sombras, cada vez que passava um carro lá fora, na rua. Respirou fundo e virou de lado, tentando dormir. Passara por tanta coisa que não parecia que tudo tinha terminado, mas tinha. Clara estava a salvo. Seria eternamente grata pela sorte que protegera sua filha. Era um milagre Clara ter sobrevivido e Cármen sabia disso.

Sentiu uma lágrima escorrendo em seu rosto.

Clara era seu mundo. Não sabia como viveria caso ela não tivesse sido encontrada. Vivera tanto tempo para aquela garota que não sabia fazer outra coisa da vida e, sem Clara, tudo ficaria vazio, sem sentido.

Sua mãe sempre lhe dissera que os filhos deviam ser criados para o mundo e não para os pais. Cármen soluçou baixinho. Era verdade. Passara tanto tempo protegendo, escondendo sua filha de todos os males do mundo que esquecera de viver para si mesma.

Enxugou o rosto e sorriu no escuro.

Tudo está bem, repetiu ela.

Talvez fosse a hora de começar a viver também um pouco para si mesma.

O JOGO MUDA

Sexta-Feira 22 de Março

1

Ela entregou o bilhete para o professor. Ademir espremeu os olhos. Era uma letra rabiscada, mas elegante ao mesmo tempo.

“Está de dispensa hoje então, senhorita Unschuld?” perguntou ele com sua voz áspera como uma lixa.

Lina confirmou com a cabeça.

“Muito bem, pode sentar ali na sombra e ficar lendo o que você trouxe,” ele indicou com os olhos o livro que ela trazia debaixo do braço e a dispensou.

Lina caminhou até a sombra do ipê-roxo e, encostando na árvore, sentou-se.

“Vamos lá, eu quero dois times formados em menos de dois minutos, pessoal!” A voz de Ademir rasgou no pátio. “Ei!” disse ele apontando para dois garotos, “você dois aí, parem com essa brincadeira de mão agora e venham me ajudar a pegar as coisas no armário.”

Lina sorriu ao ver a cara de desânimo dos garotos.

Tudo estava andando conforme o planejado. Abriu o livro em uma página aleatória e fingiu que estava lendo. Ela precisava ficar ali um pouco mais e, assim que o jogo começasse, ela escaparia sorrateiramente e ninguém notaria a sua falta. Da mesma forma como sabia ser o centro das atenções, ela também podia ser invisível.

Prendeu o cabelo e ficou pensando no que faria. Se tudo desse certo, Mélanie nunca mais falaria com Lina. *Foda-se*, pensou. Conseguiria substituí-la num piscar de olhos. Talvez Larissa fosse a candidata perfeita: burra, puta e influenciável. O único problema era aquele penteado horrível...

O apito soou indicando o início da partida.

Lina sabia que times mistos nunca davam certo e seria questão de tempo para que alguma treta surgisse. Ela levantou os olhos e procurou Clara entre os alunos. Estava lá, cabelo preso num rabo de cavalo, usando um shorts que mostravam suas pernas morenas.

Lina engoliu em reprovação.

Sua hora está contada, ma chérie.

“Falta!” gritaram alguns garotos, mas Ademir seguiu com jogo e ignorou o que tinha acontecido.

Lina levantou-se e, passando por detrás do ipê, deu a volta na quadra e ninguém reparou quando ela entrou no prédio. Se alguém a pegasse, diria que estava indo ao banheiro ou que tinha esquecido alguma coisa na sala de aula. Nada podia dar errado.

Subiu as escadas, degrau por degrau, atenta a qualquer barulho que pudesse indicar alguém descendo. Nenhum aluno pegaria aquele caminho durante as aulas, mas Lina tinha receio que o dragão vermelho a encontrasse: a megera da Vera Lúcia, auxiliar do ensino médio.

Chegou ao corredor vazio do segundo ano e ficou alguns segundos esperando para ter certeza de que não via ninguém. Trotou até a porta do 2ºA e girou a maçaneta. Fechou a porta com o maior cuidado e encostou aliviada na madeira. Suspirou aliviada.

Onde estariam as coisas dela?

Por um momento, deu um branco em Lina ao ver todas as cadeiras vazias. Não conseguiu se lembrar onde Mélanie sentava. Também não era de se surpreender, já que garota era a maior parte do tempo invisível para Lina.

Xingou baixinho, olhando para seu relógio de pulso.

Arriscou uma carteira com um estojo rosa, bem estilo de Mélanie, e vasculhou o material debaixo da carteira tentando descobrir quem era seu ocupante.

Lina bufou, escolhendo sua próxima carteira.

Foi só na quarta tentativa que encontrou finalmente uma agenda com o nome escrito: Mélanie Pereira Martins.

Achei você sua puta.

Chutou a mala que estava debaixo da carteira para o corredor. Começou a abrir todos os zíperes e a procurar o celular dela. Sabia que nenhum aluno deveria levar celular para as aulas de educação física e que se alguém fosse pego, o aparelho seria confiscado.

Onde será que aquela vadia guarda o celular?

Começou a esparramar o conteúdo da mochila no chão e estava procurando quase no último bolso quando Lina lembrou-se de uma coisa. Deixou tudo como estava e voou em cima do estojo da garota que estava em cima da mesa.

Lina lambeu os lábios.

Pegou seu próprio celular e lhe mandou a foto numa conversa por SMS. O aparelho de Mélanie vibrou em sua mão. Com seus dedos ágeis e conhecendo a senha da garota, Lina salvou a foto e apagou a mensagem.

Como se nada tivesse acontecido, pensou Lina triunfante.

Já sabia o que faria de cor e salteado. Criou uma lista, agora no *Whatsapp*, com o maior número de contatos possíveis (e não sabia que a vadia tinha tantos contatos, pensou Lina) e colocou a opção transmissão.

Em poucos segundos, a maioria do ensino médio receberia a foto. Em minutos, esses espalhariam para o resto.

Lina ficou observando o botão ENVIAR na tela. Sentiu como se estivesse diante do controle para iniciar uma guerra nuclear. Seria como o efeito borboleta. Uma

pequena batida de asas aqui, poderia criar um furacão imprevisível em outro lugar distante.

São esses momentos que mudam a nossa vida, pensou ela com um sorriso no rosto.

Lina ergueu o dedo uns trinta centímetros no ar, como se empunhasse uma espada.

“*Ei!*” ressoou uma voz rachada na sala.

Lina tomou um susto, quase deixando os celulares caírem no chão.

Tudo aconteceu tão rápido e antes mesmo que desse conta, ela deu um passo para trás, escondendo o celular de Mélanie no bolso.

Senhor Joaquim estava parado na porta.

Seguira Lina pelo corredor, prevendo que suas intenções não fosse das melhores. Abriu a porta muito devagar, sem fazer um único barulho e havia presenciado tudo desde o momento da busca carteira a carteira até o momento atual.

O material de Mélanie continuava esparramado pelo chão.

O sorriso de Lina desapareceu.

Vera Lúcia fez um sinal para o professor Ademir, mas ele não viu. Acenou então com os braços até que um dos alunos percebeu e parou a partida. O professor foi trotando e, ofegante, parou na frente da auxiliar de ensino.

Os alunos todos estavam prestando atenção, tentando fazer uma espécie de leitura labial. Ademir virou-se e acenou para Mélanie. Franziu a testa, não entendendo muito bem a situação, e acompanhou Vera Lúcia para dentro do prédio.

Mélanie teve que acelerar o passo para acompanhar a auxiliar. Estava com a garganta seca, tanto pelo exercício como pelo medo.

“Estamos indo para onde?” perguntou ela com sua voz de taquara rachada.

Vera Lúcia olhou para ela, com um ar de descontentamento. De alguma forma a culpou por ter que sair do ar-condicionado da secretaria.

“O diretor José Ricardo gostaria de trocar algumas palavras com você.”

Mélanie quase engasgou com a secura de sua boca. Não teve a coragem de perguntar sobre qual assunto ele queria conversar.

O tempo pareceu andar muito devagar enquanto caminhavam pelos corredores. Pensava que estavam indo para a sala do diretor que ficava no primeiro andar, mas Vera Lúcia subiu as escadas na direção oposta.

Chegaram no andar do segundo ano e caminharam até a porta fechada do 2ºA. José Ricardo estava esperando sozinho na porta, seus olhos miúdos atrás dos óculos indicavam que ele não estava nem um pouco contente de estar ali naquele lugar.

“Mélanie,” o diretor começou, “me diga uma coisa, você pediu algum favor para alguém durante a aula de educação física?”

A garota pensou um pouco e fez uma cara de dúvida.

“Não. Eu acho que não entendi direito sua pergunta.”

O diretor cruzou os braços impaciente.

“Você pediu para algum colega seu vir até aqui e pegar alguma coisa sua?”

Mélanie abriu a boca para falar. Fechou e abriu de novo.

“Não... a gente tava jogando, não pedi nada para ninguém,” respondeu ela.

“*Interessante*,” disse ele com uma certa pontinha de sarcasmo, “nem mesmo para sua amiga Lina?”

“Ela estava de dispensa na aula e, pelo que me lembro, ela estava sentada lá no pátio, lendo. Fora, que nem conversei com ela hoje.”

Mélanie tentou esconder sua acidez.

“Muito bem, por favor entre.”

José Ricardo abriu a porta.

Mélanie entrou desconfiada na sala. Em um dos cantos Lina estava sentada e o funcionário com as mãos e cotovelos rachados estava em pé do lado dela.

Lina desviou o olhar.

O diretor conduziu Mélanie até seu lugar. Seu queixo caiu em espanto ao ver todo seu material jogado ao longo do piso e seu estojo aberto em cima da mesa. Nunca deixava seu estojo aberto, nunca.

Seu primeiro instinto, quase maternal por assim dizer, foi vasculhar seu estojo em busca de seu precioso celular. Havia tanta coisa naquele aparelho que podia colocá-la em uma situação desconfortável...

Mélanie colocou a mão no pescoço.

“Meu...” não conseguiu completar.

“Celular?” perguntou com curiosidade o diretor.

A garota confirmou.

“Mélanie você deu permissão para que Lina vasculhasse suas coisas e procurasse seu celular?”

“*Não*,” respondeu ela indignada, antes mesmo que pudesse pensar nas consequências do que estava dizendo.

“Lina...” chamou ele com autoridade.

Lucas observou a movimentação quando Lina saiu da sala do diretor no primeiro andar. A notícia de sua suspensão se espalhou mais rápido do que poderia imaginar. Não conseguiu se conter e ficou sorrindo de orelha a orelha quando Lina passou por ele, ignorando-o.

Lina tentou manter a esperança de que isso lhe ajudaria de alguma forma, talvez aumentasse sua popularidade ou coisa do tipo. Mas enquanto caminhava de volta para sala para pegar suas coisas, foi se dando conta de que aqueles olhares que a contemplavam com tanta ânsia, tinham perdido a fascinação que tinham por ela. Diziam, sem nenhuma palavra, que estavam satisfeitos de vê-la recebendo algum tipo de punição, como se exclamassem *bem-feito*. Mas o que mais incomodou Lina foi o jeito que a olhavam. Fitavam-na como se fossem superiores e melhores do que ela, quase como se tivessem empinado o nariz e olhado para a plebe que desfilava no corredor. Lina tinha sido rebaixada.

Ela estava quase soltando fogo pelas ventas e, a cada passo, crescia o seu ódio por aquela gentinha.

Alguém fez um comentário e um grupinho à sua esquerda começou a dar risada. Isso foi quase como um soco em seu estômago, mas ela manteve a postura e continuou andando. Reparou na cara de nojo de umas meninas, como se ela fedesse ou estivesse fazendo algo repugnante.

Você me paga por isso Olho-Roxo.

Quase chegando na sala, percebeu que os alunos ficaram mais ousados e começaram a fazer comentários um pouco mais alto, como se quisessem que ela escutasse.

Pegou suas coisas e viu que estava tremendo. Estava quase que na escada quando escutou de alto e bom tom:

“Filho de ladrão, ladrão é.”

Lina parou enquanto gargalhavam atrás dela.

“Será que se chacoalharmos os peitos dela, vamos encontrar troco para a cantina?”

Um bando de vozes masculinas juntaram-se ao coro de risadas.

Lina deixou cair sua mochila no chão e virou-se.

Caminhou elegante até o grupo de garotos que estava tirando sarro dela. O corredor mergulhou em silêncio e todos os olhares estavam fixos nela.

“Vocês acham engraçado isso, não acham *queridinhos*?” disse ela com sua voz neutra.

Tinha parado de tremer e estava em controle novamente. Ela olhou então para cada um daqueles rostos conhecidos, numa mistura de alunos de todas as salas do segundo ano.

“Também achei tão engraçado quando,” Lina começou enquanto puxou pelo braço um menino de cabelos cacheados e o trouxe para o meio do corredor, “você Otávio quis transar comigo na oitava série, mas acabou brochando quando lhe disse que era melhor eu transar com um palito de fósforo do que com seu pau pequeno.”

Queixos caíram, não acreditavam no que Lina estava fazendo.

“Ou quando,” Lina puxou dois outros garotos para o centro do corredor, “quando encontrei esses dois aqui batendo punheta um para o outro depois do simulado no ano passado. Só se forem cegos para nunca perceber o clima entre esses aqui.”

Lina lambeu os lábios.

“Vejam só *quão* colorido estamos ficando. Se eu fosse você Juliana,” Lina apontou para uma menina com cílios postiços, “eu ficaria de olho bem aberto com seu namorado, sabe, ele pode estar querendo mudar de time...”

Lina olhou ao redor procurando sua próxima vítima.

“E não vamos esquecer da senhora peitos caídos,” Lina aproximou-se e fez carinho na mão de uma outra garota, “você não estava viajando na última semana do ano passado, né ma chérie? Mas, pelo menos agora tem peitinhos do mesmo tamanho.”

Lina fez uma cara de pena.

Os alunos olhavam-na com perplexidade e alguns começaram a dar uns passos para trás.

Mélanie abriu espaço entre os alunos. Os olhos de Lina brilharam ao cair sobre ela.

“Tsc, tsc, tsc...”

Lina balançou os cabelos de uma forma que sabia como atizar os garotos e chamar atenção.

“Olha só o que temos aqui.” Lina fez uma reverência na direção da garota. “A senhora que vai ganhar o prêmio de fotógrafa do ano.”

Mélanie franziu as sobrancelhas. Lina tomou sua mão.

“Temos entre nós uma artista muito talentosa minha gente. Sim, não sabiam? Mélanie, ma chérie, por que não mostra as fotos do seu celular para as pessoas? Tenho certeza de que ficaram todos encantados com seu domínio da milenar arte de tirar fotos dos meninos pelados na cama.”

Mélanie retirou bruscamente a mão, como se a palma de Lina estivesse em chamas. Lina puxou o lábio para cima, parecia que estava rindo e rosnando ao mesmo tempo, e seu olhar era selvagem, uma arma pronta para disparar.

“Pois é.”

Lina começou a apontar dedos para alguns rapazes.

“Se você aí fez o favor de brincar com a pepeca peluda da nossa amiga aqui, cuidado!” Lina arregalou os olhos e tapou a boca, numa tosca imitação de surpresa. “Eu teria muito medo de que essas fotinhos vazassem, ou, que já tenham vazado...”

Lina deu uma risadinha tímida escondida entre os dedos.

Mélanie estava tremendo, incrédula. Queria responder alguma coisa, mas estava em choque e, de repente, teve a sensação de que havia pessoas demais no corredor quente, e que não conseguia respirar. Saiu correndo para o banheiro, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

“Sabem, eu estava fazendo um trabalho para a humanidade em pegar o celular dela e apagar as fotos, vocês deviam é me agradecer em vez de me chamar de ladra...”

Lina deu meia volta e pegou sua mochila. Desceu as escadas num silêncio que parecia ter afogado os alunos.

4

Lucas correu atrás de Mélanie e a puxou para um canto.

Mano, o que você está fazendo?, pensou ele. Antes mesmo que conseguisse refletir mais, ele agarrou-a pelo pulso.

“Me solta,” ela vociferou ríspida.

“Calma. Eu quero te ajudar, de verdade.”

Mélanie tentou se desfazer do enlaço de Lucas.

“Eu terminei com ela, não tem mais nada entre nós dois,” disse ele enfatizando com os olhos. “Sei como você está sentindo.”

Ela relaxou um pouco e deixou ser conduzida pelas escadas até um lugar tranquilo no pátio. Estava tão atordoada que em qualquer outra circunstância nunca teria deixado Lucas tocar nela, ainda mais depois da briga que tiveram na última vez que conversaram.

Sentaram-se os dois num banco na sombra. Mélanie desabou sobre o ombro de Lucas que se enrijeceu, não sabendo muito o que fazer na situação.

“Calma, de verdade, calma...” disse ele, tentando parecer que sabia o que estava fazendo.

“Como é que eu posso me acalmar?!” Ela acabou comigo na frente de todo mundo. Aquela desgraçada, ela vai se arrepender por ter feito isso!” chorou ela com o nariz escorrendo e pingando em seu uniforme.

Lucas ainda não acreditava no que estava fazendo. Fora por instinto que correria atrás de Mélanie. Nem gostava tanto dela assim, mas, de certa forma, o golpe que

Lina dera em Mélanie o tocara em sua ferida também. E precisava de alguém que entendesse a sua dor, que compartilhasse do seu ódio por Lina. Sentia-se sozinho também. Talvez tenha sido por isso que resolvera acudir Mélanie.

“Não é tão ruim assim, calma,” repetiu.

Ficaram alguns minutos em silêncio, os dois sem saber o que dizer e cada um estranhando a situação.

“Como é que vou olhar para todo mundo agora?”

“Do mesmo jeito que você tem olhado desde sempre e, olha pelo lado bom, não vai ter que encarar Lina por duas semanas inteiras,” disse ele, tentando passar um pouco do seu falso entusiasmo.

Mélanie ficou em silêncio. Lucas pigarreou.

“Sabe, nunca tive chance de pedir desculpa pela humm.... pelo que fiz, sabe, da última vez em que nos vimos.”

A sinceridade da fala dele a tocou.

“Sério mesmo. Agi como um idiota e aquela vadia estava me manipulando. Estava tipo nervoso com o fato da Olho-Roxo ter sido dedo-duro e a Lina disse que me ajudaria a descobrir.” Ele engoliu em seco, tentando não se lembrar dos detalhes. “Mas no final das contas, ela só estava brincando comigo para conseguir o que ela queria.”

Mélanie endireitou-se.

“O que aconteceu?,” perguntou ela.

Lucas desviou o olhar.

“Muitas coisas,” respondeu ele com sua voz seca. “Muitas coisas que tipo me fizeram abrir os olhos e ver realmente quem ela é.”

Os dois ficaram ali sentados um bom tempo, conversando.

Lucas gostou da companhia. Talvez não fosse a companhia que teria imaginado, mas era melhor do que estar sozinho. Mélanie não era uma garota tão irritante

quando estava longe de Lina. Ela, por sua vez, nunca pensara que Lucas poderia ser tão gentil e, até mesmo, doce do jeito como estava sendo. Era um babaca quando estava perto dos outros garotos, mas, também, qual deles não era?

Mélanie aproximou-se mais de Lucas e encostou a cabeça em seu ombro. Ele, dessa vez, não ficou tão rígido.

“Por que será que ela odeia tanto a Clara?” perguntou Mélanie. “Já parou para pensar nisso?”

Lucas suspirou.

“Não tente entender o que se passa na cabeça de Lina. É simplesmente impossível.”

O sinal tocou e os dois se levantaram.

5

Talvez fosse o momento adequado para fazer isso. Olhando pelo lado financeiro, ele estaria bem. Além da reserva que acumulara durante sua vida, ainda tinha o que seus pais lhe deixaram. Não que nunca mais fosse trabalhar, mas, pelo menos, teria tempo para pensar no que faria depois. Ou mesmo ficar sem pensar em nada.

Em nada, repetiu ele com um sorriso no rosto.

Seu pai sempre fora um policial exemplar, mas tinha muito o que aprender no quesito de paternidade. Inflexível e exigente, nunca esperou outra conduta de Heitor. Talvez por necessitar de mais tempo do que outras pessoas para decidir o que queria fazer da vida, mas por não conseguir esse acréscimo no segundo tempo, Heitor acabou pegando o que já tinham planejado para ele. Afinal as pessoas falavam que ele nascera para seguir o caminho do pai e daria um excelente profissional. De tanto martelar em sua cabeça, ele acabou incorporando isso quase como um mantra e, de tanto repetir, uma hora já não sabia que era mentira.

Minta tão grande, mas tão grande que nem mesmo você duvidará que seja verdade.

Nesses trinta e nove anos de vida, Heitor nunca parara para refletir o que gostaria de fazer, sempre fora seguindo a maré, indiferente aos chamados interiores, sempre achando que tinha ido longe demais para voltar.

Mas o que lhe estava prendendo agora?

Dinheiro? Família? Medo?

“Nada,” disse ele em voz alta.

Claro que iriam cair de boca nele, mas algo lhe disse para não se importar com o que as más-línguas da cidade diriam. Ele poderia tomar seu próprio caminho depois, afinal era ele que estava vivendo a sua vida, mais ninguém.

E de repente, como um raio no meio da tempestade ilumina o céu, Heitor percebeu um acender por dentro que nunca tinha sentido antes.

Seria isso a pontinha de felicidade?

6

Cármen pegou o telefone, fez que ia digitar o número, pensou de novo e o colocou de volta. Suspirou. Depois de tudo o que enfrentara na vida, como é que um telefonema poderia ser tão difícil? Olhou pela janela da cozinha e ficou contemplando sua vizinha estender a roupa.

E se ele dissesse não?

Havia gostado dele e sentiu que ele também a olhava de uma forma diferente. Não como os outros homens a encaravam depois que passava na rua. Mas um olhar distinto, suave até, que tranquilizava, mas, ao mesmo tempo, acendia em Cármen algo que não sentia há muito tempo. Ou, pelo menos, era isso que Cármen acreditava. Tinha medo que o telefonema estragasse tudo isso, arruinasse essa... essa esperança.

Só há uma maneira de descobrir.

Determinada e deixando de lado suas preocupações, Cármen pegou o telefone e discou o número que, de tanto olhar o rabisco no papel, já praticamente o tinha decorado.

Estava chamando. Seu coração estava pulando, ansioso. Estava se sentindo tão adolescente. Não conseguiu conter seu sorriso.

7

“Gente, se vocês me dão licença, vou subir. Quero ver se consigo ler um pouco ainda antes de dormir.”

Clara levantou-se e deu um beijo em sua mãe. Apertou a mão de Heitor e disse:

“Espero que venha mais vezes jantar aqui com a gente viu, fico contente que mamãe receba companhia.”

Ela subiu a escada, Pepito logo atrás seguindo-a como sua sombra. Estava cansado também, queria dormir. O homem protegeria sua dona no andar de baixo, sua mente canina poderia descansar em paz.

“Não tenho como agradecer pelo jantar,” começou Heitor.

“E nem precisa. Eu que tenho que agradecer pelo tanto que me ajudou. O jantar é o mínimo que eu poderia fazer. Além do mais, nossa conversa foi mais do que divertida, fazia tempo que não ria tanto assim,” disse ela, corando um pouco tanto pelo vinho, como pelo que estava sentindo.

Heitor tomou mais um gole de sua taça.

“O que pensa em fazer agora?” perguntou ela num tom descontraído.

Ele ficou quieto, tendo medo de ter interpretado a pergunta errado.

“Quero dizer, agora que vai pedir demissão.”

“Eu não sei, para falar a verdade não pensei ainda,” disse ele coçando a cabeça, “mas estou gostando dessa sensação de que tudo bem, não preciso saber mesmo.”

Heitor estava compartilhando algo íntimo, coisa que não fazia com as pessoas. Não costumava deixar as pessoas entrarem por essa porta. Mas Cármen já não era qualquer pessoa.

“Talvez escreva alguma coisa,” continuou ele, rindo um pouco do que dissera, “sempre pensei em escrever, mas fui empurrando com a barriga até o momento em que me achei velho demais para tentar.”

Cármen riu junto.

“*Velho?* Aham, sei,” disse ela, inclinando-se para pegar a garrafa de vinho. Seu pingente negro roçou na mesa.

“É verdade. Um dia desses quase não conseguia ler o jornal. Tive que esticar bastante o braço,” Heitor mostrou o movimento, “que parecia que estava tocando um instrumento musical.”

Os dois gargalharam.

“Bem, de qualquer modo, não acho que você esteja velho demais para escrever. Adoraria ler, um dia, alguma coisa que você escreva.”

Heitor olhou para baixo e depois desviou o olhar.

“Cármen, eu reparei que você tem uma boa coleção aqui,” disse ele, tentando mudar de assunto e apontou para a estante do lado da pequena televisão. “As pessoas não costumam ler muito sabe e...” ele congelou, tomando cuidado com o que diria, percebendo seu preconceito.

Nunca imaginou que uma mulher que morasse na periferia de uma cidade do interior, no meio do nada, que trabalhasse fazendo faxina e lavando roupa, poderia ter qualquer interesse em literatura.

“É a única coisa que me distrai,” continuou Cármen. Heitor ficou aliviado por ela não ter percebido a sua pausa. “Tem dias que passo quase todo o tempo livre lendo, tentando escapar da vida.”

Ela riu descontraída, mas Heitor percebeu um pontinha de dor escondida. Cármen certamente era uma mulher de muitas surpresas.

Os dois continuaram conversando, indiferentes ao tempo. A conversa fluiu tão espontaneamente como o vinho e eles tiveram a impressão que já se conheciam há muito tempo.

Quando enfim se despediram e Heitor entrou no carro, uma estranha sensação o incomodou. Ficou alguns minutos parado na rua escura, observando a luz detrás da cortina. Não sabia bem o que era, mas achou que talvez estivesse sentindo o que os outros chamavam de amor.

MAIS ENTERROS

Sábado 23 de Março, 3:45 AM

1

“Mais que merda é essa agora? Só pode significar uma coisa e você sabe muito bem disso,” disse Gilberto ajustando seu chapéu. Mascava o chiclete com a boca aberta fazendo barulho.

“Presunto,” respondeu Toninho, levantando-se ranzinza do degrau. “Ainda deve estar quente o desgraçado, aposto. Odeio quando chegam quente. Odeio.”

“Caralho,” suspirou Gilberto. “Será que pedir uma noite tranquila é muito? Tenho saudades de quando a gente pegava os pinguço e botava pra dormir lá dentro.”

“O que cê acha que passou dessa vez, hein?”

“Só Deus sabe. Com tudo o que anda acontecendo nessa merda de cidade, nada mais me surpreende.”

“Isso, azara mesmo seu desgraçado,” exclamou Toninho com o seu sorriso torto, mostrando seus dentes mal conservados, “agora que a gente se fode, cê vai ver só.”

Os dois ficaram parados, esperando o carro estacionar de ré.

“Só não quero que o desgraçado esteja quente ainda. Só isso.”

Gilberto fez uma bola com o chiclete, que estourou rompendo o silêncio da madrugada na delegacia, depois disse num tom que não escondia sua indiferença:

“Vê se para de bichice, sô. Quente ou frio, é sua vez de receber.”

Toninho suspirou, sabia o que lhe esperava.

Os dois protegeram os olhos com as mãos quando as luzes de ré do carro iluminaram seus rostos numa mistura amarelo escarlate.

O motorista desceu, bateu a porta e cumprimentou os dois.

“Qual é o prato de hoje, hein chefia?” perguntou Gilberto, enquanto Toninho fazia uma cara de nojo para a porta de trás do carro.

“Só tenho uma coisa pra dizer: *pesado*,” respondeu o motorista com um meio sorriso, tentando esconder sua expressão.

Toninho tensionou seus músculos. *Só não esteja quente, só não esteja quente...*

“Um retardado que resolveu estourar os miolos com sua espingarda depois de ter dado um trato na véia dele e na sua garotinha.”

Eles ficaram sérios.

“Cê acha que vai sair no jornal?” perguntou Gilberto.

“Nããã... ninguém liga pro que acontece naquela terra de ninguém no meio do mato. Claro que é triste pela garotinha, só isso, ela não tinha que passar por isso, mas bem... a vida é essa minha gente.”

O tom cru do motorista arrepiou ainda mais Toninho.

“E, pra falar a verdade,” continuou ele, “sei lá o que tava passando na cabeça do filha da puta aí. Bem, não que tenha sobrado muita cabeça pra começo de conversa.”

O motorista e Gilberto deram uma gargalhada nervosa e trocaram tapinhas nas costas para distrair. Abriram juntos a porta detrás.

O estômago de Toninho revirou quando aquele cheiro de ferro queimado inconfundível adentrou suas narinas.

O que restava do senhor José estava num saco preto mais escuro que a noite sem lua. O plástico estava colado junto da sua pele ensanguentada e um pedaço do que

talvez seria seu cérebro ficara preso no zíper. Nos outros dois estavam sua mulher e sua filha.

A noite estava quente e apenas começando.

Só não esteja quente, só não esteja quente... repetiu Toninho.

2

Heitor desceu as escadas no escuro, sentindo a parede gelada com o leve toque de seus dedos. Não deveria estar ali e aquela sensação fria nesse dia infernal de verão o lembrou disso. Era como se as paredes o estivessem empurrando para fora. Você já não pertence aqui, pareciam sussurrar no silêncio. Oficialmente, já não estava mais trabalhando e sentia-se leve como nunca. Entregara sua carta de demissão nessa manhã e a bagaça estava feita, recordou ele, para o bem ou para o mal.

Mas ele tinha que saber.

Seria como viver o resto da vida com uma pulga atrás da orelha, sempre pensando se era quem ele pensava ou não. Suas coisas estavam todas (não que fossem muitas) empacotadas e elas estavam agora aquecendo na caixa de papelão no porta-malas de seu carro velho, o vidro começando a esfumaçar.

Poderia dar meia volta e nunca mais pensar nisso de novo, mas algo nele o impelia escada abaixo. Não estava fazendo isso por causa do trabalho, ou melhor, do seu ex-trabalho. Naquele instante, soube que o motivo de estar ali era mais pessoal, por assim dizer. Talvez fosse parte de seu ego. Ou não, vai saber. A verdade era que não queria sair sem amarrar esse nó.

E se fosse ele?, indagou-se.

Chegou então no andar de baixo, e não se preocupou em não fazer barulho. Era horário de almoço e não haveria ninguém aqui, especialmente nessa hora. Acendeu as luzes e seu cabelo escuro pareceu cintilar na iluminação artificial, como se fosse um mar negro em movimento.

Uma olhada rápida terminaria com tudo isso.

Só havia uma gaveta ocupada nessa manhã de hoje por um homem e não teria como cometer um engano, mas, mesmo assim, melhor prevenir do que remediar. Nas outras duas estavam a mulher e a filha do sujeito. Heitor conferiu o nome escrito a mão na etiqueta fajuta e amassada, reconhecendo a letra rabiscada de Toninho.

José Arantes do Nascimento.

Respirou fundo e arrastou a gaveta para fora num único movimento.

Algo chamou sua atenção, desviando seu olhar da ficha para o zíper do saco plástico que jazia sobre o metal da gaveta. Mudou de posição para ter certeza de que não era algum efeito da luz e piscou algumas vezes. Continuava lá.

Chegou mais perto e inclinou-se.

Tinha alguma coisa presa no zíper, como se tivessem fechado às pressas. Sentiu uma espécie de vertigem, como se o chão parecesse ficar mais fundo e estivesse descendo de elevador para os confins da terra, vendo passar os detalhes do necrotério. Segurou-se na mesa para não cair. Sua visão escureceu um pouco, mas logo depois voltou.

Colocou uma luva e abriu o zíper. O som típico das engrenagens de plásticos sendo abertas pareceram como pequenas facas ao seu ouvido. A mesma sensação do arranhar sobre o quadro-negro. De repente a sala pareceu ficar quente e Heitor sentiu seu lábio superior pingando de suor.

Só precisaria ver o rosto, só isso, e já iria embora.

Heitor alargou a abertura do saco.

Sentiu um disparo de adrenalina em seu corpo, acordando-o, e teve que lutar contra a vontade de sair dali correndo. Começou a andar para trás, passo por passo, como se estivesse se distanciando de uma bomba prestes a explodir. Heitor não conseguia acreditar no que estava vendo.

Sentiu como se estivesse fazendo parte de um filme de ficção científica.

Aquilo ali não parecia humano. Se não fosse pelo tronco e pelas pernas salpicadas de sangue, Heitor teria certeza de que estava diante de uma criatura de outro planeta.

O que sobrou da cabeça tinha um buraco tão grande e com bordas irregulares, uma mistura de cabelo, osso e músculo, que parecia que tentáculos de carne se projetavam para o observador. Tentáculos que criavam uma visão sinistra, como se o buraco fosse uma boca gigantesca. A língua pendia lá no fundo e movia-se como um pêndulo solto por causa do empurrão que Heitor dera na mesa.

Heitor topou com a parede, seus olhos ainda fixados na cabeça de José. Colocou a mão na parede e sentiu o azulejo com suas palmas suadas. Estava pronto para dar um impulso e sair correndo caso a criatura por acaso decidisse levantar-se e correr atrás dele.

Heitor imaginou aqueles tentáculos de carne aproximando-se e selando seu próprio rosto em um grande beijo de morte. Aquela língua esfregando em sua pele, deliciando-se com o sabor de sua carne.

Aquele pensamento tirou Heitor do sério e ele pensou que desmaiaria. Suas pernas começaram a bambear como se alguém tivesse esquecido de travar os pinos da articulação de seu joelho. A voz esganiçada de Nicolas possuído ressoou em sua mente, intensificando o medo.

João Manuel foi apenas o começo...

Heitor fechou o zíper com o rosto virado de lado e empurrou a gaveta de volta. Não iria querer examinar as outras duas gavetas. A curiosidade já tinha matado o gato. Apagou as luzes e saiu correndo pulando de dois em dois os degraus da escada.

Lá fora apoiou-se no carro tentando recuperar seu fôlego.

Estava preso, corria sem direção, mas terminava voltando sempre para o mesmo lugar. Não reconhecia o terreno direito. Estava numa praça, disso tinha certeza, mas a névoa era muito intensa. Tão intensa e branca que não conseguia ver o que se projetava além de dois metros na sua frente. O chão era todo de pedras, parecia uma espécie de calçadão com desenhos e formas que Heitor nunca vira antes.

Não era nem frio, nem quente. Não havia temperatura naquele lugar. Tentou pegar a névoa com a mão e percebeu que ela era densa, mas se esfumava ao toque.

Gritou pedindo por ajuda, estava desesperado. Parecia estar preso no vácuo, pois teve a estranha sensação de que sua voz não se propagava. Era como se estivesse no nada.

E de repente, conforme corria sem direção pelo calçadão, avistou formas na névoa branca. Parou, congelado, esperando as figuras se moverem, mas elas permaneceram paradas, congeladas naquele lençol branco de fumaça.

Heitor olhou para trás e viu o caminho que acabara de abrir nesse mar branco fechar-se, ocultando o desenho das pedras no calçadão. Se voltasse, talvez não encontraria de novo essas formas misteriosas que se projetavam na sua frente.

Caminhou devagar, seus braços paralisados em uma posição de ataque, não sabendo ao que estava se aproximando. Conforme seu halo de visão foi se expandindo, aos poucos, Heitor se deu conta das formas na sua frente.

Era um parquinho.

Daqueles para crianças que a maioria das praças têm. Um senso vago de familiaridade roçava em sua garganta. Uma série infinita de gangorras de metal enferrujado, todas idênticas, estavam a sua esquerda e pareciam ir para sempre. Bem na sua frente estava um monstruoso gira-gira, de um tamanho que mais lembrava um carrossel. A plataforma do gira-gira era a única coisa que tinha cores naquele lugar. Não era nada muito vivo, as cores pareciam estar desgastadas pelo tempo e davam um ar de melancolia para o lugar. A plataforma girava lentamente e parecia convidar Heitor para um passeio.

Venha, venha...

Uma risada fina, infantil e feminina chegou aos ouvidos de Heitor. Mas a névoa o impediu de localizar o som. Era como se viesse de todas as direções.

Dois olhos castanhos, com tons de amarelo, brilhavam na névoa e pareciam se aproximar de Heitor com o movimento da plataforma gigante do gira-gira.

Ele conhecia aqueles olhos, só não conseguia lembrar de onde...

Venha, venha me ver...

A mesma voz infantil pareceu ondular na direção de Heitor. Mas agora soava triste, como se fosse mais densa do que o nevoeiro.

Estamos todos mortos, você deveria ter me procurado mais cedo...

Os olhos na névoa foram chegando mais perto, mas era como se carregasse a névoa junto com eles. Heitor espremeu os olhos tentando ver o rosto da garotinha que falava, mas não conseguiu.

Papai!

Heitor sentiu uma mão no ombro. O terror pareceu subir pelos seus intestinos ardendo até chegar ao peito.

José, com sua cabeça explodida com um buraco no meio estava parado ali, sorrindo para Heitor. Os tentáculos de carne tinham dentes afiados e eles batiam uns no outro, fazendo o barulho das engrenagens de plástico do zíper se abrindo.

Heitor caiu do sofá e acordou gritando no tapete de sua sala de estar. Suspirou e segurou a cabeça com as mãos, ainda zozado.

Ainda bem que havia pedido demissão. Sentiu um alívio no peito e voltou a deitar-se no sofá.

Não é da minha conta... não é da minha conta... murmurava enquanto tentava achar uma posição mais confortável para voltar a dormir.

Cármen quase deixou o ferro de passar cair quando o toque ensurdecedor do telefone da cozinha a assustou. Desviou da pilha de roupa passada que estava apoiada numa mesinha fajuta de plástico e atendeu.

“Heitor! Nossa que surpresa boa, estava pensando em te ligar. Deve ter sido uma transmissão de pensamento. Sim, exatamente!”

Cármen apoiou-se na beirada da pia e mudou o telefone de mão, tentando achar uma posição mais confortável.

“Então já tá curtindo sua vida boa aí?” disse Cármen aumentando sua voz, a máquina de lavar estava fazendo um barulho infernal. “Deve ser bom parar um pouco e descansar depois de tanto tempo trabalhando com as coisas horríveis que você devia encontrar.”

Cármen riu do comentário cheio de palavrões do ex-investigador.

“Viu só? Agora vai dar pra escrever, hein?”

Pepito levantou de sua caminha na sala e veio abanando o rabo, atraído pelos gritos entusiasmados de Cármen. Quem sabe ganharia um biscoito?

“Sim, sim ouvi falar sim, acho que entregaram um panfleto aqui em casa se não me engano, mas devo ter jogado fora.”

Cármen ficou um tempo escutando a proposta, o telefone prensado contra sua orelha para escutar melhor.

“Claro! Nós adoráramos, acho que Clara nunca foi em um, ela vai amar tenho certeza.”

Cármen bateu as mãos no colo.

“Não precisava, sério. Mas, já que você comprou os ingressos, então agora não tem como voltar atrás,” disse ela rindo.

“Combinado então. Que horas mesmo?”

Pepito ficou sobre duas patas e cutucou Cármen que distraída, afagou sua cabeça. Não era bem o que ele queria, mas também não reclamaria do carinho.

“Magina! A gente se encontra lá.”

Heitor interrompeu Cármen do outro lado.

“Se você faz questão,” ela respondeu corando, “tudo bem estaremos prontas às seis.”

Despediram-se.

Cármen cruzou os braços e ficou olhando para a janela, perdida na conversa que acabara de ter. Depois do que pareceu horas para Pepito, Cármen se abaixou e acariciou de novo o cachorro. O pingente pendulou de um lado para o outro com o movimento dela.

“Olha só Pepito,” ao escutar seu nome, ele varreu o chão com seu rabo, “quem diria que a mamãe aqui conseguiria um encontro depois de tanto tempo, hein?”

O DIA DO CIRCO

Domingo 24 de Março

1

Eles entraram na enorme tenda vermelho e azul e sentiram como se tivessem cruzado um portal para uma outra realidade. O cheiro de pipoca com manteiga, daquelas bem gordurosas em que se lambuza os dedos, mesclado com o aroma de jujubas cheias de açúcar cristal e algodão-doce era tão intenso que parecia que Heitor se sentiu como se estivesse dentro da Fantástica Fábrica de Chocolate e que encontraria Willy Wonka a qualquer momento. O picadeiro estava iluminado com cadeias de pisca-pisca, trançados na estrutura de metal da lona, lembrando plantas trepadeiras. Luzes coloridas giravam ao redor da arena central, contribuindo para a atmosfera de ansiedade do público, e os lugares estavam praticamente todos cheios.

O *Circo da Via Láctea* fazia apenas quatro apresentações e o preço barato atraía gente de outras cidades pequenas na região. O espaço que conseguiram, alguns quilômetros depois da entrada na rodovia para Novo Triunfo, era um grande campo e a trupe toda havia chegado semana passada para se preparar.

Cármen pediu licença para passar. Estava bonita e Heitor não deixou de reparar nos olhares que ela estava recebendo. Por onde passava, parecia atrair um enxame de olhares dos mais variados tipos. Algumas mulheres comentaram entre si sobre o pingente rústico que Cármen estava usando, que combinava muito bem com suas roupas e ressaltava seus olhos cor de petróleo. Já os homens comentavam o óbvio.

Clara caminhava distraída pelos vários estímulos que chamavam sua atenção. Estava imersa na atmosfera circense e reparava em cada detalhe da tenda. Como

era sua primeira vez em um circo, estava tentando absorver o máximo da experiência que podia. Sua cabeça estava leve e tranquila e seu rosto tinha a expressão de uma criança entusiasmada. Quase tropeçou antes de sentar-se.

“E aí Clara, o que você está achando?” perguntou Heitor enquanto colocava umas três jujubas de cores diferentes dentro da boca.

“Nossa, não pensei que o lugar ia ser tão grande,” disse ela com seus olhos, percorrendo a tenda, “e tá lotado! Será que vai caber todo mundo que ainda está lá fora?”

Heitor riu com a pergunta.

“Vai sim. O espaço é bem apertado mesmo, as cadeiras umas bem próximas das outras. Faz parte do ambiente. Sabe que isso me lembra muito minha infância? Meu avô, toda vez que vinha um circo aqui na região, me levava. Não tinha uma única vez que eu não ia. Minha mãe ficava brava e falava: desse jeito esse menino vai fugir e entrar pro circo!”

Eles gargalharam juntos.

“Sério?” Cármen perguntou, seu olhar com um contentamento radiante. “Pois é, antigamente os circos eram mais comuns. Quem sabe ainda não dá tempo de você fugir e virar artista de circo?”

Heitor pegou no seu braço, um ato quase que involuntário, e riu. Cármen se acomodou na cadeira apertada e chegou mais perto. Enquanto isso, Clara estava em outro mundo, perdida com a quantidade de coisas para ver.

Cármen olhou para Heitor e seus olhares se fixaram, como se conversassem sem palavras. Mesmo com a iluminação da tenda, Cármen conseguiu ver que Heitor estava corando, tinha a pele muito clara, e segurava o pacote de jujubas como uma criança. Aquela visão passava para Cármen um sentimento gostoso de segurança, como de intimidade e pareceu que já se conheciam há muito tempo. A vida lhe ensinara que são justamente esses momentos, esses instantes tão passageiros que vale a pena se viver. Como uma bala atravessando seu corpo, Cármen sentiu de súbito o peso suave da estranha sensação de que tudo estava completo. Era assim que era para ser. Essa seria sua família daqui em diante.

As luzes piscaram, o espetáculo estava prestes a começar.

Cármén pegou na mão de Heitor.

2

“Nossa, e a parte do trapézio?! Demais, eles pareciam voar, o que era aquilo! Era como se não tivesse gravidade. E a parte da mulher no pano, ela girava tão perto da plateia que quase dava para tocá-la!”

Eles estavam saindo da tenda após o término do espetáculo. Clara estava falando rápido, comentando sobre os diversos números dos artistas e seu rosto ainda mostrava uma admiração fora desse mundo. Ela parecia ter retido a mágica circense nos olhos, reparou Heitor. Isso lhe lembrou muito de como ele mesmo saía depois das apresentações quando era pequeno. Poder reviver esse momento através dos olhos de uma outra pessoa, deu a sensação de que a tradição seria mantida: tinha contaminado Clara e agora ela propagaria para a próxima geração.

Estava uma tarde gostosa, dessas quando o calor do interior resolve dar trégua, e uma brisa refrescante balançava a bandeirinha no alto da tenda do espetáculo.

“Quem disse que a diversão terminou?” exclamou Heitor, estavam quase na saída da tenda. “Uma das melhores partes vem agora.”

Clara olhou para ele com um olhar de: *você tá zoando!*

“Eles trouxeram toda uma variedade de barracas lá fora, com jogos, brinquedos, comidas e até um lugar que você pode conhecer os artistas!”

Heitor colocou a mão no bolso, procurando alguma coisa.

“Olha só.” Heitor deu umas fichas de papel para Clara. “Já troquei por algumas fichas, assim você ganha tempo e não precisa ficar na fila pra trocar dinheiro.”

Clara examinou a tira de papel com as marcas destacáveis com o mesmo interesse que examinaria um objeto desconhecido de uma civilização antiga. Aquilo renovou o brilho em seus olhos. A mágica ainda não acabara.

“Sempre ficava bravo com meu avô porque ele ficava andando devagar demais e eu queria ver tudo de todas barracas, não queria perder nada!” explicou Heitor. “Enquanto eu e sua mãe andamos com calma, como velhos que somos,” Cármen lhe mostrou a língua, “você pode sair explorando tudo!”

Era como se o Natal tivesse chegado mais cedo para Clara.

“Ótima ideia,” disse Cármen, “além do mais, estou com um pouco de fome. Fome de algo salgado, chega de doces,” ela riu, indicando o pacote vazio de jujubas, “será que eles tem cachorro-quente? A fila pra comida deve estar enorme...”

“Você está com fome Clara?” perguntou Heitor.

Ela negou com a cabeça.

“Na verdade eu ia pedir para você se seria possível me deixar de carro na casa do senhor Joaquim depois daqui. Hoje é o aniversário dele. Fiquei de passar lá e comer alguma coisa, ele fica muito sozinho, entendeu, então vou guardar meu estômago.”

Heitor sorriu.

“Claro que sim, depois você me fala onde esse senhor mora que deixo lá sem problemas.”

“É pertinho de casa.” respondeu Cármen.

“Perfeito, combinado! Então eu e sua mãe vamos comer algo enquanto você fica mais à vontade, pode ser? Nos encontramos na entrada em mais ou menos uma hora e depois te dou uma carona até lá.”

“Aham, combinado!” respondeu ela.

Por um momento, não parecia ter dezesseis anos, era como se tivesse voltado a ser pequena. Assim que saíram da tenda, Clara se despediu e desapareceu na multidão. Cármen quase não reconheceu aquela menina, em nada parecia a mesma criatura tímida de tempos atrás. O entusiasmo de sua filha aqueceu seu coração de mãe.

Assim que Clara foi embora, Cármen pegou na mão de Heitor e deu-lhe um beijo suave na bochecha de agradecimento que lhe pegou de surpresa. Queria um pouco de tempo também com ele, sem a presença de Clara, não que ela fosse atrapalhar alguma coisa, mas estaria mais solta assim. Parecia que Heitor estava pensando na mesma coisa e Cármen agradeceu por essa transmissão de pensamento sem palavras. De mãos dadas, abriram caminho pela multidão e entraram na fila da barraca que vendia comida.

3

Clara não sabia o que ver primeiro. Deixou que seus pés a conduzissem e decidissem o caminho. Quando reparou, estava entrando numa tenda pequena que marcava a entrada do: *Labirinto do Terror*. Era um percurso em zigue-zague onde as pessoas tomavam sustos em cada canto. Clara sentiu uma pontinha de medo, mas sua ansiedade e sua curiosidade de ver do que se tratava eram maiores. Divertiu-se muito e mais riu do que gritou. Fantasias de bruxas, vampiros, lobisomens tentaram assustá-la, mas Clara estava tão imersa no ambiente de diversão que aquilo foi para ela um entretenimento muito diferente do que estava acostumada. Acabou fazendo amizade com uma menina, mais ou menos da sua idade, que berrava em cada canto, o que tornou a experiência ainda mais divertida para ela.

Depois, correu para uma série de barracas com o mais diversos dos jogos. Numa, tentou acertar com uma bola uma pilha de garrafas para ver se ganhava um prêmio, mas sua mira já vira dias melhores. Mesmo sem ganhar nada, Clara saiu saltitando para a próxima barra onde tentou com um martelo atingir o máximo possível de uma espécie de termômetro de força. Riu da sua própria incapacidade e acabou conversando distraidamente com algumas pessoas da fila.

Era como se estivesse sonhando, vivendo uma vida completamente diferente. Tinha se esquecido completamente da mancha em seu rosto. Na verdade, era como se nem existisse.

Depois de tentar sua sorte girando uma roleta com prêmios, decidiu comprar um algodão-doce. Era como se tivesse um pedacinho de uma nuvem em suas mãos, só

que da cor-de-rosa em vez de branco. Comendo, foi esperar na fila para tirar foto com os trapezistas. Esses foram os artistas que mais lhe impressionaram. A habilidade que tinham de quase voar pelos ares foi o que chamou sua atenção. Ficou pensando no tipo de treino que esses artistas deviam fazer e se perguntou se algum deles já sofrera algum tipo de acidente. Ficou imaginando tudo isso em sua cabeça enquanto lambuzava os dedos com o doce. Pensou então em todas as histórias que eles deviam ter de todos os lugares que já visitaram. Talvez conhecessem o país inteiro!

Clara saiu feliz com a foto polaroide ainda revelando na mão (já jogara o palito do algodão-doce no lixo em formato de boca de palhaço) e chacoalhou, assoprando até que a imagem finalmente aparecesse. Clara estava sorrindo de orelha a orelha e a câmera pegara a cena num ângulo, que parecia que o forte (e tatuado, Clara lembrou-se corando) braço do bonito trapezista a estava abraçando. Guardou-a no bolso e estava ansiosa para mostrar para sua mãe.

Onde iria a seguir?

Uma barraca colorida saltou aos seus olhos com várias pessoas gargalhando ao redor dela. Era um jogo cujo objetivo era acertar um botãozinho vermelho que fazia cair um palhaço num tanque d'água. Os olhos de Clara arregalaram quando viram isso. Foi saltitando ver a próxima pessoa tentar. Entrou na fila e entregou uma ficha para o auxiliar. Parecia trançar as pernas de tanta ansiedade.

O palhaço acenava todo vestido para a multidão, atizando as crianças para que tentassem derrubá-lo. A fila estava andando rápido, cada pessoa tinha direito a apenas uma tentativa. O tanque de água estava distante da linha de arremesso e era bem mais difícil do que parecia.

A pequena plateia vaiou o palhaço que acenava alegremente quando um menino errou sua tentativa.

A pequena bola estava enfim nas mãos de Clara. Era mais pesada do que imaginara. Sabia que sua mira era péssima, mas vai que...

Respirou fundo e arremessou.

O palhaço não teve tempo nem de fechar os olhos e quando viu estava engasgando com a água do tanque.

A plateia urrou de felicidade como se fosse final de copa.

Clara estava atônita. Não acreditava no que tinha acabado de fazer. Parecia impossível!

Quando se deu conta, estava com um urso rosa de pelúcia do tamanho de Pepito no colo. Estava quase explodindo de felicidade. As pessoas aplaudiram quando Clara caminhou de volta para a multidão em busca de uma outra atração.

A alegria das crianças e até mesmo dos adultos (alguns velhinhos inclusos) era contagiante e guiou Clara pela multidão de mãos dadas com seu urso. Seus pés a deslizaram até um círculo de pessoas, onde teve a oportunidade de passar a mão no macaquinho que acompanhara o anfitrião do circo durante todo o espetáculo. Seus olhinhos pareceram ser de uma tamanha inteligência que Clara teve a certeza de que ele seria capaz de sair de fininho batendo carteiras por aí e ninguém perceberia.

Tudo parecia abracadábriico diante de seus olhos e até mesmo o ursinho de pelúcia parecia gritar de felicidade.

“Venham, venham!,” gritou uma voz estrondante ao fundo, “o futuro está ao alcance das mãos!”

Clara interessada virou a cabeça em direção à voz. Viu um homem de pé em cima de uma caixa de madeira com um lenço na cabeça.

“Querem saber o futuro? Mocinha bonita aí,” indicou ele para uma menina de maria-chiquinha, “quer saber quantos filhos vai ter, com quem vai casar?” Ele sorriu, um dos sorrisos mais brancos e galantes que Clara já vira na vida. “Venham, venham todos saber a sorte que lhes espera!”

Clara foi pedindo licença e abrindo espaço entre as pessoas, seu urso quase atropelando umas criancinhas.

“A grande cigana, a Madame Fennoir que acaba de chegar da França! Sim, ela veio de longe, *senhoras e senhores!*, e está aqui dentro esperando pelos que se atrevam a desvendar os mistérios do amanhã!”

O homem fez uma reverência em direção à cabana. Era toda coberta por uma lona violeta com listras carmesim.

“Quiromancia e leitura das cartas são suas especialidades!”

Clara ouviu uma mãe sussurrar algo para o filho que mais pareceu ser: *esse povo quer só ganhar dinheiro*. Foram embora. Uma senhora de mais idade parou para escutar, mas saiu exclamando irritada: *essas coisas num são de Deus não!* As pessoas paravam e contemplavam o homem anunciando sua benfeitora, mas ninguém parecia manter o interesse e logo iam para a próxima atração. Clara se deu conta de que, em uma região tão católica e supersticiosa como essa em que estava, essa barraca não atrairia muitos interessados.

Mas algo captou sua atenção.

Talvez fosse seu interesse, pois nunca havia encontrado na vida nenhuma outra pessoa que alegava ter sequer um traço cigano. Na verdade, sabia muito pouco de suas origens e sempre que perguntava para sua mãe, tinha sempre as mesmas respostas: *éramos pobres e depois que engravidei mudei para Novo Triunfo para tentar algo melhor*.

Ela foi caminhando em direção ao charmoso homem moreno. Algo nele lhe pareceu familiar, por assim dizer.

“Olha só, essa moça bonita corajosa!” exclamou ele na sua melhor voz circense. “Será que a senhorita gostaria de uma consulta com a *magnifique* Madame Fennoir?”

Clara titubeou, não sabendo o que dizer.

“Muito bem, algo me diz que você descobrirá algo importante hoje mocinha! Algo que mudará sua vida para sempre.”

Algumas pessoas que passaram riram do que ele estava dizendo e foram embora com um ar de superioridade, tendo certeza de se tratar do mais barato dos charlatanismos.

O homem inclinou-se e fitou Clara bem nos olhos.

Aos poucos, todo o ruído, o gargalhar e as risadas foram diminuindo seu volume aos ouvidos de Clara, como se seu cérebro estivesse ignorando o que estava acontecendo ao redor dela.

Era como se o tempo tivesse parado.

Clara...

Os olhos castanhos como amêndoa dele pareceram envolvê-la.

Saia daí Clara!

Ele estendeu a mão e Clara a aceitou.

Escute-me Clara, não entre aí!

A voz de Nério pareceu tão distante para Clara que ela não prestou atenção. Sabia que ele estava tentando dizer alguma coisa, mas o momento era tão mágico que ela não queria interferências, nem mesmo dele.

ESCUTE MENINA, NÃO EN-

E de repente, assim que Clara afastou a lona e passou pela espécie de soleira da tenda, a voz de Nério sumiu.

4

A tenda cheirava forte a incenso, tão intenso que Clara coçou o nariz ao entrar e seus olhos arderam. Estava quente lá dentro. Não um calor insuportável, mas quente o suficiente para dar a sensação de atmosfera pesada no ar, como se a névoa da ponta acesa do incenso flutuasse em círculos indiferentes à gravidade.

Demorou para que os olhos de Clara se ajustassem à escuridão da tenda. Uma candeia de barro reluzia fraca em cima de uma mesa forrada. Clara sentou-se na cadeira e colocou seu urso de lado no chão. Estava olhando para os detalhes da candeia e não prestou atenção em mais nada. Enquanto contemplava a escrita no barro, ela ficou esperando por algum som que indicasse que Madame Fennoir estava entrando na tenda. Mas tudo continuava um silêncio, apenas com o crepitar da chama.

Claro notou que havia algo estranho do outro lado da mesa, inclinou-se para frente.

“Muito bem...”

Clara deu um grito e levou a mão à boca.

Madame Fennoir estava ali o tempo todo. Como quem tocasse em ferro incandescente, Clara empurrou com cuidado a candeia de barro para que a chama iluminasse um pouco mais a interessante figura antes escondida pelas sombras.

Madame Fennoir quebrou todas as expectativas que Clara mirabolara durante os segundos em que estava distraída. Ela estava esperando por uma velha, cega e rabugenta. Tinha que admitir que esperava por uma bola de cristal também. Mas era tudo diferente do que imaginara.

Estava sentada diante de uma mulher - ou seria uma garota? - bem, estava sentada diante de uma figura feminina que em pé, não deveria ter mais que um metro de altura. Era tão baixa, que a altura de seus olhos correspondia à chama da candeia. Clara teve a sensação de ser uma gigante comparada àquela pitoresca figura. Madame Fennoir tinha uma pele sem nenhuma ruga, quase com um aspecto infantil e cheio de vitalidade, mas seus olhos... seus olhos mostravam que ela era bem mais velha e sábia do que aparentava. Tinha um formato de olhos puxados, não parecendo oriental, mas de uma forma que fazia com que parecesse estar sempre desconfiada.

De suas orelhas, pendiam dois longos brincos que cintilavam à luz da candeia e quase tocavam seu pequeno colo. Tinha mãos muito pequeninas e aparentemente delicadas, tão cheias de anéis que mais pareciam ser de metal do que de pele. De seus pulsos, pendiam argolas que tilintavam quando ela se mexia.

Clara endireitou-se na cadeira.

Madame Fennoir tinha um pingente exatamente igual ao da sua mãe, tão escuro como petróleo que desaparecia na escuridão da tenda. Aquilo incomodou Clara. Não sabia muito bem como deveria estar se sentindo. Aquele elemento familiar parecia não combinar com a atmosfera do ambiente.

“Ora, ora, ora...” disse ela com sua voz que mais parecia um chiado de rádio. Clara virou o rosto, com medo daqueles olhos. Teve a sensação de estar diante de um morcego que chiava na sua frente com olhos bem vermelhos.

“Que intrigante, de todos os lugares por qual andamos, nunca pensei que fosse encontrar uma da linhagem justo aqui,” chiou Madame Fennoir. “Sinto que essa será uma leitura diferente, e para falar a verdade, estava cansada de brincar com essas pessoas ignorantes da verdadeira energia. Ahhhh.. isso me lembra os velhos tempos...”

Ela olhou para os lados, seus brincos parecendo pêndulos e aproximou-se de Clara.

“Como é que você me achou, querida?” perguntou Madame Fennoir, tirando seu pingente do pescoço e colocando-o de lado.

“Eu... eu não sei do que a senhora está falando.”

Uma risada capaz de tirar qualquer um do sério fez a mesa vibrar. Era espantoso como uma figura daquele tamanho poderia ter uma risada dessas.

“Não se faça de boba, menina. Estamos entre amigos, não precisamos esconder quem somos, pelo menos não aqui dentro. Até mesmo porque sinto a energia do seu encantamento daqui.”

Clara não estava entendendo nada.

“Uma menina jovem como você, já mexendo com energia pesada... impressionante. Espero que não se esqueça das consequências, tudo tem um preço a pagar.”

Ela riu de novo, sua risada fantasmagórica fazendo Clara virar ainda mais o rosto.

“Você lembra muito, sim... lembra muito a mim mesma,” seus olhos pareciam lampejar, “nunca tive medo de lidar com coisas que os outros não queriam nem chegar perto, do lado escuro da energia...”

Ela esticou sua mão metálica sobre a mesa e com um gesto pediu a mão de Clara.

“Vamos querida, estamos entre amigas...”

Clara relutante deu-lhe sua mão.

“Impressionante,” repetiu ela com seu chiado característico. “Ainda mais para uma não manipuladora como você. Só entre nós duas, há não manipuladores que são muito mais perigosos que o mais estudado dos manipuladores...”

“Deve ter tido um excelente professor, alguém com extenso conhecimento já que pelo que sinto, essas mãos já conduziram energia pesada, *pesadíssima* na verdade. Me espanta ainda estar viva, essa quantidade de energia é extremamente perigosa para não-manipuladores...”

Madame Fennoir sorriu, mostrando seus dentes brancos pontiagudos como de um morcego.

“Garota corajosa.”

Clara engoliu em seco.

“Vamos ao que interessa,” disse ela virando a mão de Clara e examinando sua palma sob a luz da candeia.

“As linhas nunca mentem querida, é como uma receita única para cada pessoa. Não existem duas pessoas no universo, nem mesmo dois gêmeos idênticos que tenham a mesma leitura. Quer dizer, não para uma quiromancista experimentada...”

Madame Fennoir roçou os lábios em seus dentes pontiagudos.

“Você é única, mais única que a individualidade de cada pessoa. Sabe, pessoas diferentes podem ter linhas iguais, mas nunca, nunca terão a mesma leitura quando se olha a mão inteira.

“No entanto... *impressionante*.”

Ela fez uma pausa.

“Está vendo isso daqui?”

Clara sentiu ela desenhar uma linha em sua mão.

“Essa linha querida, é única, singular. E quando digo única, quero dizer que ninguém em todo o universo terá uma linha igual, nem mesmo parecida com essa.

“Já escutei sobre linhas como essas, mas nunca cheguei a sentir pessoalmente... não até agora. *Impressionante*. De verdade. Linhas como essas são tão antigas como a lenda do primeiro *incubus*... tão antigas, que me fazem pensar...”

Incubus? Clara estava totalmente perdida, teve a sensação de que aquela mulher na sua frente estava completamente fora de si.

Madame Fennoir puxou para mais perto a mão de Clara. Era como se quisesse examiná-la sob a óptica de um microscópio.

“É claro que há várias profecias por aí. Maioria baboseira na minha opinião, mais balela do que qualquer outra coisa. Sim, elas assustam, mas existem para nos alertar, e no final das contas... algumas são verdades.

“Dizem os espíritos dos antigos que cada ser humano tem uma profecia que lhe é própria. Tentei durante anos incorporar a minha e fazer comunicação com o oráculo, mas nunca encontro nada. Por mais energia que coloque no meu transe, sempre retorno de mãos vazias e com uma dor de cabeça filha da puta.”

Clara estranhou aquele rosto tão infantil falando desse jeito.

“Você sabe aonde quero chegar... não?”

“Eu... eu tenho que ir! Minha mãe deve estar me esperando.”

Madame Fennoir riu de boca aberta, parecendo que seus dentes de morcego estavam mastigando o que Clara dissera.

“Tenho certeza que você tem que ir, mas apenas estamos começando. Espero há tanto tempo por uma leitura dessas que sua mãe *vai ter* que esperar.”

Clara notou uma mudança no tom de voz dela, como se uma ameaça pairasse no ar. Pensou em levantar-se, mas seu corpo estava congelado.

“Não foi por acaso que você entrou aqui menina, não, não, não... isso daqui já estava escrito há muito tempo, estava destinado a acontecer. Quem sabe as cartas não nos ajudarão a saber um pouco mais do seu destino?”

Antes que Clara pudesse piscar, um baralho apareceu em cima da mesa e as ágeis mãos da cigana já estavam embaralhando-o. As cartas eram maiores que um baralho convencional e naquelas mãos pequenas, pareciam ser ainda maiores. Um desenho peculiar no formato de uma estrela decorava o verso das cartas.

“Como não é uma leitura, assim digamos convencional, e já que estamos entre *vrajiatoares*, vamos apimentar um pouco isso.”

Madame Fennoir deu uma piscadela para Clara.

“Sangue.”

Clara levantou-se subitamente.

“Olha eu tenho que ir mesmo, de verdade. Muito...”

Madame Fennoir estendeu a mão no ar, as argolas tilintando, e abriu os dedos como fossem garras.

Clara não conseguiu completar a frase, era como se seu corpo tivesse deixado de responder aos comandos. A sensação era que virara uma espécie de marionete.

“Sente-se, querida.”

Como uma marionete, Clara sentou-se. De alguma forma a cigana estava controlando cada músculo seu.

“Vamos lá, a pontinha do dedo, por favor.”

Clara tentou resistir, mas era como se fios invisíveis puxassem seus músculos. Sustentou a mão no ar. Madame Fennoir retirou de algum lugar debaixo da mesa, um objeto que parecia um alfinete. Uma das pontas era bem afiada, mas na outra, uma miniatura de caveira estava moldada dentro de um círculo de metal.

O coração de Clara disparou.

Nério! gritou ela em pensamento. *Nério!*

Ela sentiu uma pontada firme no dedo indicador, mais dolorida do que poderia parecer. Para seu espanto, não saiu nenhuma gota. Em segundos, o alfinete tornou-se da cor vermelha, como se absorvesse o sangue.

Nério, preciso de ajuda!

O braço de Clara relaxou e voltou a posição de repouso. Ainda não conseguia se mover.

“Ora, ora, ora...” chiou Madame Fennoir observando a névoa do incenso na tenda. O movimento circular tornara-se mais rápido. “Alguém está tentando interromper

nossa leitura, minha querida com quem é que você foi se meter? *Tsc, Tsc, Tsc...*”

A cigana colocou o alfinete sobre a mesa. Com suas duas mãos começou a fazer pequenos movimentos circulares até que, como se fosse uma tira de seda, o sangue materializou-se, retornando o alfinete ao seu estado natural.

Clara não podia acreditar no que estava vendo.

O sangue fluía sobre a mesa ao controle dos movimentos de Madame Fennoir. Ela esparramou o baralho sobre a mesa, formando uma espécie de leque com as cartas. Ela fechou os olhos e concentrou-se.

Em um estalido, a fita de sangue rompeu-se em pedaços que planavam no ar. Madame Fennoir puxou o ar e assoprou de leve sobre cada uma das tiras de sangue flutuante.

Como se fosse gotas de chuva, o sangue caiu em determinadas cartas, tornando da cor escarlate cada estrela no verso. Madame Fennoir guardou as cartas que não foram escolhidas.

“Que olhar é esse, garota, até parece que está vendo uma manipulação pela primeira vez,” disse a cigana rindo e logo depois sua expressão ficou séria. “O sangue nunca mente, *nunca*.”

Madame Fennoir virou a primeira carta.

Era a figura de um tipo de gruta ou caverna. Pessoas estavam reunidas ao redor de um enorme buraco parecido com uma abertura de um grande poço, tão grande que parecia que um carro inteiro poderia caber ali. Sobre ele, estava uma cadeira. Mas não era uma cadeira qualquer. Tinha três pernas altas, apoiadas sobre a beirada do buraco e pareciam subir bem uns dois metros acima, onde uma figura feminina estava sentada.

“*O oráculo*,” conclui a cigana com um ar de satisfação. “Estava certa, veja bem menina, o universo já tem algo reservado para seu destino... a não ser que você conheça um oráculo... ou, mesmo, seja um...”

Ela abriu a boca em um grande sorriso, seus dentes mais afiados que a ponta daquele alfinete cadavérico.

“Agora as cartas vão refinar, logo em breve saberei de qual profecia nós estamos falando...”

Ela virou a segunda carta.

Um homem nu estava preso numa teia. Seus braços e pernas estavam esticados, formavam quase um pentágono. A expressão no rosto dele era de que estava vendo a Morte cara a cara. Nos cantos da carta, patas negras e peludas pareciam saltar do papel, como se uma aranha gigante tridimensional estivesse escondida em cima do homem.

“A Teia da Aracne.”

Madame Fennoir alongou ainda mais seus olhos puxados, como se quisesse ver algo invisível.

“Uma trama foi ou está sendo tecida para você menina. Seu grande inimigo é calculista, tal como uma aranha, e uma intrincada teia está lhe aguardando.” A cigana pegou nas mãos de Clara, a temperatura da tenda pareceu cair uns dois graus.

“As cartas não mentem. Veja só o estado do homem preso. Ele não tem salvação. Se você for pega na teia, estará morta. Esse será seu fim.”

Clara balbuciou algo inaudível.

“Ou você queima seu inimigo primeiro, ou terminará exatamente como esse sujeito aqui. Essa carta junto com o oráculo nos dizem que forças extraordinárias estão envolvidas nisso, forças muito maiores que você menina.”

Clara sentiu um aperto na garganta. De alguma forma, sabia de quem a cigana estava falando. *Lina*.

Ela virou a terceira carta.

Uma cidade murada com aspecto medieval estava pintada no papel. Uma bola de fogo, tão grande como um meteoro, estava caindo no céu, deixando um rastro negro de fumaça pelo céu azul.

Os olhos da cigana arregalaram-se.

“*Não é possível,*” chiou ela mais baixo que o costume. “Não pode ser. Era só uma cantiga. Uma cantiga para crianças...”

A cigana levantou rapidamente com a candeia em mãos.

“Vamos menina! MOSTRE-ME SEU ROSTO!” bravejou ela.

Clara sentiu o toque brusco da cigana virando o seu rosto e fechou os olhos com a proximidade da luz da candeia. Estava tão próxima da chama, que Clara sentiu sua pele arder.

“Com que entidade você estabeleceu contato?” Ela chacoalhou Clara. “Quem está com você? ME RESPONDA!”

Clara estava olhando perplexa para a cigana.

“Vamos, não me faça arrancar de você a resposta.”

Clara sentiu as duas pequenas, mas fortes mãos dela enforcando-a. O ar fugiu de seus pulmões.

“*N-N-N-ério...*” disse ela quase sem ar.

Ao escutar esse nome, Madame Fennoir deixou a candeia cair no chão e tropeçou puxando a lona. A chama apagou-se.

Clara! Corre, a barreira foi desfeita, tem que fugir AGORA! gritou Nério, descongelando os músculos da garota.

“*NAAAAAAAAAAAAAAAAOOOOO,*” gritou a cigana com sua voz de morcego. “*Sombras! Sombras se aproximam garota! Tenho que avisar...*”

No momento em que Clara deixou de ser marionete, labaredas de fogo levantaram subitamente das cartas viradas não lidas. Em pouco tempo, o baralho inteiro estava em chamas.

Clara não pensou duas vezes, saiu correndo da tenda, seu ursinho balançando em sua mão.

Clara despediu-se deles e entrou na trilha que levava à cabana, segurando seu urso de pelúcia abraçado. Heitor contornou a rua de terra e acelerou.

“Você viu como a Clara estava quieta no caminho de volta?” perguntou ele com rugas de preocupação se formando em sua testa.

“Deve estar cansada,” respondeu Cármem. “Hoje foi um dia totalmente atípico para ela. Acho que viu tanta coisa que não teve tempo de processar tudo ainda. E, se conheço minha filha, deve estar morrendo de sono, ela está acostumada a dormir cedo.”

A expressão de Heitor relaxou.

“Pois é. Deve estar cansada mesmo. Espero que vocês duas tenham aproveitado bastante.”

“E como!” respondeu ela. “Nem tenho como agradecer.”

Os dois ficaram em silêncio um tanto desconfortável, nenhum sabia o que fazer direito. O único barulho era do motor e o do carro no asfalto agora. A cabana de Joaquim era próxima mesmo de onde elas moravam. Chegariam em poucos minutos.

Vamos Heitor, pense em algo para dizer.

“O tempo está gostoso hoje, não está?”

“Sim, está mesmo. Bem melhor do que aquele calor que ninguém aguenta,” respondeu ela, coçando o pescoço.

O carro mergulhou em silêncio mais uma vez.

Parabéns Heitor, remoeu ele por dentro.

O carro subiu a ladeira e estacionou na frente da casa debaixo de uma árvore. O sol já estava se pondo no horizonte, e a noite já ameaçava começar com seu azul-

escuro invadindo o céu ainda laranja, cuja tonalidade dava um sentimento de efemeridade.

Ele desligou o motor.

“Olha Cármén,” pigarreou Heitor, “nem sei muito bem como dizer isso, mas...”

Ela pegou na sua mão.

“Não precisa,” disse ela e pegando com as duas mãos o rosto dele, beijou-lhe intensamente.

Heitor fora imediatamente transportado para um outro mundo com as várias sensações há tempo adormecidas. O toque dela pareceu eletrizar sua pele e ele sentiu um arrepio por todo o seu corpo. O beijo estava em harmonia, como se ambos os corpos tivessem entrado em ressonância.

Ela aproximou-se dele, deixando seu corpo roçar com o dele por cima do freio de mão. Heitor abraçou-a e com as mãos passou a massagear suas costas como se sentisse cada músculo.

Ele desfez o beijo, ela olhou para ele confusa.

“Será que não é muito cedo? Não quero que pense que eu sou um homem que só quer...”

Cármén o silenciou com seu dedo indicador. Olhou bem fundo em seus olhos e o magnetizou de novo em um beijo.

“Sinhá Clara, faz o favor d’entrá.”

Ela colocou o urso de pelúcia no chão e deu um abraço de tamanduá em Joaquim. Ele a tirou alguns centímetros do chão.

“Feliz aniversário!” exclamou ela, o apertando ainda mais. “Tudo de bom pro senhor, muita felicidade, paz e saúde! E que possa completar muitos anos ainda.”

Clara entrou e sentou-se na mesa, esforçando-se o máximo para não transpor qualquer perturbação em seu rosto.

“Ô Clarinha que felicidade de te ver! Eu sabia que ocê ia se lembrar. Jamais se esquece né, moça?”

Ela sorriu e entregou-lhe uma pequena caixinha que tinha no bolso.

“Não é muita coisa, viu. Só uma lembrancinha que a minha mãe ajudou escolher para o senhor.”

O rosto dele iluminou-se de uma forma que por um momento Clara esqueceu de tudo o que tinha acontecido.

Joaquim tirou da caixa um pequeno broche de metal com seu nome. Sorrindo de orelha a orelha colocou o broche em sua camisa listrada.

“E aí, como estou?” perguntou ele, virando de um lado para o outro como se estivesse mostrando para uma plateia inteira.

“Ficou muito bom, seu Joaquim! Gostou?”

“Se gostei! Adorei!” exclamou ele, estufando o peito para mostrar o broche.

Ele abraçou-a de novo.

“E aquele urso de pelúcia, ali? Não vai falar que é pra mim também?” perguntou ele rindo. Clara não resistiu e gargalhou junto.

“Ganhei ele no circo.”

“Circo? Ahhhhh aquele do panfleto lá?”

“Ele mesmo!”

“Nossa, deve ter sido batuta que só hein?”

Clara contou-lhe tintim por tintim de todas as coisas que tinha visto, menos *aquilo*. Tirou então a foto do bolso e mostrou para Joaquim.

“Olha esses músculos! Eita sô a Clarinha tá bem acompanhada viu,” disse ele dando umas cotoveladinhas de leve nela.

Passaram um pouco mais de tempo conversando sobre o circo. Clara desejou que tivesse convidado Joaquim para ir junto, tinha certeza de que teria adorado. Talvez assim, o incidente com a cigana não teria acontecido...

Clara chacoalhou a cabeça, livrando-se dos pensamentos.

“E aí, o que o senhor me conta? Alguma novidade?”

Joaquim riu com a pergunta.

“Nada muito não. Essa semana foi bem tranquila. Minha 'sôrise deu uma baita de uma melhorada,” disse ele mostrando as mãos e os cotovelos, “a única coisa que aconteceu assim de diferente foi a suspensão lá da filha do prefeito... Você ficou sabendo, né?”

O rosto de Clara escureceu.

“Sim, soube que ela foi pega roubando umas coisas, mas o povo fala muito, já não sei o que é verdade e o que é mentira. Mas, não sabia que o senhor estava envolvido.”

“Pois é, menina. Sabe como a gente sempre limpa as sala quando cês tão lá na edurcação física?”

Clara negou com a cabeça. Não tinha ideia de que faziam isso. Mas pensando bem... a sala sempre parecia mais organizada depois que voltava das aulas.

“Então,” continuou ele, “estava eu lá indo pra sala do 2ºA quando vejo a m'nina do prefeito fechando a porta. Fui lá di finin e fiquei espreitando a dita cuja. E num é que ela vai de carteira em carteira, vasculhando as coisas? Depois pega uma mochila, esparrama tudo no chão. Ela tava procurando alguma coisa, mas num tava encontrando.”

Clara escutava com atenção.

“Daí num é que ela abre o estojo e acha um celular lá dentro. Aí ela pega o dela e acho que mandô uma mensagem ou coisa assim pro outro aparelho. Sei disso porque vi o treco lá brilhando.”

Joaquim recuperou o fôlego.

“A gente sabe quando as pessoa tão fazendo argo errado. Daí eu entro na sala e ela esconde o celular como se não tivesse fazendo nada, ahhhh, me engana que eu gosto, sô!”

“Daí o que o senhor fez?”

“Uai, levei ela direto pra diretoria. No final das conta, ela se trupicou nas próprias mentira e o chefe lá suspendeu ela. Olha eu achei bão porque aquela m’nina num é flor que se cheira não, viu?”

“Nossa, eu sei e *como*,” respondeu Clara seu tom de ódio bem evidente.

“Eita, num m’fala que ela aprontô argo com ocê também já?” ele perguntou batendo a mão no colo.

Clara foi pega desprevenida. Travou e não soube o que responder.

“*Então*,” engasgou ela, seus olhos começando a arder.

“Ô Clarinha, pode falar sô, de verdade, cê sabe que ocê é que nem família pra mim. Era ela que tava te enchendo daquela vez lá, num era?”

Ela concordou.

“Mas agora, seu Joaquim,” disse Clara num tom sério, enxugando o início das lágrimas, “eu vou me vingar, ela não perde por esperar...”

Ele abraçou-a e a trouxe para bem perto.

“Ô Clarinha, eu sei que é difícil viu. Esse povo aí tudo metido a besta acha que eles num fede e pode tratar nós desse jeito. Mas, escuta só o que vou te falar.”

Ele olhou bem nos olhos dela.

“Num vale a pena. Vingança num leva a nada. Só carsa mais destruição e depois mais vingança e mais destruição.”

“Mas o senhor não entende, ela...”

“Não importa o que ela fez,” interrompeu ele. “Olha só pro’cê. Está linda e sardável com todo um futuro q’eu sei que vai sê brilhante, tão brilhante como a estrela mais linda do céu, ocê vai ver só.”

Clara lacrimejou.

“Num vale a pena,” repetiu ele. “Ocê é melhor que isso, eu sei disso. Nesse coraçãozinho num tem um pinguinho de mardade.”

Como ele estava errado.

7

“Nério, o que aconteceu na cabana da cigana? Preciso que me conte, porque não tenho ideia do que aconteceu de verdade, tudo pareceu tão surreal...”

Clara estava caminhando de volta para casa nas primeiras horas do anoitecer. As ruas já estavam iluminadas pelos postes velhos e deteriorados, mas ainda não estava aquele breu da madrugada, as casas estavam todas acessas. Alguns preparando o jantar, outros assistindo televisão, mas certamente ninguém dormindo ainda.

Clara, existe muita coisa no mundo que você, querida, desconhece, começou Nério num tom desanimado. Tentei te proteger, pois reconheci aquelas pessoas. Bem, não exatamente as pessoas em si, mas o tipo delas. São pessoas como nós.

Clara acenou para uma conhecida distante que passeava com um cachorro, tentando andar o mais natural possível.

“Como nós?” perguntou Clara sem mexer os lábios. Não queria ser vista falando sozinha.

Sim, pessoas especiais, concluiu Nério. Como você e sua marca... como eu e a Madame Fennoir.

“Como é que ela fez aqueles truques de mágica, ilusionismo? Aquilo me tirou do sério...”

Querida, aquilo que você presenciou, nenhum que se diz “mágico” hoje em dia conseguiria fazer. Você, Clara, estava diante de uma manipuladora em carne e osso.

“Manipuladora *uhmm*, ela comentou isso várias vezes e ficava dividindo as pessoas em manipuladores e não manipuladores.”

Exatamente, respondeu ele. Manipulador é só um termo que usamos para pessoas com o poder de conduzir e modificar a energia. Existem vários outros nomes: bruxos, feiticeiros, magos, conjuradores... mas tudo quer dizer a mesma coisa.

Clara esperou pela continuação, mas algo em seu estômago já começara a apertar.

“Nério... você é um manipulador, não é? Como aquela cigana... um poder tipo de bruxaria...”

Exatamente. Poder como o da velha cigana que você viu na tenda.

Clara achou estranho o adjetivo *velha*, pois Madame Fennoir parecia muito jovem, na casa dos vinte, mas não quis insistir.

Há muitos como nós em vários lugares do mundo, continuou ele, vivem em comunidades isoladas, ou infiltrados na sociedade, e podem passar por pessoas normais. Manipuladores são pessoas que descendem, de uma forma ou de outra, vou explicar agora, de um indivíduo muito, mas muito especial.

Clara escutava atenta.

Esses indivíduos que falei estão presentes em várias culturas no mundo todo. E são raros. Há quem diga que aparece um a cada cem, duzentos anos, mas ninguém sabe ao certo. Mas eles têm poder.

Poder de manipular a energia que está em todas as coisas. Olhe ao seu redor, querida.

Clara parou de andar e contemplou o que estava ao seu redor.

Está vendo? Árvores, o vento, a lua, os animais, as estrelas... tudo tem energia acumulada. E, mais importantemente, as pessoas.

Clara reparou em uma casa cuja janela aberta mostrava uma família ao redor da televisão. Estavam vidrados na tela iluminada.

As pessoas são energia na forma mais volátil, por assim dizer. O sangue não carrega apenas nutrientes pelo corpo... Não. Ele carrega energia, fluido vital, algo que ciência nenhuma conseguiu isolar.

Há muitos nomes para aqueles indivíduos raros que lhe comentei. Depende da cultura e do contexto histórico. No Antigo Egito, existia a longa linhagem de sacerdotes, não estou me referindo aos que eram apenas curadores, mas aqueles realmente com dominação avançada. Todos eles descendem de um único indivíduo com o poder original. Já ouviu falar de pessoas como o Rasputin na Rússia? Ou as Pitonisas na Grécia Antiga? Então, a mesma coisa.

A verdade é que quase toda cultura do mundo, algumas mais evidentes do que as outras, tem alguma passagem de manipuladores. Cada linhagem de manipuladores deriva de um desses indivíduos, que costumamos chamar de incubus.

Aquilo pareceu ecoar na cabeça de Clara como o badalar do sino da igreja de Novo Triunfo, de alguma forma o termo era familiar.

Incubus porque diz a lenda antiga que essas pessoas são frutos de um cruzamento entre um humano e uma espécie de ser sobrenatural com vários nomes. Alguns chamam de demônios, anjos... bem não importa, depende do seu ponto de vista.

Cada incubus é dotado da capacidade de manipular ao extremo a energia ao seu redor e seus descendentes podem herdar, mas não necessariamente, uma parte desse poder. Claro que nada, mas nada se compara ao poder que o próprio incubus manipula, mas cada manipulador descendente tem o suficiente para fazer grandes coisas... para o bem ou para o mal.

Clara sentiu seu estômago dar nó. Seus pelos do braço ficaram eriçados.

Mas também existe uma forma, sombria, é verdade, mas existe do mesmo jeito, de virar um descendente, um manipulador. Por mais que não haja relação alguma de sangue com algum incubus. Mas isso não vem ao caso, agora.

Madame Fennoir pertence a uma das linhagens que existe aqui nesse país e possui um vasto conhecimento na área de previsão do futuro, revelação pelas cartas...

“Então você e Madame Fennoir são manipuladores que descendem de um indivíduo chamado *incubus*?”

Muito bem.

“Mas não são da mesma linhagem.”

Nem de longe, respondeu Nério, as linhagens, ou clãs, também outra forma de se referir a essas famílias, não possuem uma coexistência pacífica. Pelo contrário. O mundo da manipulação é marcado por um longo rastro de sangue que vem de séculos e séculos...

“Foram eles que te mataram não foi?” perguntou ela com a garganta seca.

Sim, foram... mas fizeram coisas piores com as pessoas que eu amava.

Clara caminhou em silêncio por algum tempo, não soube se deveria perguntar mais sobre o passado dele ou não.

Há várias linhagens que se infiltraram nos negócios humanos. Política, economia, cultura. Isso ajuda a passarem despercebidos e, de certa forma, isso amplia seu poder, controlam mais coisas e se enriquecem. Muitas vezes utilizam os negócios humanos para seus próprios interesses.

O incêndio na minha comunidade não foi um evento natural, por assim dizer. Fogo nenhum se espalha assim tão rápido. Manipuladores, Clara. Manipuladores cercaram com chamas as saídas, impedindo as pessoas de se salvarem. Uma linhagem tinha interesse que aquela área fosse limpa, um empresário precisava dela. Foi uma espécie de acordo, você me entende? Um jogo de interesses, um favor em troca de outro...

“Sinto muito Nério, de verdade,” disse ela com sua voz um tanto engasgada.

Clara sentou-se na calçada. De alguma forma que nem mesmo ela sabia como, ela o envolveu num abraço.

Eles destruíram tudo o que eu conhecia. Minha família, meu mundo.

Clara fechou os olhos tentando sentir Nério.

O tempo consegue sarar as feridas... mas a cicatriz, essa não sai. Fica pra sempre. Passei anos da minha vida procurando por justiça, consegui me infiltrar nos negócios das mais poderosas linhagens, aprendi os segredos mais íntimos, as formas de manipulação de energia única de cada família...

E quanto mais eu me aprofundava, mais eu percebia a podridão das linhagens, as coisas que eles não fariam por poder! Alguém precisava colocar um fim nisso tudo, alguém precisava mudar o mundo sombrio da manipulação...

“Você foi atrás deles, não foi?” perguntou Clara, mas já sabia a resposta.

Fui, só que no meio do caminho, tudo mudou querida. Tudo.

Ficaram alguns minutos em silêncio.

Conheci uma mulher maravilhosa, simples, não manipuladora, que me mostrou como a vida poderia ser. Sem destruição, sem violência, sem ganância. Ela me convenceu a parar. Ela me convenceu a desistir desse plano de vingança.

Vivemos muito felizes, Clara. Não sabia que precisava de tão pouco para ser feliz. E os anos foram se passando e cada vez mais eu baixava a minha guarda, achando que estávamos seguros. Mas estava enganado. As linhagens continuaram a odiar umas às outras, mas algo as uniu, pelo menos momentaneamente. Um inimigo comum: eu. Não vou negar, fiz certas coisas que colocaram as linhagens em perigo... e esse foi meu fim, Clara. Esse foi meu triste fim.

Clara sentiu um peso no peito.

Sabe Clara, você e eu temos muito em comum querida. Mais do que você imagina. Foi por isso que você conseguiu se comunicar, estávamos vibrando na mesma frequência. De certa forma, me identifiquei com você e você se identificou comigo, foi assim que estabelecemos contato. E agora, estamos juntos.

“Para o que der e vier,” disse ela.

Exatamente garota.

Clara sorriu, mas logo um medo tomou conta.

“Então quer dizer que eu também sou uma manipuladora?”

Não, Clara, você não é uma manipuladora... você é algo totalmente diferente... há histórias e lendas sobre pessoas como você.

“O que sou eu então, Nério?”

Não sei ainda o que você é, mas sei que posso te ensinar um pouco de manipulação e algo me diz que você vai pegar rápido. Sabe, os não manipuladores também podem usar a energia se aprenderem, afinal, a energia está em todos os lugares. Não da mesma forma e na mesma extensão que nós manipuladores de verdade podemos, mas, mesmo assim, com um pouco de treino, podem fazer verdadeiros estragos.

Clara cerrou suas mãos, sentiu o fincar das unhas na carne.

“Nério e aquelas coisas que a cigana falou? Sabe, sobre as cartas... aquilo me deixou com tanto medo.”

Ela tremeu, como se estivesse espantando seu pavor.

Você teve sua leitura, respondeu ele.

Clara sentiu sua boca seca.

“O que ela falou pode virar realidade, Nério?”

Nério fez um silêncio.

Está preocupada com ela, não está querida? Com Lina.

Clara fez uma cara de nojo, mas não conseguiu esconder seu medo.

“Lina é uma aranha, a cigana não poderia ter sido mais direta. Eu sei que ela está tramando alguma coisa. Ela precisa pagar pelo que fez, *precisa*.”

Um dos erros da minha vida, Clarinha, seu tom era doce, como se estivesse falando com uma criança de oito anos de idade, foi justamente ter aceitado a posição inferior. Baixei a guarda e quando achei que estava tudo terminado, o inimigo veio com tudo e me jogou nas trevas eternas...

Clara ruminou o que ele havia dito, digerindo aquelas palavras. Refletiu sobre sua própria situação. Poderia deixar Lina de lado, é verdade, ainda mais com sua situação nova, com amigos, sem medo de ser quem ela era, com Nério... mas mesmo assim...

“Nério, o que teria feito diferente?” perguntou ela.

Teria me vingado. Acabado de fazer o que eu começara. Não deveria ter sido fraco. Deveria ter protegido quem eu amava. E o único jeito de fazer isso teria sido fazer com que o inimigo nunca mais se levantasse.

Clara lembrou do que Joaquim havia dito, suas palavras ainda frescas em sua memória. A vingança não vale a pena. Era o que seria certo, Clara sabia disso, mas não podia deixar de ver a lógica de Nério. Ele também tinha razão.

Lembra-se da última carta?, perguntou ele.

“A da cidade sendo atingida por uma espécie de fogo vindo dos céus?” disse ela com a mão na garganta.

Sim. É a chamada Vinda da Destruição. Algo grandioso te espera Clara e com minha ajuda, certamente acontecerá.

Eram já quase nove horas da noite quando Joaquim terminou de lavar a louça. Tirou as luvas e olhou para suas mãos vermelhas e rachadas, atacadas pela doença. Movimentou os dedos e sentiu que o fechar das mãos já não estava tão comprometido. Realmente o tratamento estava melhorando. Sentiu-se contente e ficou alguns minutos se contemplando no espelho, os olhos focados naquele broche que reluzia com seu nome em brilhante. De certa forma, aquele pequeno objeto o fez lembrar de sua esposa e de uma época distante. Ela teria adorado. Parecia tão surreal que por um momento pensou imaginar tudo o que vivera com ela. Se alguém chegasse para ele e dissesse que ele nunca teve esposa, talvez acreditaria. Afinal, não havia nada ali exposto que revelaria que aquele homem já fora casado

um dia. Nem fotos, nem lembranças, nem mesmo aquela comida gostosa na geladeira, nem nada. Era como se a morte tivesse vindo aqui e dissesse: *Não vou incomodar não, fique tranquilo, Livia só me pediu para pegar suas coisas, sabe como as mulheres são, nunca sabem o que vão precisar depois que morrem...*

Deitou-se no sofá e cruzou os braços. Sentiu o peso do broche sobre seu peito pela camisa listrada. Será que um dia conseguiria passar um aniversário sem pensar nela? Será que um dia o recordar não seria mais doloroso?

Virou de lado, cansado demais para pensar e foi aí que algo lhe incomodou. Havia alguma coisa fora do lugar. Sentou-se em um pulo e escaneou a pequena cabana. Colocou a mão na testa e suspirou. Tinha razão, havia um objeto que não pertencia ali. O ursinho de pelúcia parecia totalmente fora de cena, encostado na cadeira da mesa. Sua carinha feliz e a gravata borboleta listrada, coincidentemente muito parecida com a camisa que Joaquim estava usando, olhavam para ele como se esperasse que ele tomasse alguma atitude.

Vou ter companhia essa noite, pensou. Mas estava tão acostumado a ficar sozinho, imerso em seus pensamentos, que aqueles olhinhos de vidro pareceram interrogá-lo. Joaquim, sentiu-se observado. De repente, a aquela carinha feliz já não pareceu tão amigável assim. A gravata borboleta que combinava com sua camisa causou-lhe uma estranha sensação, que foi comendo aos poucos seu espírito.

Levantou-se. Estava decidido. Não queria aquele ser ali. Não hoje, nem nunca.

Como se pegasse em um animal peçonhento, Joaquim agarrou o urso pelo braço e saiu a passos acelerados pela porta da cabana. Não trancou a porta, afinal estaria de volta em menos de meia hora e além do mais, se alguém entrasse não roubaria nada de muito valioso.

Atravessou a trilha, sem se preocupar em olhar para o chão. Suas pernas automaticamente sabiam onde pisar e, mais importantemente, onde não pisar. Um pensamento estranho lhe perturbou. Não que tivesse qualquer importância, mas não queria ser visto perambulando a noite com um urso de pelúcia pendurado. São pensamentos como esse que nos obriga a colocar uma roupa em vez de sair de pijama na rua ou de nunca usar chinelos com meias. Quase tão automático como mudar de marcha, Joaquim mudou de caminho. Em pouco tempo de caminhada já estava na beirada da rodovia. Demoraria mais, sem dúvida alguma, mas, pelo menos, não seria flagrado por um conhecido.

A noite estava tranquila e serena, com a lua brilhando em crescente na abóboda coberta de estrelas. Joaquim conseguia escutar, sentir na verdade, a eletricidade dos fios que passavam a quase dois metros acima de sua cabeça. Era como se tivessem vida própria. Pareciam falar na sua própria língua, sussurrar numa melodia única os mais íntimos segredos do universo.

Trrtrtrrtzzzzzzzz... trtrtrtrrrzzzzzzzz...

Sentiu um aperto no peito, uma saudade inexplicável. Joaquim indagou-se se, por acaso, aquela eletricidade sussurrante saberia onde estava sua esposa no momento. Se saberia, por meio daquela conversa incompreensível *trrrtrtrrrrtzzzzzzzz... trrrrrtrrrrtzzzzzzzz...* quando ele iria vê-la novamente.

Como resposta, o universo lhe deu um ruído que quebrou a serenidade da noite. Joaquim não teve tempo de virar para trás para ver o que ou quem era. O caminhão atingiu-o como um trem em alta velocidade. Seu corpo foi jogado mais de vinte metros enquanto o som ensurdecador de pneu cantando ecoava pela rodovia. Sua cabeça foi rachar no asfalto milésimos de segundos depois, deixando uma verdadeira freada de sangue e miolos na pista, enquanto seu corpo rolava ainda mais alguns metros. Seu último pensamento foi que salpicara o ursinho de pelúcia com sangue.

O caminhão entrou pelo canteiro lateral, seu motorista agora acordado, e foi raspando no arame farpado até finalmente parar por completo. O para-choque balançava com a frase *Dirigido por mim, guiado por Deus*, as letras cintilando ao luar.

A rodovia mergulhou de novo em silêncio.

Os fios continuavam chiando acima. Indiferentes.

Trrrrrrtrrrzzzzzzzzzz...

DESENTERRANDO O MORTO

Terça-Feira 26 de Março

1

O caixão estava fechado pelos motivos óbvios. A verdade pairava onipresente sobre a atmosfera pesada da sala. Todos sabiam, é claro, mas era melhor olhar para a fotografia ao lado do arranjo de flores do que imaginar as mil e uma partes despedaçadas do corpo lá dentro. Estava tão próximo e ao mesmo tempo tão longe.

O aroma de flores intoxicava o ar forte o suficiente para deixar Clara nauseada. Sentou-se um pouco na cadeira de plástico e abaixou sua cabeça. Parecia que estava subindo num elevador de vidro, vendo a paisagem ficar longe, lá embaixo, enquanto o medo de cair engatinhava em suas entranhas. Respirou fundo, sentindo sua circulação voltar, mas isso acabou piorando sua náusea. Estava um forno lá dentro e o que quer que fosse que estivesse dentro do caixão branco estaria certamente cozinhando lá dentro, pensou. De repente, Clara sentiu o aroma tóxico das flores baratas compradas de última hora mesclar com uma podridão que só podia ser de carne humana. Sentiu uma queimação na garganta e um gosto acre na boca. Tinha que sair dali. Sem olhar para ninguém, Clara Romanush saiu pela porta de correr da sala e quase escancarou a porta que dava para o cemitério. Caminhou sem rumo entre os túmulos, sentindo o sol da tarde queimar suas costas, até que sob a sombra de uma árvore velha, com galhos retorcidos, sentou e chorou.

Clara...

Ela afundou ainda mais a cabeça entre as pernas, como se aquilo fosse afastá-la da voz que só ela podia escutar.

Clara, Nério disse de novo.

“Por quê? Me diz o porquê!?” explodiu ela.

Estava sozinha, ninguém a escutaria, aumentou seu tom de voz.

“Ele era um homem bom! Não fazia nada de errado para ninguém, nada! Não merecia isso! Foi minha culpa, minha! Se eu não tivesse esquecido o maldito daquele urso de pelúcia lá, nada disso teria acontecido!”

Suas últimas palavras soaram engasgadas.

“Não é justo, não é justo...” sussurrou ela, sua voz perdendo a força.

A dor de perder alguém que a gente ama é impossível de descrever, consolou Nério. Mas fica melhor com o tempo, você vai ver. Não vou mentir, sempre vai ser uma ferida aberta, um poço de indagações de E se? E se eu tivesse feito aquilo, E se tivesse feito isso, cheios de perguntas que nunca terão resposta.

“E o desgraçado ainda fugiu! FUGIU!”

Clara assoou o nariz no próprio vestido.

“Se tivesse prestado socorro, talvez...”

Não, Clara, disse Nério firme. *Não adianta pensar nisso agora, não vai ajudar em nada.*

“Mas tem que ter algo que eu possa fazer! Não é justo, NÃO É!” berrou ela. “O universo simplesmente não tem o direito de tirar uma pessoa assim da minha vida, enquanto um... um criminoso sai impune por aí.”

A vida, querida, é tudo menos justa.

As palavras de Nério foram como um golpe no coração dela e pareceram derrubar todo um castelo de areia de ilusões.

O que aconteceu com ele, Clara, não é justo, claro que não é. Também não é justo terem jogado você de uma ponte com esperança que fosse morrer. Muito menos terem matado minha família inteira bem na minha frente. As coisas são assim.

Clara começou a soluçar alto, não sabia o que estava escorrendo mais, seu olhos ou seu nariz.

“Nério,” gemeu ela limpando seu rosto, “tem algum jeito de descobrir quem atropelou ele? Lina... aquela desgraçada pode esperar, sua hora vai chegar, não esqueci dela. Mas quero pegar o filho da puta que atropelou ele primeiro.”

O vento soprou seu cabelo e Clara sentiu seu rosto gelado.

E o que vai fazer com ele se o pegar?

“Não sei ainda, decido depois,” respondeu ela um pouco irritada. “Então, tem um jeito ou não de descobrir quem é esse merda?”

O sangue de Clara começou a ferver, estava salivando deliciando-se no pensamento de fazer justiça com as próprias mãos.

Tem. Mas não vai ser fácil.

“Ótimo, será um treino para quando a vez *dela* chegar,” respondeu ela, seu rosto escureceu-se do nada. Já não parecia a mesma garota de sempre.

Está disposta a fazer o que for necessário para descobrir?

“Qualquer coisa.”

Clara sorriu e de punhos cerrados levantou-se.

Lina reparou na cara de bunda do atendente. Esforçou o melhor de seus sorrisos e passou a mão no cabelo. Não melhorou em nada, indiferente ao seu charme, ele

continuava com a mesma cara de sempre. Ele rastejou do banquinho no fundo da loja e demorou uma eternidade para chegar no balcão.

“Em que posso ajudá-la?” perguntou ele, olhando mais para o nada do que para ela.

“Queria fazer uma cotação.”

Ele resmungou indiferente.

“Quero saber quanto que ficaria para reproduzir uma foto colorida umas... quinhentas, não, umas mil vezes.”

Ele pegou uma pasta debaixo do balcão.

“Qual o tamãããnhão da foto e em que qualidade de papel seria?” perguntou ele com sua voz anasalada.

“Tamanho normal mesmo, uma fotografia simples e sobre a qualidade... não sei... a que sair mais barato.”

Ele resmungou de novo.

Lina estava já perdendo a paciência.

“Numa folha de papel comum, sulfite A4, dá pra reduzir o arquivo e fazer uma impressão com quatro fotos por página. Impressão colorida vai sair por 90 centavos. Entãããã...”

Soou mais como *entãããã* por causa da sua voz anasalada. O atendente pegou uma calculadora.

“Vai sair por 225 reais.” Ele olhou para o lado indiferente. “Se pagar a vista consigo fazer um desconto de 10%”

Mais barato do que tinha pensado.

“Vou querer sim. Estou com meu arquivo aqui no celular, mas...”

Ele cortou Lina.

“Entãããã a moça que cuida das cópias já foi embora hoje e não posso deixar o balcão sozinho. E fora que já estou quase fechando.”

Ele fez um gesto com a mão como se quisesse mostrar que a loja estava cheia de clientes. Mas não estava. Faltava quinze minutos para fechar e já não havia mais ninguém.

Lina inclinou-se para frente.

“Sabe, moço, eu vou viajar hoje e isso daqui é muito importante, mesmo, de verdade. Será que não dava pra você quebrar esse galho pra mim. Não deve ser tão difícil... é só apertar um botão e deixar imprimindo.”

Ele fez uma cara de: *e eu com isso?*

“Posso até deixar uma caixinha pra você...”

Ele suspirou.

“Tá vendo aquele computador ali no fundo?” indicou ele. “Entra lá cria um pdf com a foto e pede para imprimir quatro cópias por página. Sabe fazer isso?”

Lina assentiu.

“A impressão vai sair logo ali e você pode usar a guilhotina pra cortar. Eu não deveria deixar você fazer isso, mas...”

Lina sorriu.

“Acho que não vai ter problema se for só isso. Você vai fazendo aí enquanto eu arrumo a loja pra fechar, se precisar de alguma coisa, me chame.” Ele fez uma expressão que indicava sua vontade nula de ser chamado.

Para Lina não podia ser melhor. Não queria que alguém bisbilhotasse o que ela estava imprimindo de qualquer jeito mesmo. Tirou sua carteira e deu duas notas de cem e uma de cinquenta para ele.

“Pode ficar com o troco,” disse ela enquanto se abaixava para passar para o outro lado do balcão. “Ninguém vai ficar sabendo que você quebrou esse galho pra mim, relaxa.”

Lina lhe deu uma piscadela.

O lábio superior do atendente deu uma leve mexida, o máximo de um sorriso que ela conseguiria dele. Ele pegou o dinheiro e foi organizar as estantes, sem prestar nenhuma atenção no que Lina estava fazendo.

3

Cármen sentou-se no sofá, sentindo-se exausta, não tanto fisicamente para dizer a verdade. Era um cansaço mais mental e parecia que estava carregada de uma energia densa, que colava no corpo e tornava-o mais pesado. Ela encostou a cabeça no Heitor.

“Sinto muito,” disse ele sentindo um pouco desse cansaço também, “Clara me contou que ele era um homem bem honesto e direito.”

Cármen suspirou.

“Eu gostava bastante dele também, mas a Clara... não tem como comparar. Ela tinha uma relação especial, me entende? Tinha muito carinho por ele e desde que sua esposa faleceu, ela sempre arrumava um jeito de passar um lá, por mais atarefada que estivesse.”

Heitor fez carinho no rosto dela.

“Olha só como são as coisas,” começou Cármen, “era o aniversário dele. Puta que pariu era seu aniversário. Ninguém merece morrer justo nesse dia. Clarinha tinha acabado de passar lá, estava tudo bem e logo depois... foi acontecer essa coisa horrível...”

Cármen lacrimejou e tentou secar o rosto com seu dedo.

“Essas coisas estão fora do nosso controle,” disse ele num tom reflexivo, “acontecem quando menos a gente espera.”

“Você acha que ele sofreu? Sabe, se sentiu alguma coisa...”

“Olha, eu acho que não. Pelo que comentaram, ele deve ter morrido na hora. O caminhão devia estar tão rápido que só o impacto deve ter sido suficiente. Não deve ter sentido absolutamente nada.”

Heitor deixou de lado a parte sobre o estado do corpo, achando que Cármen não precisava ficar sabendo dos detalhes sórdidos que comprovavam que o impacto fora de altíssima intensidade.

“Espero que sim. Aquele homem já tinha sofrido tanto na vida, coitado...”

Cármen suspirou de novo, um longo e doído pesar enquanto passava a mão em seu pingente negro.

“Mas, pelo menos agora ele está em um lugar melhor. A esposa dele deve estar lá esperando. Bem, é isso que eu penso, tem que ter alguma coisa boa nisso tudo, me entende? E também a gente não sabe de qual mal ele escapou. Se estivesse vivo, se tivesse ficado aqui, vai saber o que poderia ter acontecido com ele. Melhor morrer assim rápido e limpo,” aquela palavra soou estranha para Heitor, mas ele não comentou nada, “do que passar meses na cama morrendo devagar de câncer, por exemplo...”

Heitor fez um som com a garganta, concordando com o que fora dito. Não que acreditasse muito no que ela estava dizendo, mas admirou sua forma de ver as coisas. Cármen estava triste, é claro, mas estava aceitando. Já quanto a sua filha...

“E a Clara, você acha que ela vai ficar bem?” perguntou ele.

“Vai ser doído, mas ela vai ficar bem. Aquela menina parece mais forte a cada dia.”

Os dois ficaram sentados no sofá um bom tempo sem trocar uma palavra.

Cármen levantou-se quando Heitor estava quase pegando no sono.

“Sabe o que vai ser bom?” perguntou ela, seu rosto acendendo um pouco enquanto espreguiçava. “Um bom banho. Esses velórios têm uma energia pesada. Parece que gruda na gente, não sei.”

Heitor levantou-se também, era o sinal que indicava que precisava ir. Quando foi despedir-se, ela pegou sua mão e disse:

“Isso não foi um comentário para que você fosse embora. Ao contrário. Vamos nos livrar desse clima pesado juntos. A não ser que você queira ir.”

Ele beijou-a devagar.

“Os velórios não deveriam ser um ritual de tristeza, mas sim de felicidade. Lembrar de todos os momentos bons que a pessoa teve durante a vida. E,” disse ela encostando seu nariz com o dele, “para lembrar aos que ficaram de aproveitar cada momento, cada instante da nossa vida.”

Heitor ergueu as sobrancelhas. Não estava esperando por essa.

“Se tem um momento que precisamos de carinho, de amor, tanto físico, como emocional, são em circunstâncias como essa.”

Ela abraçou-o forte contra seu peito. Desceu as mãos pela sua cintura e espremeu o quadril dele contra o dela. Heitor sentiu uma intumescência em sua calça e ela o sentiu também.

“Precisamos nos lembrar que ainda estamos vivos,” sussurrou ela.

De mãos dadas, os dois subiram as escadas.

4

Lucas esparramou-se na cama nessa terça-feira à noite, e Mélanie provou o pufe azul, era bem mais confortável do que parecia. Nunca imaginara que um dia visitaria o quarto dele. Esse pensamento lhe soou estranho, sendo prova viva de como as coisas haviam mudado em tão pouco tempo. Em questão de mais de dias, Lina passou de sua melhor amiga e confidente para a maior vadia *ever*, enquanto Lucas de um otário para sua única companhia. E tinha que admitir que estava gostando de passar o tempo com ele. Bastante.

“O que você acha que ela deve estar fazendo esse período que está suspensa?” perguntou Mélanie.

Lucas estava olhando o teto, o pôster dos *Mamonas* parecia olhar de volta.

“Meu pai comentou hoje de tarde que viu o prefeito e Lina saindo de carro. Frederico fez questão de parar e cumprimentar meu pai, como se tivesse enganando muita gente, aquele filha da puta. Disse que estava levando Lina pra não sei aonde, bem não importa, mas tipo que passaria a semana toda fora.”

Mélanie franziu a testa.

“Achei estranho e passei lá na frente. Aquilo tava meio que me cheirando alguma coisa... E tipo dei sorte e acabei cruzando com empregada que tava colocando o lixo pra fora. Ela me conhece, então não teria por que mentir. Perguntei se Lina estava em casa e ela disse a mesma coisa: que só voltaria semana que vem.”

“Hummmm... estranho é sem dúvida nenhuma,” disse Mélanie, “mas chega de falar dela.”

Ele levantou-se da cama e sentou na beirada.

“Você tá certa Mel, chega de falar daquela FDP. Cê tá a fim de fazer o quê?”

Mélanie segurou sua língua para não dizer: *transar com você na sua cama*.

“Curte videogame?” perguntou ele. “Topa jogar alguma coisa?”

Ela disse que adoraria.

No fundo nunca gostou muito de jogos eletrônicos e toda essa nerdice, como ela costumava dizer. Mas, teve que dar seu braço a torcer (mais uma vez) porque a verdade foi que até gostou da experiência.

Ela e Lucas deram boas risadas enquanto jogavam *Xbox* e o mundo pareceu voltar ao normal, pelo menos por uns instantes.

Ele estava de novo naquele lugar sombrio no meio do nada. O nevoeiro parecia tão denso como o da outra vez e parecia engoli-lo como um monstro gigantesco. Ele correu pelo calçadão, com aquelas pedras que faziam figuras estranhas e psicodélicas no chão, procurando por ajuda naquela fumaça branca. O sentimento

que já tinha estado ali lhe caiu como uma pedra no peito, esmagando sua esperança de sair.

É um sonho, parece real mas não é... vou acordar daqui uns instantes e tudo estará bem...

Um comprido grito parecendo uma chaleira apitando no fogo reverberou pelas pedras retangulares do calçadão.

Você tem que acordar! AGORA!

Heitor correu o máximo que pôde, mas teve a sensação de que o chão estava se movimentando junto e que ele não estava saindo do lugar. Sentiu o desespero comer suas entranhas e quando olhou ao redor, viu que estava no parquinho infernal.

A fila infinita de gangorras enferrujadas pareceu acenar para ele, como se dissessem: *bem-vindo Heitor, estávamos à sua espera!*

Tudo estava em movimento e o parquinho pareceu tomado de vozes, como se crianças invisíveis estivesse brincando tranquilas, indiferentes ao pânico do adulto solitário no nevoeiro.

Sentiu algo tocar-lhe a mão e cada pelo em seu corpo ficou em pé.

Era ela. A garota com olhos de gato. Estava triste, os olhos inchados e lágrimas escorrendo em seu rosto.

Você não veio me procurar... preciso lhe contar...

Heitor tentou fechar os olhos, mas era impossível nesse estado de consciência. Sentiu o piso afundar como areia movediça, engolindo suas pernas e a garota dos olhos de gato pareceu ficar cada vez maior e maior.

Tem coisas que você ainda não sabe...

Me ajude! Ele tentou gritar, mas a garota já soltara a sua mão e se afastara tristonha.

As pedras do calçadão pareciam garras que o puxavam para baixo, para as profundezas daquele mundo sombrio, era como se fosse pequenos dentes

mastigando seu corpo.

Heitor acordou sentando-se na cama com um movimento brusco, sentindo falta de ar. Levantou o lençol e com a luz da janela procurou por marcas de dentes em sua pele.

Estou ficando louco, pensou.

Virou de lado e olhou Cármén dormindo tranquila de bruços. Deitou-se de novo e colocou seus braços sobre o corpo nu dela. Ela deu uma mexida, murmurou algo incompreensível e se ajustou ao corpo dele.

Queria trazê-la ainda mais para perto.

Para protegê-la.

Heitor não conseguiu explicar, mas um medo de perdê-la apertou seu peito.

Com sua mão livre, trouxe o lençol de volta e cobriu Cármén. Ele demorou para pegar no sono de novo.

6

Ela encostou a bicicleta velha, toda enferrujada, no muro, com o maior cuidado para não fazer um único ruído. Gostou da sensação de usar algo que lhe pertencera. Isso lembrava a razão de estar ali.

Vingança não vale a pena.

As palavras dele reverberaram em sua cabeça.

Coitadinho, não sabia de nada.

Com uma agilidade que nem mesmo ela sabia que tinha, Clara Romanush escalou a árvore, jogou a mochila, que tinha nas costas, do outro lado do muro. Estava esperando por um barulho maior, mas a queda fora atenuada pelo gramado.

Engatinhou pelo grosso tronco, as folhas batendo em seu rosto, e pendurando-se, fez uma queda silenciosa. Amortecera flexionando os joelhos e apoiando-se com as mãos, numa destreza que não conhecia. Não precisaria de lanterna com a noite iluminada que estava fazendo mas, mesmo assim, saqueara uma do depósito que Joaquim tinha na cabana.

O guarda está dormindo, não escutou nada, disse Nério, o caminho está livre. Esqueceram de trancar a porta, tem uma pá logo ali.

Clara não imaginou que trabalhar com Nério seria tão eficiente. Os dois pareciam estar em perfeita sintonia. Gostou dessa sensação. Bem melhor do que ficar ruminando sobre o passado e não fazer nada, Nério estava certo.

A pá estava exatamente onde ele dissera.

Sob a luz do luar, Clara caminhou entre os túmulos que se espalhavam em todas as direções. Por mais incrível que possa parecer, se havia uma coisa em toda Novo Triunfo que era grande o suficiente para se parecer com o das cidades maiores era o cemitério.

Os túmulos mais próximos da entrada do cemitério eram de mármore e todos ornamentados, e pertenciam às famílias tradicionais de Novo Triunfo. Clara estava caminhando para a seção de lotes onde se enterravam os invisíveis da cidade. Pessoas que não tinham dinheiro para comprarem um terreno melhor e que sempre faziam a escolha na última hora, literalmente. Pessoas que ninguém visitaria e que o tempo apagaria os nomes junto com os restos mortais que ninguém ligava. Era melhor que uma cova para indigentes, era isso que os funcionários sempre diziam quando limpavam a placa fincada diretamente na terra, feita de um metal qualquer aí, nada que pudesse gerar valor àquela mão boba.

O terreno mudou de repente. Já não era mais concreto, mas terra batida. Clara estava chegando perto de onde Joaquim fora enterrado.

“Espero que a água ainda esteja quente,” murmurou Clara.

A garrafa térmica deve mantê-la quente o suficiente querida.

“E se eu fizer alguma coisa errada?”

Não vai acontecer. Te guiarei passo a passo. E te darei forças que você jamais imaginou ter.

Clara sorriu e com as palavras dele, já se sentia diferente. Estava tranquila, seu coração batendo no ritmo natural em seu peito. Estava mais forte, mais determinada, mais... ela não conseguiu definir, era um apetite novo esse que sentia. Havia qualquer coisa de sensualidade nele, difícil de definir.

Fincou a pá na terra mole e se surpreendeu com a facilidade com que ela entrou. Em pouco tempo, já tinha feito um grande buraco e uma pilha de terra esfarelada crescia no canto. Seus braços, antes fracos, não hesitaram uma única vez, era como se materializasse energia a partir do luar, sustentando-a pelos movimentos braçais.

Um baque surdo indicou o contato da pá com a madeira. Limpou o suor do rosto e não parecendo nem um pouco cansada, continuou a tirar a terra até que o caixão estivesse descoberto. Pensou que teria alguma trava ou coisa do tipo, mas viu que conseguia abrir a parte de cima com facilidade

Antes de abrir, pegue sua mochila e o que vai precisar. Deixe tudo preparado para que só falte aquilo antes de completar o ritual, Nério lhe instruiu.

Clara escalou de volta e abriu sua mochila. Parecendo que fizera isso milhões de vezes, ela pegou o saco de sal e com naturalidade fez uma espécie de retângulo ao redor da cova como se quisesse isolar a área.

Muito bem, muito bem, disse Nério com certo orgulho na voz, *para que serve mesmo o sal, minha querida?*

“Serve para concentrar a energia que vamos manipular e isolar de interferências externas,” respondeu ela com uma fluidez como se tivesse sido perguntada o resultado de $2 + 2$.

Ela devolveu o sal e vasculhou a mochila pelo seu canivete. Com ele em mãos, afundou-o numa região do braço que seria facilmente escondida por uma camiseta. O sangue jorrou instantaneamente. Sua expressão não revelou ter sentido alguma dor. Na verdade, pareceu que aquilo a fortalecera ainda mais.

Aonde e qual runa irá desenhar?, perguntou ele.

“A que representa a lua. Vou canalizar a energia dela junto com meu sangue, desenhando a runa na minha testa, para abrir meu canal de energia.”

Você aprende rápido.

“Tenho um excelente professor,” retrucou ela e por curtos instantes o rubor da Clara antiga iluminou seu rosto e ela sorriu. Mas logo depois seu rosto retornou para a expressão de concentração.

Pegou a garrafa térmica e entrou na cova, o sangue escorrendo pelo seu braço.

Clara fechou os olhos e concentrou-se. Com a ponta dos dedos desenhou na sua fronte a runa que Nério lhe ensinara. Visualizou com toda sua força o formato da lua nessa noite, imaginou, tal como ele instruíra, seus raios sendo projetados e canalizados sobre a pequena área em sua testa.

Clara abriu os olhos, um novo brilho reluzia neles.

Está sentindo?, perguntou ele.

Era como se Clara fosse uma árvore e estivesse absorvendo energia por raízes invisíveis que se projetavam da runa escarlata em sua testa. Sentiu como a energia fluía pelo seu corpo e se dissipava, saindo pelos seus pés.

Clara gargalhou baixinho. A sensação era incrível, impossível de descrever. Era como se cada célula em seu corpo tivesse acordado.

Abriu a tampa do caixão.

Um odor podre, de carniça, capaz de deixar qualquer um louco, exalou no ar e tomou conta da cova.

Clara sorriu e respirou o cheiro como se fosse o cozinhar de sua mãe. Tudo era diferente. Viu, ou melhor, sentiu como tinha energia naquele vapor que saía do caixão. Era uma outra densidade, e parecia que essa tipo de energia grudava na pele.

Ajoelhou-se e com uma das mãos desnudou os restos mortais do lençol branco.

O que vai fazer agora?, perguntou Nério com a paciência de um professor.

“Preciso lincar meus olhos com os olhos dele.”

Exatamente. Sabe como fazer isso?

“Sei,” respondeu ela firme.

Uma cabeça desfigurada e achatada, com um rombo em uma das têmporas, encarava Clara. A boca estava aberta de lado, como se a mandíbula estivesse deslocada em uma risada fantasmagórica.

Clara sentiu a energia densa que emanava daquilo na sua frente. Um fino rastro de sangue escorreu lentamente entre suas sobrancelhas e sob a luz do luar, pareceu ser feito de prata líquida.

Fazendo um formato de gancho com seu dedo indicador, ela arrancou, em dois movimentos rápidos e precisos, ambos os olhos do falecido. Sentiu o rasgar do nervo óptico quando os puxou e uma pequena cauda ficou pendendo de cada olho. Colocou os globos oculares na tampa da garrafa térmica que serviria como uma xícara.

Um pequeno vapor fez uma espécie de névoa quando ela despejou a água fervente na tampa. Pegou o canivete e começou a esfalear o conteúdo, fazendo suaves movimentos circulares. Em pouco tempo, o líquido adquiriu uma coloração negra escarlate com pequenos flocos de carne.

Mergulhou os dedos e pegou aquele conteúdo viscoso e pintou suas pálpebras e todo a região ao redor de seus olhos. Clara sentiu o queimar da água morna na pele e as pequenas lascas do conteúdo descendo pelas bochechas.

Sua percepção de visão agora está vinculada à energia sensorial dos olhos dele, Nério explicou. Mas para isso funcionar ainda falta um pequeno detalhe. Sem ele, isso não funcionará, um último elo deve ser feito que uma momentaneamente o seu corpo com o dele.

“Sim. Eu preciso ser ele. A energia cósmica que fluía através dele deve achar um caminho para fluir por mim também.”

Clara sentiu Nério colocar as mãos nas suas costas.

Mantenha forte na sua mente o momento que você quer ver. Uma vez estabelecido o fluxo é fácil se perder dentro das percepções, ainda mais visuais, de uma outra pessoa. Mantenha o foco e saiba o que está procurando. Está pronta para isso, Clara?

“Como nunca estive,” respondeu ela firme.

Ela inclinou-se e levantou a cabeça do cadáver, sentindo a rigidez do corpo com as mãos. Os dois ficaram tão próximos que ela conseguia sentir sua própria respiração. Estavam cara a cara, ela com o rosto desenhado e com um contorno negro e viscoso ao redor dos olhos, enquanto ele com seus dois buracos negros nas órbitas e a mandíbula deslocada.

Clara respirou fundo e abocanhou a carne com uma voracidade selvagem, rasgando uma boa tira. Mastigou o melhor que pôde a carniça dura e engoliu, sentindo o passar de Joaquim goela abaixo.

Um zumbido ensurdecador foi aumentando em seu ouvido, até o momento em que ela perdeu a consciência por completo. Clara caiu, se esparramando sobre a madeira branca do caixão. Um baque oco fez a cova vibrar.

7

Era como viajar na velocidade da luz por um grande túnel de paredes embaçadas.

Mantenha o foco, ela disse a si mesma enquanto cenas incontáveis passavam diante de seus olhos.

Era como ver tudo e nada ao mesmo tempo.

A névoa se transformava diante dela, pessoas se formavam, cenas apareciam e reapareciam numa infinidade de possibilidades. Choviam gotas de lembranças variadas em seu rosto, como se estivesse correndo em um temporal. Tudo era confuso e embaçado. O único sentido que possuía era a visão. Tudo estava sem som, exatamente como se tivessem apertado o mudo na televisão. Era uma sensação estranha essa e percebeu que estava desviando sua mente, querendo prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo.

Foco, repetiu ela.

Percebeu então que com sua concentração, ela conseguia diminuir a velocidade na qual atravessa essa espécie de túnel do tempo. O nevoeiro tomou-a por completo,

agora que ela andava mais devagar, e foi aí que Clara viu o urso. Sim, era seu ursinho de pelúcia, estava na sua mão como os jogos de videogame em primeira pessoa.

Não tinha controle nenhum sobre o que estava fazendo, era como assistir a um filme, as cenas todas programadas, mas era ela o personagem. Concentrou-se para não deixar a imagem escapar, havia vários estímulos visuais, seria muito fácil perder-se.

Saiu pela porta da cabana, estava de noite e trazia o urso pela mão. O caminho por entre a mata passou tão rápido, como se ela, ou melhor, ele não tivesse prestado muito atenção no trajeto, perdido em seus pensamentos.

O tempo deu um salto e quando se deu conta estava na rodovia. Sua câmera pareceu girar de um lado para o outro, como se ele buscasse por algo. De repente uma luz forte o cegou e ele viu as faixas brilhantes da rodovia passarem rápido na pista. Estava no ar flutuando, tudo pareceu desacelerar, e o chão foi chegando mais perto até que tudo escureceu por completo, como se tivessem tapado a lente da câmera. Quando voltou a enxergar, o mundo estava virado de lado, a pista da rodovia uma grande faixa na direita da tela. Um vulto se aproximava. A visão pareceu dar umas falhadas e, com cada corte, a figura chegava mais perto.

Era o rosto dela. *Dela*. Lina Unschuld. O carro preto que Lucas usara estava ali logo atrás, impossível de confundir. Mais pessoas saíram do carro. A tela escureceu de novo. Quando voltou, o mundo não estava mais girando e ele olhava para o céu estrelado, raiado pelos fios de transmissão.

Lina sorria alegremente para Joaquim e seus lábios se moveram, mas como não havia som, Clara não conseguiu entender o que ela estava dizendo. Formando um círculo ao redor de seu campo visual, juntaram-se àquele sorriso, os rostos de Lucas, Mélanie e Felipe.

Tudo ficou escuro.

A última gaveta da esquerda, lembrou-se das palavras de Nério.

Encontrou um aro de metal com duas chaves e uma etiqueta: *Reserva cozinha e portão*. Guardou no bolso, isso poderia ser útil mais tarde.

Acendeu a lanterna, um halo de luz iluminou o corredor. Nério foi lhe guiando até chegar à porta que guardava a entrada para o quarto de Lina.

Clara abriu o armário, empurrando as roupas para o lado. Os cabides deslizaram na estrutura de metal produzindo um som parecido com um gemido. No fundo do armário quase imperceptível, havia uma pequena caixa de sapatos escrito: *Recordações*. A letra era grande e sinuosa, num estilo bem feminino.

Clara sentou-se no chão e abriu a caixa. Não sabia como Nério sabia dessas coisas. E se realmente encontrasse o que estava buscando, Clara faria Lina *comer na palma de sua mão*. Antes de matá-la, é claro. *Vingança é um prato que se come frio*.

Ela sorriu com o pensamento.

Dentro da caixa encontrou várias fotos. A maioria era de Lina sozinha em vários lugares. A garota já tinha conhecido vários países. Nas fotos, parecia sempre fazer a mesma pose: quadril inclinado para um lado, cabeça para o outro e uma das mãos no cabelo. Qualquer pessoa pareceria falsa demais na foto, como se a pose tivesse sido calculada. Mas, Lina não. Era totalmente fotogênica e conseguia sair nas fotos com uma naturalidade impressionante. Uma espontaneidade de dar inveja.

Clara tirou as fotos de cima, as mais recentes, e as colocou de lado enquanto vasculhava mais o conteúdo da caixa. Achou uma foto com um logotipo de um parque de diversões que mostrava Lina e o prefeito na descida de uma montanha-russa. Deveria ter no máximo uns dez anos e já exibia seus traços fortes. A expressão no rosto era a de maior felicidade e parecia que pai e filha estavam tendo a diversão de suas vidas.

Clara sentiu um nojo, subir-lhe pela garganta, tão ácido como o refluxo.

Quanto mais avançava nas fotos, mais antigas elas iam ficando, como se Lina as organizara mais ou menos em ordem cronológica.

Continuou vasculhando, podia passar a madrugada inteira analisando cada detalhe, mas precisava seguir em frente.

Chegou então ao período em que Lina deveria ter uns cinco ou seis anos. Percebeu pela qualidade das fotos que sim, elas eram antigas e mesmo o material era diferente.

Clara arqueou as sobrancelhas.

Já tinha acostumado a ver sempre Lina sozinha ou junto com Frederico nas fotos. Raramente aparecia uma terceira pessoa. Só que agora, as fotos tinham um outro elemento.

Uma figura claramente feminina acompanhava Lina para um parquinho, de mãos dadas. As duas sentadas na mesa da cozinha comendo uma do lado da outra. Lina num balanço, a mulher empurrando. Frederico e a mulher abraçados, Lina ao meio. Lina no colo da mulher, beijando sua bochecha. E ela se repetia em cada uma das fotos.

Clara não teve dúvida: aquela era a mãe de Lina.

Pareciam uma família completamente normal e feliz. Se não fosse pelo rosto rabiscado com caneta azul da mulher em todas as fotos, as imagens poderiam servir para propagandas de revista. Aquele detalhe macabro arruinava a serenidade das fotos.

Clara passou o dedo indicador no buraco negro rabiscado de uma foto e sentiu a textura. Fora feito com um traço tão forte que o papel cedia para o verso, criando uma espécie de depressão na imagem. Em uma das fotos, o rabisco chegara inclusive a fazer um pequeno furo no papel.

Clara teve a sensação de que a raiva ainda estava aprisionada nas imagens que estava segurando. Claro, disse a si mesma lembrando-se da explicação anterior de Nério. As emoções são uma forma especial de energia e podem ser armazenadas em objetos desde que o emissor mantenha o vínculo afetivo em sua memória. *Lágrimas*. Aquelas fotografias foram manchadas com lágrimas de raiva. O vínculo foi feito através da água e mantinha-se forte porque a essência continuava viva dentro de Lina.

Mas ainda precisava encontrar o que precisava.

Deve estar aqui em algum lugar...

Esvaziou o conteúdo da caixa no chão. Com a lanterna examinou as paredes de papelão. Bem em um dos cantos, havia uma tira de fita crepe branca, como se tivesse sido utilizada para remendar um rasgo, afinal a caixa não era exatamente nova.

Passou a mão nela, sentindo sua textura.

Tinha que admitir, Lina era esperta.

Com sua unha, Clara descolou facilmente o pedaço de fita crepe. Um pequeno chip metálico caiu no chão. Talvez fosse o menor *pendrive* que Clara já vira na vida. Ninguém suspeitaria que estava escondido justamente ali. E qualquer pessoa que bisbilhotasse, certamente ficaria perdida com as fotos (ainda mais as rabiscadas) que certamente nunca repararia no detalhe da fita crepe. E mesmo que reparasse, teria que olhar com muito, mas muito cuidado para ver que havia algo ali.

Guardou o *pendrive* no bolso e colocou as fotos de volta na caixa. Fechou o armário e deixou tudo como estava para ninguém desconfiar de nada. Clara sentou-se na cama e ficou ali sorrindo por algum tempo, imaginando mil e uma maneiras de matar de Lina. Mas antes ela precisava sofrer.

IMPREVISTOS ESCADA ABAIXO

Sábado 30 de Março

1

Abriu os olhos e desejou estar em casa. Na sua cama. Odiava esse lugar com toda sua alma. Se dependesse dela, essa casa podia pegar fogo com todo mundo dentro. Especialmente com o palhaço do seu pai dentro que a arrastara até aqui.

“Você não vai sair da minha vista,” gesticulou ela imitando ele.

Abriu a janela de madeira e tapou os olhos com a mão por causa da claridade. Bufou com raiva, se já não bastasse estar aqui nessa espelunca, ela ainda fazia o favor de acordar cedo.

Affe.

Pensou em voltar para a cama, mas sabia que não conseguiria pegar no sono de novo.

Cães latiam ao fundo. Aquele som pareceu entrar em sua cabeça e revirar seu cérebro. Se dependesse dela, ela pegaria a velha espingarda que sabia que estava escondida no armário do depósito, e daria um tiro bem certo em cada um daqueles vira-latas. Bem no meio do olhos. Colocaria um fim nessa algazarra canina toda.

Nem mesmo seu 4G pegava direito aqui e para piorar as coisas, descobrira há alguns dias que seu carregador não entrava na tomada. Também, deve ter sido fabricada duzentos anos atrás. Pegou seu celular na mesinha e deitou-se de novo na cama.

Estava cagando e andando para o que seu pai achava. E muito menos para os negócios que precisava fazer aqui nesse fim de mundo maldito. Não que Novo Triunfo não fosse também onde-Judas-perdeu-as-botas mas, pelo menos, lá o celular pegava direito.

Negócios, meu cu, remoeu ela.

Sabia que seu pai estava envolvido até o pescoço com o esquema de corrupção. Mas tráfico de drogas era outro naipe. Não que se importasse, de verdade. Mas, pelo menos, ele podia parar de fingir para a própria filha.

Quem ele pensa que está enganando? Ela poderia fazer decolar o esquema de seu pai, sabia que herdara sua inteligência para esses negócios. E fora, que ela teria estômago para fazer coisas que ele nunca fizera. Mas o desgraçado simplesmente não deixava ela participar.

Não quero você envolvida com essas coisas, ele disse.

Socou o travesseiro com raiva.

Essa viagem atrapalhara totalmente seus planos. Estava tudo planejado, detonaria com a vida de Clara num piscar de olhos. Falhara na primeira tentativa, é verdade, mas na segunda não haveria nenhum erro.

Decidiu torrar o resto da sua bateria para se distrair. Estava mesmo precisando esquecer da situação em que estava. Tirou do modo avião e esperou o sinal voltar.

Suspirou quando viu aquele simbolozinho na tela: 4G.

Estava tão desatualizada que não fazia ideia do que estava acontecendo. Talvez, estivessem falando dela.

Falem bem, falem mal, falem de mim.

O *facebook* foi sua primeira parada. Demorou um pouco para atualizar mas, enfim, chegaram as notificações. Nada de muito importante. Um pedido de amizade,

convites para eventos, uma publicação no evento do seu aniversário, alguém publicando no grupo da turma...

Virou os olhos, entediada.

Ficou descendo o *feed* de notícias para ver se encontrava alguma coisa interessante. Qualquer coisa. Estava quase saindo do aplicativo, quando seus dedos passaram rápido por uma foto.

Será que tinha visto direito?

Voltou e abriu a foto.

Mélanie e Lucas. Na mesma foto. Estavam os dois fazendo caretas segurando controles do Xbox, a televisão iluminada ao fundo. Mas foi a legenda que mais a descontrolou: *#newbestbuddy*.

E havia mais: Mélanie se inclinava sobre Lucas. Podia não ser nada, mas Lina conhecia muito bem aquela piranha.

Lina sentou-se na cama, parecendo que estava prestes a explodir.

O celular vibrou na sua mão.

Nova mensagem.

Seu dia estava prestes a ficar pior. Muito pior.

Lina se trocou o mais rápido que conseguiu. Nem pensou em pentear o cabelo e muito menos reparou no seu estado ao sair pela porta do quarto. Parecia que havia sobrevivido um furacão nessa manhã: seu cabelo estava totalmente armado e bagunçado, um lado mais alto que o outro e estava duro por não ter lavado ontem, sua camiseta estava amassada e estava calçando um tênis sujo de terra.

Onde estaria aquele filho da puta? Bem agora que preciso dele, o desgraçado some.

Quase escorregou no barro e se não fosse por um arbusto, teria caído de bunda no chão.

Só me faltava essa, bufou.

O carro do seu pai não estava. Negócios como sempre.

Mas o carro de Rafael sim.

Correu em direção à plantação de maconha e perguntou para o trabalhador, na verdade mais berrou do que qualquer outra coisa, se ele havia visto Rafael. *Sim, a porra do secretário.*

Trotou de volta para a casa e foi quando o viu voltando do lago num caminho com pinheiros de ambos os lados. Rafael teve que espremer os olhos para identificar a figura endiabrada que vinha na sua direção. Lina estava praticamente irreconhecível.

Seus olhos arregalaram quando se deu conta de que era ela mesma.

Ela avançou com tanta voracidade que parecia um animal selvagem espumando pela boca. O quer que fosse, aquilo não podia ser nada de bom. Antes que pudesse abrir a boca e dizer alguma coisa, Rafael foi surpreendido e quase caiu de costas com o empurrão que ela deu.

“Mas que merda você fez?” berrou ela a plenos pulmões.

“Que caralhos voc...”

Lina esbofeteou sua cara.

Ela bate mais forte que um homem, foi tudo o que ele conseguiu pensar.

“Não se faça de sonso! Aonde você, seu sujeitinho de merda, deixou o arquivo?”

“Que arquivo?” perguntou ele, acariciando o rosto. Se ela encostasse a mão nele de novo, por mais que ela fosse a filha de Frederico Unschuld, ele acabaria com a raça dela. Não estava de brincadeira.

Lina bateu nos quadris de raiva.

“Você sabe muito bem qual arquivo, seu imbecil!”

Os olhos dele se arregalaram. Seu sangue congelou na hora. Impossível, pensou ele, não tinha como alguém ter descoberto. Fizera várias cópias de segurança, mas ninguém conseguiria ter acesso. Só ele sabia onde estavam.

“Você está me dizendo que...” ele não conseguiu terminar.

Lina empurrou seu telefone contra o peito dele.

666_contagem_regressiva mandou um vídeo.

Com as mãos tremendo, ele apertou play no vídeo que estava na tela.

“Mas... como?”

Lina estava em cima de Clara, Lucas gritando ao fundo na ponte. Rafael estava segurando nas suas mãos o próprio vídeo que gravara. Ninguém sabia onde ele tinha guardado. Ninguém.

Ele leu a mensagem de *666_contagem_regressiva*:

Uma semana para isso vazar. Está pronta para pagar pelo que fez?

“Peraí,” disse ele, seu tom de voz aumentando, “isso daqui não tem nada a ver comigo. Isso daqui é merda sua e não minha. Não tem como alguém ter descoberto onde deixei o arquivo, disso tenho certeza absoluta! E sei lá quem é esse porra de usuário aqui! Isso daqui foi você! Deve ter sido aquele pendrive que te dei que você deve ter deixado dando sopa por aí.”

Rafael sorriu ao ver o desespero na cara dela.

“Se fodeu.”

Saíram lágrimas de seus olhos de tanto que ele gargalhou. Lina deveria ter muito mais inimigos do que ele imaginava. Rafael não fazia ideia de como e nem por que alguém tinha feito isso, mas a ironia do momento era simplesmente brilhante, queria poder gravar o rosto dela nesse momento.

Ele recuperou o fôlego, limpou o rosto e deu meia-volta em direção à casa. Não queria perder mais nenhum instante com essa pirralha filha da puta. Tinha andado alguns metros quando ele escutou:

“Se eu fosse você eu ia tirando esse sorrisinho da sua cara feia,” ameaçou ela.

“Eu não tenho nada a ver com isso. Problema seu,” riu ele alto, sem virar para encará-la.

Lina sentiu seu sangue ferver.

“*Ah, é? Problema meu* então?”

Ele virou-se e ela sorriu de volta.

“Se eu caio, você cai também, tá lembrado?”

A expressão de Rafael ficou séria.

“Tô pouco me fodendo que você não vazou o vídeo, mas se é pra ir pro inferno, vou levar o máximo de pessoas juntas,” cuspiu ela nervosa.

Ele congelou.

“E pode ter certeza que vou arrastar você junto. Você e meu paizinho são os primeiros da minha lista. Se eu não ganho, ninguém mais ganha.”

“Você não se atreveria...” disse ele sem mexer os lábios.

“Quer pagar pra ver, quer desgraçado! Se isso daqui vazar, acabou pra mim, não vou ter mais nada pra perder... e pode ter certeza de que não vou parar até arruinar com a sua vida.”

Ele urrou e avançou contra ela, derrubando-a na terra batida. O celular voou longe.

“Você é uma assassina, ASSASSINA!”

Lina não conseguia respirar, ele a estava sufocando com suas mãos.

“Seja lá quem for que está te ameaçando com o vídeo, isso é merda sua.” Ele apertou ainda mais seus dedos. “Você sempre dá um jeito de arrastar todo mundo junto! Né?! FALA SUA MALDITA!”

Lina conseguiu liberar uma de suas pernas e deu uma joelhada com força bem no meio das pernas de Rafael. Ele relinchou de dor e caiu para o lado. Lina engatinhou, engasgando com o ar que entrava ávido em seus pulmões.

“Estamos nós dois nessa merda *juntos*,” resmungou ela entre as tossidas. “Não importa agora. A sua pele está em jogo tanto quanto a minha agora!”

Rafael esmurrou o chão de terra.

3

“Que bom que não temos nada pra fazer nesse final de semana,” disse Lucas colocando as mãos atrás de sua cabeça e esticando os pés. “Juro, não tava mais aguentando aquela bosta toda de trabalhos e projetos.”

Mélanie acomodou-se mais perto dele e colocou a cabeça no seu ombro. Sentiu o cheiro do desodorante masculino dele, aquele odor que lhe lembrava o vestiário dos meninos e vapor quente. Fechou os olhos e um conhecido formigar pelo seu corpo tornou ainda mais evidente seu desejo por Lucas.

“Eu sei que nem estamos na metade do semestre ainda, mas já tô precisando de férias. Tava com vontade de ir pra praia sabe? Tudo bem que piscina é o que não falta aqui, mas não é a mesma coisa. Areia, aquela brisa gostosa do mar, mergulhar naquela água gelada...”

Antes que pudesse se controlar, Mélanie já estava imaginando Lucas de sunga na praia. Por mais que estivessem sentados num banco na sombra na praça principal, começou a sentir um calor de repente, como se estivesse em uma sauna, e seu rosto ficou quente ao ponto de fazer suas bochechas corarem. Pelo que Lina costumava se gabar, aquele garoto tinha um corpo dos deuses e era uma *metralhadora* (sim, foi essa palavra que escutara) na cama.

“A gente podia tipo pegar um cinema hoje à tarde? Que tal Mel?” perguntou ele.

Ela desencostou dele e olhou bem nos seus olhos.

Já tinha esperado muito tempo. Estava claro que ele também gostava dela e estavam passando tanto tempo juntos que já estavam comentando (escutara aquela fofoqueira da Larissa na aula de Matemática) que eram um casal. Se Mélanie esperasse muito mais, aquela piranha da Lina podia abocanhá-lo de novo.

“Talvez a gente pudesse fazer outra coisa,” respondeu ela se aproximando.

O beijo pegou Lucas de surpresa, não por estar despreparado para isso, já esperava que isso aconteceria mais dia menos dia, mas achava que isso só aconteceria no cinema, num lugar mais tranquilo.

Ele a trouxe ainda mais perto. Passou as mãos em seu rosto e bagunçou seu cabelo, dando uma leve puxada. Foi descendo com as mãos pelo corpo dela e acariciava suas costas, meio que ameaçando a descer mais. Lucas mordeu suavemente a orelha dela, deixando-a úmida com sua saliva com cheiro de halls morango.

Ele tem pegada, pensou ela quase exclamando isso em voz alta, *ahhh se tem*. Não era à toa que a piranha não larga dele.

O beijo começou a se desenvolver e em pouco tempo, Mélanie estava dando uma espécie de gemidinhas que o deixaram mais excitado, com vontade de fazer mais coisas.

Parecendo ler seu pensamento, ela disse:

“Será que não dava pra gente ir à sua casa? Sabe, ficar só nós dois mais tranquilos...”

“Mel, isso era tudo o que eu queria. Mas tá todo mundo lá em casa, não vai dar certo,” respondeu ele.

“Putz, será que você não conhece nem um lugar que a gente poderia ir?” Ela queria sugerir um motel, mas como nenhum dos dois era maior de idade, isso estava fora do jogo.

Lucas pensou um pouco. Tinha um lugar que transara com Lina uma vez, não era dos melhores locais, mas... saía da rotina.

“Tem um lugar, mas não sei se você vai topar...” deixou ele no ar.

Ela o beijou e desceu suas mãos para sentir a intumescência no seu colo.

“Desde que você esteja comigo, eu topo até aqui mesmo.”

Ele riu.

“É um lugar sem nada, meio sujo...”

Mélanie mordeu o lábio inferior de desejo.

“Não me importo. Vai ser até mais selvagem. Adoro.”

“E sempre tem a chance da gente ser pego,” alertou ele.

Os olhos de Mélanie brilharam.

Se eu for pega dando pro Lucas em público isso vai ser um tapa na cara daquela vadia. Ainda mais com a festa de aniversário dela se aproximando.

“Melhor ainda,” respondeu ela.

“Manhê!” gritou Clara de cima da escada. “Você viu meu tênis branco? Ah esquece, já achei.”

Cármen sentou-se com um livro no sofá. Talvez Heitor estivesse com razão. Estava se sentindo um pouco tonta para falar a verdade. Colocou a mão na testa. Quente, mas nada muito preocupante. Deveria realmente estar caindo com uma gripe, era isso. Talvez passasse na farmácia mais tarde e comprasse alguma coisa para tomar.

Pepito pulou no sofá e colocou sua cabeça no colo dela. Enquanto abria o livro na página que parara, Cármen o acariciou. Seus óculos. Tinha esquecido em cima da cama.

“Filha,” gritou ela, “quando você descer, traz meus óculos. Devo ter deixado na cabeceira da cama.”

Clara desceu, seu tênis fazendo barulho na escada. Entregou para Cármen a caixinha dos óculos.

“Vai sair logo cedo?” perguntou ela enquanto limpava as lentes na camiseta.

“Vou dar uma caminhada, está um dia tão bonito.”

“*Alguém* está de bom humor,” notou Cármen.

“Sabe o que é? É meu primeiro final de semana que não tem nada, absolutamente nada para fazer pro colégio.” Queria também poder dizer que tinha Lina Unschuld comendo na palma de sua mão e que estava louca para ver aquela filha da puta se foder, mas se controlou. “Quero aproveitar o final de semana, só isso.”

Cármen tossiu como resposta enquanto sorria.

“Quer ir junto?” perguntou ela.

“Eu passo. Dessa vez só mocinha. Estou gripando, eu acho. Vou ficar por aqui mesmo, mas divirta-se e, por favor, tome cuidado.”

“Pó deixar mamãe,” disse ela. Passou a mão na cabeça de Pepito e saiu pela porta da frente.

Estava quase na rua quando olhou para os lados e não vendo ninguém, disse:

“*Nério...*”

Já estava sentindo sua falta.

“Vamos fazer uma caminhada?” perguntou ela como se ele tivesse uma escolha. Não sabia muito bem como esse negócio de conexão com ele funcionava, mas achou que ele estaria junto com ela do mesmo jeito.

“Sabe o que eu nunca te perguntei?”

Fale querida, respondeu ele com aquele tom galante que ela simplesmente adorava.

“Como funciona nossa relação?”

Clara riu da própria pergunta.

“Quero dizer, como você me vê?” Ela pensou mais um pouco. “Tipo você está sempre comigo? Ou pode andar livremente por aí?”

Nério tocou-lhe o ombro, como se estivesse andando ao seu lado.

Estou livre para andar dentro de um certo perímetro, digamos assim. O que determina isso é o que sobrou do meu corpo, sabe depois de que as linhagens...

“Sei.”

Quando estou longe do meu corpo, graças a sua habilidade, eu me ligo a você e estou... como se fosse dentro de você.

“Dentro? Mas eu sinto seu toque, parece que você está bem do meu lado.”

Eu projeto sobre seu corpo o que quero que você sinta, respondeu ele, manipulo seus sentidos...

Ele deixou no ar.

É o mesmo que estar do seu lado, só eu percebo a diferença.

Clara chegou no final da rua e virou à direita em direção à ponte.

“Se você não pode andar por aí, então como é que sabia sobre o vídeo e onde a Lina tinha escondido o *pendrive*?” seu tom não era de desconfiança, mas de curiosidade apenas.

Conheço aquela casa como a palma da minha mão querida. Foi para aquela casa que as linhagens me levaram depois que conseguiram me prender.

“Você já esteve lá então? Quero dizer, você esteve já no porão, nos observando, não é, naquele dia?”

Sim, no vazio que é o lado de cá, temos muito tempo, tempo até demais e querida, aquela casa guarda muitos segredos... entre eles o meu corpo.

Clara congelou e parou de andar. Escondeu-se atrás do ponto de ônibus.

Clara?, perguntou Nério notando que algo estava errado.

“São eles,” disse ela com uma expressão de desgosto na cara, fulminando-os com seu olhar. “O dia deles também vai chegar... ninguém vai sair impune.”

Mélanie e Lucas estavam descendo do carro. Começaram a andar pela rua de mãos dadas e a cada meia dúzia de passos, ela puxava Lucas para perto e lhe dava um beijo na bochecha. Conversavam e gargalhavam como se estivessem bêbados.

Clara sentiu que algo consumia suas entranhas enquanto os observava e ficou com um gosto verde ácido na boca. Não era justo estarem os dois aqui vivos depois de tudo o que fizeram com ela e, especialmente, com Joaquim.

Ela resolveu segui-los a uma distância segura. De uma hora para outra, Clara sentiu-se transformada em outra pessoa. Já não era uma menina com tênis branco que saía para caminhar. Estava na rua para caçar e já conseguia sentir o cheiro de sangue.

Eles pararam numa esquina e esperaram até que o movimento da rua diminuísse. Mélanie ficou vigiando enquanto Lucas escalava o muro, pisando nos buracos entre os tijolos antigos. Ele ajudou Mélanie a subir, sua saia esvoaçando com o vento. Em pouco tempo, os dois entraram pela escadaria do centro comercial abandonado.

Clara sorriu e lembrou-se do slogan que vira no dia em que ela mesma invadira o prédio.

Shopping Novo Triunfo: Você Alcançando Novos Horizontes.

“Dá pra acreditar que isso daqui seria um shopping?” perguntou ele. “Olha só a imensidão desse lugar!”

Eles estavam caminhando pelo segundo andar do centro comercial, observando o que teria sido das lojas com as vitrines de vidro quebradas e as paredes pichadas. Mélanie chegou perto do guarda-corpo, olhou para cima e para baixo.

“Isso daqui teria o que, uns quatro, cinco andares?”

“Seis,” corrigiu Lucas. “Teria sido um dos maiores shoppings da região. Mas a obra foi paralisada... sei lá, lembro do meu pai falando sobre alguma coisa de dinheiro e sobre a obra ter sido *embarcada* ou coisa desse tipo.”

Mélanie achou fofo o jeito que ele trocava as palavras.

“Putz, nunca nem tinha ouvido falar desse lugar em todo esse tempo! Não sabia da diversão que estava perdendo,” ela comentou admirada. “Meu, imagina só uma festa aqui, que demais que iria ser. Seria bem melhor do que a festa que a filha da puta da Lina está planejando.”

Mélanie escutou sua voz ecoar por aqueles corredores imensos vazios.

“Será que não tem ninguém aqui dentro?” perguntou ela com uma pontada de medo.

“Aqui é um excelente esconderijo, sabe, pra todo e qualquer tipo de coisa...”

Ele puxou-a para perto. Ela riu.

“De vez em quando tem alguns sem-teto aqui, mas nada que ofereça muito perigo gata,” disse ele apalpando suas nádegas. “E aí, pronta pra nossa curtição?”

Lucas a levantou e colocou-a em seu ombro, o corpo de boneca dela dobrado e balançando. Ele segurava firme a sua cintura.

“Estou mais do que pronta,” riu ela enquanto ele a carregava para uma das lojas vazias. Escolheu uma que tinha janelas e com boa claridade.

“Estou ficando com muito tesão,” disse ele enquanto a colocava de volta no chão, “você num tem ideia.”

Ela beijou-o e roçou seu corpo contra o dele, sentindo o volume em suas calças.

Lucas parou um momento, algo chamou sua atenção.

“Saca só isso, pelo jeito alguém veio aqui antes da gente.”

O chão estava cheio de bitucas de cigarro, mas não era disso que ele estava falando. Dentro do que parecia uma lata de lixo, havia uma espécie de tabuleiro.

Lucas pegou o pedaço de madeira e assoprou as cinzas.

“É um tipo de tabuleiro, não é?” perguntou Mélanie, intrigada também. “Olha aqui, isso daqui são letras, não são?”

“Que maluco meu, saca só esses desenhos.”

A serpente estava borrada mas, mesmo assim, dava para perceber seu corpo longo e as escamas pretas.

“O nível de detalhe disso daqui é muito impressionante,” disse ela.

Lucas jogou o pedaço de madeira de volta.

“Sabe o que é impressionante?” perguntou ele com um sorriso malicioso.

Ela chegou mais perto e colocou seus braços sobre os ombros dele.

“O quê?” sussurrou ela em seu ouvido.

“A *minha* serpente.”

Ele ligou o rádio, colocou seu óculos de sol e acelerou pela rodovia. O sol da tarde estava forte no horizonte e seu *ray-ban* pareceu transparente com a luz. Olhou no

retrovisor e sorriu. Quando viu seus lábios estavam se mexendo ao som de Bon Jovi.

A rodovia estava tranquila e estava voltando para Novo Triunfo com compras no banco de trás. Tinha dirigido até a cidade grande para comprar em um supermercado novo que abrira lá. Nunca teria feito isso se ainda estivesse trabalhando, mas como tinha tanto tempo livre agora, nem sabia o que fazer direito. Não podia ficar o dia todo incomodando Cármen, divertiu-se com o pensamento, não que ela se importaria...

Batucou no volante e mexeu o pescoço ao ritmo da música.

Ohhhh Oh! Livin' on a prayer...

Estava quase no limite da velocidade e teve que conter a vontade de acelerar ainda mais na pista tranquila. O vento quente entrava pela janela aberta e balançava o Lava-Jato Triunfo pendurado do espelho.

Antes de que Bon Jovi conseguisse terminar seu hit dos anos 80, Heitor já tinha ultrapassado a placa azul que dizia *Bem-Vindo a Novo Triunfo*. Resolveu pegar um acesso diferente em direção à zona norte. Era um caminhozinho com pista simples que passava entre as fazendas quase no limite do município.

Heitor ficou cantando sozinho quando a música do nada virou estática. Xingou, mais resmungando do que qualquer outra coisa. Bateu no rádio velho do carro. Estava na hora de trocar aquela porcaria. Vivia dando pau aquela lata velha, o rádio principalmente.

Tentou mudar de estação para ver se conseguia se livrar da estática. Bufou e terminou desligando a porra do rádio. Se não fosse pelo som do vento na janela, tudo teria ficado no mais completo dos silêncios. A paisagem passava rápido, não tão rápido como antes porque o limite de velocidade aqui era diferente, cercas com arame farpado e verde para todos os lados.

O clima dentro do carro já não era mais o mesmo. Aquele silêncio com o ronronar do vento foi sedimentando em Heitor. Ele começou a assobiar um pouco nervoso.

“*Caralho!*” exclamou ele, dando um salto no banco do motorista por causa do susto que levava.

Heitor desmaiou.

Estava de volta ao nevoeiro. Teve a sensação de que estava navegando por um mar branco, sem fim. Sentou-se e reparou que estava deitado sobre o calçadão de pedra. Ao fundo, as gangorras gemiam com o movimento lento e enferrujado e o gira-gira desbotado parecia um grande carrossel, circulando ao som de uma música que parecia um chiado.

Ele sentiu de novo aquela mão gelada em seu punho, mas antes que conseguisse gritar, a garota de olhos de gato colocou os dedos em seu lábio, silenciando-o.

“Não tenho muito tempo,” disse ela. Sua voz parecia a estática do rádio, distorcida, difícil de entender. “Você precisa pará-la antes que seja tarde demais.”

Heitor foi perguntar, mas a menina de novo o silenciou.

“Se você falar, *ele* pode nos escutar.” Ela apertou ainda mais seu pulso. “A cada instante ele está ficando mais forte, está fazendo a garota perder tempo com coisas fúteis e quando o ritual começar na lua nova... no dia da escuridão total, seus poderes estarão aumentados...”

A menina virou o rosto subitamente de lado, como se tivesse escutado algo que só ela podia ouvir. Seus olhos mostravam desespero.

“Me encontre... você tem que me encontrar antes que seja tarde.” Ela virou de novo, o que quer que fosse estava próximo. “O menino. Não se esqueça do menino. Ele pode ajudar também.”

A menina gritou e a névoa a engoliu.

Heitor levantou-se do asfalto, a experiência ainda viva em sua mente. Olhou para os lados e tudo estava como antes. Correu de volta para o carro que tocava *Banging On My Drums* quase no último volume, o retrovisor vibrando junto com a música. Uma marca negra exatamente com o formato dos dedos estava no seu pulso.

9

Clara saiu do banho com o corpo ainda quente, pingando água. Seus pés tocaram a madeira fria do piso de seu quarto, uma sensação gostosa e refrescante. Colocou o pijama e enrolou seu cabelo molhado na toalha. Sorriu para si mesma no espelho do armário. A noite estava morna, não aquele calor insuportável, mas um clima que dava para dormir só de lençol por cima.

Ligou seu computador. Era um pouco lerdo às vezes, principalmente quando estava processando vídeos, mas funcionava razoavelmente bem. Olhou para seu celular. Ainda precisava transferir o vídeo dessa tarde, não podia ficar andando com esse conteúdo por aí, e ainda faria algumas cópias de segurança. Tal como fizera com o vídeo do *pendrive* roubado. Clara, além de ter escondido o *pendrive*, dentro de um par de meias, copiara o vídeo para seu computador e o escondera em uma pasta. Se não fosse o bastante, havia ainda colocado uma cópia num drive online, do qual poderia acessar de qualquer lugar.

Falando nisso...

Acessou sua conta no computador e abriu o drive. Daqui a pouco, ele conteria mais um vídeo. Sorriu e colocou seu chinelo de dedo. Enquanto descia as escadas, em direção à cozinha, uma voz moribunda a pegou de surpresa:

“Clara...”

Ela acendeu a luz da sala.

“Mãe, o que você está fazendo aí no escuro sozinha?”

Clara aproximou-se de Cármen que estava deitada no sofá com uma coberta. Cármen, não chegava a tremer de frio, mas via que seu queixo estava batendo. Os olhos estavam afundados e seu nariz estava vermelho de tanto assoar. No chão, pequenos montes de lenço de papel estavam amontoados.

“Você está queimando de febre, mulher!” exclamou Clara. “Você deveria ter tomado alguma coisa já...”

Ela passou a mão na testa suada de Cármen.

“Quer ir para o hospital?” perguntou Clara.

“De jeito nenhum... isso daqui é só uma gripinha, em uns dias vou estar...”

Um espirro interrompeu sua fala.

“Você precisa tomar alguma coisa,” disse Clara incisiva.

“Eu ia fazer um chá, sabe, uma receita velha que teñño,” o som saiu completamente anasalado por causa do nariz entupido, “mas eu nããã tinha os ingredientes...”

Clara suspirou.

“Você e seus chás... não que eles não funcionem, mas de vez em quando não mata tomar remédios normais.”

Cármen conseguiu dar um sorriso.

“Chega.” Afirmou Clara. “Vou me trocar e em dois pulos estou de volta da farmácia com alguns remédios. Algo pra baixar a febre e um descongestionante. Nãooo,” disse ela silenciando sua mãe, “não quero nem saber, a senhora vai tomar sim meus remédios.”

Cármen viu que não adiantaria argumentar.

“Se não fizer direitinho, vou ligar pro Heitor.” Clara sorriu e Cármen deu uma risadinha. “E falando nele...”

“Deve estar chegããdo daqui a pouco,” respondeu ela.

Clara olhou para Pepito.

“A fim de dar um passeio?” perguntou Clara. Ele abanou o rabo como resposta.

Clara subiu correndo as escadas, colocou um shorts por cima e uma camiseta, pegou o celular, apagou a luz e desceu de novo para a sala.

“Não devo demorar mais que uns quinze minutos, de verdade. ‘Guenta aí, mamãe.’”

Cármen levantou-se.

“Cuida dela viu moço,” apontou o dedo para Pepito. “Vou subir um pouco e deitar na cama, esse sofá tá me dando uma dor nas costas.” Ela espreguiçou. “Volta logo, querida.”

Beijou a testa de Clara. Estava quase na escada, quando virou-se para lembrá-la de trancar a porta e levar a chave, mas Clara já tinha saído pela porta da frente com Pepito na coleira.

Suspirou e começou a subir os degraus com certo esforço. Estava escurecendo e ela quase tropeçou no lusco fusco. Na verdade, sentia-se meio tonta e por mais que estivesse segurando na parede, as coisas estavam girando e ela teve medo de cair. Esperou um pouco a sensação passar.

Cambaleando pelo corredor, abriu a porta e deitou-se na cama no quarto escuro. Se já não bastasse a vertigem, estava sentindo uma dor de cabeça gigantesca que parecia que estava ao ponto de explodir e voar miolos para todos os lados.

Não chegou a adormecer propriamente. Ficou naquela transição entre a vigília febril e o sono.

Lina abaixou-se no carro.

“Pronto, ela já foi,” disse Rafael, apertando o volante. “Essa é a melhor chance que tivemos o dia inteiro.”

“Mas a porra da mãe dela ainda está lá dentro.”

“O que você sugere então? Que a gente espere a menina voltar e o cara também?”

Lina bufou e checkou o celular: 19:09.

“E o cachorro foi junto. Só tô dizendo que não vamos ter uma chance como essa. Ainda mais sem a merda do vira-lata. A não ser que você esteja planejando matar o cachorro quando ele voltar, o bairro inteiro vai escutar ele latindo... escuta o q...”

“Tá. Você fala demais,” respondeu ela grossa, “vamos entrar por onde?”

Rafael se segurou para não perder a paciência com a pirralha.

“Acho que a *Clarice* não fechou a porta,” Lina rolou os olhos quando ele se confundiu com o nome, “a gente podia entrar pela porta da frente...”

“Quer também comer estrogonofe da geladeira?” zombou ela. “É arriscado demais, alguém pode ver a gente.”

“Put a que pariu, Lina!” berrou ele, socando o volante, “se você tem uma ideia melhor, eu sou todo ouvidos!”

Lina abaixou o vidro e olhou para a rua.

“Vamos fazer isso rápido então, escutou? Tá vendo aquela janela ali?” indicou ela. “Aquele é o quarto da vagabunda, as coisas só podem estar lá. Vai você primeiro e vê se...”

“Por que eu, hein?” resmungou ele.

“Me dá isso daqui,” ela tirou a máscara da mão dele, “tá, eu vou então, te dou um sinal da janela se tudo estiver limpo. Você fica aí de vigia. Vou ver se deixo a porta dos fundos aberta também. Quando ela brotar na esquina, você me manda uma mensagem.”

“E o que vai fazer se a mãe dela estiver lá, pronta pra te ver?”

Lina ergueu uma sobrancelha para ele.

“Isso, daí você vai foder com a bagaça inteira se matar a vadia,” respondeu ele.

“Cala a boca! Se ela me vir, eu dou um jeito de sair correndo, não vou encostar o dedo nela, não quero piorar nossa situação.”

Rafael escarrou como resposta.

Lina prendeu o cabelo e colocou a máscara. Era a que encontrara numa loja a caminho de Novo Triunfo nessa mesma tarde. Era ridícula e, provavelmente, toda criança já a tinha visto alguma vez na vida, além do que, toda festa à fantasia sempre tinha um retardado sem criatividade que se vestia como o assassino de *Scream* - Pânico.

Lina sentiu-se instantaneamente sufocada com a máscara e o vapor condensou-se rápido no plástico perto de suas narinas. Não pôde deixar de notar a ironia do momento. Tantas vezes zombara dos meninos com aquela máscara e agora era ela mesma que a estava usando no desespero.

Nunca diga desta água, não beberei, remoeu ela.

Tirou os sapatos e jogou-os no banco de trás.

Rafael olhou para ela com uma cara de: *que merda você está fazendo?*

Lina o ignorou, abriu a porta e de meias, tocou o asfalto quente com os pés. Graças ao efeito do lusco-fusco, ela pareceu deslizar quando atravessou a rua em direção ao portão. Pulou-o com uma agilidade digna de um gato e agachou-se do lado da porta da entrada. Com o maior cuidado, virou a maçaneta.

A porta estava aberta.

“Moça, vai demorar muito?” perguntou um rapaz que estava na sua frente na fila. O tom dele já apontava descontentamento com a falta de atendentes na farmácia.

Clara suspirou.

Parecia que Novo Triunfo inteiro tinha resolvido sair e comprar remédio ao mesmo tempo. Ela tinha uma cartela de dipirona na mão e um frasco de um descongestionante nasal (*sim, o mais forte que tiver*, ela dissera ao farmacêutico). Só faltava pagar agora.

Uma mulher atrás de Clara desistiu da fila e deixou sua cesta em cima de uma prateleira, sem se preocupar em devolver os produtos, numa espécie de retaliação com os funcionários.

“Eles tão de brincadeira, né?” disse essa mulher nervosa e saiu da farmácia batendo os pés.

Clara se esticou, sem sair da fila, e deu uma olhada pelo vidro para checar como estava Pepito lá fora. Ele, ao contrário das pessoas impacientes que esperavam pelo único caixa aberto às 19:17 da noite, parecia não se importar. Estava deitado, com a coleira amarrada no canto para bicicletas, e nem levantava a cabeça quando uma pessoa passava.

Clara não conseguiu não sorrir.

Podia cair o mundo que ele continuaria dormindo.

Lina destrancou a porta dos fundos e ficou surpresa em quão silenciosa estava sendo. Estar de meias ajudava, sem dúvida nenhuma, mas era o jeito de andar que fazia diferença. Não era o mesmo que andar na ponta do pé, mas ao mesmo tempo, não era um caminhar normal também. Parecia que tinha nascido para fazer isso, era como se soubesse exatamente onde e como pisar.

Subiu as escadas, sentindo a textura da parede lateral com as mãos. Parecia que tinha olhos nos dedos, como se sentisse as vibrações, era difícil de explicar. No corredor, viu o banheiro vazio e passou por uma porta entreaberta. Com todo o cuidado, afastou um pouco a porta, o suficiente para ver uma mulher adormecida em cima de uma cama.

Lina sentiu seu corpo relaxar e tornou a encostar a porta. Tirou a máscara, sem pensar duas vezes, e sentiu o ar fresco banhar seu rosto. Uma vez dentro do quarto que só podia ser o de Clara por exclusão, fechou a porta. Não ousou acender a luz, a lanterna de seu smartphone seria suficiente e, além disso, a tela do computador de Clara estava acesa.

Sentou-se na cadeira dura da escrivaninha de Clara. Fez um movimento rápido com o mouse e a tela acendeu ainda mais.

Lina repuxou um dos cantos da boca numa espécie de meio sorriso.

O drive de armazenamento online de Clara estava aberto e logado. Lina segurou para não relinchar triunfante. Sabia que a vadia deveria ter mais cópias mas, pelo menos uma lhe estava sendo dada de lambuja. Em menos de um minuto, Lina não só apagou o vídeo que estava quase saltando da tela pedindo para ser deletado, como apagou todos os outros arquivos. Não tinha tempo para ver pasta por pasta. Gastou mais um minuto, tendo certeza de que não havia uma forma de recuperar os arquivos de alguma outra forma. Limpou o histórico de alterações do drive online para terminar.

Lina achou improvável que Clara tivesse um outro sistema de computação nas nuvens. Além do mais, a Olho-Roxo nem deve saber muito de computação, visto essa geringonça velha.

Abriu o e-mail dela e bateu na mesa, quase explodindo de felicidade, quando viu que o login foi automático. Vasculhou um pouco, nada de interessante. Ela não copiara nada para o e-mail.

O próximo passo era apagar o arquivo do computador dela.

Provavelmente ela deve ter escondido bem. Tentou buscar pela extensão e nome do arquivo. Achou várias cópias em diferentes pastas. Moveu tudo para o lixo e apertou para esvaziar a lixeira.

Mas, e se houvesse mais cópias? Ou se houvesse uma forma de recuperar os arquivos, mesmo tendo esvaziado a lixeira?

Não podia correr esse risco.

Olhou debaixo da mesa, vendo que tipo de CPU era. Era grande, sem dúvida nenhuma, mas dava pra carregar no colo. Lina sentiu-se besta por ter perdido tempo apagando os arquivos do *hard drive* se no final das contas, ela levaria tudo do mesmo jeito.

Desconectou os cabos de qualquer jeito e colocou a CPU em cima da cama. Olhou pela janela e fez um sinal para Rafael que continuava no carro. Sentou-se no chão e ficou pensando no que deveria fazer em seguida.

É claro que a filha da puta tinha levado o celular com ela, mas duvidava que ela teria uma cópia salva no celular. Teria que transferir do *pendrive* para o computador e depois para o telefone. Muito trampo. Além do que, ficar andando com isso por aí não era uma boa ideia.

Bem, Lina teria que esperar pelo melhor.

Agora só faltava o maldito do *pendrive*.

Começou vasculhando a escrivaninha, depois as gavetas, checou até mesmo o copo de plástico que Clara usava como porta-canetas. Nada. Olhou debaixo da cama, sacudiu o lençol, procurou dentro da capa dos travesseiros, virou o colchão. Nada. O armário. Só podia estar no armário.

Lina sentiu um frio na barriga. Não necessariamente ela teria escondido o *pendrive* em seu quarto. Poderia estar em qualquer lugar da casa. Caralho. Poderia estar fora da casa. Enterrado num saco plástico a quilômetros de distância daqui.

Xingou baixo.

Abriu a porta do armário.

De baixo para cima, Lina. De baixo para cima.

Começou pela sapateira. Revirou cada tênis para certificar que Clara não tinha escondido alguma coisa no fundo. Estava prestes a passar para as gavetas, quando Lina teve uma ideia. Se ela precisasse esconder alguma coisa num sapato, o faria debaixo da palmilha. Tinha que ser isso.

Em um ritmo frenético, Lina começou a tirar as palmilhas e jogá-las pelo quarto. Não estava ligando nem um pouco para a bagunça que estava fazendo. Isso era o de menos, precisava encontrar o *pendrive*, custe o que custasse.

Um som fez Lina congelar.

Seu celular fez a madeira do piso vibrar. O som foi muito mais alto do que podia imaginar. Seu coração disparou. Lina torceu para que a mãe da Olho-Roxo não conseguisse escutá-lo.

2 qdras.

Nem escrever direito o cara consegue, pensou ela enquanto se levantava do chão.

Lina pegou a CPU com pressa. Abriu a porta e espiou pelo corredor por cima do aparelho, tendo que esticar o pescoço para fazer isso. Limpo. Começou a andar, com mais cuidado do que antes. A madeira gemia baixinho com seu novo peso e seus braços já ardiam um pouco de segurar aquela geringonça.

A porta do outro quarto abriu.

“Clara...?”

A voz moribunda de Cármén ecoou pelo corredor, enquanto ela se apoiava na parede para não cair.

Lina congelou e prendeu a respiração. Se tentasse voltar, Cármén a escutaria, sem sombra de dúvida.

Merda. A máscara! Tinha esquecido a bosta da máscara!

Lina estava paralisada, seu rosto pingava de suor. Seu coração parecia que ia saltar de seu peito.

“Clara... é você, querida?” Cármén deu uns passos cambaleantes em direção à escada, segurava a cabeça pesada com uma das mãos.

Lina fitava as costas dela em desespero. Se Cármén virasse, veria seu rosto e tudo estaria perdido. Tinha trazido aquela porcaria de máscara justamente para uma situação como essa.

Lina deu um passo para trás. A madeira gemeu.

Cármén ergueu a cabeça, tentando ver de onde tinha vindo o som. E então se virou. Deu um passo para trás, assustada com a intrusa no meio do corredor.

Seus olhares se cruzaram e ficaram travados por uns segundos. Por mais que a iluminação não fosse adequada, Lina teve a certeza de que Cármén a reconheceria, tinha visto em seu rosto a expressão, não havia dúvida.

Cármén a encarou com certa descrença, como se aquilo fosse parte de um sonho. Talvez sua gripe estivesse lhe pregando uma peça. Seus lábios então se moveram, mas ela não teve tempo de produzir alguma palavra, foi mais um gemido por assim dizer.

Lina avançou com a CPU nos braços e viu, em câmera lenta, Cármén caindo de costas na abertura da escada. Enquanto ela rolava degraus abaixo, Lina achou que tivesse escutado um estalido, como o quebrar de uma bolacha, mas não teve certeza. Desceu as escadas, contornando o corpo estatelado de Cármén no chão. Olhou com desprezo para aquela criatura desacordada e tomou cuidado para não se sujar com o sangue. Uma poça escura estava se formando no chão.

Encostando a CPU na parede, Lina abriu a porta dos fundos e saiu sem olhar para trás. Colocou o aparelho na grama e se sentou, apoiando-se no muro de concreto que dividia as casas.

Lina teve uma ideia. Pegou seu celular e sorrindo, começou a digitar uma mensagem para Rafael.

Ele não teve a coragem de ligar o rádio. Não depois do que acontecera. Talvez devesse procurar um médico. Uma coisa era ter sonhos estranhamente lúcidos e outra coisa era desmaiar no meio da rodovia e ter uma alucinação. Heitor sentiu uma pontada no estômago. *Alucinação?* Ergueu o braço e contemplou a mancha escura em seu punho. Aquilo não estava lá antes. Deveria existir alguma explicação racional para o que estava acontecendo, ele só precisava encontrá-la.

Virou à esquerda, engatando segunda, e acendeu os faróis. Não estava de noite ainda, mas estava o escuro suficiente para justificar o uso dos faróis. Tentou esquecer o que estava acontecendo, focando na direção, mas o pensamento era uma névoa tóxica que deixava a atmosfera do carro pesada, asfixiante. Começou a batucar no volante, sem saber o que fazer para extravasar a sua impaciência.

Pegou seu celular, sem desviar os olhos do asfalto. Colocando no seu campo de visão acima do volante, Heitor se deu conta de que havia onze chamadas não atendidas. Seu coração disparou ainda mais. Onze chamadas em questão de menos de vinte minutos. Como é que ele não percebeu que a bosta do seu celular estava tocando?

Heitor xingou em voz alta.

Passou o dedo na tela. Era Clara.

Uma injeção de adrenalina despertou Heitor. Seu instinto soube que havia algo errado. Quase perdeu a rua que deveria virar, tentando ligar de volta para o número. Estava tão perto que talvez chegaria na casa antes que Clara conseguisse atender. *Se* ela conseguisse atender. Seu corpo congelou, pensando no pior.

Acelerou ainda mais, ultrapassando o limite de velocidade da via. Por ser quase uma linha reta, Heitor chegou rápido nos quase 70km/h. Dirigia com uma mão, enquanto a outra segurava o celular pegado na orelha.

Vamos, Clara, atenda.

Nada.

Socou o volante enquanto ainda aguardava para cair na caixa postal. Estava quase desistindo, quando de longe avistou um burburinho. Era cedo ainda para dizer, mas sentiu um ranger nos ossos a certeza de que era bem na frente da casa.

Foi desacelerando aos poucos, enquanto a imagem cintilante branco e vermelho entrava em foco. Heitor abriu a boca, seu queixo caindo.

Você ligou para...

Seus dedos perderam a força. O celular escorregou e caiu no espaço entre os bancos da frente, batendo no freio de mão.

... no momento não...

O barulho irritante do aviso de porta do motorista aberta ressoou como um coração acelerado. Heitor correu em direção à ambulância do SAMU o mais rápido que pôde.

14

Clara estava de mãos dadas com Heitor, os dois calados nos próprios pensamentos, quando Enzo saiu para dar notícias. Clara deu uma espécie de gemido quando viu aquela figura de branco se aproximando. Heitor segurou firme em seu braço e ambos se levantaram.

Enzo sentiu um aperto no peito. Não conseguia acreditar que aquele homem na sua frente era o mesmo que o chamara de madrugada para a delegacia. Tinha parecido firme então, mas agora parecia estar caindo aos pedaços como se lhe houvessem retirado a peça central de sua estrutura. Incrível como a vida de uma pessoa pode mudar de uma hora para outra.

“O cirurgião acaba de me informar que conseguiu diminuir a pressão intracraniana a níveis aceitáveis e Cármen está estável, mas seu estado continua crítico.”

Clara escutou mas não ouviu. Era como se as palavras fossem feitas de fumaça e quando tentou pegá-las, sumiram nas suas mãos. Tudo parecia tão surreal, que não conseguia processar, entender o que estava acontecendo. Sabia que a cirurgia de emergência tinha sido por causa do hematoma subdural ou coisa parecida, mas o

que tinha fixo na mente e que parecia rodar numa espécie de looping infinito, era dela lavando seus braços no banheiro do hospital.

“... choque medular... fratura... dano perm... recuperação...”

Deveria prestar atenção no que o médico estava falando, mas era como se ainda estivesse diante da pia com a água morna escorrendo. Tentou trazer sua consciência de volta para o corredor, mas estava congelada no tempo.

“... faltou oxigênio... déficit... muito sangue... compressão... isquem...”

Abriu a torneira. Meteu ambos os braços na pia. Esfregava e esfregava, tentando tirar as escamas de sangue que ultrapassavam seus cotovelos. A água ficou escarlate e aquele cheiro todo a estava nauseando. Estava limpa, mas continuava esfregando mesmo assim. Era sua culpa. O cheiro metálico da culpa. Não deveria ter demorado tanto na farmácia. Com as unhas arrancava a camada superficial de sua pele que estava se avermelhando. Deveria ter ficado com sua mãe em casa. Era sua culpa. Sua culpa. Apertou para pegar mais sabão ainda e voltou a friccionar e atritar sua pele.

“Clara? Clara?” chamou Heitor. O olhar dela estava perdido, vazio, era como se o corpo estivesse inabitado.

Ele a conduziu para a cadeira. Ela parecia sonâmbula, presa num sonho.

“Clara!”

“Humm?” respondeu ela.

Heitor colocou suas mãos nos ombros dela e a chacoalhou firme.

“Clara, querida, escute,” ele disse olhando-a bem nos olhos. “Sua mãe está segurando, ela é forte, vai sair dessa.”

Ele coçou a garganta.

“Estão fazendo tudo o que podem por ela. Já não está nas mãos deles. Agora é ela quem vai ter que lutar. Eu sei que ela consegue e você também sabe.”

Os olhos dela lacrimejaram, desviando o olhar.

“Foi... minha culpa , se não tivesse-”

“Olha pra mim, Clara,” disse ele firme, engrossando a voz. “Foi um acidente. Não foi sua culpa. Poderia ter acontecido com a gente em casa. Eu sei que é difícil, mas você não pode se culpar.”

Agora era ele que estava lacrimejando, sua voz rachando um pouco.

“Essas coisas acontecem e não tem nada... nada que a gente...”

Heitor perdeu a noção do que estava dizendo, estava muito difícil tentar se controlar. Ele puxou Clara e a abraçou, pegando-a de surpresa. Sentiu então que não aguentaria mais e desistiu. Chorou algo que parecia vir diretamente de sua alma, seu corpo tremendo e se soltando sobre ela. Clara o acompanhou e também abriu as comportas que seguravam suas emoções.

Os dois ficaram ali por bastante tempo, unidos, naquele abraço úmido que soluçava, até que as lágrimas começaram a sair com um pouco menos de dor até se secarem.

“Olha, eu quero que você vá para casa,” ele tirou dinheiro da carteira, “pegue um táxi e descanse. Você está cansada e acho que um banho e uma boa noite de sono vai te fazer bem.”

Heitor a interrompeu antes que ela pudesse falar.

“Eu sei que você pode achar que não está fazendo nada pela sua mãe, mas acredite, está fazendo sim. Ela vai precisar de você firme e forte quando acordar. *Eu* vou precisar de você.” Ele apertou sua mão. “Quando acordar, não se preocupe com o horário, venha para cá. Daí trocamos, assim sua mãe não ficará sozinha.”

Clara o abraçou de novo.

“E se ela sobreviver?” perguntou ele.

Estavam parados num posto de gasolina há quase duzentos quilômetros de Novo Triunfo. Estava escuro e Rafael estacionara o carro perto do local de descanso dos caminhoneiros. Era a primeira vez que conversavam desde que entraram no carro.

Lina palpava o *pendrive*, sentindo sua textura. Ficou pensando em como uma coisa tão pequena como essa, poderia ter causado tantos problemas. Com a casa vazia depois que a ambulância fora embora e com a porta dos fundos aberta, teve todo o tempo do mundo para procurar o *pendrive* e finalmente o encontrara na gaveta das meias. Lina o colocou num chaveiro que também funcionava como abridor de latas, o mesmo que usava para a sua chave de casa. O chaveiro era monstruosamente maior que o objeto e tinha um das pontas um gancho afiado e proeminente, um abridor de latas. Lina pareceu não escutar a pergunta dele, mas depois de um tempo, que mais pareceu séculos para Rafael, ela respondeu:

“Ela não vai.” A voz dela saiu estranha, despreparada. Estava calada já há muito tempo.

“Você é doente,” cuspiu ele quando percebeu suas intenções.

Lina sorriu sem levantar os olhos.

“Sinceramente não sei o que há pra você nisso tudo. Poderia simplesmente ter deixado a garota em paz desde o começo e nada disso teria acontecido.” Ele olhou com desgosto para Lina. “Pelo menos agora acabou, você recuperou o maldito do vídeo que tanto queria.”

Rafael suspirou cansado, mas ainda havia algo que estava atravessado na sua garganta.

“Vai deixar a garota em paz agora, não vai?”

Lina não respondeu.

“Já conseguiu tudo o que você queria, ela não tem nada, nada que possa te comprometer! Se ela for pra polícia e desmentir o que ela disse antes, ninguém vai acreditar.”

Ele a fitou incrédulo.

“Você ganhou, meus parabéns!” Seu tom de ironia não causou nenhuma reação visível nela. “Você vai ganhar o prêmio de psicopata mirim do ano! *Agora. Deixe.*

Ela. Em paz.”

Lina gargalhou alto, tão alto que Rafael sentiu medo como nunca havia sentido. Sentiu seus testículos formigarem e retraírem enquanto um frio percorria sua espinha. Ele ficou então em silêncio, refletindo sobre suas opções. Tomou uma decisão.

“Andei pensando...”

Começou ele, sem saber muito bem como dizer.

“Vou contar para o seu pai,” disparou ele seco como uma metralhadora. “Não sobre o que aconteceu hoje e nem sobre o seu vídeo na ponte, mas sobre o outro vídeo... chega, não quero que você me ameace mais.”

Lina continuou girando o *pendrive* entre os dedos e não pareceu escutar.

“Se ele souber o que você tem em mãos, isso será problema de vocês dois para resolver e não meu. Quer me ameaçar agora, tudo bem, mas vai ter que ameaçar ele também e...”

Rafael assumiu um tom quase de desespero, sua ideia parecia melhor no pensamento do que na prática.

“Deveria ter contado para ele desde o começo... mas, não, achei que conseguiria resolver isso só entre eu e você. Tentei protegê-lo da... *da própria filha!* Queria poupá-lo de qualquer constrangimento e sofrimento... ele já fez tanto por mim, era o mínimo que poderia fazer...”

Rafael estava prestes a chorar.

“Se quer ameaçar alguém daqui pra frente, vai ter que ameaçar seu pai diretamente. Não quero mais fazer parte dos seus planos psicopatas!” gritou ele.

Lina gargalhou de novo. Rafael se irritou.

“Você é doente,” repetiu ele com nojo. “*Doente.*”

Lina se calou e parou de girar o *pendrive*, a ponta afiada do abridor saltando de sua mão.

“Você... você... não podia estar mais certo.”

Num relâmpago, ela avançou contra ele e cortou sua garganta com o chaveiro, um movimento elegante e rápido.

O sangue esguichou no volante e manchou o para-brisa.

16

Ela olhou para as várias meias em cima da cama e congelou. Aquilo não podia ser verdade. Não havia como. E de repente, tudo fez sentido. Como um tanque enchendo aos poucos, ela ficou parada, sentindo sua ira subir de seus pés à cabeça, até o nível transbordar. Gritou o mais alto que pôde.

Clara jogou o monitor no chão. Deu uma bica na escrivaninha que apenas bateu na parede e pendulou de volta para o lugar. Abriu o estilete e travou a lâmina. Urrou de raiva, seus olhos flamejavam, a cor escura parecia incendiar. Com golpes fortes foi fincando o estilete de novo e de novo na porta do armário de madeira, mas aquilo parecia não ser suficiente para aliviar sua raiva de jeito nenhum. Puxou uma gaveta para fora e lançou-a contra a parede. Ficou ofegante, o sangue tamborilava em seu tímpano.

E de repente, um vazio. Caiu de joelhos no chão. Era como se Clara tivesse sido entalhada de fora para dentro, tendo suas entranhas retiradas.

“*Maldita!*” berrou, enquanto lágrimas caíam de seus olhos.

Foi ela... disse Nério.

Clara deitou no chão e se encolheu. Era sua culpa Cármen ter sido envolvida na trama contra Lina e ter sido pega no meio do fogo cruzado.

Você tem que se vingar...

“CHEGA!” gritou Clara, soluçando. “Não importa mais. Desisto, escutou Nério? DESISTO!”

Socou o piso de madeira.

“Pronto, eu desisto Lina, você ganhou!” Era como se tivesse falando com a própria na sua frente. “Chega, pelo amor de Deus, chega...” Sua voz era quase como um sussurro agora. “Você pegou as cópias do vídeo, agora me deixa em paz, só me deixa em paz, em paz...”

Clara...

“Não, Nério! Já disse que chega, ninguém mais vai se machucar por minha causa. A minha mãe é tudo o que eu tenho. De que adianta o que estou fazendo se não vou ter a pessoa que mais amo no mundo? Aquela maldita da Lina pode ter tudo o que ela quer, eu não ligo!”

Você não pode desistir...

“Preciso focar na minha mãe, Nério. Ela é tudo o que eu tenho, tudo...”

Clara soluçou alto, parecia que seu coração estava prestes a rasgar em dois. Ela sentiu Nério a envolvendo e encostou a cabeça na cama.

“Desculpa, eu só.. só...”

Não conseguiu completar, as palavras não saíam, cimento enrijecendo na sua garganta.

Tranquila agora, tranquila, exclamou ele, acalmando-a. Você está certa, precisa se concentrar na sua mãe antes de mais nada.

Clara ficou sozinha no silêncio, escutando sua respiração.

“Você acha que ela vai aguentar?” perguntou ela, sua voz ecoando no quarto.

Ela é como você, querida. Resistente e dura na queda. São mulheres fortes, ele fez uma breve pausa, você precisa ser forte Clara. Por ela. Ela não gostaria de vê-la desse jeito.

Clara fungou desestimulada.

“Você tá certo Nério, eu sei.” Ela esfregou o rosto.

O apito do trem soou ao fundo e Clara foi tomada por um acesso enorme de saudades de sua mãe.

Subitamente, seus olhos arregalaram com esperança.

“Já sei Nério.”

Clara ficou de pé.

“Você pode me ajudar. É o único que pode me ajudar. Tem que haver alguma manipulação que eu possa fazer para trazê-la de volta. Ou recuperá-la mais rápido.”

Seu coração pulava na expectativa.

“Nério?”

Manipular a energia vital de um ser vivo, da complexidade de um humano, não é tarefa fácil. Pelo contrário, mesmo os manipuladores de verdade passam anos aprendendo a mexer com isso. É a forma mais volátil de energia. Um erro, um único desliz e a energia vai parar em outro lugar ou é dispersada para o ambiente.

Clara sentou na cama aborrecida.

Para uma pessoa não-manipuladora como você...

“Já entendi, eu sei, não é possível,” suspirou ela. Passou um tempo olhando para o nada e depois levantou a cabeça. “Mas você tem que conhecer algum manipulador, Nério. Eu poderia ir atrás dele e ele poderia curá-la, não poderia?”

Clara, disse ele firme. O que você está pedindo é a forma mais difícil de manipulação, estamos falando de um poder e controle quase fora da realidade dos mais experimentados dos manipuladores. E fora... mesmo que você encontrasse uma pessoa dessas, convencê-lo seria uma outra história e um sujeito com um poder desses... você não ia querer se envolver com gente assim.

Clara colocou as mãos no rosto.

E se descobrissem do que você é capaz... você estaria perdida querida. Correria um perigo extremo, terminou ele.

“Então não há nada que podemos fazer?” perguntou ela, seu rosto murchando.

Eu receio que não. Aguardar e esperar pelo melhor.

17

Frederico Unschuld estacionou, sua mente ainda girando com o que sua filha dissera pelo telefone. *Rafael nunca me trairia, nunca*, repetiu ele enquanto desligava o motor. *Ele sabe que o amo... que o amo mais que minha própria filha. Isso deve ser um erro, não pode ser...* Seu rosto estava pálido, tão branco que sob as luzes altas do estacionamento vazio de caminhões ele pareceu um fantasma.

Lina o aguardava em pé, encostada no carro.

“O que *você* fez com ele?” cuspiu ele, seu corpo tremendo. Não de raiva, propriamente dita. Era um sentimento difícil de descrever. Uma mistura de medo, paixão e de dor.

“Ele ia me matar,” respondeu ela seca.

“Rafael nunca seria capaz disso!” gritou ele, lágrimas escorrendo. Não queria acreditar. Não era verdade, não podia ser.

“Descobri o vídeo que ele gravou. Ele estava guardando para bem próximo das eleições. Ia te chantagear por grana. Muita grana. Mas eu estraguei tudo quando descobri.”

O prefeito engoliu em seco.

“Ele não podia correr esse risco, não agora que eu sabia. Ele achou que conseguiria se livrar de mim... me sequestrou e me botou atrás no porta-malas... queria me levar pra longe e acabar com a única pessoa que podia arruinar com os planos dele... ele não era quem você pensava.”

Aquilo foi como um golpe de sabre bem em seu peito.

“Mas eu consegui escapar e...”

Lina deixou no ar. Empurrou o celular manchado de Rafael para seu pai.

“Olhe por você mesmo então se não acredita.”

Ele pegou o celular com a mão tremendo, desbloqueou a tela e apertou play.

Era seu escritório dentro de sua própria casa. O vídeo havia sido gravado com uma câmera escondida em uma das estantes, atrás da sua mesa. A visão mostrava tudo o que acontecia. Frederico acompanhou dois senhores até a porta e os cumprimentou. Lembrava-se dessa reunião como fosse ontem. Era a que tinha fechado a linha de fornecimento de maconha. Os carros da prefeitura seriam usados para transferir a carga. Foi o primeiro grande negócio que ele e Rafael fizeram. Juntos.

Frederico sentiu sua testa pingando de suor enquanto segurava o celular. Parecia que sua pressão estava caindo, estava sentindo meio mole, com as pernas bambas, mas mesmo assim não desviou o olhar da tela.

Rafael fechou a porta. Estavam a sós no escritório. Frederico sentou-se na cadeira enquanto ele se aproximava, tirando o paletó e desabotoando sua camisa. Estavam os dois contentes. Claro que estariam. Rafael montou em cima do prefeito e o beijou sensualmente, esfregando seu corpo contra o dele. Suas mãos desceram e desabotoaram sua calça. Rafael se ajoelhou e...

Não queria mais ver. Doía demais. Adiantou o vídeo para ver até onde tinham gravado, lágrimas escorrendo de suas bochechas. Rafael estava agora atrás dele e a câmera os pegou num ângulo em que seus corpos nus estavam selados como um só.

Frederico caiu de joelhos. Bloqueou o celular. Não queria ver o resto.

“*Onde... onde ele está?*” perguntou ele, sua voz entrecortada.

“Ali dentro,” indicou ela com os olhos.

Frederico se levantou e olhou dentro do carro. Exclamou em terror. Deu a volta e abriu a porta do motorista, esquecendo de todo o resto. Pegou o corpo frio e úmido de sangue de Rafael com as mãos e o abraçou.

Lina olhou com desgosto seu pai soluçar sobre o cadáver de seu amante. Aquilo afetou-a numa maneira que ela nunca achou que seria possível. Sentiu seu sangue

ferver nas suas veias, consumindo, estragando qualquer sentimento que sobrara em relação ao seu pai.

Nenhuma pergunta, nem mesmo você está bem? ou ele te machucou?, Lina remoeu em seus pensamentos. O fato caiu como uma rocha sobre seu peito. Seu pai era capaz de amar mais o seu amante morto, mesmo depois de acreditar que ele o traíra, do que sua filha. Nunca seu pai, nem quando ela era pequena, nem quando sua mãe fugiu e os deixou sozinhos, nem mesmo quando Lina chorava sozinha no seu quarto noites e noites afínco, ele a abraçara daquele jeito, ele a amara assim. *Nunca.*

Lina olhou para o céu escuro, sua mente longe.

CALMARIA ANTES DA TEMPESTADE

31 DE MARÇO – 25 DE ABRIL

1

Heitor acordou sobressaltado, esquecendo de onde estava por uns segundos. Enzo manteve sua mão sobre seu ombro. O médico estava com a impressão de que o (*ex* – não sabia que ele tinha pedido demissão) investigador não dormia bem há muito tempo. Suas olheiras estavam acentuadas e seus olhos pareciam mais profundos que o habitual.

“A situação dela está melhor, seus sinais vitais estão estáveis. Em pouco tempo, penso em liberá-la para casa. Mas...” Enzo coçou a garganta, “receio que os déficits neurológicos estão ficando cada vez mais evidentes. Assim que for possível, ela vai começar a reabilitação.”

Heitor endireitou-se na cadeira.

“Ainda é cedo para tentar estabelecer um prognóstico, os pacientes com traumatismo cranioencefálico grave podem demorar muito para recuperar, mas é um curso imprevisível, cada dia é diferente.” Enzo pensou no que dizer em seguida. “Tem uma escala que se chama *Rancho Los Amigos* que vamos classificando os pacientes em estágios na recuperação. Tem alguns que passam por todos eles e chegam a recuperar totalmente, outros, que param e estabilizam indeterminadamente em um.”

Heitor teve a impressão de que o nome da escala não era nem um pouco apropriado, parecia algo feliz com raios de luz e um arco-íris no fundo. Aquilo o irritou.

“É um momento difícil. Mas ainda há esperança.” Enzo sentou-se ao seu lado, queria dizer algo que lhe confortasse, mas parecia que não estava encontrando as palavras certas. Teve a impressão de que talvez a única coisa que poderia fazer era simplesmente estar ali com ele, sem dizer nada, só sua presença lhe confortando.

Os dois ficaram então em silêncio.

“Sabe,” disse Enzo depois de muito tempo, puxando um receituário do jaleco e uma caneta, “às vezes o melhor que podemos fazer é ter uma boa noite de sono. Pelo menos isso. Não sei se você estaria disposto, mas posso prescrever alguma coisa para te ajudar a dormir.”

Heitor virou o rosto, mas estava sem forças para dar uma resposta verbal e simplesmente acenou com a cabeça concordando.

2

“Não, não, não. Sou parente, família. Moro muito longe, entende?” Lina trocou o telefone de orelha. “Aham, claro, aguardo sim. Tenha um bom dia também.”

Relaxou na cadeira de seu quarto e colocou a mão livre atrás de sua cabeça. Ficou aguardando na linha, escutando a música de espera. Não tinha ideia de que sinfonia era, nunca dera muita bola para essas coisas, mas quando se deu conta estava ronronando junto com o ritmo clássico e foi pega de surpresa quando uma voz disse:

“Enfermaria cirúrgica, bom dia.”

Lina sorriu.

3

“Foda-se,” xingou ele em voz alta e engoliu o comprimido a seco.

Sua cabeça ainda latejava tanto que ficou surpreso por não ter batido o carro no caminho de volta do hospital. Fechou as cortinas, tentando escurecer o quarto, mas não adiantou muito, afinal o sol estava em seu ápice. Puxou o lençol e deixou todo o peso de seu corpo cair na cama. Era como se tivesse perdido os sentidos, estava tão cansado que tinha perdido o tato, não sentia estar deitado. Na verdade, não mais sentia nada.

“Não é da minha conta,” murmurou Heitor enquanto virava de lado. “Desculpa garota dos olhos de gato, quem quer que você seja, mas tenho mais o que fazer agora. Adeus.”

4

“Não acredito que você vai ter coragem de ir,” exclamou Larissa olhando incrédula para Mélanie, que apenas sorriu e continuou passando o batom na frente do espelho.

“Se aquela vadia pensa que consegue me assustar, ela pode ir tirando seu cavalinho da chuva.” Roçou um lábio no outro, vendo o realce da cor e sorriu de volta para seu reflexo. “E tem mais...”

Larissa inclinou a cabeça, já meio que desconfiando sobre o que ela falaria.

“Não só vou na festa, mas vou com *ele*. Vou fazer de tudo para que aquela puta me veja com seu ex. É claro que ela já tá sabendo, afinal a escola inteira tá por dentro,” seu tom a fez inflar um pouco o peito, “mas vou fazer questão de esfregar o gostoso do Lucas bem na fuça dela.”

Mélanie guardou o batom.

“Ainda mais porque vai estar todo mundo de traje de banho,” ela disse virando os olhos, “e se tem uma coisa em que todo mundo irá babar é no corpo do *meu* gatinho.”

Larissa balançou a cabeça, fingindo uma reprovação.

“Você é má, sabia disso?”

Mélanie deu de ombros e ajeitou o cabelo.

“Aprendi com a melhor, não é mesmo?”

5

Heitor beijou-lhe a testa e acariciou seu rosto. Ela foi levantando os olhos devagar, como um guindaste erguendo um bloco de concreto, tentou fixar o olhar, mas logo se perdeu de novo.

“Quero te dizer uma coisa muito importante,” sussurrou ele de bem de perto. Olhou para os lados, checando se estavam a sós no quarto. “Nunca te disse isso. Não por falta de oportunidade, mas por medo mesmo. *Eu...* te amo, Cármen.”

Ele segurou a mão dela e a apertou gentilmente. Seu rosto estava alegre e as olheiras já não pareciam mais tão marcadas, pouco a pouco, Heitor estava recuperando sua cor.

“Vou cuidar dela, não se preocupe, demore o tempo que precisar...”

Ele ficou ali segurando sua mão por um bom tempo e estava quase adormecendo, quando levou um susto. Não escutou Enzo entrando.

Os dois se cumprimentaram.

“Vejo que você está com outra cara,” disse o médico.

“Nada como uma semana de sono tranquilo para me trazer de volta,” respondeu Heitor coçando a cabeça, “foi como você me disse, eu preciso estar forte. Por elas. Elas precisam de mim.”

Ele ficou olhando para os dois com nojo, quase sentindo um regurgitar no pé da garganta. Lucas e Mélanie se beijavam encostados numa árvore.

Quem ele pensa que é?!

Felipe fechou as mãos, fincando suas unhas na pele.

Ela tava no papo. No *meu* papo.

Seu estômago roncou e aquilo só o irritou mais ainda. Não tinha tomado café da manhã e estava de jejum desde a noite anterior. A festa estava se aproximando e a cada dia seu peito ficava mais e mais apertado, pensando no que seria dele se não fosse ao evento. Todo mundo estaria lá. Todos, sem exceção.

Balofo, diriam.

Ele não foi porque tem vergonha de mostrar os pneuzinhos...

Bem que ele podia pegar umas dicas com o Luquinhas para ficar sarado...

Ficou em casa porque estava com medo de tirar a camisa...

As vozes giravam sem parar. Felipe tinha certeza de que falaria dele, tanta certeza que já sentia os olhares futriqueiros das meninas no corredor. Conseguiram cheirar seu medo de mostrar o corpo. Era só isso que ele pensava, estava obcecado, acreditando numa conspiração que só fazia sentido para ele mesmo.

“Aguardem,” bufou, “me aguardem...”

“Olá amigão,” disse Heitor e tragou o comprimido sem dó.

8

Uma faixa de luz branca correu o rosto de Lina de um lado para o outro. Esperou a cópia sair e ficou contemplando sua obra sob a luz que saía da impressora com a tampa aberta.

Se for fazer algo, faça direito.

Apenas reproduzir a foto não era suficiente. Guardara aquelas impressões do Sr. Lesma (era como apelidara aquele atendente malcomido) dentro do armário, mas pareceu que apenas aquilo não era fazer direito. Tinha que fazer ainda mais. Superar as expectativas. Estourar a porra da boca do balão.

E tinha tempo para isso e quando a Olho-Roxo voltasse para a escola, Lina estaria com o tapete vermelho pronto para recebê-la.

9

“As coisas dela estão aqui,” indicou Clara para uma cômoda, seu tom um pouco mais seco do que pretendia. “Não temos chuveiro aqui embaixo... o banho é meio complicado, mas Heitor pode te ajudar a levá-la para cima.”

A enfermeira Valentina subiu com Clara pelas escadas. Era uma mulher baixa, de ombros largos, trinta e poucos anos, e um tanto acima do peso. Sabia que deveria ser mais agradável com ela, mas algo nela lhe despertava desconfiança. Talvez

fosse pelas bolsas de pele que caíam debaixo dos olhos, ou fosse simplesmente seu jeito de andar, mas Clara não foi com a cara dela.

“Normalmente ficamos com ela lá em cima a maior parte do tempo, mas a cada dois dias, mais ou menos, trazemos ela para baixo e damos uma volta pelo quarteirão com ela na cadeira de rodas,” Clara explicava enquanto subiam os degraus estreitos, “ela parece gostar disso e o sol também lhe faz bem.”

Valentina tropeçou num degrau.

Clara parou no meio do caminho, pensou em dizer alguma coisa do tipo *cuidado para não cair da escada, bater a cabeça e ficar de cadeira de rodas pro resto da sua vida*, mas acabou se controlando.

“Trouxemos a televisão da sala pro quarto dela,” continuou Clara indiferente, “deixamos ligada o dia todo ou, às vezes, intercalamos com o rádio. Ela...” Clara se perdeu no meio de seus pensamentos, “ela costuma resmungar quando não gosta do canal ou coisa assim, então não deixe muito alto senão não vai escutá-la.”

10

“E ela, como está?” perguntou seca.

“Na mesma condição de antes,” respondeu Valentina, “abre os olhos, parece que está prestando atenção, mas não fala nada, passa o dia inteiro babando na frente da televisão.”

“Acha que ela vai melhorar?”

“Duvido.”

“Conseguiu o trabalho?”

“Sim,” Valentina pigarreou, “quero o dobro do que combinamos.”

Lina mordeu os lábios.

“Fechado.” A linha ficou muda por uns segundos. “Não me ligue de lá, escutou? Sempre quando estiver fora, não é para correr esse risco. Qualquer alteração no quadro, me ligue imediatamente.”

“Já entendi. E sobre *ããnnnnnn* aquela coisa... se, se ela acordar por assim dizer.”

“Vou te pagar o dobro justamente por causa disso,” sibilou Lina entre os dentes quase como um réptil. “Se você arregar na última hora eu acabo com a sua raça.”

Valentina engoliu em seco.

“É pra andar com aquele frasco sempre, eu repito, sempre no bolso, qualquer sinal que ela esteja prestes a falar e a recuperar a consciência, você sabe o que tem que fazer.”

“Tem certeza que não vai deixar vestígio nenhum?” perguntou Valentina apreensiva.

Lina desligou o telefone.

11

“E aí, o que achou da enfermeira?” perguntou ele.

Clara coçou o rosto, disfarçando.

“Sei que deve ser difícil se afastar dela depois de mais um mês juntas... mas estará em boas mãos, acredite,” tranquilizou ele. “Fora que vou estar aqui a maior parte do tempo.”

“Tudo bem se eu ficar pelo menos nos dois primeiros dias? Para ver se a Valentina,” dizer aquele nome lhe deixava com um gosto estranho na boca, “sabe,

se pegou o jeito das coisas.”

Heitor quis contrariar Clara e lhe dizer que achava desnecessário, mas entendeu sua preocupação e resolveu não insistir muito.

“Muito bem mocinha,” disse ele em tom paternal, “mas depois disso... *escola*.”

12

“Tem certeza?”

“Tenho,” respondeu Valentina, “pelo menos foi isso que ela disse. Escutei eles conversando.”

“Amanhã?” perguntou Lina.

“Sim. Ela ficou me vigiando de perto esses dois dias, mas agora vai voltar.”

13

“O que vou fazer quando encontrá-la, Nério?”

Isso, querida, depende inteiramente de você, respondeu ele.

Ela penteou o cabelo e ficou contemplando a escova de madeira como se ali estivessem as respostas.

As últimas semanas têm sido muito intensas, cuidando e se preocupando com a sua mãe... e quer saber de uma coisa? Nério fez uma pausa. *Heitor está certo, você precisa tocar sua vida Clara.*

Clara jogou a escova na cama, tentando liberar sua raiva contida.

“Mas como, Nério!? Como?!”

Você sabe o que precisa fazer querida... não só com ela, mas com eles todos... podemos utilizar a lua nova dessa semana para aumentar nossos poderes...

Clara apagou a luz e puxou o lençol irritada.

“Isso não está ajudando Nério,” disse ela entre os dentes.

Você desistiu e apenas estávamos começando querida. Não pode parar na primeira dificuldade no caminho.

“Minha mãe, Nério! Não foi qualquer dificuldade, foi a minha mãe que foi pega no meio de tudo isso e ...”

E o que você está sentindo, querida, hein? O que está escondendo de mim?, perguntou ele com a maior naturalidade.

“O que eu estou sentindo?! Você sabe muito bem o que estou sentindo!”

Vamos, vamos. Admita.

Clara socou o travesseiro.

“Raiva! Quero tirar tudo de Lina, esmagar ela como um inseto! Quero que ela sofra, sim,” o rosto de Clara escureceu, “sofra tudo o que passei! E levar todos, quero levar todos eles juntos com ela. Eu quero... quero...”

Vamos, querida, você consegue...

“QUERO MATÁ-LA! Pronto, satisfeito agora?!”

Clara estava ofegante, seu sangue pulsava por cada extremidade de seu corpo, parecia estar prestes a se incendiar.

Clara, está na hora de jogarmos, sim, de verdade. Agora vamos fazer do meu jeito.

Ela sentiu Nério como nunca havia sentido. Era como se ele estivesse pulsando em suas veias.

Clara, se você quer seguir em frente na sua vida, precisa queimar o passado, destruir tudo o que está no seu caminho, fazer tudo o que for necessário.

“Nério, o q-q-que você está fazendo?” perguntou ela quase se entregando àquela sensação ardente.

Isso, Clara, é o gostinho da vingança. É isso que está te aguardando...

Clara deitou e começou a passar as mãos em seu corpo. Mexeu nos cabelos, parecia que cada célula da sua pele estava eletrizada.

“Não... não pare,” ela murmurou.

Nunca querida.

14

Heitor deitou-se na cama, ficou olhando para o teto. Guardou na gaveta o revólver recém-adquirido – o seu antigo já tinha sido devolvido – e trancou com chave. Dava uma sensação a mais de segurança. Ele se sentiu melhor assim.

Pegou a cartela vazia de remédio que estava do lado da cabeceira. Tinha tomado o último comprimido ontem, mas não teve a coragem de pedir para Enzo mais uma prescrição. Poderia dar mil e um motivos sobre o porquê não fez isso. Mas a verdade, era outra.

Passou a mão na testa de Cármem e beijou-lhe boa noite. Arrumou o travesseiro e fechou os olhos.

Era como uma agulha. Não. Como uma unha, talvez? Também não. Era difícil de descrever. Mas estava lá, de qualquer maneira, todos os dias, quer ele queira ou não. Todos os dias que encostava a cabeça no travesseiro, esperando o remédio fazer efeito, ela vinha.

Sua consciência.

Já cansara de ficar se perguntando se tinha alucinado ou não naquele dia na estrada.

Podia ver claramente aqueles olhos de gato, fitando-o no nevoeiro.

Muito bem, decidiu ele. Agora com Clara voltando para a escola e Valentina cuidando de Cármén, ele poderia fazer o que havia negligenciado durante o tempo todo.

Estou pronto, pensou ele firme, afastando o medo daquele lugar sombrio de seus pesadelos. A sensação de ter um revólver ao lado também ajudou.

Venha falar comigo essa noite, garotinha. Posso te ajudar.

Demorou muito para pegar no sono, mas finalmente adormeceu.

PONTO DE NÃO RETORNO

Sexta-Feira 26 de Abril

1

Ele desligou o carro e olhou para a casa pela janela do passageiro. Era uma fazenda, com uma porteira de madeira protegendo a entrada e uma cerca de arame farpado com toras contorcidas, que mais pareciam dedos tortos saindo da terra batida. Já a casa, estava mais ao fundo, depois de um quintal malcuidado com grama alta e ervas daninhas. Era um grande bloco retangular com um único andar. O telhado de telhas parecia estar prestes a desabar e Heitor notou que pássaros tinham feito ninhos nos buracos e que pareciam brigar por espaço. As paredes da casa estavam sem pintura, os tijolos aparecendo, dando um aspecto rústico que não parecia ser nem um pouco aconchegante. Era como se a casa, pelo pio incessante das aves dissesse: *se afaste, nos deixe em paz*.

Uma placa havia sido pendurada na porteira, podia dizer *vende-se*, *aluga-se* ou qualquer outra coisa, mas estava tão desgastada que não havia como decifrá-la. Ele desceu do carro e olhou de novo o pedaço de papel com o endereço. Guardou-o no bolso e caminhou pela cerca. Abaixou-se.

Sim, era aqui mesmo.

Na cerca de arame farpado, perto da porteira, arranjos de flores tinham sido pendurados. Em alguns havia cartões. Em outros fotos. Havia uma, já desgastada por estar ao ar livre, de uma família sentada no sofá: o pai, a mãe, uma criancinha de colo e uma garotinha. Mesmo bem mais jovem, aqueles olhos de gato davam-

lhe a feição de estar sempre suspeitando de algo. Um cartão com a assinatura de várias crianças dizia *Vicky: que sua família descanse em paz.*

Heitor pegou a fotografia e olhou com mais cuidado. A menina não devia ter mais que cinco ou seis anos e já carregava um livrinho debaixo do braço. Parecia ser quase uma extensão de seu corpo e ela parecia guardar aquilo como se fosse seu bem mais precioso. Cruzes de todos os tamanhos estavam fincadas na terra, algumas traziam um rosário amarrado. Sentiu seus olhos começarem a arder, a mesma sensação que se tem depois de ficar bastante tempo sem piscar.

Para falar a verdade, Heitor não tinha a mínima ideia do que estava fazendo ali e muito menos do que precisava encontrar ou mesmo entender. Achou melhor não pensar muito, pelo menos era isso que tinha feito no caminho todo para cá, mas agora era inevitável, teria que lidar com os sonhos - alucinações?, questionou-se – quer queira ou não.

Heitor levantou-se e caminhou para o outro lado, onde a imagem era bem diferente. Alguém havia destroçado as flores e quebrado as cruzes, fazendo parecer que um furacão tivesse passado por ali. Uma das hastes contorcidas de madeira da cerca estava pichada com garranchos vermelhos: *Queime no inferno pelo que fez José seu filho da puta.*

Heitor fez uma careta quando leu a mensagem, espantado com o conteúdo. Olhou de volta para casa, tentando imaginar que pouco tempo atrás, vivia uma família ali. Dizem que as aparências enganam, mas o que Heitor sentiu naquele momento era diferente. Aquela casa era justamente o que estava esperando de um homem que assassinara a família inteira, como se ela refletisse o estado sombrio que estava por detrás daquele rosto surrado e da boca de ventríloquo de José.

Caminhou até a porteira e abriu. Tomou o cuidado de fechá-la como estava antes, como se animais pudessem escapar por ela. Não soube muito bem por que fez isso. Só parecia certo. Ainda não tinha sentido toda a atmosfera do ambiente e foi justo enquanto caminhava em direção à casa, que o tom melancólico e sombrio do lugar sedimentou na sua alma. Estar ali era quase sufocante, por assim dizer, por mais que estivesse ao ar livre. Era como se a grama alta e as ervas daninhas transpirassem uma tristeza densa, que grudava na roupa.

Os pássaros olharam feio para Heitor quando ele chegou na parte coberta, mas ainda do lado de fora da casa, que deveria ter sido usada como garagem ou uma espécie de varanda. Tentou espantá-los com os braços, mas eles permaneceram

olhando-o como gárgulas que guardam uma igreja. Tentou abrir a porta da frente, mas ela estava trancada. Pensou que teria uma outra porta em algum outro lugar, mas não havia. As janelas estavam fechadas, protegidas com venezianas de madeira por fora.

Deu uns passos para trás e olhou ao redor indeciso. As gárgulas lhe espreitavam cada movimento. Não podia voltar, não agora. Já tinha chegado até aqui, precisava continuar, precisava de respostas. Arrombar uma porta era bem mais difícil do que achava. Heitor passou bem uns quinze minutos dando encontrões na porta, sem resultado algum. Suspirou e limpou o suor da testa, talvez estava sendo delicado demais. Olhou ao redor e viu uma casinha de madeira bem ao fundo que deveria conter materiais de toda a espécie. Passou pela cadeira de balanço e foi até lá. Voltou com um machado velho em mãos. Encarou os pássaros que pareciam zombá-lo.

Com três golpes, sendo que com cada investida, um bando de pássaros furiosos saía do lugar, Heitor conseguiu destroçar a madeira da porta e chutou, abrindo espaço suficiente para passar entre as lascas. Não era o que tinha em mente, mas acabou funcionando.

A temperatura lá dentro era facilmente uns quatro graus mais fria, foi a explicação que usou para estar todo arrepiado. Tateou pela parede de tijolos, procurando por um interruptor. Quando acendeu, deu um salto para trás.

É óbvio que ninguém teria limpado, pensou.

Na parede contra uma cadeira de balanço, do mesmo tipo que a lá de fora, havia sangue esguichado, num padrão típico de arma de fogo. Com vários círculos vermelhos divergindo e de cada um escorria um rastro até o chão. Heitor chegou mais perto e reparou que a cadeira também estava salpicada de escarlate.

Nada melhor do que sentar na boa e velha cadeira de balanço da vovó depois de matar a esposa e a filha, pensou Heitor sórdido, imaginando José ali sentado com os braços atrás da cabeça, relaxando. Ou será que ele ficou ali pendulando no vai e vem da cadeira se arrependendo do que tinha feito?

Caminhou pela sala, pensativo. Aquele ambiente escuro, com cheiro de lugar fechado, estava entrando debaixo da sua pele, cutucando aquela carne logo debaixo da unha. É apenas uma casa velha e caindo aos pedaços, disse tentando se convencer.

Checou os outros cômodos tentando reconstruir as imagens em sua mente. Primeiro a esposa. Não que soubesse por alguma evidência que ela tinha sido a primeira, mas algo no fundo dizia que sim. Era o que ele faria se estivesse no lugar do louco. Melhor acabar com a mulher primeiro, silenciosamente, e depois ir atrás da serelepe da filha.

Se não fosse pela cama bagunçada, o quarto do casal passaria batido. Mas Heitor sabia pelos comentários dos ex-colegas que a mulher fora encontrada na cama esganada, com marca de dedos no pescoço. O que será que estava passando na cabeça de José enquanto ele a sufocava? Raiva? Um amor incondicional talvez?

Um outro detalhe chamou-lhe a atenção: uma pequena caminha encostada na parede perto da janela. Estava arrumada com o máximo de esmero, que parecia até que tinham passado ferro quente no lençol para deixá-lo em perfeito estado. Havia ainda dois travesseiros pequenos com vários animais bordados e o nome *Zézinho* estava delicadamente costurado. Olhou a fotografia que estava em cima da cama: um menino gordo e sorridente com um boné vermelho acenava para a câmera. Várias miniaturas de santinhos - Heitor não conhecia nenhum - faziam um círculo ao redor do porta-retratos. Pegou um para examinar de mais perto. Estavam manchados de sangue, engoliu em seco, e colocou-os de volta. Aquilo parecia um túmulo dentro da própria casa, como um santuário para um culto ao falecido. Heitor sentiu um incômodo que não soube muito bem o que era, mas precisou sair do quarto e se afastar daquela espécie de altar. Sentiu falta do peso de seu revólver.

Já não queria mais examinar o resto da casa. Nem sabia o que estava fazendo nesse lugar macabro do mesmo jeito. Limpou o suor da testa e caminhou pelo corredor em direção à porta de entrada na sala. Quando deu o primeiro passo, tapou os ouvidos.

Um som ensurdecedor ecoou pela casa. Uma espécie de estática na forma de um tsunami sonoro. Parecia que seus ouvidos estavam sangrando, como se um alfinete estivesse sendo fincado no seu tímpano. A luz da sala apagou com um estalido e Heitor ficaria na escuridão completa se não fosse pelos feixes de luz que entravam pela porta destruída de madeira.

Uma névoa, parecida com serração começou a sair do piso e dos cantos das paredes. Heitor estava assustado demais para se mexer. Um brilho começou a ofuscar sua visão e ele cambaleou um pouco para trás. Vultos, cobertos de preto, inclusive o rosto, começaram a se aproximar de Heitor. Aproximavam-se de mãos dadas em uma espécie de círculo que se fechava. A garotinha de olhos de gato os

estava guiando, mas suas feições estavam distorcidas, como a imagem na televisão quando a antena está ruim e uma onda de estática percorre a imagem.

“Eles estão me ajudando,” disse ela, sua voz parecendo mais um eco que qualquer outra coisa, “não temos muito tempo. A energia que estamos usando para interferir aqui é muito grande, dificilmente vamos conseguir entrar em contato de novo.”

Ela chegou perto e tomou Heitor pelas mãos.

“Não temos o poder de interferir no mundo dos vivos, mas aqui nesse lugar, ele enfraqueceu a barreira quando usou magia antiga, que o mundo já tinha esquecido. Aqui, os nossos mundos foram costurados um no outro até a próxima lua nova.”

“*Apresse-se menina,*” uma voz grossa soou ao fundo.

“Preste atenção Heitor...” disse ela atordoada. “Os que entraram na cova estão a ele ligados... e serão seu sacrifício amanhã. Todos eles.”

O toque da sua mão era tão frio que chegou a arder.

“Ele completará o ritual quando o céu se encobrir da mais pura escuridão. A lua nova lhe dará poderes nunca antes vistos... ele vai usar a menina para escapar de sua prisão.”

Os olhos de gato estavam tão próximos que pareciam engoli-lo.

“Não se engane. O tempo de esperar já terminou. Nério irá levantar-se mais uma vez e a grande bat...”

Ela falou mais alguma coisa, mas o som saiu distorcido e Heitor não conseguiu entender.

“O *diário*, Heitor. Leve meu diário ao menino, ele pode te ajudar!” a voz dela estava desesperada, seu tempo estava acabando.

Ela beijou-lhe a bochecha e sussurrou:

“Boa sorte.”

A névoa desaparecera. A luz da sala acendeu.

Heitor ainda estava congelado, processando as informações. Ficou ruminando as frases sem sentido da garota por um bom tempo. Parecia um quebra-cabeça com as peças cada uma mais estranha que a outra.

“O diário,” disse em voz alta. “Ela quer que eu encontre seu diário.” E como num flash reviveu a cena na sua mente em que a garotinha ia embora na caminhonete velha. Ele lembrou-se tão claramente daquele dia. Sim, estava escrevendo em seu diário! Era isso.

Correu para a última porta do corredor. Era o quarto dela. Vasculhou cada canto do quarto, sacudi a cama, revirou os lençóis mas não encontrou. Olhou entre os brinquedos e as prateleiras de aço, mas nada. A garota fora estrangulada como a mãe e encontrada na cama tão tranquila como se estivesse dormindo.

Heitor parou para pensar.

A garota parecia nunca largar daquele diário. Deveria ter ficado com ele até o último minuto. Quase até o seu último suspiro.

Se eu fosse uma garotinha e precisasse me esconder de meu pai maluco, onde me esconderia?

Ele olhou ao redor. Debaixo da cama? Não. O quarto não tinha muitos lugares para se esconder. A não ser...

Abriu a porta do armário, empurrou as roupas de lado. Ali caberia uma criança espremida e com medo facilmente. Tateou buscando alguma coisa, qualquer coisa, estava já desesperado, achando que estava de fato perdendo sua cabeça de vez. E foi aí que ele encontrou.

Clara subiu no ônibus, protegeu o rosto dos raios da manhã e passou na catraca. Era estranho estar de volta depois desse tempo todo. Era como se fosse seu primeiro dia como aluna nova. Enquanto o ônibus acelerava, olhou para sua

sapatilha preta e a saia xadrez que estava usando. Sabia que não era só a roupa que a diferenciava daquela Clara inocente e tímida que atravessara para a Zona Sul no começo de janeiro.

Aquela Clara estava morta.

Não foi um processo abrupto, admitiu para si mesma enquanto se espremia entre as pessoas, tentando chegar no fundo do 401-A. Foi um processo vagaroso, pouquinho a pouquinho, um passo de cada vez e o que restava agora era totalmente diferente. Talvez restos não fosse a palavra adequada. Era mais um trocar de pele para dizer a verdade.

Sentou-se e colocou sua mochila no colo. Clara sorriu e sentiu Nério com ela. Na verdade, dentro dela. Como uma extensão por assim dizer, parte de um todo que resplandecia naquela manhã.

Em pouco tempo, o ônibus já acelerava na ponte Carlos Abraão Bresser e os postes deslizavam suavemente pela sua janela. Levantou-se, pediu licença e se preparou para descer.

Nesse meio tempo, Clara não reparou no burburinho que estava se formando na frente do Colégio São Tomé. Muito menos prestou atenção no asfalto da rua Padre Anchieta que estava quase coberto pelo que parecia ser vários panfletos.

Clara se segurou para não cair quando o ônibus parou no ponto, levantando os papéis que estavam na calçada, formando uma espécie de redemoinho. Ela desceu do ônibus e colocou sua mochila nas costas, protegendo o rosto mais uma vez do sol da manhã.

Reparou que havia alguma coisa de errado.

O quarteirão inteiro estava coberto por uma trilha de papéis, parecendo quase os dias de eleição nos quais as ruas ficavam infestadas de propagandas. Quase não dava para ver as pedras que formavam a calçada de tanto que estava coberta. Ela cambaleou um pouco, sentindo algo grudar em sua sapatilha.

Pegou um desses panfletos e olhou para ver do que se tratava. Seu queixo caiu, seus olhos arregalaram e sua mão foi à garganta que estava se fechando em desespero.

Era ela. *Ela*. Clara Romanush. Estava com o vestido de renda branco todo sujo, seu cabelo suado grudado na testa e uma poça de urina entre as pernas. Mancha no rosto, sua marca registrada, bem visível. Sua calcinha estava à mostra e a resolução tinha sido melhorada ao ponto de ver algo negro por detrás do tecido quase transparente da sua roupa íntima. A imagem tinha sido recortada e ao fundo, nada além de preto.

Olhou ao redor. A primeira coisa que chamou sua atenção foi a Praça Principal. Papéis voavam de um lado para o outro, carregados pelo vento e, do coreto a brisa espalhava papéis para todos os lados.

Atravessou a rua, correndo em direção ao coreto, seu coração saltando pela boca. Estava tão atordoada que não ligou para o carro que freou bruscamente, o som de pneu cantando vibrando no quarteirão. Subiu pelos degraus e caiu de joelhos. Os panfletos voaram na sua frente e ficaram presos no guarda-corpo de madeira do coreto.

Reparou então no que estava escrito no verso do folheto: *Faça sua contribuição para que garotas como essa recebam fraldas. Ligue agora mesmo!* O número do seu celular estava anotado embaixo. Do *seu* celular. Levou a mão à boca. Amassou o panfleto, não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

Clara se levantou e olhou ao redor da praça. Colocou as mãos na cabeça em desespero e se sentiu como um balão de ar quente, subindo e subindo. O chão foi afundando, tudo ao seu redor estava girando e teve que se segurar para não cair. Para onde olhava havia panfletos. Pessoas estavam nas esquinas recolhendo os papéis, olhando do que se tratava.

De repente alguém apontou para Clara parada no coreto e o resultado foi uma reação em cadeia. Era como se a praça principal e os quarteirões que a cercavam fossem a plateia de uma grande espetáculo. E eram. Entre cochichos e olhares estranhos estavam todos olhando para aquela figura, vendo o que ela faria em seguida.

Clara pensou em onde esconder, mas parecia que a cada direção que olhava mais e mais pessoas se juntavam aos burburinhos e a espreitavam. Ela puxou o ar com força, e começou a abanar o rosto, tentando, suplicando para o oxigênio entrar. Era como se um cinto de couro tivesse sido apertado em seu pescoço. Teve a sombria sensação de que sua traqueia colapsou, conseguia escutar seus anéis de cartilagem apertando e apertando.

Clara correu para o portão do Colégio São Tomé, trombou com um carro no meio do caminho, ignorou a buzina ensurdecedora, cambaleou um pouco, mas continuou correndo. Seu cabelo se soltara e esvoaçava enquanto passava os alunos. Sua mochila saltava, machucando um pouco seu ombro. Subiu pelas escadas de mármore, empurrando os alunos. No corredor do segundo ano, parou para recuperar o fôlego. Todos olhavam para ela e muitos traziam os panfletos em mãos. Ela era o centro das atenções. Olhou para os lados e percebeu que alguns estavam com os *smartphones* apontando para ela. Estavam gravando.

Clara correu então para o banheiro com os braços estendidos, sem olhar para trás. O choque contra a porta trancada foi tão grande que ela quase chegou a perder a consciência quando veio ao chão.

O que começou com apenas uma gargalhada, que parecia mais esguichar da boca de quem estava rindo como alguém soltando o ar de uma bexiga, depois foi se alastrando sem controle, como uma onda até que diversas vozes ecoavam em uníssono pelo corredor.

Clara sentou-se a tempo de olhar os vários rostos que a fitavam. Alguns vermelhos, outros roxos de tanto rir, mas todos olhando para ela. Ela levantou, massageando a cabeça onde atingira a porta.

“Pronto pra aparecer nas vídeos cacetadas do Faustão Olho-Roxo?” uma voz masculina gritou do fundo. Mais risadas fizeram o corredor vibrar.

“Trouxe a fralda em caso de querer fazer pipi?”

Um grande *Oooooooooohhhhhhhh* ressonou através alunos, tirando sarro da figura que cambaleava na frente do banheiro.

Algo pequeno e duro atingiu Clara no rosto. Ela piscou, não entendendo o que estava acontecendo. Olhou para o chão e viu uma moeda de cinco centavos girando no piso até parar.

“Contribuição pra Maria-Mijona!” alguém berrou.

Tentou se proteger, mas em pouco tempo chovia moedas em cima dela, que caíam no chão com um tilintar metálico quase formando uma melodia.

Clara gritou a plenos pulmões, a garganta vibrando com a intensidade.

Todos se calaram, as risadas pararam e tudo ficou em silêncio. Só se escutava o rodopiar das últimas moedas no piso. Clara alargou a base dos pés, soltou sua mochila e chacoalhou os ombros. Abaixou a cabeça, o cabelo negro cobrindo seu rosto. Fechou os olhos e apenas seguiu os comandos de seu corpo.

Clara correu tão rápido para um grupinho de garotas que ninguém tentou pará-la. Agarrou a primeira menina pelos cabelos e a rodou ao chão. Pegou outra pelos braços, agarrando tão forte que a pele rasgou com o contato com suas unhas. Alguém gritou. Ela aproximou-se de um menino baixinho e tomou-o pela cabeça e deu uma joelhada em seu rosto, conseguiu sentir o estalar de alguma coisa em sua carne. Alguém gritou alguma coisa que não conseguiu entender. Ela virou-se e viu que a menina que estava no chão se levantava. Clara correu e a empurrou para o chão de novo. Pelos cabelos a levou até a escada. Nesse meio tempo, os alunos se afastavam em pânico, ninguém sabia o que fazer, estavam com medo de se aproximar. Clara montou em cima das costas da garota e ainda segurando-a pelo cabelo começou a bater sua cabeça contra a quina de mármore do degrau. A garota se contorcia feito um peixe e gritava por ajuda com a boca cheia de sangue.

Se não parar vai matá-la. A voz de Nério fez seus ossos vibrarem. Ainda não, Clara, ainda não.

Clara largou a garota e endireitou-se. A menina olhava-a semiconsciente e horrorizada com seu rosto esguichando sangue. Dava para escutar passos fortes e apressados pela escada. Alguém havia chamado por ajuda.

Os passos estavam mais próximos.

Braços fortes pegaram Clara por detrás e a renderam. Enquanto os funcionários da manutenção levavam-na a força escada abaixo, seus gritos histéricos podiam ser escutados do corredor.

Heitor guardou o diário no porta-luvas. Pensou bem, titubeou um pouco e o pegou de novo. Colocou-o na pasta preta que carregava consigo. Pareceria mais profissional assim.

Devo estar ficando louco, disse para si mesmo, vou entregar um diário maluco para gente mais maluca ainda.

Trancou o carro e subiu pelas escadas.

O que diria?

Me pediram para entregar isso.

Não, não. É de uma garota falecida, coisinha básica, ela falou comigo pela estática e disse para eu entregar.

Acontece o tempo todo.

Gostaria de me manter aqui no manicômio? Olha só, estou apenas fazendo meu trabalho, sabe, como mensageiro de uma dimensão paralela.

Deveria estar ficando maluco, só podia ser. Sentiu que algo estava mudando dentro dele, como se já não fosse o mesmo. Uma coisa era acreditar em algo que os outros disseram que viram. Aquela história toda de um amigo do meu amigo disse. Outra coisa é negar algo que você mesmo viu com os próprios olhos.

Heitor conseguiu pensar em duas alternativas nesse cenário: ou ele tinha perdido de vez a cabeça ou... *era verdade.*

Apertou o botão para falar e antes mesmo de alguém responder, já estava se apresentando. Mentiu dizendo que ainda era investigador, mas sabia que não teria nenhum problema, o Sr. Walther já o conhecia. Disse que era uma visita totalmente fora da investigação que já fora fechada. Só queria mesmo acompanhar o estado do menino. As sobrancelhas brancas de Walther se juntaram em desconfiança, mas ele depois de resmungar um pouco deixou Heitor entrar. Trocaram umas rápidas palavras e Walther perguntou se ele sabia o caminho para o pátio interno. Heitor assentiu.

Estava se contendo para não correr. Não conseguia afastar o pensamento de que o tempo estava se esvaindo. Era de tarde e o pátio estava um lugar tranquilo. Heitor viu alguns pacientes isolados e demorou um pouco para encontrar Nicolas que

estava sentado na grama, na sombra de uma árvore. Uma mulher com cabelo selvagem que, provavelmente, não via a escova há muito tempo, estava sentado ao seu lado.

Heitor se aproximou, tentando não parecer desesperado e com a cara de *uma-garotinha-morta-me-falou-para-te-procurar*. O rosto do menino iluminou-se ao ver Heitor. A mulher se encolheu como se estivesse diante de uma ameaça.

“Pode ficar tranquila Ingrid, ele é amigo, *amiiiiigo*.”

Ela relaxou um pouco.

Heitor sentou-se de frente para eles na grama, não se preocupando se estava sujando sua calça ou não.

“Como é bom ver você investigador Heitor.”

Heitor abriu um sorriso e disse:

“Já não trabalho com a polícia Nicolas, cansei. Agora é só Heitor, mesmo.”

“Meus... meus parabéns então?”

Eles riram. Até mesmo a mulher esboçou um leve sorriso.

“Então, do que gostaria de conversar Heitor? E deixa eu te apresentar, essa daqui é a Ingrid, lembra da mulher que te falei? Então, foi ela que tem me ajudado desde então, sabe, *hummm* controlando um pouco o meu...”

Nicolas não completou, parecia envergonhado.

“Elo com o mundo dos mortos,” completou Ingrid, sua voz soando mais dócil do que Heitor imaginava.

“Ingrid! Shhhhh...” exclamou Nicolas. “Se eles escutarem que estamos falando disso, vão me medicar de novo.”

Ele olhou desconfiado para Heitor.

“Não se preocupe, estou aqui justamente porque quero falar sobre isso. Eu... eu acredito agora.”

Falar isso em voz alta pareceu estranho para Heitor. Mas estava já na hora de admitir para si mesmo.

Os olhos do garoto se arregalaram em surpresa.

“Eu falei não falei?” disse Ingrid, balançando o dedo para Nicolas. “Ele estaria de volta, eu sabia. Muito bem então, sobre o que vocês garotos gostariam de aprender hoje?”

O sorriso dela assustou um pouco Heitor, antes não teria dúvidas em declarar a mulher como doida, mas agora com tudo o que estava acontecendo, ele estava tão doido quanto.

“Bem, acho que vou então direto ao assunto. Eu *hum...* gostaria de entender o que aconteceu com Nicolas, de verdade. Quero saber tudo o que a senhora puder me falar, não importa quão estranho pareça,” disse Heitor sentindo um alívio no peito.

Ela deu uma risada seca que mais parecia um engasgo.

“Gostei dele, viu garoto,” ela deu uma cotovelada em Nicolas, “deveria ter trazido ele para me ver antes. Talvez ele não estaria nesse desespero todo que está hoje. Parece que viu um fantasma?”

Nicolas riu, mas percebeu que Heitor ficou sério e então olhou para Ingrid sem saber o que fazer.

“Tudo bem, o primeiro contato é assim mesmo,” disse ela fazendo um gesto com a mão, “depois você acostuma. Deve ser estranho passar uma vida toda achando que é tudo é mentira, história para boi dormir... mas o momento chega e quando ele chega, muda você para sempre.”

Ela colocou a mão no ombro de Heitor.

“Muita coisa, não é?” perguntou ela.

Ele concordou com a cabeça. Sentiu naquele instante que poderia confiar naquela mulher estranha toda descabelada.

“Vamos lá então. Por onde começo...”

Ela coçou o queixo pensativa.

Heitor se acomodou.

“Todos nós temos uma parte que nos permite entrar em contato com o mundo das sombras eternas, o mundo dos mortos.” Ela fez uma pausa. “Só que temos isso em diferentes graus, uns mais que os outros... a maioria com muito pouco que não serve para nada. Ninguém sabe ao certo o que determina isso, se é ao nascer ou se é alguma coisa durante a vida, porque essa, *ahhh*, digamos, habilidade pode surgir de uma hora para outra, como também pode desaparecer do nada.”

Ingrid fazia gestos com as mãos que acompanhavam suas palavras.

“Esse garoto aqui é *sensível*. Sem dúvida poderia virar um oráculo se ele tivesse um professor mais adequado. Quando os oráculos são usados, há toda uma preparação antes e mesmo assim, nem sempre dão as respostas que queremos. Isso, porque temos que lembrar que estamos lidando com forças que estão totalmente fora de nosso controle. Forças que unem o passado, o presente e o futuro... por isso que as mensagens são tão... enigmáticas para nós que só conseguimos ver o presente.

“Nicolas, como todos os outros oráculos da história, é *instável*. Seu corpo é mais sensível às energias do outro plano e quando ele se reuniu com as outras crianças, foi ele o meio pelo qual aquele...”

Ingrid olhou para os lados.

“*Monstro* se manifestou.”

Ela fez uma pausa.

“Seu verdadeiro nome era *Nério*.”

Heitor se arrepiou ao escutar o nome novamente.

O rosto de Nicolas escureceu, como se o nome já fosse capaz de lhe trazer más lembranças.

“Nério nasceu numa comunidade pobre e isolada, pelo menos é isso que todos comentam, num lugar escondido e afastado, até mesmo para os manipuladores de outras linhagens.”

“*Manipuladores?*” Heitor perguntou, interrompendo-a.

Ingrid virou os olhos e suspirou.

“Esqueci que você não sabe de nada, me desculpe.”

“Manipuladores é só um outro nome para bruxos, feiticeiros, conjuradores, magos, necromantes...” explicou Nicolas.

Heitor balançou a cabeça, agradecendo o garoto.

“Ele teve uma infância difícil, mas para sua sorte, nunca houve no mundo, pelo que contam, uma ativação tão rápida de um *incubus*.”

Heitor olhou confuso para Ingrid.

“Um *incubus* é só um nome que costumamos dar ao fundador de uma linhagem de manipuladores,” explicou ela, “é a partir dele que flui a magia aos descendentes.”

“É como o mais *foda* de todos os manipuladores, com uma habilidade única de controlar energia a níveis extremos,” complementou o garoto, “surge um a cada duzentos, trezentos anos e começam uma nova linhagem.”

Ingrid fez um gesto para o garoto. Ela queria continuar a história.

“Reza a lenda que o *incubus* é o resultante de um cruzamento de um humano com uma entidade de outro plano, mas a verdade é que ninguém sabe explicar como se dá sua origem. Mas, segundo o conhecimento dos antigos e dos oráculos, nenhum *incubus* é gerado ao acaso... é como se o outro plano escolhesse a dedo para quem daria o poder de mudar o mundo.

“Todo *incubus* nasce como uma criança normal, mas o destino sempre acha alguma forma de ativar sua verdadeira natureza e isso só pode ser feito por meio de uma única coisa. *Da morte*.”

Heitor enrugou a testa.

“O *incubus* precisa morrer para ter sua natureza ativada. É como se na morte seu lado humano fosse pro lixo,” explicou Nicolas, “o que resta em suas veias é a mais pura energia, na sua forma mais intensa. Isso explica o grande poder de manipulação desses caras, já que eles e a energia cósmica são por assim dizer feitos da mesma coisa.”

Ingrid pareceu impressionado com o garoto. Ele aprendia rápido.

“Segundo as histórias contam, depois da sua ativação, a manipulação para Nério era tão natural como respirar e em pouco tempo ele atraiu atenção de outros manipuladores. E naquela época, sem nenhum *incubus* vivo conhecido, Nério foi a razão de muito boatos que se espalharam rápido pelos quatro cantos do mundo. Não demorou muito para que as linhagens começassem a mostrar interesse, cada uma tentando conquistar o *incubus* para si.”

“Esses caras,” interrompeu Nicolas, “são mais do que manipuladores, o sangue deles é energia pura. Encantamentos e rituais antigos que demandam muita energia só podem ser feitos por um *incubus* ou, e aí tá a grande chave da questão, com seu sangue. Percebe quão valioso seria ter um cara desses a sua disposição?”

“Ainda mais um garoto sem qualquer treinamento,” completou Ingrid, “seria mais fácil ainda de enganá-lo para qualquer fim.”

Heitor estava começando a entender.

“E assim Nério foi passando de mão em mão. Aprendendo coisas aqui, coisas ali e em pouco tempo, conhecia os segredos mais preciosos de cada linhagem. Dizem que ele tinha um jeito sedutor... fazia com que o ancião de cada família acreditasse que ele os havia escolhido como seu favorito. Nisso, é claro, Nério mostrava seu poder impressionante e fornecia gotas de seu sangue. E de repente, de manipuladores, as linhagens passaram a ser *manipuladas*...

“Mas conforme foi crescendo, ele começou a se interessar pelo lado escuro da manipulação, queria cada vez mais e mais poder... isso sempre fazendo todos acreditarem que ele era o seu aliado e de mais ninguém.

“Ah! Como estavam errados!”

Ingrid levantou os braços, dando ênfase ao que estava falando.

“Tanto poder como aquele e ele estava fadado a quebrar as regras.”

“*Regras?* Disso você não tinha me falado,” disse Nicolas.

“Sim, meu rapaz, há regras. Há muito tempo, os anciões das linhagens se reuniram no *Lugar-Onde-Tudo-Começou* e discutiram o futuro da manipulação de energia. Se fossem para conviver em paz, as linhagens teriam que decidir regras e leis. Todos os manipuladores, sem exceção, deveriam obedecer. E assim Nicolas, entrou em vigor o *Primoris Maximus*, como ficou conhecido o acordo.”

As mãos de Ingrid se moviam sem parar.

“Mas esse novo *incubus* estava quebrando as leis antigas do *Primoris Maximus*, alegando que isso impedia a expressão do mais verdadeiro poder. Do *seu* verdadeiro poder. E olha que ele até tinha uma pitada de razão, mas o acordo garantia o equilíbrio... isso era algo que aquele adolescente não podia compreender.

“Quando tentaram impedi-lo, Nério trucidou quase linhagens inteiras, era uma criança com uma arma nas mãos e sem controle. Tinha um espírito indomável e não respondia a ninguém. Em pouco tempo, ele conseguiu dominar o poder de criar manipuladores. *Sim* de gerar novos manipuladores vindo dele mesmo, por mais que não tivessem laços de sangue. Ou seja, de pegar pessoas normais e torná-las manipuladores da noite para o dia. Não estamos falando de seus filhos não, que herdariam parte de seu poder ao nascer.”

Ela recuperou o fôlego antes de continuar.

“Mas de pessoas de qualquer idade... desde que jurassem lealdade. Esse poder era algo que os antigos *incubi* – o plural de *incubus* – só aprendiam muito mais tarde e muitos desses, se recusavam a usar esse poder, pois ele tinha consequências...”

“E de repente, justo quando a ameaça de que Nério estaria prestes a criar um verdadeiro exército de manipuladores, da sua nova linhagem, ele desaparece. *Puff!* Como fumaça.”

Heitor não tinha ideia de para onde essa história iria, mas estava escutando tão atento que parecia que estava de volta ao tempo de garoto, quando escutava histórias ao redor da fogueira.

“De aqui em diante é tudo especulação, ninguém sabe realmente o que aconteceu, mas há histórias... a versão mais difundida conta que ele se apaixonou por uma

linda mulher. Uma mulher simples, não manipuladora, mas diferente de todas as que já tinha visto e foi quem roubou seu coração de *incubus*. Ele a conheceu através de uma das linhagens, ela era casada com um homem comum, não-manipulador, mas importante e influente na política.

“Essa mulher por quem ele se apaixonou já tinha até uma filha, mas o amor entre eles foi à primeira vista e, esse *sim*, eu digo que é o verdadeiro amor de perdição. Ela mostrou Nério todo um lado da vida que ele não conhecia...

“A bela mulher resolveu abandonar tudo e fugir com ele. Por ela, Nério deixou de lado todos os seus planos e contam que ele estava disposto a viver uma vida normal e simples. Tudo indica que viveram felizes durante alguns anos em algum lugar afastado de qualquer manipulação...

“Dizem que foi justo esse o erro de Nério, ele baixou sua guarda e parou de manipular, acreditando que estava a salvo. E por mais que um dia, resolvessem atacá-lo, ele estava mais do que confiante que seria capaz de proteger a si mesmo e a sua amada.

“Dizem por aí que a mulher ficou grávida, outros falam que ele chegou até ter filhos, alguns falam que ele fez um exército só para proteger sua família. Mas quem conta um conto aumenta um ponto...

“Só que o que Nério não sabia era que o ex-marido de sua amada tramava planos contra eles dois. Nunca que um humano qualquer poderia oferecer algum risco, ainda mais sem saber manipulação, por isso nunca passou pela cabeça dele que um dia seu fim viria justo por esse homem. No entanto, esse homem tinha seus contatos e uma grande fortuna. Seu esquema de corrupção estava fadado a chamar atenção das linhagens, que tinham uma teia nos tipos mais variados de negócios... petróleo, carros, drogas, prostituição...

“Vocês dois têm que entender que desde os primórdios do tempo, as grandes linhagens sempre deram algum jeito de interferir nas políticas, nas grandes guerras, nas revoluções... enfim, sempre visando algum interesse próprio. E para fazer isso, precisavam estabelecer aliados no mundo sem manipulação, ou seja, no mundo normal que você,” ela inclinou a cabeça em direção a Heitor, “vivia até hoje.”

Heitor sentiu-se estranho, sabia que já não era mais o mesmo.

“Dinheiro e política também fazem parte da agenda das linhagens, mas é claro que tudo é feito por debaixo dos panos,” continuou Ingrid, “e foi pelo desejo de vingança desse marido, um sujeitinho normal, sem poder algum, que as linhagens acabaram descobrindo o paradeiro de Nério.

“Não é segredo nenhum que as linhagens odeiam umas às outras, histórias antigas cheias de sangue que percorrem séculos, mas, se teve uma coisa na história da manipulação que uniu todas as linhagens foi a promessa de extinção de Nério. Ele era uma ameaça, uma promessa de destruição que poderia explodir a qualquer momento. Ninguém sabia o que ela estava tramando. Ele guardava os segredos de cada uma das linhagens mais poderosas do mundo. Os boatos poderiam ser verdade de que ele havia desistido de toda e qualquer forma de manipulação... mas tudo podia acontecer...

“Foi assim então que os anciões de cada linhagem mandaram os melhores manipuladores para a emboscada que o ex-marido tinha armado. Nério não podia escapar. Se fugisse, eles perderiam o elemento da surpresa e já não teriam vantagem. Seriam aniquilados num piscar de olhos. Nério foi então capturado pela força conjunta de todas as linhagens.”

Mais uma pausa, como se Ingrid quisesse deixar a informação decantar.

“O que fazer então com alguém que tinha tanto poder assim de destruição?”

Heitor olhou para Nicolas, o garoto tinha a cara de quem já sabia a resposta.

“Aqui, mais uma vez as histórias divergem. A maioria das versões conta que Nério foi morto assim que foi capturado, não podiam arriscar que ele escapasse. Mas existem outras, menos populares, que dão ao *incubus* rebelde um final diferente...”

Ingrid esboçou um sorriso.

“As famílias mais poderosas teriam fingido a morte de Nério e o mantido aprisionado, mas ainda vivo. Poderiam matá-lo é claro, mas... isso seria jogar fora um tanque cheio da mais pura energia para manipulação. Seria afinal, um desperdício.”

Ela deu uma olhada típica de professor para os dois.

“Em segredo, drenaram todo o seu sangue e cada uma das quatro linhagens principais receberia um galão. Quatro, porque eram as mais fortes e se juntaram e

acabaram enganando às demais. Aquilo era o que havia de mais valioso em todo o mundo... as outras famílias ficariam desesperadas se descobrissem que seus piores inimigos tinham sangue fresco de *incubus* pronto para ser usado. Além do que, poderiam sempre buscar mais, quando os galões acabassem, já que a sua intenção era de manter Nério vivo...

“Juntos com poderes extremos, os anciões desses quatro clãs criaram uma espécie de dimensão alternativa, uma prisão. A questão que vocês devem entender, e que já expliquei para Nicolas mais de uma vez, é que Nério já não pertenceria a nenhum dos mundos, nem dos vivos, nem dos mortos. Ou seja, estaria no nada, no vazio. Ele estaria preso justo na transição, no *limbo*, sem a possibilidade de encontrar a paz de espírito. Mas havia um problema, uma brecha.”

Ela arregalou os olhos para Nicolas, esperando que ele respondesse.

“Alguém poderia libertá-lo. Alguém de alguma linhagem poderia libertá-lo e fazer um acordo, forjando uma aliança sem o conhecimento dos demais. Isso colocaria em risco o mundo todo, não só as famílias do pacto secreto. Seria questão de tempo para que Nério fosse usado como uma arma de guerra. E nenhuma linhagem confiava na outra.”

“E qual foi a solução menino?”

“Eles usaram o marido. Deram muito dinheiro para ele e poder em várias empresas nos mais diversos negócios. Ele teria uma única função: manter o segredo das linhagens, inclusive das que participaram do acordo. Esse segredo seria então selado com o próprio sangue dele. Se contasse para alguém, sua vida humana terminaria antes que pudesse terminar de vaziar as informações. Os anciões sacrificaram suas vidas para o ritual, muita mas muita energia foi utilizada para criar a prisão e selaram com o sangue do marido. Nenhum manipulador saberia da existência da tumba, apenas os descendentes do marido.”

“E quando os galões acabassem?” perguntou Ingrid sorrindo.

“Havia uma solução. Os anciões fizeram um acordo, antes de se sacrificarem, que aquele homem que era neutro seria obrigado a, conforme a necessidade, trazer Nério de volta e drená-lo novamente e depois trancá-lo por mais um tempo indeterminado.”

“Um plano perfeito, em qual todos os lados seriam beneficiados,” acrescentou Ingrid. “E o humano envolvido não poderia traí-los, pois o acordo tinha sido feito com seu sangue, sobre o qual ele e seus herdeiros estariam para sempre vinculados.”

Era muita informação, mas Heitor achou que estava acompanhando.

“E deu certo?” perguntou ele.

“Até algum tempo atrás, isso só era um rumor, mais uma história de fantasia do que qualquer outra coisa, conhecida só por poucas pessoas, mas... quando Nicolas entrou por aquela porta, eu soube que era verdade.”

“Então você está me dizendo que esse tal de Nério possuiu Nicolas?” indagou Heitor com um peso na garganta.

“Não diria *possuir*. A melhor palavra seria *conduzir*. Lembre-se de que Nicolas é mais sensível ao outro plano do que as outras pessoas e, que Nério não é exatamente do mundo das sombras, é mais algo intermediário, porque parte dele ainda está nesse mundo, é humano por assim dizer.”

“Mas calma aí,” Heitor disse, “se Nério está na prisão sei lá aonde, como é que ele conseguiu seguir Nicolas até aqui?”

Ingrid sorriu e olhou para Nicolas. O garoto desviou de seu olhar incisivo.

“Aham... vejo que você está seguindo a história, muito bem. Nicolas, gostaria de explicar?”

O garoto suspirou triste.

“Nério estaria preso num círculo ao redor de seu corpo. A prisão ocuparia esse espaço, num tipo de transição entre os dois mundos. Fica mais fácil imaginar como se ele tivesse um pé em cada lugar e, já que ele é algo no meio, não pode ir para um nem para o outro, porque as energias são completamente diferentes, opostas quase.”

Ele olhou para Ingrid.

“Continue.”

“Só que nesse círculo, com uma energia que tecnicamente não existiria, ele conseguiria agir nos dois mundos desde que tivesse alguma coisa ou alguém que fizesse a ponte. Parece confuso, mas não é.”

O menino fez uma pausa.

“Pensa como se fossem peças de um quebra-cabeça. Nério é uma peça que não encaixa bem em nenhum dos mundos, nem no nosso, nem dos mortos. Mas ele é parecido com os dois, não o suficiente para fazer parte de um deles, mas o bastante para agir desde que encontre alguma outra peça que faça uma ponte. Está entendendo até aqui?”

“Sim,” respondeu Heitor, “ele precisa se ligar a alguma outra coisa para agir em qualquer um dos mundos e já que você é um... *oráculo*, você seria uma peça que encaixa perfeitamente no mundo dos vivos, mas...”

“Com uma ligação com o outro mundo, exatamente.”

Eles ficaram em silêncio enquanto Heitor digeriria as informações.

“Então, ele, digamos, se encaixou em você e...”

“Me usou como uma peça de tabuleiro? Bingo,” respondeu o garoto frustrado.

“Mas porque ele teria esperado esse tempo todo para se manifestar? Já que Nicolas sempre morou em Novo Triunfo?” perguntou Heitor.

Ingrid sorriu e disse:

“Naquele momento, naquela brincadeira que você e seus amigos se propuseram jogar ativou algo no garoto. Um gatilho para o seu oráculo. Uma espécie de iniciação por assim dizer. Temos vários relatos parecidos com isso na Grécia Antiga...”

Nicolas aproximou-se de Ingrid e deitou no seu colo. Ela ficou passando a mão em seu cabelo, enquanto o garoto lacrimejava. Aquilo fez Heitor perceber quão jovem Nicolas era para lidar com tudo isso, principalmente o peso de saber que ele fora o instrumento pelo qual seu amigo foi morto.

Heitor ficou olhando para o céu como se as respostas que procurava estivessem nas nuvens.

“Só que ele não conseguiu o que queria,” a voz rouca de choro do garoto trouxe Heitor de volta para a conversa. “Ele tentou fugir conduzindo meu corpo, mas não conseguiu ir muito longe. Quando me pegaram e me trouxeram para cá, seu plano falhou.”

O garoto enxugou as lágrimas.

“Não sei o que ele estava planejando, só sei que resolveu descontar toda sua raiva em mim, me mostrando cada coisa, você não tem ideia...”

“E depois ele simplesmente te abandonou?”

Os olhos de Ingrid brilharam com a pergunta. O menino levantou-se e confirmou com a cabeça.

“De alguma forma, ele achou algum instrumento melhor, alguém diferente... era uma pessoa que estava aguardando já há muito tempo...”

Os três ficaram de novo em silêncio.

“Posso te perguntar uma coisa, Heitor?”

“Claro Nicolas, o que você quiser. Depois de tudo o que me contou eu estou te devendo, é o mínimo que eu posso fazer.”

“O que fez você mudar de ideia? Sabe... o que fez você acreditar?”

Heitor suspirou.

“Bem, agora está na hora de eu contar o que aconteceu comigo...”

“Você tem *sorte* por não ter machucado ainda mais seus colegas,” disse o diretor falando *sorte* com um rancor palpável.

Ele endireitou-se na cadeira e inclinou-se para encará-la sério.

“Você tem ideia do que teria acontecido se isso tivesse sido pior?! De apenas uma briga, isso poderia ter virado caso de polícia!”

Suas bochechas gordas pareciam inflar como dois balões vermelhos.

“E se já não bastasse o seu showzinho passado, não é mesmo senhora Romanush?” Ele lambeu os lábios, as palavras estavam saindo sem pensar, iria se arrepender depois, mas por hora pareceu a coisa mais sensata de dizer. “Acha que gostamos de receber a polícia aqui quando você desapareceu?”

Ele tentou se acalmar, mas olhar aquele rosto apático enquanto ele tinha um acesso de fúria, o deixou ainda mais possesso.

“Tentamos ser compreensivos com sua situação. Está quase um mês sem vir para a escola, fizemos uma exceção para seu caso por causa do acidente da sua mãe. E como é que você nos agradece?”

O diretor José Ricardo estava literalmente soltando fogo pelas ventas.

“Arrumando briga. Dois narizes quebrados! *Dois!* E aquela pobre garota está no hospital com traumatismo craniano!”

Ele fechou os olhos tentando se conter.

“Não importa quem tenha feito essa brincadeira de mal gosto com você, mas isso não te dá justificativa de sair por aí batendo nas primeiras pessoas que você encontra!” Ele cruzou os braços. “Tentei falar na sua casa e no celular desse Heitor,” nem passou pela sua cabeça que esse Heitor era o mesmo que o tinha importunado semanas atrás, “mas não conseguimos localizá-lo. A única pessoa que encontramos foi a enfermeira que trabalha na sua casa.

“Não sei o problema que os pais desses alunos vão causar, mas pode ter certeza que isso não vai sair barato para você! Eles podem querer abrir um processo ou coisa pior!”

Clara sorriu ao escutar isso. O diretor chacoalhou a cabeça contendo seu ímpeto de saltar sobre a garota e esganá-la.

“Queria esperar ele para te dar essa notícia, mas vejo que não vai ter jeito ainda mais com esse seu comportamento! Você, Clara Romanush, está expulsa do Colégio São Tomé! Escutou? *Expulsa!*”

Ela abriu um sorriso mais uma vez.

“Será que o senhor poderia repetir, acho que não escutei direito,” respondeu ela, contendo uma risada.

“Sabe de uma coisa?!”

Ele apontou seu dedo indicador em formato de salsicha para ela.

“Você não passa de uma garota desmiolada que...”

Clara avançou contra seu dedo, abocanhando-o tão forte como uma piranha. O diretor relinchou de dor e puxou a mão, olhando horrorizado para o rosto manchado que se deliciava com sua carne.

Clara soltou seu dedo e ele caiu para trás, derrubando a cadeira.

Antes mesmo que ele pudesse dizer (ou gritar) qualquer outra coisa, Clara pegou sua mochila e saiu correndo da sala.

6

Heitor sentiu o celular vibrando mais uma vez, mas simplesmente o ignorou. Fosse o que fosse, poderia esperar.

“A casa do prefeito, você tem certeza?” perguntou Nicolas coçando a garganta.

Heitor franziu a testa, em dúvida.

“Mas nada aconteceu Nicolas. Dessa vez foi só uma brincadeira, ninguém saiu machucado. Assustaram uma pobre garota mais nada....” Heitor viu a cara que Nicolas estava fazendo. “Nicolas?”

“Es-s-s-sa garota tem alguma relação com o homem que se matou? Ou com essa menina que está te contatando d-d-d-o...”

“Mundo dos mortos,” completou Ingrid impaciente.

Heitor sentou-se direito, suas sobrancelhas se juntando em desconfiança.

“Aonde você está querendo chegar?”

“Foi ela, não foi?” a voz do menino pareceu sumir. “Foi ela que tentou se matar e foi encontrada por aquela família, não foi?”

“Foi só uma coincidência, eles moram perto do rio, só isso. Ela sempre foi uma menina conturbada e sofria muito bullying e...”

“*Não existem coincidências,*” interrompeu Ingrid e aproximou-se de Heitor, puxando o pelo braço. “Essa garota, você a conhece?”

A pergunta o pegou desprevenido.

“Sim, mas...”

“Ela tem agido estranho? Alguma mudança de comportamento?” Ingrid perguntou, mas seu tom mais parecia que a estava acusando.

“Ela *ãããhhh* está diferente.”

Ingrid olhou para Nicolas, pareciam comunicar numa linguagem que só os dois conheciam.

“Mas o que isso tem a ver com a casa do prefeito?” perguntou Heitor.

O garoto olhou para o chão por uns instantes.

“Ele mora... do lado da minha casa,” respondeu ele e depois virou o rosto para a mulher. “Tudo está se encaixando Ingrid! *É isso.* Tinha que ser uma pessoa com dinheiro, com influência, é claro! Tava na nossa frente o tempo todo!”

Heitor sentiu seu estômago revirar.

“Foi ele, *o prefeito!* A família Unschuld tem grana, muita grana Ingrid, e ninguém pensaria em Novo Triunfo, ninguém!” O rosto de Nicolas parecia brilhar. “Ele quem enterrou Nério, ele é o humano da história, foi ele que fez o pacto com as linhagens!”

Ingrid levantou a sobrancelha.

“E a história da esposa que se apaixonou por Nério, também se encaixa?”

“O prefeito mora sozinho com a filha. A esposa o largou anos atrás segundo as más-línguas...” completou Heitor incrédulo.

Os outros dois se entreolharam. Estava tudo se encaixando agora.

Heitor levantou-se de súbito. Deu um passo para frente e tornou a sentar de novo conturbado.

“Não pode ser. Devo estar perdendo a cabeça, é isso, só pode ser.”

Ingrid riu e pegou em suas mãos.

“Calma,” disse ela confortando o olhar incrédulo de Heitor. “A parte mais difícil já foi. Agora já sabemos quem é o novo receptáculo de Nério. Ele está usando essa tal de Clara que deve ser como você, Nicolas, também um oráculo, caso contrário Nério não te deixaria.” Ingrid bateu no chão, satisfeita. “Quem diria hein? Quem diria que dois oráculos, *dois* oráculos estariam no fim de mundo que é Novo Triunfo?”

Heitor sentiu um aperto no peito.

“Mas ela,” começou ele indeciso, “não aprontou nada, quero dizer, sem ofensas Nicolas, mas ela não fez nada demais, não machucou ninguém e nem começou a falar com voz estranha, nem nada. Acho que vocês erraram, Clara não está possuída.”

“*Conduzida,*” corrigiu Nicolas.

“E como você pode saber?” perguntou Ingrid. “Por acaso tem acompanhado essa menina de perto?”

Heitor não conseguiu resistir e deu uma risada nervosa.

“Você vão me desculpar, mas não tem nada de errado com Clara. Nada. Nunca vi uma menina mais forte e madura que ela.”

Heitor se levantou, não queria estar, mas já estava com seu sangue começando a ferver.

“Ok, chega,” disse ele irritado. “Vocês são malucos e estavam me convencendo até agora, sabe,” ele começou a andar para trás, “mas com a história de que um espírito do mal possuiu, ou sei lá, o que fez com Clara, uma menina dócil e boa, vocês me perderam.”

Ingrid tentou interromper, mas Heitor não deixou.

“Sei que tem algo estranho, uma merda paranormal nessa história toda, mas saltar do que aconteceu comigo para algo que aconteceu com Clara, que é apenas uma menina que sofreu a vida inteira, é demais pra mim. Talvez o que vocês me contaram tenha um pouco de verdade, foda-se, mas acho que já estão tão doidos para ver a maluquice que estão me dizendo!”

Heitor estava acelerado.

“E os sonhos com essa garotinha?” perguntou Ingrid sem alterar seu tom de voz. “Fomos nós que inventamos isso também? E como foi que ela te falou sobre o diário, hein?”

Heitor tinha esquecido completamente da porra diário.

“Quer saber de uma coisa?” disse ele, tirando o diário de sua pasta preta, “nem sei por que fiquei aqui ouvindo essa história inteira, tudo o que precisava fazer era entregar isso daqui.”

Ele jogou o diário no colo de Nicolas.

“Pronto, está entregue.”

Ingrid o puxou de volta para o chão, ela era mais forte do que parecia.

“Você não pode sair,” murmurou ela firme, “pare de fugir das coisas que você não entende. Está na hora de você encarar a realidade. Chega de fingir que as coisas

não são da sua conta.”

Aquilo o atingiu como uma pedra. Heitor sentou-se no chão paralisado com aquelas palavras. Ficou olhando para a grama, sem saber o que dizer, com vergonha de como havia agido.

“Mas Clara... ela não pode, é uma menina tão boa...”

Heitor sentiu seus olhos arderem.

“*Nério*,” Ingrid falou com raiva, “ele é esperto, sabe aproveitar as fraquezas das pessoas... deu algum jeito de fazer ela achar que estava fazendo a coisa certa, ele, com certeza, distorceu a realidade, fez ela acreditar nele. E a sensibilidade dessa garota é maior que a sua,” ela inclinou a cabeça em direção ao garoto, “isso quer dizer que talvez ele tenha agido com tanta naturalidade que ela nem percebeu que estava caindo na sua teia.”

Nicolas engoliu em seco.

“Mas a escolha é sempre do oráculo no final das contas, não é?” perguntou ele. “Ele me atormentou porque eu me recusava a fazer as coisas que ele queria, eu lutei, eu...”

Ingrid o consolou.

“Talvez essa garota não tenha sido tão forte, Nicolas. Pelo que Heitor contou, ela sofria e pelo jeito bastante. Isso deve ter tornado ainda mais fácil para *Nério* se infiltrar em seus pensamentos.”

“O que fazemos agora?” perguntou o garoto. Heitor permaneceu calado, digerindo tudo o que estava acontecendo.

“Ele,” Ingrid segurou a mão de Heitor, “precisa encontrá-la e dizer-lhe a verdade.”

Nicolas arregalou os olhos.

“Ela vai precisar lutar contra a influência de *Nério*, é o único jeito. Vai ser difícil, claro que vai, mas ela é a única que pode fazer isso. Ele não tem corpo e a está conduzindo para algum fim macabro... essa é a peça do quebra-cabeça que está faltando.

“E pelo que Heitor contou, a garota de olhos de gato está se comunicando para alertar que Clara – já podemos dizer seu nome agora que temos certeza – está prestes a iniciar o ritual para liberar Nério de sua prisão eterna.”

Nicolas sentiu frio.

“Amanhã será uma lua nova, as trevas se intensificam nesse dia, Nério pretende usar isso ao seu favor.”

“Ingrid?” chamou o garoto. “Estamos perdidos não estamos?”

“Acho que já sei quem pode nos ajudar...” respondeu ela.

Heitor levantou o rosto. Nicolas chegou mais perto.

Ingrid sorriu e balançou o diário na sua mão.

A PEQUENA ESCRITORA

1

“Isso daqui é enorme,” disse o garoto folheando as páginas. “Ela devia gostar muito de escrever.”

“Ou era a única coisa que ela tinha,” respondeu Heitor mais para si mesmo do que para os outros. “Nicolas, você gostaria de ler?”

O garoto abaixou os olhos e corou um pouco. Nunca fora seu forte leitura em voz alta.

Ingrid tomou o diário para si, depois desse instante de indecisão e pigarreou, preparando sua voz.

Heitor e Nicolas se ajeitaram, aguçando seus ouvidos. Não queriam perder nenhum detalhe dessa história.

Ontem aconteceu uma coisa esquisita. Tão esquisita como daquela vez que o cachorro da tia Neide morreu. Ou quem sabe ainda mais esquisita. Eu sabia que tinha algo errado, antes mesmo de abrir a porta do quarto. Acho que é minha intuição ou coisa do tipo, vai saber. Só sei que quando cheguei na sala e vi a porta da frente escancarada, papai gritando lá fora, a primeira coisa que pensei foi que

tinha sido picada de cobra. O que me faz lembrar do cachorro da tia Neide de novo, não que isso venha ao caso. O que importa é que você não vai acreditar no que aconteceu. Não vai mesmo.

De vez em quando, aparecem algumas coisas interessantes lá da cidade de Novo Triunfo que a água do rio traz aqui para perto de casa. Pneus aparecem quase todo mês. Lembra daquela vez que o papai encontrou um cofre, do tamanho de uma caixa de sapato? Ninguém conseguiu abrir, mas pelo buraco que tio Joanim fez, a gente viu que só tinha uns papéis lá dentro, nada demais. Papai colocou ele no sol para secar. Hoje, o cofre fica aqui em casa, como de enfeite na sala. Às vezes eu ainda dou uma espiada lá dentro e fico imaginando que tipo de história aqueles papéis poderiam contar. Bem, chega de enrolação, eu vou contar agora o que aconteceu.

Mas antes disso, tenho que falar que senti muito medo. Mas não gritei não. Podia ter gritado, mas não quis acordar mamãe. Sim, antes que você pergunte era muito cedo ainda para dormir, mas ela falou que não estava tão bem e não era a primeira vez que fazia isso de qualquer jeito. Ela tem estado estranha desde que *aquilo* aconteceu ano passado. Mas isso não é importante. Agora, eu quero que você imagine comigo a cena para ver quão assustador que foi. Quando cheguei na sala, eu vi entrando pela porta da frente, um monstro. Bem, pelo menos era isso que eu achei né. Era uma menina, devia ser um pouco mais velha que Pedrinho, talvez uns dezessete anos se fosse para chutar. Inteirinha coberta de lama. Da cabeça aos pés. Parecia um daqueles monstros de filme de terror. Ela estava com o cabelo todo grudado nas costas e o rosto inteirinho sujo e a única coisa que dava para ver eram os olhos. Na verdade, os olhos não, mas o branco deles, sei lá como se chamam. Dei um passo para trás e coloquei a mão na boca para gritar. Parecia que ela tinha sido enterrada viva ou coisa do tipo. A cara dela era muito feia e enquanto papai procurava uma toalha para secar ela, o que deixa eu dizer que não ajudou muito, porque só tirou um pouco da sujeira, eu fiquei olhando para ela. Sim, olhando. Seus olhos eram de fogo, como a lenha na fogueira. Sua boca estava aberta e dela escorria lama. Olhei aquilo com nojo e vi para o meu espanto que insetos estavam saindo dela quase como de uma toca. Aquilo me arrepiou toda e revirou meu estômago. Papai tentava falar com ela, mas a monstra não respondia. Era como se ela nem tivesse escutando. Mas eu sei que ela estava, porque vi pelos olhos de fogo que ela entendia as palavras, mas só não queria falar. Nunca vi um demônio na minha vida e espero também não ver, mas aquilo foi o mais perto que cheguei de algo parecido.

Mamãe levantou da cama pra ver o que estava acontecendo e quase desmaiou quando viu *aquilo* dentro de casa. De todos os motivos que papai e mamãe podiam discutir, eu simplesmente não imaginava que esse seria um deles. Mas, nunca diga nunca. Enquanto eles batiam boca, a menina-demônio, não necessariamente nessa ordem, parecia que estava morta, não mexia nada. Nadinha. Mamãe quis ligar para a polícia, mas papai mandou ela calar a boca antes que ele perdesse a paciência. Não, ele não tinha bebido. Ainda, pelo menos. No final, ela falou um monte de palavrão e disse para ele se virar e fazer o que ele quisesse, ela estava cansada demais.

Eu acabei ajudando ele a dar banho nela. Papai ficava evitando de tocar na pele dela, como se tivesse espinhos. Ou como se sentisse aquela sensação de tocar em escama gosmenta de peixe, sabe aquele toque que nos arrepia inteiro, tipo quando alguém arranha a lousa? Era exatamente assim que parecia que ele estava agindo. E ela tinha uma mancha! Quando finalmente conseguimos tirar toda a lama do rosto dela, no começo pensamos que era alguma tinta ou coisa assim, mas aquilo não saía de jeito nenhum. Não parecia um roxo também, sabe daqueles de machucado. Era de nascença. Se aquilo não era um sinal claro que tinha alguma coisa errado com aquela menina, eu não sei o que mais seria. Naquele momento, me segurei para não falar, ou melhor gritar, para papai se livrar dela antes que fosse tarde demais. Como se algo tivesse falando dentro de mim: *se livra dela, se livra dela!* Terminei perguntando o que faríamos. Papai me olhou estranho e eu vi que ele também estava com medo. Depois do que pareceu muito tempo, ele falou que a levaria pro hospital no dia seguinte. Não precisei perguntar por que não para polícia. Pelo motivo óbvio que você já sabe.

Não s-s-sei por onde começar e est-t-ou t-t-tremendo. Meu coração ainda está acelerado. Calma, vou precisar de uns mi-n-nutos para esc-c-crever. Pronto, estou melhor agora, mas ainda consigo escutar o choro alto da minha mãe aqui do quarto. É tudo culpa minha, se eu não tivesse sido tão idiota, nada disso teria acontecido! A curiosidade quase matou o gato, quase. Não vejo a hora de nos livrarmos *dela*.

Eu não conseguia dormir. Não que não estivesse cansada, mas parecia que tinha alguma coisa que não me deixava dormir. Toda vez que quase pegava no sono, eu acordava assustada com aquela sensação horrível de estar caindo, aquele frio na barriga que parece que puxa até a alma, sei lá. Eu sei que não deveria ter feito, mas depois de ficar rolando de um lado para o outro sem conseguir pregar o olho, como a tia Neide diria, eu resolvi levantar e dar uma espiada na menina. Não me pergunte a razão disso ou o que é que eu tinha na cabeça porque não consigo responder. Estava com medo? É claro que estava, mas não conseguia ficar mais na cama, você sabe como eu sou.

Abri a porta e espiei o corredor. Tudo tranquilo. Estava descalça e não fiz muito barulho. Passei pelo quarto dos meus pais e vi que papai estava dormindo no chão (de novo). Na sala, eu preendi a respiração. Estava escuro, não conseguia enxergar todos os detalhes. Papai tinha vestido a menina com algumas roupas velhas da mamãe e ela deveria estar dormindo no sofá. *Deveria*, como também eu *deveria* estar dormindo. Mas como ninguém faz o que deve mesmo, acho que não posso reclamar, pelo menos disso não. Aquela era minha chance de voltar para o quarto e fingir que não tinha visto nada. Mas pergunta se eu fiz isso? Claro que não, porque sou burra, burra, burra!

A porta da entrada estava aberta e a luz lá de fora parecia estar me chamando. Senti o frio da grama com meus pés, mas nem por isso voltei para pegar um chinelo. No primeiro momento pensei que ela tivesse fugido, ou coisa do tipo. E foi daí que eu escutei. Sabe quando uma janela fica batendo? Seria algo parecido. Estava vindo de longe, e estava baixo, caso contrário eu poderia escutar de dentro da casa.

Não sei explicar, mas naquela hora me deu uma vontade de fazer xixi que eu não consigo explicar. Não estava com vontade, eu juro, mas só de estar ali fora sozinha parece que minha bexiga já queria explodir, mas tinha ido longe demais para voltar agora, com xixi ou sem xixi.

Olhei para a porteira e ela estava fechada. Tive a impressão de que o barulho estava vindo de lá, mas estava enganada. Dei a volta na casa, tentando fazer o mínimo de barulho, a grama alta chegando quase até o meu joelho agora. Foi aí que eu ouvi de novo. Parecia nunca mudar de ritmo, uma janela batendo, deveria ser.

Papai costuma deixar as caixas de *você-sabe-o-quê* num depósito de madeira atrás da casa. Ele sempre me impediu de ir lá e disse que me daria uma surra (e ele nunca fala brincando) se me encontrasse a meio metro do depósito, lembra? A

porta ficava sempre fechada, deveria estar fechada. Mas nessa noite não. Era ela que batia contra a madeira, o vento a tinha escancarado.

Foi por causa da lua que consegui chegar até o depósito sem tropeçar ou pisar em alguma pedra. Minha pele brilhava cinza quase como um vestido e lembro que a brisa assoprava minha camisola.

De repente o medo me congelou de vez, trincando meus ossos.

Um gemido.

Eeeeeeeeeerrrrrrrrrrr...

Tapei a boca com a mão para não gritar. Era um som que nunca tinha escutado, uma mistura de um gemido de cabra com um bebê chorando. Não era humano, de jeito nenhum. Era como os monstros dos pesadelos, só que mil vezes pior, porque era real. Aquilo me arrepiou até o último fio de cabelo.

Virei de costas e já estava quase correndo de volta para casa quando a luz da sala acendeu. Entrei em pânico, sabia que se voltasse não teria como explicar o que estava fazendo. Pensei na minha pele queimando sobre os tapas que eu, com certeza, receberia. E entre isso e o depósito com a porta aberta, fiquei com o depósito. Escolha errada.

Entre correndo e fechei a porta. Fiquei espiando pela fresta e vi que se tivesse ficado ali fora mais alguns segundos meu pai teria me visto. Ele estava agora rodeando a casa, provavelmente em busca da menina. Talvez ele também não tivesse conseguido dormir.

Estou segura, pensei, ele não vai procurar ela aqui. De jeito nenhum. Só ele tem a chave, nem passaria pela sua cabeça que ele tinha esquecido a porta do depósito aberta e muito menos que a menina do rosto manchado pudesse estar aqui escondida. Pelo menos era isso que eu pensava.

Mas foi aí que ele começou a vir na minha direção com uma lanterna. Mordi os dedos, sem saber o que fazer. Fui passando entre as caixas, tentando chegar no fundo do depósito, mas era difícil porque ele estava abarrotado de mercadoria. Subi em cima de uma caixa, me ergui para cima de outra e caí num vão no canto do depósito.

Me encolhi e prendi a respiração.

Ouvi meu pai xingar e bater com o punho na madeira quando ele viu que a porta não estava trancada. Escutei seus passos no piso vindo em minha direção. Daí ele parou, parecia fazer alguma coisa, mas não conseguia ver por causa do amontoado de caixas.

Suspirei aliviada quando escutei seus passos de novo, ele estava indo embora. Mas daí minha garganta apertou e eu tive que segurar mais um grito. Ele trancaria a porta. Eu estaria presa aqui dentro. Presa com sabe lá o quê. Fechei os punhos, tentando tomar uma decisão.

Comecei a escalar as caixas de novo, correndo em direção à porta, mas terminei pisando em falso por causa do escuro e meu pé ficou preso num vão entre as caixas. Por causa do medo e do desespero não senti meu machucado na hora. Tentei levantar, mas estava presa. Foi então que palpando naquela escuridão eu senti algo. Era redondo, duro mas com uma textura diferente. Fui escorregando a mão e foi daí que senti. *Cabelos*. Esfreguei a mão e logo percebi um nariz e meus dedos fizeram o contorno de uma boca. De uma boca aberta. Senti os dentes e a língua. *Meu Deus!* Aquela coisa começou a mexer ao redor do meu dedo, como se fosse uma cobra, deixando ele úmido, como se saboreasse a minha carne.

Não pensei naquela hora. Gritei. Gritei o mais alto que podia. Acho que nunca gritei tão alto assim. Como estava escuro, aqueles momentos pareceram demorar horas e o terror parecia não ter fim.

Escutei o girar da chave e meu pai entrou com a lanterna no depósito. Por um momento fiquei cega por causa da luz. Não sabia o que estava acontecendo. Escutei ele mesmo gritando, um berro grosso e áspero que fez meu tímpano doer. Era um berro de horror que parecia ter vindo do fundo da alma dele.

Ele me puxou de volta e me arrastou até a porta. Meus olhos não conseguiam ver nada, só viam a impressão que a lanterna causava. Estava chorando já e estava prestes a dizer alguma coisa, pedir desculpas, explicar o que tinha acontecido, mas não fiz. Minha visão tinha voltado. Não falei nada porque o que vi me deixou dura como uma pedra e a meu pai também. Ele não conseguia acreditar no que estava vendo.

Era a menina.

Estava parada, paralisada em pé como se fosse uma estátua e estava vestindo o pijama largo e velho da mamãe. Os olhos estavam brancos, refletindo a luz da

lanterna, e o cabelo cobria parte de seu rosto. Mas sua boca estava aberta. Aberta, não, escancarada é a melhor palavra. Parecia uma cobra prestes a engolir uma presa gigante. Por causa das sombras, a língua parecia preta e girava de um lado para o outro como uma minhoca na terra, buscando comida.

Eeeeeeeeeeeerrrrrrrrrrrrrrr...

Mais uma vez o gemido do outro mundo. Meu pai e eu demos um passo para trás, com medo do que quer que fosse que ela estava fazendo. Ouvimos então passos. Mamãe logo nos alcançou por causa da gritaria e ela também ficou parada ali com a gente, sem saber o que fazer.

Eeeeeeeeeeeerrrrrrrrrrrrrrrrr...

O demônio, porque aquilo é o que ela é, continuava como uma estátua sem se mover, menos a língua que parecia que saltaria da boca arregalada. O que aconteceu depois é muito difícil de descrever. Difícil, porque não sei se aconteceu realmente ou se foi só minha imaginação. Mas vou tentar escrever exatamente cada detalhe, já que minha memória está fresca.

Era a voz *dele*. De Zézinho. Do mesmo jeito que ele falava, sua vizinha suave de criança ainda tão viva na minha mente como se fosse ontem.

“Mamãe... papai?” perguntou o demônio com sua voz de garotinho de cinco anos.

Meu pai engasgou e minha mãe deu um grito doído que mais parecia vidro quebrando. Eles deram um passo em direção ao demônio.

“Por que você me deixou afogar papai? Doeu muito, muito, muito.”

“Zézinho? É vo-você meu filho?” perguntou meu pai, engasgando de novo.

“A culpa foi sua!” berrou o demônio como uma criança fazendo birra. “E da mamãe também que num tava em casa.”

Minha mãe começou a soluçar.

“E agora vocês estão estragando tudo, vocês são gente má agora, estão fazendo coisa errada...”

“Não é assim Zézinho, a gente não teve...”

“Tiveram sim!” interrompeu o demônio. “Vocês num... num prestam!”

Meu pai caiu de joelhos.

“Mas você papai,” disse o demônio, inclinando-se para frente, sua voz agora mudou, estava diferente, “sempre soube como corrigir isso tudinho.”

Minha mãe correu e abraçou meu pai no chão.

“Estou esperando vocês todos... e você também maninha...”

O demônio apontou para mim e aquilo foi demais. Saí correndo e entrei na casa. Fiquei alguns minutos chorando e vi que não ia conseguir voltar a dormir. Foi aí que resolvi escrever, precisa dividir isso com alguém.

Um barulho, alguém está vindo

Estou sozinha no quarto. Estou escutando vozes. Estão vindo da sala. Parecem estar cantando alguma coisa, não sei, é numa língua estranha. Ficam repetindo a mesma coisa de novo e de novo. Já amanheceu, mas tenho medo de sair do quarto.

Agora eles mudaram, um ritmo diferente. Acho que ouvi meu nome. Sim, eles estão me chamando. Eles estão vindo, ai meu Deus!, as vozes estão no corredor, consigo ouvir seus passos. Abriram...

Estou com medo e não sei o que fazer. Acho que meus pais ficaram loucos ou algo assim. Não estou entendendo. Meu pai entrou no quarto e me pegou no colo como se eu fosse uma boneca. Comecei a espernear e tentar me soltar dele, mas daí ele... ele disse para eu ficar quietinha e fazer o que ele estava mandando, senão...

Ele estava estranho, conseguia cheirar o bafo de bebida dele, e ele me levou para a sala. Mamãe e aquela criatura estavam sentados no chão, tinham empurrado a mesa para um canto. Comecei a chorar baixinho e fiquei com medo de falar alguma coisa. Tava tudo bagunçado como se tivesse tido uma briga de cavalos aqui dentro. Um círculo estava desenhado no chão com um pó de alguma coisa, era meio vermelho e marrom, não sei bem o que era.

A menina-demônio estava lá, com as mesmas roupas largas, no meio do círculo, mas não estava com a boca aberta como ontem. Parecia quase uma garota normal agora, mas os olhos mostravam sua verdadeira natureza. Alguma coisa estava errado neles, todos brancos e quando olhei para aquilo tive a sensação de que eles me vigiavam.

O demônio abriu a boca e falou, mas dessa vez não era a voz do meu irmão. Era uma voz de garota, tão gelada que parecia arder meus ouvidos. Ele apontou para meus pais:

“Vocês sabem o que precisam fazer...”

Meu pai acenou com a cabeça várias vezes rapidamente, estava óbvio que ele tinha medo daquela criatura.

“Devolvam esse corpo para a família dessa garota,” o demônio fez um gesto para mostrar o próprio corpo, “estão proibidos de comentar nosso segredinho,” ele sorriu mostrando os dentes brancos, “é o único jeito de verem o filho de vocês de novo.”

Minha mãe se aproximou e beijou a mão do demônio em reverência.

“Meus caros,” continuou ele sorrindo e fez um gesto para meu pai, “não tenham medo, quero ajudá-los, depois que vocês tiverem feito o que pedi, estarão prontos.”

Meu pai se ajoelhou e estendeu a mão.

“É tudo o que queremos Nério, tudo o que queremos,” chorou meu pai.

“Eu estarei com vocês no momento difícil,” respondeu o demônio, beijando a cabeça do meu pai, “sejam corajosos e logo, logo verão o filho de vocês, desse lado as coisas são bem melhores...”

O demônio bateu palma assustando a todos.

“O momento chegou, vamos meus caros...”

Minha mãe deu a mão para meu pai. Com uma faca fez um corte em seu braço e depois passou a faca para o meu pai. Com o sangue escorrendo, eles tingiram a madeira do piso, respeitando o contorno do círculo desenhado.

O demônio olhou para aquilo satisfeito de dentro do círculo. Tirou uma xícara atrás dele, com um conteúdo que nunca vou conseguir explicar. Enfiou o dedo na xícara e mexeu aquela espécie de chá. Depois ele deu de beber para meu pai e por último para minha mãe.

Os dois começaram a tossir e logo depois caíram no chão. Eu gritei quando vi aquilo acontecendo.

“Silêncio, menina!” o demônio gritou. “Não se preocupe, eles estão apenas dormindo, se fizer tudo direitinho nada vai acontecer com eles, você tem minha palavra.”

Enxuguei as lágrimas e escondi o rosto.

“Agora, preciso de você.”

Do jeito que ele disse não pareceu um pedido, mas uma ordem.

Ele indicou para um papel.

“Seu irmão me disse que você adora escrever, não é mesmo?” perguntou ele com aquele sorriso na cara que me dava calafrios. Parecia que aqueles dois olhos brancos estavam olhando bem na minha direção.

Ele pegou a faca usada por meus pais e fez um corte no próprio braço.

“Vamos, querida, venha, não tenha medo... a única coisa que você precisa fazer, é escrever, nada mais.”

Ele derramou o sangue na xícara vazia.

“Agora...”

Um palito de madeira, daqueles de cozinha, apareceu na mão dele. Eu dei um pulo para trás, pensando que ele iria me espetar com aquilo. O demônio riu do meu

susto, fez um sinal com a mão.

Peguei o palito e olhei para o chão.

“São só alguns nomes, querida, nada demais... para você que escreve tanto isso daqui não será nada...”

Ele me passou um pedaço de papel com os nomes escritos.

“Por que não escreve você?” perguntei quando um acesso de coragem me tomou conta. Me arrependi logo depois.

Ele apoiou a mão no meu ombro e nivelou seu olhar com o meu.

“Há coisas que garotinhas como você não entendem,” disse ele. Senti um cheiro estranho quando ele se aproximou de mim, parecia um cheiro de remédio, sei lá, difícil de responder.

“*Escreva,*” mandou ele. “Letra por letra. *Não erre.*”

Molhei o palito no sangue e comecei a escrever.

Acho que não me lembro dos nomes, muito menos dos sobrenomes. Tenho a sensação que ele me fez esquecer. O que lembro mesmo era que tinha um que era especialmente complicado, parecia ser alemão ou algo do tipo.

Entreguei para ele.

“Pronto, agora vá para seu quarto,” disse ele. “Tenho certeza de que você tem bastante coisa para colocar no seu diário.”

Saí correndo e voltei para meu quarto. Demorei para me acalmar. Pensei em sair de fininho e ligar para alguém, mas fiquei com medo de que fosse pega e terminei sentando na porta, espiando o corredor. O demônio começou a cantar, falando umas palavras estranhas. Não arrisquei sair do meu quarto, mas consegui sentir o cheiro de papel queimando.

A música estava ficando cada vez mais alta e de repente sumiu.

Tudo está em silêncio desde então.

Estou sozinha e não sei o que fazer.

As coisas continuam estranhas. Meus pais não estão se falando desde ontem. Papai passou quase a manhã inteira sentado na cadeira de balanço na varanda olhando para as margens lamacentas do rio. Mamãe ainda não saiu do quarto. A menina do rosto manchado está no sofá, aparentemente dormindo bem profundo. Ninguém falou nada. Talvez não se lembrem de ontem.

Papai mandou eu entrar no carro. Estamos com a garota no banco da frente, não sei o que está acontecendo. Antes de sair escutei meu pai cochichando alguma coisa pra mamãe. Parece que ele disse pra ela abrir uma das caixas. Estou escrevendo aqui no banco de trás da caminhonete. Não sei para onde estamos indo. Estamos todos em silêncio.

Chegamos numa casa. Meu pai saiu do carro junto com a garota e fez um sinal para eu esperar no carro. Vi pelo vidro que ele estava suando, seu aspecto estava muito ruim e parecia ter visto um fantasma ou coisa assim. Fiquei observando eles do carro. A menina do rosto manchado parecia diferente, andava diferente, era uma pessoa diferente. Aquela não era a mesma que me obrigou a escrever os nomes no papel. De jeito nenhum.

Eles estão conversando na frente da casa. Papai, a garota e um homem. Não consigo escutar daqui. Está quente aqui dentro do carro. Mesmo com as janelas abertas e a caminhonete na sombra, está um forno. Mas fiquei com medo de sair e por isso resolvi aguentar.

Ele está olhando para mim.

Não papai, mas aquele homem. Tenho certeza. Ele pode estar meio longe mas estou sentindo seus olhos, ele está me observando. Talvez tenha se dado conta de que tem alguma coisa errada. Estou pensando em sair do carro e gritar por ajuda. Não sei como explicar, mas sei que aquele homem pode ajudar. É uma sensação estranha, parece que conheço ele de algum lugar. Mas acho que meu pai não me deixaria nem chegar perto dele se tentasse.

Estou quase... chorando. Não sei o que está acontecendo, só quero que as coisas voltem a ser o que eram antes, por favor, por favor...

Estou com medo. Papai piorou. Mamãe também. Eles não discutem mais. Não estão falando um com o outro. Eu tive que fazer minha própria comida, eles estavam perdidos cada um num canto da casa. Tenho certeza de que tem alguma coisa errada. Acho que eles estão usando de novo. Eles não *deveriam* usar a mercadoria. Não *deveriam*.

Papai está louco. Está falando sozinho, alguma coisa sobre a espingarda do vovô. Já não está usando escondido. Abriu uma caixa bem no meio da sala. Mamãe correu desesperada e eles usaram juntos. Tentei falar com eles, mas eles estão perdidos, não respondem. Chutei a caixa de raiva e pacotes da cocaína caíram no chão e eles nem perceberam. Fiquei olhando a tampa com raiva, aquele selo escrito *Ilha Negra* me encarando. Estou no quarto agora. Acho que daqui pra frente é só você e eu.

Gritaria. Estou com medo de sair do quarto. Papai fica andando com a espingarda de um lado para o outro.

Estou no armário, escondida, escrevendo com a lanterna. Papai ficou louco, está dizendo coisas que não fazem sentido. Nunca vi ele desse jeito, sem controle, bravo, quebrando as coisas. Tive que me esconder, não tive escolha. Ele está gritando meu nome, me procurando, não posso deixar ele me encontrar.

Pronto.

Ele parou de gritar agora. Tudo está em silêncio. Estou com medo, alguém me ajuda. Acho que ele começou a rir. Ele está rindo? Sim, está gargalhando, no começo não consegui entender o que era, mas agora tenho certeza. Mas não é uma risada normal, parece um... um soluço, talvez. Acho que papai ficou louco de vez e está...

Começou a gritar o nome da mamãe. Talvez ela tenha conseguido se esconder também e acho...

Gritos.

Mamãe gritando, tenho certeza.

Ele está vindo, estou escutando... passos! Está chamando meu nome, *meu Deus!*, ele está no corredor e...

2

“Não... não consigo acreditar...” disse Nicolas com sua voz trêmula.

Ingrid coçou a cabeça desconcertada.

Heitor permanecia ainda sem expressão. Ele a vira aquele dia dentro da caminhonete. Nunca passaria na sua cabeça que aquele homem simples seria capaz de cometer essa atrocidade. Sentiu seu peito como chumbo, o pesar caindo na sua alma.

“Isso, infelizmente, não é o pior das coisas,” disse Ingrid depois de um tempo de silêncio.

“*Como não?!*” retrucou Nicolas incrédulo.

“Ele começou,” disse ela, engolindo em seco.

“Começou o quê?” perguntou Heitor, saindo do seu transe.

“O ritual.”

“Você quer dizer então...” começou Nicolas.

“O quê?” repetiu Heitor impaciente.

“Os nomes,” suspirou Ingrid, “os nomes que Nério fez a pobre garota escrever. Aquilo não era qualquer coisa. Ele... ele abriu um portal. Um portal naquele lugar para dar início ao ritual de possessão completa do corpo do receptáculo.”

Ela fez uma pausa. Os outros dois se entreolharam confusos.

“Lembram que selaram Nério no limbo entre os dois mundos com quatro vidas humanas? Se ele quiser finalmente ser liberado, precisa pagar o preço... só que ele é esperto demais, demais! Para não ter que levar quatro vidas até onde seu corpo jaz enterrado, ele selou os nomes ao seu ritual. Usando a energia de Clara como oráculo.”

Ingrid olhou para os dois para ver se acompanhavam seu raciocínio. Foi Nicolas quem quebrou o silêncio.

“Assim ele pode matá-los em qualquer lugar e mesmo assim a energia deles será direcionada para o ritual onde quer que Nério esteja.” Nicolas umedeceu os lábios. “Mas como ele fez tudo isso só com os nomes?”

Ingrid suspirou.

“Os nomes são coisas poderosas no mundo da manipulação. Falam da sua energia interna. Sabendo o nome de alguém, pode-se chamá-lo, invocá-lo com a energia e intenção correta. Lembre-se de que são os nomes o elo com tudo o que existe no nosso mundo. Uma mente direcionada pode fazer estragos imensuráveis a partir de um simples nome.”

Heitor coçou o pescoço como se lhe faltasse ar.

“Mas para isso funcionar,” começou o investigador, “Clara precisaria matá-los ela mesma todos eles, não?”

Ingrid sorriu demonstrando empatia e pegou na mão de Heitor delicadamente.

“Sei que acredita que essa menina nunca seria capaz de fazer algo assim. Mas Nério pode conduzi-la, enganando seu raciocínio, fazendo-a enxergar coisas que não existem... ou pior, *beeem* pior, ensiná-la a manipular energia.”

“Pensava que ela não era uma manipuladora,” disse Heitor.

“E não é. Mas por ser um oráculo e escutar Nério diretamente e tê-lo selado a sua mente, Clara pode aprender mais rápido que qualquer não manipulador.”

“Então quer dizer que não manipuladores podem...” deixou Nicolas no ar.

“Sim. Nunca na mesma intensidade e nunca com a mesma facilidade. Mas com o treino adequado...” respondeu Ingrid. “Isso poderia fascinar a garota, tenho certeza de que ela gostaria de testar esses novos poderes nas pessoas que mais lhe fizeram mal...”

Heitor levantou-se, assustando os outros dois.

“Vamos!” disse ele convencido. Um mau pressentimento tomando conta de seu corpo. “Temos... temos que pará-la. Antes que seja tarde demais. Pelo que a garota de olhos de gato comentou, a lua nova é amanhã.”

Nicolas levantou uma das sobrancelhas.

“Você tem ideia de que seria taxado como louco, né?” perguntou o garoto. “Além do mais se levasse dois comprovadamente – sem ofensas Ingrid – com você.”

O telefone de Heitor tocou antes mesmo que ele pudesse responder o garoto. O investigador ficou imóvel como se o toque do celular fosse um chocalho de uma cascavel pronta para dar o bote.

O nó em seu estômago apertou e sentiu nos ossos a má notícia que estava chegando pelas ondas telefônicas. Com a mão tremendo tirou o celular do bolso e atendeu. Tinha ficado quente de repente e sentia-se novamente sem ar.

Nicolas e Ingrid se entreolharam, também pressentindo as notícias. Deram-se as mãos.

“*O QUÊ?!*” gritou o investigador mais assustado que irritado. “Tem certeza disso?”

Heitor afastou o telefone da orelha quando a voz do outro lado berrou.

O investigador empalideceu enquanto escutava atentamente o que o diretor José Ricardo dizia. Não esperou ele terminar. Desligou o telefone e lentamente sentou-se de novo no chão, seu olhar de desespero agora visível.

“A Cl-clara,” começou ele gaguejando, “ela... ela surtou no colégio... agrediu uma menina que agora está no hospital e mor-mordeu o diretor. Está fora de controle. Fugiu. Ninguém sabe onde ela pode estar.”

3

O crepúsculo pairava no horizonte com a promessa de uma noite quente mas uivosa com fortes ventos. A porta da cabana fez um estrondo ao ser fechada bruscamente. Clara caminhou com passos firmes e jogou sua mochila no canto. Suas mãos tremiam e seus olhos lacrimejavam fogo. Respirou fundo e sentiu a presença de Nério ao seu lado. Nunca teria pensado nisso se não fosse por ele.

Vamos querida, não perca tempo.

Clara andou com passos ainda mais firmes em direção a pequena estante na sala de estar. Puxou um lençol que protegia contra a poeira. Com suas mãos delicadas mas hábeis começou a pegar cada caixa de medicação que estava ali e jogar em cima da mesa. Realmente Joaquim tinha conseguido armazenar um estoque inacreditável.

“Você acha que será suficiente?”

Não, respondeu ele. Teremos que pegar mais.

Clara mordeu os lábios, saboreando a adrenalina que jorrava de seu corpo, pensando na ação de seus próximos passos. Estava tudo planejado. Enquanto revia cada etapa em sua mente, ia retirando uma por uma as cápsulas das inúmeras cartelas e despejando seu conteúdo em um pote de vidro.

Uma vez dado o primeiro passo Clara, não há mais volta.

Ela sorriu. Sentiu a ponta de seus dedos jorrando com energia. Estava eletrizada.

“Nunca houve volta Nério, você sabe bem disso meu amor.” Estava decidida a não esconder mais seu amor por ele. “Agora torne meu desejo realidade. Faça-me sua rainha.”

Sua sede por sangue estava mais forte do que nunca. Clara teve que se segurar na mesa quando uma onda de luxúria a envolveu.

Vamos nos ver logo, logo, aguarde.

Pegou a enferrujada bicicleta de Joaquim e com a mochila nas costas, Clara saiu sem mesmo fechar a porta da cabana. E foi justo nesse momento que se deu conta de que se havia algum pedaço da antiga Clara aí ainda enterrada, esse pedaço fora para sempre perdido.

Estava saindo sem olhar para trás, ansiosa pelo que estava por vir.

4

Heitor acomodou Cármen com a cadeira de rodas na frente da televisão. Passou suas mãos ao longo daqueles cabelos que continuavam, apesar de tudo, radiantes como nunca. Sua tonalidade marrom fez Heitor mergulhar na profundidade daquele silêncio. Um silêncio doído, de corroer a alma.

Seu peito estava pesado e apertado. Olhou para o relógio pela milésima vez. Eram quase meia-noite.

“Sabe,” começou ele, “tem tantas coisas que queria te perguntar sobre a Clara. Algo está errado Cármen. *Muito errado.*” Lágrimas começaram a aparecer no canto de seus olhos. “Preciso da sua ajuda mais do que nunca.”

Ele pegou as mãos dela e apertou.

“Preciso ajudá-la, de alguma forma.”

Cármen virou os olhos como se perseguisse o som.

“Mas algo me diz que ela está além da nossa ajuda. Além de tudo isso. Perdida. Não voltou para casa. Acredito que não voltará. Não antes de terminar o que ela tem em mente.”

Heitor apoiou suas mãos e soluçou.

E começou a contar tudo, sem deixar nenhum detalhe de fora. Contou sobre esse mundo novo de manipulação que nem sonhara que existiria. Contou também das conversas com Nicolas e Ingrid e sobre o diário.

Heitor não sabia se ela conseguia escutá-lo, mas não se importou precisava colocar tudo para fora. E no fundo, era como se ela conseguisse entendê-lo nesse silêncio.

“Algo de ruim vai acontecer. Sei disso, consigo... consigo sentir!” explodiu ele.
“Preciso fazer alguma coisa. Antes...antes...”

Não teve coragem de terminar a frase.

Levantou-se decidido e pegou o telefone. Chamaria a enfermeira para cuidar de Cármen. Precisava sair. Precisava fazer alguma coisa para impedir tudo isso.

DESPERTAR DO MAL

Sábado 27 de Abril

1

Não queria passar a noite em claro. Mas não estava com sono, sabia que não conseguiria dormir. Amanhã, ou melhor hoje, seria a grande festa da Lina. Todos estariam lá. Talvez até mesmo a desmiolada da Olho-Roxo aparecesse por lá mesmo depois de ter sido expulsa. Felipe ruminou os acontecimentos do dia anterior. Sabia que havia sido Lina que armara tudo isso, não tinha provas, mas sabia que só havia uma única pessoa no mundo que pensaria numa coisa dessas e nessas proporções.

Ligou o Playstation e colocou o fone de ouvido.

Ninguém brinca com Lina e sai ileso. Um medo lhe tomou conta. Poderia ter sido ele. Ao invés da foto da Olho-Roxo poderia ter sido a dele, replicadas várias e várias vezes e espalhadas pelo quarteirão inteiro do São Tomé. Precisava de alguma forma restabelecer contato com Lina e ficar do seu lado. Sempre do seu lado. Poderia não gostar, mas agora com a Olho-Roxo fora da cena, ele poderia ser um novo alvo fácil.

Porquinho. Oinc-Oinc. Balofo. Jubarte.

Lembrou-se daquelas vozes tão claras como se estivessem dentro do quarto.

Apertou play e aguardou enquanto *Call of Duty* carregava na tela.

Estava prestes a começar quando algo chamou sua atenção.

Seu celular brilhava no quarto escuro iluminado apenas pela televisão.

Uma mensagem, numa hora dessas?

Levantou-se de pijama e intrigado, pegou o celular.

Não havia nenhum texto, apenas um vídeo. Não reconheceu o número no *Whatsapp*. Estava para deletar e bloquear o contato, mas sua curiosidade falou mais alto. Decidiu ver o vídeo, sabendo que coisa boa não poderia ser.

Apertou para rodar assim que o download fora finalizado.

Levou a mão a boca.

Era um vídeo amador filmado por um celular qualquer. O som estava meio abafado como se ventasse dentro do lugar, mas via-se claramente as duas figuras. Mélanie e Lucas. Estavam se beijando num local sujo com as paredes pichadas que pareceu a Felipe ser um prédio abandonado.

Sentiu um arrepio no corpo e pensou até que ponto teriam filmado.

Mélanie ajoelhou no chão e abriu a calça de Lucas. Dava para ver detalhes da cena. Pareceu, para Felipe, que quem filmara conseguira chegar bem perto do casal. A cabeça da garota ia e voltava num movimento de vai e vem.

Felipe sentiu um volume na sua calça. Sem tirar os olhos do vídeo, desligou o Playstation e deitou na cama agora no quarto totalmente escuro.

Lucas empurrava a cabeça da garota com vigor enquanto gemia. Num movimento brusco, levantou Mélanie e tirou, ou melhor, arrancou toda a sua roupa. Parecia um animal feroz.

Felipe desceu o shorts do pijama e começou a acariciar seu membro já inturgescido.

Lucas a colocou de quatro sobre a mesa e com sua boca foi descendo ao longo das costas da garota. Abriu suas pernas.

Agora era Felipe quem estava gemendo. Não conseguiu chegar ao final do vídeo. Estava tão excitado que em poucos segundos sua barriga redonda estava encharcada.

Levantou para se limpar no banheiro. Parou o vídeo e soube que em poucos segundos iria vê-lo de novo. E de novo. Não conseguia acreditar na preciosidade do que estava em mãos.

Foi enquanto se lavava na pia do banheiro que se deu conta da oportunidade rara que o universo lhe havia dado. A água da torneira ficou escorrendo enquanto Felipe, congelado, pensava.

Abriu um sorriso de orelha a orelha.

Se Lina fizera tudo aquilo com a Olho-Roxo, o que faria com o filha da puta do Lucas? Ou mesmo com a vadia da Mélanie? Poderia mostrar isso para ela...

Ganharia sua confiança. Estaria do seu lado.

Agora mais do que nunca não conseguiria dormir.

2

A chave prateada cintilou na sua mão nesta madrugada. A rua estava deserta com as longas sombras dos postes se estendendo pela calçada em direção a praça principal. A bicicleta enferrujada estava como que dormindo encostada no muro. Com rápidos movimentos e ajustando a alça da sua mochila nas costas, Clara abriu e entrou pela porta dos fundos do casarão em direção ao jardim de trás. Todas as luzes estavam apagadas.

Não se apresse querida, ela terá a sua vez, ainda hoje, mas ainda não, sussurrou Nério, enquanto Clara lutava contra a vontade de entrar na casa e subir até o quarto de Lina. *Na verdade, todos eles terão.*

Ela deu então meia-volta e dirigiu-se para a área da piscina e da churrasqueira. Era uma piscina suntuosa e funda com quatro raias e uma área rasa com descansadeiras para o sol. Havia sido meticulosamente limpa para a festa. A grama ao redor estava aparada e o cheiro de recém-cortada pairava no ar, trazendo uma tonalidade verde escura para a madrugada.

Sorradeira, Clara dirigiu-se com sua mochila para o quiosque ao lado da piscina. O rosto dela iluminou-se com a luz artificial. Tal como Nério previra o freezer horizontal estava cheio de gelo recém-comprado em grandes sacos para o calor da festa. Por um momento, ficou ali parada, não sabendo como faria para executar seu plano. Não tinha pensado nesse detalhe propriamente dito.

Nada que um pouco de manipulação não resolva minha querida, disse ele com seu tom característico, quase como uma melodia aos seus ouvidos.

Clara sorriu. Abriu a mochila e retirou o pote de vidro que estava cheio quase pela tampa com um pó branco. Passara um bom tempo abrindo as cápsulas e juntando o conteúdo.

Ainda mais com uma lua nova dessas que se aproxima para canalizar.

Clara precisa fazer que de alguma forma o pó se juntasse ao gelo já formado.

As palavras de Nério ecoaram em sua mente: *lembre-se que de todos os elementos, a água é o mais propício para a manipulação*.

Retirou os seis enormes sacos de gelo e os colocou no chão. Havia gelo ali para um exército, pensou. Com um pequeno rasgo em cada um, ela distribuiu o pó das cápsulas nos sacos. Chacoalhou devagar para não fazer barulho.

Vou te ajudar a canalizar, disse ele guiando seus pensamentos.

Clara tirou de sua mochila uma pequena vela, tão pequena que parecia desproporcional para a tarefa. Não hesitou, nem por um momento. Sabia que não era o calor da vela em si que precisava, mas sim apenas de uma fonte de fogo.

Clara fechou os olhos e se concentrou. Sentiu, com a ajuda dele, os raios de energia incidindo em seu rosto, na sua pele, escorrendo por todo seu corpo. Sentiu toda aquela energia entrando em cada um de seus poros. Abriu suas mãos de repente. Estava eletrizada e sentiu saindo de seus dedos, finos canais de energia, dilatando-se.

Com uma das mãos aproximou-se da pequena chama da vela. Sentiu Nério guiando sua mão e instantaneamente reconheceu uma fonte de energia diferente. Utilizaria a energia dele para amplificar a energia que vinha da vela.

Com sua mente agora direcionou com toda sua concentração a energia para os sacos de gelo. O suor escorria pela sua testa. Fora tomada por um calor. Era como se estivesse diante do sol do meio-dia de Novo Triunfo. Mesmo sem abrir os olhos, sentiu o gelo derretendo.

Não derreta muito, alertou ele, apenas o suficiente.

Continuou por mais alguns minutos e visualizou claramente a água escorrendo de uma camada bem superficial dos inúmeros cubos de gelo e se misturando pouco a pouco com aquela espécie de areia fina.

Chacoalhou o corpo quebrando bruscamente a conexão com as fontes de manipulação.

Concentre-se... ainda mais agora... não faça muito esforço, apenas se certifique do formato original do gelo, a natureza cuidará do resto.

E agora como em câmera lenta foi visualizando a forma dos cubos, fazendo com que a água derretida voltasse à forma que estava antes. Sentiu que a energia que vibrava antes como pó, agora vibrava como cubos. A vibração da água petrificada modificara-se.

Seu trabalho estava terminado.

Colocou os sacos de volta e fechou com cuidado a tampa do freezer.

“Que queimem todos”, rogou ela em voz alta.

Silêncio.

Queimarão, disse ele.

O apito do trem uivou como um lobo pela madrugada. A delegacia estava deserta nessa hora com apenas algumas viaturas paradas na frente. A luz, amarela

desbotada, que vinha lá de dentro dava um aspecto sinistro para o lugar.

Heitor arrepiou-se e ficou ali congelado no tempo.

O delegado não havia atendido o celular. Isso só poderia dizer que estava na delegacia ocupado com alguma coisa, caso contrário teria visto sua ligação. Se havia uma coisa que aquele idiota fazia direito era atender seu celular por mais que o mundo estivesse caindo.

Heitor balançou a cabeça. Não tinha mais tempo para perder. Empurrou com ambas as mãos a porta de vidro.

Seja o que Deus quiser, pensou.

Juliano estava dormindo na recepção com seu pé em cima da mesa e com seu característico chapéu, caipira como só ele, ocultando sua face. Era alto, magrelo, com olhos esbugalhados e um bigode que nunca crescera o suficiente. Só de vê-lo algo ruminou dentro de Heitor.

Pigarreou alto, tentando chamar atenção. Nenhum movimento. Poderia passar de morto se não fosse o movimento da sua barriga, respirando.

Aquilo irritou Heitor profundamente. Fechou uma mão e bateu em cima da mesa.

Juliano pulou assustado como se tivessem jogado água fria.

“Qual é, ô?!” berrou Juliano se enfurecendo também. “Essa é uma maneira que se acorda um irmão, sô?!”

Percebeu então quem estava na sua frente. Seu sono passou em questão de segundos. Nunca havia sido muito fã de Heitor para falar a verdade. Sujeito calado de nariz empinado.

Juliano cerrou os dentes e falou:

“Ora, ora, ora s-s-se não é nos-s-s-so famos-s-s-so investigador... ou melhor ex-investigador...” disse Juliano sibilando como uma cobra por causa da língua presa.

Os dois travaram o olhar, Heitor sentindo sua temperatura crescer. Não estava a fim de papo furado, principalmente com esse aí.

“O que pos-s-so fazer para o senhor es-s-sa noite?” disse ele num tom de provocação.

“Preciso falar com o delegado. *Urgente.*”

“Qual é Heitor, você s-s-sabe que se fos-s-se uma pes-s-soa comum como você é agora, nem num milhão de anos a gente ia deixar você falar com o delegado numa hora des-s-ssas sem pas-s-sar por um de nós...”

“Deixa de fazer cu doce Juliano,” disse Heitor já perdendo a paciência, “você sabe que não sou qualquer um e pode ter certeza que se estou aqui numa hora dos infernos que nem essa, não é para qualquer bosta não.” Sua vontade era de colocar um filho da puta no final, mas se conteve.

“Você olha como fala comigo hein seu...” Juliano parou, vasculhando sua mente por algum insulto inteligente, “*come-ciganas.*”

Engano.

Num piscar de olhos e sem pensar, como se fosse um reflexo medular, Heitor saltou para cima dele com uma fúria desconhecida até então. O pegou pelo cangote da camisa e rápido como um relâmpago lhe deu um soco no rosto.

Escutou o trincar dos ossos da sua mão, mas por causa da adrenalina só se daria conta disso bem mais tarde. Heitor o puxou pela mesa, derrubando tudo no chão, o som alto como um tambor na calada da madrugada.

Era como se sua mente estivesse branca, vazia, estava agindo no automático.

Come-ciganas.

Meteu-lhe mais duas investidas com sua mão já quebrada.

Juliano relinchava de dor, entremeado por gritos por ajuda. Um rio de sangue jorrou de seu nariz quebrado.

Come-ciganas.

Heitor fechou-lhe a garganta com as mãos, vendo o ar escapar-lhe os pulmões. Estava quase roxo.

Heitor só foi se dar conta de que estava sendo contido por outros dois policiais minutos mais tarde, quando estava sendo arrastado pelo corredor em direção à cela.

Escutou o ranger das grades de metal enferrujado e o virar da chave.

Sentou-se no chão.

Não conseguia acreditar no que acabara de acontecer.

4

A névoa estava mais intensa do que nas outras vezes. Era como se a escuridão estivesse mais forte. O frio de congelar a alma o arrepiou todo. Heitor conseguiu sentir o aperto na sua garganta fechando-se conforme seu desespero foi crescendo.

Começou a correr o mais rápido que pôde.

Nério está vindo, está vindo... ecoaram várias vozes.

Pareciam vir de fora do nevoeiro mas, ao mesmo tempo, dentro dele como se tivesse vida própria. Isso só assustou ainda mais Heitor.

Dias mais escuros se aproximam...

O frio era tanto que começou a bater os dentes.

Sentiu uma mão firme em seu punho. Era *dela*. Da garota com os olhos de gato.

Não se engane. Clara se foi.

Queria berrar, mas encontrou-se mudo no desespero.

O ritual já começou, é uma questão de horas para que o sangue comece a escorrer.

Ela apertou seu punho. Seus olhos amarelos pareceram ficar ainda maiores.

Precisa pará-lo antes que tenha o corpo dela só para ele. Guerras serão travadas por sua causa. Nério não pode voltar ao mundo dos vivos.

Heitor viu algo negro no nevoeiro chegando mais perto.

Uma figura encapuzada aproximou-se parecendo rastejar pelo nevoeiro.

Heitor tentou fugir mas a garota era mais forte.

Foi pela ganância das linhagens que deixaram-no vivo, disse a figura com seu rosto chegando mais perto. A voz rouca falecida ecoando naquele lugar.

Você tem que matá-lo, de uma vez por todas.

A figura tomou Heitor pelos braços queimando com seu toque gélido.

Não se engane, repetiu ele, *Clara é apenas uma marionete em pouco tempo seu corpo será dele.*

A garota apertou ainda mais seu punho.

Preste atenção, disse ela.

A figura começou a tirar seu capuz.

Ele é mais esperto do que nós pensávamos, mesmo se não terminar o ritual, ele achou uma saída...

Um rosto desfigurado, queimado com ácido, começou a se formar debaixo do véu negro que aos poucos estava sendo retirado.

Por isso tem que agir, agora, antes que seja tarde demais. Mate-a também, Livre-se do corpo. Queime. Não deixe nada para trás.

E de repente o capuz caiu no nevoeiro e Heitor estava diante daquela figura tão próximo que sentia seu bafo gelado sem vida. Seus olhos eram sombras escuras.

Agora, repetiu a figura.

Heitor acordou ensopado de suor na sua cela com o sol das oito da manhã batendo no seu rosto.

Levantou-se num pulo e começou a bater nas grades, chamando atenção.

5

“O que você quer pelo vídeo?” disse ela por entre os dentes, seus olhos em brasa.

Estava segurando a maçaneta da porta com tanta força que seria capaz de quebrá-la.

Felipe cambaleou sem jeito e coçou a cabeça. Não soube como introduzir o assunto sobre aquele dia da tempestade.

Lina entendeu na hora.

“Considere feito. Aquele pequeno,” ela demorou para achar a palavra, “*incidente* nunca aconteceu. Seu segredinho está a salvo.”

Virou de costas e estava prestes a entrar de volta na casa quando Felipe pigarreou. Ela levantou uma sobrancelha e olhou para Felipe com desprezo.

“Não que seja da minha conta, mas,” engoliu ele em seco, “o que pretende fazer com esse vídeo?”

Lina sentiu sua ira acalmar enquanto pensava.

Felipe ficou inquieto com a espera.

“Você vai ver logo mais.”

“Hoje?” perguntou ele confuso.

“*Sim*,” sorriu ela, “na verdade, todos vão. Agora, se você me dá licença tenho a melhor festa da década para preparar.

6

“Ei! Ei!” gritou Heitor batendo com sua mão boa, a não quebrada, nas grades para chamar atenção. O sol entrava pelas grades e já havia começado a aquecer a cela com a promessa de altas temperaturas para o dia de hoje.

Estavam ignorando Heitor desde a madrugada. Dando o gelo que merecia. Sabia que não deveria ter perdido o controle daquela maneira. Vasculhou e vasculhou sua mente tentando encontrar o motivo exato que o fez perder a cabeça com aquele miserável do Juliano, mas não encontrou. Já não importava, coisas mais urgentes preenchiam sua mente agora.

“Um massacre vai acontecer!” Gritou ele em bom tom, esgotado de segurar sua paciência. “Escutem seu bando de imbecis!”

Risadas ecoaram escada acima.

“ALGUÉM PRECISA FAZER ALGUMA COISA!” berrou ele o mais alto que pôde. Era uma questão de tempo para que Clara desse o primeiro passo, Heitor sentia isso nos ossos.

Vamos, vamos, pense.

Ele sentou de novo no chão exausto de tanto gritar, sua cabeça girando, estava sem comer há um bom tempo.

Escutou passos.

Havia alguém descendo as escadas. Teve medo de olhar e perder suas esperanças se fosse Juliano vindo para lhe provocar mais uma vez. Mas não.

Heitor sorriu de orelha a orelha e pulou de volta para a grade estendendo ambas suas mãos.

“Dias!” disse ele aliviado.

“*Shhhhhh* quieto,” respondeu Dias e fez um gesto com a mão apontando para cima. Heitor entendeu rápido que seu amigo não deveria estar ali.

“Preciso, mais do que nunca, da sua ajuda.”

Dias olhou-o desconfiado e por um momento não sabia o que dizer.

“Lembra daquela garota que comentávamos que estava desaparecida e depois...”

“Claro,” interrompeu Dias com medo que alguém os escutasse. Não teria muito tempo.

“O que precisa que eu faça? Vamos, rápido,” seu tom em desespero.

Risadas ecoaram do andar de cima novamente, pareciam estar mais perto dessa vez.

“Confia em mim, não me pergunte como e não tenho tempo de explicar o porquê, mas ela surtou e é uma ameaça para todos os outros adolescentes do São Tomé, em especial os da sua classe. Ela precisa ser detida, de imediato. Sei onde ela está se escondendo.”

Dias franziu as sobrancelhas. Talvez Heitor tivesse pirado de vez mesmo.

“Não consigo explicar, mas sei que ela vai atacar os demais...”

“Como assim atacar?”

“Não dá tempo de explicar.”

Dias olhou atrás do ombro. Era questão de tempo para que notassem sua falta.

“Um papel e uma caneta, rápido,” sussurrou Heitor. “Ótimo, vá para esse endereço e a pé procure por uma cabana no fim da trilha, é o único lugar que ela pode estar usando de esconderijo.”

Alguém estava para descer as escadas.

Heitor pegou ambas as mãos de Dias.

“Traga ela para a delegacia, custe o que custar, invente uma história, seja o que for...”

“Mas...”

“*Confia em mim,*” disse Heitor mais com os olhos do que com a boca.

Passos descendo a escada.

“Pegue também uma lista dos alunos do segundo ano A do São Tomé, os que ela quer se vingar estarão lá. Dê para o delegado o mais rápido possível.”

Dias fitou-o quase como se estivesse em choque com essas informações desconexas.

Dias saiu correndo antes que o descobrissem ali.

Heitor sentou-se novamente na cela e ficou esperando. Esperando.

7

Ela aproximou-se e, de joelhos, colocou a mão na água. Estava perfeita. Na verdade, mais que perfeita num dia quente como esse. E o relógio apenas mostrava dez horas e quinze minutos da manhã desse sábado. Levantou-se e olhou ao redor.

A grama aparada no dia anterior. A piscina refletia com perfeição o céu azul sem nuvens. As mesas estavam postas, os guarda-sóis armados, os enfeites colocados no centro.

Não que muita gente fosse ficar sentada, não é mesmo?

Sua intenção era de abrir a festa jogando alguém na piscina.

Ela sorriu, transbordando de malícia.

Olhou para o jardim amplo típico dos antigos casarões do interior. Espaço não era o que faltava. Mudou sua atenção então para o quiosque. Uma grande mesa de madeira estava na sua sombra com as mais variadas comidas para o evento. Salgadinhos, sanduíches e minipizzas de inúmeros sabores. Pilhas e mais pilhas de copos de plástico - empilhados num formato de uma torre - estavam prontos para serem usados. Uma quantidade razoável de doces também ao lado. E o que não poderia faltar: *álcool*.

Lina havia se superado esse ano. Cerveja, vodca, caipirinha e uns outros drinques coloridos que Lina comprara sem saber o nome, simplesmente por serem atrativos.

Havia álcool suficiente para que entrassem todos seus convidados em coma alcoólico.

Foi rabiscando os itens de sua lista mental.

Agora, o outro elemento crucial: *música*. Alugara caixas e caixas de som e alto-falantes que fariam tremer o quarteirão inteiro com sua playlist especialmente preparada para o evento.

Esfregou sua mão de piscina, secando-a na coxa.

Havia convidado as quarenta e três pessoas do segundo ano do São Tomé, mas sabia que muitos viriam sem serem convidados. Sem contar o bando de agregados que alguns certamente trariam. Lina contara com tudo isso e um pouco mais.

“Onde quer que eu coloque mesmo?” perguntou o funcionário da empresa que contratara.

Lina voltou ao plano físico.

“Logo ali,” disse ela toda meiga, fingindo derreter-se para ele.

O homem, de regata preta com os braços tatuados de fora e alargador nas orelhas, sorriu de volta.

Lina sentiu o despertar de seu desejo sexual. Aquele vídeo que o porco do Felipe lhe mostrara a deixara erupcionando lava pelos ouvidos, é verdade, mas também a excitara.

Tinha um tempinho ainda até seus convidados e não convidados chegassem. Mordeu os lábios, olhando-o enquanto carregava o peso.

“Para o que é mesmo o telão?” perguntou ele enquanto deixava a estrutura num canto apoiada sobre as grandes janelas de vidro da sala de estar que davam para o jardim. Lina o pedira de última hora. Na verdade, de último minuto.

“Para o *Grand Finale*,” respondeu ela inclinando o corpo.

Ele notou a forma como ela o encarava.

“Tem algo mais que posso ajudar?” perguntou ele enquanto olhava sem disfarçar para seus seios.

“Tem sim,” respondeu ela abrindo a porta de vidro e o puxando para dentro.

8

“Ele está vindo.”

Sabe o que fazer, respondeu Nério.

Estava escondida atrás do muro da garagem na espreita. Sua vontade era de matá-lo ali mesmo, mas sabia que precisava de algo seu antes para seu plano funcionar e por isso, conteve-se. O que Nério a ajudara a bolar era simplesmente de outro mundo. Literalmente. Só de pensar, Clara já estava excitada.

Tirou seu telefone e discou o número.

9

Lucas ainda com sono, esfregando os olhos, abriu a porta do carro.

Bem que a maldita da festa poderia começar mais tarde, pensou com mau humor.

Tivera dificuldade para dormir. Estava ansioso demais. Por mais que quisesse esfregar Mélanie na cara de Lina, tinha medo do que sua ex-namorada poderia fazer.

Ela não seria burra o suficiente para tentar algo na frente de toda a galera, tranquilizou-se.

Mas hoje havia acordado com uma sensação estranha. Uma espécie de aperto no estômago por assim dizer. Seu coração já estava batendo mais rápido que seu basal. Sabia que essa festa mudaria algo. Só não sabia o que exatamente ainda.

Colocou todas as coisas que tinha no bolso da bermuda debaixo do painel e girou a chave.

“LUCAS!” berrou sua mãe impaciente de dentro da casa.

“Mas que caralhos...”

“TELEFONE!”

Ele bufou, desligou o carro e bateu a porta com raiva. Voltou para atender o maldito telefone. Seu humor mudou de ruim para péssimo.

Ao voltar menos de um minuto mais tarde ainda mais bravo por terem feito ele perder tempo no telefone, ele não se deu conta de que seu celular não estava mais lá e muito menos que um cobertor preto todo enrolado estava no chão no banco de trás.

Colocou seu óculos de sol, olhou no retrovisor e deu ré.

Que comece a diversão, pensou ele.

10

Ela pegou o batom e delicadamente tornou seus lábios maçã escarlate. Esfregou-os um por cima do outro e admirou-se no espelho. Estava linda. Seu cabelo preso com um laço violeta, meio estilo anos 70, com uma blusa branca bem justa. Seus seios não tão avantajados, mas nem por isso menos chamativos, estavam apertados com o biquíni rosa que trajava por debaixo. Um minishorts jeans azul-escuro completava seu visual.

Qualquer garoto daria qualquer coisa para estar comigo hoje, disse Mélanie enchendo-se de confiança.

Mas teria olhos para um só. Para ele apenas. E faria questão que Lina visse tudo isso.

Ela deixou escapar uns risinhos, estava louca para que tudo começasse. Travou seu olhar com sua reflexão no espelho.

Hoje você vai deixar Lina com tanto, mas tanto ciúmes, que ela não vai conseguir nem aproveitar sua própria festa de aniversário.

Silêncio enquanto saboreava seus pensamentos.

Assustada, Mélanie pulou para o lado com o barulho do seu celular vibrando em cima da pia.

Sorriu ao ver quem estava lhe mandando mensagem.

Ele queria encontrá-la antes da festa. Não podiam chegar agora no começo. Não. Isso era desespero demais, concordava com ele. Precisavam fazer uma entrada daquelas. Os olhos de todos estariam voltados para eles. Para o casal.

Mélanie resplandeceu.

Se queria encontrá-lo antes? Claro que sim. Ainda mais sabendo das suas intenções maliciosas. Trepar antes da festa? Mélanie coçou a cabeça lembrando de como era ter Lucas dentro dela. Os pelos dos seus braços se arrepiaram.

Onde? Pode ser. Tinha que confessar que gostara da experiência naquele lugar imundo. Parecia tão... tão *selvagem*. Isso a excitou ainda mais. Estava saindo já.

Terminou de responder as mensagens e retocou a maquiagem.

O motorista do táxi ficou olhando para aquele lugar abandonado como se fosse uma espécie de casarão mal-assombrado. Não conseguia acreditar que uma garota *dessas* poderia estar metida com *essas* coisas.

“Tem certeza que é aqui?” perguntou ele desconfiado num tom quase paternal.

Mélanie riu com a preocupação do desconhecido. Pagou a corrida e sem dizer mais nada, saiu do carro.

Olhou para o celular.

Lucas a esperava lá dentro. Não queria perder mais tempo.

Esperou o táxi virar no final da rua e, tomando cuidado para não sujar sua blusa branca, ela ergueu-se e pulou o muro pichado. Estava tremendo de ansiedade, sua mente não conseguia pensar em mais nada além do que estava prestes a fazer e, principalmente, de como os dois chegariam na festa depois. Já sentia na boca o gostinho do ciúmes de Lina.

Ajeitou o cabelo e andou confiante para dentro do centro comercial abandonado. O choque térmico foi quase instantâneo. Uma vez lá dentro, a temperatura caíra facilmente uns cinco graus centígrados. O cheiro de umidade e mofo fizeram-se evidente.

Correu pelos degraus de concreto batido até o terceiro andar. Seu corpo dando pequenos choques ao longo do caminho de tanta ansiedade. Coração pulsando com aquele fervor pelo que viria.

O prédio estava em completo silêncio e não se escutava nem mesmo os barulhos da rua lá fora. Começou a andar pelas vitrines quebradas que tinham jornais antigos ainda pregados. Era como se buscasse um item em liquidação.

Do terceiro andar conseguia ver os outros dois pisos abaixo, cada um com pé direito duplo, por meio de uma abertura central que separava o andar em dois largos corredores. No centro a luz entrava por meio de uma claraboia enorme, de vidro, no teto. O shopping de fato teria sido um dos mais refinados do interior do estado.

Andando agora com mais calma, deixando que a atmosfera do lugar decantasse dentro de si, Mélanie não pôde deixar de sentir-se como num filme pós-apocalíptico onde era uma das últimas sobreviventes da raça humana.

“Lucas?” disse ela abraçando seus braços.

E de repente, a solidão daquele lugar a atingiu.

Chegou ao final do corredor e ainda nenhum sinal de Lucas. No fim dele, havia dois grandes arcos onde certamente iriam suntuosos elevadores. Mélanie se aproximou atraída por sua curiosidade. Segurou-se firme na lateral e espiou lá dentro. Um grande buraco escuro e gelado a olhou de volta. Era impossível de determinar sua profundidade. Só a sensação de fatalidade se desse um passo em falso a fez recuar assustada.

“Lucas?” tentou de novo.

Escutou um barulho. Mélanie virou rápido com a cabeça para os lados tentando localizar a direção. Mas não conseguiu. Antes mesmo que pudesse chamá-lo mais uma vez, ouviu de novo o barulho, agora mais forte, chamando sua atenção.

Vozes. Mais de uma.

Mélanie começou a andar naquela direção.

Estranho, pensou. Parecia reconhecer aquela voz, mas estava diferente, estava metalizada por assim dizer. Ficou na dúvida. Algo de familiar tinha.

Mélanie arregalou os olhos.

Era a sua voz.

E a de Lucas.

Estavam conversando.

O som ecoava por aquelas paredes de concreto e parecia se amplificar.

Continuou andando, entrou em uma das lojas. Sentiu o jornal debaixo de seus pés, amortecendo seu andar. Algo brilhava lá dentro em cima do que pareceu ser uma mesa.

Foi chegando mais perto. Seu coração disparado, ruflando em seus ouvidos. Quis chamar Lucas novamente mas dessa vez não teve coragem. O breu a engoliu. Estava sendo guiada por aquela luz artificial e pelas vozes.

Ouviu gemidos agora. Ela gemendo.

Aproximou-se ainda mais atraída.

Com desespero pegou o celular em cima da mesa e viu o vídeo que estava sendo reproduzido. Levou a mão à boca. Seu queixo caiu.

Era ela. E Lucas. Transando.

Reconheceu aquele celular de imediato.

“Mas que diabos...”

Não conseguiu terminar a frase. Sentiu algo gelado enrolar em sua garganta e, antes mesmo que se desse conta, estava sendo sufocada. Tentou lutar, mas quanto mais resistia mais apertado ficavam as correntes em seu pescoço.

Nunca sentiu tanto desespero em toda sua vida. Precisava respirar. Batia inutilmente no seu agressor, tentava chutá-lo. E quando viu, fora puxada para trás, caindo de costas.

Mélanie gemeu enquanto estava sendo arrastada pelo pescoço para fora da loja de volta ao corredor. Esperneava. Seu pescoço pareceu estar em chamas por conta do atrito com o metal. Seu rosto estava azul-escuro e pequenos pontos de hemorragia já estavam visíveis por tamanha pressão exercida. Com suas unhas arranhava o pescoço em desespero.

Foi então que a corrente se afrouxou um pouco.

Mélanie teve uma acesso severo de tosse, engasgando quando inspirou.

Com a adrenalina em seu sangue, ainda atordoada e tossindo, virou-se para encarar o agressor.

Seu rosto ainda escuro pela falta de oxigênio converteu-se na mais pura expressão de terror.

Viu Clara segurando maliciosamente as correntes, sorrindo com aqueles olhos...

Sim, foram os olhos que lhe entregaram. Mélanie nunca a vira desse jeito. Eram como se brasas saltassem daqueles olhos negros como a noite. Pareciam atravessá-la como uma bala. Aqueles olhos que diziam apenas uma coisa. Uma coisa e nada mais. *Matar*.

Mélanie soube naquele momento que nenhuma ajuda viria. Soube que não adiantaria choramingar e implorar por sua vida. Que aqueles olhos traiçoeiros em chamadas nunca a deixariam ir embora. Não antes de terminar.

O desespero tomou-lhe por completo mesmo assim. Começou a gritar assustada e esquecendo-se da corrente ainda em seu pescoço, levantou-se, virando de costas e correu em direção à saída.

Sentiu seu pescoço estalar e uma dor aguda, lancinante como um raio, se fez presente. Caiu de costas sendo tracionada por sua espécie de coleira.

Começou a chorar, lágrimas do pânico que a consumia.

Não conseguia se mexer mais. Estava paralisada. A única coisa que conseguia movimentar eram seus olhos.

Sentiu o afrouxar por completo da corrente. Respirou sem dificuldade, mas sua garganta ainda queimava. Ficou olhando para a claraboia no teto enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas. Precisava sair dali. Mas eram como se seus músculos tivessem virado areia. Não os sentia mais.

Tentou procurar Clara com o olhar lateral da sua visão, de esguelha, mas não a encontrou. O silêncio voltou a reinar no centro comercial abandonado. O único som era de seu coração batendo, batendo tão acelerado que seu tórax vibrava.

Escutou então passos abafados. Não conseguia ver, mas sentia a aproximação. Aos poucos, sem pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo, Clara foi se aproximando. Para Mélanie, que jazia no chão imobilizada, esses segundos pareceram não ter fim. E bem devagar, a luz da claraboia no teto foi sendo ofuscada por uma visão macabra.

Clara a encarava com seus dois olhos sinistros e seus dentes prontos para devorá-la. Sorriu com o que estava por vir.

E começou a puxá-la de novo pelo pescoço com a corrente.

O ruído do metal rangendo no piso de granito e o barulho do corpo inerte sendo arrastado eram os únicos sons.

O resto era silêncio.

As vitrines passavam uma a uma diante de seus olhos com o movimento.

Escutou o clique de metal com metal. Parecia que Clara estava prendendo a corrente em algum lugar.

Novamente começou a ser arrastada. Sua cabeça se perguntando para onde ela a levaria. Foi quando lhe ocorreu seu destino.

Não.

Tentou se debater, mas seu corpo não respondia. Parecia uma boneca de pano sendo arrastada pelo chão por uma criança.

Não!, exclamou ela em seu pensamento quando o horror da cena estava sendo preparado nas suas entranhas.

Viu o arco da entrada para a queda do elevador.

Não, tudo menos isso, não, não, NÃÃÃOOO!

E como um peso, Clara empurrou com os pés o corpo de Mélanie para dentro do buraco. Primeiro a cabeça.

Mélanie sentiu com os olhos sua cabeça arqueando para trás, começando a ser engolida pela buraco do elevador.

Tudo ficou preto. Não via mais nada, apenas a gelada escuridão.

Lágrimas pingavam em direção ao poço.

Com as mãos, Clara continuou empurrando e, uma vez o tórax já dentro, a gravidade puxou o restante do corpo que deslizou, mergulhando de vez naquele negrume.

As correntes não chegaram a se tensionar por completo.

O som e o estrondo dos ossos quebrando com o impacto vibrou a estrutura de concreto.

E assim que aquele coração deixou de bater, Clara levantou-se, sentindo o influxo da energia de Nério. Estava mais forte.

Lucas sentou emburrado numa mesa no canto. Estava suando e apreciou a sombra do guarda-sol. Jogou sua camiseta na cadeira do lado para prevenir que alguém se sentasse. Ignorou os olhares das garotas na mesa próxima. Estavam admirando seu corpo malhado.

Podem olhar que eu não cobro, pensou enquanto virava o copo de cerveja goela abaixo. Sua intenção não era ficar bêbado, mas se Mélanie não aparecesse logo faria exatamente isso. Não gostava de que os outros o deixassem esperando. Odiou-se por estar ali sozinho.

Onde estaria aquela garota?

Se já não bastasse ter esquecido seu celular em casa, precisava ainda ficar sem companhia nessa merda de festa.

Olhou para o copo enquanto a cólera lhe subia a garganta. Só o gelo sobrara.

Que se foda.

Virou-o na boca e ficou sentindo o gelado naquele forno que estava. Podia jurar que sentira um gosto meio estranho, mas sua mente estava longe e estava quente demais para pensar.

O sol do meio-dia entrava por entre as copas das árvores e havia tornado aquele lugar uma estufa. Ele xingou em voz alta enquanto limpava o suor do rosto.

Dias seguia pela trilha.

Algo estava errado. Consequia sentir também. Ficava a todo o momento virando para trás. Sentiu-se observado. Escutou um remexer aqui e ali na mata fechada e várias vezes parou e fixou o olhar tentando ver por detrás das folhas e galhos retorcidos.

Devo estar ficando louco.

O diretor José Ricardo não ficara nem um pouco contente de ter que, em pleno sábado, imprimir uma lista com os nomes dos alunos do segundo colegial mas, mesmo assim, cedera. E não pôde deixar a oportunidade de comentar sobre o incidente com Clara no dia anterior. Dias ficara observando aquela lista por longos minutos no carro antes de entrar na trilha que Heitor indicara. Nada parecia fazer sentido.

Espantou um mosquito com a mão, xingando novamente.

Se aquela garota surtara e as palavras do diretor ressoaram na sua cabeça – *perigosa, louca, imprevisível* – Heitor estava certo de acreditar que ela tentaria algo. A imagem da foto impressa de Clara ainda na sua cabeça. Não conseguia acreditar que alguém pudesse fazer isso, além do mais com uma garota tão inocente como aquela.

Ela mordeu meu dedo, meu dedo!, continuou a voz do diretor.

Talvez, não tão inocente assim, concluiu Dias.

Ajustou sua arma, aquilo o confortou de certa forma. Sentiu a lista de papel dobrada em seu bolso.

Enfim, avistou a cabana.

Aproximou-se devagar, sem fazer barulho. Pelo ápice do sol quase não tinha sombra nesse horário. Aquilo lhe chamou atenção e deu um certo senso de irrealidade.

A porta da frente estava escancarada, batendo ao som do vento.

Sentiu um arrepio. Não gostou daquele lugar.

Empunhando sua arma, subiu pelos degraus da frente e espiou lá dentro.

Arqueou suas sobrancelhas com a cena.

“Clara!” gritou ele antes de entrar.

Caixas e caixas de remédio jaziam no chão, o vento as havia esparramado por toda a pequena sala.

Sem resposta. Foi quando a solidão daquele lugar o acometeu.

Se arrepiou de novo.

Pegou uma das caixas e a observou, tendo que afastar um pouco com os braços para ler o nome. Tinha esquecido seus óculos no carro. Nunca tinha ouvido falar daquele remédio na vida.

Como um reflexo, puxou o celular do bolso e estava prestes a pesquisar na internet quando para seu espanto ele tocou.

“*Caralho,*” disse ele deixando cair o celular. Não costumava se assustar tão facilmente, mas algo naquele lugar o incomodava.

“Alô?” atendeu ele meio rouco. “Quem denunciou? Hum. Um taxista? Suspeito.”

Ficou brincando com a caixa na mão. *O que diabos seria isso?*

“O delegado quer que eu dê uma olhada então? Não deve ser grande coisa, mas estou perto, não custa nada. ”

Dias congelou.

“Ele falou o quê? Uma menina do São Tomé é isso?”

Resposta afirmativa do outro lado.

O que Clara havia ido fazer num prédio abandonado em pleno feriado? Coisa boa não poderia ser, juntou ele em seus pensamentos. Esse dia não para de ficar cada vez mais estranho.

Chegou em menos de vinte minutos. Observou o edifício abandonado. Realmente estava perto. Deixou a caixa de remédio no banco. Tinha lido alguma coisa na internet que falava que era usado para tratamento de alguma doença de pele. Não entendeu muita coisa. Aquilo poderia esperar. Saiu e trancou a porta do carro.

Demorou mais do que gostaria para pular o muro. Estava fora de forma. Assim que passou para o outro lado, endireitou-se e pegou sua arma. Estava se sentindo inseguro, mais do que na cabana. Sentiu seu coração acelerar enquanto subia as escadas de concreto.

Aquele lugar era enorme. Demoraria muito para vasculhar cada canto.

“Clara!” gritou ele, escutando sua voz ecoar pela estrutura.

Tinha que começar por um lugar e por isso decidiu começar pelo primeiro andar. Deveria haver no mínimo umas vinte lojas de cada lado. A iluminação vinha toda da claraboia no teto com fios cruzando de um lado para o outro.

Esse lugar é enorme, suspirou ele novamente. Poderia voltar e dizer que não havia encontrado nada de suspeito ali, mas sabia que isso não era verdade. Sentia que havia algum elemento ali fora do lugar.

Com calma foi de loja em loja do lado direito até chegar no final do primeiro andar quando algo chamou sua atenção. No final do corredor havia dois grandes arcos ornamentados que, com certeza, seriam de dois elegantes elevadores se o projeto tivesse sido concluído. As aberturas estavam barradas com pedaços de madeira e entulho acumulado. Não conseguia enxergar o que estava por trás no vão dos elevadores. Mas não foi isso que chamou sua atenção. *Não*.

Dias deu um passo para frente e ajoelhou.

Tocou com seu dedo para ver se era tinta escorrendo.

Congelou ao sentir aquela textura.

Sangue.

Tentou afastar o entulho, mas não conseguiu.

Correndo, ainda empunhando sua arma, passou pelo corredor espaçoso novamente e subiu as escadas em direção ao segundo andar. Chegou quase sem fôlego no mesmo local que estava antes, mas um piso acima agora. Viu uma corrente de metal pendurada que parecia vir do andar de cima em direção a algo que jazia na fossa do elevador. Aproximou-se e segurando nas laterais – não gostava de altura – tentou iluminar com o celular o que quer que fosse, ou melhor, quem quer que fosse que estivesse lá embaixo. Mas não conseguiu.

Saiu em disparada ao terceiro andar.

Mesmo antes de chegar ao vão dos elevadores, viu de onde as correntes estavam amarradas e sentiu que não estavam totalmente tensionadas. E sem desprendê-las começou a puxar.

Era bem mais pesado do que imaginara. Foi quando lhe veio a estranha sensação de que aquele peso, poderia muito bem ser...

Não podia ser.

Continuou, o suor escorrendo e suas mãos vermelhas com o esforço. Inclinou todo seu corpo para trás. O que estava sendo içado tinha ficado preso em algum obstáculo. Fez ainda mais força.

Escutou um barulho que o arrepiaria várias vezes quando se recordasse desse evento. Um som triturado. Ossos quebrando, carne sendo amassada.

E enfim a resistência cedeu. Dias caiu para trás, a corrente de metal voando no seu rosto.

Levantou-se e esforçou para não vomitar.

Um corpo todo macerado e ensanguentado de uma garota jazia bem na sua frente. Sua cabeça estava posicionada de uma forma totalmente não natural, seus membros visualmente tortos e quebrados.

Sentiu um nó na garganta.

Aquela não era Clara, sabia disso.

Aproximou-se e começou a mexer no corpo – se arrependeria depois – mas precisava descobrir sua identidade. Precisa ter certeza. Mas não achou nada. Nem carteira. Nem celular.

A não ser...

Afrouxou a corrente do que sobrara daquele pescoço. E viu ali um colar brilhante feminino. Chegou mais perto para ver melhor.

Mélanie em letra cursiva.

Com desespero, pegou a lista dobrada em seu bolso, não se importando que estava se sujando de sangue. Ela quase escorregou de seus dedos trêmulos.

Suspirou ao ver esse nome na lista.

15

Ele não percebeu que estava espremendo o copo de plástico com a mão e muito menos que a cerveja estava pingando no seu pé. Sua atenção estava em outro lugar.

“Quem vai ser o primeiro a entrar hein galera!?” perguntou alguém na multidão.

“Agita aê!” gritou outro.

Um grupo de garotas deram umas risadinhas tímidas.

Felipe estremeceu enquanto a multidão se entreolhava. Estava temendo por esse momento. Na sua percepção, todos os quase cinquenta adolescentes o tinham na mira. Sentiu-se encurralado e estava suando não apenas do calor que estava fazendo - a temperatura estava beirando os 40 graus nessa tarde - mas sim de medo. De seus poros exalava um cheiro ácido de desespero. Era uma questão de tempo até que alguém sugerisse um alvo fácil... e agora, com a Olho-Roxo fora de cena, não tardaria muito para que alguém o percebesse.

Lina abaixou o som de propósito. Sabia que bastaria alguém pular para que comesçassem todos a entrar na piscina. Ficou olhando para todos do quiosque onde estava na sombra.

Aquele medo tolo de ser o primeiro, tirou ela sarro em sua mente.

Foi aí que percebeu os olhos espremidos de Felipe. Viu o terror neles e reparou na palidez de seu rosto. Farejou quase como de instinto seu medo a metros de distância.

Suavemente, misturando-se na multidão e como se fosse pegar algo na grama deixou escapar em um tom muito diferente da sua voz.

“O gordo!”

E como eletricidade correndo num fio, outras vozes logo perguntaram:

“O gordo?!”

“Que gordo?!”

Felipe deu um passo para trás e foi como pisar numa armadilha.

“O Felipe!” alguém gritou ali detrás.

Risadas se misturavam com a música que já não estava tão alta como antes.

“O Felipe! Joga o balofo na piscina!”

E começaram a cantar entremeado por palmas:

“Joga! Joga! Joga! Joga o gordo na piscina!”

E melodia pegou como fogo em palha.

“Joga! Joga! Joga!”

Dois adolescentes grandes do time de futsal seguraram Felipe pelos braços redondos. O garoto tentava inutilmente fugir.

A multidão gritava ainda mais forte:

“Joga! Joga! Joga! Joga o gordo na...”

“O que, minha gente!?”

“Na pis-Ci-Na!”

Felipe balbuciou algo ininteligível, tanto pelo seu estado, como pela intensidade do canto da multidão. Travou suas pernas na esperança de oferecer resistência, mas eles eram mais fortes.

Formou-se uma espécie de corredor polonês de adolescentes, como um túnel por onde Felipe estava sendo arrastado. Seu rosto inchado e vermelho com aqueles olhos miúdos de incredulidade.

Felipe viu Lucas entre os adolescentes, com seu rosto neutro, tentou estender a mão...

E Lucas o segurou.

Mas o alívio durou pouco. Num piscar de olhos, Lucas com sua agilidade pegou os dois rolos de gordura que eram as pernas de Felipe e com seus músculos o levantou. Agora ele estava sendo levado pelo ar. Lucas nas pernas e os outros dois garotos nos braços.

“UM!” a multidão contou eufórica.

Felipe começou a chorar. Estavam balançando-o de um lado para o outro, cada vez pegando mais impulso.

“DOIS!”

Lina aproximou-se para ver bem de perto. Felipe focou seu olhar nela.

“TRÊS!”

E Felipe voou pelo ar enquanto se debatia. A última coisa que viu antes de bater com barriga na água foram aqueles olhos cinzas. Sentiu como se batesse em concreto. Havia verdadeiramente se espatifado na piscina. Sentiu o peso da água nas suas roupas e com os joelhos tocou o fundo. Conseguia ver mesmo debaixo da água as figuras humanas ondulando à beira da piscina, desenhadas pelo vento. Não queria voltar à superfície mas a sua ânsia por ar foi mais forte que ele.

Ao respirar, tossindo a água que havia entrado pelo lugar errado, viu com seus olhos de toupeira, embaçados pelo cloro, que todos o olhavam rindo tão alto quanto a música.

Felipe sentiu um explodir de água do seu lado. E logo um outro à sua frente.

Estavam pulando e em pouco tempo quase todos estavam na água.

Felipe ficou vendo tudo isso em câmera lenta. Cada movimento, cada mergulho, cada respingar de água em seu rosto. E tudo voltou ao normal, o som dos alto-falantes voltara ao volume ensurdecedor anterior, copos e copos de bebida iam de mão em mão para piscina enquanto o estado de embriaguez aumentava debaixo do sol escaldante de Novo Triunfo.

E se esqueceram dele. Conforme a piscina foi ficando cheia, Felipe foi sendo recuado para um canto até que quase não conseguia mais andar sem esbarrar em alguém.

Tentou sair da piscina, mas ficou apenas debatendo suas pernas gordas na água sem conseguir empurrar sua barriga para cima. Sentiu a borda da piscina quente, como se estivesse fervendo. Foi arrastando-se por ela até chegar na escada.

Conforme foi saindo, sentiu sua camiseta molhada grudar na sua banha.

“Olha os peitinhos do balofo!” alguém gritou de dentro da água assustando Felipe.

Risadas ecoaram novamente, mas dessa vez abafadas pela música. Voltou-se para trás e viu Lucas rachando o bico com o comentário.

Felipe não ficou para ver se haveria mais uma piada a seu respeito. Ainda pingando e sem seus chinelos, ignorando o queimar das suas plantas dos pés, correu pela pedra em volta da piscina e depois na grama para sair pela porta da frente do casarão.

Tropeçou na calçada e foi de cara no asfalto. Ficou ali gemendo de dor, sozinho. A rua estava deserta nesse horário, quase próximo da uma da tarde. A população de Novo Triunfo sabia muito bem fugir do sol do meio-dia que fritaria os miolos de qualquer um. A praça principal deserta com seu coreto encarava de volta Felipe. A Igreja Nossa Senhora do Novo Triunfo jazia ao fundo imponente com suas torres.

Chorando, levantou-se e viu o HB20 preto parado encostado com o muro do casarão.

Felipe foi tomado por algo que desconhecia. Aproximou-se, meio que cambaleando ainda pelo tombo, e parou de frente para o carro. Conseguia sentir com seu corpo molhado o calor que emanava da pintura escura.

Olhou para os lados, não para ver se estava sozinho, mas para procurar algo, qualquer coisa, que pudesse usar.

Correu para a praça principal com seu piso de paralelepípedo colorido. Com seus olhinhos miúdos escaneou procurando por um solto. Arregalou os olhos quando achou um.

Correndo de volta e com todo o impulso jogou a pedra bem na janela do motorista.

Deu um salto para trás, assustado, com o estilhaçar do vidro e o soar do alarme do carro.

Virou-se de volta para o casarão onde a música alta ainda continuava.

Deu de ombros e pegou novamente o paralelepípedo. Com toda sua força quebrou agora a janela do passageiro. E numa frenesi adiantou-se e quebrou as detrás numa sequência de movimentos rápidos. Por fim, concentrou e atirou com toda sua força no para-brisa. Errou, terminando por atingir a lataria do carro. A pedra ricocheteou de volta para a rua e terminou no concreto.

Ele parou e olhou ao redor com medo. Talvez alguém tivesse sido atraído pelo alarme que continuava soando ensurdecendo-o por estar tão próximo.

Felipe congelou. Não podia ser verdade. Era como uma miragem, parecia tão surreal.

Era *ela*.

A Olho-Roxo.

Estava sorrindo para ele. Sim, seus dentes brancos reluzindo com a luz do sol quase incandescente dessa tarde.

E de repente, flashes passaram na sua mente. Estava na delegacia, ia ser preso. Lucas o processaria. Seus pais com desprezo olhando para ele. Tudo poderia ser arruinado. Sim, arruinado por aquela cigana...

Felipe pegou o paralelepípedo, sentindo seu peso e num acesso irracional investiu contra Clara.

16

Deixe-o, disse ele, não era o que tínhamos programado, mas serve.

Clara ficou vendo aquela figura se aproximar, sem sentir um pingão de medo. Sentia-se tão forte, a energia fluía de tal forma nas suas veias que explodia das pontas de seus dedos. Desde Mélanie, Nério estava muito mais presente, conseguia sentir a transferência de energia.

Nada de manipulação aqui, ainda não, alertou ele como se falasse com uma criança.

Clara concordou. Felipe precisava de algo mais brutal.

Ainda sorrindo, o atraiu para a Praça Principal e subiu no coreto.

Ele está pensando que você vai delatar ele. Por causa do carro.

“O que vão dizer quando virem o vídeo que gravei de você quebrando as janelas do carro do Lucas?” mentiu Clara de cima do coreto.

Felipe estava possesso. Todos poderiam tirar sarro dele. Todos. Menos ela. Especialmente ela. Aquilo o enfureceu ainda mais.

“VOCÊ ME PAGA SUA CIGANINHA DE MERDA!” gritou ele enquanto subia os degraus de madeira.

Clara estava encurralada. Mas era exatamente o que ela queria.

“O que vai fazer hein?” riu ela.

Fale da banha dele. E de seus peitos.

“Me afogar com sua banha e me bater com seus dois peitos de mulher?”

Felipe tacou o paralelepípedo em sua direção. Sua mão tremia de raiva. Errou por muito.

Clara gargalhou ainda mais.

Felipe fechou os punhos e semicerrando seus já miúdos olhos investiu.

Quando estava para agarrar Clara, ele parou. Não viu a faca. Estava escondida em seu bolso. Quando percebeu, uma dor o pegou de surpresa na barriga.

Seus olhos arregalaram.

Gritou em desespero quando viu seu sangue escorrer e pingar na madeira escura do coreto.

Ainda com a faca dentro de sua barriga, Clara a movimentou para cima e depois rasgou-a para baixo. Sentiu as entranhas de Felipe esparramarem-se pelo chão.

Ele contemplou tudo aquilo em choque. Sentiu-se um animal no açougue.

Ainda não havia perdido a consciência quando Clara aproximou-se por trás e, em silêncio, cortou sua garganta.

O carro, lembrou Nério, não perca mais tempo.

E sem olhar para trás, Clara deu meia-volta, desceu do coreto e correu para o carro cujo alarme ainda soava anunciando a segunda morte do dia.

O suor pingava de seu rosto, mesmo de dentro da piscina. Sua cerveja quente dentro do copo, precisando de mais gelo, refletia o céu sem nuvens.

Lucas sentiu sua pele arder naquele sol. Arrependeu-se por não ter passado protetor antes de sair de casa.

Foda-se, pensou, afastando as pessoas enquanto andava pela água.

Lina o olhava de longe, sentada no sol com seus cabelos caindo sobre os ombros. Sabia que estava sendo observada por cada um dos garotos que passava. Era como uma deusa reluzindo sob o sol, inalcançável. Ninguém ousava chegar perto, nem mesmo para trocar uns meros parabéns. Era uma figura que se destacava sob os holofotes daquele astro do sistema solar.

Ela estava se perguntando o que raios havia acontecido com Mélanie. Imaginara que a vadia chegaria tarde para fazer uma entrada, mas era tarde demais.

Talvez desistira, isso sim, pensou jogando o cabelo para o lado e ajustando os óculos escuros.

Que peninha, vai perder sua própria estreia na telona.

Lina franziu a testa.

Lucas saiu da piscina e pegou mais gelo debaixo do quiosque. Alguns adolescentes viram isso e pediram para que ele jogasse gelo para eles dentro da piscina. Lucas os fitou bem de perto, odiava fazer esses pequenos favores, mas terminou cedendo.

Pegou um saco bem grande e jogou na beirada da piscina. Como que famintos, um bando se aproximou para encher seus copos com o gelo refrescante.

Lucas retorceu um dos cantos da boca ao ver uns idiotas pegando o gelo e chupando.

Quer saber? Eu não preciso ficar mais nem um minuto aqui nesse inferno.

Decidido, caminhou até onde tinha deixado suas coisas, debaixo de um guarda-sol, e começou a se vestir.

Lina olhou aquilo com apreensão.

Não, não, não, pensou ela, levantando-se num pulo.

Deslizou por entre os adolescentes e no quiosque, pegou o microfone e desligou a música.

Fez-se aquela estática eletrônica inconfundível no ar, de doer os ouvidos.

Todos se entreolharam para ver o que estava acontecendo.

Show time.

“Senhoras e senhores!” começou ela caminhando no sol em volta da piscina, todos os olhos nela, “quem aqui está curtindo essa FESTA!?”

A multidão devolveu a pergunta inesperada com assovios, palmas, barulho e muito entusiasmo.

“Agradeço a presença de todos aqui nessa tarde galera!”

Estava parecendo uma verdadeira apresentadora de televisão, daqueles programas com plateia.

“É comum a gente receber presentes no nosso aniversário e, tenho que dizer, que esse ano recebi um presente – como nunca tinha recebido antes – um presente inesperado!”

A multidão a observava ansiosa. Estavam todos em silêncio. Um alarme de carro buzina ao fundo.

Lucas estava paralisado, ainda debaixo do guarda-sol, sem saber o que fazer. Aquilo certamente lhe cheirava mal. Lina aprontaria alguma coisa, com certeza.

“E não podia deixar isso passar. Não, não, não,” disse ela balançando a cabeça. “Ainda mais numa ocasião *dessas*.”

Ela riu com ela mesma. Percebeu que seu sangue estava começando a ferver. E não era do calor.

“Preciso compartilhar isso com vocês! Mostrar ao mundo como as coisas, ou melhor, as pessoas realmente são.”

Lucas sentiu um aperto no estômago.

Tensão pairou no ar. A água da piscina se acomodou, mexendo cada vez menos com as pessoas paradas.

“Dizem que não há nada oculto que não venha a ser revelado, portanto, senhoras e senhores prestem muita atenção!”

Lina pegou o controle remoto e apertou o botão. Em segundos uma imagem foi projetada no telão encostado na parte de trás do casarão.

Lina e Lucas se travaram no olhar e com um gesto, que só ele entenderia, ela colocou o vídeo para rodar.

Em pouco tempo, aqueles mesmos alto-falantes que há pouco tempo ruflavam ao som de música sertaneja, emitiam o mais alto dos gemidos. Gemido de prazer.

Os adolescentes na piscina se realocaram para enxergar melhor. Os que estavam na grama sentaram para ver do que se tratava.

Lucas arregalou os olhos. Conhecia aquele lugar. Era... era aquele prédio abandonado. Pegou suas coisas e começou a andar rápido em direção à saída.

Louca, louca, louca, gritava ele em seus pensamentos.

“Já vai, mas tão cedo, Luquinhas?” disse ela com sua voz meiga no microfone.

A multidão puxou o ar em espanto quando as duas figuras nuas entraram em foco. Não conseguiam acreditar no que estavam vendo.

“É isso aí garotão!” gritou um menino do segundo ano.

“Não sabia que você estava fazendo bicos com vídeos pornô!” gritou outro.

Algumas meninas não sabiam se deveriam virar o rosto diante daquelas cenas tão explícitas. Mas queriam ver também. Mesmo com aquela filmagem tão caseira, Lucas estava atraente como nunca diante da câmera.

“Meu Deus Lucas! Sua mãe sabe aonde se *METEU* o filhinho dela?”

A multidão riu com esse último comentário.

Lucas apertou o passo.

“Traíra.”

Lina começou uma fala baixa que aos poucos foi se alastrando.

“Traíra! Traíra! Traíra! Traíra! Traíra!”

Em alto em bom tom quase em uníssono, começaram a gritar bem alto:

“Tra-í-ra! TRA-Í-RA! TRA-Í-RA!”

Alguém colocou o pé na sua frente e ele tropeçou, caindo de boca na grama.

Levantou-se depressa e empurrou o menino que fizera a brincadeira.

Eles continuaram, ainda mais alto.

Lucas queria voltar e bater mais no garoto, mas soube que não conseguiria, estava tremendo, seu rosto vermelho, parecendo que explodiria.

Saiu do casarão pela porta da frente correndo.

Escutou uma salva de palmas.

A música voltou em alto volume fazendo vibrar a vizinhança mais uma vez. Tudo voltou ao normal. A festa precisava continuar.

Lucas tirou a chave do carro, mas parou petrificado.

“Mas que caralhos...”

Seu carro estava destruído, as janelas todas quebradas. O alarme ainda tocando.

Ao se aproximar conseguia sentir os cacos de vidro se estilhaçando sob seu chinelo.

“Você me paga Lina, sua puta...”

Sem pensar duas vezes, abriu a porta do motorista e antes mesmo de fechá-la já tinha dado partida e acelerado.

Socou o volante enraivecido enquanto manobrava o carro.

Pisou no acelerador o máximo que pôde e seu HB-20 preto sedan rugiu pelo asfalto.

Precisava dirigir. Não sabia para onde. O caminho para casa pareceu curto demais. Em menos de dois minutos estava na rodovia com seu pé pisando no acelerador. Viu passar a entrada do seu condomínio, mas não parou.

Gritou o mais alto que pôde, o vento assoprando no seu rosto pela janela quebrada. 100 km/hora... 120 km/hora...

Lucas olhou determinado para pista enquanto desviava dos carros.

140 km/hora.

Alguém buzinou.

Ele colocou a cabeça para fora, sem desacelerar, e mostrou o dedo do meio xingando o outro motorista.

Começou a chorar, de raiva, de desespero, de tudo.

Buzinou de volta e ficou com a mão na buzina por um bom tempo.

Deu luz alta. Um carro bloqueava sua passagem.

Acelerou ainda mais. O vento uivava tão alto pelas janelas quebradas que não se escutava quase mais nada. O motor vibrava na pista.

Lucas sentiu seu peito pesado.

E foi aí que ficou sem ar. Suas mãos largaram o volante e foram ao pescoço. Sentiu o arame de metal que o sufocava. Tirou o pé do acelerador.

Os pneus gritaram, o carro perdendo controle.

Conseguiu ver pelo retrovisor. Seus olhos mostrando o pânico que sentia daquela figura inesperada no banco de trás.

O carro saiu da pista, levantando uma nuvem de poeira no acostamento.

Lucas se debatendo tentou gritar, mas estava sem voz.

O carro quebrou a cerca de madeira desenfreado.

Estava cortando caminho por uma plantação de cana-de-açúcar.

E houve então o impacto.

Lucas perdeu a consciência.

Tudo ficou escuro.

18

“Vamos, vamos, conte logo o que sabe,” apressou o delegado. Estava com o pescoço encurvado para frente, sentado na cadeira, com as mãos no colo. Olhava o ex-investigador com desconfiança, seu nariz fino levemente retorcido.

Agora eles me dão bola, ruminou Heitor, mas logo retirou esses pensamentos. O tempo estava passando e não estavam nem perto de descobrir o paradeiro de Clara. Olhou para o relógio: 14h36.

“Eu falei,” disse ele se controlando, “ela surtou e está indo atrás das pessoas que acha que fizeram aquele... *trote*.... sim aquela brincadeira de mal gosto com sua foto.”

Simplesmente não posso falar que ela está prestes a ser literalmente possuída por uma entidade do mal aprisionada que está em uma prisão no limbo entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Heitor se arrepiou.

“E como você sabe disso?”

Heitor lhe explicou, contrafeito, seu convívio próximo com Clara e sua mãe nos últimos meses.

O delegado se endireitou na cadeira.

“Tem certeza?”

“*Sim*. Ou você acredita que foi por acaso que a pobre garota apareceu morta hoje, justo no dia em que venho aqui alertar...”

“Você me convenceu,” interrompeu o delegado.

Ambos olharam-se no silêncio daquela sala quente na delegacia. O delegado ainda revirava a cena de horror que presenciara. Nunca Novo Triunfo havia visto uma coisa assim.

Deveria beirar os trinta e oito graus lá fora e ambos se sentiram um tanto letárgicos por causa do mormaço.

“Vocês precisam achá-la. O mais rápido possível. Viaturas pela cidade fazendo ronda até achá-la. Ela *tem* que estar em algum lugar.”

Ele considerou o que Heitor estava dizendo.

“E essa história das caixas de remédio na cabana?” perguntou o delegado.

“Não tenho a mínima ideia. Mas não podemos subestimar essa garota. Não depois do que ela fez.”

Sua voz estava trêmula, ainda não conseguia acreditar que a mesma Clara, a mesma garota inocente e brincalhona que ele havia levado ao circo pudesse ter cometido essa atrocidade.

“Sei de alguém que pode nos ajudar.”

O delegado levantou as sobrancelhas.

“Enzo, quero dizer, doutor Trentino.”

Silêncio novamente.

“Vamos, vamos, então ligue para ele pelo amor de Deus. Ou melhor, peça para que venha até aqui. Urgente. Enquanto isso vou mandar patrulhas pelas ruas. Pode ter certeza de que vamos pegá-la.”

19

Enzo abriu as portas da delegacia, seus olhos no chão, sua cabeça longe. Música soava no fundo de alguma festa.

O delegado e ele trocaram cumprimentos rápidos.

“Por aqui por favor doutor Trentino.”

Poucos segundos mais tarde estavam na sua sala quente e abafada com o ventilador ligado no máximo. Ao ver Heitor sentado ali, um rosto familiar, aquilo o tranquilizou um pouco. Mas algo estava diferente nele. Pareceu estar sem dormir há dias e nesses seus olhos escuros, notou facilmente algo: *medo*.

Demorou menos de dois minutos para colocarem Enzo a par do que estava acontecendo.

“E dizem que nada acontece nas cidades do interior hein,” descontraíu ele enquanto coçava sua barba.

“Nada acontecia pelo menos,” retrucou o delegado como se repreendesse o médico pelo seu comentário inoportuno.

“Bem, ainda não entendo como posso ser útil.”

“Estamos sendo levados a acreditar que Clara usará isso daqui para continuar no seu surto de vingança. Talvez você consiga nos dar alguma luz nessa situação.”

Heitor mostrou a caixa do remédio.

Tão logo estava em suas mãos, as sobrancelhas do médico se elevaram e seu olhar desviou, sua mente processando.

“Que estranho... como é que ela poderia usar isso para se vingar...”

Os outros dois entenderam o processo e não interferiram.

“Precisaria dar essa substância para o maior número de pessoas ao mesmo tempo... e precisaria de luz... ou de muito sol...”

Enzo levantou-se.

Seus olhos se arregalaram de repente.

“Vocês também estão escutando essa música, certo?” perguntou ele quebrando o silêncio.

Os outros dois se olharam. O delegado deu de ombros, achando que isso era irrelevante.

“Festa, certo?” perguntou o médico mais para si mesmo, “e pelo tipo de música, me parece ser do tipo adolescente.”

Eles concordaram.

Com a caixa ainda em mãos saiu depressa daquela sala e sem dizer mais nada correu para fora da delegacia. Protegeu os olhos da luz da tarde.

“Talvez...” murmurou o médico quase num sussurro.

O delegado o olhava com a mais profunda desconfiança.

Enzo correu pela praça principal, virando de um lado para o outro, tentando localizar o som. Heitor o seguiu com o delegado logo atrás.

Enzo parou. Apontou para um casarão de longe com carros estacionados na frente.

“Quem mora ali?” perguntou ele, quase gritando, desesperado.

“O prefeito,” cuspiu o delegado como se fosse a pergunta mais óbvia do mundo.

“Alguma chance dessa festa ser ao ar livre, como na piscina, por exemplo?”

O delegado fez um gesto com as mãos do tipo: *como caralhos que eu vou saber disso?*

Foi quando, o terror tomou conta de Heitor.

“Lina. Lina Unschuld. A filha do prefeito. Da mesma sala de Clara,” disse Heitor rápido, lembrando do diário da menina de olhos de gato.

“Quer fazer o favor de explicar o que está pensando doutor Trentino?” perguntou o delegado perdendo a paciência.

O médico se aproximou, o terror também presente agora nos seus olhos.

“Vocês disseram que ela quer se vingar não é mesmo? Pode ter certeza que essa garota pirou. E o que ela vai fazer com isso,” ele balançou a caixa de remédios, “é simplesmente de tirar o fôlego.”

Heitor sentiu um nó em seu estômago apertar.

“Isso daqui não é brincadeira,” começou o médico, “essa substância aqui a gente utiliza com muita cautela e em *pequeníssimas* quantidades para tratar algumas doenças de pele como psoríase, por exemplo.”

O delegado semicerrou os olhos, não entendo aonde o médico estava indo.

“Essa substância é um fotossensibilizante. O paciente toma antes de ser exposto numa câmara de luz artificial controlada. Isso ajuda na doença de pele porque torna toda a pele mais sensível a radiação. Na verdade, *muito* mais sensível.”

Enzo balançou a cabeça.

“Quando a gente dá isso daqui para alguém é para uma exposição rápida, de minutos – entendam bem - dentro de um ambiente controlado. Tanto antes como depois o paciente precisa se proteger totalmente da luz do sol.”

Heitor olhou para o médico incrédulo.

“*Totalmente,*” enfatizou ele, “precisa se proteger de tal forma a ficar em casa, longe das janelas, óculos de sol e cobrir o restante da pele.”

“Caso contrário?” deixou no ar o delegado.

“*Queimaduras*. As mais terríveis queimaduras de sol que você pode imaginar. E não só isso. Pode cegar também. Os próprios olhos ficam sensíveis a luz do sol.”

Silêncio.

“Agora imaginem isso daí aqui. Aqui em Novo Triunfo com um sol dos infernos de matar como esse,” concluiu ele levando as mãos para o alto enfurecido com o clima da cidade.

“Se Clara quer se vingar do maior número de pessoas ao mesmo tempo, essa é uma ideia,” Enzo fez uma pausa, “*brilhante* na verdade.”

“Temos... temos que pará-la,” respondeu Heitor, “ela deve ter dado algum jeito de colocar isso em alguma bebida ou algo assim.”

Algo atingiu o delegado. Deu uns passos tímidos para trás. Seu pensamento distraído.

Enzo e Heitor se entreolharam.

“Delegado?”

“Meu...,” começou ele com os olhos se arregalando, “meu... filho. *Meu* filho está naquela festa. Pensava que ele estaria seguro porque não está no mesmo ano daquela... daquela louca e hoje estaria em um evento cercado de outras pessoas aonde nenhum mal pudesse acontecer.”

O delegado saiu então em disparada para a casa do prefeito que ficava do outro lado da praça, distante. Era uma linha reta até lá. Teria que apenas desviar do coreto.

O coreto...

“O que acha que ele vai fazer?” gritou Enzo enquanto corria junto com Heitor atrás do delegado.

Heitor estava prestes a responder quando viu que algo estava errado. O delegado parara subitamente. Aquilo para o médico pareceu ser um sinal ruim, já vira isso várias vezes...

Chegaram os dois sem fôlego.

“Delegado, você,” começou Enzo entre respiradas, estava fora de forma, colocou as mãos no ombro dele, “está com dor no peito, dificuldade para respirar?”

Não teve resposta.

O delegado simplesmente apontou com o dedo para o coreto, sua mão tremendo.

20

E de repente tudo era dor. Absolutamente tudo. Sua cabeça doía e sangue estava escorrendo de um corte na testa. O airbag havia sido disparado e o cheiro de química prevalecia no ar quente. O para-brisas estava em mil pedaços e os bancos da frente estavam repletos de cacos de vidro.

Lucas com relutância soltou o cinto de segurança. Seu peito e abdome doíam de onde haviam sido bruscamente freados. Devia ter algumas costelas quebradas, pensou quando tentou levantar pela primeira vez.

Olhou para trás.

O corpo de Clara estava preso por entre os bancos do motorista e do passageiro.

Aquilo o arrepiou.

Olhou para os cotovelos da garota, estavam quebrados em um ângulo estranho por causa do impacto. Sua cabeça jazia imóvel perto do câmbio.

Lucas cutucou aquele corpo sem vida, seu rosto fazendo uma cara de nojo ao sentir o gelado de sua pele.

Pelo menos a vadia não vai levantar de novo, pensou.

Gemendo, abriu a porta e cambaleou para o lado de fora caindo no mato esquecido, não capinado há tempos, que atingia até os joelhos. Sentiu o espeto característico da relva.

Olhou ao redor até onde sua vista conseguia alcançar. Não avistou ninguém. Plantações para todos os lados. Com exceção de uma grande e grossa árvore onde seu HB20 preto havia se chocado.

Sua cabeça parecia ao ponto de explodir.

Tentou ficar de pé e foi tomado por uma súbita náusea e terminou colocando o que estivesse dentro de seu estômago para fora.

Sentindo-se levemente aliviado, começou a andar, ou melhor, cambalear a passos comedidos em direção para onde deveria estar a rodovia. Via com clareza a rota aberta pelo carro no canavial.

Tinha dado não mais do que cinco ou seis dolorosos passos quando escutou algo.

Creck.

Ficou imóvel.

Creck.

Esse som parecia... Sim...

Creck.

Ossos, ossos voltando ao lugar.

Olhou para trás e cambaleou de volta ao carro, seu queixo caindo de horror.

Aquela figura completamente não humana estava se recompondo.

Viu – e não apenas escutou agora – o estalar dos ossos.

A cabeça com o rosto coberto pelos longos cabelos pretos estalou de volta ao lugar. Os cotovelos se retificaram.

Com uma mão em cada banco a criatura se reergueu.

Mesmo com os cabelos ainda cobrindo o rosto, Lucas sabia que estava sendo observado.

Sua mente procurou algo que pudesse usar para se defender. Sabia que não conseguiria fugir a tempo do que que estivesse dentro do carro.

A figura continuava olhando-o através do buraco da janela.

Engolindo o medo, Lucas correu em direção ao porta-malas. Esperava que estivesse destrancado. E estava. Com a adrenalina plena em seu sangue e deixando a dor que sentia de lado por um momento, abriu o compartimento e puxou o tapete que o recobria.

Girou sua nova arma com as mãos e deu passos para trás.

Olhou para dentro do carro, mas estava vazio.

“Eu não tenho medo de você sua cigana de merda!” gritou ele enquanto segurava a haste de metal que fazia parte do macaco do carro.

“Lucas...”

A voz de Clara soou meio abafada pelo vento.

Ele olhou para os lados tentando localizar o som.

“Você vai pagar caro por isso!” respondeu ele instável, sua voz tentando soar mais enfurecida, mas claramente tingida pelo medo.

Sentiu uma mão gelada no calcanhar. Gritou e foi ao chão.

Chutou o mais forte que conseguia e sem hesitar deu uma, duas, três vezes com a haste de metal naquele corpo que o agarrava. Sentiu o esmagar da carne.

Viu o rosto de Clara, sorrindo de volta com a boca ensanguentada.

Ainda no chão e concentrando-se, Lucas deu-lhe uma bem no rosto.

A cabeça de Clara virou para o lado com o impacto.

Muito devagar foi retomando a posição original. Ela abriu um sorriso. Lucas gritou com aquela visão de outro mundo.

Conseguiu se livrar de suas garras e meio que engatinhando começou a se afastar.

“Não, não, não Lucas, você não vai escapar...”

Ele notou algo demoníaco em sua voz, algo diferente, como se uma energia nova pulsasse dentro da garota.

Clara se sentia viva como nunca. Abrindo bem pouco a boca, disse rapidamente palavras antigas, há muito esquecidas no Novo Mundo, e então aconteceu.

Você acaba de manipular energia diretamente pela primeira vez, cumprimentou Nério.

Clara acolheu no coração esse comentário de seu amado. Sabia que estava diferente. Agora era uma manipuladora.

Ergueu ambos os braços em um sinal. E de repente ali estava. Fogo. Uma linha de fogo se fez presente e cercou a área em que estavam. Era como se uma cortina incandescente tivesse surgido na sua frente.

E isso Clara é apenas o começo da sua força. Logo mais você vai estar ainda mais poderosa...

Lucas olhou para os lados em desespero, estava preso, encurralado. Ele caiu de joelhos e pôs-se a soluçar num pranto de dar agonia.

“Quero te ver Nério...” disse ela em voz alta.

O momento chegou, respondeu ele.

Clara se aproximou do garoto agonizante.

“Por favor, por favor...” suplicou ele.

Mate-o.

“Eu faço qualquer coisa.”

Transfira parte da minha energia para aquele corpo e você me verá.

“Não, não, nnnãããooooo!”

Clara fincou-lhe a faca no pescoço sem hesitar. O corpo foi ao chão e em segundos tinha se exsanguinado. Lucas estava morto.

Ela chegou mais perto e colocou a mão no peito do falecido. Estava quente. Fechou os olhos e sentiu a transferência de energia.

Aos poucos foi se dando conta do que estava acontecendo e do que Nério tinha planejado. Concentrou-se ainda mais. O corpo do falecido tremeu.

“Será breve mas mesmo assim valerá a pena.”

Clara assustou-se. Era a voz de Lucas, porque era seu corpo, mas algo havia mudado.

“Não temos muito tempo querida, o sangue, ele não pode esfriar,” disse ele pegando na mão de Clara e levantando-se.

Ela não conseguia acreditar, era Nério, sim, Nério!

Ele limpou o sangue de seu pescoço e retirou a faca e a lançou para longe.

“Minha rainha, com essa energia toda você mudará o mundo.”

Nério se aproximava. O coração de Clara saltava no peito. Ela o queria, sim, sentiu o desejo aflorar na pele.

Clara o puxou para perto de si e o beijou. Sentiu o sangue na boca mas isso era irrelevante.

Nério com suas mãos fortes e definitivamente experientes acariciavam o corpo de Clara.

“Nério, eu... *eu te amo.*”

Ele respondeu com um beijo.

Bruscamente arrancou-lhe a roupa e a empurrou para o chão. Com as mãos, sujou seu corpo agora nu de terra num frenesi puro.

Clara gemia de prazer.

Nério murmurou outras palavras desconhecidas, o ar ficou com estática pela energia manipulada. E então ele estava dentro dela. Corpos colados.

Clara perdeu-se na sensação do corpo que lhe era completamente nova. E se rendeu.

21

Lina olhava para aquilo tudo incrédula. Ficou ali parada vendo as pessoas se retirarem. Sentiu seu sangue ferver pela segunda vez hoje.

Quem eles pensam que são? Para entrar aqui desse jeito e...

Foi aí que ela se tocou. Algo está errado. E grande. Algo grande aconteceu.

Aproximou-se sorrateiramente.

O céu, agora uma mistura de laranja e vermelho, anunciava o terminar da tarde.

“Temos que achá-la.”

As ríspidas palavras do delegado foram escutadas por ela entre o tumulto de vozes adolescentes.

“A festa acabou moçada, vamos, vamos, todos para casa! AGORA!”

Ele desligou a música sem mais nem menos.

“Tirem todos daqui, vamos!” gritou ele para um policial que estava parando aguardando ordens.

Lina se escondeu atrás do pilar do quiosque.

“Você acha que devemos...” começou Heitor.

“Não.” Respondeu o delegado seco. “Só vai fazer as coisas piores. Além do mais não temos nem certeza disso tudo. Por tudo o que sei, o doutor Enzo pode ter alucinado aquela porra toda. Não vamos nos adiantar.”

Heitor sentiu o tom de incerteza dele.

“Pelo menos não ainda,” concluiu. “Essa merda já está fora do nosso controle. Não podemos lidar com essa especulação. Não nesse momento. A nossa preocupação única agora é achar Clara. O mais rápido possível.”

Clara, aquela palavra ecoou na mente de Lina.

“Temos dois corpos agora. Dois. Malditos. Corpos. Em menos de doze horas. É questão de tempo para os outros adolescentes surtarem. Mas definitivamente esses desmiolados não vão fazer a mínima ideia do perigo que estão correndo. Não com essa doida varrida lá fora.”

Lina estava atenta, aguçou sua audição.

“Por isso,” disse o delegado com a voz mais baixa, “não podemos deixar isso se espalhar. Se ficarem sabendo que nosso principal suspeito é uma garota desmiolada de dezesseis anos, isso será nosso fim, pode ter certeza dessa porra.”

Mélanie. A cabeça de Lina estava a mil. Ela não tinha aparecido na festa. Aquela vadia não perdia uma, puta arroz de festa. Será que...

Lina não sabia como, mas teve a certeza de que *Mélanie* estava morta.

“E o garoto?” perguntou Heitor.

Delegado deu de ombros.

“A família já está sendo avisada e aposto minha velha mãe se já não está crescendo o burburinho ao redor do coreto. A única coisa que pode atrair essa caipirada toda para fora de casa é um bom e velho assassinato.”

O tom de desdém em sua voz era claro.

“Esse trabalho está me matando Heitor, entendo por que você tenha saído, de verdade.” Ele bufou. “Quem serão os próximos, você tem ideia?”

Heitor desviou o olhar enquanto pensava.

“Os dois eram da mesma classe. Do segundo ano A. Meu palpite seria qualquer um daquela lista. Clara não vai parar.”

“Não,” concordou ele. “Alguém em especial?”

“Talvez. Mas não adiantaria nada colocar medo. O melhor que podemos fazer é colocar esses jovens para dentro de casa onde estarão seguros e pegar Clara o mais rápido possível.”

Lina se ajeitou por detrás da coluna. Era ela. Sim, definitivamente havia escutado o nome certo. *Clara*. Havia pirado depois do escândalo no São Tomé ontem.

Pela primeira vez em muito tempo, Lina sentiu medo.

Afastou o pensamento da cabeça.

Clara não seria capaz de fazer tudo isso, seria?

Sentiu-se tonta. Deveria ser o calor e o sol que tomara durante toda a tarde. Sentiu sua pele dolorida. Deveria ter passado mais protetor.

O delegado virou de lado e berrou:

“Por que ninguém está me escutando?! A festa, acabou, ACABOU!”

Ele se apoiou na mesa segurando sua raiva.

“Caralho Heitor, como fomos chegar nisso, hein?”

Precisava ver. Ver com seus próprios olhos. Lina se afastou e entrou na casa e foi ao seu quarto no andar de cima. Sua janela dava para a praça principal. O coreto estava distante, mas visível.

Espremeu os olhos.

Foi aí que viu uma figura grande barriguda com pele bem clara bem no meio do coreto, cercada por policiais.

Mesmo de longe, conseguiu reconhecer prontamente aquela figura.

Felipe.

Ela virou de costas e encostou na parede, afastando-se da janela como se estivesse sendo perseguida. Seus olhos se arregalaram. A festa terminara.

ESCURIDÃO TOTAL

1

Os últimos raios do sol da tarde entraram pelas grades de sua janela e projetaram uma sombra em sua parede. Pareciam longas garras negras na espreita da escuridão que estava por vir. Ela sentia nos ossos, sim, e como sentia. Estava para acontecer e por mais que tentasse pensar em outra coisa, seu coração batia acelerado de antecipação.

Ingrid começou a andar de um lado para o outro no quarto. Conseguia cheirar o aroma dos lençóis recém-lavados da clínica. Não tinha tido notícia alguma de Heitor, mas sentia que as coisas estavam indo de mal a pior. E odiava não poder fazer nada.

Eles precisam usar energia, um pouco de manipulação, para seu favor... descobrir o paradeiro de Clara e detê-la o mais rápido possível.

Seus olhos vagos agora se fixaram na parede enquanto pensava.

Podia usar o garoto...

Não.

Ele havia passado por muita coisa já. Mas... era a única chance.

Ela poderia ensiná-lo a canalizar... mas quem ela chamaria do outro lado?

Ingrid você está ficando louca, disse para si mesma e depois percebeu a ironia da situação toda e não pode deixar de sorrir.

Pegou o telefone do quarto, velho e elegante, vasculhou o número nas suas coisas e discou.

Agora sim o mundo vai te chamar de louca.

2

Heitor estava sentado no carro, vidros abertos, o vento soprando no seu rosto quando sentiu seu celular vibrando no bolso.

“Ingrid?” assustou-se ele.

Ela foi direto ao assunto.

“Ah... sim,” estranhou ele a pergunta, “tive um outro sonho com ela, me deu avisos e... e... me mostrou coisas.”

Heitor se arrepiou ao lembrar do nevoeiro.

“*Um canal direto?*” Ele engoliu em seco. “Você quer dizer um canal direto com o outro lado?”

Ele virou os olhos ao escutar a resposta.

“Sim,” respondeu ele a contragosto, “uma menina e um menino.”

Mortinhos da Silva, acrescentou ele em pensamento.

Ingrid foi incisiva. A situação já estava fora de controle e Heitor o sabia.

Ele deu socos no volante enquanto pensava. Era isso ou... pensou no que o doutor Enzo dissera.

Queimaduras. Queimaduras horríveis.

Novo Triunfo precisava de ajuda. Caralho, ele precisava de ajuda.

“Em quanto tempo, você diz? Acho que em uns quarenta minutos consigo estar aí.”

Ele afastou o telefone da orelha com o grito dela.

“Ok, ok, vou dirigir o mais rápido que eu conseguir,” respondeu já ligando o motor e pensando que agora sim tinha jogado merda no ventilador.

Tinha acabado de concordar em ajudar uma louca.

3

Estava rápido. Muito rápido. Fumaça estava saindo do capô. Sentia-se invencível. E era. Não sabia dirigir, não até minutos atrás. E não acreditara que seria capaz de fazer o carro, mesmo todo destruído, funcionar. Mas Nério a ajudara.

Desde que o coração de Lucas parara de bater, Clara sentia um influxo de energia muito diferente de antes.

Era uma manipuladora agora.

Avistou o posto de gasolina na rodovia. Sua sede por sangue crescendo. Precisava de uma distração para a cidade. Para o que ela e seu amado tinham planejado.

Pisou no acelerador.

Sentiu sua energia muito mais forte com o cair da noite. Mal podia esperar pelo que estava por vir.

4

“Nicolas?” disse ela quase num sussurro chacoalhando o menino.

Um gemido.

“Vamos acorde.”

Ele virou para o lado indiferente, o livro que estava lendo caiu no chão.

Ingrid bufou. Sabia como era difícil de acordar desses cochilos que se prologavam da tarde e entravam na noite. Pareciam que mais destruíam o corpo do que qualquer outra coisa. Mas não havia tempo para isso.

Ela o chacoalhou mais forte.

“Quê?” respondeu ele ainda desorientado.

“Novo Triunfo precisa de você.”

Aquilo o deixou ainda mais confuso.

“Levante e arrume suas coisas. Rápido. Essa noite eu e você vamos fugir deste hospício.”

5

O senhor Walther não sentiu a cacetada. Não mesmo. Acordaria horas depois, nauseado e com dor de cabeça, mais confuso que uma barata tonta pós inseticida.

Nicolas a olhou numa mistura de espanto e respeito.

Ingrid apenas fez um gesto com a mão.

“E agora?” perguntou o garoto.

Ela não respondeu. Pulou o balcão e começou a procurar pelo interfone. Retirou do gancho e apertou o botão.

Um som metálico e eletrônico assustou Nicolas.

Voilà.

“Vamos criança ou você mudou de ideia?”

Nicolas olhou para o rosto de Walther desfalecido e de volta para a escadaria de mármore. O mundo lá fora chamava. Colocou a mochila nas costas e correu com sua amiga – *Doida? Biruta? Desmiolada?* – pela porta da frente e a fecharam o mais silenciosamente possível.

O vento agitou seus cabelos e Nicolas agradeceu pela brisa refrescante.

De onde estava conseguia ver o horizonte verde-escuro iluminado pelo crepúsculo. O sentimento de isolamento bateu pela primeira vez no peito. Nunca se dera conta de quão longe e afastado a clínica era de tudo. Era estranho estar aqui fora de noite.

Sorrateiros como ladrões da madrugada, desceram os degraus do estacionamento e cruzaram o jardim da entrada da clínica. Ingrid ia na frente guiando o caminho, seus cachos rebeldes indo de um lado para o outro enquanto corria.

Estavam atrás da placa da clínica. Na boca da estradinha sem-vergonha, mas pelo menos asfaltada, que dava para a rodovia logo adiante.

“Ingrid!”

Nicolas a puxou para baixo e ambos sentaram-se com as costas encostadas na placa. Ele sentiu com as costas o relevo das letras.

Ela espiou para a porta principal. Getúlio Rocha com todo seu porte monstruoso vestido inteiro de branco estava parado com a porta aberta. Sua cabeça, definitivamente de bagre, procurando por eles.

“Fodeu,” disse o garoto.

O funcionário da clínica começou a descer os degraus na direção deles. Mesmo estando escondidos atrás da placa, o desgraçado pareceu ter visão de raio-X.

Foi quando escutaram o som de motor.

Alguém vinha vindo da rodovia em direção a clínica. Já conseguiam ver os dois faróis ao longe.

Que seja ele, pensou ela, que seja ele.

Era agora ou nunca.

Sem esperar nem mais um segundo, Ingrid puxou o garoto pelo braço e saíram os dois, uma dupla bem improvável, em disparada pela pequena estrada. A mulher com o braço livre abanando pelo ar para o motorista que estava vindo em sua direção.

Tarde demais.

Getúlio os tinha visto e estava correndo em direção aos doidos fugitivos.

Fodeu legal agora. A gente vai ser atropelado com certeza, pensou Nicolas.

O carro breiou de repente, som de pneu cantando. Parando bem em frente deles.

Nicolas sentiu suas pernas bambas.

“Mas que caralhos,” xingou Heitor do vidro aberto.

Ingrid abriu a porta e entrou puxando Nicolas.

“O que vocês estão fazendo?”

“*Acelera!*” gritaram os dois juntos.

E ele acelerou.

Wellington Freitas varria morosamente o chão do posto. O *Bom Amigo* estava vazio nesse horário do sábado. O movimento era bem menor que durante a semana.

Tão menor que passara grande parte da tarde escutando seu rádio de bolso com a antena torta. Aquelas músicas de coração partido sertanejo. O dia havia sido quente e como. Limpou sua testa suada. No céu as nuvens se misturavam com o crepúsculo e o vento levantava as folhas secas e as arrastava para dentro do posto de gasolina. Já estava escuro.

Sua cabeça estava longe quando escutou o rugir do motor.

Deve ser um daqueles garotos ricos acelerando, pensou ele, e voltou a varrer o chão.

Mas não era.

O som estava ficando mais e mais perto. E não parecia diminuir.

Ajustou o boné com o logo do *Bom Amigo*, uma carinha feliz, e olhou para o horizonte.

Seu queixo caiu. Ficou paralisado.

O HB20 preto entrou no posto numa fúria e chocou-se contra uma das bombas de gasolina.

Seu primeiro instinto foi fugir. Mas a consciência o deteve. Correu então para ver. Fumaça saía do capô na frente do carro e o posto foi logo tomado por uma névoa densa.

O frentista congelou de novo.

Alguém estava saindo do carro. Gritou por ajuda – não que fosse necessário – os funcionários da pequena loja de conveniência já estavam saindo para ver o que tinha acontecido.

E foi aí que a viu.

Uma garota toda suja de terra. Seus cabelos estavam bagunçados e armados. Aspecto encardido. Era uma figura verdadeiramente fantasmagórica.

Ele recuou.

Ela fez um gesto com a mão e ele voou para longe. Com outro gesto, uma chama apareceu.

Wellington estava atordoado. Tinha sido arrastado por uma força invisível e estava quase na beirada da rodovia agora. De repente viu a chama.

Não teve tempo de gritar. Tudo foi pelo ar. O posto de gasolina foi engolido por uma boca flamejante levando junto as torres de transmissão que corriam ali perto ao fundo. A eletricidade misturou-se com as labaredas numa mescla de laranja e azul, uma réplica muito fiel à pequena parcela que restava do céu dessa tarde. O som dos fios das torres de transmissão se rompendo foi abafado pela explosão que foi escutada a quilômetros de distância. Seu rugido selvagem ecoou e fez a terra estremecer.

Novo Triunfo estava agora no escuro total.

O corpo queimado do frentista voou longe e foi parar no meio da rodovia. Os carros não conseguiram frear a tempo e um motorista, assustado, terminou por causar um acidente quando perdeu o controle do volante.

O que sobrou intacto, nem mesmo chamuscado, foi o boné vermelho com a carinha feliz que jazia no acostamento, solitário, indiferente àquilo tudo.

7

E de repente tudo ficou escuro. Algo fez o chão estremecer. E enfim, o rugido da explosão chegou aos seus ouvidos, atrasado. Todas as máquinas e aparelhos apitaram com a queda brusca da energia como se estivessem anunciado a morte. Enzo sentiu aquele gelar na espinha e segundos pareceram uma eternidade. Enfim, as luzes de emergência do hospital se acenderam e o Pronto-Socorro ganhou vida novamente. Com o coração na boca, ele levantou-se para ver o que estava acontecendo.

“Vocês escutaram isso?” perguntou ele com a voz rouca no conforto médico.

“Pareceu uma...”

“Explosão,” completou ele sem deixar seu colega terminar.

Ambos correram para a janela. Do terceiro andar do hospital conseguiam ver grande parte de Novo Triunfo.

Enzo sentiu seu estômago apertar com aquela visão que pareceu ser de outro mundo. A cidade estava inteira mergulhada no maior breu que Enzo já vira. Nenhuma luz acesa. Era uma imagem apocalíptica, como se anunciasse o fim do mundo.

Ele recuou uns passos. De alguma forma seus instintos lhe disseram que aquilo era apenas o começo. Algo pior estava por vir. Bem pior.

Enzo pegou seu estetoscópio e oxímetro e os pendurou no pescoço. Estava usando as roupas folgadas privativas do hospital. A tonalidade verde de suas vestes contrastava com as luzes de emergência que faziam essa cor ressaltar.

Saltando os degraus chegou ao primeiro andar em pouco tempo.

“Quero tudo preparado,” gritou ele, “temos que estar prontos para receber. Todo mundo na sala do trauma. Retaguarda no centro cirúrgico avisado.”

Ele começou a checar os materiais de intubação.

“Soro,” gritou ele enquanto a equipe se mobilizava já esperando o pior. “Avisem o banco de sangue para reservas e alguém por favor ligue para a polícia.” Testou a luz do laringoscópio. “Precisamos saber com o que estamos lidando.”

Uma enfermeira se colocou ao seu lado ajudando na separação do material enquanto outra se adiantou ao posto de enfermagem para pegar o telefone.

“Foi uma explosão, não foi?” perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

“Doutor Enzo?”

Uma voz tímida o tirou do foco.

“O quê?!” respondeu ele deixando cair um kit para acesso central no chão.

“Não tem linha.”

“Como assim?”

“O telefone. Ele está mudo.”

Deus nos ajude, pensou ele.

8

Estava queimando. Ela queimando. Lina acordou aos berros, sua pele em brasa. Só poderia ser um sonho, não podia ser real. Com um grito jogou o lençol para longe. O roçar do tecido na sua pele pura agonia, gemendo de dor. Não havia posição, não havia um único movimento que não atritasse sua pele com alguma coisa. Sentia-se quente também. Um calor que vinha de dentro irradiando para o quarto escuro. Apesar disso, sentia-se com frio e estranhamente com sede.

Com as mãos trêmulas foi em direção ao interruptor que brilhava cintilante no escuro. Sem luz. Algo deveria ter acontecido. O pânico foi lhe tomando conta aos poucos. Estava sozinha em casa. Seu pai só voltaria amanhã de manhã.

Não aguentou. Aos berros, retirou sua camisola e a atirou contra a parede. Com as pontas dos dedos encostou no seu braço e sentiu as enormes bolhas, ainda tensas cheias de líquido. Relinchou de dor e estremeceu. Seu rosto, não conseguia tocá-lo também de tanta dor, estava inchado. Era como se espinhos lhe fossem cravados instantaneamente na sua pele ao mero toque.

O celular, pensou ela.

Rastejou-se até a escrivaninha com movimentos curtos para não esticar sua pele. Às cegas procurou, derrubando porta-retratos e enfeites no chão. Enfim sua mão tocou algo que se assemelhava a esse item. Seus dedos treinados ativaram a tela do celular.

O cheiro de pele morta exalava no ar, intoxicando o quarto.

Piscou várias vezes. Não conseguia enxergar direito. Estava tudo embaçado como que visto debaixo d'água.

O som de sirenes ao fundo acompanhava seu coração acelerado.

Preciso. De. Ajuda.

Ativou a função do teclado e demorou para discar o número. Tudo por causa de sua vista. Já estava se sentindo ofegante, meio sem ar. O medo subindo-lhe a espinha. E essa sede incontrollável?

O aparelho apitou na sua mão.

Esforçou-se o máximo para ler a mensagem na tela.

Sem Sinal.

Lina quase desmaiou ao se dar conta de que não conseguiria fazer chamadas.

Aos tropeços começou a descer a escada. Suas costas em brasa gritando com o contato com a parede. Era o único jeito de descer caso contrário perderia o equilíbrio. O atrito com a parede fez uma grande bolha nas suas costas estourar. Lina sentiu o líquido escorrendo pelas suas pernas e o cheiro de carniça no ar.

Alguém. Preciso de alguém. Qualquer um.

Sentia-se fraca, seus joelhos moles, suas pernas cedendo.

E essa sede, meu Deus, o que seria essa sede?

Com muito esforço chegou na enorme porta de entrada de madeira. A maçaneta de repente pareceu pesar toneladas. Estava tremendo, batendo os dentes.

Escancarou a porta e tropeçou caindo para o lado de fora.

Seu corpo nu ardendo no gelado que agora sentia. Olhou para o céu de noite sem estrelas, sua vista embaçada. Não havia lua no céu hoje. Lembrou-se que era lua nova.

Levantou-se. Cambaleando e se arrastando da forma que era possível, conseguiu chegar na calçada.

Gritou por ajuda.

Olhou ao redor. Seus olhos já estavam no caminho para a cegueira. Escuridão. A praça estava sem uma única luz. Tudo apagado.

Berrou, relinchando de dor, suas mãos, apenas bolhas, tentando afagar seu rosto.

Engatinhando pelo asfalto ainda quente do dia ela começou a chorar.

Levantou-se uma última vez e deu mais alguns passos.

Lina perdeu então a consciência. Seu corpo nu, desfalecido, escarlate e cheio de bolhas não fez som nenhum ao bater no asfalto. Sirenes ecoavam ao fundo.

9

As velas acesas davam ao ambiente um ar de século passado como se tivessem caído por um buraco no tempo e no espaço. E o cheiro de lar era verdadeiramente reconfortante. Nicolas olhou para as fotos na parede. Sentiu-se em casa de novo e, por alguns segundos, a agitação que a fuga trouxera se acalmara. Com seus dedos tocou um retrato e como se absorvesse a melancolia da foto, sentiu um peso no coração. Pepito pulou no seu colo, gostando do garoto instantaneamente.

Enquanto isso, Heitor agradecia a enfermeira e a dispensava. Ingrid por sua vez olhava vagamente para o sofá, sua mente longe, raciocinando como se tentasse entender o funcionamento daquele estranho objeto para as pessoas se sentarem.

“Fiquem à vontade,” disse Heitor subindo as escadas com uma vela à mão.

O som do trem soou ao fundo, seu apito se alastrando pelo negrume da noite sem estrelas. Nicolas estremeceu ao pensar que, em algum lugar não tão distante, o trem cortava Novo Triunfo em plena escuridão. Um trem fantasma.

Depois de um tempo, os outros dois se sentaram, deixando decantar a atmosfera do ambiente tão diferente da clínica onde estavam – Internados? Presos? – e, em

silêncio, esperaram pelo ex-investigador. Pepito no chão olhando esses dois com seus olhinhos de curiosidade, sentindo que algo não estava certo.

“Nicolas, você sabe que é a nossa única chance, certo?” Ingrid falou sem olhar para o garoto tentando manter o medo longe do seu tom de voz.

O garoto assentiu. Ela continuou:

“Sabe, eu pensei que nunca mais mexeria com essas coisas... dei até mesmo graças a Deus de ter sido esquecida numa clínica. Ainda mais numa dessas de luxo. Pelo menos não corria perigo, não é mesmo?” Ela esboçou algo que se assemelhava a um sorriso. “Sabe, desde que meu marido – não, por que mentir? Na verdade, nunca fomos casados, eu era a sua amante – desde que ele me enganou e me fez acreditar que a gravidez... bem, isso já é outra história. As coisas do mundo da magia são tão... tão...”

Perigosas? Imprevistíveis?, pensou o garoto.

Escutaram passos.

Heitor entrou na sala com Cármen na cadeira de rodas, mais imóvel que uma estátua de pedra, e a estacionou de frente para o sofá. Ele se sentou numa poltrona individual ao lado.

Nicolas observou a mulher, o peso que já sentia no peito acentuando-se. *Um vegetal*, ruminou, não conseguindo bloquear seus pensamentos.

“Bem,” começou Heitor coçando a garganta, “Ingrid, será que agora você poderia me dizer o que raios vamos fazer?”

Ainda não conseguia acreditar que tinha feito o papel de carro de fuga desses dois, uma dupla tão inesperada: uma senhora toda descabelada beirando os cinquenta anos e um adolescente magrelo ossudo.

“Nós vamos invocar a sua amiga, a menina com os olhos de gato, e estabelecer uma conexão com o mundo dos mortos.”

Heitor riu da franqueza da mulher e da própria situação e se ajeitou na poltrona.

“Você quer o quê?!”

“Sim. Nicolas vai fazer sua função de oráculo e canalizar a garota. Precisamos de ajuda. Não vamos conseguir vencer Nério se não tivermos uma arma de igual para igual.”

Arma. Nicolas sentiu um arrepio.

“E fora, preciso fazer umas perguntinhas também,” completou ela como se fosse a coisa mais natural do mundo. Seu rosto fantasmagórico reluzindo sob a chama da vela.

Nicolas se levantou decidido. Sentia algo diferente. Era como se seu verdadeiro eu quisesse desabrochar. Mas desta vez, ele estaria em controle.

“Vamos acabar logo com isso então.”

Ingrid não pôde deixar de sorrir para o garoto que definitivamente não se parecia com a criatura assustada e recolhida que chegara à clínica algumas semanas atrás.

“O diário,” disse Ingrid. “Ele será nossa ponte.”

Heitor levantou e foi buscar nas suas coisas o diário. Sua mente no nevoeiro recordando as figuras distorcidas dos seus sonhos. Mas não eram sonhos, corrigiu-se Heitor. Nicolas não sabia com o que estava se metendo...

“O que é aquilo?!”

A voz de Ingrid cortou o silêncio da sala como uma lâmina bem afiada, assustando os outros dois. Heitor sentiu o pelo dos seus braços se arrepiarem. A mulher tinha seu dedo fino e deformado, apontando para uma direção.

Segurando a chama, Heitor espremeu sua visão.

Ingrid apontava para Cármem.

O ex-investigador recuou um passo, confuso.

Nicolas colocou sua mão no ombro de Ingrid, tranquilizando-a.

“É a Cármem,” começou o garoto, “lembra do incidente que Heitor nos contou?”

“Não, não, não!” Ingrid estava deveras alterada.

Os outros dois se entreolharam.

“*Aquilo.*” Apontou ela de novo.

Nicolas chegou mais perto da mulher de cadeira de rodas, sua boca entreaberta e seus olhos perdidos, ignorando o rapaz que se aproximava.

“Você quer dizer...”

“*Isso.*” Ingrid engoliu em seco. “Está sentindo também, não está?”

O garoto balançou a cabeça em afirmativa.

“Sentindo o quê?” perguntou Heitor tentando controlar o pavor que sentia.

“É como se sugasse, não é mesmo?” perguntou Nicolas para si mesmo. “Sim. Está sugando a minha energia.”

“Sua energia não, seu oráculo,” corrigiu Ingrid, “está sugando, absorvendo seu oráculo. Se você fosse um manipulador de verdade, sentiria seu poder também se esvaindo.”

Nicolas esticou as mãos e tocou o pescoço de Cármén.

“Alguém quer fazer o favor de me contar o que está acontecendo?!” Exclamou Heitor.

“Fascinante,” disse o garoto, “simplesmente fascinante.”

Tirou o colar de Cármén e segurando na corrente, deixou ali no ar aquela pedra para que os outros dois também a observassem.

Nicolas cutucou o objeto intrigado e com medo ao mesmo tempo.

“Que pedra é essa?” Seu tom encabulado.

“Não é uma pedra,” respondeu Ingrid, “quer dizer, não no sentido que você está pensando pelo menos.”

Heitor se aproximou agora também fascinado por aquele objeto. Era o colar que Cármén usava desde o dia que a conhecera. Nunca retirara o objeto nem mesmo para tomar banho.

Ele era redondo mas com a superfície toda irregular, áspera. Heitor não sabia como, mas aquilo que o garoto estava segurando conseguia ser mais negro que a escuridão. Sim. Era como se absorvesse a luz, capturando-a nas suas entranhas. Deveria ter dois a três centímetros no máximo. E era estranhamente quente ao toque. Heitor sempre achara que por estar no pescoço de Cármen a espécie de pedra era quente. Mas não, era como se o artefato estivesse vivo.

“As antigas escrituras falam de objetos como esse. Os antigos o queimavam e o moldavam no formato que quisessem: anéis, pulseiras, braceletes, colares, brincos... mas esse, esse está cru, é a matéria prima na sua essência.”

Heitor tocou o colar e sentiu sua superfície quente.

“Então, se não é uma pedra...”

“Ele serve para bloquear a manipulação,” explicou Ingrid, “não tem feitiço algum no mundo que consiga escapar. É uma força como a gravidade, um ímã, por assim, dizer que suga a manipulação.”

A mulher descabelada ficou calada por um tempo.

“Só consigo pensar num motivo por essa mulher usá-lo. Sim... um único motivo. Ela estava se escondendo. Ah sim, não há dúvida. Se escondendo de toda e qualquer linhagem. Ninguém, mesmo usando magia, conseguiria encontrá-la desde que estivesse usando isso. Agora.” Ela fez uma pausa e molhou os lábios. “A pergunta deveria ser outra, isso sim. Por que é que ela queria se esconder? E do que estaria fugindo?”

Heitor deu de ombros, aquilo era uma surpresa para ele também.

“Do que é feita então?” perguntou Nicolas.

“De um meteoro.”

Silêncio na sala enquanto a informação decantava.

“Um meteoro que caiu no planeta num lugar muito específico milênios e milênios de anos atrás.”

Nicolas observou o colar com ainda mais atenção, não conseguia acreditar que estava segurando um objeto de outro planeta.

“Isso nos leva a mais perguntas sem respostas, mais um motivo para você canalizar a garota Nicolas.”

Ele concordou.

“Vamos, já perdemos muito tempo. A batalha já começou.”

10

Ela foi trazida ainda na maca da ambulância. Não sabiam o que estava acontecendo. Enzo gelou ao ver a cena. Parecia um grande queimado. *Caralho, era um grande queimado.*

Apertou os dedos da garota e soltou. O sangue demorou demais para voltar à pequena extremidade e permaneceu pálido. Enzo engoliu em seco.

“Acesso calibroso agora, ringer 20 ml por quilo!” gritou enquanto empurrava para dentro da sala de emergência. A equipe logo a colocou em monitorização e com um cateter de oxigênio. Os aparelhos ganharam vida com seus apitos constantes.

Lina se contorceu quando foi mudada de maca.

Enzo olhou para a enfermeira chefe. Ela olhou de volta. Sabiam que isso não era bom.

“Que diabos aconteceu com ela?” disse o outro médico, Carlos Eduardo, enquanto colocava as luvas e examinava o corpo cheio de bolhas e inchado. “Parece...”

“Sim, queimadura,” completou Enzo enquanto a auscultava, “os pelos estão intactos, isso não foi fogo nem ácido. Ela não está em broncoespasmo, mas o tempo de enchimento capilar está prolongado e a saturação está caindo.”

Eles trocaram de posição. Lina ainda gemia.

“Morfina 4 mg IV agora,” falou Enzo assim que a enfermeira preparou o ringer.

“Então o que foi?” perguntou Carlos com sua voz rouca.

“Sol.”

Todos olharam para Enzo incrédulos.

Não teve tempo de responder. O monitor disparou.

“Choque. Provavelmente hipovolêmico mas também com um componente distributivo, inflamatório.”

A enfermeira apertou a bolsa do soro.

“Vamos, vamos,” disse ela baixinho e foi quando percebeu. Seus olhos arregalaram. Conhecía aquela garota. Seu rosto estava todo deformado, mas mesmo assim...

“Cadê o kit para central?” perguntou Enzo enquanto se escovava na pia. Uma técnica se apressou e começou a preparar o material. “Pode preparar a nora, fluido não vai segurar esse choque aí não.”

Reclinaram a mesa de modo que a cabeça de Lina ficou um pouco mais baixa que o corpo. Com as mãos ainda molhadas e pingando, Enzo começou a se paramentar com o avental estéril o mais rápido que conseguia.

“A filha. A filha do prefeito,” disse a enfermeira chefe duvidando da própria voz.

“O que foi?” perguntou Enzo quando percebeu o silêncio na sala.

“Ela. É a filha do prefeito.”

Aquilo atingiu Enzo muito mais pesado do que gostaria. Sua mente estava focada na paciente e se esqueceu do pior. Do que estava por vir.

“Alguém dê um jeito de falar com o prefeito,” sua voz abafada pela máscara.

A porta dupla da sala de emergência se abriu. Apenas Enzo não virou o rosto, estava focado conferindo o material.

“Masculino. Dezesseis anos. Trazido pelos pais. Não sabem o que aconteceu. Mal estado geral. Descorado e hipoperfundido, saturando mal, vomitou no caminho,

talvez tenha bronco aspirado,” gritou Jorge que era responsável pela triagem na porta.

Enzo congelou com a agulha de grosso calibre na mão.

Olhou para a maca que acabara de entrar. Jeniffer, a enfermeira chefe, estava com uma tesoura gigante cortando a roupa do rapaz. Bolhas. Apenas Bolhas. Enzo sentiu seu suor frio escorrendo de sua testa.

“*Mas que diabos?!*” gritou Carlos.

“Ajuda aqui na porta!” fez-se ouvir um grito alto como um trovão vindo de fora da sala de emergência. Enzo olhou para Carlos e assentiu com a cabeça. O outro médico saiu correndo.

Escutou-se também buzina na rua. Alguém tinha perdido a paciência pelo jeito que segurava a mão na buzina.

Carlos entrou empurrando a cadeira de rodas. Um outro garoto magro e alto, com o rosto caído e inchado, estava sentado afundado na cadeira como se essa o estivesse engolindo. Estava pior que o outro sem sombra de dúvida.

“Não tenho pulso!” gritou Carlos enquanto o ajudavam a colocá-lo em outra maca, na última da sala de emergência, que agora estava na sua capacidade plena.

Jeniffer nunca em seus inúmeros anos de Novo Triunfo havia visto algo assim.

Enzo concentrou-se em passar o central enquanto sua mente pensava.

“FV!” gritou Carlos quando viu o traçado no monitor e preparou as pás.

Enzo escutou o apitar do desfibrilador indicando que o choque estava sendo carregado.

“Afastem-se todos! Não, esperem...”

Silêncio.

“Voltou para sinusal, AESP,” respirou Carlos aliviado. “Chequem pulso. Presente.”

“Alguém ajude minha filha, por favor!” uma voz histérica ecoou lá de fora. Estavam todos fazendo alguma coisa, atarefados.

Carlos correu então e empurrou a porta.

“Meu Deus!”

Enzo escutou o terror do outro médico. Esse com certeza fora o acesso venoso central que passara mais rápido em toda a sua vida. A fixação com pontos ficaria para depois. Ainda paramentado e com as luvas cheias de sangue correu para o corredor.

Uma senhora chorava aos prantos com a filha nos braços.

No mesmo tempo, um casal entrou aos berros pela porta automática do pequeno pronto-socorro que se abriu com seu ruído de plástico rangendo nas laterais.

“Meu filho está no carro! Ele está desacordado, sua pele está toda... toda...” o pai não conseguiu terminar.

Escutou-se uma freada e uma batida lá fora. Vidro se estilhaçando. Outra buzina. Enzo tirou as luvas e jogou no chão enquanto acenou com a cabeça para Carlos que começou a examinar a garota nos braços da mãe.

Enzo saiu pela porta de vidro com a corda do avental, antes estéril, arrastando pelo chão.

Um outro carro buzina freneticamente.

“Ajuda! AJUDA! Meu filho!”

Enzo olhou aquilo incrédulo.

Escutava choro e pedidos de socorro por todos os lados.

Mais e mais carros começaram a chegar no pequeno engavetamento que se formara na frente do hospital. Gemidos de dor e súplica intermináveis.

As únicas luzes da rua eram os faróis dos automóveis. Estavam verdadeiramente imersos naquela escuridão.

O apocalipse chegara.

11

Era pequena. Uns dez ou onze anos. Nem mesmo ela se lembrava direito. Era como se tudo estivesse nublado na sua mente, os acontecimentos muitas vezes se sobrepunham uns aos outros e ficava difícil, senão impossível, de dissecar uma memória daquele emaranhado todo.

Estava na cozinha escura e quente. Era uma noite insuportável de verão com cheiro grama cortada. A única luz vinha do alçapão. Som de uma máquina qualquer que estava estranhamente trabalhando na madrugada. O som parecia vir do próprio casarão, como um monstro com fome. Seu pé descalço quase deslizava no piso de granito. Ficou ali um ou dois minutos esperando na porta da despensa observando aquela passagem aberta para um mundo subterrâneo desconhecido até então. E foi quando escutou a voz dela. Sim, não tinha como ser outra. Sua mãe, gritando em desespero.

Aquilo gerou uma reviravolta de sentimentos. Fazia anos que não a via. Cerrou os punhos, as unhas deixando marcas na pele. Com as mãos pequenas e delicadas, Lina começou a descer as escadas em direção ao porão.

A cada degrau, seu coração saltava no seu peito e ecoava nas têmporas, seu pijama folgado roçando naqueles tijolos velhos com cheiro de mofo. Que ruído maquinar seria aquele que ecoava? Lina nunca havia entrado ali. Estava sempre fechado. Com cadeado. Era proibido. Mas mesmo assim prosseguiu para as entranhas do casarão.

“Não! NÃÃÃO! Seu monstro, seu assassino!!!”

Aquela voz reverberou na estrutura da construção quase vinte metros abaixo da superfície. Seu pequeno corpo disparou adrenalina o que a fez se sentir mais acordada do que nunca. Conseguia quase sentir na língua a poeira que se alastrava no ar. A escada parecia não ter fim. O som do maquinar mesclava-se ao seu próprio

batimento cardíaco. Enfim chegou ao fundo. Inclinou-se sobre a porta de ferro no fim da escada e esticou o pescoço.

Sua mãe estava com as mãos amarradas por detrás das costas, seu rosto sujo de sangue e seu cabelo escuro, tão diferente da própria filha, estava grudado na testa suada. Os olhos, Lina sonhara com eles várias e várias vezes, grandes, arregalados, parecendo quase saltar das órbitas.

Um buraco, ou melhor, uma cova, havia sido preparada no solo antigo do porão. O cheiro de poeira agora se mistura ao de terra seca. Mesmo sob a iluminação deficiente do recinto, era possível ver os diminutos grânulos de terra no ar.

Uma versão de seu pai, bem mais nova, acompanhado por Rafael que ainda tinha rosto de adolescente também estavam presentes. Seu pai tinha sua camisa social branca com as mangas dobradas na altura dos cotovelos e estava suja e tingida por uma mistura de terra e sangue. Havia marcas de um outro líquido também, negro como a noite, que Lina não fazia ideia do que fosse aquilo.

Foi então que escutou o som de correntes de metal arrastando no piso.

Lina sentiu os pelos do braço eriçarem com o ruído e suas entranhas se contorceram. Permanecia o constante maquinar ao fundo.

Um homem de pele morena tom de argila e estatura mediana estava sentado numa cadeira consumida pelo tempo. Tinha a barba rala de alguns dias e o cabelo escuro como o de sua mãe, mas crespo e selvagem. Estava imóvel como uma estátua e seus músculos, rígidos, como se tivesse sido congelado. Estava acorrentado com voltas e voltas de metal ao longo do corpo. Aquilo lhe lembrou as múmias mortas do Egito, apenas...

Foram os olhos dele que lhe revelaram. Estava vivo. Queimavam de ódio e traição com sua tonalidade petróleo. De seus braços saíam dois grandes tubos de plástico que sugavam a todo vapor o seu sangue. Lina deu um passo para trás horrorizada.

“Você Nério vai desejar que o tivéssemos matado, isso sim,” falou Frederico entre os dentes com seu olhar de abutre. Rafael se adiantou e checkou os recipientes quase cheios de um sangue escuro e viscoso.

“Quem diria que um *incubus*, um *incubus*!, fosse ser capturado de uma forma tão estúpida, tudo isso por um rabo de saia qualquer,” disse o prefeito com desgosto.

Nério o fulminou com o olhar já que não conseguia falar.

“Eles estarão aqui a qualquer momento.”

Sua mãe se contorcia tentando se soltar e berrava a plenos pulmões.

Frederico olhou para o relógio e com passos firmes e decididos aproximou-se e, com toda a sua força, calou a mulher.

Rafael olhou para a betoneira, a máquina responsável pelo barulho de fundo, que girava e girava indiferente ao que estava acontecendo, e checkou se o concreto já estava no ponto.

Lina escutou passos atrás de si. Seu corpo congelou tal quanto o de Nério. Não tinha para onde fugir. Seria descoberta em breve.

Quatro figuras negras encapuzadas desciam a escada lentamente parecendo flutuar com suas vestes que se arrastavam no chão. Lina os olhou apavorada encostando as costas na parede, desejando desaparecer dali. As figuras tinham seus rostos cobertos pelo negrume. Percebeu que uma tinha as costas curvadas e estava se demorando por causa da idade. A que estava na frente, sem sombra de dúvida, era dois a três palmos mais altas que as demais e sua postura ereta lembrou Lina de um poste em movimento. As duas do meio andavam em sincronia, as gêmeas rivais como eram conhecidas e tinham exatamente a mesma altura.

A figura alta e as duas irmãs passaram por Lina ignorando-a, como se não fosse digna de sua atenção. Avistaram a pequena garota com certeza, mas questões mais importantes aguardavam. No entanto, a figura anciã se demorou e parou bem ao seu lado. Lina sentiu dedos magros, esqueléticos e enrugados acariciando seu rosto como em despedida e logo foi se juntar às demais no silêncio.

A figura alta e esbelta estalou os dedos, o som forte como um trovão. Um fogo tomou conta das correntes, agora incandescentes, e o cheiro de pele queimada tingiu o ar.

Nério emitiu um ruído de dor.

Uma risada maquiavélica e claramente feminina como Lina nunca havia escutado a gelou por completo, um frio correndo na sua espinha.

Vinha da anciã, a figura encurvada.

“O feitiço não vai durar muito mais tempo, está se enfraquecendo,” disse uma das gêmeas sem emoção nenhuma na sua voz.

“Está na hora,” respondeu a figura alta em tom solene e impositivo.

Frederico empurrou com o pé a cadeira. Nério foi jogado dentro da cova como um saco de areia, as agulhas sendo arrancadas de seus braços, sangue arterial jorrando. Lina escutou o bater do corpo no fundo e o ranger das correntes associado ao quebrar da cadeira.

“E a mulher, a cigana?” perguntou indiferente a outra gêmea encapuzada.

Frederico apenas sorriu.

“Como quiser,” respondeu a anciã.

Lina viu seu pai arrastar sua mãe pelo cabelo e com um outro chute a jogar para dentro da cova. Frederico ficou ali parado fulminando sua esposa que chorava dentro da cova banhada pelo sangue de seu amante.

Rafael aproximou a betoneira. As figuras consentiram e ele liberou a máquina que começou a despejar a mistura para concreto na vala. Lina escutou o desespero de sua mãe lá no fundo. Seu coração apertou.

As quatro figuras deram as mãos. Estavam prontas, nenhuma mostrou dúvida.

Lina ouviu palavras estranhas, uma espécie de um cântico tão antigo quanto a própria terra do solo do porão, palavras essas fortes que a arrepiavam de quando em quando. Carregavam energia no som direcionado por aquelas mentes poderosas. O porão começou a vibrar. O teto soltava uma poeira bem rala fazendo parecer nevar ali dentro. O sangue do *incubus* reluzia ali dentro com todo seu esplendor.

Lina segurou seu pijama que começou a esvoaçar. Uma corrente de vento, que ela não sabia de onde estava vindo, tomou conta do recinto. As luzes falhavam de tanta estática no ar.

Sua mãe engasgava com o concreto que agora descia nos seus pulmões. Mas Lina só conseguia prestar atenção naquele cântico, naquele encantamento majestoso que estava prestes a distorcer a dimensão do tempo e do espaço.

Uma lâmina reluziu na mão da figura ereta e alta. Aproximou-se da anciã e rasgou-lhe a garganta. As gêmeas foram logo em seguida. E depois, com a lâmina ainda escorrendo, fincou-a no próprio peito.

Foi quando Lina gritou.

Gritou de dor, acordando de sua memória com o passar da sedação.

Não conseguia se mover na cama na sala de emergência, escutava apenas o apitar dos aparelhos a sua volta junto com gritos e murmúrios de desespero ao redor.

12

Nicolas segurou o grito enquanto a ponta da lâmina corria na palma da sua mão direita. Sua cabeça pareceu virar uma nuvem e se dissipar. Estava para desmaiar. Uma chaleira. Ou algo assim. Era um apito forte e contínuo como se fosse água fervendo nos seus ouvidos. Tudo girava.

“Está escutando o zumbido?”

Nicolas sentiu que se tentasse responder acabaria colocando o que tinha no seu estômago para fora. Por isso ele apenas confirmou com a cabeça.

“Está perto. Qualquer minuto agora.”

Estavam à luz de velas, as chamas tremendo por causa da janela aberta.

Heitor olhava Ingrid que estava ainda mais descabelada do que antes. Ele se perguntou se tinha ficado doido de vez ao concordar em usar o pobre do garoto.

E enfim Nicolas cedeu. Desabou sobre a mesa, seu corpo mole parecendo uma boneca de pano.

Ingrid se aproximou e sussurrou:

“Lembre-se de que é você quem está controlando agora. Não tenha medo.”

Inquietação pairava no ar.

De repente, as chamas das velas se intensificaram como se uma explosão as direcionasse para o teto.

O que estava no corpo de Nicolas arquejou, puxando o ar num grande fôlego e depois foi tomado por um grande acesso de tosse. A respiração acelerada parecendo prestes a alçar voo.

Heitor foi com a mão para onde estaria sua arma na cintura, um reflexo antigo medular, e não encontrou nada.

“Nunca é fácil para eles tomarem o corpo físico depois da morte, sabe,” comentou Ingrid banalmente a Heitor.

Ela chegou mais perto e sentou-se ao lado do corpo que ainda estava se recompondo.

“*Vocês... vocês estão... atrasados,*” falou a entidade, sua voz sinistra como essa noite sem luz.

“Quantos já foram?” perguntou Ingrid.

“Três, só falta a garota, a filha do prefeito... e sua vida está se esfarelando... falta pouco...”

Heitor tremeu ao escutar isso.

“O *incubus*. Ele transformou a garota numa manipuladora pela transferência do seu poder. Ela está fora de controle. Se a filha do prefeito morrer, o ritual estará completo e Nério consumirá o corpo de Clara, matando-a também, tudo para retornar ao seu. Cinco são os vértices da pirâmide das trevas e Clara será o último sacrifício.”

Houve uma pausa.

“Nério vai usar Clara para escavar seu corpo. Está escondido no porão da casa de Frederico Unschuld. Depois vai movê-lo para um lugar seguro antes que se complete o ritual.”

Ingrid olhou para o ex-investigador. Ele olhou de volta. Sabiam que isso não era nada bom.

“Essa é a chance que precisam.”

A entidade apontou para Heitor, sua voz pesada como concreto.

“Ele deve usar a pedra da lua para entrar sem ser notado. Destrua, queime aquele corpo que uma vez foi sede para aquela alma perversa. Antes que seja tarde.”

“E... q-quanto a Clara?” perguntou Heitor gaguejando.

A entidade fitou-o bem nos olhos. Heitor sentiu mesmo através dos olhos castanhos de Nicolas, aquele olhar de gato da garota. Os dois grandes olhos amarelos o observando.

“Você sabe o que fazer. Enquanto ela existir, ele terá um elo com o mundo dos vivos. A relação entre eles está selada e não pode ser desfeita mesmo que o corpo físico de Nério seja destruído. Ela deve morrer. Você terá então duas tarefas.”

“Deve ter um jeito...”

“Não há!” Berrou a entidade se enfurecendo. “Seu laço humano não chega nem perto do perigo que corremos todos nós! Não é hora para qualquer sentimento pela garota entrar no meio do que deve ser feito.”

A entidade puxou Heitor pelo braço.

“Você não tem ideia do que Nério *pode* fazer, do que ele *pretende* fazer quando se libertar. Não é vingança que ele quer apenas. Não... É destruição total. Vingança. Ele pretende acordar o poder antigo proibido e com ele...”

Heitor foi puxado ainda mais para perto.

“Vai liberar o inferno sobre a terra! Destruição total!”

Ingrid gritou levando as mãos aos ouvidos tentando tapar a verdade.

“...não vai haver ajuda que seja suficiente para detê-lo! As linhagens entrarão em guerra e tudo estará PERDIDO!!!”

Ingrid sentou-se no chão e como uma criança chorona se colocou a balançar numa espécie de transe.

A entidade voltou os olhos afiados e cortantes para Heitor.

“Vamos! O que você está esperando?! Pegue a sua arma e a pedra e vá!”

Ele não se mexeu.

“VÁ AGORA!”

O movimento voltou para as suas pernas e com gestos rápidos e precisos subiu a escada. Pegou o revólver que escondera na gaveta com chave do lado da cama. Depois desceu novamente e pegou o colar e a chave do carro.

“*AGORA!!!!*”

Heitor saiu da casa em disparada para o carro. Ainda conseguia escutar a entidade gritando ao fundo.

13

Mesmo longe, Clara conseguia escutar os gritos de socorro e os murmúrios de desespero de quebrar a alma que estavam vindo da frente do hospital. Observou uma SUV chocar-se contra um carro estacionado. Mais e mais gritos. Buzinas e sirenes de ambulância que tentavam passar. Cachorros uivando ao fundo. O centro de Novo Triunfo se congestionava conforme o caos se instalava.

A escuridão total sem estrelas reinava na noite de hoje.

Com um movimento com os dedos, Clara arrancou a gigantesca porta de ébano do casarão e lançou-a, indiferente, em direção à praça principal.

Proteja a entrada, alertou Nério.

Ela estalou os dedos e uma linha invisível foi desenhada na grama no meio do negrume em volta da casa. As folhas no gramado se separaram.

Ela entrou no breu do casarão sentindo as paredes antigas com a mão.

14

Heitor estacionou o carro no meio do caos. As buzinas estavam ensurdecedoras. Gritos por todos os lados na escuridão. Apenas feixes de luz dos faróis dos carros cortavam aquele breu.

Queime o corpo.

As palavras ainda ecoavam na sua mente.

Sentindo o peso do revólver na cintura, ele desligou o carro, saiu e abriu o portamalas.

“Depois disso não tem mais volta,” disse em voz alta enquanto olhava o galão de gasolina. Seus dedos buscaram conforto no seu recém-adquirido pingente.

Uma mulher passou berrando histérica do seu lado, parecia dizer algo sobre um assalto na casa do lado. Seus gritos abafados pelas sirenes e alarmes dos automóveis disparando. Mas Heitor não escutou. Sua mente estava em outro lugar.

Ele não tinha um plano. *Merda*. Teria que improvisar.

Xingou e pegou o galão.

Seu sangue, agora cheio de magia, pulsava forte como um tambor. Sua mão livre acariciava os velhos tijolos enquanto descia. Não se importou com o forte cheiro de mofo. Não andava. Parecia deslizar, isso sim, degraus abaixo. Clara segurava uma vela à mão, sua chama incandescente enfeitiçada.

“Por que não matamos Lina ainda?” perguntou ela num tom não de insatisfação, apenas de curiosidade.

Assim que o coração dela parar de bater, minha querida, minha alma retornará ao meu corpo. Estarei vulnerável... e sem contar que estaria enterrado no concreto.

Clara concordou.

Melhor colocarmos meu corpo em um lugar seguro e que, de preferência, sua voz agora de gozação, eu consiga respirar.

Ela riu baixinho.

Amava-o mais do que qualquer coisa deste mundo. E mesmo sem dizer, transferiu esse sentimento para ele, numa espécie de simbiose mental.

Empurrou a porta de metal, seu ranger fazendo vibrar o porão.

Sinta, disse ele.

Ela colocou a vela em cima da mesa e se ajoelhou.

Sinta o batimento. Sinta a energia pulsando ainda no meu corpo.

Ela respirou fundo e se concentrou no silêncio. Estavam metros abaixo da superfície, o silêncio era tão abafado que chegava a ser ensurdecador.

Apenas o som do chamuscar da vela, bem taciturno, quase tímido.

E foi aí que escutou.

Tum.

Abaixo de uma camada de concreto.

Tum.

Estava bem devagar, mas constante, rítmico e forte.

TUM.

O som foi aumentando conforme ela aguçava seus sentidos.

TUM!!

E de repente era apenas isso que ouvia. Seu próprio coração acelerou.

Espalmou ambas as mãos no chão. Sentiu com a mente a matéria inerte do concreto com todo o seu peso. A temperatura da sua pele caiu quando a sua mente adentrou ainda mais no concreto.

Deixe a mente fluir...

Visualizou a cova, sentiu-a em toda sua dimensão de concreto e...

Libere!

O casarão inteiro estremeceu como se ganhasse vida.

O concreto estourou levantando uma nuvem de poeira pelo porão. Clara sentiu pequenas migalhas voarem em seu rosto. O cheiro de construção agora dominava o ar.

Ela abanou, dispersando o nevoeiro levantado. Pegou a vela para ver melhor. E, como um céu preguiçoso clareando suas nuvens, a cova enfim estava à vista.

Nério estava imobilizado e acorrentado na mesma posição de anos atrás. Seu rosto era neutro e estava todo sujo. Mantinha os olhos fechados. As fortes correntes de aço ainda brilhavam o encantamento anterior e reluziram quando Clara se aproximou. De seu lado havia os remanescentes de uma figura, toda contorcida e esqueletizada, mas definitivamente humana. Tinha a boca bem aberta como se gritasse em agonia. As mãos haviam sido transformadas em tocos negros e a pele, ou melhor, o que restava desta, estava petrificada e macerada.

“Aquela é...”

Sim. Foi brutalmente assassinada na minha frente.

A voz vigorosa e penetrante de Nério estava tingida de rancor.

Clara moveu os restos mortais com delicadeza e respeito.

Segurou as correntes e dissipou a energia ali contida, o metal explodindo e levantando uma nova, mas pequena, onda de poeira.

Ela acariciou aquele rosto frígido e inerte. Com as mãos no peito dele sentiu seu bater do coração. Ela reclinou-se então e deu-lhe um beijo na boca.

Os olhos se abriram. O branco da esclera contrastando com a sujidade ao redor. A expressão continuava neutra, mas os olhos negros e intensos mostravam que estava desperto, alerta.

“Para onde quer que eu leve o corpo?”

Vamos querida, respondeu ele, guiando-a.

O corpo levitou, encantado, e os seguiu pela escada sem bater em nenhum lugar. O caminho de volta pareceu mais curto que a descida. Agora que estava com seu amado, o tempo passava de uma forma muito peculiar. A vela queimava na sua mão, mostrando o caminho.

Na superfície, Clara suavemente surrupiou uma faca na gaveta da cozinha e segurou firme no cabo. Com passos resolutos caminhou em direção ao lugar onde ficara a porta de ébano e saiu para a noite barulhenta e caótica.

O corpo levitava atrás dela.

“Pega seu maldito,” xingava baixinho Heitor enquanto batia seu celular atrás do muro onde estava escondido, tentando pegar sinal. Seus olhos não conseguiam acreditar no que estava vendo. Não seria tão fácil assim queimar o corpo. Ainda mais agora que levitava atrás de Clara. *Caralho*. Levitava.

Aquela figura certamente não podia ser Clara. Mas era. Estava inteira suja de terra. Mesmo na penumbra da noite, Heitor conseguiu ver seu estado. Tudo isso graças à vela que ela segurava. Seu cabelo selvagem armado, braços sujos de sangue e sua expressão... parecia que estava em transe, hipnotizada.

Por fim uma barra de sinal. Fraca, mas estava ali.

“Atende, atende...”

Heitor, encostado contra o muro, estava com a garota ainda na vista. Estava indo em direção à praça principal. Ela cruzava as pessoas na calçada sem mais nem menos diante do caos.

Escutou tiros ao longe. A situação estava saindo do controle. A população se desesperava. Os bandidos assaltavam sem pudor. Mais batidas e buzinas. As sirenes já haviam se tornado o ruído de fundo.

“Essa não é uma boa hora,” disse Enzo sua voz ecoando por causa do viva voz, estava com certeza com as mãos cheias, “está um inferno aqui no hospital, não temos leitos para toda essa gente! E... *e os adolescentes não param de morrer!*”

Heitor olhou de novo para o corpo que flutuava, sabia que Lina ainda estava viva.

“Vou direto ao ponto Enzo,” disse Heitor o mais alto que pôde para ser ouvido do outro lado. “Sei que a situação no hospital está difícil, mas você precisa me escutar.”

“O quê!?”

“Me escuta com muita atenção. A filha do prefeito. Ela está em perigo. Alguém vai tentar assassiná-la hoje daqui a pouco.”

Chiado na linha.

“Ela precisa de segurança. Deixe ela num lugar vigiado. Todo o tempo. Me escutou? Todo o maldito tempo. Chame a polícia se consegui...”

Ele perdeu o sinal.

17

Ela tocou a maçaneta da grande porta dupla de madeira. Ela abriu sem fazer nem o mínimo ruído. Não que escutariam alguma coisa. Não com o caos lá fora de qualquer jeito.

A catedral tinha seu teto bem alto com uma abóbada central no formato circular. Grandes arcos separavam duas longas fileiras de bancos de madeira. Os amplos vitrôs mostravam durante o dia cenas religiosas com seus mosaicos coloridos, mas estavam nessa noite adormecidos e davam ao lugar um aspecto sombrio, parecendo que suas figuras na verdade espreitavam os intrusos na escuridão.

A única luz, à parte da que Clara segurava numa das mãos, vinha do altar. Um globo vermelho aceso ao lado do sacrário. Clara acenou e as portas se fecharam. Continuou caminhando e depositou o corpo flutuante no espaço entre as fileiras da frente e o altar.

Abaixou-se e deu mais um beijo na testa do seu amado. Os olhos continuavam bem abertos, mostrando estarem alertas mesmo sem nenhum movimento.

Clara murmurou palavras incompreensíveis. Seu encantamento protegeria o lugar.

“Fique seguro,” disse ela em voz alta e saiu sem olhar para trás.

18

Enzo segurou no braço dela enquanto empurrava a maca. Tentava tranquilizá-la em meio ao caos. O barulho das rodas enferrujadas quase inaudível.

“O que... está... acontecendo?” perguntou Lina desorientada, tentando recobrar a consciência.

“Seu pai está a caminho, conseguimos falar com ele através do rádio da polícia. Estamos te movendo para a UTI, você ficará mais... segura lá.”

Ele apertou de leve a mão dela.

Segura. A palavra ecoou na sua mente.

Ela tentou se levantar, se contorcendo de dor.

“Ela!”

“*Shhhhhh,*” acalmou Enzo enquanto esperava pelo elevador. A garota deveria estar alucinando.

“Está vindo, ela está vindo!”

Lina estava se agitando cada vez mais.

“Clara!”

Enzo gelou ao escutar aquele nome.

“Tudo vai ficar bem,” mentiu ele.

Lina perdeu a consciência mais uma vez.

Seu coração batia sem parar e ele tremia por inteiro. Sua mente acelerada pensava no que deveria fazer. Sentiu-se como seus avós falavam: entre a cruz e a espada. Clara estava indo para o hospital. *Merda*. Tinha certeza. Heitor estava encostado na parede, se escondendo do lado de fora da Catedral Nossa Senhora do Novo Triunfo tentando decidir o que fazer. O galão pendia da sua mão.

“Merda,” repetiu ele agora em voz alta, sentindo o tempo se esvaindo.

Ele não tinha como estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Espero que Enzo tenha entendido meu aviso, é a única chance.

Ele começou a subir o pequeno lance de degraus da catedral. Seus pensamentos estavam mais rápidos que suas pernas e sentiu como se o mundo externo estivesse em câmera lenta.

Chegou enfim à porta dupla de madeira. A alça do galão estava toda suada e ficava escorregando da sua mão. Abriu. No momento em que sua pele tocou a maçaneta, sentiu o colar ficar mais quente. O pequeno pedaço do misterioso meteoro vibrou. Heitor soube que estava cruzando uma espécie de barreira, a pedra absorvendo e desfazendo a maldição ali colocada.

Fechou a porta e uma vez dentro ficou pregado à madeira, como se bestas do inferno o tivessem encurralado. Não queria estar ali. Não deveria estar ali. Respirou fundo e começou a caminhar pelo espaço entre as fileiras de bancos.

Olhou para trás.

Podia jurar que escutou a porta abrindo mais uma vez.

Andou mais rápido agora.

O mesmo barulho.

Olhou de novo para trás, seu coração quase escapando pela boca.

Nada.

Melhor correr. Seus passos ecoaram pela catedral vazia, seus grandes arcos propagando o som.

Levou sua mão livre à boca. Seus olhos arregalaram. Estava diante do corpo. Sujo de poeira, imóvel, parecendo um cadáver rígido. Se não fosse pelos olhos... eles bem abertos fitando o infinito e queimando por dentro.

Heitor achou melhor não pensar, caso contrário congelaria de novo. Destampou o galão e começou a molhar o corpo.

Rápido, rápido, sua mente falava.

Em pouco tempo o cheiro forte e pungente de gasolina era a única coisa no ar. O corpo pareceu derreter, a poeira sendo limpa daquela pele morena. Durante todo o momento, Heitor não despregou o olhar daqueles dois ardentes olhos.

“Caralho!”

Ele deixou cair a gasolina. Ele viu os olhos se mexerem, agora já não olhava para o vazio e sim diretamente para ele. Tremendo começou a procurar o isqueiro em seus bolsos num desespero como se ele mesmo estivesse pegando fogo.

E foi aí que escutou a voz. Ele congelou.

“Ora, ora, ora se não é nosssssso invesssstigador favorito...”

Juliano se aproximou o bastante para que seu rosto ficasse evidente sob aquela luz fraca que vinha do altar. Estava bem roxo da surra que levava no dia anterior.

“Eu sabia que deveria ficar de olho em você. Estava aprontando alguma coisa, eu não tinha dúvida ssseu sssujeitinho de merda.”

Juliano acenou com sua pistola Taurus 0.40 como se balançasse um brinde.

“Nana-nina-não,” disse ele com sua voz anasalada e língua presa ao ver Heitor indo para sua arma na cintura.

“Devagar, isso, passe ela para cá.”

Heitor chutou contrafeito seu revólver para ele.

“Você não entende-”

“Então me faça entender ssseu filho da puta!” Juliano exclamou deixando bem clara a sua raiva e sua sede por vingança. “Não tenho ideia do que você se meteu.” Ele inclinou sua cabeça em direção ao corpo no piso. “Mas pode ter certeza de que agora você está *fodido*.”

Ele começou a se aproximar de Heitor, sua pistola mirando para sua cabeça.

“Tentando queimar as provas contra você, hein? Você não vale nada sssseu monte de merda. Vou dizer que foi você quem me atacou, estava doido, enraivecido quando peguei você no flagra do sssseu crime.”

Heitor conhecia aquela expressão. Tinha experiência para dizer que Juliano estava ali para terminar. Matar. Fazer justiça com as próprias mãos.

“Quem sabe eu não queime você junto com esssse daí, hein?”

Juliano sorriu quase rosnando, mostrando seus dentes amarelos em ameaça.

“Não faça isso, você não entende...”

“ENTENDER O CARALHO!”

Heitor colocou as mãos na frente tentando acalmá-lo.

“Sempre você... sempre o brilhante do Heitor, se metendo onde não é chamado, achando que é melhor do que todos nóssss, mas eu... EU!... eu consssigo enxergar quem você verdadeiramente é.”

Heitor sentiu o frio da pistola encostando contra sua têmpora. Seria um tiro encostado no relatório da necropsia, pensou ele, já imaginando o formato estrelado e irregular do orifício de entrada do projétil.

Heitor fechou os olhos. Escutou Juliano destravar a arma.

Era agora ou nunca. E Heitor optou pelo agora.

Socou Juliano no estômago com o cotovelo e com seu outro braço empurrou para longe a mira da pistola. Seu ouvido uivou com o primeiro disparo assim tão de perto e escutou a bala ricochetear no piso de mármore.

Travou a mão de Juliano que segurava a pistola e torceu. Um guincho de dor. A arma foi para longe. Juliano reagiu empurrando Heitor contra o altar que tombou. O estilhaçar das peças de vidro vibrando a catedral.

Heitor tentou se defender, mas os socos de Juliano lhe pegaram no rosto de surpresa. Estava acontecendo tudo tão rápido. O ex-investigador lembrou que ainda tinha pernas e as usou. Juliano caiu para trás.

Ele virou rapidamente e, de costas para Heitor agora, saiu em disparada para pegar a arma no chão. Heitor o puxou pelo pé e o fez cair sobre o corpo molhado. Juliano reagiu chutando-o bem no olho direito e fazendo-o largar o seu pé. Cego agora de um olho, Heitor levantou o mais rápido que pôde e se escondeu atrás do altar revirado. Um tiro passou tangente ao seu braço, queimando-o.

“Vamoss Heitor, nada de se essssconder agora!”

Aquela mesa velha de madeira nunca o protegeria contra os projéteis. Ele estava verdadeiramente encurralado agora. E o pior de tudo, sem arma.

Escutou os passos de Juliano chegando mais perto, seu andar pisando sobre os cacos de vidro. Seu fim estava próximo. Esparramou-se sobre o mármore bem a tempo de desviar de mais um disparo. Foi então que Heitor sentiu o peso do isqueiro no bolso.

Não pensou duas vezes. Puxou o pano branco que recobria o altar e com um rápido movimento com o polegar tacou fogo. Embrulhou-o da forma que conseguiu, sentindo o queimar nas suas mãos e jogou o pano pelo ar, fazendo um arco flamejante na catedral escura.

Juliano gritou e por reflexo atirou no pano incandescente no ar. Foram suas últimas palavras. O tecido recobriu seu rosto. A chama alastrou-se veloz pelo seu corpo como a eletricidade correndo em fio de cobre.

Ele esgoelou-se de desespero, sua camisa molhada de gasolina acendeu-se como um balão de festa junina que dera errado. Gritando correu sem direção.

Heitor levantou-se e olhou a cena horrorizado.

Cambaleando, tentando apagar o próprio incêndio, Juliano tropeçou sobre o corpo no chão e o fogo alastrou-se num piscar de olhos. Ele berrava de dor, seus uivos se prolongando pelo eco na suntuosa abóbada redonda. Disparava sua arma às cegas.

Parecia um animal no abate sendo exsanguinado, seus relinchos de desespero fazendo vibrar o local.

O cheiro único e típico de carne humana e tecidos queimados se misturou ao odor de gasolina.

Juliano finalmente parou de gritar.

20

Ela deslizou pelas fileiras de automóveis sem ser vista. Seus movimentos pareciam um cisne plainando sobre um lago escuro e sombrio. Alguns faróis permaneciam acessos e o apito dos painéis avisando que a porta estava aberta ou a chave no contato era discreto e suave comparado com a barulheira toda na frente do hospital.

O caos reinava ainda mais do que antes.

Mais pessoas iam chegando – insistindo em buscar ajuda – e as ambulâncias não conseguiam abrir caminho sejam para as vítimas da explosão sejam as que misteriosamente apresentavam queimaduras, igualmente sérias, senão piores.

Para os atentos, gritos de socorro vinham também das casas no grande quarteirão. Assaltos estavam acontecendo e as quadrilhas, armadas, aproveitavam o momento. Tiros. A polícia cercava uns criminosos numa casa não tão distante dali.

Apenas o hospital permanecia aceso, às custas dos geradores, numa espécie de farol iluminado no vasto oceano de escuridão que reinava solenemente nessa noite sem estrelas de Novo Triunfo.

Ela sorriu ao ver sua obra. Um riso contido, tímido até, mas certamente cheio de prazer. O pandemônio reinava também dentro do Pronto-Socorro. Pacientes insistiam em ser atendidos primeiros. Seu caso era grave. Mas a verdade era que todos eram graves. Sem telefone, não conseguiam transferir ou pedir reforço. As ambulâncias desavisadas continuam a trazer as vítimas para o local e se

encontravam presas no tumulto, sem conseguir sair. Muitos morreram na própria ambulância sem mesmo nem chegar ao hospital.

Os funcionários estavam correndo de um lado para o outro numa verdadeira frenesi de suor, sangue e gemidos. Dois homens começaram a brigar na espera, isso atraiu a atenção dos demais e ajudou Clara a passar despercebida.

O poder que sentia era tanto que extravasava pelas pontas dos dedos e sua mente, agora expandida pela magia, tinha um único objetivo: *achar Lina*.

Terceiro andar, disse Nério.

Clara virou à direita, achando melhor evitar o elevador, e entrou pela porta cortafogo da saída de emergência, deixando-a bater com um estrondo. Lá as luzes estavam mais fracas e piscavam como se também implorassem por ajuda.

“Falta pouco querido.”

Sim.

Chegou ao terceiro andar rapidamente sem estar nem um pouco cansada ou ofegante. Utilizou manipulação para escancarar a porta, não se importando se fosse vista ou não. Estava no andar da UTI. A escada dava para o final de um corredor, na saída de emergência ao lado do elevador.

Clara olhou para o corredor vazio. Era amplo o suficiente para permitir a circulação de macas e tinha nas paredes aquelas típicas proteções para que alguém, desenfreado, manejando uma maca não colidisse e arrancasse parte da tinta da parede.

Estamos chegando.

Clara andou pelo corredor cuja passagem era bloqueada por uma porta eletrônica com um leitor de digital ao lado.

Unidade de Terapia Intensa.

Havia uma placa que dizia: *Favor identificar-se pelo interfone, obrigado.*

Ela sorriu mais uma vez.

Aproximou-se e colocou seu dedo no leitor.

As luzes do corredor piscaram até explodirem de tanta energia. Clara ficou na escuridão enquanto o leitor começou a soltar fumaça, sobrecarregado. Houve um estalido com faíscas. A porta se abriu de repente, a luz da UTI entrando no corredor. Ao mesmo tempo, o alarme de incêndio disparou zangado, seu sistema ativado também.

“O caos vai piorar agora,” disse ela indiferente sentindo o borrifar da água do teto no seu rosto. Em segundos estava encharcada. Deixou a água lavar a sujeira e se preparou.

21

“Você tem que confiar em mim, ok?” disse Enzo chacoalhando Lina que transitava entre a inconsciência e a vigília.

Ela murmurou algo incompreensível. Ele a cobriu então com um lençol branco, já encharcado pela chuva, que escorria do teto da UTI dos dispositivos para incêndio.

“Confie em mim, vai dar tudo certo,” mentiu ele agora para si mesmo. Não sabia o que estava fazendo, mas era a única chance.

22

Entrou numa grande sala com vários leitos cheios de parafernália médica. Ao centro, havia uma espécie de aquário de vidro onde ficava a equipe de intensivistas com grandes telas monitorizando os enfermos. A equipe estava desconcertada e molhada com o disparo do alarme. Não sabiam o que fazer. Gritos e ordens estavam sendo dadas.

Clara caminhou certa no meio da desordem toda. Um funcionário esbarrou nela, cobria o rosto com uma das mãos para evitar o contato da água com os olhos. Não se deu conta de quem ela era ou para onde estava indo.

Precisava encontrar Lina. Sentia a sua presença ali.

“PARADA CARDÍACA!”

Clara virou sua cabeça para o som.

Um médico de estatura mediana, com barba de alguns dias comandava a equipe médica.

“É a filha do prefeito, vamos!” exclamou ele enquanto puxava uma espécie de pequena escada. Ele subiu, desnudou o tórax da paciente, cobrindo seu rosto e começou a fazer compressões.

Uma enfermeira veio correndo com o carrinho no meio da água toda. Passou as pás para o médico. Mais pessoas estavam sendo mobilizadas para ajudar.

“Assistolia!” concluiu o médico empurrando as pás de volta para a enfermeira.

Clara...

Ela foi se aproximando, mesmerizada pela cena.

Algo está errado...

“Adrenalina 1 mg IV AGORA!”

Clara!

Ela não sentiu quando braços fortes a agarraram e não teve tempo de reagir quando uma dose cavalgar de sedativo foi-lhe administrada.

Doutor Enzo limpou a água da testa e parou as compressões.

“Vamos, coloquem ela ali antes que acorde.” Sua voz um tanto melancólica.

Levaram Clara para uma maca e começaram a contê-la, amarrando os braços e os pés no suporte de metal.

Enzo desceu do suporte e cobriu a adolescente morta, seu rosto triste por não ter conseguido salvá-la duas horas atrás. Aquele corpo já estava começando a enrijecer, percebeu ele.

A água no teto era agora apenas uma fina garoa.

Enzo deu meia volta e olhou para Jeniffer, a enfermeira chefe.

“Precisamos falar com a polícia.”

“Acho que vai ser difícil nes...”

“Eu sei.” Ele colocou a mão no ar num gesto.

Ele tinha noção do caos que estava lá fora e duvidava que conseguiriam isso tão rápido.

“Mas tenho um telefone de um investigador. Foi ele quem me alertou que alguém tentaria assassinar a filha do prefeito. Não tinha certeza de que funcionaria, mas funcionou.”

Sua voz parecia incerta, duvidando dele mesmo. Algo dentro de si falava que o pesadelo ainda não tinha acabado.

“Foi ela quem..?” Jeniffer deixou no ar.

“*Sim*. Pelo menos é o que tudo indica.”

Jeniffer levou as mãos à boca.

“Meu Deus. Como pode...”

“Doutor Enzo.”

Ele virou para encarar umas das técnicas de enfermagem.

“O... prefeito está aqui,” sua voz mostrava um leve medo ao se referir ao sujeito, “posso colocá-lo ao lado da paciente doutor?”

“Claro, já vou conversar com ele,” bufou Enzo cansado, sabendo também que as notícias não seriam boas. Lina estava por um triz. Sem contar que alguém tentara assassiná-la, mas, isso era o de menos agora. Não contaria isso. Pelo menos não ainda. Talvez quando a polícia chegasse.

Enzo olhou pelas grandes janelas de vidro do terceiro andar e viu fogo saindo da Catedral Nossa Senhora do Novo Triunfo.

“Doutor Enzo!”

Ele virou rápido para ver o que se passava, sendo acordado de seus pensamentos. Era um dos seguranças do hospital, seu rosto estava sujo numa mistura de suor e sangue. Teve que apartar uma briga na frente do Pronto-Socorro momentos atrás.

“Tem uma senhora e um garoto aqui que foram muito, mas *muito* insistentes, uma questão de vida ou morte disseram,” seu tom era de raiva contida agora, “e que precisavam urgentemente avisar que alguém tentaria assassinar um dos pacientes ou algo assim.”

Estava bem evidente que o segurança não acreditava numa palavra disso tudo e para ele, com o caos lá fora, não deveria estar aqui como pombo correio.

“Peça para eles subirem por favor. A situação já foi contida.”

O segurança levantou as sobrancelhas, surpreso.

“Não tenho muito tempo,” disse o médico abrindo a porta e os conduzindo para dentro de uma sala pequena mas confortável que era usada para dar más notícias aos familiares no terceiro andar. “A situação está fora do controle e estamos precisando de todas as mãos agora, estão precisando de mim.”

Ingrid se sentou e ajeitou o cabelo como se preparasse para falar. Mas Nicolas foi mais rápido.

“Não importa como, mas sabemos que alguém vai tentar assassinar a filha do prefeito e logo. Ela precisa ser removida daqui para um lugar...”

Enzo levantou uma mão e o garoto parou de falar.

“Já fomos avisados e sim, já contivemos quem tentou. Foi uma adolescente de uns dezesseis anos, está sedada e já avisei o investigador que me alertou, ele está a caminho.”

“Investigador Heitor?” perguntou Nicolas, achando melhor omitir a parte do *ex* na questão.

Enzo franziu a testa em surpresa.

“Sim, vocês se conhecem?”

Ingrid e Nicolas se entreolharam e não puderam deixar de sorrir.

“Ele está a caminho, você disse?”

“Sim,” respondeu Enzo levemente desconfiado.

“Tudo bem se esperarmos por ele aqui, precisamos discutir algo muito *err...* importante com ele.”

Enzo olhou para o relógio e pensou nos pacientes esperando, morrendo...

“Claro, claro, desde que não atrapalhem o funcionamento da equipe, pode ser?”

“Sem dúvida,” respondeu agora Ingrid.

Enzo a fitou ainda mais desconfiado. Sua cabeleira armada não ajudou muito. Ele levantou e estava na maçaneta quando sentiu alguém pegar seu pulso. As chaves ficaram na fechadura.

“Última coisa,” começou Nicolas coçando a garganta, “você tem certeza de que a garota, a que tentou assassinar a filha do prefeito, está sedada?”

“Com a dose que demos, ele deve acordar só daqui umas doze horas ou até mais. Posso garantir que ela está *chumbada*.”

Nicolas o puxou ainda mais para perto.

“Tenha cuidado com ela.”

25

Nicolas arregalou os olhos.

“Queimou você disse?” falou ele coçando o pescoço aflito.

“Sim,” respondeu o ex-investigador, “o corpo foi destruído.”

Ingrid os olhou no silêncio.

“O que isso quer dizer agora?” perguntou Nicolas.

“Nério não tem como assumir mais seu corpo físico,” Ingrid levantou da cadeira e olhou pela escuridão na janela, “seu único jeito agora é de possuir Clara por completo, assim que Lina estiver morta. O que pelo jeito não deve demorar muito.”

A mulher começou a andar de um lado para o outro.

“Você sabe o que tem que fazer,” disse ela sem olhar para Heitor.

Ele engoliu em seco.

“Talvez tenha um jeito...”

“NÃO!”

Ela socou a mesa. Nicolas deu um pulo para trás, aquela não era a Ingrid que conhecia.

“Ele não vai parar! Vai fazer de tudo o que conseguir para conseguir o que quer. Ele pode não ter seu corpo, mas isso não vai impedi-lo de continuar seu plano. E Nério não pode – *vocês me escutaram?* – não pode em hipótese alguma conseguir isso!”

Ela sentou-se cansada e colocou as mãos no rosto.

Heitor sabia que ela estava certa, mas não tinha coragem de fazer isso. De matar Clara a sangue frio.

“Não... não estou me sentindo bem,” começou Nicolas, “na verdade estou me sentindo assim desde que entrei nesse hospital, nunca gostei muito sabe, mas é diferente agora, minha cabeça está girando...”

O garoto levantou um pouco mas um acesso de tontura o levou de volta para a mesa.

Heitor e Ingrid se entreolharam. Heitor viu algo diferente nos olhos dela. Não era bem preocupação. Não. Era algo diferente, algo que ela não estava sendo capaz de colocar para fora.

Heitor ficou ao lado do garoto e o envolveu com um dos seus braços.

“*Heitor..?*” disse Ingrid quase num sussurro.

Nicolas gemeu baixo e apoiou a cabeça na mesa.

“Heitor?” tentou ela de novo.

Ele olhou para ela, desconfiado agora.

“Pode falar,” respondeu ele também numa forma de sussurro, como se tentassem não acordar o garoto.

“*Afastese,*” Ingrid disse quase inaudível.

“Não entendi.”

“Vamos. Afastese. Agora.” Sua voz um pouco mais alta.

Heitor não estava entendendo.

“*Agora!*” gritou ela.

Heitor levantou bem a tempo. Nicolas se contorceu sobre a mesa e com um movimento rápido levantou-se e pulou em cima da mesa.

“Investigador Heitor, quanto tempo.”

Uma voz grossa e diabólica saiu da garganta do menino. Heitor não conseguiu segurar seu grito de horror.

O menino gargalhou e com a mão numa forma de garra deu uma investida contra o ex-investigador seu rosto dilacerando por causa das unhas do garoto.

Com um movimento mais rápido ainda, Nicolas pegou uma das cadeiras com uma força descomunal e golpeou Heitor na cabeça.

Ele foi ao chão desorientado.

“Não podia ter sido melhor!”

Nicolas abriu um sorriso feroz. Ingrid se encurralou num dos cantos com sua boca aberta e seus olhos arregalados.

“Vocês realmente acham que teria sido tão fácil queimar meu corpo se eu – *EU!* – não quisesse?! Vocês fizeram o que a garota não teria coragem de fazer! Aquele corpo está condenado. Como poderia me esconder pelo mundo com o rosto conhecido, *HEIN!?*”

Ele gargalhou de novo, uma risada cruel de gelar a espinha.

“Agora num corpo jovem feminino quem suspeitaria...”

A visão de Heitor foi voltando e sua mão, treinada, foi para a cintura à procura de sua arma. Mas não estava lá.

“Procurando isso?” disse a entidade em deboche, balançando o revólver na sua frente.

“Agora você não tem mais nenhum papel para desempenhar para mim.”

Nério destravou o revólver, mirou na cabeça de Heitor e atirou.

A mulher avançou para protegê-lo.

“Ingrid!” gritou Heitor.

Nério se afastou.

Heitor escutou o girar da chave.

Estavam presos ali.

26

Nicolas abaixou-se e encostou na parede para não ser visto. Ergueu uma das mãos e pegou o bisturi que estava no almoxarifado. Destravou o dispositivo de segurança e a lâmina reluziu diante dos seus olhos.

Cruzou o corredor e deslizando de joelhos no chão molhado, escondeu-se debaixo da maca com seu tamanho pequeno. Os gritos lá fora tinham se intensificado. Ainda mantendo-se no escuro, sentiu com as mãos onde estavam presas as ataduras e as cortou com facilidade usando o bisturi. Clara estava livre agora. Permanecia desacordada, mas já não estava presa à maca de metal.

Os olhos do garoto reluziram ao se virar debaixo da maca e observar Frederico Unschuld de longe. Como se fosse um campo de batalha, Nicolas cruzou em disparada, aproveitando um momento em que a equipe estava ocupada.

Utilizou um biombo para se esconder.

Conseguia escutar Frederico respirar.

Tinha esperado por esse momento há tanto tempo e as circunstâncias de que seria ele mesmo a matá-lo e não a estúpida da garota o fez sorrir sozinho atrás do pano verde do biombo.

Mais gritos vindos lá de fora. Sirenes tocavam descontroladamente. Novos pacientes estavam sendo trazidos para a UTI no meio do caos. Ninguém estava observando o leito onde Lina Unshuld estava conectada aos aparelhos.

Agachado e por trás, Nicolas se aproximou da cadeira em que o prefeito estava sentado. Tapou a boca do prefeito com uma das mãos e, com a outra, fincou-lhe o bisturi na garganta.

O prefeito se engasgou no próprio sangue. Ele tentou gritar, mas não conseguiu.

“Você não tem ideia de quanto esperei por esse momento *Freddy*,” cochichou Nicolas, “sim sou eu, Nério, estou livre , cumprindo minha promessa antiga de matá-lo.”

O prefeito arregalou ainda mais os olhos ao escutar aquele nome: *Nério*.

“Você destruiu ela, matou-a bem na minha frente!”

A voz do garoto ficou mais alta agora, mais forte. Ele empurrou ainda mais fundo o bisturi, escutando o som de tecido dilacerando.

“Eu vou terminar com cada uma das linhagens. É uma pena que você não vai estar aqui para ver.”

Frederico estava quase perdendo a consciência.

“Um último segredinho antes de você morrer.”

Nicolas chegou tão perto da orelha do prefeito que parecia estar prestes a devorá-la.

“Ela. Ela nunca te amou. Nunca conseguiu satisfazê-la do jeito que eu conseguia. *Ah não*. Você merece passar toda a eternidade do outro lado pensando nisso. Nunca ninguém amou você. Você era o único de uma antiga linhagem que nasceu sem poder de manipulação. Já era um fracasso desde o útero...”

Frederico desabou na cadeira, o sangue ainda jorrando em pequenos jatos.

Nicolas limpou as mãos na sua camiseta e arrumou a empunhadura do bisturi para que não escorregasse na sua mão sangrenta.

Heitor estava no chão, atrás da porta e a socava o mais forte que conseguia pedindo ajuda.

Com a outra mão, tentava fazer pressão no tórax de Ingrid para conter o sangramento abundante. Ela estava inconsciente e sua respiração ruidosa e difícil. Heitor não precisava ser médico para entender que aquela situação estava indo de mal a pior.

“ALGUÉM!” gritava ele.

Ele olhou para a mulher no seu colo, seus lábios já estavam adquirindo uma cor arroxeada. Sua pele estava gelada e úmida.

Ele socou com mais força ainda a porta.

“Vamos, vamos,” disse ele pegando o celular. Mas estava sem sinal.

Estava perdido, era o fim de tudo.

Foi quando escutou um bater do outro lado.

“Heitor?” perguntou cauteloso doutor Enzo do outro lado, tentando girar a maçaneta, vendo que a porta estava trancada a chave. Ele tinha deixado a chave do lado de fora na fechadura ao abrir a sala.

“Enzo! A Ingrid foi baleada!” Sua voz no mais puro desespero. “Está perdendo muito sangue, estamos presos aqui dentro. Nicolas, ele... ele enlouqueceu você precisa detê-lo! Ele está indo atrás de Lina.”

“*O quê?!*” gritou o médico do outro lado, não por não ter escutado, mas por não acreditar no que estava escutando.

“Você tem que confiar em mim. Leve Lina para outro lugar, antes que seja tarde!”

Enzo se afastou da porta.

“Agente firme aí!”

O médico começou a correr pelo corredor. Quase perdeu o equilíbrio quando passou pela porta de segurança da UTI que já não funcionava. Chegou no posto médico quase sem fôlego.

“Tiro. Uma mulher foi baleada.” Começou a explicar para a enfermeira chefe. “Estão presos. Na sala de psicologia. Chame a manutenção para arrombar a porta e...”

Ele congelou ao olhar para um dos leitos.

A enfermeira adiantou-se e saiu atrás da manutenção com outros dois funcionários.

Enzo agora estava sozinho no aquário, continuava paralisado.

Era o menino ao lado de Lina. O que ele estava fazendo? Parecia todo ensanguentado. Enzo deu um grunhido ao ver de longe o prefeito engasgando no próprio sangue. Nicolas estava com uma lâmina de bisturi fincada no pescoço dele.

O médico olhou ao redor sem saber o que fazer ou para quem pedir ajuda. Só restava ele. Pegou um suporte de metal para soro e começou a andar devagar. O garoto sussurrava algo no ouvido do prefeito. Enzo foi se aproximando devagar por detrás.

O médico conteve seu ímpeto de sair correndo. O menino limpava agora as mãos na sua camiseta, o sangue vermelho-escuro pingando no chão. O prefeito tombou na cadeira desfalecido.

Nicolas empunhou a lâmina pronto para avançar contra Lina.

Mas Enzo foi mais rápido e golpeou o menino na cabeça com o suporte para soro. Nicolas foi ao chão sem perder a consciência. Agarrou o pé do médico, estrangulando sua circulação com aquela força sobre-humana. Enzo deu-lhe um chute. Ele caiu agora de costas. O médico não perdeu tempo, desferiu mais dois golpes com o suporte. O menino ficou imóvel. Desconectou os aparelhos e destravou a maca. Ainda bem que não tinham mais camas disponíveis, pensou ele, caso contrário não conseguiria fugir desse jeito.

Estava a menos de dez metros de distância quando algo passou zunindo pelo seu ouvido. Abaixou-se assustado.

Nicolas tinha um revólver apontado na sua direção e estava se recompondo, levantando do chão.

Enzo não esperou o garoto atirar de novo e, ainda abaixado, correu com a maca pelo corredor, batendo nos suportes na parede.

“Você não tem para onde fugir!” gritou aquela voz diabólica.

O menino mancava agora, lentificado em direção ao corredor.

“Vamos, vamos!” gritou Enzo apertando o botão do elevador desesperado.

Abaixou-se justo a tempo. Escutou o projétil ricochetear na estrutura de metal do elevador.

“Não tem outro jeito,” disse Enzo em voz alta e puxou Lina para si, colocando-a no colo. A menina gemeu de dor. Com um chute abriu a saída de emergência.

Olhou as escadas para baixo e para cima, seu cérebro pulsando com adrenalina.

Xingou.

Começou a subir as escadas em direção ao telhado. Lina gemia no seu colo. Essa era a única chance. O garoto precisa pensar que descemos. Nossa única chance de escapar. Ele não vai parar enquanto não matá-la.

Seus braços doíam com o peso mas, mesmo assim, ele continuou. Empurrou a porta corta-fogo que dava para o telhado com as costas. Tropeçou e caiu cansado no chão, a brisa da noite dando-lhe as boas-vindas.

Fechou a porta atrás de si. Pegou Lina de novo no colo e se afastou. O último andar do Santa Micaela continha os respiradores dos tubos de ventilação do hospital e deles saíam um vapor branco. Aquele lugar estava completamente escuro, iluminado apenas pela placa em neon do hospital que, preguiçosamente, jogava feixes de luz frustrados no telhado plano de concreto.

Enzo se escondeu com Lina atrás de um dos tubos de ventilação e aguardou.

“Afaste-se,” gritou Jeniffer à enfermeira chefe enquanto ela e a equipe davam a primeira assistência para Ingrid. Heitor olhava tudo aquilo de uma maneira surreal, como se não estivesse acontecendo com ele, tudo parecia um sonho.

“Abaixem-se todos!”

Heitor acordou e foi para o chão assustado.

Alguém estava atirando no corredor, observou ele pela porta da sala de psicologia. Conhecía aquele barulho. Tal como um dono reconhece o latido do próprio cão. Heitor reconheceu. Era a sua arma. Seu revólver.

Levantou-se de pronto.

Nério.

“Venham todos para dentro rápido!”

A enfermeira estava a ponto de contestar, mas o perigo lá fora lhe pareceu maior.

Eles fecharam a porta. Heitor virou a chave.

“Saíam de perto da porta!” gritou ele.

“Ela vai sangrar até a morte se não a levamos para o centro cirúrgico,” disse Jeniffer tentando mais se convencer do que qualquer outra coisa.

“Ou é isso. Ou encarar o atirador.” Heitor fez uma pausa e puxou Jeniffer pelo braço tomando o cuidado de não pegar onde havia sangue. “Ele não vai parar. É capaz de matar qualquer um.”

Heitor afastou-se e deixou a enfermeira e os outros dois técnicos trabalharem. Precisava fazer alguma coisa.

Outro tiro.

Todos se abaixaram como de reflexo.

“Você não tem para onde fugir!”

Heitor escutou a voz gutural de Nério.

Pense rápido!

Heitor colocou as duas mãos na cabeça em desespero.

Se saísse da sala, ele não tinha dúvida que Nério o mataria a sangue frio. Se ficasse e não fizesse nada. Seria questão de tempo para que Nério matasse Lina e estaria tudo perdido.

Jeniffer tamponava o sangramento fazendo muita pressão. Os técnicos a auxiliavam.

O que eu faço? O que eu faço?!

“Foda-se.”

Heitor pegou uma cadeira e, concentrando a sua força, golpeou a janela. O vidro explodiu em mil pedaços. Alguns voaram cortando o já roxo rosto do ex-investigador. Ele não sentiu nada.

A enfermeira olhou aterrorizada sem entender o que ele planejava com isso.

Heitor não esperou represálias. Olhou para cima. Depois para baixo. Não haveria como descer. Apenas se tivesse tendências suicidas. Três andares para o solo lá embaixo, uma queda livre. Não tinha como se agarrar em nada para tentar descer. Mas...

Olhou de novo para cima.

Não tinha muito tempo. Precisava de um plano B também. Se Ingrid estivesse consciente ela lhealaria se funcionaria ou não.

“Jeniffer,” Heitor disse segurando novamente o braço dela. “Preciso que você faça algo muito importante assim que sair daqui. Tudo depende disso.”

Ela se afastou um pouco, assustada. Heitor tirou o colar do pescoço. O negrume da pedra reluzindo na sua mão. Ele colocou no bolso da roupa privativa vermelha que ela estava usando.

“Aquela menina. A que está contida. Você precisa colocar isso no seu pescoço. Assim que sair daqui.”

Ela abriu a boca para argumentar.

“Não temos tempo!” interrompeu Heitor já se afastando. “Só faça. Por favor. Tudo depende disso.”

Jeniffer ia falar alguma coisa, mas não houve tempo.

Heitor tinha saído pela janela.

29

“Não adianta se esconder doutor Enzo! Sua hora está chegando.”

A voz esganiçada de Nério ecoou na saída de emergência entremeada por gargalhadas infernais.

Ele sabia exatamente onde Lina estava. Conseguia sentir sua pulsação vital. Depois do ritual, todos os laços com os quatro adolescentes se intensificaram.

Teve que reconhecer que foi esperteza do médico subir para o telhado. Se não fosse pela capacidade dele saber exatamente onde estava a garota que o impedia de tomar o poder, Enzo teria escapado. Mas este não era o caso.

Enzo escutou as gargalhadas mesmo lá fora. Deixou Lina recostada contra a coluna, seu cateter central pendendo do pescoço como se fosse um enfeite de noiva.

Foi para a beirada e gritou por ajuda.

Mas o caos reinava lá embaixo. As sirenes continuavam. Mais colisões entre os automóveis e gritos de desespero. Ninguém se importaria para mais um pedido de ajuda. Não no meio dessa multidão toda de súplicas.

Olhou para os lados procurando uma arma.

Nada.

A porta de emergência se escancarou.

“Tsc, Tsc, Tsc.”

Nério apareceu balançando a cabeça. Sua boca entreaberta num sorriso. Ele soltou mais uma daquelas suas risadas guturais.

Enzo precisava de um tempo para pensar em uma saída.

“Você será detido, logo mais a polícia vai –”

“Não, não, não criança. Você não entendeu direito ainda. Eu não sou esse corpo. Assim que cumprir sua utilidade, vou assumir outro. Vocês humanos com suas mentes obtusas...”

Nério ergueu o revólver.

Enzo encostou na beirada e olhou para baixo. Não conseguiu se decidir entre a queda e o revólver.

“Não!” gritou Heitor, saindo de onde estava escondido e golpeando Nério na cabeça.

Mas o corpo do garoto permaneceu imóvel.

Nério pegou Heitor pelo pescoço, esganando-o com uma das mãos e o levantou do chão com sua força sobre-humana.

“ESTOU CANSADO DE SER ATRAPALHADO!”

Nério apertou ainda mais o pescoço do ex-investigador, mantendo o revólver apontado para Enzo. O rosto de Heitor estava azul, seus olhos queriam saltar das

órbitas e uma espuma branca saía de sua boca como se engasgasse.

“Estou cansado de brincar de gato e rato com vocês.”

Jogou Heitor para longe.

Nério respirou fundo e desviou sua mira para longe de Enzo. Parecia mirar agora no vazio.

“QUE ISSO SEJA O COMEÇAR DE UMA NOVA ERA!”

Ele atirou.

“NÃÃÃÃOOO!” gritaram Heitor e Enzo juntos.

O corpo de Nicolas, desmaiado, foi ao chão logo após o disparo. O revólver ainda pendia da sua mão. Seu cano quente encostado no piso.

Ninguém se moveu por uns segundos, estavam ainda congelados com medo de se mexer. Depois os dois saíram em disparada.

Enzo chegou à Lina primeiro que Heitor. O tubo de ventilação de alumínio havia sido perfurado e o projétil estava agora cravado em seu crânio, sem um orifício de saída. Apenas um filete de sangue escorria pelo seu rosto, agora sereno e morto.

“Ela, ela está...”

“*Sim,*” respondeu o médico, balançando a cabeça.

“Cuide do garoto assim que ele acordar. Está apenas desmaiado. Está seguro agora. A entidade se foi. Agora ela está presa a um outro corpo. O ritual está completo.”

Heitor coçou o pescoço em preocupação.

“O pesadelo ainda não terminou,” disse ele se afastando em direção à escada de emergência. Pegou o revólver na saída.

Enzo segurava Lina nos braços sem saber o que fazer.

Clara se contorcia na maca aos berros. Seus gritos mais altos que as sirenes e as buzinas de lá de fora. Seus brados uma mistura de dor, ódio e insatisfação. Estavam todos ao seu redor. Tentavam contê-la de novo, mas ela torcia, serpenteava tanto que tornava impossível de amarrar seus membros de novo à maca.

Heitor chegou ao seu lado e acariciou sua fronte.

“Afastem-se todos,” pediu ele.

Ela balbuciava algumas palavras entremeados pelos berros.

“COMO OUSA?!”

Rugiu ela, a voz de Nério por detrás.

A pedra em seu pescoço ardia, seu negrume usual substituído por uma chama incandescente. A pele de Clara queimava por debaixo.

“VOCÊ!”

Seus olhos fitaram bem Heitor.

“MINHA MAGIA!!!! ESTÁ SE DISSOLVENDO!!!”

Clara arqueou suas costas, parecia estar ao ponto de se quebrar ao meio.

“NÃÃÃÃOOOOO!!!!”

O rosto da criatura era de puro desespero enquanto o meteoro sugava todos seus poder.

E de repente, mais nada.

Ela caiu sobre a maca. Seu corpo permaneceu imóvel e tranquilo. A pedra do meteoro voltou para sua coloração negra usual. De sua superfície saía um pequeno vapor, deixando seu rastro pelo ar.

O coração de Heitor saltava em seu peito. Ele engoliu em seco. O medo de ter que enfrentar Nério agora com todo seu poder gelava sua espinha. Não tinha ideia se seu plano funcionaria.

O ritual estava completo. Com seu próprio corpo agora destruído, Nério assumiria por inteiro o corpo de Clara. Não teria como ter um vínculo com mais alguém, estava selado àquele corpo como fora ao seu de nascença. E já não rondaria no limbo entre os mundos. Agora pertencia ao mundo dos vivos e apenas a ele. Mas para isso, fora necessário manipulação, magia. Do momento em que fora forçado a abandonar o corpo de Nicolas, quando Lina morreu, Nério estava para sempre selado ao corpo da garota. Se Heitor conseguisse absorver toda a energia de Nério utilizando o colar, talvez... apenas talvez...

Clara engasgou, a vida retomando ao seu corpo. Um catarro preto espesso saiu de sua boca. Tossiu novamente. Mais e mais dessa espécie de piche estava sendo colocada para fora.

Jeniffer a auxiliou.

“Clara..?” perguntou Heitor, sua testa escorrendo suor.

A garota, ainda desorientada, olhou para os lados procurando o som. Seus olhos acharam por fim os do ex-investigador. Lágrimas escorreram. Ela saltou da maca e o abraçou.

“Desculpa, desculpa...”

Estava aos prantos agora.

“Acabou querida, acabou. Ele se foi.”

“Ele me fez fazer tudo isso... não tive escolha...”

Heitor a consolava, seu coração partido.

Não queria ter que fazer isso.

“Foi horrível... eu nunca quis fazer isso... Nério me obrigou...”

“Eu sei querida, eu sei.”

Ele levou uma das mãos à cintura, atrás das costas. Estava tremendo. Clara levantou a cabeça e o olhou diretamente nos olhos. Com a mão livre, Heitor acariciou a marca de nascença no rosto da garota.

“Clara...” disse ele, seus olhos enchendo de lágrimas.

“Me perdoa, por favor, por favor...”

Havia algo diferente nos olhos dela. Sútil. Quase imperceptível. E de repente, a entidade que ainda estava naquele corpo teve medo.

“Shhhhhh...”

Heitor sentiu a presença.

Ele levou o revólver para a têmpora da garota e disparou.

EPÍLOGO

I

O sol nascera hoje em Novo Triunfo um tanto atrasado, preguiçoso de ter que começar o dia logo cedo. Aos poucos, o céu foi mudando de tonalidade conforme os feixes laranjas se alastravam pela atmosfera. Em pouco tempo, como um gigante adormecido, o sol foi tomando conta, espantando a escuridão, seus raios aquecendo a terra úmida. O orvalho da noite anterior reluzia diante dessa imensidão no céu.

E como uma abertura de uma peça de teatro, o centro de Novo Triunfo foi descongelando e ganhando vida, movimento. O trem apitava ao fundo, seu som monótono e melancólico uma espécie de despertar para os habitantes. Logo mais os sinos da Nossa Senhora do Novo Triunfo tocaram anunciando a missa da manhã.

O cheiro da padaria, agora aberta, conseguia ser sentido mesmo do outro lado da praça, perto do coreto. As pessoas circulavam como formigas num formigueiro, algumas apressadas, outras devagar, em bandos ou sozinhas, a pequena cidade do interior ganhava vida mais uma vez.

Mesmo depois de quase duas semanas do incidente que seria conhecido nacionalmente como *Terror em Novo Triunfo*, as pessoas ainda comentavam. Algumas por não quererem deixar a euforia do momento morrer, outras pelas constantes lembranças de medo e agonia daquela noite escura sem estrelas que manchara as ruas da cidade de sangue.

Ainda, nas esquinas, se encontravam cacos de vidro. Ou os postes amassados. Janelas quebradas. Carros ainda para serem guinchados. A mente automaticamente

se transportava para aquela noite. Apesar disso, dessas constantes lembranças, o furor estava baixando. Nada dura para sempre.

No entanto, hoje era diferente.

As pessoas voltaram a comentar. A notícia se espalhara tão rápido como fogo na mata seca. Não foram os jornais ou a televisão. Foi o bom e velho boca a boca.

Era hoje que desligariam a menina.

A que foi baleada na cabeça.

A louca que causou tudo isso.

A que respirava por uma máquina.

A cujo cérebro havia sido torrado.

A que tinha sido declarada morta.

2

Heitor levantara cedo. Não queria se atrasar. Trocara de roupa já três vezes. Não sabia bem o que usar. Nada lhe parecia apropriado. Terminou por escolher algo simples: uma calça jeans e uma camiseta sem estampa sem propaganda de marca ou coisas do tipo. Uma camiseta neutra, branca, nem muito justa nem muito larga.

O toque da campainha o fez acelerar. Pepito latiu com o toque. A nova cuidadora chegara – Valentina havia pedido demissão - e começou a auxiliar Cármen na sua rotina matinal enquanto Heitor terminava de arrumar o café da manhã. Queria levar Cármen. Sabia que ela gostaria de estar presente. Na hora.

Ele bebericou o café ainda quente, achou-o fraco e anotou mentalmente para fazer um mais forte da próxima vez. Parecia nunca acertar na quantidade de pó, uma ciência que ainda não compreendia.

A campainha tocou mais uma vez. Pepito voltou a latir.

Heitor se assustou ao ver Ingrid logo de pé, caminhando, depois de tudo que acontecera. Seu cabelo um pouco menos selvagem agora. A recuperação da mulher com cabelos selvagens também lhe era um mistério tão grande quanto o da quantidade de pó de café. Nicolas veio logo atrás, seu rosto já havia perdido a jovialidade de um menino de doze anos. Parecia muito mais velho, mas continuava com seu sorriso afável.

“Como anda o ensino a distância?”

“Mesma merda de sempre,” respondeu o garoto rindo. “Não é lá muito diferente da escola normal.”

Heitor riu também.

“Mas tenho aprendido muito mais, sobre outras coisas...” disse o garoto cutucando o colar de meteoro no pescoço.

“Ele está aprendendo rápido. Nos momentos livres que ele tem, nós temos caminhado pela clínica. Tenho só contado umas *coisinhas*.”

Eles se sentaram no sofá para esperar por Heitor que voltou com Cármen na cadeira de rodas. Pepito abanava o rabo. Cármen estava usando um vestido branco com flores vermelhas. Os olhos dela vaguearam pela sala focando em tudo e em nada ao mesmo tempo.

Um retrato de Clara quando criança abraçada na saia da mãe estava em cima da mesa da sala.

“Vocês estão prontos?” perguntou Heitor, terminando de pentear o cabelo. Seu tom de voz tentava esconder a tristeza por debaixo.

Os vidros abertos do jipe em movimento deixavam a leve brisa da primavera entrar. Heitor dirigia mais devagar que o habitual. Ele sabia o porquê. Os demais também.

“Será que os resultados da eleição para prefeito já saíram?” perguntou Nicolas tentando descontrair um pouco.

“Deve estar estourando para sair.”

Heitor virou à direita pegando a ponte Carlos Abraão Bresser com direção ao centro de Novo Triunfo. As águas lamacentas do Rio Inhaúma correndo abaixo. Ele se lembrou da noite em que Cármen quase fora atropelada por um caminhão procurando Clara. Parecia tão distante.

Passaram dirigindo na frente do casarão do ex-prefeito Frederico Unschild. Heitor ainda sentia um arrepio ao ver a casa interditada com faixas amarelas no local onde deveria estar a grande porta de madeira. Suas paredes já haviam sido pichadas.

Ele acelerou nessa parte.

Fez a curva, passando pela catedral e continuou.

Desligou o carro e ficou observando a placa em neon do hospital, três andares acima do solo. As letras de *Santa Micaela* cintilavam.

Respirou fundo e ajudou os demais a saírem do carro e colocou Cármen na cadeira de rodas que estava dobrada no porta-malas do jipe.

Empurrando Cármen, Heitor entrou com os demais não pela porta do Pronto-Socorro onde estava escrito *EMERGÊNCIA* com letras garrafais, mas pela porta que dava para o saguão do hospital.

Eles trocaram apertos de mão fortes que traduziam laços que se formaram sob o caos daquela noite. Era estranho reencontrá-los todos aqui, pensou doutor Enzo. Hoje não estava vestido com a roupa verde privativa do Pronto-Socorro. Seu jaleco branco e comprimido chegava na altura dos joelhos. Camisa social e gravata.

O médico os conduziu pelo saguão e tomaram o elevador para o terceiro andar.

Estar de novo naquele lugar trazia tantas lembranças. Estar de volta à sala de psicologia era desconcertante para todos eles. A janela já havia sido repostada e as cadeiras quebradas também. O sangue meticulosamente limpo.

“Presumo que tenha acertado tudo com a polícia?” perguntou Enzo parecendo mais ronronar com a garganta do que qualquer outra coisa. Também estava um pouco tenso.

“Sim. Preciso agradecer a enfermeira chefe depois, sabe, por ter me coberto com seu relato e tudo mais.”

Enzo consentiu. Nada daquela noite havia sido normal. Ainda tinha pesadelos com as coisas que saíram da boca do menino que estava ali bem na sua frente.

Magia negra, lembrou-se afastando o pensamento.

“Muito bem,” começou o médico, “como vocês sabem dois médicos diferentes declararam Clara Romanush, após minucioso exame físico, capnografia, exames de sangue, de imagem e revisão do prontuário, com morte encefálica.”

Enzo desviou o olhar.

“Geralmente não demora tanto assim...”

Ele coçou a garganta de novo.

“É que parecia que ela estava respondendo no começo. Alguns reflexos aqui e ali. Mas depois ela, *infelizmente*,” talvez não tenha dado a ênfase certa como deveria na palavra, “afundou de vez e conseguimos declarar com segurança agora sua morte. Ela está para todos os efeitos e sentidos morta.”

Ele deixou a palavra no ar.

“Vocês agora vão desligar o ventilador né?” perguntou Nicolas um tanto tímido.

O médico confirmou com a cabeça.

“Eu a coloquei num leito um pouco mais afastado, longe do caos da UTI para que possam se despedir. Com tranquilidade.”

Ele se levantou da mesa, os demais o seguiram.

O largo e comprimido corredor que levava à UTI parecia tão diferente agora de dia. Enzo colocou seu dedo no leitor de biometria. A porta fez um estalido metálico e se abriu.

“Demorem o tempo que precisarem,” disse o médico. Ele tirou o som dos monitores e fechou as cortinas ao redor do leito e os deixou.

Clara estava intubada com um cano saindo pela boca ligada ao ventilador ao seu lado. Estava monitorizada por toda aquela parafernália médica. Tinha emagrecido

muito nessas últimas duas semanas. Estava mais pálida também. Seus olhos, fechados, repousavam tranquilamente.

Heitor se aproximou, sentindo sua garganta queimar ao tentar engolir o choro. Ele pegou na mão dela e acariciou seu rosto. Sentiu, passando os dedos suavemente, a textura daquela peculiar mancha de nascença. Trouxe Cármen mais perto e colocou a mão de Clara na da mãe.

E por um momento Cármen pareceu olhar diretamente para a filha. Como se despedisse. Como se lamentasse as circunstâncias que levaram até ali. Mas logo mais os olhos se perderam e o olhar vago que lhe era agora característico retornara.

Minutos e minutos se passaram.

Nicolas olhava a cena, as lágrimas caindo pelos cantos dos olhos. Não deveria chorar. Nem conhecera a garota. Mas mesmo assim...

Ingrid deu a mão para ele. Sem palavras transmitiu: *estamos juntos*. Os olhos da mulher fixos na mancha também. A profecia lhe veio então à mente e ela sentiu um arrepio.

Mas agora estava tudo encerrado, disse para si mesma, *acabou*.

Mesmo assim sentia esse peso, esse incômodo logo abaixo do estômago, como se algo estivesse fora do lugar. Ingrid afastou o pensamento e ainda de mãos dadas com o garoto se aproximou de Heitor.

Apertou de leve seu ombro e disse:

“Não existe luz sem trevas. Enquanto existir o mal, sempre existirá o bem para combatê-lo. Sempre haverá luta. Disso, tenho certeza.” Ela fez uma pausa, desviou o olhar para a janela aberta. “O universo funciona de uma maneira verdadeiramente misteriosa. Podemos não saber o que está reservado para o futuro, principalmente diante de todo esse caos em que vivemos, mas isso não quer dizer que não há esperança de um futuro melhor. De tempos melhores.”

Lágrimas encheram seus olhos.

“Está na hora,” disse ela.

Heitor concordou.

Eles se levantaram. O ex-investigador olhou mais uma vez para aquele corpo sem vida mas ainda vivo. Lágrimas quentes pingavam na sua camiseta.

E eles se foram. Despediram-se rápido do médico. Pegaram o elevador. Nenhum deles olhou para trás.

3

Doutor Enzo Trentino puxou as cortinas, o som das roldanas correndo no trilho de metal. Colocou o prontuário ao lado da cama. E por um momento, não fez mais nada além de observar a garota na sua frente.

Um pequeno vaso de flores coloridas chamou sua atenção. Parecia não pertencer àquele lugar. Estava como fora de órbita, uma peça que não quer se encaixar. Flores não eram ali permitidas. A janela aberta deixava entrar uma pequena brisa que balançava suavemente suas pétalas.

Isso levou sua mente longe, a tristeza o preenchendo como um copo vazio. Seus ombros foram ficando cada vez mais pesados, feitos de chumbo.

Suspirou e pegou o prontuário pela milésima vez. Folheou, já conhecendo todas as informações. Estava tudo certo. Os exames de sangue coletados durante a madrugada ainda não estavam prontos e, por isso, não estavam anotados na tabela da UTI debaixo da data de hoje. Não precisaria deles de qualquer forma, eram apenas para controle. Eletrólitos, função renal, coisa básica.

Cada movimento para Enzo parecia demandar uma grande energia. Precisava fazer isso. Não adiantava ficar postergando. Fechou vagarosamente o prontuário e o colocou agora na cadeira ao lado.

Aproximou-se do monitor já silenciado. Deu uma última olhada nos parâmetros de ventilação. Desligou a tela. Agora só faltava o próprio ventilador.

Ele deu um pulo para trás com o som da cortina sendo puxada bruscamente.

“Doutor Enzo!”

Jeniffer estava ofegante ao seu lado.

“O doutor Carlos estava passando os controles. De hoje. Para a visita. Quando...” Ela não conseguiu terminar, estava sem fôlego. “Com certeza foi um engano. O plantonista da noite. Deve ter se enganado e marcado o X no lugar errado. Muito trabalho para fazer um outro pedido. Deve ter entregado assim mesmo. Junto. Junto com os exames certos.”

Enzo a contemplou confuso, sem entender o desespero todo.

Ela entregou uma folha um tanto amassada para o médico. Havia subido as escadas o mais rápido que suas pequenas pernas permitiram.

Um resultado estava grifado e circulado com caneta vermelha várias e várias vezes de uma forma tão profunda que quase rasgara o papel.

Os olhos do médico se arregalaram. Ele deixou cair a folha no chão.

Tudo aconteceu tão rápido. E ao mesmo tempo.

Uma técnica gritou. As luzes piscaram e se apagaram.

A recém-adquirida porta com biometria da UTI explodiu. Mais gritos.

As figuras encapuzadas entraram. Suas elegantes vestes negras e de seda arrastando pelo chão. Foram rápidas. Enzo não conseguiu ver o que o atingiu. Nem Jeniffer. Foram ao chão inconscientes sem um único gemido.

Transferiram Clara para uma maca e a cobriram com um pano negro. Uma mão envelhecida e ossuda acariciou seu ventre.

E a levaram.

Pela janela aberta a brisa arrastou aquela folha amassada pelo chão da UTI. A mesma brisa que balançava as pétalas do vaso de flor ao lado da cama, onde segundos atrás se encontrava Clara Romanush.

O resultado grifado e circulado com caneta vermelha virou para cima.

Teste de Gravidez – Beta HCG sérico

Resultado: POSITIVO

SOBRE O AUTOR

Mateus Cavarzan é médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Desde pequeno, histórias dos mais variados tipos, com mundos e personagens distantes, o têm fascinado, em especial as histórias de mistério e suspense. Sempre gostou de tramas com reviravoltas que deixam o leitor sedento por virar a página.

Foram em momentos difíceis e escuros de sua vida que a escrita provou ser não apenas uma escapatória, mas sim uma necessidade. Uma vontade de se superar e de enfrentar o desconhecido foram o que o motivou a escrever sua estreia no mundo literário: Quando a Escuridão Chama.

Ele mora na cidade de São Paulo com suas orquídeas de estimação e é médico residente no Hospital das Clínicas da FMUSP.